

C R I S T I N A A G U I A R

OS TRONOS DA LUZ
III

OS

SANTUÁRIOS
DE ANATOLYA



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Os Santuários de Anatolya

Prólogo

O Despertar

Trecho do livro anterior "As Árvores Sagradas de Nod"

"Todos tinham sua atenção voltada para os passos do rei. Héber e Barak seguiam provocando e argumentando, mexendo com o orgulho do rei-feiticeiro. Nathan e Hulda encaravam os magos e eram encarados por eles. Todos, exceto Sarah, havia esquecido a presença das Duas Oliveiras. Ela viu, com os olhos arregalados, Eva erguer o arco e atirar uma flecha em Leukós. O mago branco rodopiou e caiu no chão, imóvel. Aquilo foi o suficiente para que os escudos de Nod que ele controlava se desfizessem. Deborah e Jael, livres daquilo que as prendia, correram cambaleantes em direção ao abismo sob o olhar aterrorizado de Jabim. Os olhares delas também cruzaram com os dos maridos. Eles olhavam para elas, perplexos e incrédulos. Não havia necessidade de palavras para expressar o amor que sentiam. Numa fração de segundos elas se entreolharam e, certas da escolha que fizeram, pularam no portal."

Foi como uma explosão de ar. Pelo menos foi isso que pareceu aos olhos de Tobias. O rapazinho deixou a carroça na beira da estrada e subiu pela trilha até o alto do monte. Não haveria perigo de pegarem a carroça, pois era bem conhecida. Seu pai fazia entregas por toda a região montanhosa que ficava ao sul de Helladan. O porto, que ficava a uma curta distância, era um paraíso para os comerciantes. Por esse motivo, os serviços de seu pai eram tão apreciados. Naquele dia, Tobias estava só. O pai lhe dera a incumbência de fazer umas entregas simples, tarefa que ele desempenhou com perfeição.

Curioso, o menino de treze anos e constituição forte subiu o monte com passos seguros. Aquela explosão não foi a primeira que ele viu. Um pouco antes, o mesmo fenômeno o fez parar a carroça e ficar olhando fixamente para o mesmo lugar. No momento em que tornou a acontecer, ele decidiu que iria averiguar. Aquela era uma terra de magia. Segundo seu pai, não era uma magia boa. No entanto, coisas estranhas aconteciam. E essas coisas estranhas o encantavam.

Ele conhecia as trilhas daquelas montanhas de olhos fechados. Foi fácil buscar atalhos que o levassem mais rápido em

direção à fonte da explosão. Uma explosão de ar, quando vista por alguém, era semelhante a uma perturbação na paisagem natural. O ambiente parecia se esticar ao máximo para logo em seguida se retrair até voltar novamente ao normal. Ele já vira os magos da Ordem Negra fazerem isso. Mas nunca teve a oportunidade de estar tão perto para presenciar.

Ele diminuiu o ritmo das próprias pernas ao chegar ao local. Abaixando-se, ele foi de arbusto em arbusto, passando por troncos caídos e árvores cujas raízes explodiam para fora propiciando um esconderijo satisfatório. Esticando o pescoço, ele conseguiu ver algo. Não era exatamente o que ele esperava. Ali, numa pequena clareira circular, ele viu dois corpos. Duas mulheres jaziam imóveis no chão.

Após certificar-se de que não havia mais ninguém por perto, Tobias ergueu-se e arriscou entrar na clareira. Ele temia os magos. Durante os últimos meses, a Ordem Negra havia estabelecido uma espécie de quartel no porto de Korithon.

Cautelosamente, ele aproximou-se da primeira mulher. Ela jazia de bruços. O cabelo encaracolado de um tom castanho quase dourado lhe cobria parcialmente o belo rosto. Ela tinha um arco de

caça ao seu lado. Tobias abaixou-se com cuidado e constatou que ela respirava normalmente. Ele ergueu a cabeça quando ouviu um gemido fraco. Vinha da outra mulher. Ela estava deitada de costas e a mão direita segurava uma espada de cor prateada. O cabelo dela era longo e negro, realçando a beleza de seu rosto. Ela respirava com mais agitação, lutando para acordar. Tobias correu até ela, apesar de estar com medo da espada que ela segurava. Nunca vira uma mulher com uma espada antes. Quando se ajoelhou ao seu lado, ela abriu os olhos. Eles eram tão negros quanto os cabelos e fixaram-se nele.

— Quem é você...? – Ela perguntou com a voz fraca.

— Eu me chamo Tobias, senhora. Está ferida?

Ela piscou e olhou em volta. As lembranças da estranha jornada dançavam em sua mente confusa.

— Fraca... sinto-me fraca... doente... – Mais lembranças que despertaram um medo não muito distante. – Ele está perto... eu posso sentir...

— Quem, senhora? Quem está perto?

Ela o agarrou pelo braço num gesto de súplica.

— Onde está minha irmã...?

Ele olhou em direção a outra mulher que continuava imóvel.

— Ela está bem. Apenas dorme.

Tobias percebeu que uma onda de alívio passou pelos olhos negros da mulher.

— Ajude-nos... – Ela pediu. – Nos tire daqui antes que ele chegue... eu o sinto perto...

Ela voltou a dormir, deixando a mão escorregar pela manga da camisa do menino.

Tobias olhou para os lados, como se aguardasse a chegada de algum predador. As palavras daquela mulher, o medo e a urgência em sua voz o deixaram em alerta. O menino levantou-se e correu até a borda da clareira que se abria para outra trilha, contrária aquela por onde ele subira. Ele avançou alguns passos até parar atrás de algumas pedras. As aves pareciam ter silenciado. Ele fez um esforço para ver se havia algum movimento mais adiante. Suas pernas tremiam e ele não pensava em continuar. Um tipo de fraqueza parecia querer tomar conta dele.

Lá embaixo, ele conseguiu distinguir sombras negras se movimentando. Eram magos da Ordem Negra! Eles subiam vagarosamente, vasculhando os recantos entre os arbustos, procurando algo. Entre eles, outro mago lhe chamou a atenção. Era

mais alto e imponente do que os outros. Aguardava de braços cruzados numa atitude paciente. Tobias o reconheceu pela roupa e entendeu o que estava acontecendo. Era o Juiz Negro! O Sugador de Energia. Ele havia voltado! Sua presença podia ser sentida por grandes distâncias, caso ele estivesse liberando seu poder. Tobias voltou a olhar para cima e entendeu. Ele buscava por aquelas mulheres. Quem seriam elas? Uma coisa ele sabia. Elas corriam perigo e, se estavam fugindo do Juiz Negro, ele as ajudaria. Sua mãe morreu protegendo-o das mãos daquele mago poderoso. Ele não deixaria que outras mulheres sofressem em suas mãos.

Enquanto voltava correndo para cima, ele pensou. Como ele, sozinho, poderia esconder duas mulheres adultas e bem constituídas como aquelas? Pelas armas e pelo porte, eram guerreiras.

De volta à clareira, ele se deteve ao lado da arqueira. A mulher respirava pesadamente e a pele exsudava um suor frio. Ela estava tendo uma reação comum à aproximação do Juiz Negro. Quando ele queria direcionar sua magia para alguém específico, outras pessoas nas proximidades não eram afetadas. Isso acontecia porque ele concentrava todo o seu poder em um único alvo. Tobias

sabia disso porque queria conhecer o inimigo. Ele ansiava crescer para vingar a morte da mãe, e para isso estudava tudo o que podia sobre os magos. Ele constatou que a outra mulher também reagia da mesma forma. Como ele poderia ajudá-las?

Um nome lhe veio à mente instantaneamente. Eliah! O velho louco que habitava aquela montanha. Tobias, no início, gostava de fazer brincadeiras de mau gosto com o velho, ao lado dos amigos. Isso até ele descobrir que Eliah era um conhecedor da história antiga e sabia muito sobre os magos. Muitas informações sobre os Juízes foram-lhe dadas por ele. O menino olhou em volta e seguiu para fora da clareira em direção ao som do rio que corria. Nas margens do rio, os castores cavaram muitos túneis que foram sendo abandonados e que hoje não passavam de cavernas escondidas por musgos e arbustos rasteiros.

Ele sabia que Eliah habitava naqueles buracos como um dos antigos castores. Parando diante de um emaranhado de plantas trepadeiras e capim, ele abaixou-se e afastou as plantas com a mão.

— Eliah! – ele chamou com as mãos em concha para abafar o som. – Eliah!

Ele aguardou alguns segundos até ouvir o tradicional resmungo que parecia sair do fundo da terra. De repente, uma cabeleira de tom cinzento, quase branco, assomou para fora. O velho fez uma careta ao ver o menino. Ele não parecia disposto a dar nenhuma aula naquele dia.

— O que você quer, pequeno mercador? – ele grunhiu. – Hoje não é dia de trabalho? Não devia estar ajudando seu pai?

— Meu pai me confiou uma tarefa que eu já cumpri – ele apressou-se a responder. – Vim procurá-lo porque preciso de sua ajuda, velho sábio.

O tom respeitoso do menino fez Eliah mostrar interesse ao que ele tinha para dizer.

— Conte-me o que o aflige.

Em poucas palavras, Tobias relatou para Eliah tudo o que havia acontecido. O velho praticamente saltou para fora do buraco, assustando o menino que caiu sentado. Ele usava apenas uma velha túnica verde cingida por uma corda. Era a roupa ideal para se camuflar em meio à folhagem.

— Leve-me até as mulheres!

Enquanto Tobias guiava Eliah em direção à clareira, ouvia o velho murmurar para si mesmo:

— Nod não é uma terra segura para guerreiras.

O menino teve ímpetos de parar e questioná-lo sobre isso, mas não o fez. Quando a clareira se abriu diante deles, Eliah correu e ajoelhou-se ao lado da mulher que havia falado com Tobias. Ele a examinou e olhou com muito interesse a espada que ela segurava. Uma espada bonita, prateada e brilhante cujo cabo formava uma meia-lua. Em seguida, levantou-se e foi ver a outra mulher. O arco de madeira bruta com detalhes de bronze, trabalhado para se adequar às mãos femininas e perfeito para a caça, fez o velho sorrir. Aquelas mulheres tinham intimidade com as armas que carregavam. Ele suspirou ao olhar para a imensidão do mar que era visível daquela montanha. A promessa de uma terra distante contada pelos sábios do passado podia ser verdade? Uma explosão no ar fez essas mulheres surgirem. Com que propósito? Ele olhou em volta e chamou Tobias. O menino vigiava nervoso o caminho pelo qual vinha o Juiz Negro.

— Vamos, filho. Ajude-me a arrastá-las pela trilha até o rio. Eu sei onde elas podem ficar em segurança.

Não foi um trabalho fácil. Eliah teve que amarrar a espada em volta de seu tórax com a corda que lhe servia de cinto enquanto arrastava a mulher de cabelos negros pelos braços. Ele era um velho raquítico e miúdo. Não teria forças para por uma mulher como aquela nos braços. Tobias o imitou, colocando o arco nas costas e pegando a outra mulher. Os dois desceram a trilha com cuidado até chegarem à margem do rio. Eliah parou perto de um aglomerado de rochas coberto por lodo e cercado de plantas cujas folhas grandes cobriam-nas até pela metade, escondendo-as parcialmente à primeira vista. Ele afastou algumas folhas e uma abertura surgiu.

— Volte para a clareira e cubra os nossos rastros antes que os magos os encontrem. Deixamos uma pista que até um cachorro cego seguiria.

— Não vai precisar de ajuda?

Eliah saltou agilmente para dentro do buraco e agarrou a mulher de cabelos negros por baixo dos braços.

— Eu não precisarei de sua ajuda agora. É importante que volte e faça o que mandei. O Juiz Negro é astuto e deve querer encontrá-las por algum motivo.

Tobias correu de volta enquanto Eliah puxava a mulher para dentro com uma rapidez que o surpreendeu.

Quando Tobias voltou, olhou em volta confuso. Ele mesmo teve dificuldades para reconhecer o esconderijo. Respirou com alívio ao ver a cabeça de Eliah surgir por detrás das folhas.

— Venha para cá, filho – ele chamou.

O menino entrou no buraco sem receio. Lá dentro era escuro. As folhas caíam sobre a abertura como uma cortina.

— Fez o que pedi? – o velho perguntou num sussurro.

— Sim e foi bem a tempo. Pois assim que apaguei o último vestígio, ouvi as vozes dos magos que subiam pela trilha. Não esperei para ver, apenas corri.

Eliah sorriu e pôs a mão sobre o ombro do rapaz. Tobias olhou em volta. Seus olhos começaram a se acostumar com a escuridão, então ele pôde distinguir os dois corpos deitados lado a lado no fundo da pequena gruta. Suas armas haviam sido dispostas em um dos cantos.

— O Juiz Negro não poderá achá-las com seu poder? – Tobias perguntou.

— Não... – o velho falou ao sentar. – Apesar de terrível, o poder do Juiz Negro é limitado. Ele pode apenas tentar lançar os efeitos de sua doentia presença, mas esse poder não lhe dá uma

visão mágica. É como um pescador que lança uma rede e espera que os peixes desavisados tenham caído nela. Ele não pode prever onde esses peixes vão estar antes de jogar a rede. Isso seria o mesmo que ter uma visão divina. E “divino” é uma coisa que o Juiz Negro não é.

Mélas chegou até a clareira e olhou em volta, como se farejasse o ar. A explosão foi muito clara. O portal havia sido usado por mais alguém, além dele e de Pyrrós. No entanto, não era esse o plano. Ninguém mais deveria tê-lo usado, não agora. Ele seria uma ligação de Hedhen com Nod. A ligação de poder criada pelo rei Jabim com sua Profecia. Mas agora, por alguma razão, o portal foi fechado. Mas antes de ser fechado, foi utilizado. “Por quem?”, ele se perguntava. Leukós e Thánatos não teriam demorado a aparecer, caso tivessem sido eles. O tempo que ele perdeu esperando, levou-o a se lamentar.

— Não há ninguém – anunciou um dos magos. – Fomos até a margem do rio e nada encontramos.

— E quanto à trilha que desce pelo outro lado da montanha?

— Apenas uma carroça de mercadorias abandonada na estrada – respondeu outro mago.

— Por que está abandonada?

Ninguém soube responder.

— Descubram a quem pertence a carroça – ordenou Mélas. – Talvez alguém tenha testemunhado alguma coisa.

Um grupo de magos desceu pela trilha enquanto outro grupo voltava com Mélas para o quartel da Ordem Negra. Ele sentia-se cansado por estar usando seu poder de forma tão intensa. Era a primeira vez que podia senti-lo desde que a rainha de Hedhen deixou-o inutilizado com sua palavra de autoridade. Era como respirar de novo. Foi com um suspiro de pesar que ele recolheu lentamente a onda de poder que havia soltado. Haveria tempo para descobrir o que acontecera.

Deborah abriu os olhos e nada enxergou. Tudo estava escuro. Ela piscou até se acostumar com o ambiente e com o som. Estava numa gruta pequena e lá fora podia ouvir o agradável som de água corrente. Sua cabeça latejava enquanto ela procurava se lembrar de como fora parar ali. Estava tudo tão confuso! Ela olhou para o lado e viu que uma de suas espadas estava ali, junto com o arco de Jael. Suas armas! Ela não se lembrava de terem conseguido pegá-las. Deve ter sido algo instintivo. Eram tantas coisas

acontecendo...Foi então que ela olhou para o outro lado e viu a irmã de olhos abertos, piscando para tentar enxergar, assim como ela. Deborah tomou-lhe a mão para lhe dar conforto. Jael a apertou.

— Está tudo bem – ela falou. – A escuridão já vai passar.

— Onde estamos? – Jael perguntou, após alguns segundos.

— Eu não sei – após um suspiro, ela concluiu. – Em Nod, suponho.

Jael, já acostumada com a penumbra, virou-se para ela.

— Foi aqui nesse buraco que nós caímos?

Deborah lembrou-se, como se fosse um sonho, de ter aberto os olhos em um lugar claro e ter visto o rosto de um menino. Mas estava tudo muito vago em sua mente.

— Acho que não... – ela falou sem muita segurança.

— Bem, então quem nos trouxe para cá?

Deborah cobriu o rosto com as mãos.

— Jael, eu sei tanto quanto você, minha irmã!

Jael mordeu o lábio para impedir a si própria de lançar mais perguntas sobre Deborah. Ela sentou-se e a cabeça girou loucamente. Lembrou-lhe a vertigem que dava sempre que ficavam livres do poder dos magos. Para amenizar a tontura, ela escorou a

cabeça nos joelhos. Não queria se desesperar, pensando no quanto estavam longe de todos os que amavam. Não era hora para isso.

De repente, um vulto pulou para dentro do buraco. As duas arrastaram-se até a parede dos fundos, olhando assustadas para a sombra que se projetava em sua direção. Ali, em Nod, elas não possuíam nenhum poder. Suas qualidades de Luminares, que existiam em Hedhen, eram bloqueadas naquela terra. Isso significava dizer que até mesmo a capacidade de se comunicar em pensamento lhes era vedada. A única coisa que poderia lhes dar conforto era a presença de suas armas. Deborah estendeu a mão para pegar a espada, mas antes que o fizesse, o vulto falou:

— Não tenham medo de mim! Não vou lhes fazer mal nenhum.

— Quem é você? – perguntou Jael.

O homem, tentando acalmá-las, sentou-se no chão de forma lenta.

— Eu me chamo Eliah. Fui eu quem as trouxe para cá com a ajuda de um amigo.

Elas trocaram um olhar desconfiado. Eliah ergueu uma das mãos, na qual havia um volume escuro. No mesmo instante, a espada de Deborah estava apontada para o seu peito. O homem

respirou profundamente e abaixou a mão devagar diante delas, depositando um saco, cuja boca estava amarrada com um barbante, no chão.

— Eu não tenho armas – ele apressou-se a explicar. – Trouxe-lhes um pouco de comida.

Deborah relaxou e abaixou a espada após sentir a mão de Jael forçando seu braço para baixo.

— Acho que podemos confiar nele, Deborah.

A irmã soltou a espada e encolheu-se, cobrindo novamente o rosto com as mãos. Um lamento abafado saiu de sua boca. Eliah olhou atordoado para Jael.

— Nós fizemos uma jornada muito difícil, Eliah – ela tentou explicar. – Ainda nos sentimos confusas com tudo isso. Pode, por favor, nos explicar o que aconteceu?

Deborah mantinha a cabeça baixa apoiada nos joelhos. Jael entendia o motivo de sua reação. Em Hedhen, ela jamais apontaria sua espada para alguém inocente, pois sua capacidade de discernimento lhe proporcionava o conhecimento prévio de qualquer pessoa. Ela sentia-se mal e envergonhada ao mesmo tempo por ter reagido tão instintivamente diante de um gesto de bondade. No entanto, Jael sabia que ela estava escutando.

— Tobias, um garoto, filho de um comerciante, as encontrou inconscientes na clareira. Ele seguiu, segundo suas próprias palavras, uma “explosão de ar”. Uma de vocês estava parcialmente consciente e falou com ele, dizendo que alguém estava vindo para pegá-las.

Diante dessa informação, Jael olhou para Deborah, mas esta permanecia imóvel, sem esboçar nenhuma reação.

— O menino correu para verificar e encontrou um grupo da Ordem Negra que subia a montanha procurando alguma coisa, ou alguém. O Juiz Negro os liderava.

Jael sentiu um nó na garganta.

— Mélas – ela murmurou.

Elijah fez um gesto de concordância, surpreso por ela conhecer aquele nome.

— Sim, o Sugador de Energia – falou Elijah. – Tobias lembrou-se de mim e correu para me pedir ajuda. Quando ele mencionou que vocês traziam armas e estavam sendo procuradas por magos, eu decidi ajudar.

Aquilo intrigou Jael.

— Por que isso lhe fez decidir?

Elijah sorriu.

— Nod não é uma terra de guerreiras. As mulheres têm sido vítimas há anos de uma campanha para suprimir seus poderes, sejam eles guerreiros ou sacerdotais.

— Por quê?

Elijah suspirou.

— Abadom teme a Profecia – a voz do homem estava trêmula.

A menção à palavra “Profecia” fez Deborah erguer a cabeça.

— E o que diz essa Profecia, Elijah? – ela perguntou, chamando a atenção do homem.

— Ninguém sabe ao certo, pois poucos têm acesso a ela. Os magos apropriaram-se de seus textos originais e os guardam com proteção exagerada. Todos os fragmentos que são descobertos no meio do povo acabam sendo recuperados por eles. No entanto, eu já pesquisei o suficiente para saber que ela fala de uma Sacerdotisa que fará as chamas de Anatolya se acenderem novamente e de uma luz que será derramada através de guerreiras vindas de longe. E também fala das Duas Árvores que trarão essa luz.

Os corações de Deborah e Jael dispararam ao mesmo tempo. Elas, no entanto, se contiveram para não contar mais do que deviam.

— Quem pode conhecer a Profecia? Quem pode nos dar mais explicações? – perguntou Jael.

Elijah balançou a cabeça.

— Sou um homem solitário, mas sei que grupos têm se reunido na clandestinidade para ler partes fragmentadas da Profecia. Sei também que é difícil encontrá-los.

Ele parou de falar e as olhou com atenção.

— São vocês as guerreiras, não são? Quando eu soube que possuíam armas, o meu primeiro pensamento foi o de que deveria protegê-las, escondendo-as dos magos.

Deborah sorriu.

— No momento, tudo o que podemos lhe dizer é que não estamos em condições de requerer tal título.

Ele também sorriu.

— Uma Profecia não se cumpre de imediato – ele falou. – Ela, no início, envia sinais. Vocês vieram como sinais.

Elijah empurrou o saco na direção delas.

— Não pude fazer algo mais porque não queria acender uma fogueira. Os magos ainda rondam por perto. Aqui, no entanto, há frutas e pão. Comam. Também coloquei um odre com água. A água do rio é limpa e fria. Podem beber dela à vontade.

Jael agradeceu e pegou o saco. Deborah tomou a mão do velho entre as suas.

— Perdoe-me por ter apontado a espada para você, Eliah.

O velho afagou a mão dela.

— Está tudo bem, minha filha. Eu entendo. É natural que estejam assustadas e confusas. Mas agora comam e se fortaleçam. Quando for seguro sair, eu as avisarei.

Quando Eliah saiu, Jael abriu o saco e tirou de dentro dele dois pedaços de pão. Jogou um para Deborah enquanto mordia seu pedaço. Elas comeram com avidez. Não haviam percebido o quanto estavam famintas. As frutas também eram saborosas e frescas. Elas apenas comeram em silêncio até se sentirem saciadas, deixando o saco quase vazio. Após beberem a água, recostaram-se na parede.

— Então você acordou quando chegamos? – perguntou Jael.

— Eu mal consigo lembrar, Jael. Somente agora eu sinto meus pensamentos clarearem. De vez em quando me vem à mente a imagem de um menino, mas eu não consigo me lembrar de nada mais. Nem havia percebido que havíamos trazido nossas armas!

— Mélas e Pyrrós passaram pelo portal na nossa frente. Eles deviam estar perto quando nós o atravessamos e foi fácil ver, como

o garoto, a “explosão de ar” que fechou o portal.

— Mas eles não sabem o que aconteceu. Não sabem que estamos aqui. Tudo o que sabem é que alguém passou. Isso nos dá um pouco de vantagem.

Jael não estava tão convencida assim.

— Não estava em seus planos fechar o portal. Eles desconfiam. Caso contrário, Mélas não teria usado seu poder para nos encontrar.

Deborah voltou a pegar a espada no colo. Apenas uma havia passado com ela pelo portal, assim como apenas o arco de Jael a acompanhara. Nada de aljava com flechas.

— Nossas armas não estão completas, mas foram suficientes para nos transformar em “sinais”.

Jael observou a mão de Deborah deslizar pela lâmina prateada.

— Se o nosso destino também era vir para Nod, por que não podia ser de um jeito menos doloroso? – ela fez a pergunta quase para si mesma.

Deborah sorriu.

— Por que insiste em fazer perguntas impossíveis de serem respondidas?

Jael suspirou.

— O que vamos fazer quando sairmos daqui?

— Precisamos conhecer mais a Profecia cujos fragmentos estão nas mãos do povo. Temos que encontrar um desses grupos clandestinos que Eliah mencionou. Como a luz pode ser derramada através de nós, se não a temos mais?

Jael forçou a memória, lembrando-se das palavras de Áquila.

— Acho que isso faz parte da missão de nossos filhos. Está ligado a eles e a Hulda também. Mas ainda é incompreensível para nós.

— Noa também deve tomar cuidado. Ela certamente terá que vir para Nod.

Jael bufou num gesto de irritação.

— Mulheres impedidas de usar suas habilidades! Isso jamais aconteceria em Hedhen.

Deborah pousou a mão sobre a dela.

— É por isso que tudo deve ser concretizado. Esse mundo está em desordem, mas estamos aqui agora.

Jael olhou para ela com incredulidade.

— Não sinto que possa ser considerada uma esperança para ninguém.

— Temos que aprender a viver com essa humanidade, Jael. Estamos aqui, não como Luminares, mas como guerreiras. Ainda mantemos nossas habilidades com as armas. Sinto que não perdi isso quando toco na espada.

Jael suspirou e fechou os olhos.

— Isso é um alento – ela falou. – Lembre-me de providenciar flechas novas quando sairmos daqui.

Elas não sabiam ao certo se o cansaço físico era devido à viagem pelo portal ou se era pelo fato de ainda estarem dentro do limite de influência de Mélas. Não demorou muito para que ambas sucumbissem novamente ao sono. Quando Jael abriu os olhos, viu a luz prateada da lua entrar através da abertura. Era noite. Ela sentou-se e buscou a irmã, disposta a acordá-la, mas Deborah não se encontrava lá. A espada, porém, ainda estava encostada à parede. Ela arrastou-se até a abertura e espiou para fora, afastando as folhagens. Apurou os ouvidos, mas não ouviu nenhum som.

— Deborah! – ela procurou não falar muito alto.

Como não obteve respostas, ela saiu. Sentia-se incomodada por deixar o arco para trás, mas temeu que algo sério tivesse acontecido com Deborah. Um barulho às suas costas a fez voltar-se

assustada e tropeçar em uma pedra, caindo sentada sobre o leito do rio. A sombra de Eliah aproximou-se. O velho lhe deu a mão.

— Sua irmã me pediu para lhe falar, caso acordasse.

Ela aceitou a mão que ele lhe oferecia e levantou-se desconfiada.

— Onde ela está?

— Eu disse que não havia mais perigo. Ela quis ir até o lugar onde eu as encontrei. Não quis acordar você.

Jael suspirou e olhou em volta.

— Não há mesmo mais nenhum perigo?

— Os magos se retiraram para o quartel, incluindo o Juiz Negro. Entretanto, chegaram bem perto desse lugar. Devem ter se convencido de que não havia ninguém aqui.

Jael sorriu ao ver a expressão de orgulho na face do velho.

— Pode me dizer como chegar até minha irmã, Eliah?

Ele apontou uma trilha estreita, quase escondida pelo mato.

— Siga esse caminho até a clareira e chegará lá. Eu ficarei esperando.

Jael seguiu suas instruções. O caminho era íngreme e difícil de subir em alguns trechos. Ela se perguntou como foi que Eliah e

um menino conseguiram arrastá-las da clareira até a gruta com o tempo de não serem notados pelos magos.

A clareira estava iluminada pelo luar. Ela viu Deborah de pé no outro extremo. A irmã tinha os braços cruzados e olhava fixo para frente. Jael aproximou-se.

— Não devia sair sem sua espada – ela comentou com um pouco de repreensão.

Deborah olhou para ela e a analisou com seriedade.

— Não vejo seu arco. Ele não devia estar com você?

Jael sorriu e baixou a cabeça.

— Deveria, mas sem flechas ele não seria muito útil.

Deborah voltou a olhar para frente.

— De qualquer forma, segundo Eliah, estaremos mais seguras sem nossas armas – resmungou Jael. – Pelo menos, por enquanto.

— Eu estive pensando – Deborah olhava em direção ao mar. – Não podemos ficar aqui por muito tempo. O portal foi aberto para este lugar e, além disso, há um quartel de magos na cidade que fica lá embaixo. Eles estão se reunindo aqui. Os Juízes não tardarão em saber o que aconteceu.

— Não temos ninguém para nos guiar, Deborah. Como vamos saber para onde ir? Podemos acabar caindo na boca do lobo sem sequer darmos conta disso!

— Eliah nos indicará o caminho. Precisamos encontrar alguém que compreenda a Profecia de Nod e nos esclareça qual o caminho que devemos tomar.

Jael olhou para ela com a testa franzida.

— Acha mesmo que esse era o nosso destino? Estar em Nod? Deborah a encarou.

— As palavras de Eliah me fizeram pensar. Não caímos aqui por acaso, Jael. A nossa vinda é esperada por aqueles que conhecem a Profecia. Se o nosso caminho está aqui, existe uma estrada a seguir e um objetivo a ser alcançado. Precisamos descobrir qual é.

Jael olhou em volta e observou a clareira. Um objeto, meio enterrado na areia, iluminado diretamente por um raio de luar, lhe chamou a atenção. Ela caminhou até ele, seguida pelo olhar de Deborah. Abaixando-se, ela o tocou e sentiu sua forma familiar, sorrindo em seguida.

— O que você encontrou? – perguntou Deborah às suas costas.

— Você não vai acreditar – Jael desenterrou a metade do objeto e o passou para a irmã.

Deborah o pegou nas mãos e prendeu a respiração, admirada e confortada ao mesmo tempo.

— O Shofar de Héber – ela murmurou.

— Agora eu sei que temos uma missão a cumprir aqui – Jael falou. – O Pai não o teria escondido dos olhos dos magos se não tivesse um propósito.

Deborah lhe devolveu o shofar.

— É melhor mantê-lo seguro.

Jael o prendeu junto ao cinto. A presença do shofar lhe devolvevia alguma segurança. Olhando para baixo, ela viu muitos gravetos.

— Se vamos sair daqui, precisarei de flechas.

Elas retornaram para a gruta sem encontrar a figura raquítica de Eliah. Ele tinha o dom de desaparecer entre as plantas como um camaleão, embora elas tivessem a certeza de que ele estava por perto, observando e vigiando. Jael espalhou pelo chão os gravetos que havia recolhido na clareira. Ela retirou uma pequena faca que sempre trazia escondida junto à bota.

— Vejo que veio mais prevenida do que eu – comentou Deborah.

— Mania de caçadora – Jael explicou com um sorriso maroto.

Deborah sentou-se ao lado dela a fim de escolher os gravetos mais fortes e que dariam melhores flechas. Jael afinava-os e modelava-os com muita habilidade. As pontas afiadas de pedras recolhidas na beira do rio serviriam no lugar das cabeças de metal. Elas passaram o restante daquela noite absorvidas nesse trabalho. Quando uma tênue claridade começou a anunciar a chegada do sol, Eliah pôs o rosto na abertura. Ele parecia preocupado.

— Um grupo de magos acaba de passar pela estrada. Um número grande. Mais de dez.

Elas trocaram um olhar preocupado.

— O Juiz Negro estava entre eles? – Deborah perguntou.

Eliah balançou negativamente a cabeça. Pulando dentro da gruta, ele se acercou delas e pegou uma das flechas já trabalhada por Jael.

— Você conhece a arma que leva nas mãos, mas vai precisar de flechas melhores que estas.

Ela não pôde deixar de sorrir com o comentário sincero de Eliah.

— Pelo menos servirão para caçar – ela explicou. – Vamos ter que evitar as cidades e povoados quando sairmos daqui. A floresta e as montanhas serão nossa melhor opção.

Ele olhou preocupado para as duas.

— Vocês não devem se esconder do povo! Eles precisam saber que estão aqui.

— Quando for a hora, eles saberão – disse Deborah. – No momento, apenas o fato de sermos duas guerreiras não quer dizer muita coisa. Qualquer mulher dessa terra, com coragem suficiente, poderia ter aprendido a usar armas como as nossas.

— E, além disso, Eliah, não é do povo que estamos nos escondendo – completou Jael. - Nós tivemos a oportunidade de conhecer o Juiz Negro em nossa terra. Sabemos do que ele é capaz. Até estarmos prontas para sermos reconhecidas pelo povo, devemos tentar nos manter vivas.

Eliah ponderou suas respostas.

— E para onde pretendem ir?

— Precisamos encontrar alguém que compreenda a Profecia – Deborah falou enquanto tomava um gole de água. – Você mencionou grupos que a estudam na clandestinidade. Sabe onde podemos encontrar um?

Ele arregalou os olhos e ficou em pé. Após um tempo de silêncio, ele se voltou para a abertura.

— Não vai nos responder? – Jael soltou a faca e levantou-se.

— Preciso pensar – ele respondeu enquanto saía pela abertura.

Uma nova sacola com alimentos frescos foi jogada para elas, mas Eliah manteve-se distante durante toda a manhã.

Jael já havia empilhado um bom número de flechas rústicas ao lado do arco e Deborah, por sua vez, andava impaciente de um lado para o outro.

— Acalme-se e coma um pouco! – Pediu Jael. – Não vai conseguir nada agindo dessa forma.

Deborah a ignorou. Seus pensamentos trabalhavam em uma velocidade assustadora. Jael teve medo de que, com a perda da luz, Deborah tivesse perdido também um pouco da sua capacidade de agir sabiamente e tivesse se entregando ao desespero. De repente, ela parou de caminhar e olhou para Jael.

— Eu não estou desesperada, Jael! Estou angustiada por não saber o que fazer.

Jael ia morder uma maçã, mas parou, ainda com a boca aberta. Ela olhou para Deborah com os olhos cheios de espanto.

— O que foi? – Deborah pensou que ela estivesse sentindo algo e se ajoelhou na frente dela. – O que você está sentindo?

— Você me ouviu... – Jael balbuciou.

Deborah franziu o cenho, confusa com as palavras dela.

— É claro que ouvi você, Jael. Não sei se você percebeu, mas este lugar é tão pequeno que o menor sussurro pode ser ouvido, minha irmã.

Jael soltou a maçã e agarrou os braços de Deborah, olhando-a nos olhos e sorrindo.

— Deborah, eu não falei alto. Eu pensei!

Deborah piscou para assimilar as palavras de Jael, e então, com lágrimas nos olhos, ela abraçou a irmã.

— Eu ainda posso ouvir você – ela sorria e chorava ao mesmo tempo.

— Embora eu não possa ouvi-la é um alívio saber que trouxemos algo de Hedhen conosco – Jael respondeu.

Nesse momento, Eliah pulou novamente para dentro da caverna. Ele parecia agitado. As duas levantaram-se e aguardaram pelas notícias que ele trazia.

— Os magos incendiaram a casa de Tobias, o menino que me guiou até vocês – ele falou ofegante. – De alguma forma, eles conseguiram descobrir algo que os levou até o rapaz, e agora o estão escoltando, junto com o pai, para o quartel dos magos.

— Quem lhe contou isso? – Jael perguntou.

— Eu vi a fumaça e a segui até descobrir de onde vinha.

Elas se entreolharam. Deborah pegou a espada, e Jael apoderou-se de algumas flechas, juntamente com o arco. Eliah esticou os braços para lhes barrar o caminho.

— O que pretendem fazer? São magos! Armas não adiantam contra eles.

— Não vou deixá-los sofrer por nossa causa, Eliah – Deborah desviou-se dos braços do homem. – Aquele menino salvou nossas vidas.

Jael a seguiu com o mesmo olhar de determinação. Eliah não teve outro remédio além de correr atrás delas.

O sol ainda brilhava com força quando eles viram os magos se aproximando. As figuras negras, uma dezena delas, caminhavam devagar e, no meio, com as mãos puxadas com cordas, estavam um homem robusto e um menino de cabelos dourados. Lá em cima,

eles observavam por trás de uma rocha. Jael apertou os lábios ao ver o menino. A lembrança do filho lhe veio à mente como um raio. Ela lutou para não chorar naquela hora com a lembrança.

— São magos! Como pretendem lutar com magos? – Eliah resmungava.

Deborah olhava em volta, reconhecendo algumas plantas. Subitamente seus olhos cravaram-se em uma muito especial.

— Diga-me uma coisa, Eliah – ela pediu. – Qual é a maior arma que os magos usam?

O homem riu.

— Eles não usam armas. Não precisam delas.

— É mesmo? E por que será?

— Eles têm as palavras certas para atingir as pessoas – o velho falou olhando para baixo. – Não precisam de armas.

— Nesse caso, não podemos deixá-los falar – Deborah falou, enquanto se encaminhava para um arbusto e começava a retirar os estranhos frutos que pendiam dele.

Jael aproximou-se e Deborah jogou-lhe um dos frutos. Era do tamanho de um ovo e possuía a casca dura como se fosse uma semente.

— O que pretende fazer com isso?

— Não sou eu quem vai fazer, mas você.

Jael aprendera a confiar em Deborah e ao ver o brilho nos olhos da irmã, ela percebeu que valia a pena continuar confiando.

— E o que eu tenho que fazer?

— Eu vou explicar – Deborah sorriu.

Elijah observava com a testa franzida enquanto Jael rompia as cascas dos frutos e tirava as pequenas sementes verdes que havia dentro. Com uma pedra, ela machucou as sementes até estas virarem pó e as entregou para ele. Elijah depositou o pó dentro de saquinhos feitos a partir de pedaços da sua túnica.

— Acho que já é o suficiente – disse Jael. – Eles estão próximos?

Elijah correu até um tronco velho e olhou para a estrada. Ele e Jael haviam corrido na frente, em busca de um local para preparar o ataque.

— Estão quase aqui. É bom começar a se preparar.

Jael amarrou três saquinhos na ponta das flechas que havia separado, e correu para tomar posição.

— “Estou pronta” – ela pensou, sabendo que Deborah poderia ouvi-la. – “Espero que seu plano dê certo, irmã”.

Quando os magos chegaram abaixo do local onde eles estavam, Jael atirou a primeira flecha. O saquinho explodiu aos pés dos magos, soltando uma nuvem verde que os fez serem acometidos por uma violenta tosse. Em seguida, Jael lançou a segunda flecha no meio, e a terceira, mais atrás. Nenhum dos magos podia ficar de cabeça erguida. O menino e o pai também tossiam de forma incontrollável.

De repente, uma figura encapuzada, brandindo uma espada prateada e com o rosto totalmente coberto, exceto os olhos, lançou-se sobre os magos. Eles mal tiveram tempo de ver a direção do ataque antes de tombarem. Foi uma ação rápida. Nenhuma palavra de encantamento chegou a ser pronunciada. Numa questão de minutos, todos os magos haviam sido abatidos.

Deborah retirou o capuz, mas manteve o pano que lhe cobria a boca e o nariz, e aproximou-se dos prisioneiros. Com a espada, ela cortou a corda que os prendiam. O menino, Tobias, a olhava de boca aberta. Deborah sorriu para ele.

— Eu me lembro do seu rosto, Tobias — ela tocou no rosto do menino. — Subam a montanha comigo.

O pai, que ainda tentava parar de tossir, viu o que Deborah não pôde perceber e apontou um dedo trêmulo para algo às suas

costas. Ela virou-se com a espada pronta para desferir um novo golpe. Um dos magos, que ficara apenas parcialmente ferido, levantou-se e conseguiu erguer as duas mãos em sua direção, abrindo a boca para liberar algum encantamento. Jael, porém, estava pronta. Ela atirou uma flecha que atravessou o corpo do mago antes que ele pudesse dizer qualquer palavra. Deborah respirou aliviada pela prontidão da irmã.

Lá em cima, Eliah olhou admirado para Jael.

— Acho que eu estava enganado. As suas flechas não servirão apenas para caçar.

— É bom saber que agora eu tenho sua confiança, Eliah – ela respondeu, recolhendo as flechas que sobraram.

Eliah acomodou a todos em uma caverna um pouco maior, e que ficava mais afastada do rio. A cobertura vegetal da entrada era composta por trepadeiras e samambaias. Tobias estava relatando o ocorrido para elas.

— Quando eu as encontrei na clareira, deixei a carroça de meu pai na estrada. Com o trabalho que tivemos aqui, acabei me esquecendo de escondê-la. Um grupo de magos a encontrou enquanto faziam as buscas. O meu pai é um mercador, e cada

mercador possui um símbolo que identifica suas mercadorias. Foi fácil para eles chegarem até a nossa casa.

— Tobias me contou tudo, mas eu duvidei – falou o homem, um pouco envergonhado. – Quando vi os magos chegarem à nossa casa e tocarem fogo em tudo, exigindo de nós uma informação que não podíamos dar... – ele fez uma pausa e olhou para o filho. – Pelo menos, eu não podia. Bem, só então eu acreditei.

Deborah e Jael estavam sentadas de frente para eles, escutando tudo com atenção. Elas não tinham mais dúvidas do que teriam que fazer.

— Trouxemos o perigo para vocês – disse Jael. – Não podemos ficar aqui.

— Mas não podem ir embora! – exclamou Tobias.

Deborah sorriu.

— Precisamos encontrar o nosso caminho, Tobias. Ficar aqui não é mais seguro. Os corpos dos magos logo serão achados e a caça irá começar. Nem Mélas e nem Pyrrós desistirão de tentar pôr as mãos em nós.

Jael observou a maneira com a qual o pai abraçava o filho. O mercador era um homem inseguro e temeroso, diferente do rapaz cuja coragem salvou suas vidas.

— Vocês têm para onde ir? – ela perguntou.

— Eu tenho uma irmã que mora nas montanhas – o pai respondeu. – Estaremos seguros lá.

Deborah olhou para Eliah. O velho estava sentado perto da entrada, encolhido e acabrunhado, remoendo os próprios pensamentos.

— Eliah, você precisa nos ajudar a encontrar o caminho. Se você acredita realmente que somos as guerreiras referidas na Profecia, tem que nos ajudar. Não poderemos fazer nada ficando aqui. Os magos acabarão nos encontrando mais cedo ou mais tarde.

O velho nada respondeu.

— Para onde vocês querem ir? – perguntou Tobias.

— Nós precisamos encontrar um dos grupos que estudam a Profecia na clandestinidade – Jael respondeu. – Eles poderão nos dizer o que fazer, para onde ir.

O menino levantou-se de um salto.

— Eu sei onde eles estão! Posso guiá-las até eles.

O pai o puxou de volta.

— Está louco, Tobias? Você não vai a lugar nenhum.

— O seu pai está certo, Tobias – Deborah falou com seriedade. – Apesar de ser um menino corajoso, essa não é uma tarefa que eu poria sobre seus ombros.

Tobias, porém, parecia decidido.

— Eu sei do que falo. Já viajei com meu pai até a cidade em que eles se encontram e... Ele não sabe, mas eu assisti algumas reuniões.

O pai ficou de boca aberta, sem saber o que dizer para o filho.

— Eliah não vai ajudá-los porque não pode – disse Tobias. – Ele sabe da existência desses grupos, mas nunca saiu dessas cavernas. Eu sei. Vocês terão mais chances se eu for com vocês.

Jael pegou o braço de Deborah e a puxou para um canto.

— Não me agrada usar a vida de um garoto e expô-lo ao perigo, mas que outra maneira existe? Ele está certo.

— Eu gostaria de refutar suas palavras, Jael, mas não posso. Você está certa. Tobias está certo. Quanto mais tempo demorarmos aqui, mais chances nós teremos de ser encontradas. Precisamos partir logo.

Quando elas voltaram, Tobias e o pai pararam de discutir. O garoto tentava convencer o pai a deixá-lo ir. Ambos ergueram as

cabeças e olharam para elas com apreensão.

— Aceitamos sua oferta, Tobias – disse Deborah. – Mas a palavra final caberá ao seu pai.

O homem passou a mão no rosto, em um gesto claramente nervoso.

— Tobias é tudo o que eu tenho – ele começou a falar. – Eu prometi a mãe dele que o manteria seguro, mas ele é difícil de controlar!

Jael sorriu, olhando para o menino. Ele retribuiu o sorriso e baixou a cabeça. O pai levantou-se e pôs as mãos sobre os ombros do filho.

— Vocês cuidarão do meu garoto? Salvaram as nossas vidas, por isso a palavra de vocês será suficiente para mim.

Deborah o encarou com o olhar firme.

— Protegeremos seu filho, senhor...

— Mathias. O meu nome é Mathias.

— Eu lhe dou a minha palavra de que nada acontecerá com seu filho, Mathias.

Mathias sentiu a verdade através dos olhos de Deborah. Aquela mulher não mentia. Jael aproximou-se e tocou no rosto do menino.

— Em nossa terra, eu tenho um filho. Ele me é muito caro, por isso eu sei como se sente, Mathias. Cuidaremos de Tobias e eu, particularmente, o protegerei como protegeria o meu Davi.

O homem, aliviado pelas respostas sinceras delas, empurrou o menino para frente.

— Eu estarei nas montanhas. Irei para casa de minha irmã e aguardarei sua volta, Tobias.

Tobias correu e o abraçou agradecido.

— Não se preocupe com nada, pai. Eu vou voltar.

Deborah e Jael aproximaram-se do amado Eliah.

— Eliah, nós gostaríamos de... – Jael começou a falar.

O velho levantou-se.

— Não preciso de agradecimentos. Eu ajudei a salvá-las porque acredito na Profecia e continuo acreditando em vocês. Essas cavernas sempre me esconderam e aqui permaneço seguro. Que melhor lugar poderia haver para vocês do que este? As montanhas e as florestas de Nod só têm a oferecer perigo para suas vidas.

Deborah suspirou ao encarar Eliah.

— Uma Profecia não pode ser cumprida se suas peças não se movem. Guerreiras não podem se esconder em cavernas, meu amigo. Você mesmo disse que o povo tem que nos conhecer. Por

que não deixa esse lugar e vem conosco? O perigo pode alcançar você também.

A proposta o desconcertou.

— Eu? Ir com vocês?

— Conhecemos os magos que vocês chamam de Juízes – explicou Jael. – As cavernas logo serão descobertas por eles, Eliah. Aceite o convite e venha conosco. Ou então suba a montanha com Mathias. No entanto, eu lhe peço que não fique aqui.

O velho pôs as mãos na cabeça e caminhou lentamente até a porta. Em seguida, ele parou e virou-se para elas.

— Eu não subirei a montanha. Irei com vocês, pois não quero morrer sem conhecer pelo menos um fragmento da Profecia. Eu preciso vê-lo e saber que existe de fato.

Elas sorriram para ele e rapidamente começaram a se preparar para partir.

Capítulo 1

A Travessia do Portal

Os navios estavam ancorados no porto de Jopim à espera de sua tripulação principal. Todos os víveres e cavalos já estavam devidamente instalados. Seis navios partiriam do porto, mas apenas quatro retornariam. Os dois navios reais, cada um com duas escoltas, deveriam passar sozinhos o limite do portal. Um deles levaria o rei Barak, e todos os que o seguiriam na jornada para a região de Anatolya. O outro navio estava reservado para as Duas Árvores, Davi e Eva, que junto com o grupo escolhido, penetrariam no interior da terra de Nod em direção das Montanhas de Arath.

Joakim assumiu para si a tarefa de inspecionar o transporte dos cavalos e dos mantimentos para o navio do Rei. Ele respirou fundo ao ver Bruma e Solaris sendo levados para dentro, puxados com cuidado. Os cavalos pareciam tristes, como se lhes faltasse uma parte de si mesmos. Estavam ali por insistência de Héber. O rei

de Hazorah acreditava que em algum momento daquela aventura os cavalos encontrariam suas donas e ele voltaria a abraçar sua rainha. Barak nada disse, mas apoiou a decisão pelo simples fato de que o desejo de seu coração estava em harmonia com o de Héber. Os seus braços também ansiavam pelo corpo de sua amada.

Maalá, que já havia passado o comando da Ordem Branca para Tirza, que seria auxiliada por Milca e Hogla, parecia ter rejuvenescido com o chamado para a inusitada missão. O seu coração batia de orgulho e alegria por poder estar novamente com Noa, lutando por um ideal a favor da Profecia. Ao lado de Eunice, ela dispunha-se a observar a amiga sacerdotisa que se despedia dos filhos, lutando para ser forte. As duas mulheres, comandantes dos exércitos do rei, souberam manter um silêncio respeitoso nessa hora.

Sangar e Noa, ajoelhados no píer, abraçavam os filhos que se recusavam a soltá-los. Caio aferrou-se ao pescoço do pai. O menino não chorava, mas explicitamente reclamava sua posse sobre seu progenitor. Ele era seu pai e era injusto que estivesse novamente indo para longe. Sangar tentava consolá-lo, dizendo que não ia ser um tempo longo e que logo estariam juntos novamente. Cloé, porém, não escondia o que estava sentindo. Ela aconchegou-se o

máximo que pôde por entre os braços da mãe e ficou chorando baixinho enquanto Noa lhe dava beijos na cabeça, agradecida pela filha não estar vendo as lágrimas que escorriam de seus olhos. Ela também achava injusta essa separação, mas nada podia fazer diante da tarefa que tinha pela frente. Deveria, daquela hora em diante, assumir o papel que relutara a aceitar. Ao entrar no navio, ela passaria definitivamente a ser uma Sacerdotisa. A única viva e aquela que estava destinada a cumprir uma parte importante daquela Profecia. Ela ergueu os olhos e viu Simeão e Ana, que aguardavam com um olhar compreensivo. Caio e Cloé haviam sido apresentados em Shiloh, diante da Chama Sagrada, no dia anterior. As crianças ficaram maravilhadas com o jardim, por isso Ana resolveu pedir a Noa que os deixasse ficar em Shiloh. O poder existente no santuário trataria dos jovens corações e os faria entender a ausência dos pais. Além disso, a história das duas oliveiras nascidas no santuário os encantara, e Simeão prometeu que responderia todas as suas perguntas.

Um pouco mais afastados, Barak e Héber recebiam a bênção de Salum, representante dos sacerdotes da Cidade Dourada. Este lhes falou e deu conselhos valiosos, principalmente para Héber. Nathan, que estava ao seu lado, o tranquilizou, dizendo que saberia

tratar com o rei dos Queneus. A rainha Tamar, que havia publicamente recebido a regência temporária da Cidade Dourada, aguardava ao lado do sacerdote. Barak virou-se para ela e Tamar inclinou a cabeça.

— Você é a rainha agora, Tamar. Não apenas de Aroer, mas de toda a terra de Hedhen.

— Cumprirei minha função e cuidarei desse povo com a sabedoria que flui do Cetro de Luz, Barak. Não deve temer por Hedhen. Estarei cercada de pessoas valorosas e sábias que me ajudarão nessa empreitada.

Ele sabia que Salum, Otoniel e Miriam estariam perto de Tamar como seus conselheiros. Tirza e Febe, como suas duas comandantes na Cidade Dourada, aprenderam a respeitar a figura da jovem rainha. Jafé ficaria no comando dos Queneus e junto com Itai de Midani cuidaria dos territórios mais afastados. Havia paz em Hedhen. Uma paz conquistada com lutas, mas, enfim, uma paz sólida. Apenas uma coisa poderia ameaçá-la. E esta ameaça deveria vir do mar, caso sua missão não tivesse sucesso.

Em outro píer, o segundo navio acabava de ser carregado e estava pronto para partir. Davi, incapaz de ficar quieto, organizava

tudo ao lado de Zacarias, apesar das queixas de Áquila. Eva, a pedido de Rute, ficara por perto quando a moça se despediu da mãe. Ela temia que Míriam a impedisse de partir na última hora, mas a mãe havia aprendido a ver a filha como uma grande guerreira. No princípio, ela não aceitou a ideia, mas não podia negar a si mesma a existência de um espírito indomável que habitava no coração de sua filha. Rute iria e lutaria pela Profecia de uma forma direta, como sempre sonhou.

— Cuide de minha Rute, princesa – pediu Míriam. – Não a deixe cometer loucuras.

— Sua filha não age tolamente, Míriam – respondeu Eva. – Eu a conheço e foi por isso que pedi que viesse ao meu lado. Assim como eu, ela foi aluna de minha mãe. Isso dispensa qualquer dúvida que eu pudesse ter a seu respeito.

Míriam lhe fez uma reverência e Eva afastou-se. Ela parou ao ver Hadassa chegar com Hagai. A rastreadora passara um tempo nas Cavernas do Sal, se recuperando dos ferimentos sofridos durante a última batalha. Lá, o processo de cura iniciado por Noa e pela seiva depositada através das mãos de Eva teve um andamento mais rápido. A moça parecia nova em folha e pronta para mais uma

aventura. Ela parou diante de Eva e lhe fez uma reverência, mas a princesa a abraçou como o faria com uma amiga querida.

— Estou feliz que tenha conseguido vir – disse Eva. – Temi que não se curasse a tempo.

— Quando eu acordei e soube da convocação, mal acreditei – respondeu Hadassa. – Eu teria vindo nem que fosse com o apoio de muletas!

Hulda e Áquila viram Barak e Héber se aproximando. Davi e Eva também se achegaram ao vê-los de longe.

— Os navios estão prontos – disse Barak. – Acho que chegou a hora.

Davi e Eva lançaram-se nos braços de seus pais. Em seguida, os jovens ajoelharam-se para receber suas bênçãos. As mãos de Barak envolveram a cabeça de Eva e Héber fez o mesmo com Davi.

— Nós, com a autoridade emanada dos Tronos, através da vontade do Grande Pai, concedemos a vocês a luz de sabedoria e prudência que brilha sem restrições no Cetro de Luz. Essa luz irá guiá-los em seus caminhos e levá-los a cumprir seu destino sem temor ou dúvidas.

O calor daquela luz envolveu os dois adolescentes, dando-lhes mais confiança no futuro. Quando eles se ergueram tinham o

olhar mais firme e decidido.

— Vocês devem, ao passar pelo portal, aportar na primeira ilha que encontrarem – disse Áquila, dirigindo-se a Barak. – É uma ilha pequena, mas ela serve de refúgio para nós, sacerdotes. Lá, vocês encontrarão um sacerdote chamado Apolo. Ele os guiará em sua jornada para Anatolya. Só precisam entregar-lhe isso.

Áquila lhe passou um cinto sacerdotal cuja fivela trazia a figura de duas árvores com uma chama no meio.

— Ele saberá que eu lhes mandei e os ajudará.

Barak agradeceu ao sacerdote e olhou para Hulda com um nó na garganta.

— Cuide bem da luz que carrega com você, Portadora.

— Não temam quanto a isso, vocês dois. Essa luz é o meu fardo mais precioso e eu só me livrarei dele quando souber que seu destino está próximo.

Barak e Héber sorriram agradecidos e se viraram para partir.

Os navios partiram quando o sol já estava alto no céu. O azul do mar era intenso e tudo parecia brilhante. Na proa do navio, Davi respirou fundo sentindo o odor marinho com os olhos fechados.

— Você não está pensando em pular, não é?

Ele abriu os olhos sorrindo e estendeu o braço para acolher Eva junto ao seu corpo. Ela o enlaçou pela cintura e ele suspirou ao sentir a maciez de seus cabelos.

— Talvez mais tarde, antes de chegarmos ao portal, eu me atreva a tomar um banho nessas águas – ele respondeu à provocação.

— Lembra-se do quanto desejávamos ver o mar? Do quanto ele nos atraía?

— Uma atração irresistível – ele concordou, lembrando-se de como quase se atirara cegamente para dentro das águas e fora salvo pela mãe no momento em que pulava.

— As águas não parecem mais tão atraentes – ela murmurou.

— No que pensa ao vê-las?

— Nas vozes de meus sonhos de criança. Nos pedidos desesperados de ajuda. Nas ameaças contidas em vozes assombrosas.

Davi a apertou com mais força.

— Não pense nisso por enquanto. Ainda estamos aqui. Não deixamos as bênçãos de Hedhen para trás.

Eva o encarou. Eles estavam muito próximos um do outro, o suficiente para que um sentisse a respiração do outro.

— Eu não posso fazer isso, Davi. E nem você pode. O nosso lugar é aqui, agora, na frente do navio. É para frente que devemos olhar e são essas vozes as que devemos ouvir. Elas nos guiarão daqui para frente.

Ele a beijou antes de voltar a abraçá-la com força.

— Eu sei disso. No entanto, eu gostaria de amar você no meio de pensamentos alegres antes que o mundo de Nod nos envolva. Olhe para esse céu e para esse mar! É lindo ver a criação do Pai tendo você ao meu lado.

Ela sorriu e relaxou nos braços do rapaz, sentindo a brisa acariciar-lhe a pele enquanto o navio seguia seu curso.

No outro navio, que seguia quase emparelhado com seu companheiro de jornada, Nathan estava em seu camarote dando instruções à sua nova aluna, Noa. Ele admirava-se da facilidade com a qual ela assimilava as verdades que apenas os mais antigos sacerdotes conseguiam entender. Ela, por sua vez, como um remédio para esquecer a dor da separação dos filhos, dedicou-se

completamente aos momentos de estudo, pondo neles toda a sua atenção. Nathan recostou-se na cadeira com um suspiro.

— Os seus dons estão em pleno desenvolvimento, Noa. A força deles corre de forma latente dentro de você.

— Eu sei disso, Nathan. Posso senti-los, mas não sei como ou quando usá-los. Tenho medo de não conseguir controlar esse poder quando ele for requerido.

Ele a encarou com a mão no queixo, pensativo.

— Como soube o que fazer no campo de batalha? Você destruiu o poder daqueles magos com o uso de um dom de discernimento, não foi? Como conseguiu isso?

Ela pensou um pouco antes de responder.

— Eu ouvi a voz do Pai. Ele me guiou. Não foi apenas uma vez que o ouvi falar comigo naquele dia. Ele também me instruiu a tocar o solo para anular o escudo de invisibilidade que estava sobre o exército de Amal. Foi a primeira vez que eu o ouvi de forma tão clara, Nathan.

O pequeno sacerdote sorriu.

— E ouvirá muitas vezes ainda, minha filha.

Naquele momento, ela olhou para a janela e piscou, como se um raio de luz houvesse atingido seus olhos, que ela cobriu

instintivamente com a mão.

— O que foi? Você viu algo? – Nathan empertigou-se na cadeira.

— Eu não sei... Foi muito rápido.

Aturdida, ela levantou-se e caminhou para a porta.

— Noa, para onde você vai?

— Não consegui fixar a visão, mas a sensação é clara. Algo está para acontecer e eu preciso avisar o rei.

Ele levantou-se e a seguiu quase correndo, pois ela já subia os últimos degraus que levavam ao convés.

— Pode ser mais clara quanto ao que sentiu de fato, Noa? – pediu Barak. – O que pode estar se aproximando? Uma tempestade? Um nevoeiro? Algum animal adormecido que foi despertado pelo poder da Profecia?

Ela suspirou impaciente.

— Tudo o que posso dizer é que precisamos ficar alerta! Não sei o que se aproxima, apenas sinto a ameaça no ar. Chegará com o anoitecer.

Barak olhou para Héber com uma ruga no meio da testa. Por que Áquila não os advertiu de algum possível perigo antes de

chegar ao portal? O navio não estava equipado para exercer uma função de combate.

— Acredito em você, Noa – Barak a tranquilizou. – Só me angustia não saber para onde olhar.

— O céu está muito limpo para ser uma tempestade – falou Sangar. – Já viajei muito em navios para reconhecer a aproximação de uma.

— Pode ser um nevoeiro – disse Héber. – Lembro-me de Áquila ter dito que nevoeiros eram comuns nas proximidades do portal.

— O portal fica assim tão perto? – perguntou Eunice.

— Sim, para quem conhece o caminho – respondeu Nathan.
– Talvez o atravessemos nas primeiras horas da manhã.

A amazona estava desconfiada com a ideia de uma viagem tão curta.

— O portal serve justamente para tornar a viagem rápida, Eunice – falou Héber, como se soubesse o que a amazona estava pensando. – Nod está mais distante de Hedhen do que eu ou você possamos imaginar, no entanto, o portal é o atalho.

— Isso não quer dizer que, ao atravessarmos, não haverá mais alguns dias até alcançarmos terra – disse Nathan. – Nossa

viagem continuará após a passagem.

— Mas por que tão perto? – Eunice perguntou. Não deveria estar pelo menos numa distância segura?

— No que você está pensando exatamente? – inquiriu Noa.

Eunice cruzou os braços e a encarou com o olhar de uma estrategista militar.

— Se um ataque for enviado por Nod, através do mar, pelo portal, a rainha Tamar não terá tempo de preparar as defesas de Hedhen.

Todos se entreolharam em silêncio.

— Bem, então eu suponho que devemos fazer de tudo para cumprir a nossa parte na Profecia – falou Barak. – Isso dependerá de nós e da força que conseguirmos levantar em Anatolya. Nenhum navio deverá cruzar o portal para Hedhen com fins belicosos. Será nossa tarefa impedir isso.

— Sim, se houver uma batalha, esta deverá acontecer antes que o portal seja cruzado por qualquer navio de Nod – completou Héber.

Noa não foi a única a sentir a ameaça no ar. Davi percebeu, com seus olhos proféticos, como o céu brilhante e sem nuvens ia

ficando pesado e cinzento no decorrer do dia. A paz que ele sentia no coração deu lugar à ansiedade, e seus olhos buscavam ao redor aquilo que estava se escondendo. Zoar notou sua inquietação e parou ao seu lado, no centro do convés.

— Qual é o problema? Prevê alguma tempestade?

— Não a do tipo convencional, Zoar. Mas sinto que os céus ficaram hostis de repente.

Zoar fechou os olhos e tentou concentrar sua atenção no ambiente. Ele pensara estar enjoado pelo balanço do navio, mas sabia que era algo mais. Davi estava certo. O ar em sua volta estava ficando denso, à semelhança de uma muralha.

— Eu preciso falar com Áquila – disse Davi, já se afastando.

Áquila estava lendo alguns papéis e discutindo com Hulda a rota que teriam de seguir quando Davi abriu a porta assustando os dois.

— Áquila, existe alguma possibilidade dos magos terem criado algum tipo de encantamento para nos impedir de chegar ao portal?

O sacerdote pareceu aturdido e confuso, mas forçou-se a pensar.

— Isso não é de todo impossível, Davi. Leukós e Thánatos fugiram por mar e o Mago Branco é um mestre em encantamentos.

— Pressente algo, filho? – perguntou Hulda.

Davi balançou a cabeça em concordância.

— Fiquem atentos – ele pediu.

Naquela noite não foi possível visualizar nem lua e nem estrelas no céu, assim como não foi possível observar o pôr do sol no horizonte. Um denso nevoeiro começou a envolver as embarcações, tirando-lhes totalmente o sentido de direção. Os navios perderam o contato visual uns com os outros. Estavam todos ali, mas isolados ao mesmo tempo.

— Áquila, o que está acontecendo? – Hulda perguntou, levando a mão ao coração.

— É como prevíamos, Hulda. Um encantamento foi criado para nos impedir de encontrar o portal. Leukós lida com ilusões, mas seu poder é tão forte que aquilo que talvez não exista pode se tornar muito real, principalmente com a ajuda de Thánatos.

Eva aproximou-se de Rute e tocou-lhe no ombro. A moça, que parecia atenta a qualquer movimento, reagiu ao toque com um gesto brusco, puxando a espada.

— Tudo bem, Rute! Sou eu.

Rute respirou fundo.

— Eva, não faça isso de novo. Eu podia ter machucado você.

Eva sorriu.

— Não, você não poderia.

— Confia demais em seus instintos, Alteza.

Eva não replicou. Ela observava o nevoeiro tentando ultrapassar sua densa parede, mas era impossível.

— Não sabemos o que mais pode acontecer, Rute. Seria bom mantermos todas as direções bem vigiadas.

— Rebeca está na popa com Zoar. Hadassa e Hagai subiram no mastro. Zacarias e Davi estão lá na frente.

— Bem, então vamos deixar o convés para Hulda e Áquila. Venha comigo para o alto da cabine. Quero estar com o arco pronto para qualquer coisa que possa surgir.

Na proa do navio, Davi forçava seu olhar, que era capaz de ultrapassar qualquer barreira. De olhos fechados, com a mente, ele podia ver as formas dos outros navios.

— Graças ao Pai, nenhum dos navios saiu da formação – ele disse.

— Consegue ver algo mais? – Zacarias segurava com força o cabo da espada.

— Não, apenas a névoa que encobre tudo.

Lá em cima, no mastro, Hadassa e Hagai olhavam em volta, apurando os ouvidos e o nariz. A brisa trazia um cheiro que lembrava algo desagradável.

— O que acha que está causando esse cheiro? – perguntou ela com uma careta.

— Não é um cheiro marinho, isso eu posso garantir – Hagai apertava o arco nas mãos. – Sente-se pronta para entrar em confrontos?

— Você quer dizer um confronto com algo parecido com uma serpente marinha ou algo assim?

— Isso mesmo.

— Estou curada, Hagai. Enfrentarei o que vier pela frente, serpente ou não.

— Isso me deixa mais tranquilo.

Ela sorriu.

— Não se preocupe com isso, querido. Não vou deixar nada lhe fazer mal.

Ele olhou para a esposa com ternura. E pensar que quase a havia perdido!

— Não sei onde eu estaria sem você, Hadassa.

— Estaria perdido em meio a uma cabeleira descomunal e vivendo como um selvagem.

Ele suspirou.

— Não precisa exagerar.

— Foi exatamente assim que você me pareceu em nosso primeiro encontro.

Ele enrugou a testa.

— E o que a atraiu em mim?

Ela o beijou rapidamente nos lábios antes de responder.

— Os seus belos olhos, meu amor.

Um grito pavoroso, não humano, cortou o ar através da neblina. O som estranho e cortante fez os corações baterem mais rápido. Barak subiu na cabine e olhou em volta, tentando lançar um pouco de sua luz para amenizar a escuridão. A névoa densa, porém, parecia feita especialmente para engolir a luz e fazê-la desaparecer. Noa era a única que conseguia enxergar através da barreira e,

mesmo assim, sua visão era muito limitada. Foi ela quem avistou a enorme sombra que se lançava em direção ao navio.

— Para o chão! – ela gritou. – Rápido!

Todos se abaixaram no momento em que algo passou voando pelas suas cabeças, deixando para trás um cheiro pútrido de carne em decomposição.

— Por Gades, o que era aquilo? – Perguntou Sarah, procurando se erguer, mas temerosa do que ainda podia vir.

— Você não pode enxergar através da neblina? – perguntou Eunice ao seu lado.

— Não. Minha visão pode alcançar longas distâncias, mas não ultrapassa barreiras como essa.

Eles aguardaram em expectativa. De repente, outro grito, agora humano, pôde ser ouvido de um dos navios que faziam a escolta. Noa correu até a parte de cima da cabine, onde estava Barak, e apontou.

— Eu posso ver sua sombra pairando sobre o navio – ela gritou. – Sarah, você pode seguir a direção que eu lhe der?

Sarah subiu na cabine, ajudada por Barak, e preparou o arco. Ela não podia enxergar através da névoa, mas seu senso de direção nunca lhe falhara antes.

— Estou pronta, Noa. È só apontar.

Noa observou enquanto a sombra enorme do que parecia ser um pássaro dava voltas por cima do navio da escolta. O animal, de vez em quando, descia de encontro à tripulação apavorada. Ela aguardou um desses momentos, pois o pássaro ficava um tempo parado no ar.

— Sarah, você tem que ser precisa – ela falou.

— Serei, se você for.

Quando os gritos aumentaram, Noa esticou o braço na direção que a flecha deveria seguir. Os olhos treinados de Sarah não vacilaram. A flecha cortou o ar e sumiu no meio da neblina. Noa viu quando a sombra se contorceu e saiu num voo cambaleante.

— Acertei? – perguntou Sarah.

— Sim, você acertou. Eu só não sei dizer se foi o suficiente.

Barak estava angustiado pelo sofrimento da tripulação atacada. Alguém podia estar ferido, ou até mesmo morto. Isso era inadmissível. Ele segurava a espada em suas mãos, sem saber o que fazer com ela. Não lhe passara pela cabeça ter que enfrentar o perigo ainda nas águas de Hedhen. “Malditos magos!”, ele pensou.

Eva teve que se atirar no chão para não ser atingida pelo animal ferido. Ela ergueu a cabeça o suficiente para ver que o grande pássaro voava com desequilíbrio. Aproveitando a situação, ela ficou apoiada em um dos joelhos e atirou uma flecha que também acertou o alvo. O animal, porém, ficou irritado e deu meia volta, arremetendo contra o mastro do navio. Eva olhou para cima e viu, com alívio, que Hadassa e Hagai tinham bons reflexos. Eles desciam nesse momento, cada um deslizando por uma corda. O mastro quebrou antes que eles pudessem atingir o convés. Hagai rolou sobre si mesmo, indo parar junto às pernas de Hulda. Hadassa, caindo perto da cabine, conseguiu se apoiar a tempo e se abrigar. Áquila correu até a cabine e olhou para cima.

— Eva! – ele chamou.

— Estou aqui, Áquila!

— Isto foi claramente um encantamento deixado por Leukós!

Um encantamento de Nod! Você e Davi talvez possam desfazer essa névoa.

— Como vamos fazer isso, sacerdote?

O pássaro já estava voltando novamente. Ela pulou para o convés e correu em direção à proa. Áquila podia estar certo, mas

ela não tinha ideia de como fazer o encantamento se esvair. Davi a escutou com atenção e pensou.

— O coração, Eva! Lembra-se de como conseguimos sobreviver ao envenenamento das árvores?

Ela assentiu.

— O Ancião nos disse uma vez que a nossa força estava no coração! – Davi a puxou para o meio do convés.

O grito furioso do pássaro continuava sobre suas cabeças. Todos procuravam se proteger como podiam. Eles se ajoelharam e cada um pôs a mão sobre o coração do outro.

— Tente esquecer os gritos e o medo, Eva. Deixe seu poder fluir para mim e eu farei o mesmo. Seremos um só e nossa força porá fim a isso.

Ela sorriu nervosamente, confiando nas palavras dele. Quando ela fechou os olhos foi como se o barulho ao seu redor tivesse sido reduzido a nada. Ela só percebeu o silêncio e as batidas do coração de Davi. Ou era seu coração batendo? Os dois eram um. Uma luz verde envolveu a ambos, mantendo-os aquecidos e protegidos.

Os outros puderam observar que, ao seu redor, a névoa foi se dissipando, deixando à mostra o mar escuro que se confundia

com o céu e, acima de suas cabeças, um horrendo pássaro batia desajeitadamente as asas. Pelo aspecto, era uma ave de rapina que, através das artes ocultas do Mago Branco, tomara aquele tamanho descomunal. Flechas foram disparadas em sua direção, não apenas daquele navio, mas também do navio do rei. O pássaro agonizante afastou-se alguns metros e, sem forças, caiu no mar.

Hulda correu até o jovem casal, cuja luz começava a retroceder. Zacarias segurou Davi antes que o rapaz desabasse no chão. Hulda fez o mesmo com Eva. Ambos estavam desmaiados de exaustão, mas haviam salvado a vida de todos.

Ao amanhecer, Áquila correu para o lado do navio. Ele fechou os olhos como se estivesse sentindo algo que ninguém mais sentia.

— Você está bem, sacerdote? – perguntou Rute.

— Sim, minha jovem – ele respondeu com um sorriso. – Sinto a proximidade do portal.

Hagai notou um brilho estranho vindo da direção do navio do rei. Era um brilho muito sutil, artificial, provocado. Ele sorriu ao dar-se conta do que era.

— Alguém tem um espelho? – ele perguntou sem tirar os olhos da luz.

Rebeca passou pela porta da cabine e quando voltou trazia um pequeno espelho redondo na mão. Hagai o pegou com um agradecimento.

— Para que você quer um espelho? – Hadassa estava confusa. – Quer se arrumar antes de chegar a Nod?

Ele apontou para a luz que piscava no outro lado.

— Quando eu e Sangar costumávamos trabalhar em navios, era assim que nos comunicávamos a distância – ele explicou, adaptando seu espelho à luz do sol.

Hulda aproximou-se dos dois a tempo de ouvir a explicação.

— O que ele está dizendo? – ela perguntou.

— Queria saber se todos estão bem – disse Hagai. – Eu respondi que sim.

Hulda deixou que os amigos trocassem sinais por mais algum tempo. Quando finalmente fizeram uma pausa, Hagai virou-se para Áquila.

— Eles querem saber sobre o portal.

— Diga-lhes que podem mandar os navios de escolta embora. Daqui seguiremos em frente, direto para Nod.

Hagai fez os sinais.

— Eles também perguntam como foi que a névoa se desfez.

De quem foi tal obra?

Áquila sorriu orgulhoso.

— Diga-lhes que as Duas Oliveiras nos salvaram a todos. E, para tranquilizar seus pais, diga que passam bem e descansam por causa do esforço.

Hagai obedeceu. Quando os sinais cessaram, Rute pegou o shofar que Hulda lhe estendeu e o tocou. Era o sinal para que os navios de escolta dessem meia-volta. Outro shofar foi ouvido, o som partindo do outro navio. Eles ficaram observando tranquilos enquanto os navios se afastavam, voltando para Hedhen. Voltando para casa.

Em poucos minutos, uma nova névoa começou a envolver os navios. Mas dessa vez não era uma barreira sólida, que cegava os olhos. Era como se uma nuvem branca, etérea, os envolvesse. Barak respirou e sentiu um perfume doce no ar. Aquela era a névoa que antecedia o portal. E o portal havia sido criado pelos primeiros Luminares. Ele podia sentir a energia que fluía, na medida em que avançavam. A silhueta do outro navio ainda era visível e uma calmaria os envolvia a todos. Héber fechou os olhos, pois parecia

ouvir o som de vozes suaves pairando no ar, como se entoassem um canto que alcançava o coração e não os ouvidos. Sangar envolveu Noa com seus braços e deixou que a esposa descansasse a cabeça em seu peito, ambos usufruindo daquele momento mágico. O restante havia seguido o exemplo de Nathan e se ajoelhado no convés do navio.

Todos sentiam a mesma coisa. Estavam atravessando o portal e, nesse momento, se encontravam em um mundo intermediário, que não era Hedhen e nem Nod, mas um mundo ligado à eternidade. Aquilo lhes causava um sentimento muito forte de reverência pela obra do Pai-Criador.

— Áquila nunca nos disse que seria desse jeito – sussurrou Barak, emocionado.

— Ele talvez não tenha lembrado, ou simplesmente não tenha experimentado isso da primeira vez – falou Héber.

— E por que estamos experimentando, então? O que mudou? Héber sorriu para o amigo.

— Estamos levando a esperança para Nod. As Árvores estão conosco, assim como a Luz.

O tempo ali dentro não fazia sentido. Não havia fome, cansaço, sede, medo. Apenas paz. Uma paz que um dia uniria as

duas terras. Cada um pôde, durante aquela travessia, conhecer o próprio coração e suas motivações. Nenhum deles chegaria a Nod do mesmo jeito que saíram de Hedhen.

Eva e Davi ainda dormiam, enquanto atravessavam o portal. Suas mentes, no entanto, estavam abertas para todas as sensações. Eles ouviam as vozes suaves, sentiam o cheiro perfumado e, diferente dos outros, eles viam a terra restaurada, unida como deveria ser. De mãos dadas, eles caminhavam por ruas ladeadas de flores e lagos transparentes, florestas viçosas, montanhas que convidavam para o topo do mundo. A luz inundava tudo, o povo sorria feliz. Não havia mais necessidade de cidades muradas ou torres de vigia. A paz era uma realidade.

Lá fora, no convés, todos haviam se assentado e se isolado em si mesmos. Cada um deles ia crescendo com a maravilhosa experiência de serem os portadores de uma Profecia que mudaria o mundo. No coração de cada um deles, foi sendo acrescida a coragem, a certeza, a fé, a lealdade e o amor para com os outros. Lutariam em unidade daquele momento em diante. Defenderiam sua causa e fariam a Profecia de Nod se cumprir.

Capítulo 2

Vigilantes e Farejadores

Elas encontraram a aldeia que buscavam. Um aglomerado de ruínas. A maioria das casas havia sido incendiada. Não havia nenhum sinal de vida em lugar algum. Jael soltou o arco no meio do que seria a praça principal e sentou-se, calada e desolada. Deborah pôs a mão sobre o ombro de Tobias. O menino parecia em estado de choque.

— Era esse o lugar, Tobias?

— Por que fizeram isso? – ele choramingou. – Eu tinha amigos aqui, sabe? As pessoas eram boas, simples...

Elijah jogou uma pedra no que restava de um banco.

— Eles não precisam de motivos, garoto! Alguém foi muito descuidado e alertou os Vigilantes. Eles fizeram sua costumeira operação de limpeza.

O velho falava com raiva. Deborah o observou. Seu peito arfava como se estivesse preso á lembranças dolorosas.

— Foi isso o que aconteceu com seu povo, Elijah? – ela perguntou.

Ele a olhou como se fosse um animal encurralado. Depois, engoliu a própria saliva e se afastou. Jael observou um objeto

familiar caído próximo ao local aonde Eliah havia atirado à pedra. Ela levantou-se e foi até ele, abaixando-se para pegá-lo nas mãos. Uma pequena flecha com a cabeça formada por ganchos.

— Deborah... – ela chamou.

— O que você encontrou? – Deborah perguntou já do seu lado.

Jael passou-lhe a flecha.

— Escorpiões – Deborah sussurrou.

Jael virou-se para Tobias. O menino continuava estático, olhando para o nada. Ela comoveu-se com a dor dele e, ao mesmo tempo, preocupou-se pelo sumiço de Eliah. O velho havia se embrenhado pela floresta circundante e desaparecido. Ela abaixou-se diante do menino, chamando-lhe a atenção.

— Tobias, quem são os Vigilantes? – ela perguntou da maneira mais suave que conseguiu.

Ele piscou e olhou para ela como se acordasse de um pesadelo. Antes de pensar em responder, o menino a enlaçou pelo pescoço e começou a chorar. Jael o abraçou com lágrimas nos olhos. Deborah estava guardando a flecha em sua sacola de viagem, quando ouviu o grito apavorado e histérico de Eliah. Instintivamente, ela puxou a espada e virou-se para Jael.

— Fique aqui e proteja o menino! Eu vou ver o que está acontecendo.

Ela saiu correndo antes que Jael pudesse protestar. O susto, entretanto, pareceu despertar Tobias.

— Não se preocupe comigo – ele falou. – Eu sei onde me esconder. Vá ajudá-la! Se forem os Vigilantes, ela não conseguirá enfrentá-los sozinha.

Jael assentiu e pegou o arco que estava no chão. O pai de Tobias havia lhe dado algumas flechas novas e uma aljava que faziam parte da mercadoria que guardava em um depósito subterrâneo. Ela já preparava uma no arco enquanto corria.

A floresta ficou subitamente silenciosa. Deborah apurava os ouvidos, atenta a qualquer ruído. Ela não queria gritar o nome de Eliah, mas não via outro jeito. Ele poderia ter caído em algum tipo de armadilha para animais e, nesse caso, precisaria de ajuda.

— Eliah! – ela chamou.

De repente, caindo das árvores como gatos selvagens, um grupo de cinco mascarados a cercou. Eles usavam roupas de pele e as máscaras não passavam de sacos com pequenas aberturas para os olhos. Em alguns desses olhos, ela pôde perceber a surpresa por

verem uma mulher armada. Todos brandiam espadas curtas. Deborah preparou-se. Era hora de provar se sua destreza com as armas continuava tão boa como antes. Eles investiram com rapidez e quase ao mesmo tempo. Ela buscava se desviar dos golpes e aparar outros, enquanto procurava um espaço para contra atacar. Eles lutavam de forma rude, sem muita técnica. Uma corda foi covardemente lançada sobre ela, prendendo seus braços junto ao corpo e puxando-a para o chão. Deborah usou as pernas para afastar os primeiros atacantes que vinham sobre ela, acertando um no nariz e o outro na mandíbula. Antes que o ataque continuasse, uma flecha acertou um dos braços que erguia uma espada. O guerreiro ferido gritou e caiu de joelhos. Outra flecha acertou um guerreiro na coxa, lançando-o no chão. O guerreiro sobrevivente encostou a lâmina da espada na garganta de Deborah. O mascarado parecia assustado, olhando para os lados, tentando prever de onde viria a próxima flecha.

— “Você confia em mim?” – Deborah ouviu a pergunta de Jael em sua mente e fez um rápido gesto com a cabeça dizendo que sim.

O zunido da flecha foi quase imperceptível. Em instantes, a espada que pendia sobre a garganta de Deborah foi arremessada

no ar para longe da mão de seu dono, que caía no chão apavorado e com as mãos sobre a cabeça. Deborah sentiu alguém chegar e cortar a corda. Era Elisha! Ela levantou-se livre das cordas e olhou para o velho com atenção.

— Está machucado?

— Não, não! Eu estou bem.

À sua volta, o grupo ferido gemia. Jael saiu das sombras com o arco ainda preparado. O mascarado que estava ajoelhado, abraçava o próprio corpo enquanto balbuciava.

— Mate-nos! Não queremos ter o mesmo destino que os outros. Preferimos a morte.

Deborah abaixou-se e retirou-lhe a máscara. Era um rapaz, um pouco mais velho que Tobias.

— Quem são vocês? – ela perguntou. – Por que me atacaram?

Ele ergueu os olhos cheios de medo e olhou para ela, surpreso com a pergunta. O olhar de Deborah, porém, era profundo e sincero. Havia algo que fez o rapaz acreditar que ela não era uma ameaça. Algo que o deixou “confortável”.

— Somos parte de um grupo de sobreviventes. Estávamos nos escondendo, defendendo os poucos que restam de nós.

Jael baixou o arco.

— A aldeia lá atrás era de vocês? – perguntou Jael.

O rapaz balançou a cabeça, com os olhos fixos no arco que pendia das mãos da mulher e que causara tantos danos.

— O meu arco não mata à toa – ela falou. – Eu só estava defendendo a vida de minha irmã, como você defendia a vida de seus irmãos.

Deborah virou-se para Eliah.

— Procure algumas ervas que cicatrizem feridas. Eu vi algumas na entrada da floresta.

Eliah sorriu.

— Sim, eu sei quais são.

O rapaz a olhou sem entender.

— Não vão nos matar?

Ela sorriu para ele.

— Não fomos nós que destruimos sua aldeia. Viemos aqui por outro motivo, mas antes de contá-lo, seus amigos vão precisar de cuidados.

Ela levantou-se e olhou para Jael.

— Onde está Tobias?

— Ele me disse para vir ajudá-la, e que eu não devia me preocupar com ele.

— Ele estava muito perturbado, Jael. Acredita mesmo que ele ficou seguro?

Jael suspirou.

— Tudo o que sei no momento, Deborah, é que você precisou de mim.

Deborah sorriu e puxou a irmã para si, beijando-lhe na testa com carinho.

— O que mais eu poderia esperar de você? Vamos cuidar dessa gente e ver se descobrimos o que aconteceu aqui.

Eles, a princípio, não queriam voltar para a aldeia em ruínas. O fogo, segundo eles, tornara o local amaldiçoado pelo exército de Abadom. O céu, porém, anunciava uma tempestade violenta e não haveria onde se abrigar.

— Existem “homens” feridos no seu grupo que precisam descansar – disse Deborah para o rapaz que parecia ser o líder. – Eu sei que isso deve ser difícil para vocês, enfrentar a ruína de seu próprio lar, mas não há outro meio de conseguir abrigo esta noite.

Ele olhou em volta e aquiesceu ao ver os rostos sofridos de seus companheiros. Quando eles retornaram, ajudando uns aos outros, encontraram Tobias na porta de uma casa parcialmente destruída. O menino correu na direção do grupo e o jovem líder deu um passo à frente.

— Malco! – ele gritou para o rapaz.

— Tobias? O que você faz aqui, garoto?

Os dois se abraçaram.

— Eu achei que todos estivessem mortos! – falou Tobias.

— Eles destruíram a aldeia, mas não buscavam nada, além de escravos. Nós somos o grupo que conseguiu fugir e se esconder na floresta.

— E o que aconteceu com os outros? – perguntou Jael, interessada na conversa.

Malco olhou para ela e abaixou a cabeça.

— Parthenos – ele respondeu.

Jael, sem compreender, voltou-se para Eliah.

— O que significa isso? O que é Parthenos?

— Uma ilha-prisão – respondeu o velho. – As pessoas são arrebatadas de suas aldeias e levadas para aquele lugar de escravidão. Abadom usa o trabalho deles para extrair a pedra

branca que ornamenta seus templos. A ilha é grande e sua pedra é abundante.

— Eliah, os homens que fizeram isso também usaram armas

– Deborah falou, mostrando-lhe a flecha que havia guardado.

O velho a tomou na mão e teve um estremecimento.

— Algumas vezes os Vigilantes acompanham os Mercadores, para o caso de alguma revolta.

Jael deu um riso sarcástico.

— Mercadores? É um termo muito suave para definir o que eles fazem.

— E quanto aos Vigilantes? – perguntou Deborah. – O que são eles?

Os olhos do velho foram de uma para a outra.

— Caçadores.

— E o que eles caçam? – Jael não tinha certeza de querer saber a resposta. – Algo me diz que não são animais.

Eliah continuou em um silêncio obstinado.

— Os Vigilantes formam a força armada da Ordem Negra, e respondem diretamente aos Juízes – quem respondeu foi Malco.

As duas se entreolharam.

— Eles poderiam estar à nossa procura? – perguntou Deborah.

— Como poderia ser possível? – contestou Jael. – Nós saímos de Korithon antes que descobrissem os magos na estrada. Não poderiam ter chegado antes de nós, e muito menos saber que direção nós tomamos.

— Os Vigilantes estão em toda parte – resmungou Elich. – Eles só precisam receber a mensagem para agir. Esse grupo, com certeza, já vivia nas proximidades.

Tobias contou rapidamente para Malco a verdade sobre as duas guerreiras.

— O que aconteceu com o grupo que estudava a Profecia? – perguntou Deborah. – Também foram levados para Parthenos?

O rapaz baixou a cabeça.

— A maioria foi levada. Eram homens e mulheres de idade avançada. Alguns de nós, mais jovens, costumávamos frequentar as reuniões. Antes da invasão à câmara subterrânea, onde se realizavam os estudos, um dos anciões me confiou os fragmentos da Profecia. Ele disse que nós, jovens, tínhamos uma chance maior de conseguir fugir.

Jael pôs a mão no braço do rapaz.

— Os fragmentos estão com vocês?

Ele assentiu rapidamente e apontou para a floresta.

— Nós encontramos um lugar seguro, dentro da cachoeira. É lá que estão as mulheres e crianças do grupo.

— Malco, nós precisamos dar uma olhada nesses fragmentos — pediu Deborah.

O rapaz olhou para o céu que relampejava.

— Não conseguiríamos chegar lá antes da tempestade, mas é perigoso para vocês ficar na aldeia. Os Vigilantes são bons caçadores. Eles podem voltar se acharem alguma pista do seu rastro.

Jael olhou preocupada para Deborah.

— Ele tem razão.

Deborah sabia que era a caçadora dentro de Jael que falava naquele momento.

— Então, não temos escolha. Precisamos enfrentar a tempestade. Mas primeiro vou cuidar dos ferimentos de seus amigos, Malco. Não vamos deixar ninguém para trás.

Quando o grupo iniciou sua caminhada através da floresta, a chuva já caía torrencialmente. Jael e Deborah puxaram o capuz das

capas que usavam para se proteger e enxergar melhor o caminho. Dentre os feridos, apenas o rapaz que havia levado uma flechada na perna precisava ser ajudado. Felizmente, ele não era um jovem corpulento e seus amigos podiam apoiá-lo sem muito esforço. Malco ia à frente, indicando o caminho. Um grande trovão e um raio, que pareceu cortar o céu em dois, fez o grupo parar. Quando o ribombar do trovão não pôde mais ser ouvido, outro som atraiu seus ouvidos. Jael estremeceu ao reconhecer o som. Ela olhou para Deborah e viu o mesmo reconhecimento em seu olhar.

— Farejadores – foi Eliah quem falou em voz alta o que elas expressaram em pensamento.

— Onde fica o rio? – Deborah perguntou a Malco.

— Logo atrás daquela curva, senhora. Existe uma trilha escondida que nós abrimos.

— Corram para lá e o atravessem sem olhar para trás. Eles não gostam de água.

Eliah a fitou com olhos esbugalhados.

— Conhece os Farejadores?

— Nós já tivemos uma oportunidade de enfrentá-los antes – ela respondeu.

Jael preparou o arco.

— Eliah, leve o grupo para o rio. Rápido! – ela falou com autoridade.

— E quanto a vocês? – o velho balbuciou.

— Nós vamos tentar atrasá-los – Jael não sabia bem como fariam isso. – O mais importante agora é proteger esse grupo remanescente e os fragmentos da Profecia.

Ele, após um pequeno momento de hesitação, obedeceu. Quando o grupo havia sumido de vista, Deborah puxou a espada e ficou de olhos na trilha.

— Tem alguma ideia, caçadora?

Jael a olhou surpresa.

— Pelo Grande Pai, Deborah, eu pensei que você tivesse um plano!

Deborah olhou para cima. As árvores eram cheias de galhos entrelaçados e fáceis de alcançar. Jael seguiu seu olhar.

— Eles são, em parte, felinos gigantes, irmã. Sabem subir em árvores.

— Eu posso ser a isca.

— O quê? – Jael quase solta o arco.

— Você tem a pontaria melhor que a minha.

Jael a forçou a olhar para ela.

— E por que simplesmente não corremos para o rio e os fazemos perder o nosso rastro? Teria sido mais sensato.

— Jael, lembra-se de nosso primeiro encontro com esses animais? Eles têm algum tipo de ligação com seus donos. Eles poderiam atrair os Vigilantes até o rio e chegar assim ao grupo de sobreviventes. Precisamos acabar com eles, antes que seus donos os alcance.

— Correremos perigo se os Vigilantes estiverem por perto, você sabe disso.

Deborah ponderou as palavras de Jael.

— Você está certa, irmã. Mas isso é um risco que teremos de correr.

Deborah deu um pulo e alcançou o galho mais próximo ao chão. Ela foi subindo sem dificuldades até ficar encoberta pelas folhas. Aquilo não seria empecilho para os animais, pois seu cheiro os atrairia de qualquer maneira. Jael já havia corrido e se escondido em cima de outra árvore, um pouco mais afastada. A visibilidade era boa. Ela podia ver a trilha que vinha da aldeia com muita clareza. Desde que descobrira que tinha sangue gadita nas veias, sua visão aguçada não lhe causava mais tanta surpresa.

Eles chegaram como um bando feroz. Eram quatro Farejadores cujo tamanho ultrapassava em dobro os que haviam enfrentado antes. Não havia sinal humano por perto. Dois deles, percebendo a presença de Deborah na árvore, saltaram para o tronco, escalando a árvore com uma rapidez que elas não contavam. Os que haviam ficado embaixo caminhavam de um lado para o outro, farejando o ar e olhando para cima. Jael não teve dúvidas quanto ao momento. Atirou a primeira flecha que atravessou a garganta do primeiro animal. Este caiu sem um grunhido sequer. O outro ficou alvoroçado e já ia se preparando para subir na árvore quando Jael o atingiu no peito exposto. Ele caiu rolando até parar perto do corpo do companheiro. Jael enxugou o suor que lhe escorria pelo rosto. O que estaria acontecendo na árvore?

Deborah não teve alternativa, a não ser continuar subindo com os Farejadores em seu calcanhar. Ela precisava parar em algum lugar espaçoso para poder usar a espada. Jael não tinha nenhuma mira ali, naquele emaranhado de galhos. Ela estava por conta própria. Ela podia sentir o hálito quente do primeiro animal em sua perna. Os galhos não davam mais condições para continuar

subindo. Suando, ela fez a única coisa que podia fazer. Encostou-se ao tronco e segurou a espada na sua frente. Quando o Farejador lançou-se sobre ela, a espada o atravessou sem dificuldade. Com um rugido engasgado, ele deixou cair o corpo pesado sobre ela. Deborah respirou profundamente e o jogou para frente, libertando a espada. O segundo animal estava perto. Ela virou-se e calculou a distância até o chão. Poderia saltar sem se machucar muito. Foi o que fez.

Jael viu quando Deborah caiu da árvore de uma altura considerável, e seu coração quase parou. Atrás dela vinha saltando o maior Farejador que ela já havia visto até então.

— “Vire para o lado!” – ela pensou.

Em resposta, Deborah girou o corpo para o lado e o animal aterrissou exatamente no local em que ela havia caído antes. Jael, que já se encontrava no chão, atirou uma flecha que fez o Farejador cambalear para o lado. O animal ferido a localizou e, esquecendo Deborah, lançou-se sobre ela. Jael jogou outra flecha que o atingiu no peito. O Farejador, ainda mais enfurecido, continuava a avançar. Ela, sem ter tempo de preparar outra flecha, tentou correr, mas teve o corpo lançado para frente pelo peso das patas do animal. Era

o fim, ela pensou, sentindo o bafo quente em sua nuca e o peso das enormes patas em suas costas. De repente, ouviu-se um gemido lamentoso, e o corpo do Farejador ficou flácido em cima dela. Deborah havia se recuperado e o atravessara pelas costas com a espada, retirando-a somente após certificar-se de que estava morto.

Elas ficaram sentadas no chão, exaustas, tentando recuperar a respiração.

— Você está bem? – Jael perguntou. – Caiu de uma grande altura.

— Talvez um tornozelo torcido, nada demais – Deborah estava ofegante. – E quanto a você?

— Viva e assustada.... Nunca pensei que diria isso depois de tudo que já enfrentamos.

Deborah sorriu e olhou em volta para os quatro corpos dos Farejadores.

— Vamos sair daqui, Jael. Estou cansada por hoje.

Jael levantou-se e ajudou Deborah, que fez uma careta ao se apoiar no pé direito.

— Você pode caminhar?

— Posso – ela falou. – Não se preocupe. Precisamos encontrar logo aquele rio.

Elas não tinham caminhado muito, quando Tobias e Malco surgiram na frente delas.

— Vocês conseguiram! Venham! Vamos levá-las pela trilha – Tobias estava eufórico.

— Eu vou voltar para apagar os rastros do caminho – disse Malco. Alcanço vocês daqui a pouco.

— E quanto aos outros? – Perguntou Deborah.

— Já estão todos no esconderijo, em segurança – disse Malco.

Ele parou e observou as duas dos pés a cabeça.

— Vocês precisam ir para lá também e descansar. Estão péssimas!

O comentário de Malco as fez sorrir enquanto seguiam Tobias.

O rio corria com força, embora fosse raso em sua profundidade. Ele seguia para o leste e terminava numa queda de dez metros, formando lá embaixo uma bacia de água doce cercada por uma floresta fechada de árvores antigas e muitas pedras na

margem. Alguns degraus, rústicamente talhados na parede de rocha, ajudavam na descida. Deborah sentiu dificuldades para apoiar o pé machucado na rocha molhada e escorregadia, mas Tobias segurou-lhe firme na mão, enquanto descia na sua frente. Por trás da cachoeira, formada pelas águas do rio, abria-se uma grande caverna que não era muito profunda.

Lá dentro, elas se surpreenderam ao notar que nem todos eram jovens como o grupo que haviam encontrado. Entre as mulheres que lá estavam, havia um grupo de anciãs, além de uma dezena de crianças. Dentre as mulheres, uma levantou-se e se aproximou delas com um sorriso caloroso.

— Eu me chamo Joanna, minhas filhas. Malco nos contou sobre o encontro de vocês e de como se dispuseram a cuidar dos rapazes feridos. Isso, sem contar o fato de terem ficado para trás, enfrentando o perigo para nos proteger. Vocês têm a minha gratidão.

Jael percebeu que nem todas as mulheres tinham o mesmo ar acolhedor. Algumas as olhavam com desconfiança.

— Agradecemos pela sua acolhida, minha senhora – falou Deborah. – É a líder de seu povo?

— Do que restou dele – a voz da mulher soou melancólica.

— Minha avó – falou Malco. – Elas vieram pelos fragmentos.
Joanna sorriu para o neto.

— Eu sei disso, meu querido. O velho Eliah me contou tudo.

— Conhecia Eliah? – Perguntou Jael.

— Eu sei reconhecer um estudioso da Profecia quando vejo um. Ele escolheu o recolhimento há muito tempo, mas isso não o impediu de fazer um discípulo – ela fez um gesto de cabeça na direção de Tobias.

Ela voltou o olhar para as duas guerreiras.

— Sentem-se naquelas mantas perto do fogo. Vocês estão exaustas e precisam de cuidados. Quando estiverem prontas, eu terei prazer em responder suas perguntas.

Elas obedeceram. Deborah começava a sentir o pé latejar de uma maneira incômoda. Foi um alívio sentar sobre algo macio e descansar os pés. Jael sentou-se ao seu lado, mas evitou encostar-se à parede, pois sentia as costas arderem com os arranhões provocados pelas garras do Farejador. Havia rasgos em sua roupa, na altura em que o animal lhe empurrara para frente.

— Por que será que essa luta me fez lembrar Sísera? – Ela resmungou.

Deborah retirou a bota do pé direito com muito cuidado e viu que o tornozelo começava a inchar. Joanna aproximou-se com dois potes de barro. Uma menina loira a acompanhava, trazendo uma bacia nas mãos. Devia ter uns dez anos e sorriu para Deborah, enquanto depositava a bacia ao lado dela.

— Como se chama? – Deborah perguntou, lembrando-se de Eva com saudades.

— Chaya – a menina respondeu timidamente.

— Significa “vida” – disse Joanna, ajoelhando-se diante delas.

Deborah sorriu.

— Eu tenho uma filha que se chama Eva. Também significa “vida”.

— Ela tem a minha idade? – Perguntou a menina.

— Não, Chaya. Ela é um pouco mais velha.

A menina sentou-se quieta e ficou observando o trabalho de Joanna. A mulher pegou um pó esverdeado de um dos potes e o espalhou pela água da bacia. Em seguida, mergulhou um pano grosso e esponjoso na água, agora verde.

— Esse pó é feito de uma mistura de ervas que possuem o poder de curar as inflamações profundas – explicou Joanna. – Eliah

me contou que você entende de ervas e remédios.

— Sim, é verdade – Deborah respondeu num sussurro, intrigada pelo aroma refrescante que subia da água. – Existe menta nessa mistura?

A mulher sorriu enquanto preparava uma pasta amarela com algumas sementes redondas e leite.

— Menta, hortelã e um pouco de pimenta verde.

— Pimenta verde? Acho que não conheço essa.

— É muito abundante nessa região. Quando estiver em condições, eu poderei lhe mostrar.

Quando ela terminou a pasta, virou-se para Jael.

— Deixe-me ver suas costas.

Ela virou-se e deixou que Joanna examinasse os arranhões. O rastro de três garras descendo de cada ombro até um pouco abaixo era visível através do rasgo da roupa de Jael.

— Terei que rasgar um pouco mais sua roupa, mas não se preocupe. Eu providenciarei outra túnica para você. Temos algumas sobrando.

Jael nada disse. Ficar sem sua roupa quenita não era um pensamento muito agradável, mas não podia perambular por aí com uma roupa rasgada. Joanna limpou as feridas com a água

verde e aplicou a pasta amarela por cima. A ardência diminuiu e um calor confortável envolveu o local.

— Essas sementes podem ser encontradas dentro de uma flor que só nasce nas margens dos rios. Nós a chamamos de “lágrima de orvalho”. É boa para curar feridas.

Jael agradeceu-lhe pelo cuidado. Em seguida, ela pegou o pano esponjoso que estava de molho e o pôs para escorrer até ficar apenas úmido. Ela tocou no pé de Deborah e a guerreira sufocou um gemido, enquanto as mãos experientes de Joanna lhe aplicavam uma massagem dolorosa. Depois, ela pegou o pano e começou a enrolá-lo em volta do tornozelo inchado. A ação refrescante começou a amenizar a dor, e Deborah fechou os olhos com um suspiro de alívio.

— Não está quebrado, apenas machucado. Um bom descanso com o remédio certo a deixará pronta para correr e saltar de árvores novamente.

Deborah sorriu com o comentário. Joanna e Chaya juntaram os potes e a bacia.

— Chaya logo trará algo para vocês comerem, minhas filhas. Agora, procurem descansar. Quando a noite chegar, falaremos sobre a Profecia.

Quando a mulher se afastou, Deborah percebeu a testa franzida de Jael.

— O que foi? Parece desconfiada.

— E estou. Tanta amabilidade me deixa desconcertada, principalmente partindo da avó de um homem que há pouco tempo tentou nos matar.

— Ela é sincera.

Jael a olhou, curiosa.

— Como pode ter tanta certeza? Sua percepção está funcionando como antes?

Deborah apenas deu de ombros.

— Eu apenas sei disso, irmã. Não adquiri minha percepção com a vida dos Luminares, eu nasci com ela. No caso de Eliah, eu estava assustada, mas agora recuperei um pouco do meu equilíbrio.

Jael suspirou e fechou os olhos.

— Sinto muito. Eu já não sei distinguir o que pertencia a nós e o que veio com a Luz.

Deborah sorriu.

— A confusão é perfeitamente explicável.

Jael deitou-se de bruços e tentou confiar nas palavras de Deborah. Estava cansada das lutas daquele dia e seu corpo pedia descanso. Deborah observou a roupa rasgada da irmã.

— Desculpe por não ter percebido que você também havia se machucado.

— Nem eu mesma percebi – comentou Jael sem abrir os olhos. – Muitas vezes nós só sentimos os ferimentos da batalha quando ela acaba.

— Tem razão.

— Tente descansar um pouco, também. Quando Joanna voltar, vai nos falar da Profecia e vamos ter muita coisa para ocupar a mente.

Quando Chaya voltou com um pequeno cesto de pães e frutas, as encontrou dormindo. Silenciosamente, a menina depositou o cesto entre elas e se foi.

Longe dali, no porto de Korithon, aportava um navio de velas negras. Na sua lateral, ele trazia gravado o símbolo real de Lorde Abadom e da Casa Real de Helladan. Pyrrós e Mélas, à frente da Ordem Negra, devidamente enfileirada, aguardavam a chegada da comitiva oficial. Pela rampa do navio, eles viram descer a figura

sombria de Leukós, o Mago Branco e, um pouco mais atrás, vinha Thánatos, com sua costumeira veste acinzentada. Quando Leukós parou diante deles, os dois magos fizeram uma reverência.

— Esperávamos que o rei Jabim os tivesse acompanhado – comentou Mélas.

Leukós deu um sorriso irônico.

— Pelos problemas que vocês estão enfrentando aqui, tenho certeza de que sabem que o plano fracassou.

— Quem passou pelo portal? – Rugiu Pyrrós. – A ruptura foi sentida quando o portal foi fechado, mas não encontramos ninguém.

— Não encontraram, mas, no entanto, esse “ninguém” provocou uma baixa no regimento da Ordem Negra – sibilou Thánatos.

Mélas ergueu a mão.

— Vamos direto ao assunto. Eu e Pyrrós sentimos a ameaça, mas não sabemos do que se trata. Ficamos aqui aguardando o prosseguimento do plano. Agora, vocês chegam, mas não trazem o rei-feiticeiro e nem a Profecia que ele criou. O que aconteceu?

Leukós cruzou as mãos à frente do corpo.

— Deborah e Jael conseguiram libertar-se e saltaram no portal, fechando-o para o rei. Este acabou caindo no abismo com sua Profecia nas mãos. Eu e Thánatos conseguimos fugir e chegar ao navio que nos aguardava. Era necessário passar por Helladan primeiro e reportar o acontecido para Lorde Abadom. Chegamos aqui, não com o passageiro que estava sendo aguardado, mas com reforços para nossa busca.

— Então, agora sabemos quem está nos causando tantos problemas – Mélas falou.

— O que foi feito quanto a isso? – Leukós perguntou com a voz baixa.

— Os Vigilantes foram requisitados – Pyrrós relatou com orgulho. – Sabe que são incansáveis em suas buscas. Eles as encontrarão e as trarão até nós.

Leukós ergueu a mão.

— Não devem ser trazidas para nós. Elas jamais deveriam ter posto os pés nesta terra. O perigo que trazem para o reinado de Abadom é fatal. Elas devem morrer.

— Mas... – contestou Mélas.

O Mago Negro adoraria reencontrar as duas mulheres, agora indefesas, em seu próprio território. Por que Leukós queria lhe tirar

esse prazer?

— Que seja – ele respondeu diante do olhar duro do Mago Branco.

— Envie novas ordens aos seus Vigilantes, Pyrrós – disse Thánatos. – Não deve haver hesitação e nem piedade. A morte delas não é negociável.

Quando Deborah acordou, viu que Jael estava em pé com uma túnica nova de um tom cinza escuro, e acabava de amarrar o shofar ao cinto.

— Joanna acabou de trazer essas roupas – ela explicou. – Tem uma muda limpa do seu lado também, caso queira trocar as suas. Considerando que estamos fugindo de caçadores munidos de “cães de caça”, acho que talvez seja uma boa ideia mudar o nosso cheiro.

Deborah sentou-se e pegou as roupas limpas, cujo tecido era grosso e áspero.

— Tem razão, Jael. É uma boa ideia.

Deborah soltou a roupa no colo e ignorou o cesto de comida ao seu lado. Jael voltou a sentar e olhou preocupada para a irmã.

— O que foi?

— Você já teve sonhos dos quais não queria acordar? – Deborah tinha os olhos úmidos.

— Não preciso dormir para tê-los – Jael sussurrou a resposta, enquanto abraçava Deborah.

— Estávamos em Shilloh, no jardim... Eu podia senti-los ao alcance de minhas mãos... Barak, Eva... Eles sorriam e me chamavam.

Jael não tinha como responder sem cair em prantos, por isso limitou-se apenas a ouvir.

— Às vezes, eu me pergunto por que temos sempre que tomar as decisões difíceis, Jael? Isso nunca vai acabar?

— Acho que é por isso que estamos aqui, Deborah. Para que isso acabe.

— Sua irmã tem razão – disse uma voz acima delas.

Elas levantaram a cabeça e viram Joanna, ladeada por um grupo de anciãos. A expressão da mulher, nesse momento, não era a de uma hóspede bondosa, mas a de uma líder severa.

— É hora de conversarmos. Venham conosco para a reunião do Conselho de Anciãos. O único que nos restou.

Elas seguiram as mulheres até uma caverna adjacente. Era pequena e circular, com muitas pedras em volta e um fio de água escorria pela parede, criando um pequeno riacho. Elas se acomodaram nas pedras que circundavam o ambiente de forma aleatória. Deborah e Jael escolheram uma pedra grande o suficiente para ambas sentarem lado a lado.

— Eu espero que estejam se sentindo melhor – Joanna falou com um breve sorriso.

— Seus remédios foram bastante eficientes, minha senhora – disse Deborah.

Joanna virou-se para o grupo em volta e assumiu uma atitude mais solene.

— Ouvimos de Eliah o relato de seu aparecimento. Esse fato parece tê-lo convencido de que vocês são as respostas a uma determinada Profecia. No entanto, nós, como seguidoras e estudiosas dos fragmentos, temos o dever de procurar a verdade sem nos deixar levar pelas emoções. Há pouco tempo, a nossa aldeia foi invadida e nossos homens e líderes, além das mulheres e crianças que não conseguiram escapar, foram levados para uma vida de escravidão na ilha de Parthenos. Portanto, eis aqui o que resta do conselho de nosso povo. Apenas mulheres. A Profecia que

estudamos, entretanto, não exclui as mulheres. Ela fala de rainhas e guerreiras, sacerdotisas e profetisas. Isso tudo, em Nod, é pura heresia para quem segue as leis de Abadom. O fato de vocês serem guerreiras e terem surgido de uma forma repentina, levou o nosso amigo solitário a fazer associações com o que estudamos através dos fragmentos. Eu, como líder atual de nosso pequeno povo, lhes dou a palavra. Quem são vocês e de onde vieram? O que nos dirão para que sejamos convencidas de que são dignas de ler os fragmentos?

O silêncio reinou por alguns minutos, até que Deborah se levantou e caminhou até o centro. Mesmo mancando por causa do tornozelo e com as roupas esfarrapadas, pois não havia tido tempo de trocá-las, ela não havia perdido nem o porte e nem a majestade. Seus olhos passearam por cada rosto e se detiveram em cada olhar. Jael sabia o que ela ia fazer. Ela contaria a verdade, caso houvesse verdade nos olhos que a cercavam.

— Viemos de uma terra distante, chamada Hedhen – ela começou. – Assim como vocês, uma Profecia guiava nossos caminhos. As trevas também dominaram o nosso mundo por muito tempo, até que a Luz brilhou novamente, dissipando tudo o que era mal. Para que isso acontecesse, precisou haver sacrifício,

sofrimento, e muita luta. Em Hedhen, as mulheres e os homens lutam lado a lado, como iguais. Somos guerreiras, sim. Crescemos e fomos ensinadas, ainda crianças, a usar a espada e o arco. Lutamos pela Profecia de Hedhen e tivemos a vitória. Os Tronos de Luz foram restaurados e a paz foi finalmente conquistada. Um dia, uma profetisa chegou até nós com uma nova Profecia em suas mãos. Essa Profecia falava de outra terra da qual não tínhamos conhecimento. Essa terra era Nod.

Um murmúrio se fez ouvir entre as mulheres. Jael observou que algumas estavam maravilhadas, enquanto outras balançavam a cabeça com ceticismo.

— A Profecia que chegou até nós, dizia que a Luz de Hedhen deveria ser derramada sobre Nod, e isso seria possível através de Duas Árvores que chegariam pelo mar.

— As Duas Árvores... — Joanna sussurrou.

— Uma nova batalha surgiu em nosso mundo. Um velho inimigo, que pensávamos estar morto, se reergueu com intenções de conquista e recebeu ajuda de Nod, através dos Quatro Juízes.

Uma mulher levantou-se e ergueu a voz.

— Isso é impossível! Como os Quatro Juízes poderiam ter chegado a essa terra desconhecida? Ela não é mencionada em

nossa Profecia. Como sabemos que fala a verdade?

Jael levantou-se.

— Vocês estudam fragmentos. Não têm acesso a um texto completo de sua própria Profecia. Como pode dizer que estamos mentindo?

Joanna ergueu a mão antes que a mulher voltasse a falar.

— Nisso, a arqueira está certa. Não podemos falar pelo que não conhecemos – ela virou-se para Deborah. - Por favor, continue.

— A luta foi difícil. O rei-feiticeiro, nosso inimigo, criou um portal e uma Profecia que lhe daria um poder ilimitado. A sua intenção era unir as duas terras sob seu domínio, tendo o portal como ligação entre elas. Foi por esse portal que nós entramos, antes que ele o fizesse. Com isso, fechamos o portal para impedi-lo de passar e chegamos aqui, sem ter conhecimento do que aconteceu em nossa terra depois que partimos.

Uma mulher que estava ao lado de Jael, e que parecia fazer reflexões enquanto ouvia, pediu a palavra.

— Por que o portal se fechou quando passaram por ele? A intenção do rei-feiticeiro não era manter um portal ativo?

Deborah olhou para Jael, e esta respondeu em pensamento a dúvida que viu nos olhos da irmã.

— “Chegou a hora. Conte a verdade”.

— O portal foi aberto com a Luz de Hedhen. Uma luz sobrenatural que era a própria vida de quem a possuía. Três fontes de luz banham a nossa terra e a mantêm livre do mal. A Luz Solar, A Luz Lunar e a Luz Estelar. Dessas, duas foram predestinadas por nascimento: A Lunar e a Estelar. São as luzes noturnas. Aquelas que brilham na escuridão. Foram estas luzes que foram usadas para abrir o portal. Sem a fonte de luz que o gerava, o portal não podia continuar aberto.

— E o portal foi fechado quando vocês pularam – concluiu a mulher que fizera a pergunta.

Joanna olhou em volta e viu o mesmo questionamento nos olhos de cada uma das anciãs, até das que pareciam relutantes em aceitar a história.

— Quem são vocês? – Ela perguntou com a voz trêmula.

— Eu sou Deborah, rainha de Hedhen e Luminar da Lua. Antigamente, eu era chamada de “Herdeira”, um título dado a mim pela Profecia de Hedhen.

Jael levantou-se e se colocou ao lado dela.

— Eu sou Jael, a Guardiã da Profecia e Luminar da Estrela. Também reino sobre uma região de Hedhen, chamada Hazorah, e

partilho da Luz dos Tronos.

Deborah virou-se diretamente para Joanna.

— Somos as mães das Duas Árvores, que nesse momento já devem estar a caminho dessa terra. Agora, nós precisamos de respostas. Por que estamos aqui? O que sua Profecia fala sobre nós? Para onde devemos ir? O que devemos fazer?

Tobias e Malco espiavam a reunião agachados atrás de uma pedra. O rapaz teve que colocar a mão na boca do menino para ele não os denunciar na hora da revelação de Deborah.

As mulheres, após um atônito silêncio, começaram a falar todas ao mesmo tempo. Nesse momento, Joanna se ergueu pondo ordem no local.

— Acalmem-se todas vocês! O que ouvimos aqui foi algo que estava além do que esperávamos.

— A história é absurda! – Gritou uma das mulheres. – Nunca ouvimos falar de outra terra.

— Não ouviram porque foi retirado da memória de seu povo, através de magia – rebateu Jael.

A mulher riu.

— De onde tirou tal ideia?

— De um sacerdote de Nod, chamado Áquila.

Um novo silêncio. Joanna deu um passo à frente com os olhos arregalados, encarando Jael.

— Você disse que o sacerdote se chamava Áquila?

— Sim.

Joanna olhou em volta e viu a surpresa no rosto de cada mulher.

— O nome de Áquila lhes é familiar? – Perguntou Deborah.

— Nós conhecemos o sacerdote Áquila – Joanna respondeu.
– Ele faz parte do grupo de sacerdotes remanescentes de Nod. Foram eles que espalharam os fragmentos da Profecia para que o povo comum tivesse acesso a ela. Devemos a ele parte de nossa compreensão. A última vez que o vimos, ele disse que faria uma longa viagem por mar e que não sabia o quanto demoraria em retornar. Ele disse que ia atrás das Árvores Sagradas.

Deborah pôs a mão no ombro da trêmula mulher e sorriu.

— Quando ele chegou até nós, as Árvores tinham apenas dez anos. Foi preciso aguardar seu amadurecimento, por isso ele não voltou. Ele ficou em Hedhen para ajudar a fortalecer as Duas Oliveiras. O meu coração diz que, nesse momento, ele já deve estar voltando para vocês.

— Como pode saber? – Perguntou outra mulher. – Por que seu coração não pode ser enganoso?

— Porque uma das Árvores, como eu já falei antes, é minha filha. E o meu coração está ligado ao dela.

Joanna repetiu o gesto de Deborah e pôs sua mão sobre o ombro dela com firmeza.

— Eu acredito em você – ela falou com lágrimas nos olhos e voz trêmula. – Por tudo o que a Profecia representa, eu acredito em você.

Joanna as acompanhou até uma saliência ao lado da cachoeira. Era um espaço pequeno e reservado, mas invisível para os olhos que poderiam estar escondidos na escuridão da floresta. No alto, o céu estrelado e com uma pálida lua crescente estava belo e digno das mais belas poesias. Não lembrava nem um pouco a tempestade que caíra durante o dia. Joanna as convidou a sentar. Ela olhava para as duas com um olhar respeitoso e cheio de admiração.

— Entre nós ainda há muitas vozes discordantes. Muitas das anciãs acreditam que as mulheres devem depender dos homens para tudo, até mesmo para aprender. No entanto, a nós também foi

dada a função de perpetuar o conhecimento da Profecia. Quando os homens entre nós não passam de crianças, a sabedoria da idade deve contar, mesmo que venha de mulheres. Foi por isso que eu as trouxe até aqui. Eu mesma lhes contarei o que desejam saber, mas sinto que talvez não saiba o suficiente.

— Até acordarmos nesta terra, não sabíamos que nossas vidas estavam entrelaçadas na Profecia de uma forma tão direta – falou Deborah. – Quando Eliah nos falou sobre as guerreiras que eram citadas na Profecia, nos surpreendemos porque foi algo novo para nós. Agora, tudo o que pedimos é uma direção. O que nós temos que fazer?

— Os fragmentos que se encontram em nosso poder falam dos sinais que surgirão, antecedendo a vinda das Árvores Sagradas. Um desses sinais fala de guerreiras que surgirão do vazio. Outro sinal é o reacender das Chamas de Anatolya. É por isso que não temos nem guerreiras e nem sacerdotisas em Nod. Abadom ordenou a morte de todas elas há muito tempo. Apenas uma sacerdotisa verdadeira, nascida com o dom, pode reacender aquelas chamas.

— Acreditaria se eu lhe dissesse que existe uma sacerdotisa viva? – Perguntou Jael. – Eu não me surpreenderia se ela já

estivesse a caminho de Nod.

O queixo de Joanna quase caiu. A mulher pôs as duas mãos cobrindo a boca.

— Se isso for verdade, há esperança no futuro, minhas filhas.

— Então, as guerreiras foram perseguidas para não servirem de sinal para aqueles que conheciam a Profecia? – Perguntou Deborah.

— Isso mesmo. No entanto, o papel de vocês duas parece ser bem maior do que apenas servirem de sinais. Aquela história da Luz foi muito intrigante, mas infelizmente os fragmentos que se encontram conosco só falam dos sinais. Eu posso direcionar vocês para outro grupo, cujos fragmentos falam dessa parte.

— Eu não entendo... Por que vocês fragmentam o conhecimento? – Questionou Jael. – Não seria mais proveitoso trocarem as informações entre si, para que cada um tivesse o conhecimento completo?

— Nós já tentamos fazer isso, filha. Mas os mensageiros geralmente eram descobertos e os pedaços da Profecia acabavam perdidos ou queimados. Decidimos que seria assim por enquanto. Cada grupo se ocupando da parte que lhe coube.

— E onde nós podemos encontrar esse grupo de que fala? —
Deborah não queria parecer ansiosa.

Joanna fechou os olhos e suspirou.

— Em Parthenos, a Ilha-Prisão.

Deborah e Jael trocaram um olhar inseguro.

— Deve existir outro grupo... — Jael argumentou.

Joanna sorriu tristemente.

— Eu sinto muito, mas os fragmentos não se repetem. Foram divididos há muito tempo e não existem cópias de um mesmo fragmento. Apenas um grupo possui o que vocês procuram, e este grupo se encontra em Parthenos.

— E como nós chegamos lá? — Deborah não queria desistir. —
Deve haver algum meio de chegar até aquela ilha.

Joanna olhou firme para as duas mulheres.

— O único meio de chegar a Parthenos é na condição de prisioneiras. Não há outro modo.

Capítulo 3

Apolo, o Sacerdote

O navio, agora solitário, seguia por um mar desconhecido. Era o mar de Nod. O dia havia chegado com o céu limpo e um sol brilhante. O vento marinho insuflava as velas e fazia a embarcação seguir mais rápido em direção a um amontoado de ilhas que se viam na distância.

— A primeira ilha que encontrarmos – comentou Héber. – Foi isso o que Áquila nos falou. Mas são tantas!

— Calma, meu amigo – Barak falou ao seu lado, junto à amurada. – Uma delas será a primeira.

Héber olhou em volta.

— Onde está Noa? Ela não poderia discernir qual delas é a nossa ilha?

— Deixe-a descansar, Héber. Tudo isso está sendo muito difícil para ela. É quase a mesma sensação que eu tive quando o sinal do sol surgiu em mim. Sentia-me perdido e sobrecarregado

com uma responsabilidade que eu não compreendia. Nathan precisa cuidar dela e prepará-la. Além disso, nós somos os Luminares, e ainda sinto minha luz. Ela não diminuiu como Áquila achou que aconteceria. Podemos encontrar a ilha por nós mesmos.

Héber suspirou resignado.

— Eu também sinto a luz dentro de mim. Nada mudou. Talvez a Profecia se referisse à luz de Deborah e Jael, que deverá ser restaurada no final, por algo que as Árvores irão fazer.

— É isso o que eu penso.

Sarah havia subido no mastro assim que as ilhas surgiram no horizonte. Ela perscrutava, com seus olhos gaditas, a terra de Nod. Era o primeiro contato que teriam com aquela terra e a sensação era mais que excitante. Uma parte do mundo antigo jazia diante deles, intocada pela luz dos Tronos. Uma terra que precisava ser arada, cuidada e restaurada. Era expectativa e não excitação. Ela apurou a vista ao ver algo diferente. A primeira ilha, a que estava mais próxima deles, era uma ilha pequena com vegetação esparsa. Mas dela subia uma fumaça branca. Sarah podia distinguir, mesmo à distância, formas humanas enfileiradas na praia.

— Barak, eu acho que encontrei a nossa ilha! – Ela gritou para baixo.

Todos se acercaram da amurada. A fumaça agora já era visível para todos, assim como as formas humanas iam ficando mais claras e definidas. Sacerdotes! Uma dúzia deles! Nod lhes dava as boas-vindas.

Eles aportaram o navio no píer de madeira que se estendia para o mar como um pequeno porto. A ilha tinha muitos rochedos à sua volta, e estes serviam para manter o píer escondido de navios que passavam por ali, o que era muito raro, pois apenas aqueles que conheciam a existência do portal se aventuravam tão longe.

Barak e Héber caminhavam na frente do grupo em direção aos sacerdotes que aguardavam na praia. Nathan e Noa vinham logo atrás. Os outros ficaram aguardando junto ao navio. Um dos sacerdotes se destacou do grupo e foi ao seu encontro, sozinho. Era um homem corpulento, de pele morena, olhos risonhos e barba rala. Ele parou diante de Barak e abriu os braços com um grande sorriso.

— Eu posso ver a luz que o acompanha, meu filho. Seja bem-vindo a Nod.

Barak deixou-se abraçar pelo simpático sacerdote. O homem era grande e tinha os braços firmes, o que deixou o rei sem fôlego.

— Eu suponho que seja o sacerdote Apolo – ele conseguiu falar.

— Sim, sim. Eu aguardo vocês aqui todas as manhãs, desde que Áquila se foi.

Héber arregalou os olhos.

— Mas isso já faz...

— Sete anos de espera – concluiu Apolo. – Desde que a chama começou a arder esse vem sendo o nosso ritual diário. Vimos, durante esse tempo, navios irem e virem, mas nenhum deles era o que aguardávamos. Quando suas velas surgiram no horizonte, porém, foi diferente. Uma nuvem luminosa os cercava, protegendo-os e trazendo-os em nossa direção.

Nathan retirou da bolsa o cinto que Áquila havia deixado com eles.

— Não sei se isso ainda é necessário, mas Áquila nos mandou lhe entregar.

Apolo pegou o cinto e sorriu.

— Sempre precavido. Áquila não queria que houvesse dúvidas nesse encontro. Esse foi um sinal que combinamos quando

ele partiu. Acredito que ele tenha voltado e que esteja, nesse momento, seguindo um caminho diferente. Estou certo?

— Completamente – respondeu Nathan.

Apolo guardou o cinto e seus olhos pousaram em Noa. Atendendo ao pedido de Nathan, ela havia colocado um manto cor de vinho com capuz, enfeitado com um cordão dourado. Era, segundo ele, a roupa que uma sacerdotisa usaria para se apresentar. Ela quis argumentar que não precisava daquilo, mas Nathan foi categórico. Na qualidade de seu conselheiro naquela viagem, ele havia tido longas conversas com Áquila, e este lhe havia contado tudo sobre as sacerdotisas de Nod. O cabelo castanho de Noa, com uma leve tendência para o ruivo, dava um contraste mais vivo ao vinho e ao dourado da roupa, principalmente à luz do sol. Apolo fez uma reverência diante dela, visivelmente surpreso e encantado.

— Eu não esperava ter o prazer de ver uma sacerdotisa viva, mas eis que a tenho diante de mim.

— Uma sacerdotisa que ainda tem muito que aprender aqui, senhor – ela respondeu.

— Sou seu subordinado. Não me chame de senhor.

Antes que ela replicasse, ele ergueu um dedo da mão.

— Que esta seja sua primeira lição: nós, sacerdotes, estamos debaixo de seu comando, e essa é uma condição que exercemos com prazer. Sua presença aqui nos traz uma nova esperança.

Ela respirou profundamente e sorriu.

— Que seja então, sacerdote Apolo.

Ele sorriu satisfeito e indicou a praia com um gesto.

— Venham e tragam o restante de seu grupo. Precisamos conversar sobre a jornada que nos espera. Venham conhecer os sacerdotes que ainda restam em Nod e descansar um pouco em nosso humilde abrigo. Logo estaremos ocupados demais para fazer isso.

Apolo não havia exagerado ao falar do “humilde abrigo”. O local estava localizado entre as poucas árvores tropicais existentes na ilha. Um pequeno bosque que poderia muito bem ser confundido com um grande jardim. O abrigo, que era um lugar amplo, não tinha paredes e ostentava uma forma circular. O telhado era de palha e o piso de madeira. Havia tapetes espalhados pelo chão e um doce aroma de incenso perfumava o ar. Em um dos cantos, uma mesa estava sendo posta com frutas e peixes em abundância. Apolo os convidou a sentar nos tapetes.

— Todos vocês vivem aqui? – Perguntou Nathan.

Apolo riu.

— Eu, na verdade, chamo esse lugar de Posto de Vigia. As verdadeiras habitações estão cavadas embaixo dessa estrutura. A abertura foi criada de tal forma que apenas quem conhece seu segredo a pode descobrir.

Héber sorriu.

— Isso é bem típico dos sacerdotes.

Apolo voltou-se para Barak.

— Podemos conversar enquanto a mesa está sendo preparada. Acredito que vocês estejam cheios de perguntas. Quem será o primeiro?

Barak trocou um olhar com os outros. Ele sabia que a pergunta que estava em sua mente representava a dúvida de todos.

— Fale-nos sobre Anatolya.

Apolo cruzou as mãos e as levou até o queixo com um suspiro.

— A região de Anatolya, nos dias anteriores à Era das Trevas, era conhecida como a Terra dos Sacerdotes. Suas cidades eram sagradas e recebiam a visita de pessoas que para lá corriam em

busca de conselhos. Quando o exército de Abadom a invadiu, vindo do Oeste, muitas cidades pequenas caíram e as sete principais cidades foram tomadas à força, conquistadas pela Ordem Negra.

Ele fez uma pausa e olhou para Noa com reverência.

— Os Santuários das Chamas estão localizados nessas cidades. Hoje, eles são vigiados por grupos de magos que se dedicam a descobrir, através dos estudos feitos em nossos antigos livros, as ferramentas que podem ajudar Abadom em sua sede de conquista. São cidades decaídas, assoladas pelo medo, pela corrupção e pela violência.

— Qual é a verdadeira importância das Chamas para a nossa causa? — Noa perguntou.

— As Chamas representavam o poder dos sacerdotes através da sabedoria direcionada pela sacerdotisa de cada cidade. Elas detinham o conhecimento de todos aqueles livros e da própria Profecia. Quando as sacerdotisas foram mortas e as Chamas apagadas, os sacerdotes perderam seu poder e começaram a ser caçados pela Ordem Negra. É por isso que estamos aqui, nos escondendo nesta longínqua ilha e vivendo embaixo da terra. Aguardamos o dia em que as Chamas voltarão a brilhar.

Maalá, que até então ouvia tudo em silêncio, não pôde deixar de comentar em tom pesaroso:

— Um mundo onde o poder dos sacerdotes é nulo... Desculpe-me, mas não consigo imaginar isso. Se não fosse o conhecimento e a sabedoria de nossos sacerdotes, em Hedhen, a luz dos Tronos jamais teria voltado a brilhar novamente.

— Você diz uma grande verdade, Maalá – respondeu Barak. – Nós, os Luminares, andaríamos às cegas sem a orientação deles.

— Abadom conhece o poder da Profecia e o teme. Por isso, ele quis garantir que a voz dos sacerdotes e das sacerdotisas fosse silenciada. Ele não quer que o poder sacerdotal reine nessa terra porque ele pode fazer a memória do povo acordar novamente – concluiu Héber.

— É exatamente isso, meu rapaz – concordou Apolo.

— Quais são os nomes dessas cidades? – Perguntou Nathan.

— Há duas muito importantes, pois são portos usados pela Ordem Negra. Héfer e Myrne. São cidades bastante povoadas e militarmente preparadas. As outras estão localizadas no interior da região. Uma está na encosta de um vulcão e chama-se Berga. Ela marca um limite entre as cidades-santuário, por estar localizada em um lugar de muita energia. As outras são Tyro, Sardos, Philos e

Laos. Há muito tempo não temos notícias delas. Mas teremos muito tempo para falar de cada uma. Agora, eu sugiro que comam algo para fortalecer seus corpos.

— Antes de comer, eu tenho outra pergunta para você, sacerdote – Barak o pegou pelo braço antes que levantasse.

Apolo voltou a sentar-se sem demonstrar impaciência.

— Áquila nos contou que aqui em Nod nossa luz não teria nenhum poder, exatamente por causa do esquecimento do povo quanto à Profecia, ou seja, por causa da magia criada pelos magos de Abadom. No entanto, eu e Héber a sentimos em nós com a mesma força de sempre. O que Áquila não sabia?

Apolo o olhou com curiosidade e visível surpresa.

— Ele não estava errado em suas suposições. Era exatamente isso que todos nós achávamos. Saber que sua luz continua viva e forte aqui em Nod é, para mim, desconcertante. Acreditávamos que apenas através do que as Árvores fizessem, através de sua missão, essa luz iria aumentar gradativamente.

— Apolo, a Profecia tem muitas maneiras de ser interpretada, não é? – Perguntou Héber.

— Acha que erramos em nossa interpretação? – Apolo não se sentiu ofendido. – É possível, meu filho. Afinal, também somos

levados pelas nossas emoções, e isso, às vezes, turba o nosso entendimento.

O sacerdote ficou em pé, extremamente pensativo.

— Em nossa Profecia existe a referência a uma Portadora da Luz, e sua tarefa, pelo que entendemos em nossos estudos, é exatamente custodiar essa luz que há de ser derramada sobre nós, liberando-a quando for o tempo.

Barak sorriu e também se levantou.

— Então, tudo está ficando mais claro, Apolo. Acho que podemos ajudá-lo na interpretação.

Barak, de uma forma clara, mas resumida, fez um relato da última batalha em Hedhen, sem esquecer de mencionar o cativo de Deborah e Jael e a escolha que fizeram ao final, para fechar o portal e impedir que uma Profecia corrompida, mas com autoridade legal, ditasse as novas regras para ambos os mundos.

Apolo estava boquiaberto ao final da exposição.

— Então, elas estão aqui e sem sua luz! Duas guerreiras surgindo do nada, perdidas em um mundo hostil, buscando aquilo que lhes pertence... – o homem parecia perdido nas próprias reflexões.

— Isso lhe diz alguma coisa, Apolo? – Noa perguntou. – Vejo um novo brilho em seus olhos.

Ele pareceu despertar à voz da Sacerdotisa.

— Nossa Profecia fala de duas guerreiras que surgiriam do nada e mudariam a vida das pessoas. Elas seriam os principais sinais de que as Árvores estariam a caminho. No entanto, pelo visto, elas são mais do que apenas sinais. É à luz delas que a Profecia se refere – ele olhou em volta. – A Portadora da Luz está entre vocês? – Seu olhar percorreu as mulheres do grupo e se deteve em Maalá.

— Não sou eu, sacerdote – ela respondeu. – Mas a Portadora está em Nod. Ela viaja com as Árvores.

Apolo parecia perturbado.

— Ela não pode ficar com as Árvores o tempo todo! A luz deve ser encontrada pelas guerreiras. Isso quer dizer que seus caminhos devem se cruzar.

— Qual é exatamente o papel das Árvores e da Luz na Profecia de Nod? – A pergunta veio de Nathan.

Apolo suspirou.

— Vocês tiveram, em Hedhen, uma Profecia que estava selada, estou certo?

— Sim – respondeu Nathan. - Ela continha o final da Profecia que só deveria ser revelado no momento certo.

O sacerdote voltou a sentar-se, abatido e cansado.

— Quando Abadom lançou sua magia sobre o povo, os sacerdotes também foram atingidos. Com o apagar das Chamas de Anatolya, o conhecimento final fugiu de nossas mentes. Ele não está escrito na Profecia, mas foi revelado a nós, através dos Primeiros Luminares, e isso foi passado de sacerdote para sacerdote, por gerações.

— Isso quer dizer que enquanto as Chamas não forem acesas novamente, ninguém saberá o que fazer para deter o mal e derramar a luz sobre a terra? – Noa sentia a responsabilidade. – A Profecia depende disso?

— Isso mesmo, minha senhora – respondeu Apolo.

Ele respirou fundo e perguntou sem se dirigir a ninguém em particular.

— O que faz com que a luz das guerreiras seja diferente? Por que elas foram escolhidas para ter sua luz roubada, a fim de abrir um portal entre as duas terras?

— Elas nasceram com os sinais noturnos gravados em suas costas – respondeu Barak. – O meu é um sinal poderoso, mas não

nasci com ele, embora estivesse oculto. Acredito que, se o meu caráter tivesse tomado um rumo diferente, ele não teria surgido em mim, mas encontrado alguém mais digno.

Apolo balançou a cabeça e sorriu.

— Agora começo a compreender. A Profecia utiliza os meios mais simples para cumprir seus propósitos. Nós é que complicamos tudo. A luz solar é a mais forte a ser sentida por nós. É a luz que traz a vida. No entanto, são as luzes noturnas que nos ajudam a enxergar nas trevas. São elas que devem ser derramadas em um mundo de escuridão.

Com um bater de palmas, ele recobrou o alento e abriu um sorriso maior.

— Já conversamos demais, meus amigos. Vamos comer e usufruir de um pequeno descanso enquanto nossa jornada não começa.

A pequena ilha poderia ser também um pequeno paraíso. A tranquilidade que reinava ali, diante daquele mar de águas transparentes, parecia distante do mundo real. Sangar havia conseguido fugir com a esposa, esquivando-se dos olhos de um bando de sacerdotes curiosos e ansiosos. Eles procuravam organizar

uma assembleia ainda naquela noite para ouvir a Sacerdotisa. Noa estava cansada de tudo aquilo e, depois das palavras de Apolo que diziam respeito à verdadeira função das Chamas dos Santuários, ela só conseguiu ficar mais inquieta. Aproveitando um momento de discussão entre os homens, ele a pegou pela mão e arrastou-a sem resistência para a praia. Eles assistiram o pôr do sol de mãos dadas e, depois de averiguar o isolamento do lugar em que se encontravam, fizeram amor quando as primeiras estrelas surgiram. No momento, eles estavam deitados na areia, sentindo a brisa fria e escutando o barulho do mar.

— Eu cometi um crime – ele falou, sentindo o cheiro dos cabelos dela próximo ao seu rosto. – Sequestrei a Sacerdotisa de Nod.

— Quando estou com você, sou a Senhora da Floresta, Rainha de Quedes, ou apenas Noa.

— Eu gosto de ouvi-la dizer isso.

Ela virou-se para ele, apoiando-se em um braço.

— Será que não podemos esquecer essa história de títulos e posições?

Ele olhou para ela e passou os olhos pelo seu corpo nu junto ao dele.

— Não será difícil fazer isso – ele respondeu com um sorriso malicioso.

Beijaram-se longamente e Sangar a fez novamente sua. Ele queria fazê-la esquecer das preocupações, queria fazê-la feliz.

— Por favor, Sangar... Sequestre-me quantas vezes quiser – ela sussurrou em seu ouvido.

Ele ia beijá-la de novo, quando olhou para cima e viu o brilho de tochas se aproximando na distância.

— Acho que eles estão à sua procura – ele suspirou.

— Eles são rápidos em seguir rastros – ela falou.

Não havia escolha. Eles vestiram-se com rapidez e caminharam em direção ao grupo que se aproximava. Eram apenas meia dúzia de sacerdotes, que haviam sido incumbidos com a tarefa de encontrar a Sacerdotisa. Ao verem Noa, eles fizeram uma reverência.

— Minha senhora, acompanhe-nos, por favor – disse um deles. – A Assembleia já está reunida e aguarda sua presença.

Ela franziu o cenho. Nunca haviam feito reverência para ela antes. Afinal, o que seria aquilo? Um sonho maluco do qual ela ainda não acordara? Ao sentir o aperto da mão de Sangar, ela se recompôs.

— Mostrem-me o caminho então, meus amigos.

A palavra “amigos” pareceu ter soado estranha para eles, pois o grupo trocou olhares confusos. No entanto, eram olhares que também demonstravam agradecimento. Uma líder que chamava seus subordinados de “amigos” era algo novo em Nod.

Quando eles chegaram ao abrigo, Nathan os aguardava na porta. Sangar soltou a mão de Noa e sorriu para ela, tranquilizando-a.

— Essa é uma reunião de sacerdotes, Noa. Você deve voltar aos títulos, porque agora o momento exige isso. Vou procurar Barak e Héber. Precisamos organizar tudo para a viagem.

Ela concordou e respirou fundo, caminhando para Nathan. O pequeno sacerdote a acolheu pela mão e a introduziu na Assembleia.

Pela manhã, novos suprimentos foram levados para o navio. A partida se daria ainda naquele dia, antes do anoitecer. Noa parecia mareada pela noite mal dormida. Os sacerdotes, segundo Nathan, a submeteram a testes semelhantes aos que eles fizeram antes da guerra contra Jabim. Satisfeitos, liberaram-na quando o sol estava para nascer. Barak a ordenou que entrasse no navio e

ficasse lá, descansando até a hora da partida. Pela primeira vez, ela aceitou com bom grado uma ordem que visava seu próprio bem-estar.

Com o navio pronto, Barak e Héber aguardavam o sacerdote Apolo, que se despedia dos companheiros. Era uma despedida difícil. A despedida de um irmão que estava por se lançar em um caminho desconhecido cujo fim poderia ser inesperado. Apolo chegou-se a eles com os olhos vermelhos enquanto arrastava com dificuldade o pesado saco de sua bagagem. Héber o pegou, ignorando os protestos de Apolo.

O navio saiu para o mar assim que os três homens embarcaram. O dia estava claro, o vento soprava forte. Houve silêncio enquanto eles viam a pequena ilha se afastar, deixando para trás aquele que seria, talvez, seu único porto seguro. Apolo sentou-se sobre um caixote, ainda com o aspecto desolado.

— Não pensei que seria tão difícil – ele suspirou.

Barak sentou-se ao seu lado.

— Despedidas são sempre difíceis, não importa qual seja a situação.

— Há muito tempo esperamos por esse momento, e agora que ele chegou, é como se fosse um sonho... Acho que ainda

precisamos acordar!

Eles riram. Barak logo percebeu que Apolo, apesar do tamanho, era um homem sensível e dócil. Parecia-lhe diferente de qualquer um dos sacerdotes que já conhecera. Ele não esquecia que, por trás daquele título, também era um homem como qualquer outro, fadado aos sentimentos que invadem qualquer coração. Faltava-lhe um pouco da arrogância natural que os sacerdotes possuíam em si, mesmo o mais bem-intencionado, como era o caso de Otoniel.

— Para onde vamos agora? – Barak perguntou.

O olhar de Apolo vagou pelo horizonte enquanto ele analisava mentalmente a rota de sua jornada.

— Os Sete Santuários nos esperam. Héfer e Myrne são portos movimentados, cheios de patrulhas e soldados aquartelados. Seus santuários são bem guardados. As chamas sagradas daquelas duas cidades são muito bem vigiadas. Acendê-las será um grande risco.

— Parece-me que não vai ser uma tarefa nada fácil para um grupo como o nosso.

— Isso é um fato, meu rapaz. Não podemos tomar as cidades portuárias sem ter uma força à altura.

Barak pegou uma vara de madeira que estava encostada ao caixote e começou a fazer desenhos imaginários no chão.

— Vamos supor que esta seja a costa de Anatolya – ele falou, percebendo que Apolo o observava atentamente. – Aqui e aqui – ele apontou lugares diferentes com a vara – ficam Héfer e Myrne. Como você mesmo nos explicou, as outras cinco cidades estão localizadas no interior. Até que ponto elas são guardadas?

O rosto de Apolo ficou sombrio.

— Destas, apenas os santuários permanecem em pé, guardados por forças ocultas geradas pelos que ficaram com sua custódia. As cidades que lhes deram os nomes há muito tempo foram abandonadas. Como eu disse antes, poucas notícias temos sobre elas.

Barak não pareceu se abalar com a informação.

— Então, seguiremos para um porto qualquer que nos proporcione uma rota direta para uma dessas cidades. Conquistaremos o interior e começaremos a restaurar as forças dos sacerdotes de Nod aos poucos. Quando chegar a vez das cidades portuárias, já teremos o apoio que vamos precisar.

— Você pensa rápido, Rei de Hedhen. No entanto, não esqueça uma coisa... As forças que protegem os santuários do

interior podem ser mais perigosas do que mil soldados de Abadom.

— Esta será a nossa rota – Barak foi categórico. – Tente lembrar o nome de um porto que possamos usar sem causar suspeitas.

— Conheço muitos que podem ser usados.

— Isso é uma boa notícia, Apolo!

O sacerdote, longe de participar da alegria do rei, colocou a pesada mão sobre o ombro dele.

— Mantenha sua mente ativa, rapaz, mas não deixe de aliviar seu coração. Sei que é o rei, mas também é um marido e um pai. Você sofre, mas busca ocupar a si mesmo com outros assuntos para não ter que encarar a tristeza. Encare-a, Barak! Quanto mais limpo estiver seu coração, mais fácil será para nós enfrentarmos as forças que residem nos santuários. As forças ocultas podem usar sua fraqueza contra você, não esqueça isso.

Barak assentiu com seriedade.

— Vou lembrar-me de seu conselho, Apolo.

Capítulo 4

A Vigilante

O tempo esfriou nas montanhas e uma névoa fria desceu cobrindo a floresta e os rios. O tornozelo de Deborah já estava praticamente sarado, mas o clima não lhes deixava outra saída, a não ser esperar que a névoa se dissipasse. Jael recusava-se a adotar a ideia de Joanna. Um novo cativeiro não fazia parte de seus planos, mesmo que este parecesse ser o único meio para alcançar seus objetivos. Deborah preferiu não se pronunciar antes de refletir com calma. Ela sentou-se em uma das pedras que rodeavam a caverna onde as anciãs se reuniam. Havia trocado as roupas e percebeu que, apesar de grosseiras, eram extremamente confortáveis, principalmente no frio. O recinto estava vazio e pouco iluminado. Ela sentia-se melancólica. Sofria pela falta de Barak, de Eva, da luz e também de sua comunhão com o Pai. Ali, naquela terra estranha, ela parecia ser invisível para ele também. Não conseguia senti-lo, ouvi-lo. Seria tão mais fácil se pudesse apenas ouvi-lo...

— Também gosto de vir aqui para pensar.

Deborah levantou-se, assustada. Uma das anciãs, a mais velha, estava parada ao seu lado, apoiada em uma bengala.

— Eu não a vi chegar – ela tentou explicar o próprio susto.

A mulher sorriu e apontou para a pedra.

— Sente-se, minha filha. Não vim para atrapalhar o rumo de seus pensamentos. Apenas entrei aqui, talvez pelo mesmo motivo que você entrou. Para pensar. Você e sua irmã me deram muitos motivos para isso, sabia?

Deborah sorriu e voltou a sentar.

— Sente-se comigo, minha senhora. Como se chama?

— Manisa.

A velha sentou-se com um gemido e depositou a bengala sobre a pedra ao lado.

— Sinto-me honrada por sentar ao lado de uma rainha.

— Não sou mais uma rainha – a resposta amargurada de Deborah provocou uma reação de surpresa na mulher.

— Não deve dizer isso! – Manisa tocou-lhe o antebraço com ternura. – Se o Pai Ihes permitiu chegar até aqui, é porque existe um objetivo a ser cumprido. Ou será que não foi difícil cumprir a Profecia de Hedhen?

Deborah sorriu e baixou a cabeça.

— Foi difícil. No entanto, sabíamos para onde dirigir nossos passos. Agora é diferente... Não faço a menor ideia do que fazer!

Manisa soltou um suspiro.

— Eu fiquei sabendo que Joanna Ihes indicou o caminho.

Deborah assentiu.

— Esse é o problema. Parthenos, pelo que sei, é uma ilha-prisão. A última coisa que precisamos é ficar presas em qualquer lugar de Nod. Não acho que sacrificar a nossa liberdade seja o preço certo a pagar. Que chances nós teríamos de escapar?

— Talvez exista outra maneira... Não desista de tentar. Infelizmente, Joanna Ihes passou a informação certa. É lá que se encontra o único grupo que tem a posse dos fragmentos que falam da luz. Não o conseguirão em outro lugar.

Deborah ficou em silêncio, olhando para as próprias mãos.

— Você poderia me responder a uma pergunta? Uma das coisas que vocês disseram naquela reunião despertou a minha curiosidade.

— Pergunte. Se eu puder, ficarei feliz em responder.

— Vocês disseram que as Árvores são seus filhos. Mas como isso é possível? Olhando para vocês... Imagino que seus filhos sejam ainda crianças! Nós sempre imaginamos que seriam dois jovens com idade suficiente para realizar tudo o que a Profecia requer. Estou confusa.

Deborah sorriu ao olhar para a mulher.

— Eles farão dezessete anos logo. Estão prontos para cumprir o que a Profecia exige.

Apesar da falta de luz, ela percebeu como os olhos de Manisa se arregalaram.

— Dezessete anos? Mas, então, vocês teriam que ter pelo menos quarenta anos! No entanto, não aparentam nem mesmo ter chegado aos trinta!

— Isso faz parte do milagre que o cumprimento da Profecia nos trouxe. A longevidade. O crescimento ocorre de uma forma natural, mas parece parar quando se chega á idade adulta. Os mais velhos adquiriram forças em seus corpos frágeis e o processo de passagem dos anos é quase imperceptível. Um dia, quando minha filha chegar à idade que eu tinha quando a Profecia foi cumprida, seremos quase como irmãs em nossa aparência. A diferença talvez seja a de uma irmã mais velha para a mais moça.

Manisa parecia maravilhada.

— Isso também aconteceria em Nod?

— A Profecia foi feita com a finalidade de um dia as duas terras tornarem-se uma novamente. As bênçãos de Hedhen deverão ser derramadas sobre Nod. Mas, para isso acontecer, acho

que vamos ter que enfrentar um novo cativo para descobrir o nosso caminho.

Antes que Manisa pudesse responder, um barulho que vinha da caverna principal chegou até elas. A anciã ficou trêmula e Deborah pôs a mão no seu ombro, impedindo-a de levantar-se.

— Fique aqui. Eu vou ver o que está acontecendo.

Quando Deborah chegou à caverna principal, de espada na mão, viu que Joanna tentava acalmar Eliah. O homem parecia enlouquecido na porta da caverna. Ele segurava pelos cabelos uma moça que, pelo traje que vestia, parecia ser uma caçadora. Ela tinha as mãos amarradas nas costas e um hematoma na testa. Apesar da dor que devia estar sentindo pelo aperto de Eliah em seus cabelos, ela mantinha uma postura arrogante que transparecia no olhar. O capuz havia caído sobre os ombros e os cabelos loiros, puxados por Eliah, eram lisos e finos. Os olhos verdes pousaram em Joanna, confiantes.

— Solte-a, Eliah – pediu a mulher.

O homem grunhiu de forma selvagem, antes de responder.

— Ela é uma Vigilante! Estava rondando a caverna quando a encontrei.

Joanna suspirou.

— Eu sei quem ela é. Solte-a, eu lhe imploro.

Como resposta, Eliah jogou a moça para frente. Ela caiu de bruços, enquanto ele erguia um bastão que tinha na outra mão. Jael se colocou na frente e segurou o bastão antes que Eliah desferisse o golpe.

— Controle-se, Eliah! O que deu em você?

Ele a olhou com os olhos injetados pela raiva.

— Os Vigilantes mataram minha família! – Ele gritou.

Jael piscou aturdida, mas não largou o bastão.

— Eu lamento por isso, meu amigo, mas isso não nos dá o direito de responder do mesmo modo.

Eliah olhou para a moça no chão, que tentava se ajoelhar, e bufou.

— Eu a matarei se tiver oportunidade – ele falou entre dentes.

— Então, eu sugiro que saia e se acalme – Jael falou num tom calmo e controlado. - Há muitas pessoas aqui para cuidar dela.

Eliah largou o bastão com Jael e saiu através da água sem olhar para trás. Joanna abaixou-se e desamarrou as mãos da moça. Para a surpresa de todos, elas se abraçaram longamente. Deborah

e Jael trocaram um olhar confuso diante da cena. Apesar da surpresa, aquele povo parecia conhecer a situação. Quando Joanna e a moça se ergueram, a mulher olhou para as duas guerreiras e sorriu com lágrimas nos olhos.

— Essa é Zoe. Ela é minha neta e irmã de Malco.

— E uma Vigilante – disse o rapaz, cheio de amargura na voz.

Zoe pareceu ignorar a atitude do irmão e virou-se para Deborah, que se encontrava na sua frente.

— Eu tinha que vir. Segui o rastro de vocês a partir dos corpos dos Farejadores que deixaram para trás. Meu irmão nunca foi muito bom em encobrir pistas. Eu precisava saber o que estava acontecendo.

— E agora que parece saber de tudo, o que pretende fazer? – Perguntou Deborah.

Zoe sorriu.

— Na realidade, eu ainda não sei o que está acontecendo, mas espero que me digam. Tudo o que sei é que aquele maluco quase me matou. Ele seria um bom Vigilante, pois só percebi sua chegada quando já era tarde.

Jael jogou o bastão no chão e limpou as mãos na túnica.

— Nos dê um motivo para confiar em alguém que está nos caçando com escorpiões e Farejadores. Se for convincente, talvez consiga algo em troca.

Zoe olhou para a avó, que parecia ser a única pessoa que a aceitava naquele meio. Todos a olhavam com desconfiança e hostilidade. Deborah lamentou não conseguir penetrar no íntimo daquela moça, da mesma forma que fez quando Hadassa foi jogada na sua frente pelas mãos de Maalá e Milca. Naquela época sua visão profética era bastante aguçada. Mas, no momento, ela sentia como se algo a bloqueasse. Joanna passou o braço de forma protetora sobre os ombros da moça e a levou em direção da pequena caverna de reuniões. Deborah e Jael as seguiram.

Manisa levantou-se da pedra ao ver Zoe e abriu os braços para a moça, que se atirou entre eles.

— Graças ao Pai, você está bem! Ele tem guardado seus passos.

— Obrigada por não me odiar como os outros – Zoe falou com a voz embargada.

— Eles não conseguem entender...

Jael deu um passo à frente.

— E nem nós. Alguém pode, por favor, nos dizer o que está acontecendo?

Zoe enxugou as lágrimas e virou-se para elas.

— Eu não fiz parte do grupo que saqueou a aldeia – ela apressou-se em explicar. – Aquilo não foi obra dos Vigilantes, mas dos Mercadores. Abadom lhes solicitou mais escravos e eles começaram uma campanha de saques pela região.

— Havia escorpiões espalhados pelo chão – falou Jael.

— Os Mercadores também os usam. Não é mais uma prerrogativa nossa.

Joanna puxou Zoe até uma pedra e ambas se sentaram.

— Quando o grupo de Vigilantes chegou à aldeia, já era tarde. – Zoe começou a explicar. – Eu quis, na mesma hora, averiguar se alguém tinha conseguido escapar, mas a minha posição no grupo não permitiu. Eles ficariam desconfiados.

— E o que seu grupo buscava? – Perguntou Deborah.

— Vocês, eu acho. Não sou a líder do meu grupo, portanto as informações não chegam até mim com clareza. Mas, uma vez ou outra, eu podia ouvir a palavra “guerreiras” sendo sussurrada pelos líderes. Quando o Mago Vermelho nos enviou os Farejadores para ajudar na busca, eu comecei a desconfiar de que algo relacionado

com a Profecia estava acontecendo. Os Quatro não iriam se intrometer numa caçada se não fosse algo importante.

— Você desertou? – Joanna perguntou com certo temor na voz.

— Eu não tive escolha! Foi a minha aldeia que saquearam! Eu precisava descobrir o que estava acontecendo. E um dia isso ia acabar acontecendo.

Deborah podia sentir a verdade por trás das palavras de Zoe. Jael, no entanto, ainda se mantinha com sua habitual desconfiança.

— Eu esperei que todos estivessem dormindo e passei despercebida pelo vigia. Sei ser silenciosa quando quero. Quando cheguei à aldeia, procurei por todas as casas que sobraram em busca de alguma pista que me levasse aos sobreviventes, se eles existissem. Já estava quase desistindo quando vi os corpos dos quatro Farejadores. Mal pude acreditar que aqueles monstros estavam mortos! Eu desconhecia qualquer pessoa de minha aldeia que fosse capaz de matar um Farejador. Então, eu comecei a procurar pistas em volta dos corpos. Encontrei sinais muito sutis que me levaram até uma trilha que ia dar no rio. Achei a escadaria na parede de pedra e, quando descí, fui atacada por aquele louco. A

pancada na cabeça me deixou atordoada demais para reagir enquanto ele prendia minhas mãos. O resto vocês já sabem.

Jael apontou para o cinto da moça, de onde pendia uma pequena besta, apropriada para atirar as flechas letais.

— Você é uma guerreira – Jael foi categórica. – Como conseguiu sobreviver numa terra que mata as guerreiras, fazendo o papel de uma? E como soube quem nós éramos, se não tinha certeza de nada?

— Eles gostam do meu trabalho – foi uma resposta simples. – Sou boa no que faço e isso é útil para eles. Quanto ao fato de saber quem eram vocês, acho que isso é óbvio, não é? – Ela apontou para a espada que Deborah ainda segurava

— O seu povo não parece gostar muito de você – Jael provocou.

— Eu também não gostaria muito se estivesse no lugar deles e visse meu irmão trabalhando para o inimigo.

— E por que o faz? – Deborah perguntou.

— Foi uma maneira que eu encontrei de protegê-los, tentando manter essa aldeia longe das patrulhas o máximo que pude, encobrendo as pistas sempre que tinha oportunidade. Mas não tenho como impedir o avanço dos Mercadores.

Ela abaixou a cabeça e pôs as mãos sobre ela, num gesto de impotência. A realidade parecia ter se abatido sobre ela naquele instante.

— A verdade é que agora eu não sei mais o que fazer. Sou uma desertora e uma rejeitada pelo meu povo. Para onde vou agora?

Manisa aproximou-se e afagou as costas da moça.

— O seu lugar é aqui! Eles aprenderão a aceitá-la de volta.

Jael estendeu a mão com um sorriso.

— Eu peço desculpas pela minha atitude desconfiada, mas quando se está no lugar da caça, é necessário tomar muito cuidado.

Zoe sorriu e apertou a mão dela com firmeza. Ao virar-se para Deborah, porém, ela fez uma reverência meio desajeitada.

— Por que fez isso? Você não me conhece.

— O Ancião me falou sobre você e me fez prometer que lhe daria um recado quando a encontrasse – ela sorriu diante do aturdimento de Deborah. – Ele me mandou dizer que sua percepção não foi alterada, e que você só precisa voltar a confiar em si mesma novamente, Rainha de Hedhen.

Em resposta, Deborah a abraçou com força. A menção de Zoe ao Ancião a desarmou completamente.

— Zoe, você trouxe alívio ao meu coração com essas palavras.

— Fico feliz que tenha entendido a mensagem, mas me esclareça uma coisa: onde fica Hedhen?

Zoe estava sentada com Deborah e Jael, enquanto comia um prato de ensopado de legumes trazido por sua avó. Elas estavam no chão, em um canto da caverna principal.

— Como conheceu o Ancião? – Jael perguntou, lutando para conter a própria curiosidade.

— Ele sempre aparecia do nada quando eu mais precisava. Principalmente naqueles momentos em que eu me sentia solitária, lutando contra a minha própria consciência que me acusava de traidora. Vocês podem imaginar o que é participar, contra a vontade, do massacre e aprisionamento de pessoas cujo único crime foi o de acreditar na Profecia? Aquilo doía dentro de mim, mas eu precisava continuar para manter a patrulha longe de minha aldeia. Sempre que encontrávamos uma pista que poderia levar até a aldeia, eu procurava apagá-las sem que ninguém as visse.

Ela respirou de maneira profunda e colocou o prato de lado.

— Eu nunca lhe perguntei nada, mas sempre ouvi suas palavras. Ele me dava bons conselhos, e eu passei a sentir que alguém cuidava de mim. Uma noite, antes dos mensageiros dos magos chegarem com a ordem, ele me apareceu durante o meu turno de patrulha. Falou-me de coisas que estavam para acontecer, pois a Profecia fora despertada. Disse que eu deveria tomar coragem para defender o meu povo, mesmo que para isso eu tivesse que abandonar tudo. Fiquei aturdida, confusa. O que eu poderia fazer pela Profecia? Logo eu, uma simples Vigilante?

Deborah sorriu com o comentário.

— Você ficaria surpresa em saber que não é a única a fazer essa pergunta. O Pai geralmente escolhe com uma visão que não pertence a nós. Não conseguimos enxergar além da matéria que temos diante de nós, mas ele sim. Ele viu isso em você e não lhe cabe questioná-lo.

Zoe refletiu brevemente naquelas palavras e, em seguida, continuou a história.

— Ele me afastou do meu posto e quando estávamos em um lugar reservado, no meio de algumas árvores, ele tocou em meus olhos com uma de suas mãos. Eu cambaleei, mas ele não me deixou cair. Uma imagem se formou na minha mente – ela olhou

para Deborah. – Era você. Ele me disse que quando eu encontrasse o meu povo, você estaria entre eles, e que eu deveria lhe dar um recado. Aquele recado. Quando ele me soltou, eu abri os olhos meio zozona e perguntei quem era você. Ele me disse que você era a rainha de Hedhen, uma terra que eu não conhecia, e que você precisava ouvir aquelas palavras, assim como eu precisava ouvir as suas.

Quando ela terminou de falar, ouvi silêncio na caverna escura.

— São vocês as guerreiras mencionadas na Profecia, não são? É por isso que os Juizes estão movendo toda a Ordem Negra e cada grupo de Vigilantes existente para capturar vocês.

— Eles não querem nos capturar, Zoe – Jael respondeu com um sussurro. – Eles nos querem mortas.

Zoe deu um longo suspiro e olhou para a avó.

— Existe um motivo para eu ter voltado, e não foi apenas para ficar aqui. Eu nada faria, além de aumentar a hostilidade dos outros contra mim – ela voltou-se para Jael. – Existe algo que eu possa fazer por vocês? Acho que foi para isso que o Ancião me enviou.

— Nós precisamos entrar em Parthenos – Jael foi direta.

Zoe sobressaltou-se, piscando os olhos em confusão.

— Por que vocês desejam entrar naquele inferno?

Deborah fechou os olhos e recostou a cabeça na superfície de uma rocha.

— Precisamos conhecer os fragmentos que falam da luz. Sua avó nos disse que o único grupo que os possui vive em Parthenos. Quando foram capturados, eles conseguiram levar os fragmentos com eles, intactos.

— Isso é verdade? – Zoe perguntou para Joanna.

— Sim – a voz da mulher soou trêmula. – Aconteceu há alguns meses. Você estava longe com a patrulha, por isso não soube de nada. Os Mercadores levaram todos eles.

Zoe endureceu o semblante. Jael entendeu que ela lutava para não ceder à raiva. Por mais que tentasse, ela nunca conseguiria proteger a todos. Jael também compreendeu que aquele olhar duro e aquela expressão arrogante foram meios de defesa criados por ela mesma. Uma mulher jovem, sozinha, trabalhando por uma causa que não era a sua, em meio a homens que poderiam lhe causar danos em um piscar de olhos. Se ela não fosse boa em seu trabalho, já estaria morta há muito tempo. Mesmo assim, Jael preferia ignorar as provações que Zoe suportou.

— E como vocês planejam fazer isso? — Zoe perguntou tentando manter a calma. — Como planejam entrar naquela ilha?

Deborah abriu os olhos e a encarou.

— Pelo que soubemos de sua avó, a única maneira disso acontecer é se formos presas.

Zoe levantou-se.

— Esqueçam! Se vocês caírem nas mãos dos Mercadores, eles saberão de imediato quem são vocês, pois cada grupo caminha junto com um mago da Ordem Negra. Seria morte certa, não duvidem disso.

— Conhece algum outro meio? — Perguntou Jael, esperançosa.

— Sim, eu conheço — Zoe virou-se para elas e cruzou os braços. — As Sacerdotisas de Parthenos.

Deborah e Jael trocaram um olhar, enquanto Joanna ficava em pé e agarrava os ombros da neta.

— Aquelas bruxas seriam piores do que os Mercadores! O que você acha que elas seriam capazes de fazer?

— Eu não estou dizendo para elas entrarem como prisioneiras das sacerdotisas, mas como uma delas! — Explicou-se Zoe.

Jael e Deborah levantaram-se como uma só pessoa.

— Acho que gostaria de ouvir o seu plano – Jael falou. – Ele me soa bem.

— As sacerdotisas são as responsáveis pela aplicação da magia na ilha-prisão. Seus rostos são totalmente cobertos e é proibido a qualquer um, homem ou mulher, erguer o véu que lhes cobre, sob a pena de morte. Seria fácil para vocês se passarem por uma delas. Até mesmo os magos da Ordem Negra as evita.

Zoe virou-se para elas, ignorando o olhar de repreensão da avó.

— Eu posso guiá-las até as sacerdotisas, mas tem uma condição.

— Condição? – Deborah perguntou.

— Levem-me com vocês para Parthenos.

Joanna fez menção de interromper, mas Deborah ergueu a mão e ela parou.

— Por que faríamos isso? Já basta nossas vidas estarem em risco.

— Aquele grupo é um dos que eu me propus a proteger – Zoe falou, encarando a rainha. – Falhei com eles uma vez, mas não falharei de novo.

— Pretende tirar todo o grupo de lá? – Jael perguntou com incredulidade.

— Não, eu sei que algo assim seria impossível – Zoe respondeu em um tom mais calmo. – Eu só preciso do perdão deles... Será que vocês não entendem isso? Eu não estava aqui para protegê-los quando aconteceu. Muitos dos anciões daquele grupo me pegaram no colo, me contaram histórias e me acolheram em seu meio quando me tornei uma Vigilante, sendo rejeitada pela minha aldeia.

Deborah, após uma breve olhada para o rosto angustiado da avó de Zoe, tomou a decisão que julgou ser a certa.

— Você vem conosco, mas deve prometer que não vai tentar nada que venha a nos expor. Precisa controlar suas emoções.

Zoe sorriu.

— Posso parecer jovem, Majestade, mas tenho bastante experiência. Tudo o que precisa fazer é confiar em mim, se puder. Ainda sinto que seus corações vacilam.

— O fato de você conhecer o Ancião nos acalma, Zoe – Deborah explicou. – Apenas ele enviaria a mensagem certa para o meu coração, a fim de que eu continue firme. Você, por si só, não teria essa capacidade. No entanto, Nod é uma terra estranha para

nós – ela sorriu para Joanna. – Até mesmo as plantas daqui me são estranhas. É natural que a desconfiança nos acompanhe, mas isso não diz respeito apenas a você. Suspeitamos até das mudanças de clima que aqui ocorrem. Tudo é diferente.

Zoe escutou e ponderou com seriedade as palavras de Deborah.

— Nod é minha terra, mas é uma terra traiçoeira. A escuridão impera em cada região e a luz não encontra brechas para se manifestar. Hoje, sou uma fugitiva como vocês, e pela primeira vez vejo a oportunidade de fazer algo útil. Não quero abrir brechas, mas sim um caminho por onde a luz possa penetrar com força nessas trevas que nos envolvem. Vocês são as respostas para os meus anseios.

Jael pôs a mão no ombro dela e Zoe a encarou.

— Acredito em você, Zoe. Sinto em você o mesmo zelo que me dominou enquanto eu lutava pela liberdade de meu povo. Vamos abrir esse caminho juntas.

Jael olhou para Deborah e a irmã sorriu com aprovação. Zoe falava a verdade.

Capítulo 5

A Chegada das Árvores

Hadassa sentia-se enjoada. O navio, depois de passar pelo portal, havia feito apenas uma parada rápida para reabastecer os víveres numa pequena ilha. Áquila desceu com Hagai e, como bons negociantes, conseguiram o suficiente para encher a despensa até seu destino final. Ela olhou em volta e viu que não era a única que tinha o estômago dando voltas. Rute havia adquirido uma tonalidade esverdeada na pele e passava a maior parte do tempo encurvada na murada do navio, descarregando no mar aquilo que seu estômago rejeitava. Zacarias, um jovem criado junto às tendas e lugares ermos, conseguia disfarçar bem o próprio enjoo para impressionar Rute.

No momento, Hadassa se preparava para assumir seu posto no mastro do navio, aquele que não havia sido quebrado pelo ataque do pássaro gigante, mas hesitava por causa do balanço e da náusea.

— Deixe que eu faça isso — disse uma voz atrás dela.

Hadassa virou-se e viu uma Eva muito bem-disposta, cuja permanência em alto mar não havia causado nenhum desconforto.

— É o meu trabalho, Eva.

— Se seu trabalho, no momento, é apenas subir naquela caixinha lá em cima e olhar para o horizonte, eu posso fazer isso por você – Eva sorriu. – Por que não vai descansar um pouco? Talvez melhore do enjoo. Eu tenho certeza de que teremos muito trabalho de verdade quando alcançarmos a terra seca.

Hadassa suspirou e fechou os olhos.

— Esse navio vai acabar comigo – ela resmungou.

Eva começou a subir a escada de cordas que levava ao cesto do mastro.

— Você é feita de uma fibra dura e resistente, Hadassa. Mas precisa descansar mais, rastreadora. Eu preciso de você em forma quando chegar ao nosso destino.

Hadassa sorriu agradecida e foi em direção às cabines. Hagai estava sentado na cama, polindo as adagas de ambos e cantarolando. Ele parecia tão confortável quanto estava Eva. Quando ele ergueu os olhos e viu Hadassa, abriu um sorriso.

— Lembro-me de você ter dito, nas Cavernas do Sal, que nada a faria cair de cama novamente. Mas acho que você não contava com esse balanço constante.

— Que você parece adorar – ela completou em tom mordaz.

Ele riu alto enquanto ela sentava ao lado dele e fechava os olhos.

— Não ria de mim, Hagai. Eu ainda sou capaz de arrancar sua língua com minha adaga.

Ele a beijou rapidamente no rosto.

— Não enquanto ela estiver comigo, minha querida.

Ele afastou-se para que ela pudesse deitar, e então ficou parado contemplando-a com ternura. Queria esquecer o medo que sentiu após a batalha do Vale da Profecia, ao vê-la ferida, com o corpo machucado e destruído por dentro. A dor nos olhos dela o dilacerava. Durante sua recuperação, nas Cavernas do Sal, ele se alegrava com cada pequeno brilho de vida que via em seus olhos. E agora, ela estava ali com ele. Viva, forte, cujo único problema era apenas o enjoo de quem nunca havia entrado em um navio.

— Por que parou de cantar? – Ela perguntou ainda de olhos fechados.

— Perdi-me olhando para você.

A mão dela encontrou a dele.

— Não pode polir essas adagas depois?

Ele soltou as adagas e deitou-se ao lado dela.

— Cante para mim, Hagai.

— Uma canção de marinheiro?

Ela não pôde deixar de rir.

— Você sabe como ser cruel.

— Cantarei uma que costumávamos ouvir nas caravanas.

— Obrigada, querido. Eu adoraria ouvir.

A voz de Hagai era melodiosa e profunda. Hadassa podia sentir o alívio que lhe dava ouvi-lo. Era como um processo de cura. Foi por causa das canções que ela não enlouqueceu nas Cavernas. Foram elas que a fizeram se agarrar à vida. O amor simples de Hagai a comovia.

Eva observava o horizonte e se deliciava ao ver o perfeito tom de azul do céu sendo refletido na água. Era até difícil imaginar que a terra de Nod estava envolta em escuridão e desesperança. Ela estava penalizada pelos amigos, confinados durante tanto tempo dentro de um navio, mas não podia deixar de sentir a força e o bem-estar que sentia em seu próprio corpo. Aquela era a terra onde suas raízes estavam fincadas. Era de Nod que ela e Davi retiravam sua força vital. O mar, que por tanto tempo em sua infância lhe parecera um algoz, um inimigo, hoje lhe recebia com boas-vindas. Ela adorava dar mergulhos em suas águas mornas ao

lado de Davi. Juntos, apesar das reclamações de Áquila e Hulda, eles iam fundo, explorando os corais enquanto passavam ao largo das ilhas. Se não fosse a difícil missão que tinham pela frente, ela poderia dizer que nunca usufruía de maior liberdade. Foi durante essas divagações que ela ergueu novamente os olhos para o horizonte e viu algo mais, além do vazio monótono. Ficando em pé no cesto do mastro, ela apurou a vista. Uma silhueta longa, e que parecia cobrir aos poucos todo o horizonte à sua frente, foi lentamente tomando forma. Ela sabia que, pelo tamanho, não poderia ser apenas uma ilha como as outras. Agarrando-se às cordas, ela olhou para baixo e gritou a plenos pulmões.

— Terra! Eu vejo terra!

A terra ficou mais próxima na medida em que o dia findava. Naquele ponto, a expectativa superou os enjoos e todos se encontravam na amurada, observando.

— O que me diz disso, Áquila? — Davi perguntou. — Chegamos?

— Sim, meu filho. O nosso destino descortina-se à nossa frente.

— O dia escurece, mas não há luzes na costa – observou Hulda.

— Não aportaremos em cidades iluminadas – explicou Áquila.
– Seria um grande erro.

— Eu espero que até lá você nos explique qual vai ser o nosso caminho – resmungou Eva.

Áquila sorriu.

— Acho que posso fazer isso agora, Eva. Não acho que seja uma boa ideia aportarmos com o dia claro. Enquanto esperamos a noite cair completamente, teremos tempo de conversar.

Quando a noite caiu, algumas luzes começaram a ser vistas, mas não no litoral. Parecia uma terra cheia de aclives e as luzes se espalhavam por entre eles. Aquilo inquietou Hulda, pois lhe pareceu que os povoados tinham sempre uma boa vista do mar, mesmo não estando à beira deste. Áquila percebeu seu olhar franzido para a costa escura.

— Não se preocupe com nada, Hulda. Essa não é uma área muito povoada e o litoral lhes serve apenas para a pesca do dia a dia. Existem muitos locais como este em Nod. Além disso, você pode verificar que não há nenhum farol para denunciar nossa posição.

Hulda assentiu sem pronunciar nenhuma palavra. Áquila havia ordenado que as luzes do navio não fossem acesas até que todos tivessem ido para a terra. Vale lembrar que os navios que saíram de Hedhen, incluindo os dois que atravessaram o portal, contavam com uma tripulação extra de navegação, além dos membros oficiais de cada grupo. Quando eles aportassem, o navio se afastaria dali e ficaria aguardando em algum porto seguro, até que algum sinal chegasse até eles.

Foi ali, no convés escuro, que eles se reuniram pela última vez, antes de entrar nos barcos que aguardavam para levá-los à terra firme. Áquila passou a instruí-los rapidamente.

— Estamos na parte central de Nod, a menos patrulhada ou visada por Abadom. Uma região de gente simples que não oferece ao Lord nenhuma ameaça concreta. No entanto, não devemos confiar em demasia de que é um porto seguro, afinal, os magos retornaram para cá com notícias lastimosas para Abadom. Ele deve ter enviado patrulhas especiais também para essa terra – ele parou para respirar. – O nosso objetivo é chegar, em segurança, às Montanhas de Arath. Para isso, devemos atravessar uma grande extensão de terra, cuja hostilidade eu desconheço.

Apesar da escuridão, Davi e Eva podiam sentir o peso do olhar do sacerdote.

— A essa altura, ele já sabe sobre vocês. Acredito que tentará impedir o nosso caminho e se apoderar de suas vidas. Lembrem-se de algo muito importante: os magos, que todos enfrentamos em Hedhen, estão em toda a parte de Nod, e cada um deles serve unicamente a Abadom. O limite para o que eles podem fazer é inimaginável.

— Mas nós não podemos nos esconder o tempo todo – falou Davi.

— Do que está falando? – Áquila perguntou com surpresa na voz. – Não ouviu nada do que eu disse?

— O seu medo às vezes cega-o para a Profecia, Áquila – respondeu o rapaz.

Hulda pousou gentilmente a mão no braço de Davi.

— Fale o que está em sua mente.

— A Profecia diz que nós devemos testemunhar do que ocorreu em Hedhen e que, com isso, as pessoas serão despertadas para a realidade dela. A luz irá se tornar gradualmente mais forte, até que finalmente possa ser derramada sobre Nod. Como podemos fazer isso, se nos escondermos o tempo todo?

Áquila soltou um suspiro impaciente.

— O que está pensando em fazer, Davi? Acender um farol indicando nossa posição?

— Nós não precisaremos acendê-lo literalmente, mas é isso o que deve acontecer, sacerdote – respondeu Eva. – Nós devemos ser um farol para esse povo que não constitui ameaça para o Lord, como você especificou. Minha mãe, uma vez, em nome da Profecia, converteu montanhesees simples num exército poderoso. Talvez seja isso que precise ser feito enquanto passamos por essa terra.

Ninguém falou. Ninguém ousou falar. As Árvores amadureceram em conhecimento e sabedoria e, assim como os pais, escutavam a voz do Pai e eram guiados diretamente pelo Ancião. Quem iria contestá-los?

— Isso nos empurrará para uma jornada incerta, cheia de perigos e armadilhas – murmurou Áquila. – Chegar às Montanhas de Arath será como alcançar um grande prêmio após uma corrida estafante.

Rute deu um suspiro impaciente e falou como porta voz de todos.

— Sacerdote, ninguém aqui achou que vinha para Nod em uma viagem de férias. Estamos todos prontos para o perigo. Davi e

Eva estarão bem guardados, pode acreditar. Ansiamos muito por ver as Montanhas de Arath, eu tenho certeza de que é um belo lugar. Todas as montanhas são belas. No entanto, sabemos o quanto estão longe e o quanto irá nos custar galgá-las. Acredito que fará muito bem sua tarefa de nos guiar, e nós tentaremos fazer a nossa, de proteger. Deixemos que as coisas mais profundas da Profecia fiquem com Davi e Eva. Fazendo isso, chegaremos lá.

Áquila suspirou rendido.

— Que assim seja.

Dois pequenos barcos foram separados do navio naquela noite sem lua. Em um deles iam Áquila, Hulda, Davi, Eva e Zoar. No outro, de armas prontas, estavam Rute, Zacarias, Rebeca, Hadassa e Hagai. Cada um levava suas próprias provisões, preparadas para uma jornada a pé, pois não haveria como levar cavalos para as montanhas que deveriam alcançar.

Perto da costa, Davi e Zoar saltaram na água e começaram a arrastar o barco para a areia. Um pouco mais atrás, Hagai e Zacarias faziam a mesma coisa. Faltam palavras para descrever o prazer que sentiram ao pisar em terra firme. Hadassa teve ímpetos de se atirar ao chão apenas para sentir sua solidez. Diante deles

erguia-se uma verdadeira muralha de mata fechada, escura e ameaçadora.

— Seguimos no escuro ou esperamos as primeiras luzes do amanhecer? – Perguntou Hulda.

— Depois de entrar na floresta, não vejo porque não acender algumas tochas – disse Áquila. – Afinal, se alguém estiver vigiando essa pequena baía, terá seus olhos voltados para a praia e não para a mata.

Eles seguiram em frente depois de esconder os barcos por trás de algumas árvores velhas, cujos troncos adentravam a água. Rebeca e Zacarias os cobriram com folhas secas de palmeira.

— Não está um trabalho perfeito, mas pelo menos evitará que sejam vistos com a luz do sol – falou Zacarias. – Quando forem descobertos, já estaremos longe da costa.

Eva olhou para trás e procurou qualquer sinal do navio. Não viu nada e ficou satisfeita. Áquila suspirou preocupado e adiantou-se até o limite da mata.

— Eu posso ver uma trilha estreita diante de mim. Vamos segui-la um pouco no escuro, pois eu suponho que seja segura. Quando estivermos mais adiante, poderemos acender as tochas.

E assim eles fizeram. Áquila caminhava na frente com uma incrível segurança. Nod era sua terra e ele estava em casa. Quando a trilha começou a ficar mais cheia de obstáculos, ele parou e olhou para trás. O barulho das ondas já havia ficado distante, e nada se via além da vegetação.

— Acho que podemos acender algumas tochas agora – ele falou.

Hadassa e Hagai, munidos com pedras negras de fazer fogo, rapidamente juntaram alguns gravetos e criaram duas tochas. Hadassa foi à frente, junto com o sacerdote, enquanto Hagai assumiu a retaguarda, junto com Rute.

Após caminharem sem pausa por um período de três horas, eles começaram a escutar o murmúrio de água corrente. Hadassa virou-se para o sacerdote.

— Fiquem aqui enquanto eu me adianto para ver se é seguro.

Áquila quis protestar, mas ela sorriu.

— É o meu trabalho, sacerdote. Sou uma rastreadora, lembra?

Ele aquiesceu e ela sumiu mata adentro, deixando-os com apenas o brilho de uma tocha. Enquanto aguardavam, eles

aproveitaram para descansar. A floresta era silenciosa e úmida. Rebeca estremeceu de frio e Zoar, percebendo, lhe envolveu os ombros com sua capa. Ela lhe sorriu agradecida.

Quando Hadassa voltou, tinha um sorriso nos lábios.

— Há água fresca e um lugar plano, ideal para um acampamento noturno. Sigam-me.

O local ficava em um barranco não muito alto, perto de um braço estreito de rio que corria com rapidez por entre as pedras.

— Poderemos atravessá-lo? – Perguntou Rute.

— Saberemos amanhã – Hadassa falou, juntando gravetos com os pés, enquanto Hagai acendia a fogueira. – Eu não quis arriscar entrar sozinha nessas águas. Elas podem até ser rasas, mas correm com bastante força, pelo que podemos ouvir.

Eva juntou a água dos odres em uma panela e a pôs no fogo. Ela trazia algumas ervas amassada dentro de seu alforje e tratou de jogá-las na água. Hulda sorriu.

— Chá de viagem. Vejo que aprendeu muita coisa com sua mãe.

— Ela sempre disse que essa erva era indispensável em longas jornadas – respondeu a moça.

Davi subiu em um promontório mais alto e ficou observando as luzes de uma aldeia que ficava numa espécie de colina. Eva aproximou-se dele e seguiu seu olhar.

— Eu quero ir até ali – ele falou baixinho.

— Não prefere esperar o amanhecer?

— Não. Sinto a necessidade de ir até lá agora. Você vem comigo?

Ela pegou na mão dele e a apertou.

— É claro que vou.

Áquila não ficou muito satisfeito com a notícia.

— Será que vocês não podem simplesmente sentar e descansar até que o sol apareça? Eu já acho uma grande imprudência querer mostrar-se tão cedo. Por que motivos desejam fazer isso?

— Não vamos entrar na cidade, Áquila – Davi explicou. – Apenas observá-la.

— Rute e Rebeca podem vir conosco, se isso o deixa mais tranquilo – disse Eva.

Áquila fez um gesto de enfado e cruzou os braços de costas para eles.

— Hulda... – Eva começou a dizer.

— Vão logo, mas não cometam imprudências. Eu cuido de Áquila.

O caminho até a aldeia era íngreme e tiveram que escalar um paredão de rocha escorregadia para chegar até o nível das luzes. Rute seguia na frente e escalava com agilidade. Davi queria fechar o cortejo, mas Rebeca insistiu em ficar por último. Era ele quem tinha que ser protegido, não ela.

Lá em cima eles encontraram um solo mais plano. As luzes encontravam-se mais perto e pareciam se espalhar no meio de um aglomerado de árvores altas cujos troncos eram delgados. Eles ficaram abaixados e Davi fechou os olhos. Com sua visão espiritual ele pôde perceber o movimento de várias pessoas que entravam e saíam de uma mesma habitação. Aquilo o deixou intrigado. Era muito tarde para qualquer tipo de reunião. Prestando mais atenção, ele observou alguns rostos. Pálidos, temerosos, angustiados e chorosos. Sim, muitas daquelas pessoas estavam chorando!

— Tem algo acontecendo ali – ele falou.

— Eu sei – respondeu Eva.

Ele olhou para ela e viu que suas mãos estavam com a luz verde da cura. Eva olhava abismada para elas.

— O meu poder de cura está sendo solicitado – foi tudo o que ela pôde dizer. – Eu preciso ir até lá.

Rebeca segurou no seu ombro.

— Eva, não faça isso. Não sabemos o que está acontecendo.

— Eu sei – disse Davi. – Pessoas estão morrendo. É por isso que estão tão angustiadas e tristes. É por isso que estamos aqui.

Rute e Rebeca trocaram um olhar preocupado. Eles se levantaram e seguiram em direção às luzes. Quando as habitações da aldeia se tornaram visíveis aos olhos normais, eles pararam hesitantes.

— Está tudo bem – Davi tentou tranquilizá-las. – É uma aldeia de pessoas simples e humildes. Apenas pescadores. Não há soldados ou magos aqui.

Rute, entretanto, continuou apertando o cabo da espada e viu, com o rabo do olho, que Rebeca fazia o mesmo. Eles continuaram a caminhar. Ao chegarem ao caminho que conduzia para dentro da aldeia, eles viram como era pequena. Apenas uma dezena de casas se levantava ali, no meio daquelas árvores. Entre elas, duas pareciam maiores do que as demais. Eram habitações

compridas, construídas a partir de madeira e palha. Elas formavam um círculo em volta de uma clareira. Era ali que as pessoas se concentravam, diretamente em frente a uma das habitações maiores.

Quando eles entraram, todos ergueram os olhares. Alguns desconfiados, outros curiosos, muitos surpresos e poucos indiferentes. Um homem de meia idade aproximou-se deles no centro da aldeia.

— Quem são vocês, que chegam sob a escuridão da noite quando a morte reina em nosso meio?

Davi olhou em volta e percebeu que as pessoas começavam a se aglomerar em volta deles. Rute quis desembainhar a espada, mas sentiu o olhar de Eva e relaxou a mão.

— Nós chegamos pelo mar – Davi respondeu e um murmúrio de assombro se formou nos lábios das pessoas. – Se a morte reina entre vocês, nós trazemos a vida.

Eva ergueu as mãos que pulsavam com uma viva luz verde. O homem deu um passo para trás e muitas pessoas se ajoelharam tapando os olhos, apavoradas com o desconhecido.

— Não tenham medo de nós – disse Eva. – Essa luz em minhas mãos é a vida que nós trazemos. Mostre-nos quem

necessita dela.

O homem, ainda trêmulo, fez um sinal para que ela o seguisse até a habitação. Eva parou na porta, por causa do odor que dela emanava. Era um cheiro de morte. Antes de entrar, ela virou-se para ele.

— O que aconteceu aqui?

— O vento trouxe a morte na forma de uma chuva amarela que caiu durante todo o dia de ontem. Hoje, a morte começou a se apoderar daqueles que se banharam naquela chuva.

Eva assentiu para dizer que compreendia e entrou. Lá dentro não havia camas, como ela esperava encontrar numa enfermaria. Ao invés disso, o recinto, desprovido de móveis, estava completamente abarrotado de corpos dispostos pelo chão. Alguns, cujos rostos estavam cobertos por panos, já haviam morrido. Ao lado destes, os moribundos gemiam em seu sofrimento.

— Grande Pai, dê-me forças para ajudar essas pessoas... — ela sussurrou.

Respirando fundo, ela ajoelhou-se diante do primeiro doente e começou a derramar a seiva curadora.

Lá fora, Davi começou a falar em tom alto e claro para aqueles que se encontravam ali.

— Uma escuridão paira sobre essa terra. Essa escuridão traz o medo e a desesperança, pois a luz que vocês possuem não é forte o suficiente para dissipá-la. Hoje, através do mar, chegamos a essa terra escura trazendo conosco a esperança que nasceu numa terra distante.

— Que terra é essa? – Quis saber uma mulher.

— Hedhen. Esse é seu nome. Uma terra onde a luz invade cada cidade, cada lar e cada vida. Uma terra onde o mal nunca prevalece. Atravessamos o mar e chegamos aqui, nessa noite, para lhes mostrar que vocês também podem transformar essa escuridão em luz. Uma luz que vai engolir tudo o que é mal.

— Fale-nos mais – disse um ancião.

— Eu falarei.

Enquanto Eva curava, Davi contava a história de Hedhen e da Profecia; relatou o episódio do sacrifício da Herdeira e do seu posterior renascimento; contou sobre a ascensão dos Tronos de Luz; contou sobre a longevidade que começou a dominar a vida de cada habitante daquela terra; contou sobre a guerra dos magos e de como eles foram extirpados; contou sobre o surgimento de uma

Sacerdotisa verdadeira que iria reacender as Chamas de Anatolya; e, finalmente, contou sobre a Profecia que falava das Duas Árvores que viriam através do mar, abrindo o caminho para que aquela luz também fosse derramada sobre Nod.

Na medida em que ele falava, pessoas que jaziam doentes, à beira da morte, saíam da casa com o aspecto saudável e uniam-se aos outros para ouvir. Rute e Rebeca observavam, com assombro, a força com que as palavras de Davi penetravam no coração daquelas pessoas. Ele continuou ali, falando com força e vigor, respondendo as perguntas que lhe faziam, até que todos os doentes se viram livres das garras da morte. Apenas os que já haviam morrido permaneceram lá dentro.

Quando Eva apareceu na porta da casa, suas mãos já estavam normais, mas, mesmo assim, todos os olhares se voltaram para ela. O homem que os recebeu parou diante dela e ajoelhou-se.

— Uma Profecia foi feita para a nossa terra, prevendo vida e luz. Hoje, ela começou a se cumprir entre nós. Suas mãos trouxeram vida e as palavras dele trouxeram luz para nós. Por favor, fiquem conosco por mais um tempo e nos ensinem sobre essa Profecia.

Eva encontrou o olhar de Davi e sorriu. As Árvores começavam a lançar suas sementes no campo.

Rute chegou ao pequeno acampamento, assustando o grupo que já se encontrava angustiado com a demora deles. Áquila lhe agarrou pelos ombros.

— Rute, onde eles estão? O que aconteceu?

— Acalme-se, sacerdote! – Disse ela, desvencilhando-se. – Eu vim buscá-los.

— Buscar-nos? – Hulda perguntou.

— Vocês precisam ver o que aconteceu esta noite – os olhos de Rute estavam úmidos. – Foi lindo!

Eles apagaram a fogueira e a seguiram até a aldeia. No caminho, ela tentou explicar tudo de forma que ficasse claro para todos. Quando eles chegaram, encontraram um povo curioso, mas amistoso. Os mais velhos surpreenderam-se ao ver um sacerdote e, ainda mais, por verem Hulda, cuja roupa lhe fazia parecer uma sacerdotisa. Ela sentiu a pequena pérola em seu pescoço ficar mais pesada. Então, ali, no meio do povo que se acercava deles, ela retirou a pedra do saquinho e viu-a crescer em sua mão até ficar do tamanho de uma esfera. A Esfera de Luz iluminou cada recanto

daquela aldeia. O povo, admirado, ajoelhou-se como se fosse um só.

— Essa é a Portadora da Luz – disse Davi, que se colocou ao lado de Hulda. – E essa é a luz que deverá ser derramada sobre Nod. Ela brilha para vocês, para que possam ver que é real.

A luz dos Tronos brilhou naquela aldeia e o conhecimento da Profecia lhes foi revelado, quebrando ali o encanto de esquecimento e indiferença lançado pelos magos de Abadom.

Em Tibreya, a capital de Helladan, assentamento do rei-deus Lord Abadom, uma chuva de estrelas caiu do céu, para o espanto dos astrólogos daquele reino. Um acontecimento marcante acabava de ocorrer em algum lugar de Nod. Um acontecimento que suscitara o sinal que eles viam agora. O sinal do despertar da antiga Profecia.

Da torre, onde eles se encontravam fazendo suas observações do céu, eles podiam divisar a ala do palácio em que ficava o Lord. Velas foram acesas em lamparinas vermelhas, indicando o desagrado de seu senhor. O tom lúgubre refletido pelas janelas fazia o coração dos astrólogos pular de ansiedade perante a fúria que iria se desencadear logo em breve. Afinal, apesar de todas

as precauções para evitar que a Profecia se cumprisse, esta parecia ter vontade própria e acabava de demonstrar sua superioridade.

Em uma das janelas, olhando para fora, um volumoso vulto tomava todo o espaço. Abadom tinha os olhos tão vermelhos quanto à luz das lamparinas, o cabelo escuro e liso, caía até os ombros, presos num rabo de cavalo. O corpo era descomunalmente gordo, envolvido por uma larga túnica negra com pedras verdes. Em seu rosto liso e desprovido de pelos, abundavam manchas amareladas que faziam parecer que fora queimado, restando apenas cicatrizes. No momento, ele observava a chuva de estrelas com um ranger de dente furioso. A Profecia fora despertada e o encanto de esquecimento começava a ser quebrado. O seu corpo começou a exsudar. A ameaça ao seu reino estava em toda a parte. As duas guerreiras que ainda não haviam sido encontradas; a Sacerdotisa que trazia em si, sozinha, o poder de acender as chamas de Anatolya; e, em algum lugar que ele desconhecia, as Árvores começavam seu trabalho.

Ele caminhou até uma mesa abarrotada de incensários e pegou um sino de ouro nas mãos, tocando-o furiosamente. Na mesma hora, um homem magro e trêmulo assomou para dentro.

— Eu, Lord Abadom, convoco o chefe dos astrólogos. Mande-o vir ao meu encontro com respostas prontas para os meus questionamentos. Caso contrário, escolha logo um substituto a altura antes de vir à minha presença.

Diante da voz gutural e fria como o gelo, o homem fez uma reverência e saiu.

Elas despertaram ao mesmo tempo. Nas costas os sinais ardiam e um leve brilho fluía de seus olhos. Foi como estar com o corpo sedento de sede e tomar um gole de água fresca e pura.

— O que está acontecendo? – Ofegou Jael.

— Eu sinto a luz... Eles estão aqui – Deborah respondeu no mesmo tom.

Ficaram ali, quietas, recebendo em seu interior aquela pequena parcela de energia que logo se apagaria novamente. Quando ela se foi, ainda ficaram em silêncio por um bom tempo.

— Finalmente começou – Deborah sussurrou.

— Sim, começou. E isso quer dizer que precisamos nos apressar para conhecer o nosso caminho.

Jael olhou para Deborah.

— É hora de partir, Deborah.

Drakan parou diante da porta do quarto real e aguardou que o servo o anunciasse. Pouco depois, ele ouviu a voz raivosa e gutural de Abadom, ordenando que entrasse. Sem titubear e tentando aparentar uma segurança que não tinha, ele entrou. O rei-deus estava na varanda do quarto e continuava a olhar para o céu. Ele não chegou a se virar para o astrólogo quando fez a pergunta que o atormentava.

— Por que as estrelas caíram esta noite?

— A Profecia...

— Eu não perguntei pela maldita Profecia! – Vociferou Abadom. – Tenho consciência de que ela está tentando tomar forma. O que eu quero saber é o que exatamente significa este sinal?

— Este sinal representa o despertar do povo e a quebra de seu encantamento, meu Lord. Eles agora ficarão livres para ouvir e aprender sobre aquilo que lhes foi vedado por tanto tempo.

Drakan pôde ver como Abadom crispava os dedos cruzados às costas.

— E isso é obra de quem? Das guerreiras? Da Sacerdotisa? Das Árvores?

— A Profecia diz claramente que as Árvores lançariam as sementes quando chegasse o tempo certo.

O rei-deus deu um longo suspiro e manteve-se em silêncio, refletindo com toda a maldade de sua mente.

— Suas estrelas podem lhe dizer onde essa semente foi lançada, Drakan?

— Será fácil averiguar, meu Lord.

Abadom virou-se para ele com os olhos vermelhos e injetados pelo ódio.

— Pois descubra! Eu quero essas Árvores cortadas pela raiz, antes que espalhem mais sementes pela minha terra.

Drakan fez uma reverência, pronto para sair da presença do rei-deus, mas Abadom ainda não havia acabado.

— Chegue-se para cá, Drakan.

O astrólogo, hesitante, deu alguns passos à frente até ficar ao lado de Abadom, na varanda. O rei-deus apontou para uma colina que se erguia bem na frente de sua janela. No alto, brilhava uma imensa pira cujo fogo jamais se apagara desde o dia em que fora aceso.

— Aquela chama, uma entre sete, brilha diante de mim, lembrando-me constantemente de minha vitória contra os

sacerdotes. Se olhar em volta, verá que estamos rodeados por outras piras idênticas. Cada uma em cima de sua própria colina.

Drakan não precisava olhar para ver que o rei-deus tinha razão. Tibreya era uma cidade situada no meio das colinas, sete ao todo. Em cada uma delas foi levantado um altar com grandes piras cujo fogo ardia sem interrupção.

— Você sabe dizer, Drakan, como elas foram acesas?

— Eu ouvi histórias, meu Lord.

— Elas foram acesas no dia em que a última sacerdotisa foi morta. A força que alimentava os santuários de Anatolya morreu com ela. Desde esse dia, os sacerdotes, guardiões da Profecia, perderam seu poder – Abadom soltou uma risada desagradável. – O poder foi simplesmente transferido para mim. Ninguém acendeu essas tochas, Drakan. Através delas, eu designei partes desse poder para os magos que me servem.

— Por que está me contando isso, senhor?

Abadom pousou os olhos em Drakan e o analisou por alguns momentos antes de responder. Ele sabia que o astrólogo era um homem astuto e inteligente e, apenas por isso, permitia-lhe certa liberdade.

— Você conhece os santuários, Drakan. Veio daquela região, lembro-me muito bem. Estamos numa guerra de três frentes, e eu quero que você assuma o lugar que lhe é devido em uma delas.

Drakan ouviu com atenção. Abadom estava realmente para lhe dar uma função de autoridade?

— Os Juízes estão seguindo os passos das guerreiras e, assim que você me trazer a localização das Árvores, eles saberão como se dividir entre essas duas missões. No entanto, eu sinto que os santuários estão ameaçados. Uma Sacerdotisa, nascida em uma terra estranha, tem o poder de fazer com que as chamas se acendam novamente. Isso significa que os sacerdotes recuperariam seu poder, enquanto o poder dos magos não poderia mais ser aperfeiçoado. Seria a guerra, Drakan.

— O que deseja que eu faça quanto a isso, meu Lord?

— Volte para Anatolya e fortaleça as Ordens que guardam cada santuário. As chamas não podem ser acesas. Aqueles locais devem continuar debaixo de meu poder, como um baluarte. Foi-me terrivelmente difícil conquistá-los.

— O que deve ser feito da Sacerdotisa?

Abadom pareceu refletir a respeito.

— Ela traz o poder de todas as sacerdotisas que vieram antes dela. Seria interessante e estimulante estudar esse poder.

— Eu compreendo seu desejo, meu Lord.

Quando Drakan saiu do quarto seu coração batia forte. Ele seria o líder designado pelo rei-deus para por fim a maior ameaça de seu reino. Finalmente, o nome de Drakan seria ovacionado perante multidões.

O povoado, passado os momentos iniciais de surpresa, acolheu os estranhos e olhavam para Davi, Eva e Hulda como se fossem algum tipo de divindades. Áquila sentou-se ao lado da profetisa, no batente de uma das casas. Ela olhava para as mãos, ainda tentando compreender o que havia acontecido. Áquila pousou gentilmente a mão em seu braço e sorriu.

— O que está passando pela sua mente, minha amiga?

— Muita coisa sem sentido, é o que posso lhe dizer.

— Compartilhe comigo.

Hulda suspirou.

— Lembra-se de quando tentaram envenenar a raiz das árvores, em Shilloh?

— Nathan me contou tudo em detalhes. Ele é muito bom nisso.

A profetisa sorriu com o comentário.

— Naquele dia, um fogo sobrenatural saiu de minhas mãos e purificou a raiz. Eu me questioneei se aquele estranho acontecimento estava relacionado com o meu novo título. Mas quando a esfera flutuou até minhas mãos, contendo a luz de Deborah e Jael, esse título adquiriu um novo significado para mim. Em Gades, no Lago Sagrado, eu pude sentir o mesmo revolver em minhas mãos, como se delas fossem sair fogo. Isso aconteceu quando Davi e Eva mergulharam naquelas águas. Hoje, eu senti a mesma sensação novamente. Pode me explicar isso, Áquila?

Áquila apoiou o queixo nas mãos e fechou os olhos enquanto pensava.

— Acho que esse fogo interior responde aos desejos contidos na esfera.

Hulda piscou, sentindo-se mais confusa.

— Está me dizendo que a esfera pensa?

— Não de forma tão literal. Mas a luz sente o momento de se manifestar. Quando isso acontece, apenas suas mãos são capazes de suportar tanta energia.

Hulda continuava olhando para ele.

— A esfera reconhece você como a Portadora da Luz através desse fogo interior. Ela se apagaria nas mãos de outra pessoa.

— Em outras palavras, ser Portadora da Luz quer dizer tornar-se a babá de uma esfera!

Áquila riu alto.

— Tentei falar com solenidade, minha amiga, mas já que encontrou um termo tão mais simples, a resposta é sim. Você deve cuidar dessa esfera até que a luz encontre novamente suas donas. E apenas você pode fazer isso.

Hulda balançou a cabeça.

— Pelo menos a esfera não precisa de leite para sobreviver – ela murmurou. – No entanto, eu sinto que o meu papel não é apenas esse. Mas deixarei como está por enquanto.

Davi e Eva haviam sido convidados pelos líderes da aldeia para participarem de uma reunião solene. Em uma pequena cabana de madeira e palha, escondida em meio às árvores, eles sentaram-se em círculo com meia dúzia de homens cujos cabelos acinzentados apontavam-nos como os anciões da aldeia. Eles

passavam diante de si uma bandeja com frutas e peixes. Era um banquete reservado e não uma reunião solene.

— O meu pai é o homem mais velho dessa aldeia – disse um homem de meia idade. – Ele já viveu muito, mas sempre se angustiava por não lembrar com clareza de tudo o que aprendeu. Ontem, quando vocês vieram até nós e trouxeram a vida de volta a esse lugar, sabíamos que algo estava se movendo no mundo invisível – ele apontou para Davi. – Você trouxe palavras fortes, que despertaram a mente adormecida de meu pai. Ele se lembrou da Profecia e começou a cantar. Cantou como nunca havia cantado antes. Eu, pela primeira vez, vi meu pai chorar lágrimas de alegria. Quando a luz brilhou nas mãos daquela mulher, soubemos que suas palavras eram reais. Nunca uma luz brilhou com tal intensidade nessa terra. Vocês trouxeram o impossível para nós.

— O seu pai agora se lembra da Profecia e poderá instruí-los a seu respeito, já que não podemos ficar – disse Davi. – O nosso caminho deve prosseguir em direção às Montanhas de Arath, e devemos partir logo.

— Nós vimos às luzes das outras aldeias próximas – falou Eva. – Elas precisam saber o que aconteceu aqui. Nós não podemos sair do nosso caminho para visitar a cada uma, mas vocês podem, e

devem fazer isso. Essa noite, o derramar da luz também as alcançou. Eles só precisam ouvir a história, para que se lembrem.

Os homens conversaram entre si. O líder voltou-se novamente para eles com um sorriso no rosto.

— Seremos seus arautos, mas é bom que saibam que outras aldeias esperam por vocês no caminho que escolheram.

— Mas devem tomar cuidado! – Disse o ancião, pai do líder, com a voz trêmula pela idade e pela emoção. – Nem todas amam a luz.

— Tomaremos cuidado, senhor – disse Eva.

Enquanto serviam-se da bandeja, o líder entoou uma melodia que logo foi seguida por todos ali.

Hadassa e Hagai chegaram correndo e pararam diante de Áquila e Hulda.

— Precisamos partir – disse Hadassa.

Hulda ficou em pé.

— Vocês viram alguma coisa? Alguma ameaça?

Hagai apontou para o céu.

— Uma tempestade se aproxima. Segundo nos disseram, há um rio em nosso caminho que costuma transbordar. Se não

quisermos ficar ilhados aqui, é melhor que partamos antes da tempestade. Precisamos alcançar o rio enquanto ainda podemos atravessá-lo.

Em pouco menos de meia hora, estavam todos partindo da pequena aldeia, fugindo da tempestade.

Capítulo 6

Parcela de Luz

Joanna e Manisa depositaram aos pés de Jael uma sacola de couro.

— Dentro dessa sacola há pão, frutas, uma erva especial para fazer chá e um bom pedaço de queijo. – Falou Joanna.

Jael sorriu.

— Queijo? Como conseguem isso, aqui nessa caverna?

A mulher deu de ombros.

— Malco faz muitas excursões noturnas. Ele sabe que eu gosto de queijo e dificilmente o deixa faltar.

— Onde está a rainha? – Perguntou Manisa.

— Eliah apareceu esta manhã. Não o víamos desde a chegada de Zoe. Ele e Deborah estão conversando na caverna do Conselho.

Manisa suspirou.

— Eu espero que ela consiga amansar aquele selvagem.

— Aquele “selvagem”, Manisa, salvou nossas vidas – disse Jael. – É justo que tentemos conhecer o que o motivou a agir daquela forma com Zoe, para que suas atitudes tenham algum sentido.

Zoe passou pelas águas da cachoeira que escondiam a entrada da caverna e viu Malco sentado no primeiro degrau da “escadaria”. O rapaz fitava distraidamente o leito do pequeno lago, formado pelas águas do rio. Ela respirou fundo e caminhou até ele. O rapaz, ao perceber que ela se aproximava, tentou sair.

— Malco, espere, por favor! – Ela pediu.

O rapaz parou sem virar-se para ela.

— Eu estou partindo e talvez você não me veja nunca mais, meu irmão. Não sei se isso seria ruim para você, mas é para mim... Apesar do que pensa ao meu respeito, eu o amo.

Malco, ainda em silêncio, apertou as mãos ao lado do corpo.

— Eu só queria me despedir de você – Zoe apressou-se em dizer, com medo de que ele saísse correndo.

Como o rapaz continuou de costas e num obstinado silêncio, ela baixou a cabeça e começou a caminhar de volta para a caverna. Iria respeitar os sentimentos do irmão. Talvez um dia ele viesse a entendê-la.

— Zoe!

Ela virou-se para encarar os olhos grandes e lacrimosos de seu irmão. Não havia ódio neles, mas medo. Malco a encarou por alguns segundos antes de correr para ela. Zoe o apertou nos braços e eles choraram juntos, sem dizer palavras.

— Prometa que vai voltar – ele falou, quando conseguiu se acalmar. – Prometa que vou ver você de novo.

— Eu prometo sim, irmãozinho. Eu vou voltar para você, mas não farei isso como uma fugitiva, ou como a Vigilante em que me tornei. Voltarei para lhes trazer a liberdade, pois eu sinto que ela caminha de mãos dadas com aquelas duas guerreiras. Pela primeira vez, eu sinto que estou dando um passo certo.

Ele a abraçou novamente.

— Antes eu achava que odiava você, mas hoje eu sinto orgulho por vê-la lutar ao lado da Profecia.

Zoe sorriu entre lágrimas.

— Malco, você não faz ideia de como eu precisava ouvir isso de sua boca.

Dentro da caverna, Eliah havia acabado de contar para Deborah a história de sua vida. O assassinato de sua família e de seus amigos, a destruição da sua aldeia pelos Vigilantes, a perseguição que ele sofreu. Todos os motivos que o levaram a se isolar dentro de tocas nas margens de um rio, ele expôs para ela. Ele também se confessou arrependido pelo tratamento violento que dera a Zoe. Ele, de início, não sabia que ela era neta de Joanna, no entanto, tudo o que conseguia ver era uma Vigilante. O seu ódio adormecido veio à tona e ele não conseguiu controlar. Passou todo esse tempo isolado na floresta escura, pensando e refletindo. Quando ele acabou de falar, Deborah sorriu e pegou as mãos dele entre as suas.

— Você não deve se culpar mais, Eliah. Não sinta vergonha de ser humano, de ter emoções conflitantes. A vida foi dura com você, assim como foi dura com Zoe. Vocês lutam por uma mesma causa de lados opostos. Um dia, quando a luz for restaurada em Nod, aqueles que são inimigos hoje, podem vir a ser aliados.

O homem soltou uma imprecação.

— Sinto muito, senhora, mas não consigo ver os Vigilantes como aliados.

Deborah sorriu.

— Aprenderá um dia, Eliah.

Ele fez um gesto de pouco caso.

— Eu tenho uma proposta a lhe fazer – ela disse.

— A mim? – Eliah pareceu surpreso.

— Sim, meu amigo. Eu gostaria que continuasse conosco, guiando-nos em nosso caminho.

Eliah achou que não tinha entendido, mas Deborah o impediu de falar.

— Você conhece plantas e animais como ninguém. Zoe nos disse que o caminho pela floresta é o mais seguro, embora ela, como Vigilante, esteja mais acostumada às áreas mais abertas.

— Coisa estranha para uma caçadora dizer – ele resmungou.

— Nós sabemos muito bem o que ela caça por aí, Eliah. Mas isso não vem ao caso. Você aceita o meu pedido?

Com um resmungo mal-humorado, ele balançou afirmativamente a cabeça. Deborah sorriu e depositou um beijo em sua testa, deixando-o vermelho.

Eles partiram quando o sol começou a baixar e a sombra cobriu a floresta. Eliah caminhava bem na frente, enquanto Zoe preferia ficar na retaguarda, bem longe dele. Elas distribuíram os alimentos que Joanna e Manisa lhes deram através das três bolsas de couro que levavam. Evitaram falar muito durante a caminhada, pois se houvessem Farejadores soltos na área, seriam capazes de ouvir suas vozes. Zoe lhes garantiu que a audição daquelas feras era melhor, inclusive, do que seu faro. Elas deveriam cruzar a floresta, seguindo para o leste, até o litoral. Era naquela região que existia um templo das Sacerdotisas de Parthenos. Felizmente, elas não eram bem vistas pelos magos da Ordem Negra, pois estes evitavam conviver em sua proximidade.

A noite era escura, e o fato da floresta ser tão densa dificultava a caminhada. Eliah seguia quase invisível aos seus olhos, mas isso não as preocupou, pois o “velho selvagem” era um excelente rastreador e tentava encontrar um caminho seguro em meio aquela trilha escura. Deborah, que seguia atrás de Jael, aproveitava para sentir os diferentes odores emanados pelas plantas de vida noturna. Ela acostumara o nariz, desde cedo, a reconhecer o cheiro doce e perigoso das plantas que soltavam o

pólen do sono. Quando ela e Jael saíam para as caçadas, em Gades, os interesses de Deborah sempre foram mais voltados para a flora do que para a fauna, como no caso da irmã. Ela sorriu com a lembrança. De repente, como um raio, uma visão repentina surgiu diante de seus olhos. Automaticamente, ela pôs a mão sobre o ombro de Jael. Esta, alertada pelo toque nada suave, parou na mesma hora e olhou para Deborah.

— O que foi?

Sem responder, Deborah passou adiante dela e abaixou-se próximo de alguns arbustos, afastando-os com cuidado, até que estes revelaram um objeto inesperado e muito assustador. Escondida entre os arbustos estava uma enorme armadilha para lobos, pronta para ser acionada ao primeiro toque de um pé incauto. Os dentes afiados causaram um leve mal-estar em Jael, que ficou imaginando o que teria lhe acontecido se houvesse dado mais um único passo.

— Como soube? – Ela praticamente sussurrou a pergunta.

Deborah olhou para cima e seus olhos se encontraram numa compreensão mútua.

— Eu vi – respondeu Deborah.

Zoe as alcançou e abaixou-se ao lado de Deborah. Seu olhar agudo de caçadora lhe permitiu ver outra coisa.

— Olhe isso – ela apontou para o lado esquerdo da armadilha.

Deborah viu a forma nítida de uma pegada fresca.

— Eliah teve sorte – ela comentou com a testa franzida.

Zoe concordou.

— Ele realmente teve muita sorte, mas não devia seguir sozinho tão na frente. Não sabemos quantas armadilhas foram espalhadas por aí.

Deborah fechou os olhos e, como as imagens borradas de um sonho, ela conseguiu ver o terreno por várias milhas de onde estavam, mas nenhuma outra armadilha surgiu diante de seus olhos.

— Não há mais nenhuma – ela garantiu. – Essa deve ter ficado no esquecimento. As chuvas vieram, o mato cresceu, e ela foi perdida.

Zoe a olhou com o cenho franzido.

— Parece muito segura disso.

Jael pegou um pedaço de galho quebrado e disparou a armadilha com ele. Os dentes partiram o galho em dois com a

violência contida no choque.

— Eu acredito que não seja mais uma ameaça para ninguém.

Zoe suspirou.

— Não precisava fazer isso. Poderia ser útil contra um Farejador, por exemplo.

Jael a encarou.

— Fala isso porque não foi seu pé que quase teve o destino daquele galho.

Ela ajeitou a bolsa nas costas e continuou a caminhar com passos apressados. Deborah sabia que a atitude de Jael teve como objetivo atrair a atenção de Zoe. Esta poderia começar a fazer perguntas cujas respostas ainda não podiam ser dadas.

Elas encontraram Eliah no meio de algumas árvores. Ele havia limpado o terreno formando uma diminuta clareira e acabava de acender um fogo. Jael sorriu para ele e jogou a bolsa no chão, sentando-se em seguida. Deborah teve que se abaixar para não enganchar os cabelos em alguns galhos secos que passavam de uma árvore para outra. Zoe sentou-se ao lado de Jael, com um olhar agradecido para Eliah. O homem não demonstrou nenhum tipo de reação, mas também não foi hostil, o que já era um avanço.

— Ainda vai demorar um pouco para o dia amanhecer – disse Deborah. – Por que paramos tão cedo?

— O caminho mais na frente não pode ser trilhado no escuro – ele respondeu sem erguer os olhos. – Precisamos nos abrigar aqui e seguir com a primeira luz do dia.

— E qual é o problema com o caminho? – Jael perguntou.

O homem demorou a responder.

— Eliah? – Insistiu Jael. – O que você viu?

Ele continuou fitando o fogo que começava a aumentar.

— Há corpos... – ele sussurrou. - Muitos corpos!

Deborah e Jael encararam Zoe a espera de uma explicação.

— Não sei o que pode ter acontecido – disse a Vigilante. – Não há aldeias por aqui.

Eliah olhou para ela.

— Foram corpos de Vigilantes que eu vi.

A moça ergueu-se tomada pela surpresa e pelo medo e teria saído para ver por si mesma, se Deborah não a tivesse impedido.

— Acalme-se, Zoe! Nesse caso, Eliah está certo. Não podemos saber o que aconteceu, pelo menos até surgir alguma luz. A noite está muito escura.

— Vigilantes não morrem à toa – Zoe falou suplicante. –
Deve ter sido uma emboscada, não há outra explicação.

Deborah a encarou intrigada.

— E por que alguém mandaria armar uma emboscada para Vigilantes? É difícil imaginar o povo comum fazendo isso.

— Mercenários.

Zoe se acalmou e Deborah a soltou.

— Mercenários? – Jael instintivamente preparava o arco enquanto falava. – Isso me parece incompreensível.

Zoe suspirou e voltou a encostar-se ao tronco da árvore.

— Eles devem estar à minha procura. Souberam que desertei e só vão parar quando me levarem de volta.

— Eles fazem isso com todos os Vigilantes que desertam? –
Perguntou Jael.

Zoe sorriu.

— Eles sabem que sou diferente.

As duas a olharam com interesse e curiosidade. Até Eliah a encarou, esperando a explicação.

— Em que sentido você é diferente? – Deborah fez a pergunta num tom suave.

— Eu consigo ler os sinais na floresta, mesmo que não haja luz. Eles brilham para mim. Se você apagar seus rastros diante de mim, ainda assim eu os verei.

— Foi por isso que não a mataram? – Perguntou Eliah. – Eles precisavam de você.

— Sempre que eu via os rastros que levavam ao meu povo, ou aqueles que eu havia me comprometido a proteger, bastava eu dizer que não via nada para acreditarem em mim. Nem todos conheciam a minha origem e não faziam ideia de que eu pudesse tentar proteger a nossa “caça”.

Eliah lhe deu um meio sorriso, sinal de que a havia compreendido. Zoe, apesar do choque da notícia, ficou feliz com aquele gesto do velho.

— Uma rastreadora que possui o dom da visão – murmurou Jael. – Eu nunca vi isso em Hedhen.

— Sua visão é realmente um dom, mas não penso que seja direcionada apenas para o rastreamento – falou Deborah. – Isso acontece porque você também é uma rastreadora.

— E para que ela me serve então? Não vejo nenhuma outra utilidade para ela – Zoe falou com a voz cansada.

Deborah sorriu.

— As chamas de Anatolya voltarão a arder, Zoe. Quando o sacerdócio for restaurado nessa terra, você encontrará o verdadeiro propósito desse dom que carrega.

Elijah apagou a fogueira a pedido de Jael. Seria melhor aguardar na escuridão até que seus olhos se acostumassem com ela. A lua surgiu lançando um pouco de luz, o que as fez decidir averiguar o caminho encontrado por Elijah. Apesar dos protestos de Deborah, Zoe foi na frente. Ela poderia ver o que elas não viam, portanto, não havia motivos para argumentar contra sua decisão.

Uma trilha fora aberta através do mato fechado. Uma trilha nada sutil, segundo a observação de Jael. Aquele pensamento a fez agarrar o arco com mais força. Podia-se realmente pensar que abriram a trilha com o propósito de ser encontrada. Deborah tropeçou em algo e olhou para baixo. Era um braço. O corpo estava meio escondido por entre os arbustos. Ela abaixou-se e tocou a mão. Estava fria e rígida. Olhando para cima, encontrou os olhos de Zoe.

— Ele era do meu grupo – ela falou com a voz muito baixa. – Reconheço a cicatriz no dorso da mão.

Deborah franziu a sobrancelha e voltou a olhar para a mão do cadáver. A cicatriz, em relevo, tinha a forma de um raio e cruzava o dorso da mão, dividindo-a ao meio.

— Foi uma queimadura que ele provocou em si mesmo – Zoe explicou.

Deborah ergueu-se com um mal-estar. Detestava lembrar-se da sensação de algo quente na pele. Custava-lhe acreditar que uma pessoa tivesse a coragem de infligir tal dor em si mesma. Na medida em que caminhavam, mais corpos iam sendo achados pelo caminho. Em certo trecho, a trilha se alargava. Um círculo fora aberto de forma brusca e nada meticulosa. Diretamente à frente do grupo, uma sombra se mexeu. Jael ergueu o arco.

— Espere! – Pediu Zoe.

Ela correu para o outro lado antes que Deborah pudesse impedir. Jael praguejou baixinho, mas não abriu a guarda. O arco continuava pronto em suas mãos. Ela não tinha o dom de Zoe, mas seus olhos gaditas podiam enxergar muito bem no escuro.

Zoe parou diante de um Vigilante. Ele estava amarrado em uma árvore e seus olhos refletiam o terror. A moça retirou a mordaca que o impedia de falar.

— Por que veio, Zoe? Você sabe que é uma armadilha!

Em resposta, ela cortou a corda que o prendia.

— Corre! Não quero ser responsável pela morte de mais ninguém. É um fardo muito pesado.

O rapaz a olhou agradecido e se embrenhou no mato, quase de quatro pés. Ela ouviu um zunido e algo se enrolou no seu pescoço, puxando-a para trás. Ela caiu sem poder respirar. Os dedos, em movimentos desesperados, buscavam afrouxar os fios que estavam a ponto de esmagar sua garganta, enquanto as pernas chutavam o ar. Ela podia ver, num borrão, flechas passando e acertando os alvos. Jael não cometia erros.

Deborah pegou uma espada no chão que devia ter pertencido a um dos Vigilantes mortos. Ela era imbatível com apenas uma espada, com duas, era uma lenda. O instinto era o que guiava seus olhos. Ela os sentia muito apurados. Os mercenários usavam as mesmas armas que foram usadas em Hedhen, na batalha do Vale da Profecia. Mas havia os que saíam da escuridão, lutando corpo a corpo. Isso os fazia confiar demais na emboscada. Jael largou o arco e pegou outra espada no chão. Sua rapidez e agilidade não eram conhecidas em Nod. Aqueles mercenários mal viam de onde vinham os golpes.

Zoe estava quase desfalecida, quando sentiu que o aperto cedia. Alguém a puxou pelos braços, para o abrigo atrás de alguns troncos velhos. Era Eliah. Ele havia cuidado do mercenário que a havia atacado e agora cortava o fio com uma faca, desenrolando-o cuidadosamente do pescoço dela. Arfando e lutando para respirar, ela lhe lançou um olhar agradecido. O velho sorriu e pousou a mão em sua cabeça.

— Fique aqui – foi tudo o que ele disse antes de voltar para a luta.

Os corpos dos mercenários foram empilhados em um canto da clareira circular. Eram dez ao todo. Eliah estava agachado ao lado de Zoe, passando uma pasta verde feita de plantas amassadas em seu machucado. Em seguida, ele enrolou uma faixa em volta do pescoço dela. As plantas amassadas davam uma sensação refrescante.

— Obrigada, Eliah – ela falou com a voz rouca.

— Você está do mesmo lado que eu. É minha amiga.

Ele levantou-se com a aproximação de Deborah e Jael. A arqueira tinha uma nova espada pendurada ao cinto e lançou para Zoe um olhar carrancudo.

— Você sempre age com tanta imprudência? Podia ter morrido!

— Eu não podia deixar que ele morresse por minha causa... — Zoe tentou explicar, segurando no pescoço dolorido.

— Infelizmente, estamos numa guerra em que pessoas irão morrer por nossa causa — murmurou Jael, dando-lhe as costas. Uma vez ela tinha ouvido aquelas mesmas palavras sendo pronunciadas por Héber.

Zoe olhou apreensiva para Deborah. A rainha mantinha o rosto sério e os braços cruzados.

— Também está zangada?

— Não tiro a razão dela, Zoe. Nós crescemos e vivemos vendo as pessoas dando suas vidas por nós. Precisa aprender que sua vida também é preciosa e necessária para uma causa maior. Se não fosse Eliah, você estaria morta.

— Por que acha que sou especial?

— Você quer motivos? Pois bem, lá vai: um, o Ancião fala com você; dois, o dom que você possui é raro; três, o inimigo, mesmo sabendo que você faz parte do povo que ele persegue, a manteve viva até agora; quatro, um grupo de dez mercenários foi enviado para exterminar um número igual de Vigilantes, apenas

para pegar você; cinco, sua vida é uma ameaça para alguém. Devo continuar?

Zoe, atordoada, não soube o que responder.

— Quem é você, Zoe?

Deborah observou que havia uma confusão sincera nos olhos da moça.

— Depois de tudo o que falou... Eu realmente não sei.

Deborah amenizou o semblante e sorriu para ela.

— Nesse caso, se estiver melhor, vamos continuar em frente.

Com um suspiro inquieto, Zoe aceitou a mão que Eliah lhe oferecia e seguiu em frente, cheia de dúvidas e reflexões.

Elas levavam na bagagem um novo suprimento de armas. As estranhas e letais armas mercenárias talvez tivessem outra utilidade, segundo Jael. Os fios de aço não precisavam ser lançados em pessoas. Foi com relutância que elas aceitaram pegar alguns escorpiões. Zoe insistiu, dizendo que era melhor tê-los ao seu favor do que contra elas. Como eram armas pequenas, coube a cada um levar uma parte em sua bolsa de viagem. Perto do amanhecer, e já bastante longe do local da emboscada, o grupo arriscou-se a parar e comer alguma coisa. Enquanto Zoe e Eliah dormiam, Deborah

sentou-se ao lado de Jael. A Guardiã olhava em direção a uma alta colina verde, cujas formas iam clareando na medida em que o sol ameaçava sair. Nas mãos, ela manuseava o shofar de Héber.

— Saudades de casa?

Jael sorriu.

— Ela parece tão distante... Veja essa terra, Deborah. Ela é tão grande e bela em suas dimensões, no entanto, paira sobre ela uma loucura que converte toda essa beleza em um pesadelo.

— É curioso ver como a beleza natural ainda sobrevive.

Jael olhou para ela.

— Você acha possível que, apesar da distância, a restauração de Hedhen tenha, de alguma forma, preservado essa beleza que vemos agora?

Deborah pensou antes de responder.

— Jabim acreditava que o rio de fogo fazia a ligação entre as duas terras. Se ele estivesse certo, o mal que ele pretendia fazer iria atingir a ambas. Talvez haja igualmente uma ligação para o bem.

Jael parecia satisfeita com essa resposta.

— É bom saber disso.

— Saber do quê?

— Que embaixo da terra, invisível aos nossos olhos, corre um rio que flui de Hedhen. O calor que ele traz estimula a vida e, mesmo contra a vontade de Abadom, as bênçãos encontram uma entrada para Nod.

Deborah não pôde deixar de sonhar com as palavras da irmã. Aquele rio era um sinal de esperança, graças à escolha que elas tomaram.

— Como você viu aquela armadilha? – Jael perguntou de repente.

— “Eu acho que algo aconteceu quando nossos sinais arderam naquela noite”. – Deborah falou em pensamento, com o rosto virado para o chão. - Lembra? – Ela concluiu em voz alta, olhando para Jael.

— É claro que lembro. Por um momento eu pensei que nossa luz tinha voltado... – ela parou ao ver que Deborah sorria. – O que foi?

— A única coisa que eu falei em voz alta, foi quando olhei em seus olhos. O resto, eu expressei em pensamentos e você me ouviu.

Jael quase soltou o shofar de Héber, tomada pela surpresa.

— Então, nossa luz...

— Não voltou totalmente, mas acho que algo retornou para nós.

Jael tinha ímpetos de tocar o shofar, mas se conteve. A hora chegaria.

— Tudo o que sei, Jael, é que algo liberou a nossa capacidade de comunicação e tornou nossos sentidos tão apurados quanto antes. Não sei se notou, mas nossos sinais, apesar de não brilharem com intensidade, não são mais opacos.

— Precisamos descobrir o que aconteceu – Jael falou, voltando a guardar o shofar no cinto. – Quanto tempo levará para chegarmos até as Sacerdotisas de Parthenos?

— Zoe disse que amanhã pela manhã nós avistaremos o porto no qual elas embarcam.

Jael suspirou.

— Não consigo me acostumar com as distâncias dessa terra! Em Hedhen, os lugares pareciam bem mais próximos um do outro. Aqui, qualquer viagem pode levar até semanas!

— A bênção da luz coube à parte menor das terras, Jael. Nod é a porção maior, aquela que precisa ser inundada e restaurada. Foi por isso que os Primeiros Tronos arriscaram a própria vida para salvá-la da destruição. Em Hedhen, localizam-se os lugares mais

poderosos e antigos, assim como a sede dos Tronos. Mas é aqui, em Nod, que residem mais vidas. É uma terra rica que jaz em trevas, mas que não está totalmente perdida. A luz de Hedhen é forte o suficiente para cobri-la por completo. Abadom sabe disso.

— Nesse caso, cabe a nós descobrir como fazer isso. Vamos acordar os outros e seguir viagem. Não vamos perder mais tempo.

Capítulo 7

Dúvidas de uma Sacerdotisa

O navio aportou ao longo de uma terra desolada e vazia. Não havia nenhum sinal de luz na noite escura. No convés, Barak e Noa observavam analiticamente os contornos da praia. As ondas batiam nas rochas antes de chegarem à terra seca.

— Vamos ter que arriscar os botes em meio aquele aglomerado de rochas – lamentou Barak. – Não há outro jeito.

— Talvez Héber possa iluminar o nosso caminho até lá – ela sugeriu.

— Sim, ele poderia fazer isso, se Apolo permitisse.

Noa olhou para ele.

— Ele não permite? Por quê?

— Sigilo. Foi essa a palavra que ele usou. Não convém despertar os poderes adormecidos dessa terra esquecida, revelando a luz. Pelo menos, não antes da chama estar acesa.

— Ele falou algo sobre esse santuário?

— O Santuário de Laos é um dos santuários cujos guardiões podem estar transitando pelos dois mundos.

Noa sorriu sem querer, um riso nervoso, e pôs as mãos sobre a amurada.

— Eu sou a Sacerdotisa. Por que ele não me falou sobre isso?

— Acho que ele espera que você reconheça o espírito que envolve o lugar, sem que ninguém lhe fale sobre ele.

— Você está me falando.

Barak sorriu e deu de ombros.

— Eu me identifico com você, Noa. Ambos tínhamos uma vida relativamente normal, até sermos marcados com um título do qual não se pode escapar. Eu não gosto de andar às cegas e sei que você também não. Falei para você porque acredito que sabendo um pouco do que tem lá na frente sua percepção trabalhará melhor.

— Eu lhe agradeço por isso, Barak.

Ele pôs a mão no ombro dela.

— Noa, já é hora de parar de pensar na floresta. Quedes sempre estará lá para você e Sangar. Chegamos ao seu destino e é bom que passe a pensar como a Sacerdotisa que é. Muita coisa depende disso. Um dia você me acompanhou na minha difícil jornada. Agora é a minha vez. Escute o meu conselho e assumo o título que lhe cabe.

Noa sentiu a energia fluir da mão de Barak, dando-lhe coragem e determinação. Ela respirou fundo, e balançou a cabeça com o olhar fixo à sua frente.

— Eu ouço você, meu amigo. Saiba que resolvi deixar Quedes para trás no momento em que partimos daquela ilha. Se não for assim, as lembranças não me deixarão prosseguir. Aqui, nessa terra, é a presença da Sacerdotisa que é necessária. E eu pretendo ser exatamente isso para Nod.

O navio voltou após soltar os dois barcos. Ele seguiria para o lado leste da costa, onde havia um porto de mercadorias, e aguardaria a volta do grupo. Não havia, segundo Apolo, como descer os cavalos naquela primeira parte de sua viagem. Estes só seriam usados para alcançar o segundo santuário. Há uma hora

começara a cair uma chuva fina que logo se transformara numa enxurrada. Com água nos olhos, eles lutaram para desviar os barcos das pedras quando estes eram impelidos pelas ondas. Felizmente, Sarah estava entre eles e seus olhos eram verdadeiros faróis. Noa e Maalá, esta última com a ajuda do elmo invisível, ajudaram a encontrar o caminho no outro barco. Eunice praguejou e soltou o remo quando este se espatifou num recife. Felizmente, ela não foi de encontro com a água graças à velocidade de Joakim. Quando, enfim, chegaram à terra firme, a chuva pareceu desistir de impedir seu caminho. Tão súbito quanto começou, ela cessou de cair.

Sangar jogou sua mochila encharcada na areia e olhou para o céu.

— Foi minha impressão ou essa chuva veio nos dar as boas-vindas a esta terra?

Apolo, ao seu lado, ofegava e sacudia-se ao mesmo tempo.

— Acredita mesmo que uma chuva possa ter desejo próprio?

— Ele perguntou.

— A chuva em si provavelmente não teria – respondeu Sangar. – Mas, se no passado houve poderes capazes de gerar

catástrofes que ruíram cidades, provocar uma simples tempestade de curta duração não seria assim tão difícil, seria?

Apolo nada respondeu e seguiu em frente.

— O que faremos com os barcos? – Héber olhava em volta, mas nada havia naquela praia, além de rochas.

— Algo me diz que não precisaremos mais deles – Barak ponderou. – Solte-os e deixe que os recifes façam o trabalho.

— E se alguém os vir com a luz da manhã?

— Essa é uma terra deserta, Héber. Ela é plana e rochosa. Não há vida aqui por muitas milhas. Ninguém vai encontrar esses barcos.

Héber, ainda relutante em perder os barcos, fez o que Barak sugeriu e os soltou. Rapidamente, eles foram sendo arrastados pelas ondas em direção às pedras.

Noa parou ao lado de Apolo.

— Sabe para onde nos guiar por terra, sacerdote?

Ele parecia nervoso e angustiado. Estava em cima de uma pequena elevação e olhava para a escuridão que se estendia na sua frente.

— Essa é uma terra de morte – ele murmurou. – Não é bom ficarmos muito perto da água.

Noa olhou para trás e observou o mar agitado.

— Eu penso que a água já nos ofereceu o perigo que lhe cabia.

Ele olhou para ela com os olhos injetados de medo.

— Você não sente?

— O que eu sinto de fato, Apolo, não está na água, mas lá na frente. Vem daquela escuridão sem fim, para a qual você olhava tão fixamente.

Ela suspirou e pegou a mão grande e trêmula do homem.

— Não convém ficar aqui, perto da água, mas também não quero caminhar por uma estrada que não posso enxergar. Vamos achar um local seco para esperar o dia. Quando houver luz o suficiente, encontraremos o nosso caminho.

Joakim acendeu uma fogueira e Sarah apressou-se em colocar algumas folhas de chá numa panela de água fervente. Eles haviam encontrado um local seco e protegido do vento que vinha do mar. Apolo tremia embaixo de dois cobertores. Barak, da forma mais discreta possível, tocou nos cobertores de modo que o calor de

sua luz se espalhou por eles de uma maneira apenas confortável. Apolo sorriu-lhe em agradecimento. O chá de viagem preparado por Sarah revigorou-lhes as forças.

— Apolo, pode nos falar sobre o Santuário de Laos? – Pediu Héber.

— Não nesta escuridão, meu rapaz. Eu temeria minhas próprias palavras.

Joakim olhou em volta e buscou a mão de Sarah.

— É mesmo um lugar terrível – ele resmungou.

— A escuridão que cobre Nod é estranha – disse Sarah. - Ela parece congelar até os ossos.

Noa levantou-se.

— Apolo está certo. Eu também quero saber mais sobre o santuário, mas não agora. Descansem. Eu ficarei de guarda, pois ainda não tenho sono.

— Eu poderia lhe fazer companhia? – Ofereceu-se Maalá. - Também não tenho sono.

Noa sorriu.

— Eu apreciaria sua companhia, minha amiga.

Elas se afastaram até um local mais elevado, enquanto os outros buscavam um lugar confortável junto ao fogo para dormir.

— Ofereci-me sem antes saber qual era sua intenção – disse Maalá, quando as duas se instalaram em seus postos. – Talvez quisesse apenas um tempo para pensar.

— Tenho pensado muito ultimamente, Maalá – Noa suspirou, abaixando o capuz de sua roupa. - Conversar um pouco será muito bom.

— Lembra-se da última vez em que conversamos assim? – Perguntou Maalá.

— Só nós duas? Bem, eu realmente não lembro se foi da última vez, mas a recordação é clara. Você havia perdido a esperança e queria desistir de tudo. Fico pensando se teria mesmo feito isso, caso Deborah demorasse mais um dia para atirar aquela flecha.

Maalá riu com a lembrança.

— Eu poderia ter tentado desistir, caso ela demorasse mais um dia. No entanto, você não me deixaria fazer isso. Sua fé na Profecia sempre foi um estímulo para mim.

Noa a olhou intrigada.

— Como eu poderia ser um estímulo para você? Quase tudo o que aprendi na Ordem Branca foi através do que me ensinou!

Maalá balançou a cabeça.

— Não, minha amiga. Eu não me esforcei para lhe ensinar nada. Você apenas compreendia e fazia o certo. O conhecimento já estava em você.

Noa refletiu naquelas palavras.

— Há tantas perguntas sobre o meu passado que não possuem respostas... – ela murmurou.

Maalá apontou para a escuridão.

— Talvez até o fim dessa viagem você encontre essas respostas. Elas não estão em Hedhen, Noa. Elas estão aqui, em Nod, esperando por você.

Noa fitou a escuridão e sentiu que realmente encontraria alguma coisa.

No dia seguinte, Nathan, que havia substituído Noa e Maalá já perto do amanhecer, acordou os outros quando viu que a claridade era suficiente para caminharem. A paisagem era desoladora. Uma vasta campina arenosa, com vegetação rala, nenhuma árvore e muitas pedras era o que tinham diante dos olhos. Apolo apontou a direção sem nada dizer, e eles seguiram determinados. O sacerdote de Nod caminhava calado e taciturno,

mas aquele silêncio começava a incomodar os outros. Barak parou e os outros o imitaram. Apolo, que ia um pouco mais à frente, percebeu o gesto e parou sem se virar.

— A noite já se foi há muito tempo – falou Barak. – Não acha que a luz do dia é forte o suficiente para nos contar o que precisamos saber?

Apolo suspirou e voltou-se resignado.

— A luz, nesse lugar, nunca será suficiente para afastar o que jaz lá na frente. No entanto, você está certo, nobre Rei de Hedhen. Eu devo falar, embora esse não seja o meu desejo.

Eles aproveitaram a parada para preparar a primeira refeição do dia. Apesar de não haver árvores no caminho, o calor não era um inimigo, pois o sol mal saía detrás das nuvens. Joakim preparou a sopa de ervas, que todos comeram com prazer. Apolo, então, olhando em volta, começou a falar.

— Os santuários, todos eles, exceto os dois portos principais, após terem sido conquistados pela Ordem Negra, passaram a ser custodiados por seus servos. Eles os guardam como se guarda os muros de uma cidade. Dentre todos os santuários, este que nós escolhemos como o primeiro em nossa lista foi o último a cair. Dizem que... – ele hesitou. – Dizem que a sacerdotisa de Laos,

quando soube que era a última sacerdotisa viva, aferrou-se à Sala da Tocha, tentando mantê-la segura dos inimigos. Ela pretendia selar aquela sala sagrada e fugir pelo mar, antes que a Ordem Negra chegasse. No entanto, ela foi traída pelos próprios sacerdotes que a assistiam.

Noa, que mantinha o olhar preso ao chão, ergueu os olhos.

— Traída? Por sacerdotes?

— Sim. Ela foi traída, mas não se deixou pegar pela Ordem Negra. Ela alcançou a Sala da Tocha e a selou por dentro. Esta só poderia ser aberta por uma sacerdotisa verdadeira, cuja causa fosse conivente com a Profecia.

Houve um silêncio pesado sobre o grupo.

— Ela selou a porta prendendo a si mesma? – Héber perguntou. – Atentar contra a própria vida não é contra as regras do Pai-Criador?

— Não nesse caso, Héber – respondeu Barak. – Ela sabia que era a última sacerdotisa, e que a Profecia seria comprometida caso encontrassem e destruíssem o Altar. Ela optou por proteger o local mais sagrado daquele santuário, em lugar de deixar que este fosse destruído ou alcançado pelas trevas.

Apolo sorriu.

— Isso mesmo. Até então, todas as Tochas haviam sido protegidas, embora não ardessem mais, pois as sacerdotisas que mantinham o fogo aceso já não existiam. O que a Ordem Negra pretendia fazer, era conseguir extrair da última sacerdotisa, a chave para quebrar os selos de cada santuário. Mas eles chegaram tarde, e a sala foi selada e manteve-se protegida. A última Tocha ardeu enquanto a sacerdotisa viveu. Sem alimento ou água, ela não durou muito tempo. Quando aconteceu, todos os sacerdotes fiéis à Profecia sentiram o efeito. Perdemos nossos dons e poderes, menos o nosso conhecimento, ou pelo menos parte dele....

— O que aconteceu com os sacerdotes traidores? — Perguntou Eunice.

O semblante de Apolo voltou a ficar sombrio.

— Como castigo por não terem conseguido cumprir seu dever para com a Ordem Negra, eles foram transformados, através de artes ocultas, em espectros. Seres que não estão nem nesse mundo e nem no mundo invisível. Oscilam entre o que é e o que não é.

Todos permaneciam em silêncio, ouvindo apenas.

— Sua principal função é guardar o santuário. Impedir a aproximação de qualquer pessoa. Foi isso o que restou para a

Ordem Negra. Zelar pela guarda dos santuários, já que as sacerdotisas tiveram êxito em selar as salas sagradas. Todas elas.

— Eles não podem chegar aos altares, mas também não deixam que ninguém mais consiga – falou Sangar.

— Ou aguardam ansiosamente para que alguém possa fazê-lo – opinou Nathan. – Não vamos subestimar nossos inimigos. Noa traz esperança não apenas para aqueles que lutam pela Profecia, mas para a própria Ordem Negra. Ela pode abrir as salas.

Noa levantou-se calada e pensativa.

— Aonde vai? – Sangar perguntou, segurando-lhe a mão.

Ela olhou para ele e sorriu.

— Eu preciso caminhar um pouco... Preciso pensar, enquanto ainda é dia – ela falou, olhando para Apolo.

— Faça isso, minha filha – ele disse.

Noa necessitava daquele tempo, mas foi difícil se afastar do peso daqueles olhares amigos, pois a geografia do lugar não oferecia nenhum local reservado no qual ela pudesse se isolar. Ela já havia aceitado sua atual condição. No entanto, ela sentia-se pequena diante de tanta coisa que era lançada sobre ela a cada revelação. Nesse momento, os sábios conselhos de sua rainha

seriam de grande ajuda, mas Deborah estava perdida em algum lugar daquela terra imensa, longe de seu alcance.

Enquanto ela pensava e refletia, seus passos a levaram em direção a um declive invisível à distância. Uma pequena ladeira de solo rochoso, talvez um antigo leito de rio, lhe oferecia um pouco de isolamento. Ela desceu com cuidado a ladeira, que não devia ter mais de três metros, e sentou-se com as costas apoiadas numa pedra redonda. Ela ficou ali, esquecida do tempo e perdida em pensamentos conflituosos.

— A sua visão está tão embaçada quanto este lugar — comentou uma voz ao seu lado.

Noa praticamente pulou com o susto e, quando levou a mão ao cabo da espada, tropeçou em uma pedra e caiu sentada, desequilibrada pelo declive. Seus olhos, porém, arregalaram-se quando viram o sorriso quase encoberto pelo capuz, e o calor que ele passava. Ela já ouvira descrições do Ancião, mas ela nunca pensou em vê-lo, sozinha, face a face. Ele levantou-se da pedra onde estava sentado e lhe deu a mão.

— Levante-se, Sacerdotisa — sua voz era amigável e profunda e deixava-a à vontade. — Não é uma boa posição para se conversar.

Ela pegou na mão que ele lhe estendia e sem nem perceber já estava de pé.

— Eu me sinto sem palavras, Senhor – ela balbuciou.

O Ancião suspirou enquanto lhe indicava a pedra na qual sentara antes.

— Isso é um problema, já que eu sei que existe uma quantidade enorme de perguntas rondando sua mente. Precisa encontrar as palavras, Noa.

Ela respirou profundamente e deixou-se levar pela segurança que ele exalava.

— Minha tarefa é grande. Maior do que tudo o que imaginei que seria. Parei há muito tempo de negar para mim mesma aquilo em que me tornei. No entanto, as coisas acontecem rápido demais. Quando eu sinto que está pesado, mais uma carga é acrescentada. A Profecia me escolheu. Não sei desde quando, ou como isso aconteceu, mas o fato é que eu sou a Sacerdotisa que todos esperam. A missão de Davi e Eva está entrelaçada com a minha. Até aqui, eu venho lutando pela Profecia como alguém que fica à parte, auxiliando. Agora eu me tornei parte dela, mas admito que me falta coragem e segurança.

— Você as tem, Noa. Estão dentro de você, como sempre estiveram. Você sempre foi uma mulher sábia. Sempre manteve uma postura de Sacerdotisa, mesmo sem o saber. Deborah, Jael, Barak, Davi, Eva, Hulda. Todos eles caminham sobre a terra como você, levando o mesmo peso. Sabe onde eles encontram a força, a coragem e a segurança de que precisam? Dentro deles. A fé é um presente dado pelo Pai. Um presente tão pequeno em seu tamanho, que chega a ser quase imperceptível. No entanto, ele está lá, no fundo do coração, aguardando para ser regado como uma semente. Mas essa semente deve ser regada por você, minha filha. Não espere achar a resposta em outro lugar, já que você reconhece quem é.

Ele pôs a mão sobre o ombro dela.

— Erga sua cabeça e use os dons que já conhece. Aperfeiçoe-os. Precisarão deles no caminho para Laos.

— Como podemos lutar contra espectros que andam entre os dois mundos?

— Usando armas dos dois mundos – foi uma resposta simples e direta.

— A armadura! – Ela exclamou, após pensar um pouco.

O Ancião sorriu.

— Está vendo? As respostas estão dentro de você, Noa.

Ele levantou-se e ela o imitou.

— Senhor, antes que vá, eu posso lhe fazer uma pergunta?

O Ancião sorriu.

— Você quer saber se elas estão bem, não é? Deborah e Jael.

Noa baixou a cabeça.

— Sim, é isso. Nossa mente está fixada na missão que temos pela frente, mas nosso coração clama por respostas. Elas nos são muito caras, o Senhor sabe disso.

— Elas não tardarão a encontrar seu sinal, Sacerdotisa. Tudo o que posso dizer é que, antes que as Tochas sejam acesas, seus corações se tornarão mais leves.

Noa sorriu.

— Obrigada, Senhor. Tenho certeza de que nosso caminhar será menos penoso agora, apesar desse mundo cinzento que nos rodeia.

Ele sorriu para ela com jeito paternal.

— Devo ir, mas estarei acompanhando seus passos, Noa. Voltaremos a conversar, não duvide disso.

Ela acenou com a cabeça e o viu caminhar, sumindo por trás do acive à sua frente.

Capítulo 8

A Floresta do Incenso

Davi acenou alegremente para as crianças que os acompanharam até a saída do povoado. Era o quinto que eles haviam encontrado desde que partiram da aldeia de pescadores. Em cada um deles havia pessoas precisando de cura e ensinamento. Eva curava e Davi ensinava sobre a Profecia. As pessoas tinham o véu que encobria sua memória retirado e se maravilhavam diante do conhecimento que lhes estava oculto. Áquila observava com orgulho o agir dos dois jovens. Para sua tranquilidade, não encontraram sinal de inimigos em seu caminho, mesmo sabendo que estavam na mira de Abadom. Eles começariam a subir algumas montanhas baixas. Atrás delas ficava a ponte de Bogaz. Era um lugar perigoso para eles, pois era um reduto de caçadores, mercenários e mercadores. Um estabelecimento comercial geralmente abrigava pessoas assim. Por ele, não fariam

essa parada, mas havia alguém lá que ele deveria encontrar e que seria crucial em sua jornada.

A subida da montanha não foi difícil, pois não era muito alta e o clima estava ameno. As trilhas feitas por caçadores facilitavam a caminhada. Lá em cima, perto do fim da tarde, resolveram acampar. Hulda passou entre duas rochas e olhou para baixo. Sua respiração ficou suspensa diante da beleza que se descortinava na sua frente. Na base da montanha em que estavam encontrava-se uma floresta alta e escura, cujas folhagens de um verde musgo estendiam-se por uma área impossível de se imaginar. Ao longe, olhando para o norte, ela podia ver os contornos de altas montanhas. No Leste, um braço estreito de água formava o que parecia ser um rio largo, quase um mar estreito. Cortando-o pelo meio, uma ponte maciça de madeira escura, cujo tamanho não se podia medir, proporcionava uma travessia segura. Ela lembrou-se da ponte de Gades e sentiu saudades.

— O Estreito de Bogaz – explicou Áquila ao seu lado. – Chegamos à metade de nosso caminho – ele apontou para as montanhas. – As Montanhas de Arath estão ali, esperando por nós.

— E essa floresta, Áquila? Ela parece não ter fim!

Áquila sorriu.

— Não se preocupe. Existem caminhos abertos dentro dela. Nós, sacerdotes, já a atravessamos diversas vezes e, para isso, criamos nossa própria rota. Dentro dela estaremos seguros.

— Ela tem um nome?

— É a Floresta de Lubnan.

— Lubnan? O que significa?

— Incenso.

Hulda olhou para ele sorridente.

— Vai saber o motivo do nome quando estivermos dentro dela.

Ele chegou mais perto e apontou em direção à ponte.

— Vê aquele estabelecimento no cais?

Ela observou a comprida construção de madeira que se estendia numa área plana, destituída de árvores. Era a única construção a existir no local.

— Aquele é um lugar de múltiplas funções – explicou Áquila.
– Ele serve de hospedaria, taverna, armazém, e é um ponto de encontro para os mais diversos tipos de viajantes.

— Nesse caso, vamos evitá-lo.

Áquila riu.

— Não, Hulda. Na realidade, eu preciso ir até lá. Existe alguém a minha espera. Alguém que me aguarda desde que saí de Nod.

Hulda o olhou com desconfiança.

— Vocês, sacerdotes, não abriram a trilha da floresta. Não o vejo abrindo caminho com um facão nas mãos, Áquila. É o nosso guia que nos espera?

— Você é muito perspicaz, minha amiga.

Ela sorriu.

— Esquece que sou uma profetisa?

Ele ergueu as mãos e sorriu sem nada responder.

— Quando vamos até lá?

Áquila ergueu um dedo.

— Eu irei, mas você não.

Hulda pôs as mãos na cintura, pronta para revidar.

— Hulda, seus trajes a fazem parecer uma sacerdotisa. Isso causaria uma verdadeira comoção junto aos mercenários e mercadores. Não duvido que os primeiros já tenham ouvido rumores sobre uma sacerdotisa, por parte dos magos que transitam por esses lados. Seria mais seguro ficar aqui e segurar Davi e Eva.

Ela suspirou de má vontade.

— Quem você pretende levar?

— Chamarei Zoar, e levarei Zacarias e Hagai comigo.

— Por que não Hadassa?

Áquila coçou a cabeça.

— Guerreiras não são bem vistas aqui em Nod, minha amiga. Prefiro levar comigo um grupo pequeno que não levante muitas suspeitas.

— Não vai ser fácil segurar Davi. Ele vai querer partir com vocês.

O semblante de Áquila ficou sério.

— Ele respeita você, Hulda. Apesar da ousadia que as Árvores vêm demonstrando, aquele lugar ali embaixo não é indicado para que façam uma aparição pública.

Hulda forçou um sorriso.

— Eu compreendo você, Áquila. Não se preocupe. Eu farei o que puder para mantê-los aqui.

Pela manhã, Davi observava emburrado o grupo descendo a montanha. O rapaz estava encostado em uma árvore com os braços cruzados e a testa franzida. Hulda teve ajuda de Eva para convencê-lo a ficar. A moça, pelo menos, havia herdado o temperamento da mãe e sabia ser prudente quando necessário. Enquanto estavam ao redor do fogo, preparando a refeição da manhã, Hadassa ia ensinando a maneira certa de não deixar que a fumaça se espalhasse. Elas observavam com interesse a rastreadora preparar um abrigo de casca de árvores ao redor do fogo.

Davi voltou sua atenção para as mulheres e foi se acalmando ao ouvir as explicações de Hadassa. Já mais calmo, ele pôs a espada no cinto e passou por elas.

— Para onde vai? – Hulda perguntou.

— A senhora profetisa me dará sua permissão para explorar essa montanha? – Ele perguntou com um gracejo. – Quando chegamos ontem, vi que existem algumas cavernas espalhadas

mais acima. Já que fui privado dessa expedição, tenho que fazer alguma coisa, senão ficarei louco.

Eva levantou-se e pegou o arco.

— Nesse caso, vamos juntos. Talvez encontremos alguma caça no caminho.

Davi não teve como negar. Cada minuto que passava sozinho com Eva, gostaria de prolongar em horas. Os dois olharam ansiosos para Hulda. A profetisa hesitou, mas por fim cedeu.

— Sumam da minha frente, mas não se percam!

Rindo, eles deram-se as mãos e se foram.

Davi subia pelas rochas com agilidade, mas Eva o acompanhava no mesmo ritmo. Poucas vezes ele teve que virar-se e lhe oferecer a mão em ajuda. Lá em cima, a vista era ainda mais fabulosa. O verde escuro da floresta contrastava com o azul intenso que vinha do Estreito de Bogaz. Antes de ir em direção às cavernas, eles pararam para apreciar a paisagem.

— Nod é um lugar tão belo – falou Eva. – Onde estão as trevas que reinam nesse lugar?

— Estão escondidas aos olhos. É melhor alimentar a ignorância do povo em meio à beleza do que mostrar a face

verdadeira que o cerca.

Ele olhou para ela e sorriu.

— Quando nós cumprirmos nossa missão aqui, tudo ficará ainda mais bonito. Principalmente porque não vai ser uma beleza falsa.

Eles seguiram em direção a alguns buracos espalhados pela face da rocha.

— Como conseguiu enxergar esses buracos? – Ela perguntou, analisando o tamanho de cada abertura.

— Eu simplesmente vi – Davi deu de ombros.

Eva ajoelhou-se diante do buraco que parecia ter a maior abertura. A luz do sol batia sobre ele e iluminava parcialmente seu interior.

— Não parece muito fundo... – Ela mal acabou de falar, quando o chão aos seus pés cedeu, ampliando o buraco.

Davi, por instinto, deu um pulo para trás, ao mesmo tempo em que tentava alcançar o braço de Eva. Ela, porém, já havia sumido por dentro da abertura.

— Eva! – Ele gritou, apoiando-se na borda com cuidado, tentando enxergar além da escuridão.

— Eu estou bem – ela respondeu lá de baixo. – Como eu disse antes, o buraco não é muito fundo. Mas não dá para subir sem uma corda.

— Certo! Não saia daí! Eu volto logo com a corda.

— Não vou sair daqui, Davi. Pode ter certeza disso.

Eva escutou as passadas de Davi se distanciando. Ela aproveitou o tempo de espera para observar a pequena câmara em que havia caído. A luz do sol iluminava mais espaços agora, na medida em que o astro subia no céu. Ela podia ver com mais clareza as figuras pintadas na parede de pedra. Elas chamaram sua atenção no momento em que caíra e levantara a vista. Eram desenhos que preenchiam todo o espaço, como se o artista buscasse o mais ínfimo espaço livre para continuar sua obra. Levantando-se e sacudindo a areia da roupa, ela começou a caminhar em volta, observando os desenhos. O que viu a deixou perplexa. Os desenhos falavam dela e de Davi!

Davi voltou em questão de minutos, trazendo a corda e um grupo muito nervoso atrás dele. Hulda estava ansiosa demais para

passar sermões. Quando chegaram à abertura, ele ajoelhou-se com a corda na mão.

— Eva! Eu voltei e trouxe a corda.

— Davi, tem mais alguém com você? – Ela perguntou.

O rapaz olhou para trás e fitou os rostos ansiosos.

— Estamos todos aqui.

— Ótimo. Eu preciso que você e Hulda desçam aqui. Tem uma coisa que precisam ver.

Hadassa pegou a corda da mão dele e a atou em volta do tronco grosso de uma árvore, testando o nó para ver se estava firme.

— Nós seguraremos a corda enquanto vocês descem – ela falou com autoridade, fazendo um sinal para que Rute e Rebeca se aproximassem. – Amarrem-na na cintura e nós os desceremos devagar. – Ela virou-se para Hulda e Davi com um sorriso. - Podem confiar.

Hulda foi primeiro. Davi ajudou a descer a profetisa, que parecia meio insegura. Ele foi em seguida. Lá embaixo, o sol já iluminava tudo com uma nitidez assombrosa. Eva e Hulda olhavam para cima, ansiosas à sua espera. Quando ele tocou o chão, Hadassa gritou lá de cima:

— Quando quiserem subir é só puxar a corda. Estaremos aqui.

Os desenhos mostravam, no princípio, a figura de duas oliveiras dentro de um barco. Em seguida, o desenho representava as árvores já em terra, cercadas por muitas pessoas. Davi apontou para um desenho no qual uma criança era representada deitada, talvez doente, sob a sombra de uma das oliveiras. Um pingote de azeite caía sobre ela, e na figura seguinte a criança estava sentada.

— A seiva curadora – ele observou.

Em outro desenho, a árvore estava no meio de um povoado, e as pessoas estiravam as mãos sorridentes a fim de colher seu fruto. Eva sorriu.

— Acho que esse fruto representa o poder de sua voz, Davi. O despertar da Profecia.

Hulda pôs as mãos na boca.

— Está tudo aqui!... Mas como é possível? Tudo o que vocês têm feito já estava registrado!

— Estamos no Caminho das Árvores – disse Davi. – Os povos que guardavam a Profecia deviam querer deixar seus conhecimentos registrados aqui.

Eva aproximou-se de outra parede. A figura não mostrava mais nenhuma árvore. Mostrava um rapaz empunhando uma espada muito grande em suas mãos. Na frente dele, com o triplo do seu tamanho, erguia-se uma figura grotesca. Eva teve que tocar no desenho para ter certeza de que era real. Em cima dele havia uma escrita estranha. Davi e Hulda se aproximaram dela.

— Sou eu – ele disse ao avistar a figura. – Esse é o retrato de meu duelo com Golan, em Hedhen! A espada em minhas mãos era grande porque era uma espada de gigantes.

— Como é possível que soubessem desse fato? – Perguntou Hulda. – E essas palavras escritas... O que querem dizer?

Davi olhou para o desenho seguinte e sentiu um calafrio. Nele, uma moça estava agachada em meio a algumas árvores. Ela tinha uma longa lança nas mãos e a apontava para uma grande serpente. O réptil era maior do que as árvores que a rodeavam. O mesmo tipo de escrita estava sobre ela.

— Eva... – ele sussurrou.

A moça já havia visto e tentava compreender seu sentido.

— Se aquele era você, então esta sou eu – ela constatou. – Mas isso nunca aconteceu. Pelo menos, ainda não...

Hulda observou as palavras e, apurando a vista, percebeu que faziam parte de um texto maior.

— Há muitas perguntas que não podemos responder. Precisamos de Áquila e de Zoar. O jovem sacerdote é bom com línguas estranhas e talvez possa traduzir isso para nós. Nesse momento, acho que deveríamos voltar. Algo me diz que logo retornaremos aqui de novo.

Eles acataram as palavras de Hulda e Davi puxou a corda.

Áquila e os outros entraram no estabelecimento lotado. Lá dentro havia fumaça de charutos e de refeições fumegantes sobre as mesas e o balcão. Alguns olhares curiosos se voltaram para eles, caindo principalmente sobre os dois sacerdotes. Não era um fato raro terem sacerdotes ali, mas eles eram inimigos de Abadom, e isso já gerava certo desconforto para alguns. Hagai e Zacarias tinham o aspecto de dois viajantes comuns a serviço dos sacerdotes, por isso foram ignorados.

Áquila olhou em volta e descobriu o que procurava. Sentado sozinho em uma mesa mais afastada estava um homem alto e forte, com os cabelos grisalhos nos quais sobressaíam fios avermelhados. Ele ergueu os olhos e, após um momento de

surpresa e reconhecimento, acenou para o sacerdote com um sorriso. Áquila e os outros se aproximaram. Hagai, Zacarias e Zoar olhavam em volta, consternados. Ali só havia homens. Era estranho para eles, que vinham de uma terra onde as mulheres eram livres e iguais. Em Hedhen, ali também haveria guerreiras, mercadoras, rastreadoras, mercenárias, caçadoras, profetisas... Enfim, ali era Nod, e não Hedhen. Hagai ficou feliz por Hadassa não ter insistido em ir com eles.

O homem cumprimentou a todos efusivamente após dar um longo abraço em Áquila. A mesa era reservada e os homens em volta pareciam já ter esquecido sua presença.

— Meu bom Theófilo! — Falou Áquila. - Tive medo de não o encontrar aqui.

— Fiz meu acampamento na floresta desde que partiu em missão, sacerdote. Tenho vivido como caçador e nunca deixei de vir aqui. Tenho feito isso todos os dias. O velho, dono desse estabelecimento, não liga para minha presença constante. Ele aprecia as caças que trago para ele e que ajudam a reabastecer sua cozinha – ele deu uma risada sonora e típica de um homem do seu tamanho.

— Você faz isso desde que Áquila foi para Hedhen? — Perguntou Hagai.

Theófilo sorriu com orgulho.

— Não falhei um dia sequer, como foi combinado entre nós.

O grandão olhou para o sacerdote com grande seriedade.

— Teve sucesso em sua missão, meu amigo?

— Sim — a voz de Áquila era quase um sussurro. — Trago comigo as Oliveiras.

Theófilo olhou em volta, ansioso.

— Não vai encontrá-las aqui, meu amigo — sorriu o sacerdote. — Estão na montanha, em um local seguro. Eu tinha que vir e me certificar de que encontraria você. Esse foi o combinado de minha parte, lembra?

Theófilo tinha os olhos lacrimejantes quando apertou a mão do sacerdote.

— Ouvir sobre seu sucesso me traz uma alegria que eu nunca pensei em sentir. Elas existem realmente! A Profecia é real e vai se cumprir!

— Isso não é tudo, Theo — disse Áquila. — Há mais poder de Hedhen para ser derramado sobre nós. As Árvores não são os

únicos sinais da Profecia que trago com a minha volta. Mas isso não deve ser conversado aqui. Diga-nos qual é o nosso próximo passo?

— Você sabe que a água do Estreito forma um rio que atravessa boa parte da floresta. Amanhã, antes do nascer do sol, desça a montanha e siga o rio até uma clareira, a primeira que encontrar. Estarei esperando por vocês com suprimentos e uma balsa que aliviará nossa viagem.

Áquila sorriu em resposta e se despediu do amigo.

Já estava escurecendo quando eles retornaram e juntos escutaram o relato sobre os estranhos desenhos. Áquila sobressaltou-se com a notícia. Ele desconhecia totalmente a fonte que teria originado essas manifestações.

— Hulda, você disse que havia uma inscrição... – Comentou Zoar.

— Sim, havia. Mas eu não consegui identificar a língua.

Zoar virou-se para Áquila.

— Acho que deveríamos explorar essa pequena caverna, Áquila. E deve ser agora, pois partiremos antes do sol nascer.

— Sim, você está certo. Vamos até lá.

Davi e Eva pegaram pedras de fogo, alguns gravetos, e seguiram na frente mostrando o caminho. Rute, Zacarias e Hagai foram com eles, para cuidarem da corda. Lá embaixo, Davi juntou os gravetos que havia levado e Eva os acendeu com as pedras de fogo. A pequena fogueira iluminou o ambiente, que ficou mais impressionante ainda à luz do fogo. Enquanto Áquila seguia observando os desenhos, Zoar deteve-se diante das inscrições. Estas pairavam exatamente em cima dos desenhos que mostravam a figura do rapaz lutando com um gigante e da moça encurralada pela serpente. Hulda, Davi e Eva aguardavam com ansiedade o veredicto.

— Essas inscrições falam de alguns sinais que acompanhariam a vida das Árvores e que serviriam de prova, além dos sinais, de que eram as Oliveiras verdadeiras.

Davi deu um passo à frente e ficou ao lado de Zoar.

— Provas? – Ele apontou para o desenho. – Zoar, isso aconteceu comigo em Hedhen! Não teve nada a ver com Nod.

Áquila concordou.

— Davi está certo. Não existem gigantes em Nod.

Zoar suspirou.

— Eu receio, Áquila, que isso foi escrito em uma época muito antiga. Existe uma assinatura. O autor da inscrição chama a si mesmo de Melkes – Zoar apontou para uma inscrição mais acima.

— A Ordem de Melkes! – Exclamou Áquila. – Eles foram uma casta de sacerdotes que, após a traição, mantiveram-se fiéis à Profecia. Foram os primeiros guardiões e detinham um dom muito raro. O dom da visão. Está tudo explicado, então. Esses desenhos foram feitos numa época em que a terra ainda não havia sido dividida.

Ele olhou para Davi.

— Em Ariel, o verdadeiro nome da terra unida, os gigantes eram uma realidade.

— Isso quer dizer, então, que eu já cumpri essa prova?

Áquila sorriu.

— Eu devo dizer que sim, meu rapaz. Você a cumpriu exatamente como havia sido escrito há tanto tempo atrás. As intuições de Deborah e Jael caminham juntas. Elas fizeram você quebrar o voto de silêncio e me desobedecer para que esse momento fosse possível.

Eles se detiveram em silêncio, olhando para as figuras. Zoar afastou-se a fim de procurar outras inscrições.

— E quanto a mim? — Eva quebrou o silêncio. — Eu ainda não enfrentei nenhuma serpente. Isso quer dizer que minha hora também chegará? Até lá eu não poderei provar quem sou?

Áquila virou-se para ela com o cenho franzido, enquanto refletia.

— Eu desconhecia a existência dessas provas até agora, Eva. Quando chegarmos a Arath, talvez tenhamos a resposta. Mas eu receio que, assim como Davi cumpriu tão fielmente a Profecia, você também cumprirá aquilo que está destinado a você.

Eva resolveu subir por último, pois queria refletir sobre aquele desenho e guardar cada detalhe dele. A lança que a moça da pintura segurava não parecia com nenhuma lança convencional. Ela memorizou cada traço daquele desenho e só subiu quando teve a certeza de que não o apagaria de sua mente.

No dia seguinte, eles partiram montanha abaixo, antes do nascer do sol. Comeram pedaços de pão enquanto caminhavam e compartilharam um odre cheio com chá de viagem. Áquila os guiou com segurança até encontrarem um córrego que fluía, vindo do Estreito de Bogaz em direção ao oeste. Eles seguiram o córrego que ia ficando mais largo e mais forte na medida em que avançavam.

Em um trecho onde as águas do córrego encontravam as do riacho que descia a montanha, este formava um rio que seguia floresta adentro para o norte, em direção às Montanhas de Arath. Áquila tomou aquele rumo. Caminharam em silêncio com a luz do sol nascente à sua direita. Era uma manhã fria e agradável. Davi aproximou-se de Eva e pegou-lhe a mão. Ela sorriu para ele.

— Algo me diz que sua serpente não está nessa floresta – ele falou.

— Isso é reconfortante, Davi. Eu só queria ter a certeza de que receberia ajuda, assim como você recebeu.

Ele não respondeu e ela prosseguiu.

— As provas são nossas, mas parece que a luz também acompanha nossos passos. Receio apenas pela falta dela, caso o momento chegue.

— Temos Hulda conosco. Ela é a Portadora da Luz. Isso deve ter algum significado...

Ela apertou a mão dele.

— Sim, talvez tenha. Mas não vamos falar disso por enquanto.

Quando eles chegaram à clareira, Theófilo os aguardava com a balsa preparada. Era uma balsa grande o suficiente para todos e

de construção bem firme. Ele abraçou o sacerdote e cumprimentou os homens que haviam acompanhado Áquila em seu primeiro encontro. Olhou espantado para as mulheres que portavam armas e tinham a postura firme de qualquer guerreiro. Aquilo era novidade em sua terra. Hulda lhe causou estranheza, pelos trajés que lembravam uma sacerdotisa.

— Ouvi histórias sobre uma Sacerdotisa que ainda vive... – ele comentou. – Fala-se isso entre os mercadores que chegam de Korithon. Seria você...

— A Sacerdotisa de fato existe, mas não sou eu – respondeu Hulda. – Sou apenas uma profetisa.

Áquila sorriu diante da falsa modéstia de Hulda. Theófilo virou-se então para os dois jovens que se mantinham mais afastados. O grandão aproximou-se deles e, comovido, como se reconhecesse a essência que habitava em seus corpos, ele ajoelhou-se.

— As Duas Oliveiras – ele murmurou. – Estou há muito tempo vivendo entre as árvores e, por incrível que possa parecer, sinto o cheiro delas em vocês.

Eles sorriram.

— Levante-se, Theo – disse Áquila. – Temos um longo caminho a percorrer.

Dessa forma, eles embarcaram na balsa e foi iniciada a viagem pela Floresta de Lubnan, a floresta do incenso.

Capítulo 9

As Sacerdotisas de Parthenos

De cima de uma árvore, Jael e Zoe observavam o movimento no abrigo onde as Sacerdotisas de Parthenos costumavam se reunir e esperar o barco que as levaria para a ilha-prisão. Elas entravam e saíam sempre em um grupo de seis mulheres. Todas elas vestiam um véu negro que lhes cobria todo o rosto. Este caía até o meio das costas, por cima de uma túnica comprida, também negra, cingida na cintura por um cinto vermelho-sangue.

— Como elas conseguem enxergar? – Perguntou Jael.

— O pano que cobre os olhos não é da mesma espessura que o véu. É mais fino e transparente. Ele permite que a sacerdotisa veja com clareza, embora ninguém lhe perceba os olhos.

— Acho que vou sufocar se ficar vestida naquilo por muito tempo... – Resmungou Jael.

Zoe sorriu.

— Então, eu aconselho pôr um pano na cabeça e treinar, porque elas não tiram aquele véu nem mesmo para dormir.

A Guardiã bufou.

— Vamos voltar. Já vimos o suficiente por hoje.

Elas desceram da árvore e penetraram no meio de um bosque de espinheiros. Eliah já havia feito uma limpeza da trilha de uma maneira que elas não precisariam se preocupar com os espinhos, mas também que não seria percebida se vista de fora. O velho não estava e Deborah ocupava-se em observar um mapa que havia tirado do bolso de um dos mercenários. O luar estava claro o suficiente para que pudesse enxergar. A terra de Nod era mostrada inteira e com detalhes. Não haviam acendido fogueiras por causa dos espinheiros, propensos a incendiarem com facilidade.

— Onde está Eliah? – Perguntou Jael, olhando em volta.

— Disse que tentaria conseguir algumas frutas para nós, já que não vamos poder cozinhar nada – Deborah respondeu sem levantar a vista.

— Ele não devia se arriscar... – Balbuciu Zoe.

Deborah olhou para a Vigilante e apontou para o mapa.

— A sua terra é muito grande, Zoe.

— Se conheço bem a Profecia, rainha de Hedhen, você também deve ser a rainha da “minha” terra.

Deborah suspirou.

— Eu sei disso. Por isso eu tenho pressa para conhecer nosso caminho. As distâncias são grandes demais aqui e, nesse sentido, contar com o tempo é um problema.

Jael deu uma olhada no mapa.

— Esta é Parthenos? – Ela perguntou, apontando para uma ilha de tamanho médio e costa desorganizada. Era quase como se uma criança a tivesse recortado de um papel.

— Sim. É uma ilha deserta. A prisão fica numa colina ao oeste, olhando para o Grande Mar. Ao redor, ficam alguns molhes, vigiados por antigos pescadores que são pagos para prover o abastecimento dos navios. O porto principal, no entanto, fica na costa, abaixo da colina da prisão.

Jael observou uma grande extensão de terra ao leste, bem próxima da ilha.

— Sei que estamos aqui – ela apontou. – Helladan. Agora me diga que terra é essa ao oriente?

— Anatolya.

As duas mulheres tiveram um sobressalto ao ouvir o nome.

— A terra dos santuários? – Deborah perguntou.

— Sim, a “antiga terra dos santuários”, você quer dizer. Hoje é um reduto não apenas de magos, mas também de feiticeiros e...

— E... – Encorajou Jael.

— Dizem que coisas estranhas vivem naquelas terras. Coisas irreais, como espectros.

— Espectros? – Deborah espantou-se. – Está falando de fantasmas ou algo assim?

Zoe procurou as palavras.

— Não sei como definir... após a morte das sacerdotisas, o caos reinou naquela terra. Cidades inteiras foram amaldiçoadas, assim como seus donos.

Jael olhou para a irmã.

— Noa deve ir para lá.

— Essa seria a missão dela. – Respondeu Deborah.

— Do que estão falando? – Zoe perguntou.

Nesse momento, Eliah voltou trazendo um saco cheio de frutas secas que distribuiu entre elas. Ele disse que já havia comido demais e que elas é que deviam ficar fortes.

Zoe e Jael passaram dois dias observando o movimento de chegada e saída das “sacerdotisas”. Elas agora sabiam qual a melhor hora para atacar. O navio da ilha chegava sempre ao pôr do sol e descarregava suas soturnas passageiras, enquanto outro grupo se preparava para embarcar nas primeiras horas da manhã. A melhor opção era abordar o grupo que chegava, devido à hora escura e a falta de atenção que recebia.

Jael distribuiu as armas tomadas dos mercenários. Os fios serviriam muito bem para o que pretendiam fazer. Eliah observou que as mulheres suavam, apesar da noite fria. Elas estavam apreensivas com a aventura arriscada. Ele tentou sorrir.

— Não sei como farei isso, mas não deixarei vocês sozinhas naquela ilha-prisão. Há muitos portos em volta e pequenas ilhas ignoradas. Eu estou pensando em aguardar numa delas. Vocês talvez precisem de ajuda para fugir.

Jael sorriu.

— Não pedimos que se arrisque por nós, Eliah. Mas, se quiser fazer isso, não vamos impedir. Será mais uma chance ao nosso favor.

Zoe, porém, analisou a figura raquítica do velho Eliah com um novo tipo de interesse. Deborah percebeu o olhar da moça.

— No que está pensando?

— Se Eliah quer tanto nos ajudar, eu tenho um plano para conseguir nossos disfarces.

O velho ergueu as sobrancelhas.

— E o que eu tenho que fazer?

Ela sorriu.

— Ser meu prisioneiro.

Zoe, enquanto Vigilante, já havia escoltado prisioneiros até o abrigo das sacerdotisas. Elas, portanto, já estavam acostumadas com a mulher-vigilante. O Abrigo ficava numa colina, olhando para a praia. Uma trilha de terra e cascalho descia da casa até o píer de madeira. Era uma área portuária muito reservada e evitada pelas pessoas comuns. Geralmente, confiantes na própria perícia, as sacerdotisas não se preocupavam muito com a vigilância. Diante do muro que cercava a casa, postavam-se duas mulheres, uma de cada lado do portão, em atitude puramente reflexiva. Elas ergueram as cabeças quando Zoe se aproximou delas, arrastando

com uma corda um velho muito irritado. Chegando perto, Zoe empurrou Eliah diante delas.

— Por que está sozinha dessa vez, Vigilante? – Perguntou uma das mulheres. – Onde está seu grupo?

— Estávamos escoltando prisioneiros especiais para vocês, mas eles conseguiram cortar as cordas e fugir. Ordenaram-me que trouxesse logo este aqui, embora eu ache que seja um desperdício, em vista dos que fugiram. Eram homens e mulheres fortes e saudáveis, perfeitos para suas experiências mágicas. Eu temo que apenas o nosso grupo seja incapaz de pegar a todos.

— Está solicitando as habilidades das sacerdotisas? – A pergunta tinha um tom de ironia.

Zoe deu de ombros.

— Vocês pagam bem, e o grupo que escapou valeria um bom dinheiro para os Vigilantes. Não tenho nada contra suas habilidades, minha senhora, se elas puderem nos livrar do prejuízo.

A mulher fez um sinal com a cabeça, enquanto a outra entrava pelo portão. Enquanto aguardavam, Eliah fingia-se de oprimido, com o corpo encurvado e os braços sobre a cabeça. Quando a mulher voltou, trazia um grupo de mais quatro mulheres

com ela. Elas se aproximaram de Zoe e uma delas, a mais alta, deu um passo à frente.

— Para onde eles fugiram?

— Para a floresta de espinheiros. – Disse Zoe, baixando levemente a cabeça em sinal de respeito. – Eles devem pensar que ninguém vai se aventurar lá dentro, para buscá-los.

A líder virou-se para a mulher-porteira.

— Deixe-a entrar com esse miserável, enquanto nós vamos à caça.

O grupo das quatro se afastou pela trilha que levava em direção à floresta de espinheiros. Zoe e Eliah trocaram um olhar cheio de significados. Quando o grupo desapareceu de vista, ela rapidamente puxou a corda. Eliah entendeu o sinal e, erguendo o corpo, atirou um fio que se enroscou nas pernas da mulher que estava mais próxima. Ele havia preparado a arma enquanto estava encurvado. Quando sentiu o puxão da corda, sabia que era a hora de agir. A mulher caiu para frente com uma exclamação abafada.

— O que vocês estão fazendo? – Gritou a segunda mulher, correndo para fazer soar o sinal de alarme.

Zoe, com a segurança de uma Vigilante treinada, puxou seu escorpião e atingiu a mulher nas costas, antes que esta chegasse

ao portão. Eliah, por sua vez, dera uma cotovelada na outra sacerdotisa, deixando-a desacordada.

— Bom trabalho. — Disse Zoe. — Houve algum dano com a roupa?

Eliah sorriu satisfeito.

— Está pronta para ser usada.

Zoe olhou em volta.

— Nesse caso, vamos trabalhar, antes que alguém mais apareça.

Rapidamente, eles esconderam os corpos das duas mulheres, de forma que não fossem encontrados tão cedo. A que estava apenas desacordada levaria um tempo para voltar a si, e não iria muito longe sem roupa. As sacerdotisas seguiam um código rígido. A exposição de sua nudez valia uma condenação à morte. Aquela mulher, quando acordasse, preferiria fugir para bem longe a enfrentar uma morte por magia. Zoe aproveitou para vestir a roupa dela. Quando terminou, ela virou-se para Eliah.

— Vou assumir meu posto, Eliah. É melhor você sumir desse lugar.

Ele pegou com força no braço dela.

— Eu pegarei um barco e seguirei para as ilhas – ele falou. – Quando estiverem prontas para voltar, acenda três fogueiras no alto da colina que olha para o oeste... a que fica no sul da ilha. Eu verei o sinal.

Zoe balançou afirmativamente a cabeça. Eliah, satisfeito, soltou-a e saiu correndo pela noite.

O coração de Zoe bateu forte no peito, quando ela avistou o movimento na estrada. Do grupo de quatro sacerdotisas, apenas duas voltaram. Infelizmente, as roupas fechadas não deixavam espaço para ver nada que identificasse amigo de inimigo. Elas pararam diante de Zoe com a mesma incerteza. O que fazer agora? Elas não haviam pensado num modo de se identificar.

— Devia ter escolhido melhor. – Disse uma das mulheres. – Esta roupa ficou grande em você.

Era a voz de Jael. Zoe respirou aliviada.

— Devíamos ter combinado uma senha. – Ela sussurrou.

— Onde está Eliah? – Perguntou Deborah.

— Eu o mandei sumir, enquanto era tempo.

— O que fazemos agora? – Jael olhou para o portão fechado.

Zoe lhe mostrou o molho de chaves que havia tirado de uma das porteiras.

— Ficamos aqui e aguardamos a troca da guarda. Pela manhã, quando o navio estiver de partida, nós ingressaremos no grupo que vai para a ilha.

— Não precisamos ser escolhidas para isso? – Deborah podia ver a silhueta do navio ancorado no píer.

— Precisamos apenas ser rápidas. Os grupos se voluntariam a fim de obter mais experiência... usando os prisioneiros como cobaia para seus encantamentos.

Jael respirou fundo. Por baixo das túnicas, cada uma delas trazia um escorpião escondido e uma atiradora de fios. Ambas as armas eram pequenas e podiam ser disfarçadas por baixo dos panos. Além delas, Jael também levava o shofar de Héber, do qual nada a faria se separar. Elish prometiu cuidar de suas armas principais até que saíssem da ilha.

— O que vocês fizeram com o grupo de sacerdotisas? – Zoe perguntou.

— Não vai querer detalhes, vai? – Jael perguntou em tom provocativo.

Zoe deu de ombros.

— Não precisa. Saber que são vocês duas embaixo desses panos já me alegra o coração.

Bateram no portão pelo lado de dentro, no meio da madrugada. Elas se entreolharam.

— Deve ser a troca da guarda. – Zoe sussurrou, pegando as chaves.

Quando ela abriu o portão, as duas mulheres que bateram pararam surpresas ao ver as três que faziam a vigilância.

— Disseram-me que apenas duas estavam de guarda esta noite... – Falou uma das mulheres, num tom irritado.

— Informação errada. – Jael apressou-se em responder. – É melhor ir atrás de uma terceira para substituir o nosso grupo, pois queremos ser voluntárias no navio que vai partir.

A mulher hesitou.

— É estranho que queiram ser voluntárias quando todas estão evitando isso.

— Evitando? – Perguntou Zoe.

— O Mago Branco está na ilha. – A mulher falou com enfado, já se afastando. – A presença dele inibe os nossos trabalhos e

desmotiva a maioria. É bom saber que teremos voluntárias para aprender novas técnicas.

Quando ela se afastou com a companheira, a fim de buscar uma terceira porteira, Deborah apoiou-se no muro. Por baixo do pano, ela transpirava.

— Leukós está na ilha. — Ela murmurou. — Ele é um mago...

— Acredite em mim, Deborah... — Falou Zoe. — Até mesmo os Juízes evitam manter muito contato com as sacerdotisas. Ele vai ignorá-las, pode ter certeza.

— Espero que tenha razão, Zoe. Porque, se aquele homem nos encontrar, ele não vai hesitar em nos matar.

Capítulo 10

O Santuário de Laos

A noite já havia caído quando eles finalmente começaram a avistar as primeiras casas que, em tempos remotos, formavam parte da cidade de Laos. Sob a luz pálida da lua, o cenário era sinistro. Uma cidade morta, esquecida, meio enterrada pelas areias do tempo. Houve um silêncio pesado enquanto os olhares

absorviam as primeiras impressões, que não foram menos que impactantes.

— Nós vamos ter que entrar lá agora... quero dizer, com a escuridão? – Eunice quebrou o silêncio, ao mesmo tempo em que sentia a coragem fraquejar.

Apolo, solícito, pôs a mão no ombro da amazona.

— Não vejo necessidade disso, filha. Quando a luz do sol voltar, nossa coragem também estará de volta.

Ela olhou para ele com surpresa e pavor. Se o sacerdote havia tentado consolá-la, não obtivera muito sucesso. Barak e Héber trocaram um olhar com Noa e Sangar. Os quatro, que estavam acostumados a enfrentar estradas escuras e perigosas, lutar com gigantes e serpentes marinhas, só viam diante de si a urgência de apressar os próprios passos.

— Eu não pretendo esperar pelo sol, Apolo. – Disse a Sacerdotisa. – Essa escuridão não vai me impedir de entrar. Já perdemos muito tempo, e ele corre rápido quando se trata de cumprir profecias.

— Mas... – Apolo quis contestar.

Barak ficou ao lado de Noa.

— Noa está certa. Precisamos ir, com ou sem o sol.

— Você já brilhou uma vez, lá em Aroer. — Lembrou Héber. — Talvez brilhe novamente, caso a luz do sol seja realmente necessária.

O comentário de Héber trouxe um pouco mais de conforto para os companheiros. Barak sorriu para o amigo e começou a caminhar na frente.

— Coragem, Eunice, coragem... — A amazona murmurou para si mesma. Era magia demais para ela.

— Como conseguiu trabalhar tanto tempo com Atalia, sendo tão temente à magia? — Perguntou Sarah, com genuína curiosidade, enquanto escutava as murmurações da guerreira.

— Eu trabalhava fora do palácio, nas patrulhas. Só mudei quando o reinado dela estava no fim. A magia da luz é boa, mas a das trevas... — Ela parou de falar ao sentir um calafrio. — Esqueça o que eu disse e vamos em frente.

Sarah sorriu e seguiu ao seu lado.

A cidade estava realmente enterrada sob a areia do tempo. Poucas casas eram totalmente visíveis, e muitas delas pareciam ter sido plantadas na terra até a metade das paredes. Caminhavam vagorosamente e com cautela, atentos a cada vento que soprava, fazendo portas quebradas baterem à sua volta. Apolo e Eunice, os

mais assustados, algumas vezes se sobressaltavam diante desses fatos. A amazona demonstrava uma coragem esmagadora durante uma batalha, mas não negava seu temor quanto àquilo que considerava sobrenatural.

Finalmente, eles chegaram a um local que lembrava uma praça. Era um pátio circular, cercado por casas semidestruídas. Os azulejos quebrados e os restos do que seria uma fonte, atestavam que sua suposição era certa. Naquele instante, a lua foi coberta por uma nuvem espessa e um vento gelado soprou sobre eles. Eunice, instintivamente, levou a mão ao cabo da espada.

— Não me levem a mal, mas eu prefiro enfrentar inimigos que sangrem como eu. — Ela comentou.

Noa sentiu bem mais do que apenas um vento frio. Um som agudo, que parecia vir das profundezas de sua mente, invadiu seus ouvidos ao ponto de fazê-la achar que explodiriam. Com um grito abafado, ela pôs as mãos nos lados da cabeça, cambaleando e trincando os dentes.

— Noa! — Sangar a apoiou antes que caísse.

Nathan percebeu o nível do ataque. Ele havia passado quase a vida toda estudando os ataques espirituais, em uma caverna no

deserto. Seria possível que não reconhecesse o que estava acontecendo?

— Espere um pouco, Sangar! Deixe que ela se ajoelhe.

Sangar continuou segurando a esposa enquanto esta se ajoelhava, confusa com a origem da própria dor. O pequeno sacerdote envolveu a cabeça de Noa com as mãos. Ele tinha o dom de administrar a armadura invisível em quem não tinha condições de fazê-lo sozinho. Foi assim que salvara a vida de Deborah uma vez. Agora, era Noa que precisava de seus conhecimentos. A Sacerdotisa começou a respirar fundo e se acalmar, na medida em que ele sussurrava as palavras antigas e revestia sua mente com um elmo que ninguém via, mas cujo poder estava acima de qualquer outro.

— Sente-se melhor? – Perguntou Nathan, quando viu que ela respirava melhor.

— Sim... – Noa falou ainda ofegante. – Obrigada, Nathan.

Sangar, que assistia a tudo com aflição, não conteve o ímpeto.

— Pode me dizer o que aconteceu?

Apolo, que até então se mostrara apático e temeroso, acordou do próprio transe e deu um passo à frente.

— O poder do Santuário. A Chama sente a presença da Sacerdotisa, e as forças contrárias levantam-se para impedir sua chegada.

— Forças contrárias? – Héber lembrou-se da história que o sacerdote havia lhes contado antes. – Está se referindo aos Espectros?

Antes que Apolo pudesse ter a chance de responder, Sarah preparou o arco e atirou uma flecha na escuridão.

— O que... – Joakim olhou em volta, à procura da ameaça, mas nada viu.

— Estamos cercados. – Murmurou a gadita, ainda de arco em punho. – Posso ver sombras se movimentando ao redor.

O grupo havia se armado quando ela atirou a primeira flecha e, no momento, assumia uma atitude de alerta. Todos olhavam em volta, atentos a qualquer movimento.

— Eu os vejo! Quem mais pode vê-los, além de Sarah? – Perguntou Nathan.

— Eu posso. – Murmurou Apolo.

— Eu os vejo claramente. – Respondeu Barak, com a espada firmemente segura nas mãos á sua frente.

— Eu também. — Héber mantinha o arco firme nas mãos, assim como Sarah e Joakim, embora este não soubesse para onde olhar.

— Posso percebê-los, mas não com muita clareza. — Maalá também sabia como usar a armadura invisível, e o elmo lhe dava condições de ver o que estava encoberto.

— Elas brilham aos meus olhos. — Noa falou já de pé. — Posso defini-las mais do que qualquer outra coisa nesse lugar.

Ela olhou para Apolo.

— Você tem razão. Eu sinto o chamado do Santuário. Para onde eu tenho que ir? Onde ele fica?

Apolo assumiu uma expressão grave.

— O Santuário de Laos está embaixo da terra. Tornou-se a primeira estrutura a ser soterrada.

Sangar segurou o braço de Noa, obrigando-a a olhar para ele.

— Não vou deixá-la ir sozinha!

Apesar de amar o marido, Noa sabia que aquilo fazia parte de sua missão específica.

— Não vai conseguir me proteger de algo que não pode ver diante dos olhos, Sangar. — Ela falou com firmeza.

Sangar procurava as palavras que fariam Noa mudar de ideia. Nathan aproximou-se e pôs suavemente a mão sobre o braço do homem.

— Ela não estará sozinha, Sangar. Eu irei com ela. Foi para isso que vim nessa viagem.

Sangar olhou hesitante para o sacerdote. Ele considerava, em seu íntimo, o tamanho diminuto de Nathan.

— Protegi Jael e Deborah de coisas piores, filho. — Ele sorriu, como se soubesse o que Sangar estava pensando. — Tenha a certeza de que farei o mesmo com sua esposa.

Sangar respirou fundo e resolveu confiar em Nathan. Ele abraçou Noa e a beijou, antes de puxar a própria espada.

— Eu posso saber para onde pretendem ir, já que estamos cercados?

Noa sorriu e apontou para um ponto quase no centro daquela praça. Uma pedra redonda cobria o que parecia ser a abertura de um poço. Sangar suspirou resignado.

— Joakim! Héber! Ajudem-me aqui. — Ele chamou.

Os três homens ajoelharam-se diante da pedra e a arrastaram para o lado, deixando uma abertura suficiente para que uma pessoa pudesse passar. Noa cobriu a cabeça com o capuz e

pulou na abertura sem hesitar. Nathan a seguiu, com um último olhar tranquilizador para Sangar.

Em volta deles, os Espectros perceberam o que havia acontecido e começaram a se aproximar. Eunice, Sangar e Joakim eram os únicos do grupo que não conseguiam vê-los e nem dispunham de nenhum tipo de proteção contra eles. As flechas de Gades, atiradas por Sarah, também não pareciam causar efeito algum. Apolo tentou criar um escudo para protegê-los; mas era exaustivo para ele, um sacerdote de Nod, manter tal poder por muito tempo.

As sombras diminuía a distância e pareciam cada vez maiores e mais ameaçadoras. Elas oscilavam entre o real e o imaginário, tornando-se, às vezes, quase transparentes. Um manto comprido lhes envolvia da cabeça aos pés e parecia dançar em volta deles, a cada movimento.

— Barak, você não acha que um pouco de luz seria bem-vinda, nesse momento? – Héber perguntou, com certo nervosismo.

O rei já havia pensando nisso e começara a se concentrar em seu poder, quando as sombras começaram a avançar. No momento em que Héber falou, o sinal nas costas de Barak começou a arder e

a brilhar. Ele sentiu o poder se revolver em seu íntimo, tomando forma e intensidade até se tornar uma força que não poderia ser contida.

— Fechem os olhos. — Ele pediu.

A luz explodiu para fora, a partir do corpo de Barak. Era uma luz intensa, quente e, mesmo com os olhos fechados, ela podia ser percebida. Gritos e gemidos de dor podiam ser ouvidos à sua volta. Héber era o único que podia enxergar em meio àquela luz. Ele viu que os Espectros, quando confrontados com a luz de Hedhen, em sua oscilação, permaneciam mais tempo no mundo material, tornando-se visíveis e vulneráveis às armas normais. Ele puxou o arco e começou a atirar com a rapidez e destreza de um Luminar. Os Espectros, em sua cegueira e dor, caíam diante das flechas de Héber. Poucos conseguiram fugir para as sombras.

— Está feito. — Disse Héber, baixando o arco.

Em resposta, a luz foi diminuindo de intensidade. Barak, exausto como estava, desabou no chão. Apolo ajoelhou-se ao lado dele, ainda trêmulo. O sacerdote também transpirava de cansaço, devido ao esforço de tentar manter um escudo em volta deles. Ele olhava para o rei caído, com preocupação.

— Ele ficará bem, Apolo. — Falou Héber. — Barak acabou de liberar muita luz e isso o deixa fraco. Daqui a pouco, ele estará recuperado.

Sarah e Maalá aproximaram-se de um dos corpos que jaziam em volta deles. O Espectro parecia ter a aparência física e normal de qualquer corpo. Sarah abaixou-se e o tocou um pouco hesitante. Sua mão não traspassou um corpo espectral, como era de se esperar.

— Eles morreram como homens, e não como espectros. — Ela falou para Maalá.

— Sim, é verdade. Eles morreram como os traidores que eram.

— Então, eles também são homens? — Eunice observava por cima do ombro de Sarah. — É bom saber disso.

Héber olhou em volta e respirou fundo. Com Barak desacordado e Noa em outro lugar, cabia a ele a liderança do grupo naquele momento.

— Não podemos perder tempo. Sangar, você e Joakim podem ajudar Barak? Nós precisamos entrar naquele buraco, pois não sabemos o que Noa e Nathan vão enfrentar.

Barak havia acordado e tentava se sentar.

— Dê-me alguns minutos e eu poderei andar com as próprias pernas. – Ele falou.

Héber sorriu.

— Muito bem, então. Vamos nos apressar, antes que mais Espectros venham ao nosso encontro.

Lá embaixo, um túnel escuro estendia-se para a frente, numa reta sem fim. Nathan seguia cautelosamente atrás de Noa, a espada em punho. A Sacerdotisa parecia saber, com segurança, que caminho tomar, pois havia ignorado algumas aberturas laterais pelas quais passaram. Seus passos continuavam seguindo resolutamente para a frente. Por alguns minutos, a luz que explodira na superfície iluminou as entranhas daquele túnel, revelando que, na verdade, seguiam por uma rua soterrada há muito tempo. O piso sob seus pés ainda possuía pedras grandes e quadradas, indicando que um dia pessoas transitaram normalmente por aquele lugar. Ao lado deles, ruínas de casas e espaços semelhantes a becos só faziam confirmar sua suposição.

— O que você acha que aconteceu lá em cima? – Nathan referia-se à luz.

— Com dois Luminares naquele grupo não é uma resposta muito difícil de achar, Nathan – Noa sorriu ao responder. – Mas, pela intensidade, eu diria que o sol nasceu mais cedo hoje.

— A luz sempre será a melhor arma contra a escuridão – murmurou o sacerdote.

De repente, Noa parou e perscrutou o ambiente.

— O que foi? – Nathan assustou-se.

— Nós estamos chegando perto – ela disse.

— Está certa disso?

— Confie em mim, Nathan.

— Não ouse fazer outra coisa, desde que entramos nesse buraco – ele resmungou.

Nathan já havia ajudado Deborah e Jael, aconselhando-as e guiando-as em seus caminhos. Noa, entretanto, era diferente. Ela nasceu para ser, em dons, superior a ele na sua Ordem. Isso queria dizer que o conhecimento e os dons que ela possuía, embora ainda estivesse aprendendo a dominá-los, estavam além de sua capacidade como um simples conselheiro.

Eles continuaram em frente, com Noa apressando o passo cada vez mais. Ela parou novamente, sem avisar, fazendo Nathan chocar-se em suas costas. A rua havia chegado ao fim e abria-se

em um grande espaço retangular. Ali, a circulação do ar podia ser sentida com mais intensidade, o que indicava uma abertura para a superfície escondida em algum lugar. Enquanto eles adentravam no imenso espaço, observando e tentando acostumar-se com a escuridão, tochas foram acesas à sua volta. Então, eles puderam ver. Estavam diante de uma construção enorme de formato circular e teto em forma de cúpula. Uma larga escadaria em forma de leque, com dez degraus que iam se afunilando até chegar ao topo, era o único caminho até a porta. Esta era larga e dupla, feita totalmente de bronze. Os reflexos das tochas dançavam na sua superfície avermelhada. A porta era totalmente lisa, sem nenhum tipo de maçaneta ou fechadura. Colunas de mármore circulavam o edifício imponente.

— O Santuário de Laos – sussurrou Noa, com reverência.

Nathan, porém, observava outra coisa. Ao redor deles, confundidos com a sombra, encontravam-se incontáveis vultos espectrais. Eles se espalhavam pelo espaço amplo e aberto que levava do final da rua até o pé da escadaria, como uma plateia sinistra.

— Noa, você está vendo?

— Estou.

— O que vamos fazer? Esse número é superior aos que nos cercaram na praça, lá em cima.

— Eu não sei o que fazer sobre isso, Nathan. A única certeza que tenho é que preciso entrar.

Para a surpresa de Nathan, ela começou a caminhar de forma firme e resoluto, através do espaço aberto, em direção à escadaria. Noa havia colocado o capuz sobre a cabeça e este lhe cobria parcialmente os olhos. Isso lhe dava um aspecto ancestral e misterioso, característica do que teria sido uma sacerdotisa dos dias antigos. Nathan quis pará-la, mas piscou aturdido ao ver que a silhueta da armadura invisível recobria o corpo da Sacerdotisa. As sombras se aproximavam, na medida em que ela avançava, fechando-se ao seu redor, tentando impedir sua passagem. Noa estava atenta a cada movimento e perfeitamente consciente das armas que levava. Ela podia sentir o peso da armadura que lhe cobria, e a segurança que ela lhe proporcionava. Nunca a havia sentido daquela forma, tão intimamente ligada a si e tão cheia de vontade própria. Era aquela presença poderosa que mantinha os espectros longe, sem conseguir tocá-la. Mas eles pareciam se multiplicar, fechando o cerco cada vez mais e sendo repelidos à sua passagem. Era como se a armadura lutasse por ela!

— Noa, cuidado! Uma flecha! – Nathan gritou ao ver uma flecha de fogo, atirada de cima da escadaria, indo na direção da Sacerdotisa.

Não havia tempo para outra reação, a não ser o de abrir os braços e confiar. Noa sentiu a flecha bater na couraça e ricochetear de volta, como se seu corpo fosse uma parede. Muitos Espectros vacilaram em seus movimentos. Dessa forma, ela foi avançando, até chegar ao primeiro degrau da escadaria. Lá em cima, guardando a porta, três vultos oscilantes olhavam para baixo.

— O que a faz pensar que tem o direito de entrar nesse santuário? – Disse uma voz, do meio deles.

Noa não conseguiu identificar qual deles havia falado.

— Vocês me deixarão entrar – ela falou com tranquilidade e firmeza.

Nathan se colocou ao lado dela e olhava em volta, apertando o cabo da espada, pensando se sairiam vivos daquela situação. Diante da resposta de Noa, os três vultos riram, e o som de sua risada ecoou no ambiente.

— Vocês não são espectros de mortos, mas de vivos – ela falou, e sua voz se propagou de modo que todos a ouviam. – Estão

presos a essa condição por uma maldição que foi causada por vocês.

— O que sabe sobre nós? – Rugiu o vulto do meio, oscilando com mais intensidade.

Noa não se intimidou diante do tom irado.

— Um dia, vocês juraram, como sacerdotes honrados, a proteger o Santuário e sua Sacerdotisa. Mas, em vez disso, agiram com traição. E, como consequência, a traição também foi sua recompensa. Eu sou a Sacerdotisa! Deixem-me passar e acender a chama do Santuário. Façam por mim aquilo que deveriam ter feito com a Sacerdotisa de Laos. Dessa forma, haverá redenção para vocês e a maldição será anulada. A maldição que lhes impede de viver como convém aos vivos.

Houve um silêncio profundo no lugar. Nathan percebeu que as palavras de Noa não eram esperadas.

— Como poderia garantir isso? – Perguntou uma voz, dentre aqueles que lhes rodeavam.

Noa olhou em volta. Ela estendeu o braço para a frente e todos puderam ver a forma de uma espada oscilar em suas mãos. Até mesmo Nathan espantou-se, pois nunca vira nenhuma parte da armadura invisível manifestar-se dessa forma.

— Vocês traíram a Chama Sagrada, e por isso foram castigados. Ajudem-me a cumprir o dever que me cabe e não haverá mais motivos para a maldição repousar sobre vocês.

Um novo silêncio pesou sobre o lugar. Nesse momento, o restante do grupo, com Héber e Barak à frente, chegou ao local. Eles viram a cena que se desenrolava e aguardaram para ver seu desfecho. Não lhes cabia interferir naquele debate. Mesmo Sangar, em toda a sua ansiedade e aflição, tinha consciência disso.

Um dos Espectros que guardavam a porta desceu um degrau e apontou para Noa.

— A nossa maldição não foi posta por você! Com que autoridade garante que ficaremos livres? Como podemos confiar que diz a verdade?

Noa, desafiadoramente, avançou um passo para cima.

— Garantia? Você fala de garantia e confiança? Eu não vim garantir nada! O que eu estou fazendo é dando uma chance a vocês de consertar os erros do passado. Se isso vai ou não encerrar a maldição, eu não sei. Mas, afinal, o que vocês têm a perder? O que possuem é apenas uma meia vida – ela percebeu que muitos olhavam para si mesmos, tocando os próprios corpos, como se aquela fosse uma ideia adormecida. – Sim, ainda há vida em vocês!

Não gostariam de ter uma chance de voltar a viver no mundo real e fazer uma história diferente? Sentir novamente o vento, a água, o calor e até mesmo a dor?

Os três vultos se entreolharam e confabularam entre si, numa pequena assembleia, ponderando as palavras da mulher. Foram momentos de expectativa. Sangar sentia o coração saltar no peito ao ver sua esposa numa situação tão arriscada. No entanto, ele nunca a vira tão segura em suas palavras. Finalmente, um dos Espectros virou-se para ela.

— Se a maldição for encerrada, o que acontecerá conosco? Traímos a antiga sacerdotisa desse santuário e, por nossa culpa, a Chama Sagrada se apagou.

— Eu sou a nova sacerdotisa. Como já falei antes, me ajudem a acender a Chama que vocês ajudaram a apagar. Arrependam-se do que fizeram no passado e voltem para a luz. Eu, como a Sacerdotisa desse Santuário, restituirei a cada um seu antigo cargo, se me for dado esse poder.

Houve murmúrios no recinto.

— Ela pode fazer isso? – Perguntou Sangar.

— Sim, ela tem essa autoridade, caso a maldição seja anulada – respondeu Apolo.

O vulto desceu um pouco mais.

— Confiaria em nós?

Ela também subiu, diminuindo a distância entre eles.

— Aquele que desejar essa mudança em seu coração, terá a maldição quebrada. Os que não quiserem, por ainda nutrir hostilidades contra a Profecia, serão dissipados como o vento e se perderão no esquecimento. É um risco que terão de correr.

As últimas palavras de Noa foram carregadas de um peso profético. Um dos muitos dons da Sacerdotisa. Dois dos vultos que se encontravam acima se ajoelharam e baixaram suas cabeças. Aquele que se encontrava próximo a ela, agiu da mesma forma. À sua volta, muitos imitaram o gesto, mas outros se mantiveram eretos e orgulhosos, enquanto outros se arrastavam sorrateiramente para as sombras.

Resoluta, Noa começou a subir os degraus. Lá em cima, antes do topo, ela se virou.

— Nathan! Apolo! Venham comigo.

Os sacerdotes a seguiram. Quando faltavam dois degraus para alcançar o topo, um Espectro, saindo das sombras, barrou-lhes o caminho. Ele era mais sombra do que matéria.

— Sua armadura tem uma brecha. Eu posso vê-la e alcançá-la com minha espada espectral.

— Faça isso e continue a ser uma sombra, já que isso satisfaz você – Noa falou com firmeza, embora tenha ficado perturbada com a menção de um ponto fraco na armadura.

O Espectro avançou com a intenção de cumprir a ameaça, mas foi contido pelos dois que haviam se ajoelhado primeiro, próximos à porta.

— Passe, Sacerdotisa! – Disse um deles. – Se houver uma chance, nós a queremos.

Noa sorriu agradecida e caminhou até a porta de bronze. Entalhado no metal havia o desenho de uma tocha em cada porta. Ela passou a mão pela superfície. Nathan procurava uma abertura, ou qualquer outra coisa que lembrasse uma maçaneta.

— Não há como abri-la – ele falou desconcertado.

Noa, porém, estava parada, analisando a porta e pensando.

— Lembra-se da Montanha de Ferro, Nathan? Aquela porta abriu-se para Deborah; no Monte da Lei, a porta abriu-se para Jael; aconteceu o mesmo com Barak, na Montanha Branca. Há uma porta reservada para mim também. O modo de abri-la não deve ser diferente das outras.

Ao dizer isso, ela estirou o braço e tocou o centro da porta. Esta cedeu ao toque da Sacerdotisa. Com um simples empurrão, Noa abriu a entrada para o Santuário de Laos, quebrando o selo que havia sido criado pela antiga sacerdotisa.

Drakan seguia viagem em um pomposo navio. Todos olhavam para ele com respeito, pois o chefe dos astrólogos levava sobre si a capa especial dos emissários de Lord Abadom. Ele detinha uma autoridade que nunca sonhara conseguir. Respirou fundo e sorriu no ar noturno. Lá em cima, o céu estrelado o fazia lembrar o tempo em que era um simples astrólogo. Tempos passados, ele pensou. Dali para frente, o seu nome seria conhecido e exaltado ao lado do nome de seu senhor.

O seu plano era simples. A lógica lhe dizia que a tal Sacerdotisa, que ousava reclamar o título para si, tentaria invadir os santuários, a começar pelo primeiro, na ordem hierárquica. Héfer era uma cidade grande e comercial. Era muito bem guardada por um exército terrestre e outro marítimo. Não havia como entrar, invadir o santuário e sair com vida. Ele já havia enviado mensagens para que a guarda nos portões fosse reforçada, assim como nas estradas e nos portos. Ele estava chegando com reforços. Queria

concluir aquela missão, que considerava fácil, e levar a Sacerdotisa de presente para Lord Abadom. Exultava só de pensar na recompensa.

O Santuário de Laos era frio e escuro. Quando as portas se fecharam às suas costas, duas tochas dispostas em lugares opostos do salão começaram a arder e lançar alguma luz no ambiente. Eles estavam num recinto circular, cujos níveis desciam até chegar ao círculo central, como num anfiteatro. O primeiro nível, no qual estavam, era o mais alto. Ele estava rodeado por altas colunas que sustentavam o teto; o segundo nível, mais abaixo, servia como passarela; no terceiro nível, para sua surpresa, haviam alguns tronos dispostos em volta do círculo central; finalmente, no meio do círculo, no último nível, encontrava-se a pira dourada em forma de taça, na qual a Chama Sagrada deveria estar ardendo.

Os tronos eram todos da mesma forma e tamanho, somando, assim como as colunas do primeiro nível, o número de doze. Noa desceu para a passarela através de uma rampa. Havia uma para cada nível. Ela parou e ficou analisando o lugar, detendo o seu olhar sobre os tronos e, principalmente, no círculo central. Algo na base

da pira lhe chamou a atenção. Ela desceu correndo, surpreendendo os dois sacerdotes.

Noa ajoelhou-se diante de algo no chão. Quando Nathan e Apolo se aproximaram para olhar, tomaram um susto. Ali, deitado no chão, ainda envolto no manto sacerdotal, estava o esqueleto de uma mulher, reconhecível pelos fios longos de cabelo.

— Ela morreu aos pés da Chama – murmurou Noa, sentindo os olhos arderem.

Apolo sentiu um nó na garganta, diante da cena solene. Noa viu que havia um papel preso entre os dedos do esqueleto e o pegou. Era um pequeno rolo. Ela o desenrolou e o leu:

— “Apenas o trono certo terá a chave para reacender a Chama Sagrada. O trono errado foi preparado para a destruição”.

— Um enigma! – Nathan exclamou. – Parece simples em suas palavras, mas terrivelmente mortal.

Noa fechou os olhos e tentou pensar naquelas palavras, escritas por uma sacerdotisa que tinha a esperança de que, um dia, alguém surgiria para fazer novamente a Chama brilhar. Enquanto ela pensava, Apolo olhou em volta, coçando a barba.

— Como saber qual dos tronos é o “trono certo”? Não existe uma posição privilegiada, todos estão dispostos da mesma forma,

além de serem iguais em todos os detalhes.

Nathan concordou.

— Mas existe algo que não estamos enxergando, meu amigo.

Noa, sem nada dizer, levantou-se e olhou para os tronos. Jogando o rolo de papel no chão, ela caminhou até o trono que estava diante dela. Ela hesitou apenas por um momento, antes de sentar.

— Noa... – começou Nathan.

— Sigo os meus instintos, Nathan. Que o Pai me ajude, se eu estiver errada.

Ela sentou.

Apolo e Nathan não ousaram dizer uma palavra. Eles achavam que as colunas poderiam começar a tremer e fazer o teto cair sobre suas cabeças, mas nada disso aconteceu. Em vez disso, as tochas se apagaram, deixando novamente o lugar em total escuridão. Noa prendeu a respiração, achando que podia ter errado em algo, quando, subitamente, sentiu um leve formigamento na mão direita. Ela virou a mão com a palma para cima e uma bela chama azul começou a arder sobre ela. Apolo, ao ver aquilo, caiu de joelhos em reverência. Nathan, porém, não conseguia despregar os

olhos de Noa e da chama. A luz azul a envolvia na penumbra, dando-lhe um aspecto etéreo.

A Sacerdotisa ergueu-se com o olhar fixo na pequena chama azulada em sua mão. Ela desceu a rampa para o último nível, aproximando-se da pira. Na medida em que chegava mais perto, a chama parecia aumentar de tamanho. Noa soprou sobre ela e foi como se a chama pulasse de sua mão, ocupando o lugar que lhe era devido, na pira. Dessa vez, uma grande chama azul encheu de luz o santuário. A Chama Sagrada de Laos voltava a brilhar. Apolo, sacerdote de Nod, recebeu em seu corpo a energia que vinha daquele fogo sagrado, restituindo-lhe parte do poder que foi roubado dos sacerdotes daquela terra. Noa, como se saísse de um transe, deu dois passos cambaleantes para trás. Nathan a amparou e ajudou-a a sentar.

— Sente-se bem? – Ele perguntou, preocupado.

— Apenas um pouco tonta.

— Como sabia qual era o trono certo?

Ela olhou para ele e sorriu.

— Eu sou a “chave”, Nathan. Qualquer trono no qual eu sentasse, seria o “trono certo”.

— Assim como seria o “trono errado”, caso alguém ousasse sentar sem ser a verdadeira “chave” – ele concluiu.

— Isso mesmo.

Eles se viraram para Apolo. O sacerdote parecia ter rejuvenescido em anos, pois aparentava um aspecto saudável, diferente do sacerdote abatido e temeroso que viajava com eles. Ele suspirou, olhando para a Chama Sagrada.

— Hoje, os sacerdotes de Nod ficaram mais fortes, enquanto os magos lamentarão ter perdido uma parcela de seu atual poder – ele olhou para Noa e sorriu. – Graças a você.

— Esse foi apenas o começo, Apolo – ela lembrou. – Ainda temos um longo caminho pela frente, e sinto que ele se tornará cada vez mais difícil.

— O que importa é que ele foi iniciado com sucesso – ele respondeu.

Nathan ajudou Noa a levantar-se. Ela se deteve, olhando para o corpo da antiga sacerdotisa. Os ossos haviam adquirido uma tonalidade azul, como a da chama. De repente, diante de seus olhos estupefatos, a luz consumiu os ossos, deixando no chão apenas os restos de um manto cor de vinho.

— Ela cumpriu seu papel de guardiã, selando o altar com um enigma – Noa comentou, com a voz embargada.

— Vamos sair daqui – Nathan chamou.

Apolo abaixou-se e pegou os restos do manto que a luz não levava.

— O que vai fazer com isso? – Nathan perguntou.

— Um dia, essa sacerdotisa deverá ter sua memória lembrada. Isso é uma prova de seu sacrifício.

Noa sorriu e concordou.

— Então, você será seu guardião, Apolo.

O sacerdote agradeceu e os três saíram do santuário.

Fora do santuário, o quadro não poderia ser mais diferente. Os Espectros já não mais existiam. Em seu lugar, havia homens maduros, cujos olhares ansiosos estavam fixos na porta. Eles aguardavam o veredicto da Sacerdotisa. Um homem alto, que ela reconheceu como um dos que guardavam a porta, se inclinou diante dela e manteve-se de joelhos aos seus pés. Em seguida, todos os outros o imitaram.

— Vejo que, de fato, a maldição foi retirada – ela falou, olhando em volta. – O que aconteceu com os outros? Os que

recusaram a nova chance?

— Desapareceram todos, senhora – respondeu o homem. – Eles foram ficando cada vez mais transparentes, na medida em que nós ganhávamos solidez em nossos corpos. Eles sumiram no esquecimento, como suas palavras o previram.

Noa suspirou com pesar.

— Eles poderiam ter escolhido o outro caminho, como vocês. Poderiam ter valorizado a vida. O motivo que os levou a ser irredutíveis é algo que eu nunca entenderei.

— Quando o coração é corrompido, ele se torna negro – respondeu o homem. – O deles era apenas escuridão. Não havia mais como voltar.

Ele ergueu a cabeça e Noa observou que era um homem realmente transformado, pois seus olhos transmitiam a mesma serenidade que havia visto em outros sacerdotes que já serviam a luz.

— O que podemos fazer pela senhora? Será que podemos reparar todo o mal que causamos?

— A porta do santuário, depois de fechada, só se abrirá para mim, que isso fique claro. O que eu quero é que vocês trabalhem na reconstrução da cidade, e cuidem para que ninguém encontre o

caminho para esse lugar. Um dia, Laos será uma cidade aberta novamente e seu santuário será visitado pelos povos, mas, por enquanto, seu caminho deve ser guardado. Ainda estamos em guerra. Apenas no início dela. Guardem bem a porta do santuário e aguardem o chamado que em breve virá.

A um gesto de Noa, o homem se levantou.

— O santuário ainda corre perigo? – Ele perguntou.

— O meu trabalho apenas começou, como eu disse. Até que todas as Chamas Sagradas estejam ardendo novamente e os sacerdotes de Nod tenham suas forças devolvidas, é isso que eu preciso que façam.

Ele fez uma reverência e ela desceu a escadaria. Sangar a aguardava lá embaixo. Ela sorriu e atirou-se nos braços do marido. Ele a beijou e ela relaxou em seus braços, pois isso lhe dava segurança. O amor de Sangar por ela era uma das fontes de sua força.

— Você parece cansada – ele sussurrou preocupado.

— Eu sinto que uma grande energia foi retirada de mim hoje, Sangar. Eu temia ter dado esperanças vãs para esses homens, mas fico feliz em ver que a maldição foi quebrada. Do contrário, eu não teria condições de manter minha armadura numa luta contra

Espectros. Acender a Chama Sagrada foi uma experiência única. Eu senti como se uma parte de mim tivesse sido retirada para se incorporar ao fogo que arde lá dentro.

Sangar a segurou com firmeza, como se ela pudesse cair a cada passo. Ela sorriu, agradecida pelo cuidado dele, e deixou-se levar.

— Vamos para a superfície. Barak seguiu na frente, a fim de encontrar um lugar para descansarmos. É incrível ver como a atmosfera desse lugar mudou. O sol, agora, consegue penetrar pelas menores brechas.

— Eu me pergunto que outros fatos podem ter ocorrido com o acender dessa chama. Sinto que pegamos a colmeia e sacudimos o vespeiro.

Sangar sorriu com o comentário. Um dia, na floresta de Quedes, Caio teve a infeliz ideia de jogar uma pedra numa colmeia de vespas. A sorte do menino é que Noa estava por perto e o rio também. Aquela foi uma aventura do filho e ele se vangloriava de contá-la para os amiguinhos.

— Foi exatamente isso o que fizemos hoje, minha querida – ele falou. – Jogamos uma pedra e balançamos o ninho. As vespas devem estar furiosas!

Capítulo 11

O Poder da Chama Sagrada

Em Tibreya, os alicerces do palácio tremeram com o rugido do rei-deus Abadom. Ele olhava, da varanda do seu quarto, a chama que estava posicionada sobre a última das sete colinas que rodeavam a cidade. Ela apagara-se totalmente pela manhã. Ele sentiu na pele o poder perdido pelos magos.

A Sacerdotisa havia conseguido uma vitória. Ela realmente o surpreendeu ao ir em direção do último e mais sinistro dos santuários, contrariando a lógica que dizia que a primeira chama a ser acesa seria a de Héfer. Se ela havia conseguido tal proeza, a de acender a Chama Sagrada de Laos, o que mais poderia pará-la?

Abadom estava cansado de derrotas. Ele não era habituado a isso. Sua essência necessitava o quanto antes de uma vitória, uma campanha bem-sucedida. Seu reino inabalável não podia ser atingido com facilidade. O que pensariam seus inimigos?

Ele entrou, fugindo da luz do sol. Dentro do quarto, havia uma cortina verde lodo que cobria toda uma parede. Ele aproximou-se e a afastou para o lado, revelando um pequeno quarto escuro, cuja única decoração era um tapete negro bordado a ouro. Ele entrou e, após cerrar novamente as cortinas, sentou-se sobre o tapete com dificuldade, devido à própria gordura, e fechou os olhos. Precisava contatar os Juízes o mais rápido possível. Eles tinham os meios próprios para lidar com a magia daquela terra abençoada, que insistia em lançar seus tentáculos sobre Nod.

O navio de Parthenos partira antes do nascer do sol. Um grupo pequeno de sacerdotisas embarcou sem alarde. Elas sabiam agir com discrição. Das doze solicitadas pela ilha, apenas a metade seguia viagem. Entre elas, disfarçadas sob a cobertura de dois grossos mantos que lhes cobriam o corpo inteiro, inclusive a cabeça, estavam Deborah, Jael e Zoe.

Felizmente as mulheres não conversavam muito entre si. Era como se cada uma delas estivesse ali para cuidar de seus interesses pessoais. Elas queriam entrar para a Ordem de Parthenos apenas com a finalidade de aprender uma maior variedade de magia. A ilha-prisão lhes proporcionava isso, ao

permitir que usassem as experiências de magia em cobaias humanas. Com o aprendizado concluído, elas estavam livres para trilhar seu próprio caminho, que não era muito diferente daquele que os magos escolheram. Ou seja, a devoção completa ao rei-deus Abadom.

As três guerreiras disfarçadas aproveitaram os momentos tranquilos da viagem, em que cada sacerdotisa parecia preferir o silêncio para refletir em sua permanência na ilha-prisão, a fim de descansar um pouco e tentar dormir. Elas passaram um tempo considerável negligenciando o sono para vigiar o abrigo das sacerdotisas. Agora havia chegado uma oportunidade de relaxar o corpo e repor as energias, preparando-se para o que as esperava em Parthenos.

O navio possuía cabines especiais para as mulheres, que não eram perturbadas pelos homens, mas sim evitadas. Naquele momento, elas dormiam enquanto o navio seguia pelo mar tranquilo. De repente, Zoe sentou-se na cama. Ela assustou Jael, que dormia na cama ao lado.

— O que foi, Zoe? — A pergunta de Jael foi sussurrada.

— Eu não sei... — Zoe parecia perturbada. — Foi como se alguém chamasse o meu nome.

— Deve ter sido apenas um sonho.

— É, foi um sonho – confirmou a moça, sem muita convicção.

– Um sonho estranho, com sombras que se moviam e chamas azuis.

Zoe respirou fundo e voltou a deitar, aguardando que o próprio coração se aquietasse.

— Talvez seja a ansiedade que esteja fazendo isso comigo – ela murmurou.

— Sim, talvez seja isso – Jael confirmou um pouco desconfiada. – Mas não menospreze seus sonhos – ela enfatizou para concluir. – Ainda que sejam apenas sonhos.

— Sonhos são facilmente esquecidos, Jael. Quando eu voltar a dormir e acordar de verdade, sua lembrança já estará apagada.

— Um sonho normal pode cair no esquecimento, mas, se ele grudar em sua mente, guarde-o no coração.

Zoe sorriu.

— Lembrarei disso, Jael. Obrigada pelo conselho.

— Estarei aqui se precisar.

Naquela mesma hora, em uma balsa que cruzava a Floresta do Incenso, todos dormiam um sono tranquilo, menos Áquila e Eva.

O sacerdote havia despertado após receber em seu corpo um novo alento. Ele, de repente, sentia-se forte, como se todos os seus sentidos tivessem acordado com ele e passado a funcionar como em sua juventude. Ele foi para o exterior da balsa e sentou-se em um banco de madeira para respirar o ar do amanhecer. Aquela sensação de força e poder só poderia significar uma coisa. Uma Chama Sagrada foi acesa, em Anatolya.

No interior da única cabine da balsa, Eva agitava-se em um sono perturbado. No sonho, ela corria sem direção dentro de uma floresta densa e escura. O cheiro à sua volta não era nada agradável. Ele exalava o odor de carne podre. Em alguns trechos, as pedras sob seus pés não eram realmente pedras, mas ossos. Ela tropeçou e caiu, sabendo que algo grande e maligno arrastava-se atrás dela, seguindo-a por causa do cheiro do sangue. Seu sangue. No sonho, ela mancava e sangue quente escorria de sua coxa direita. Embora ela não sentisse dor no sonho, sabia que era um ferimento sério e profundo, e que a impedia de escalar uma colina rochosa para alcançar um local seguro, acima da copa das árvores. Exausta, ela caiu de bruços e ficou no chão, aguardando seu algoz, a Grande Serpente que a seguia. Naquele momento de angústia e

medo, assim como sempre fazia quando pequena, ela pensou na mãe com intensidade.

— Mãe... — ela murmurou, enquanto se remexia em seu sono. — Mãe, onde você está? ... eu não quero ficar sozinha aqui...

O medo fazia seu coração bater mais rápido e ela se agitava ainda mais na cama improvisada, suando com o esforço. Todos se acomodavam no chão da cabine, sobre lonas e peles que lhes serviam de cama. No sonho, a serpente surgira diante dela, enorme e com olhos maldosos; de suas presas pingava um veneno amarelado; da boca aberta saía uma língua bifurcada. Ela sabia que aquele veneno a mataria na hora. O pavor a dominou. Ela não queria morrer sem ter cumprido sua missão.

— Mãe! — Ela sentou-se na cama, falando a palavra em voz alta, mas sem gritar.

No navio de Parthenos, Deborah despertou subitamente ao ouvir a voz de Eva em seus ouvidos. Enquanto tentava dormir, ela pensava ter ouvido a filha chamar seu nome, mas achou que pudesse ser o sono chegando. Agora, no entanto, foi muito real. A voz de Eva ainda ecoava em seus ouvidos.

— “Eva”? – Ela pensou, direcionando seu pensamento para a filha, sentindo o peito pesado de angústia.

Todas as mulheres dormiam na cabine, e ela tentou não parecer ansiosa por baixo dos panos que cobriam suas feições. O seu coração, porém, a denunciaria, caso alguém ali pudesse ouvi-lo.

Eva pôs a mão no peito, como se o toque a pudesse acalmar. Ela estava acordada agora, mas o som que ela ouviu ainda estava ecoando em sua cabeça, como se pertencesse a esse mundo e não ao sonho. Era a voz de sua mãe.

— “Mãe”? – Ela pensou, instintivamente buscando Deborah em pensamento.

Alguns dramáticos segundos de silêncio...

— “Pelo Grande Pai... É você? ” – A voz lhe respondeu o chamado.

Eva sorriu com lágrimas nos olhos.

— “Mãe? Eu não posso acreditar que estou falando com você. Onde você está? ”

— “Eva! ... Você me chamou... Precisa de mim”.

A voz mental de Deborah soava aflita e feliz ao mesmo tempo. Eva respirou com calma e lutou para manter a mente lúcida.

— “Por favor, me diga que está bem, mãe. ” – Ela pediu.

— “Eu estou bem. Eu e Jael estamos bem. Como eu posso estar ouvindo você? ”

Eva começou a chorar de alívio. Ela chegou a pensar diversas vezes que nunca mais ouviria a voz da mãe.

— “O meu coração parece que vai explodir de felicidade, mãe”.

— “O meu também, filha. O seu pai...” – havia certo temor na pergunta de Deborah.

— “Nós nos separamos após atravessar o portal. Ele e Héber estão acompanhando Noa em sua missão, em Anatolya”.

— “Então, ele está em Nod... Barak está aqui”.

Eva sorriu e enxugou os olhos.

— “Sim, mãe. Estamos todos aqui. Vocês não estão mais sozinhas nessa terra estranha”.

Houve uma pausa.

— “Ouvi seu chamado, Eva. O que aconteceu? Conheço sua voz quando está com medo”.

Aquela era sua mãe. Eva tentou relaxar e aproveitar o máximo aquele momento.

— “Eu tive um sonho ruim. Estava sendo perseguida numa floresta e me vi perdida. Então, eu gritei por você, pois sempre me socorreu nessas horas”.

— “Eu gostaria de dormir ao seu lado para espantar os sonhos maus, como costumava fazer quando era pequena. No entanto, este sonho nos aproximou”.

— “Sim, é verdade. E você está fazendo exatamente o que sempre fez por mim, mãe. Está espantando os sonhos maus com sua presença”.

Antes que Deborah pudesse responder, Eva adiantou-se.

— “Onde vocês estão? ”.

— “Estamos tentando descobrir o porquê de estarmos aqui. Quando chegamos, descobrimos que a Profecia de Nod também falava de nós. No momento, estamos seguindo as pistas que nos levarão às pessoas certas para guiar nossos passos. Fora isso, nós temos apenas procurado sobreviver”.

Eva refletiu naquelas palavras. A Profecia falava delas também? Então, houve um propósito em tudo aquilo que aconteceu no Monte da Lei? Suas escolhas e decisões envolviam um quadro muito mais amplo do que imaginavam.

— “Eva, você disse que todos estavam aqui. Quem mais atravessou o portal? ”.

Eva citou as pessoas de seu grupo e também as que seguiam Noa. Também contou sobre a rainha Tamar ter ficado encarregada do governo de Hedhen, na ausência dos Tronos. A notícia deixou Deborah aliviada, pois ela havia sentido a força da jovem rainha e sua lealdade. Hedhen estava em boas mãos.

— “Mãe, tem mais uma coisa que você precisa saber”.

— “Conte-me”.

— “Hulda, a Portadora da Luz, traz com ela a esfera que foi usada por Jabim para aprisionar a luz de vocês”.

Em poucas palavras, Eva lhe contou o que havia acontecido no Monte da Lei, depois que ela e Jael pularam no portal. A morte de Jabim e o fato de Hulda ter sido escolhida pela própria esfera para ser a guardiã da luz.

— “Diga-me, Eva... A esfera se manifestou alguma vez aqui em Nod? ”.

— “Sim. Quando chegamos, fomos ao encontro de um pequeno povoado cujas pessoas estavam sendo assoladas por uma peste...” – Eva não poupou os detalhes do seu primeiro contato com as pessoas de Nod.

— “Sua história explica muita coisa, Eva. Essa manifestação da esfera, aqui em Nod, nos devolveu um pouco dos nossos dons. Acredito que seja por isso que nosso contato mental pode ser realizado”.

Eva não queria perder aquele contato. Não queria que fosse momentâneo.

— “Mãe, para onde vocês vão agora? Qual é a direção que estão tomando? ”.

Deborah hesitou e Eva sentiu-se apreensiva. Hesitar não era um costume de sua mãe.

— “Mãe, eu quero saber”.

— “Nós estamos a caminho de Parthenos”.

Eva arregalou os olhos e quase fala em voz alta.

— “A ilha-prisão? ”.

— “Já lhe falaram sobre ela? ”.

— “Sim, Áquila nos contou. Mas, por que estão indo para lá? É perigoso! ”.

— “Eva, as respostas que precisamos estão lá. Quanto a ser perigoso... acho que o perigo espreita seus passos também. O que mais a faria ter sonhos ruins? ”.

— “É verdade. Infelizmente não podemos fugir disso”.

— “Fale-me sobre seu sonho” – Deborah pediu.

Eva contou, exatamente como fazia quando criança. Deborah não tentou interpretar os sinais, pois esse não era seu dom, mas procurou dar-lhe coragem para enfrentar os desafios que vinham pela frente. As palavras que Eva tanto ansiara por ouvir se tornaram reais. Elas conversaram até o dia raiar. Tiveram que cortar o contato quando as sacerdotisas começaram a acordar. No entanto, já estava feito, e muita coisa havia sido esclarecida.

— Você fez o quê? – Davi olhou para Eva com incredulidade.

Eles estavam sentados sobre a cabine da balsa e Eva havia acabado de contar para Davi seu contato com a mãe.

— Não me faça repetir tudo de novo, Davi.

Eva foi bastante detalhista em seu relato, não esquecendo nem mesmo os pormenores do sonho. Eles estavam sozinhos, observando as altas árvores, dispostas em ambas às margens do rio.

— Eva, isso tudo não terá sido parte do sonho?

Ela balançou a cabeça e cruzou os braços, aborrecida.

— Por que não acredita em mim?

Ele deu de ombros e ficou de costas para ela.

— Às vezes, nossas mentes pregam peças. Principalmente quando estamos muito preocupados com algo, como você estava.

Eva levantou-se.

— Eu não vou ficar aqui escutando isso de você, Davi. Sua mãe o procurará na primeira oportunidade que tiver, eu não duvido disso. E nem você deveria. Então, você verá que não foi um sonho.

— Então... por que ela não faz isso agora? O que está esperando? Minha mãe nunca foi muito paciente, você sabe disso – ele falava, sem olhar para ela.

— Davi, elas não estão em um navio de passeio – o tom de Eva ficou mais suave. – A situação delas é delicada, e qualquer erro pode custar-lhes a vida.

Davi suspirou e Eva pôs a mão em seu ombro.

— Espere. Ela virá até você.

Jael caminhou pelo convés, imitando as outras sacerdotisas. Após a refeição compacta daquela manhã, cada uma buscou se isolar. Ela, Deborah e Zoe não tiveram alternativas, a não ser fazer a mesma coisa. Ela agora buscava um lugar quieto e sossegado. Deborah lhe havia contado sobre seu contato com Eva. Agora, tudo o que Jael desejava era ouvir também a voz do filho e aliviar um

pouco a saudade que a invadia por dentro. Ela apoiou-se na amurada e olhou em volta. Não havia nenhuma sacerdotisa por perto. Ela fechou os olhos e direcionou o pensamento.

— “Davi” – ela chamou.

Na balsa, sentado com as pernas balançando dentro da água, ele a ouviu. Tão claro como se estivesse ao seu lado.

— “Mãe? ” – Ele instintivamente olhou em volta. – “Mãe. É mesmo você? ”.

Davi aguardou a resposta com ansiedade. Ele tinha medo de estar apenas impressionado com o relato de Eva e se deixando levar pelo próprio desejo de que fosse tudo verdade.

— “Meu Davi...” – a resposta foi imediata.

No navio, Jael mal podia conter o choro. Davi percebeu a voz embargada e contida.

— “Eu não acreditei quando Eva me contou. Acho que é porque eu queria ouvir sua voz por mim mesmo, constatar a verdade”.

— “Você precisa ser tão parecido comigo, meu filho? Só acredita naquilo que pode ver diante dos olhos, tocar e ouvir? ”.

Ele sorriu diante da reprimenda. Como sentia falta dela!

— “Estou aprendendo a importância das entrelinhas, mãe. Precisa me dar um tempo”.

— “Você aprenderá a lidar com isso, Davi. Eu aprendi”.

Ele suspirou.

— “Mãe, eu já lhe disse o quanto você me dá trabalho? ”.

Ele podia senti-la sorrir.

— “Ainda bem que você foi ensinado por seu pai. Somente ele sabe como me colocar na linha”.

Eles fizeram uma pausa.

— “Mãe, eu sinto tanto sua falta” – ele falou com a voz trêmula. – “A última imagem que tenho de você caindo naquele portal ainda me persegue”.

— “Eu não saberia dizer o quanto eu também sinto a sua, meu filho”.

— “Achei que nunca mais a veria ou ouviria de novo, depois daquele dia” – ele continuou.

— “E eu não pensei que sobreviveria àquele dia” – ela confessou.

— “Queria poder ver você”.

— “A minha vontade era de acompanhá-lo em sua missão, mas parece que meu caminho nessa terra é outro. Chegará o

momento em que nossos caminhos se cruzarão, eu tenho certeza”.

— “Eva me falou sobre a Profecia”.

— “Precisamos compreendê-la, Davi. Até lá, não sabemos exatamente o que fazer”.

— “Mesmo assim, eu fico feliz em saber que o poder da Profecia se estende para vocês também”.

— “O que quer dizer? ” – Jael perguntou, sentindo-se confusa.

— “Quero dizer que esse poder protegerá suas vidas, assim como protegeu até hoje”.

Jael fez uma pausa, antes de responder.

— “Ainda a sente como uma ameaça? ” – Ele perguntou, surpreendendo-a em seu silêncio.

— “Não como uma ameaça, mas como um fardo bem pesado”.

— “Já pensou em desistir, mãe? ”.

— “Sim, eu já pensei nisso uma vez. Mas não é algo que se possa decidir. Não está em nosso poder lutar contra nossa própria essência, Davi. Eu nasci para guardar e zelar pela Profecia, seja ela qual for. Não sei fazer outra coisa. Não consigo”.

— “Mãe, tomem cuidado em Parthenos. Áquila nos contou histórias terríveis de lá”.

— “Não pretendemos demorar mais do que o necessário”.

Ela suspirou impaciente.

— “Preciso saber para onde ir! Você e Héber estão aqui, em Nod... E eu não posso vê-los, abraçá-los...”.

— “Tenha paciência, mãe” – a voz dele era calma e tranquilizadora. – “Esse dia chegará em breve”.

Ela fungou e ele soube que ela estava chorando.

— “Cuide-se, filho. Eu temo que minhas horas solitárias estejam chegando ao fim. Já posso ver as costas da ilha-prisão e há uma agitação no navio”.

— “Eu te amo, mãe. Não suma de novo”.

— “Eu não penso em fazer isso, meu Davi”.

Capítulo 12

A Ilha-Prisão

O navio atracou no porto de Parthenos. As sacerdotisas desceram como um grupo harmoniosamente unido, embora o

silêncio perdurasse entre elas e a troca de palavras fosse nula. Deborah, Jael e Zoe tentavam observar todos os seus movimentos a fim de se integrarem de forma natural àquela unidade.

Da praia, uma escada primorosamente escavada na superfície de uma parede rochosa subia até um promontório que se estendia pela costa, deixando uma faixa relativamente estreita entre o porto e sua base. Lá em cima, lançando sua sombra sobre o navio ancorado, uma sólida torre de pedra marcava presença. Ela, além de torre de vigia, servia também de farol nas noites escuras.

Logo após as sacerdotisas, outro grupo desembarcou. Eram homens e mulheres de idades variadas, ligados entre si por uma comprida e grossa corrente que lhes prendia os tornozelos, cuja extremidade era puxada por apenas um guarda corpulento. A aparição do grupo de prisioneiros surpreendeu as três guerreiras, pois somente agora davam conta de sua presença. Deborah percebeu que Zoe apertava as mãos em punho ao lado do corpo, lutando para conter a própria revolta. Talvez fosse mais um grupo de conhecidos que ela falhara em proteger. A rainha pôs a mão em seu braço, acalmando-a com seu toque. Zoe relaxou, abrindo novamente as mãos.

— Por mais que seja a nossa vontade, nunca poderemos salvar a todos, Zoe. Mas devemos continuar para conseguir salvar aqueles que estão em nosso alcance.

Zoe assentiu levemente com a cabeça. Ela havia compreendido.

Descendo pela trilha, vinha um grupo de soldados fortemente armado com espadas e escorpiões para escoltar os prisioneiros. Entre eles haviam dois magos altivos e orgulhosos. Eles olharam para as sacerdotisas com desconforto, tentando evitá-las ao máximo. As mulheres os seguiram em silêncio, como se estivessem acostumadas àquele ritual.

A prisão era uma fortaleza sólida, com muitas torres de vigilância sobre sua muralha quadrada e um único portão que se mantinha fechado. Este era largo, de ferro e sem aberturas. Jael olhou para trás e observou a costa ainda visível. Vários píeres encontravam-se espalhados pela praia, cada um com dois ou três barcos atracados. Duas construções de pedra se encontravam lá embaixo. Ela julgou que deviam servir de depósito ou casa para os barqueiros.

— “Quando chegar a hora, aquela deve ser a nossa rota de fuga” – ela direcionou o pensamento para a irmã.

— “Sim, eu também pensei nisso. Mas uma fuga seria impossível durante o dia. O promontório abarca toda a costa. Precisaremos despistar a luz do farol para fugir”.

Quando elas passaram pelo portão de ferro, o cenário que se abriu para elas era uma imagem de pesadelos. Na base interna das muralhas abria-se um fosso de uns dois metros que parecia contornar todo o perímetro. De dentro dele saíam afiadas estacas de madeira, prontas para empalar qualquer prisioneiro que porventura tentasse escalar a muralha para fugir. No centro do pátio havia uma grande estrutura de dois níveis e um terraço, onde sentinelas faziam uma ronda contínua. Em volta da estrutura, no pátio, pessoas trabalhavam quebrando pedras, cujos pedaços eram colocados em carroças e levados através de uma porta que se abria para um segundo pátio. Muitos prisioneiros trabalhavam embaixo de açoites, com os corpos curvados e machucados. Espalhados pelo local haviam postes plantados de forma aleatória, onde homens e mulheres se encontravam acorrentados, aguardando alguma punição sob o sol forte e causticante.

— Esse quadro é revoltante – sussurrou Jael, ao lado de Deborah.

— O que achava que encontraríamos aqui, irmã?

— Fico imaginando que tipo de horrores nós ainda não presenciamos.

Deborah suspirou.

— Você fala da parte que é responsabilidade das sacerdotisas, Jael. Logo veremos o que se esconde por dentro dessas estruturas fechadas. Lembre-se de que a “diversão” é reservada para os magos e para elas.

— Sinceramente, eu espero não ter a oportunidade de ver. Só de pensar nisso tenho ânsias de vômito.

Um mago parou diante delas. Ele era ainda mais altivo e pomposo do que aqueles que as guiavam. Parecia que o orgulho e a vaidade eram as características desses homens. Ele as olhou com desagrado.

— Fico feliz por terem enviado um grupo grande, embora esperássemos um número bem maior que esse. – Ele falou numa voz inexpressiva. – Sigam-me, senhoras.

Em silêncio, as mulheres o seguiram até um segundo pátio, além da porta por onde as carroças passavam. No caminho, Zoe reconheceu um homem que pertencia ao grupo que procuravam. Ele trabalhava quebrando pedras numa vala próxima ao portão. Ela memorizou sua posição.

O segundo pátio era menor que o primeiro. Duas estruturas ficavam no centro, uma maior do que a outra, ambas com apenas um nível e sem terraços. Não havia janelas na estrutura maior, apenas na menor. No lugar de um fosso circulando as muralhas, havia casinholas nas quais um adulto não conseguiria ficar de pé. Algumas tinham grades nas portas e eram intercaladas por outras fechadas com portas de madeira. À direita e a esquerda abriam-se mais duas portas estreitas que, no momento, encontravam-se fechadas.

Elas foram guiadas até a estrutura maior. Lá dentro, havia uma antessala sem decoração, com apenas uma grade separando-a de um longo corredor. Dois guardas postavam-se diante dela. No corredor, esperando por elas, estava um homenzinho corcunda, talvez um servo. Ele não parecia se incomodar com a presença delas. Sem pronunciar uma única palavra, ele as guiou pelo corredor escuro.

Zoe caminhava silenciosa, mas seu íntimo fervilhava, não apenas pelo pesar de ver pessoas conhecidas entregues à escravidão dos trabalhos forçados, mas também pelo estranho sonho que tivera. Ela não sabia e não compreendia seu significado, mas não tinha dúvidas de que a havia afetado de alguma maneira.

Desde que o tivera, sentia-se mais alerta e intuitiva do que antes. Por que coisas desse tipo aconteciam com ela? Deborah parecia compreender, e Zoe ansiava por uma oportunidade para falar sobre isso com ela.

Naquele momento, o velho corcunda parou diante de uma porta de ferro com grandes dobradiças. Ele a abriu e as mulheres passaram. Elas foram se posicionando de encontro a uma parede, na medida em que entravam. Era uma sala cerimonial com colunas espalhadas, mas sem bancos. Lá dentro, por trás de uma grande mesa, havia outro grupo de sacerdotisas. Estas usavam mantos de cores negras sem nenhum traço de outra cor. Outras sacerdotisas estavam espalhadas em meio às colunas. Era um grupo numeroso. Elas faziam parte do grupo fixo que exercia o sacerdócio naquela ilha e tinham a responsabilidade de receber as recém-chegadas. Uma das que estavam por detrás da mesa deu um passo à frente.

— Quem de vocês se voluntariou pela primeira vez a vir para Parthenos e precisa ser instruída quanto às regras?

O grupo recém-chegado levantou as mãos. A mulher que havia falado cruzou as mãos na frente do corpo.

— Todas novatas. Isso é um bom sinal. Vejo diante de mim um grupo disposto a aprender e com muita sede de poder. Ser

voluntária em Parthenos é estar disposta a descobrir os mistérios da magia, sem limitações ou regras. No início, seu trabalho aqui será apenas o de seguir os magos e auxiliá-los nas experiências mentais com os prisioneiros.

Ela saiu de trás da mesa e começou a caminhar em direção ao grupo.

— Aquelas de vocês que possuírem maior intuição devem observar e escolher, entre os prisioneiros, os mais fortes, inteligentes e resistentes para serem convertidos em bons soldados a serviço de Lord Abadom. Aos magos, resta a função de transformar suas memórias sofridas em mentes agradecidas e devotadas ao nosso soberano. Portanto, aprendam a usar seus dons para selecionar os melhores.

Então, era isso que acontecia em Parthenos? Abadom estava transformando inimigos em aliados através de processos obscuros de magia.

— Uma refeição especial aguarda por vocês, minhas irmãs. Fortaleçam seus corpos para esta noite. Descansem o quanto puderem, relaxando suas mentes. Quando nos encontrarmos novamente vai ser para instruí-las quanto à observação correta para a escolha. Sejam bem-vindas.

Elas seguiram o corredor de volta pelo corredor. Na antessala, dois magos conversavam, ignorando a presença das mulheres.

— O Mago Branco já embarcou. Ele não pôde esperar pela chegada do navio que trazia o novo lote de prisioneiros.

— È realmente uma pena – lamentou um dos magos. – Esperava-se que a presença dele tornasse a escolha de amanhã um sucesso.

— Aconteceu algo em Anatolya e Lord Abadom enviou ordens para que ele se dirigisse para lá imediatamente.

— Fico a me perguntar o que poderia ter ocorrido...

— Tudo o que sei é que Leukós partiu com relutância.

— Relutância?

— Sim. Ele estava pressentindo que algo muito importante aconteceria em Parthenos.

— Ele comentou algo sobre o que esperava?

— Apenas que estava se aproximando um grande poder, e que ele podia senti-lo chegar.

As sacerdotisas passaram por eles, mas não antes que as três guerreiras tivessem escutado toda a conversa. O fato de saber

que Leukós havia partido deixou-as bem mais relaxadas. No entanto, as notícias vindas de Anatolya as deixaram ansiosas quanto à sorte daqueles que amavam e que se encontravam naquela região.

A estrutura menor, que ficava ao lado daquela em que haviam entrado, era, elas vieram a descobrir, o refeitório. É claro que era um refeitório usado apenas por funcionários, incluindo magos, sacerdotisas, guardas e carrascos. Cada uma dessas classes possuía seu próprio horário de refeições. Os prisioneiros, é evidente, recebiam rações únicas por dia, de comida e água. Esta última, porém, era distribuída durante o dia em decorrência do sol inclemente. Eles não queriam perder prisioneiros, deixando-os morrer de insolação.

Naquele momento, apenas sacerdotisas e alguns magos encontravam-se no refeitório. Deborah, Jael e Zoe escolheram um local onde pudessem ficar juntas e conversar sem levantar suspeitas. Pouco a pouco, o local foi se esvaziando, mas elas comiam devagar, a fim de aproveitar o tempo. Inesperadamente, uma das sacerdotisas residentes sentou-se ao lado de Zoe, de frente para Deborah e Jael.

— A quem vocês pensam enganar com essa farsa? — A voz dela era baixa e arrastada.

As três se imobilizaram.

— O que... — Deborah tentou falar, mesmo atordoada como estava.

A mulher soltou uma risada baixa e continuou a tomar sua sopa com tranquilidade, por baixo do véu.

— Seja lá quem vocês forem, são mesmo muito corajosas. Nunca vi ninguém tentar um feito tão ousado.

Nenhuma das três ousava pronunciar qualquer palavra. Jael olhava em volta, tensa e desesperada, em busca de alguma rota de fuga.

— Não se preocupe. — A mulher falou, dirigindo-se a ela em particular. — Não pretendo denunciar vocês. Não será necessário.

Ela pôs a mão larga e grossa sobre a de Zoe, que estava ao lado dela. Foi um gesto comum, mas que fez o corpo da moça se arrepiar. Ela tentou puxar a mão, mas a mulher não permitiu.

— Nós, da Ordem de Parthenos, temos dons especiais. Deviam estar preparadas para isso. Eu posso enxergar além dos panos que cobrem seus rostos. Vocês sabiam que cada uma de nós recebe uma tatuagem acima do olho esquerdo, quando entramos

na Ordem? Acho que não sabiam, pois eu não vi a de vocês. Poderiam ter providenciado uma que fosse falsa.

Jael empurrou o prato de sopa para o lado.

— Muito bem, e o que a impede de nos entregar agora? – Ela perguntou, irritada com o tom de ironia da mulher.

— Diversão, minha filha. Estou cansada da arrogância de nossa líder. Ela pensa que está acima até mesmo dos magos. E nem sequer é a mais antiga nesta ilha! Eu sou! Vai ser muito gratificante ver sua reação quando descobrir que foi enganada.

Deborah inclinou-se para a frente.

— E como ela descobriria? Você já disse que não pretendia contar nada.

A mulher hesitou um pouco. O seu olhar, que via através do véu, havia encontrado o olhar direto de Deborah. Mentir seria quase impossível. Constrangida e perturbada, ela baixou o olhar e o fixou no prato de sopa.

— Vocês podem continuar agindo com a mesma discrição, que ninguém perceberá. Mas quando chegar a noite, haverá uma pequena reunião. Ela terá o propósito de prepará-las para observar e escolher os prisioneiros certos pela manhã.

— E o que vai acontecer nessa reunião? – Deborah perguntou, sem desviar o olhar.

— Ela consiste em um breve ritual, no qual as mentes das sacerdotisas entram em harmonia. Elas devem estar aptas para fazer uma “leitura de almas”. Nesse momento, vocês seriam descobertas sem que eu precisasse mover um dedo.

A mulher parou de falar, atônita por ter revelado mais do que planejara. Ela olhou novamente para Deborah, mas evitou fitá-la direto nos olhos.

— Sua força mental é nova para mim – ela balbuciou, voltando o olhar para a mesa. – As sacerdotisas se matariam para conseguir tal força e poder de persuasão.

De repente, ela levantou-se.

— Já falei demais. Agora, eu devo ir.

Antes de sair, ela virou-se.

— Eu não me importo nem um pouco com vocês. Se forem descobertas ou não, isso não faz diferença para mim. Eu quero deixar claro que não moverei um dedo, nem contra e nem a favor de vocês. Os meus motivos são pessoais, e nada me agradaria mais do que ver a reação daquela sacerdotisa soberba, que se acha mais poderosa do que todas as outras. Já fui muito humilhada por conta

de minha idade, e tive minhas capacidades questionadas na frente de todas. Portanto, não vou lhes desejar sorte.

Finalmente ela se foi, rápida e silenciosa. Jael permitiu-se respirar fundo.

— Ainda estou zozona com isso tudo, mas reconheço que chegou a hora de abandonarmos essas roupas.

Zoe esfregou a mão que a mulher havia segurado. Ela formigava de um modo estranho. Algo lhe dizia que a sacerdotisa tentara tirar mais informações através do toque.

— Temos poucas horas até a reunião das sacerdotisas. – Ela falou. – Se essa reunião for para realizar o tal “ritual”, não poderemos estar presentes.

Deborah forçou-se a pensar.

— Nosso tempo aqui será mais curto do que prevíamos. No final, parece que teremos mesmo que nos misturar aos prisioneiros, caso não pensemos em algo.

— Isso não vai facilitar nossa fuga. – Argumentou Zoe.

— Tem alguma ideia? – Deborah perguntou.

Jael observava o movimento das mulheres que serviam no refeitório. Elas mal eram notadas e, de vez em quando, uma saía

com um carregamento de odres de água, a fim de distribuir pelos prisioneiros sedentos.

— Esperem aqui – ela falou enquanto se levantava e caminhava em direção à cozinha, sem dar tempo para que fizessem perguntas.

Deborah e Zoe mal tiveram tempo de abrir a boca e Jael já estava de volta. Ela trazia uma pilha de roupa nas mãos.

— Como conseguiu isso? – Deborah admirou-se.

— Todos temem as sacerdotisas. Não vejo por que não me aproveitar disso enquanto ainda posso. Eu apenas entrei e solicitei roupas extras para os prisioneiros “especiais” que estavam chegando com o próximo navio. Elas não questionaram nada, apenas obedeceram.

Zoe estava de boca aberta.

— Sua mente trabalha rápido.

Deborah sorriu. Jael ainda conseguia surpreendê-la.

— Venham – ela chamou, enquanto se erguia da mesa. - Ainda temos que encontrar um local seguro para trocar os disfarces.

O navio que seguia para Anatolya, levava no seu casco o símbolo de Lord Abadom, ou seja, uma chave cuja cabeça tinha o

formato de uma coroa de três pontas. O rei-deus queria mostrar, com esse símbolo, que seu reino abrangia todas as terras de Nod: Helladan, Bogaz e Anatolya. O símbolo de poder gerava temor naqueles que o viam e garantia ao navio que o portava uma viagem segura e sem contratempos.

Leukós olhava para a ilha de Parthenos, cuja forma começava a desaparecer na distância. O Mago Branco estava aborrecido. Ele, desde o momento em que pusera os pés na ilha, sentiu que um grande poder estava por se aproximar. O navio que fazia o transporte casual logo chegaria com uma nova "carga". Leukós desejava ver o que vinha em seus porões. Talvez uma grande surpresa o aguardasse. Infelizmente, as ordens de seu senhor foram taxativas. Uma das Chamas Sagradas foi acesa em Anatolya, e o inútil do astrólogo Drakan, responsável por impedir esse fato, falhou em sua tarefa. Cabia a ele, Leukós, um dos Juízes, consertar a situação.

O mago, porém, continuava a sentir vibrações fortes que vinham de Parthenos. Se não fosse a urgência, ele já teria ordenado uma volta imediata do navio. Ele só sentira aquela força em um lugar. Hedhen. Tudo o que ele podia fazer era passar a tarefa para outro. Ele sabia o quanto Mélas ansiava por reencontrar

as guerreiras de Hedhen, e era mais controlado em suas atitudes do que Pyrrós. O Mago Negro seguiria sua pista sem dó. Ele não pararia até estar frente a frente com elas. Leukós não perdeu mais tempo. Voltou para sua cabine e isolou-se num estado mental que o levaria a comunicar-se com Mélas.

As casinholas e armazéns que rodeavam o segundo pátio estavam vazios naquela hora de trabalho. Elas, ainda na condição de sacerdotisas, caminharam tranquilamente sem serem notadas ou abordadas por ninguém. Era compreensível, já que preferiam evitá-las. Elas escolheram um cubículo com porta de madeira que ficava ao lado do portão leste, atrás do refeitório. Era uma área isolada, pois todas as atenções estavam concentradas nos locais de trabalho. Ninguém prestava atenção em um pequeno armazém usado para estocar materiais velhos. Zoe abriu a porta com um chute, após se certificar de que ninguém observava.

Lá dentro se encontravam alguns sacos com ferramentas de construção e algumas caixas com correntes e cadeados. A maioria dos instrumentos padecia com a ferrugem. Elas se despiram das roupas de sacerdotisas e se sentiram aliviadas por estarem com os

rostos descobertos. Jael lhes passou as novas roupas. Eram duas túnicas de pano grosseiro para cada uma, de cor acinzentada.

— É bom respirar de novo, mas isso não nos dá muita segurança – comentou Deborah. – Precisamos saber por onde começar, antes de nos arriscarmos a sair daqui de rosto descoberto.

— Quando nós chegamos, eu reconheci um dos homens que pertencem ao grupo que procuramos. – Disse Zoe, passando a túnica por sobre a cabeça. – Eu memorizei o seu local de trabalho. Vou até lá e tentarei fazer contato com ele.

— Não gosto dessa ideia – falou Jael.

Zoe deu de ombros.

— Consegue pensar em outra?

Jael revirou os olhos, resignada.

— Não. Mas o que nós faremos enquanto isso?

Zoe olhou para elas com o cenho franzido.

— Fiquem aqui e esperem. Será melhor que apenas uma de nós fique perambulando por aí. Eu, pelo menos, já trabalhei para eles e sei como pensam.

Zoe pegou um lenço que servia para cobrir a cabeça e o rosto, protegendo-os da poeira.

— Felizmente, há muita poeira para onde vou e não vou precisar descobrir o rosto. – Ela comentou.

Quando Zoe estava pronta para sair, Deborah pegou em seu braço com a expressão séria e preocupada.

— Cuide-se. Sua vida não vale menos do que a nossa.

Zoe sentiu-se intrigada com aquele comentário, mas apenas sorriu.

— Eu vou tomar cuidado, mas seria bom que vocês também ficassem alerta. Não sabemos se esse depósito ainda é usado para algo mais do que guardar ferramentas enferrujadas.

Ela saiu e Jael fechou a porta.

Zoe passou pelo prédio do refeitório e, de cabeça baixa, pegou um saco com odres de água que eram deixados junto à parede para serem distribuídos. Ela seguiu até o primeiro pátio, distribuindo a água no caminho enquanto procurava o homem que havia reconhecido. O sol estava baixo no céu, e a hora da reunião das sacerdotisas também se aproximava. Ela tinha que se apressar. Zoe desconhecia o real poder dessas mulheres e começava a questionar o próprio plano. Teria sido uma condenação para todas

elas entrar em Parthenos? Teria ela levado Deborah e Jael para uma armadilha? Não queria nem pensar nisso.

Foi com alívio que ela o viu ainda trabalhando no mesmo local. Era um homem de cinquenta anos, barba negra e rala, corpo forte para a idade. Ela se aproximou com um odre nas mãos. Ele estava de cabeça baixa, separando pedaços de pedra na vala em que se encontrava.

— Ficol, meu amigo – ela chamou.

Ele ergueu os olhos com espanto. Não costumava ouvir seu nome dito em voz alta há muito tempo. Suas mãos apertavam o cabo da enxada.

— Quem... – ele olhou atentamente para a jovem que lhe servia a água e um reconhecimento aflorou em sua mente. – Zoe! É você?

— Pegue a água. – Ela lhe passou o odre.

— O que está fazendo aqui, menina? – Ele olhou para os lados, antes de pegar a água.

— Vocês continuam estudando os fragmentos da Profecia? Aqueles que falam sobre a luz?

Ele parou de beber e a olhou com desconfiança.

— Que espécie de pergunta é essa?

Zoe suspirou e observou um grupo de sacerdotisas seguindo para o segundo pátio. Elas já deviam ter recebido o chamado para a reunião.

— Ficol, eu não tenho muito tempo. Tenho motivos para acreditar que a Profecia começou a se cumprir. As Duas Guerreiras que os fragmentos do meu povo mencionam estão aqui.

O homem escutou atentamente, tentando não demonstrar nenhuma reação enquanto sorvia sua água.

— Aqui onde? – Ele perguntou.

— Aqui, em Parthenos.

Ficol quase teve um engasgo sério com a água.

— E o que as Duas Guerreiras estariam fazendo aqui, Zoe? Por que você as traria para cá? Será que algo acertou sua cabeça?

Zoe estava se irritando com as dúvidas de Ficol.

— Elas precisam de respostas que somente os fragmentos da luz possuem.

Ficol devolveu o odre para ela.

— Como sabe que são elas?

— Eu não teria arriscado a trazê-las aqui se não fossem. Elas estavam dispostas a se deixar prender apenas para encontrá-los.

Ficol suspirou e ficou em silêncio, pensando.

— E quanto a você? — Ele perguntou. — O que faz aqui?

Zoe evitou o olhar severo dele.

— Eu desertei quando atacaram minha aldeia. Os Vigilantes fazem parte do meu passado.

— Não vi ninguém do seu povo aqui.

Zoe mordeu os lábios e balançou a cabeça.

— Eu também não. Temo que eles tenham sido enviados para outro lugar. Talvez alguma colônia de escravos.

Ela olhou suplicante para Ficol, quando o sinal anunciando o encerramento do trabalho soou. Era uma buzina alta e aguda.

— Ouça, meu amigo, o nosso disfarce foi descoberto. Precisamos dessa resposta para poder sair daqui o mais rápido possível. Vai ajudar?

O homem sorriu com vontade, coisa que ele não fazia há meses.

— Encontre-nos esta noite, no depósito que fica ao lado da porta que leva à pedreira. É a porta que fica virada para o oeste. Você conhece a nossa senha. Ela não mudou. Fale e abriremos para vocês.

Zoe sorriu agradecida e voltou para o segundo pátio com passos apressados.

Duas batidas na porta.

— Abram! Sou eu. – Disse Zoe.

A porta foi aberta e Jael a puxou para dentro. Zoe estava trêmula. Ela sentou-se no chão com a respiração agitada.

— E então? – Jael quis saber.

— Eles se reunirão essa noite. Teremos apenas que esperar.

— Ele acreditou em você? – Perguntou Deborah.

Zoe respirou fundo e balançou a cabeça.

— Ficol me conhece há muito tempo. Eu salvei o filho dele em uma ocasião, livrando-o de ser capturado pelos Vigilantes. Ele não tem motivos para desconfiar de mim.

Jael sentou-se ao lado dela.

— Nesse caso, precisamos apenas ficar aqui e esperar não sermos descobertas antes da hora do encontro.

Deborah observou que Zoe não estava bem.

— Qual é o problema, Zoe? – A voz dela era calma e gentil.

Zoe ergueu os olhos angustiados para ela.

— Eu sinto que fiz tudo errado. O plano não seguiu como esperávamos e fico pensando como sairemos dessa prisão. Temo tê-las arrastado para uma armadilha.

Deborah suspirou e sentou-se diante dela.

— Você esqueceu qual era o nosso plano original? O seu plano, pelo menos, nos ajudou a entrar aqui sem correntes. Não se culpe, Zoe. O Ancião guiou seus passos até nós e ele deve ter um bom motivo para isso.

Zoe a olhou como se quisesse ler seus pensamentos. Sondar a mente de Deborah devia ser um feito maravilhoso.

— Você parece me entender mais do que eu mesma.

Deborah sorriu.

— Aqueles que estão atados um ao outro pelo cordão da Profecia são capazes de se reconhecer.

Jael ponderou as palavras da irmã. Pelo visto, Deborah realmente não havia perdido sua intuição e ainda era capaz de enxergar o íntimo das pessoas. Ela, obviamente, via em Zoe mais do que uma Vigilante desertora. Ela via naquela moça alguém que estava ligado diretamente à Profecia, assim como elas. Quando tivesse tempo, questionaria tudo a respeito, mas, no momento, sua atenção estava concentrada na porta e no tempo. E o tempo passava rápido. Até o momento da reunião com o grupo, outra reunião já estaria ocorrendo há horas. A Ordem de Parthenos já

deveria estar iniciando os preparativos para o “ritual”, e logo veriam que faltavam três mulheres.

No salão escuro, onde as sacerdotisas de Parthenos se reuniam, era proibido acender as tochas. A escuridão era necessária, assim como o silêncio inicial. Pouco a pouco, as mulheres chegavam e se posicionavam de forma aleatória. Em um canto, sorrindo por baixo dos panos, Oolibama aguardava o desenrolar do ritual. Quando a harmonia das mentes estivesse no auge, a falta de três sacerdotisas seria percebida, pois a união não corresponderia ao poder esperado pelo número de sacerdotisas contado pela manhã. Timna, a líder, teria que lidar com a própria falha, enquanto ela, a velha e inútil sacerdotisa, tecia seus próprios planos. O poder mental daquela mulher que estava entre as intrusas, se entrasse em harmonia com seu poder, lhe tornaria uma líder mais capaz do que Timna. Ela nada contaria. As deixaria fugir dali, mas não perderia seus passos. Aquele poder pertenceria a ela, apenas a ela.

Capítulo 13

A Profecia da Luz

Em Anatolya, eles alcançaram a bifurcação da estrada. Há muito que Laos havia ficado para trás. Apolo caminhava alegremente na frente, com Nathan. O sacerdote de Nod havia ganhado um novo ânimo e coragem redobrada. Eles deveriam acampar nas proximidades da encruzilhada e aguardar a chegada da caravana que levaria seus cavalos. De lá, seguiriam para Philos, o segundo santuário em sua lista.

Barak e Héber seguiam na retaguarda. Ambos se sentiam inquietos e ansiosos, mesmo usufruindo de uma aparente quietude.

— Barak, por que o meu coração bate como se algo estivesse para acontecer, embora eu sinta que não é comigo?

O rei suspirou. Ele vinha experimentando a mesma sensação angustiante, mas tentava encontrar explicações para ela em seus próprios temores.

— Meu irmão, nós estamos seguindo juntos nessa estrada. Tudo o que posso lhe oferecer como resposta é uma mera suposição.

— E qual seria?

Barak pensou antes de responder.

— Héber, eu acredito que o que sentimos está relacionado com Deborah e Jael. Nossos sinais nos ligam mais a elas do que a nossos filhos.

Héber parou aturdido.

— Isso quer dizer que elas estão em perigo e precisam de nós! E nós estamos aqui! Sem saber onde elas estão e sem poder fazer absolutamente nada!

Barak pôs a mão no ombro dele.

— Há uma coisa que podemos fazer sim, Héber.

O rei aproximou-se de Noa e Sangar e pediu-lhes para seguir em frente com o grupo até a encruzilhada. Ele e Héber seguiriam logo atrás e os encontraria depois.

— O que está acontecendo, Barak? – Perguntou a Sacerdotisa.

— Você pode chamar de intuição, instinto, premonição ou o que preferir... Eu e Héber estamos sentindo a necessidade de entrar em... – Barak procurava a palavra certa.

— Batalha? – Ela completou, dando-lhe a palavra que ele não conseguia definir.

Barak sorriu aliviado.

— Você sabe do que estou falando.

Ela sorriu de volta.

— É claro que sei. Faz parte do que sou entender essas coisas. — A expressão dela tornou-se séria. — Mas lhes deixo um conselho. Se nunca fizeram isso antes, levem Nathan com vocês. Ele tem experiência e será o guia que vocês precisam.

Barak agradeceu com um gesto de cabeça.

— Faremos isso, Noa.

A mulher o abraçou carinhosamente.

— Lute com o coração, meu amigo. Esperaremos vocês na encruzilhada.

Não foram necessárias muitas palavras para que Nathan compreendesse a urgência da situação. Ele se colocou ao lado dos dois Luminares, assumindo uma postura de sacerdote-guerreiro. Os três ficaram um tempo vendo o restante do grupo se afastar.

— Muito bem, meus rapazes, nós vamos ter que encontrar um local bem mais tranquilo do que uma estrada — disse Nathan. — Nosso campo de batalha vai exigir solidão e silêncio. Venham! Temos muito que conversar no caminho.

As palavras de Noa não podiam ser mais certas. Nathan era o guia perfeito para o que eles teriam que fazer.

A noite chegou em Parthenos. Aquele depósito no qual elas se encontravam não era, certamente, um dos mais usados, pois até aquele momento ninguém havia se aproximado. O som das grades se abrindo nas outras dependências, porém, parecia perigosamente próximo. Jael observava a estrutura central através de uma brecha aberta na porta.

— As sacerdotisas ainda estão lá dentro. Quanto tempo vocês acham que dura o tal “ritual”?

— Eu espero que dure a noite toda. – Murmurou Zoe.

— Nós vamos ter que pensar numa rota de fuga, pois teremos que sair daqui antes do amanhecer. – Disse Deborah.

Zoe ficou brincando com um pequeno graveto na mão. Ela não apenas brincava, mas também refletia.

— Ficol disse que o local onde se reúnem fica ao lado da porta que leva às pedreiras. Pelo que observei enquanto distribuía a água, as pedreiras só são vigiadas no horário de trabalho. Durante a noite, a vigilância fica por conta das torres de vigia, de uma forma bastante casual, já que eles não se preocupam muito com fugas por aqui.

Jael olhou para ela, interessada.

— Como assim? Não há muralhas em volta das pedreiras?

— Não – Zoe respondeu. – As pedreiras são formadas de uma parte natural da ilha. Elas podem se estender por quilômetros em direção ao interior de Parthenos. Uma muralha desse tamanho seria muito difícil de controlar.

— Tem razão – concordou Deborah. – Ninguém faria uma muralha tão grande, principalmente sofrendo de um excesso de confiança na própria invulnerabilidade.

— Então fugiremos por elas, pelas pedreiras – Jael falou, voltando a olhar pela brecha. – Embora eu sinta que não será tão fácil.

Quando a noite já ia bem avançada e o único movimento era a ocasional passagem de alguns vigias dispersos, Jael deu o sinal de que podiam sair. Elas aguardaram que os dois vigias dobrassem em direção ao refeitório e se esgueiraram por trás da estrutura central.

— Precisamos alcançar o local de reunião antes que os vigias dêem a volta completa e nos surpreendam – sussurrou Deborah.

Elas se apressaram e correram rente com a parede do prédio. Quando esta acabou, Zoe esticou o pescoço para ver se havia o sinal de algum vigia. Estava tudo calmo. Na frente delas

estavam as dependências (que incluíam celas e depósitos) do lado oeste.

— Deve ser aquele cubículo com porta de madeira. – Zoe apontou em direção a um depósito semelhante aquele no qual haviam se abrigado. – É o único perto do portão que parece ser um depósito. Todos os outros possuem grades.

— Então, vamos – disse Jael.

Zoe segurou o braço dela.

— Espere um pouco, Jael. Fiquem aqui enquanto eu vou constatar.

Jael concordou e Zoe correu na direção do depósito. Ela foi quase agachada e se ajoelhou diante da porta. Os olhos verdes estavam muito abertos e fixos no caminho dos vigias. Ela conhecia a senha. Três batidas e um arranhar de unhas.

— O que faz a luz? – Perguntou uma voz abafada que vinha lá de dentro.

— Faz com que os fracos se tornem fortes – foi a resposta que ela deu.

A porta abriu-se e ela foi puxada para dentro. Deborah e Jael, encostadas à parede, aguardaram com o coração aos pulos, sem tirar os olhos daquela porta fechada. De repente, ela abriu-se

e um braço se agitou no ar, chamando-as. Elas correram e entraram, exatamente no momento em que os vigias surgiram, prosseguindo em seu caminho. Para eles, a noite continuava tranquila e sem novidades.

Dentro do depósito estava propositalmente escuro. O ambiente tenso enchia o ar. Apenas as respirações pesadas eram discernidas e ninguém ousava quebrar o silêncio.

— Sentem-se – disse uma voz masculina de tom arrastado.

Elas obedeceram prontamente. Devagar, seus olhos foram se acostumando com a escuridão e elas puderam discernir as cinco silhuetas masculinas que formavam um semicírculo diante delas. Dois deles eram mais curvados que os demais e ostentavam longas barbas; outro, era calvo e muito magro; os outros dois pareciam homens rudes e fortes. Um dos quais deveria ser Ficol, pois Zoe estava sentada ao lado de um deles.

— Zoe nos traz uma notícia difícil de acreditar, principalmente numa época em que morre toda a esperança. – Disse a mesma voz arrastada, que pertencia a um dos homens de barba longa.

— A esperança não morre nunca. – Disse Deborah. – Vocês continuam se reunindo, mesmo nessa prisão, porque não querem deixá-la morrer.

— O que pode alguém tão jovem dizer sobre a esperança? – Perguntou o calvo.

— Não me julgue pelas aparências, meu senhor. Não sou tão jovem assim. Apesar de não parecer, tive a oportunidade de perder a esperança por diversas vezes, mas não o fiz.

Houve silêncio. Um silêncio pesado.

— Por favor, anciões, o nosso tempo é curto. – Falou Zoe. – Nossa presença aqui não vai demorar a ser descoberta.

Ficol assentiu e tomou à frente.

— Conte-nos sua história. – Ele pediu.

Jael tomou à frente. Como boa contadora de histórias, ela assumiu a tarefa de narrar cada passo que deram, desde a passagem do portal até aquele momento. A história profética, narrada pela boca de uma Luminar, tinha uma autoridade que testificava nos corações de quem estava disposto a recebê-la.

— Eu sinto a verdade em suas palavras. – Disse novamente o dono da primeira voz.

— Por favor, fale-nos sobre a Profecia da Luz. – Deborah usou um tom respeitoso para com o ancião.

— A Profecia diz que a Luz entrará em nosso mundo através de uma porta que ninguém pode ver. Essa Luz trilhará um caminho próprio em nossa terra e, por causa dela, as Chamas de Anatolya voltarão a brilhar.

— O que quer dizer? – Perguntou Jael. – A Sacerdotisa já está trilhando esse caminho.

O velho balançou a cabeça.

— A Sacerdotisa cumpre bem seu papel. Mas chegará o dia em que a Luz será requerida em sua ajuda. É um fardo pesado demais para uma só pessoa carregar.

Zoe remexeu-se inquieta. Ela sentiu uma súbita apreensão com aquelas palavras.

— Então, é para lá que devemos ir? Para Anatolya? – Deborah fez a pergunta em um tom de afirmação.

Todos os homens concordaram com gestos de cabeça.

— E depois? – Jael não queria sair dali sem todas as respostas. – A Portadora da Luz é mencionada em seus fragmentos, não é? Ela, atualmente, caminha para outro destino. Não seria a ela que devíamos seguir?

Os homens se entreolharam.

— Arath – disse o calvo. – Ela se move para o santuário que fica além da grande montanha. A Portadora deve acompanhar as Árvores, pois a Luz deve brilhar junto delas, a cada passo que derem.

— Eu não entendo... – Insistiu Jael. – Se a Luz deve ajudar a Sacerdotisa em Anatolya, como faremos isso, se a Portadora está com a luz que nos pertence?

O calvo sorriu e apontou para elas duas.

— Vocês são as Guerreiras da Profecia. A Luz acompanha seus nomes. O que a Profecia diz é que vocês levarão a ajuda que a Sacerdotisa precisa. E esse é o primeiro passo. Somente depois vocês estarão livres para trilhar o caminho de Arath.

Deborah e Jael se entreolharam em silêncio. A dúvida e a confusão brigando em suas mentes.

— Isso é tudo o que temos a dizer – concluiu o velho que primeiro falou.

Um barulho do lado de fora lhes chamou a atenção. Vozes, gritos, o som de imprecções enchendo o ar. Ficol observou através da porta semiaberta.

— Os vigias estão agitados. Também vejo algumas sacerdotisas e magos caminhando para o primeiro pátio.

Zoe levantou-se apressada.

— Chegou a hora! Temos que ir! – Ela olhou para Ficol. – Existe alguma chance de passarmos através do portão que leva às pedreiras?

Ficol balançou a cabeça, desanimado.

— O portão é trancado ao fim do dia e, como todas as trancas de Parthenos, reforçado com magia.

— Qual é a altura do muro pelo lado de fora? – Perguntou Deborah.

Ficol a olhou com espanto.

— Ele deve alcançar uns dez metros, por causa da depressão natural do terreno. É impossível tentar escalá-lo e saltar para o lado de fora.

Jael sentia o sangue ferver. Ela simplesmente não conseguia ficar parada com o perigo tão próximo.

— Para onde leva aquele outro portão? O do lado leste.

— É o portão da arena. – Respondeu o homem parecido com Ficol.

— Arena? – Deborah arqueou a sobancelha. – Que tipo de jogo é apresentado aqui?

Os homens se entreolharam constrangidos.

— A arena serve para divertir os magos e os oficiais de visita – respondeu um dos anciões. – Lutas até a morte entre prisioneiros, castigos corporais públicos, esse tipo de coisa...

Aquilo trazia amargas lembranças para Deborah. Se elas sobrevivessem aquele caos e a Profecia fosse cumprida, esse sistema corrupto e cruel terminaria em Nod, assim como aconteceu em Hedhen. Os sons externos ficaram mais altos. O tumulto lá fora devia ter aumentado.

— Não vejo outra saída. – Disse Zoe. – Teremos que tentar o muro.

O homem calvo levantou-se.

— Talvez exista outra maneira. Mas não será uma saída discreta.

Jael deu um passo à frente.

— E o que seria?

O homem, em resposta, abriu a boca de um dos sacos do depósito e revelou um pó negro. Deborah pegou um punhado e o levou ao nariz.

— O que é isso?

— Não sei como se chama, mas veio com os navios. Há muito estoque dele nesse depósito. É usado nas pedreiras, para quebrar as rochas mais duras.

Zoe coçou a cabeça.

— Como um pó pode quebrar rochas? É algum tipo de magia?

— Ele reage ao fogo – respondeu Ficol. – Não o considero mágico, mas tem efeito.

Jael encheu um saco menor, até Ficol lhe mandar parar.

— É o suficiente para abrir um buraco na muralha. – Ele disse.

Elas agradeceram e se esgueiraram para fora. Jael levava o saco com cuidado. A atenção de todos parecia se concentrar no primeiro pátio, pois este, além de ser maior, possuía uma quantidade de valas que poderiam esconder furtivos. Elas correram para uma área livre da muralha, que ficava próxima ao portão da pedreira e que, segundo Ficol, tinha o nível mais baixo com relação ao outro lado. Jael ajoelhou-se e preparou o saco aberto.

— Pelo lado de dentro, a muralha deve ter uns seis metros. – Ela calculou enquanto fazia uma pequena trilha de pó negro saindo do saco. – Um buraco na base nos deixará com os restantes quatro metros, dos dez que Ficol disse que a muralha tem pelo lado de fora.

— Quatro metros não é uma altura que podemos pular sem muitos danos. – Concluiu Deborah.

— Espero que o solo da pedreira alcance um nível mais alto desse lado. É um risco que vamos ter que correr. – Jael terminou de

fazer a trilha e virou-se para Zoe. – Você tem pedras de fazer fogo? Sei que não anda sem elas.

Ela passou duas pedrinhas negras para Jael.

— Vamos nos afastar para uma distância segura. – Ela falou enquanto esfregava as pedras e lançava faíscas de fogo sobre a trilha de pó. – Corram!

As faíscas aumentaram e o fogo seguiu a trilha até o saco na base da muralha. O barulho foi ensurdecador, nada sutil. Elas sentiram os dentes chacoalharem e um zumbido intermitente tomou conta de seus ouvidos, deixando-as momentaneamente surdas. Deborah ergueu a vista e viu que a explosão atraía a atenção dos guardas. Na base da muralha havia um buraco aberto que dava para duas pessoas passarem com tranquilidade. Ela agarrou os braços de Jael e Zoe.

— Vamos! – Ela mal conseguia ouvir o som da própria voz.

Zoe foi a primeira a passar. Felizmente, havia uma elevação do terreno onde o buraco fora aberto. Ela não teve que pular os quatro metros previstos, mas apenas dois. Ela pisou no chão e afastou-se para Deborah, que vinha logo atrás. Jael pulou logo em seguida e elas começaram a correr.

— Esqueçam uma fuga discreta. — Jael gritou. — Precisamos alcançar a praia e pegar um daqueles barcos ancorados na costa.

Elas desceram correndo a depressão de terra rochosa, tendo atrás de si o grito irado dos guardas que se lançavam em seu encalço.

Oolibama sorriu ao ver a surpresa estampada no rosto de Timna. Sua visão privilegiada lhe dava esse prazer. Quando a líder percebeu o engodo já era tarde. Ninguém havia visto nenhum sinal de mulheres estranhas caminhando pela prisão, disfarçadas ou não. Pela primeira vez, em Parthenos, uma sacerdotisa da Ordem foi chamada a atenção pelo líder dos magos. Logo, guardas foram acionados para iniciarem uma busca desenfreada pelas intrusas. As valas seriam o local mais óbvio para se esconder. Foi por isso que o segundo pátio ficou tão sem vigilância. Mas Oolibama as viu sair daquele depósito e preparar algo na base da muralha. Ela entendeu o que estavam para fazer. Com um sorriso frio no rosto, ela ficou à espreita. Quando as três saltaram pelo buraco, ela aguardou apenas um pouco para segui-las, antes que os guardas chegassem. Se ela conseguisse apenas umas gotas de sangue daquela mulher, seria o suficiente para roubar-lhe a essência mental. Era nisso que

elas trabalhavam naquela ilha, e ela tinha o conhecimento necessário para fazê-lo.

A pedreira possuía trilhas escorregadias, e algumas se cruzavam em trilhas paralelas usadas para o transporte de carroças. Elas seguiam em frente, sem dar atenção àquelas que cruzavam seu caminho. Naquela altura, elas já podiam ouvir de novo, e os sons de muitos passos as faziam correr mais rápido. À sua esquerda, as muralhas da prisão se distanciavam, e a linha da costa ficava cada vez mais próxima.

Nesse momento, luzes foram acesas nas torres em seu caminho. Eram as chamas dos faróis que faziam a vigilância das pedreiras. Zoe parou e puxou o escorpião do cinto, atirando e acertando o vigia da torre.

— Boa pontaria. — Elogiou Jael.

— Obrigada.

Uma corneta alta soou de dentro da prisão.

— Estão dando o alerta geral. — Zoe estava ofegante. — Vão mobilizar patrulhas para nos encurralar na praia.

Elas continuaram a correr e chegaram a uma ponte de madeira que passava por cima de uma garganta estreita e muito

profunda. Lá, no outro lado, havia outra torre. O vigia tocou um sino para avisar de sua localização. Foi a vez de Deborah lançar mão da arma de um dos mercenários, que trazia com ela. Ela atirou o fio de aço que se enroscou no sino e o arrancou de seu pedestal com um puxão. Este desequilibrou o vigia, que caiu sobre o solo rochoso. Nesse momento, o zunido de dardos passou sobre elas. Oolibama surgiu das sombras. A mulher estava só, com uma longa zarabatana de marfim na mão. O seu corpo pesado não a impedira de alcançar seu objetivo. As três estavam entre a mulher e a ponte.

— Deixarei suas amigas irem, mas você fica. — Ela disse para Deborah.

Jael olhou de soslaio para Zoe.

— Esses dardos são venenosos? — Ela sussurrou a pergunta.

— Veneno e magia. — Respondeu Zoe. — Uma combinação fatal.

— Que não mata de imediato — concluiu Jael. — Já passei por isso antes e sei que a magia serve para conter o veneno.

Zoe olhou para ela, assustada.

— No que está pensando?

A mulher já levava a zarabatana à boca e a apontava para Deborah.

— O que você quer comigo? – Perguntou Deborah.

— O poder de sua mente. Um pouco do seu sangue. Um preço pequeno a pagar pelo meu silêncio em Parthenos.

Ninguém viu a mão de Jael pegar a arma do cinto de Deborah e, num ato reflexo de caçadora, lançar o fio nas pernas da mulher e puxá-lo, na mesma hora em que Zoe puxava Deborah para trás. O dardo soprado pelo susto passou acima de suas cabeças e o corpo de Oolibama caiu pesadamente para trás. A mulher soltou um grito furioso.

— Vamos! – Jael empurrou Deborah e Zoe em direção à ponte.

Oolibama, mesmo com as pernas atadas com o fio de aço, continuava a atirar dardos sobre elas, enquanto cruzavam a ponte quase de quatro pés. Elas já podiam ver a trilha que levava diretamente para a costa e dois barcos ancorados em um píer rústico improvisado. Zoe lançou-se na frente, seguida de Deborah. Jael tropeçou no final da trilha e teria caído pela depressão, se Deborah não a tivesse apoiado com o próprio corpo.

— Está tudo bem? – Deborah perguntou preocupada, lançando um olhar para Oolibama, que continuava a lutar para se desprender do fio, mas sem soltar sua arma mortal.

— Não foi nada... — Jael sussurrou, erguendo-se e continuando a correr.

Elas desceram em desabalada carreira até, finalmente, atingir o nível da praia. Os barcos estavam próximos.

— Vamos! — Zoe gritava, tentando se lembrar do sinal que Eliah combinara com ela.

Elas correram em direção aos barcos. Ao lado de Deborah, Jael tropeçou novamente e caiu de bruços no chão, tentando se levantar com dificuldade. Deborah correu até ela.

— Jael! — Ela, então, viu o dardo cravado no meio das costas da irmã, entre os ombros.

— Vá com Zoe... — Jael arfava. — Deixe-me aqui e vá...

Deborah a olhou como se ela estivesse delirando. Em resposta, ela a ajudou a levantar.

— Você vem comigo ou ficamos as duas!

Jael respirou fundo e não retrucou. Ela sentia o veneno enfraquecer seu corpo, na mesma medida em que um fogo parecia fazer ferver seu sangue, literalmente. Zoe voltou até elas e parou ao ver o dardo nas costas de Jael. Ela ajudou Deborah a levá-la até um dos barcos.

— Ela vai ficar bem. — Zoe tentava tranquilizar Deborah, mas não teve muito êxito.

Gritos soaram atrás delas. Os guardas da prisão saíram da trilha e atravessaram a linha da praia. Jael havia desmaiado e seu peso dificultava a fuga. De repente, um a um, os guardas foram caindo como se algo invisível os atingisse. Eram dardos, mas não vinham de nenhuma sacerdotisa. Deborah olhou para trás e viu quando surgiram duas figuras magras e encolhidas. Uma dessas figuras era Eliah. O velho trazia nas mãos uma zarabatana feita de osso. A outra figura era um nativo das ilhas, que também portava uma arma igual, só que mais trabalhada.

A maré estava alta, e a parede que formava parte da pedreira servia de obstáculo para que a patrulha enviada pela praia as alcançasse. Estavam salvas, por enquanto. Deborah e Zoe, exaustas, deitaram Jael no chão. Zoe observou o dardo.

— É um dardo atirado por uma feiticeira, pois é isso o que elas são. — Zoe falou. — Não sei se qualquer um pode retirá-lo.

— De qualquer forma, não podemos deixar o dardo para trás com o sangue de Jael — Deborah tentava manter o controle. — Era isso o que aquela mulher queria.

— Sim, mas ela queria o seu sangue. — Lembrou Zoe.

— Quanto tempo até o veneno agir? – Havia aflição na voz de Deborah.

— Ele já está agindo, minha amiga.

Jael abriu os olhos e fez uma careta de dor. O fogo consumia seu sangue e ela sentia que era difícil respirar, pois era como se seu peito estivesse envolto em chamas. O efeito do veneno era diferente de tudo pelo qual já passara.

— Nos pegaram? – Ela perguntou.

Deborah tentou sorrir.

— Não, minha irmã. Eles não vão nos pegar assim tão fácil.

Elijah e o nativo se aproximaram. O velho agachou-se para observar Jael. Ela olhou para ele e se surpreendeu.

— Elijah... O que... – ela tentou falar, mas calou-se sem fôlego. Um cinturão de fogo comprimia seu peito.

Sua mão apertou a de Deborah, antes de desmaiar novamente.

— Jael... – Deborah a chamou com a voz embargada. Zoe passou o braço sobre os ombros dela.

— Foi só um desmaio. – ela falou e sua voz, por mais incrível que pudesse parecer, teve o efeito de tranquilizar o coração de Deborah.

Elijah levantou-se e trocou algumas palavras com o nativo. Este examinou o dardo cuidadosamente, mas sem retirá-lo.

— Como você chegou aqui, Elijah? – Perguntou Zoe.

— Um dos barqueiros era nativo da ilha onde fiquei aguardando notícias. Fizemos amizade e eu o convenci a me trazer. Eu queria estar perto, sabe? Acho que fiz o certo, não foi?

Zoe sorriu.

— Sim, Elijah. Estamos vivas por sua causa.

O nativo ergueu-se e falou com Elijah em um dialeto estranho. O velho, ao final, parecia preocupado. Deborah levantou-se.

— O que ele disse? – Ela perguntou para Elijah.

— Há veneno em seu sangue. Veneno que queima, do tipo que só existe em Parthenos. Lento e mortal.

Deborah agarrou os ombros de Elijah.

— O que podemos fazer? Deve existir algo!

O nativo aproximou-se e disse mais algumas palavras.

— Ele conhece uma pessoa. – disse Elijah. – O veneno é tirado de uma cobra que só existe nesta ilha. Um dos nativos já foi picado e curado desse mesmo veneno de fogo.

— Como? Por quem? – Deborah começava a ficar desesperada.

— Uma mulher. Uma curandeira que vive em uma das ilhas. Talvez ela possa curar o veneno. – Eliah falava em tom esperançoso.

Deborah olhou para Zoe e, num entendimento sem palavras, elas seguraram os braços de Jael e os homens as ajudaram a levá-la para um dos barcos.

— Eu assumo os remos. – Disse Zoe. – Cuide de Jael.

Eliah e o nativo guiavam o outro barco, mostrando o caminho. Do alto da trilha, olhando para a praia, Oolibama observava os barcos se afastarem. Ela demorara a se livrar do fio de aço, mas não desistira de suas intenções.

— Nós vamos nos encontrar de novo, e dessa vez eu não agirei sozinha e nem errarei o meu alvo. – Ela sussurrou entre os dentes.

Capítulo 14

Kami, a Curandeira

E lá estava ela novamente. A ponte. Dessa vez, porém, Jael estava só e uma força parecia puxá-la para o outro lado. Ela não queria ir, mas sentia-se tão cansada. Lentamente, ela caminhou em direção à ponte. Antes de alcançá-la, porém, ela parou. O desejo de ficar e terminar sua missão a fez parar. Exausta, ela caiu de joelhos. Estava fraca demais para resistir ao chamado. Fraca e sozinha. Ela levantou-se e voltou a caminhar, mesmo contra à própria vontade.

— Jael, espere! – Gritou uma voz atrás dela. Uma voz masculina.

Ela voltou-se surpresa, buscando o dono da voz que tanto amava.

— Héber?

Ele surgiu diante dela. Belo e forte, tão real quanto ela lembrava. Os olhos cinzentos cheios de amor por ela. De repente, um temor se apoderou de seu coração.

— O que aconteceu com você? – Ela perguntou. – Por que está aqui?

Ele aproximou-se dela e tomou-lhe as mãos nas suas.

— Nada aconteceu comigo. — A voz dele passava toda a emoção que sentia. — Estou aqui para impedir que você desista. Não pode fazer isso. Não depois de tudo o que passou. Vocês conseguiram sair de Parthenos. Por favor, Jael, lute!

— Como sabe disso? Como sabe sobre Parthenos?

Héber a abraçou. Apesar de eles não estarem em um mundo físico, a presença espiritual dele era forte o suficiente para fazê-la sentir o toque, a respiração.

— Nós temos lutado por vocês. Eu, Barak e Nathan. Nós conseguimos impedir que os feitiços enviados pelas sacerdotisas da ilha alcançassem vocês. Foi uma batalha árdua, mas nós vencemos. O que aconteceu com você foi uma fatalidade que nos pegou de surpresa.

Ela começava a entender.

— Eu não quero atravessar, Héber. — Ela agarrou-se a ele como a uma tábua no meio do mar. — Mas estou perdendo as forças... o veneno está me consumindo.

— Lute! Fique comigo! Eu e Davi estamos desse lado da ponte e precisamos de você.

A menção do nome do filho lhe deu uma nova força. Ela não podia abandonar Davi. A Profecia dizia que as Árvores precisariam

da Luz. Ele precisaria que ela estivesse viva. Com uma força sobre-humana, ela virou-se e deixou que Héber a levasse para longe da ponte. Na medida em que andava no sentido contrário, a ponte começava a sumir dentro de uma névoa que encobria tudo, inclusive Héber.

— Héber... – ela não queria que ele fosse.

— Não tenha medo, Jael. Em breve estaremos juntos novamente. Eu prometo.

Ele sumiu e ela viu-se sozinha novamente. No entanto, ela se sentia mais resistente ao chamado da ponte.

— Héber... – Jael delirava numa febre intensa. – A ponte sumiu...

A palavra “ponte” fez o coração de Deborah palpitar mais rápido. Ela sabia muito bem onde Jael estava, e aquilo a fez temer pela vida da irmã.

— Ela resiste com bravura. – Comentou Zoe.

— Sim, mas ela não vai resistir para sempre, se não chegarmos logo nessa ilha. Jael está no limiar de suas forças, e talvez não consiga sozinha.

Deborah viu que o barco da frente seguia em direção a uma pequena ilha rochosa. Na escuridão, a silhueta de seus paredões assustava. O mar estava calmo e os barcos seguiam com facilidade. Enquanto isso, Deborah esforçava-se para manter um pouco do seu poder de cura no corpo de Jael. A luz que ela havia recuperado era insuficiente para isso, mas ela não se importava, se isso desse mais tempo à irmã. Gastaria com prazer a energia que lhe restava, para mantê-la viva. Ela mal percebeu quando os barcos entraram em um desfiladeiro entre duas paredes de rocha. Pelo tom do céu, o amanhecer estava próximo. De repente, ao sair do desfiladeiro, uma grande massa de terra surgiu diante deles.

— Mas que lugar é esse? – Deborah perguntou.

— Eu não sei. – Zoe estava cansada. – E não me importa, contanto que encontremos ajuda.

Héber demorou mais do que o esperado para acordar. Quando ele abriu os olhos e viu diante de si os rostos assustados de Barak e Nathan, sentou-se como se um balde de água fria houvesse sido derramado sobre ele.

— Acalme-se, rapaz! – Falou Nathan. – Está tudo bem agora.

Héber olhou em volta como se estivesse à procura de algo.

— Héber, o que aconteceu? – Perguntou Barak.

— Eu estive lá, Barak. – Ele sussurrou, ainda assustado. – Na ponte. Jael ia atravessá-la, mas, dessa vez, quem a impediu fui eu.

Barak trocou um olhar com Nathan.

— O dardo da feiticeira. – Falou o sacerdote. – Ele deve tê-la atingido durante a fuga.

— Estávamos preocupados demais em conter o ataque espiritual da Ordem de Parthenos, e acabamos nos esquecendo daquela que representava o verdadeiro perigo. – Lamentou Barak.

Durante o tempo que durou a fuga das três mulheres, eles haviam estado ali, em um estado de interseção, lutando a favor delas, impedindo os ataques que elas não podiam ver. Seus corpos, deitados relaxadamente à sombra de alguns arbustos que os deixavam invisíveis aos olhos comuns, não transpareciam a batalha que ocorria em seu íntimo. Quando Jael caiu, Héber simplesmente desapareceu. Preocupado, Nathan sugeriu a Barak que despertassem, já que o perigo maior havia passado. Foi assim que eles conseguiram trazer Héber de volta.

— Ela precisa de mim! Eu tenho que voltar!

Nathan suspirou e forçou o rapaz a olhar para ele.

— Héber, você não pode voltar! A sua ligação com sua esposa é tão poderosa, tão intensa, que, de alguma forma, você foi atraído para aquele local. Mas não é um local para onde podemos ir a qualquer hora. O importante é saber que você a impediu.

Héber ainda não estava conformado.

— E se ela decidir voltar e atravessar?

— Eu receio que, caso isso ocorra, nem você e nem ninguém poderá fazer nada para impedir. — Nathan falou com a voz baixa. — É o destino de todos nós, filho.

— No entanto, você foi levado até lá com um propósito. — Apressou-se Barak. — O Pai Ihe deu essa permissão porque ele sabia que Jael Ihe escutaria. Não acredito que tenha chegado a hora dela, meu irmão.

Nathan levantou-se e esticou as costas. O dia estava perto do amanhecer.

— Não há mais nada para fazermos aqui. Precisamos continuar.

Barak estendeu a mão para Héber e os dois seguiram o sacerdote.

— Obrigado por suas palavras. — Héber disse para o rei. — Elas me passam confiança e esperança.

Barak sorriu.

— O meu coração sente isso, Héber. Jael conseguirá vencer outra batalha.

— Sim. Ela é boa nisso.

Os barcos ancoraram numa praia rasa. O nativo pulou na água e saiu correndo na frente. Eliah aproximou-se para ajudar Zoe a atracar o barco e olhou para Jael com preocupação.

— Vamos colocá-la em um lugar seco e confortável. – Ele falou.

Eles encontraram um lugar assim, debaixo de duas árvores. Um capim ralo forrava o chão. A ilha era cheia de uma vegetação abundante, diferente das outras pelas quais passaram no caminho, cuja maioria era rochosa. Jael continuava tremendo com a febre que a acometera e Deborah sentia ímpetos de arrancar aquele dardo.

— Deborah. – Zoe a chamou. – Temos companhia.

Elas ficaram lado a lado, observando o nativo que voltava na companhia de um grande grupo. Não pareciam pessoas amigáveis. Caminhavam a passos rápidos e traziam coisas nas mãos. Deborah não soube dizer com certeza o que eram até estarem mais

próximos. Elas deram um passo à frente e aguardaram. Imediatamente foram cercadas por um grupo hostil de nativos com lanças e bastões nas mãos. Eliah ficou fora do círculo, agachado junto a Jael, como um cão de guarda.

Um vulto se destacou do grupo.

— Voltem para os barcos e saiam dessa ilha! — Disse a voz de uma mulher.

— Não podemos voltar! — Argumentou Zoe. — Uma de nós está ferida e precisa de ajuda.

— Isso não é problema meu. — A voz da mulher era fria e dura.

Amanhecia. A luz da manhã começou a revelar os rostos. Deborah se viu diante de uma mulher madura, de longos cabelos castanhos, estatura mediana e olhos da cor de mel. Apesar de bela, a mulher era firme como uma rainha defendendo seu trono. À sua volta, todos os outros eram nativos.

— Você é a curandeira? — Deborah perguntou. — Se for, não se aproveite da posição de autoridade que ocupa. O Pai Ihe deu um dom precioso e tem alguém aqui que precisa dele. Não se negue a ajudar.

A mulher deu um passo à frente. Ela analisou Deborah dos pés a cabeça.

— Por muito tempo vivemos às portas de Parthenos e nunca fomos perturbados. Vocês trazem um mau presságio. Tudo pode estar para mudar por causa de vocês.

Deborah sorriu sem compreender.

— Você teme as mudanças? Esse mundo lhe agrada do jeito que está?

— Aprendi a temer as mudanças quando perdi minha esperança no futuro.

De repente, um dos nativos viu o escorpião no cinto de Zoe e começou a gritar com agitação. Em questão de segundos, a moça foi jogada no chão, com os braços esticados para trás, sem conseguir se defender enquanto passavam cordas sobre eles. Deborah tentou ajudar Zoe, mas a mulher apontou uma lança rústica para seu peito.

— Ela é uma Vigilante. – Disse a mulher. – Quer me fazer acreditar que não trazem problemas?

Deborah ergueu os braços com os olhos na ponta da lança.

— Somos fugitivas de Parthenos. – Ela falou.

A mulher lhe acertou uma pancada seca nas pernas. Deborah gritou e perdeu o equilíbrio, caindo na areia, ao lado de Zoe. O seu olhar encontrou o dela. A Vigilante estava assustada.

— Você mente! — A mulher avançou com a lança apontada para o rosto de Deborah. — Encontraram nossa ilha para correrem de volta e anunciar para os magos de Parthenos que aqui há muitos braços fortes para fazer seu trabalho sujo! — Ela ergueu novamente a lança.

Deborah cobriu o rosto com os braços, a fim de se proteger. Ela estava fraca demais para lutar, pois havia gastado uma boa dose de energia para manter Jael viva.

— Kami! Não! — Gritou o nativo que as ajudara a fugir. — Elas não são fugitivas comuns. — Ele falava o idioma geral.

Enquanto a mulher hesitava, Deborah pensou no nome que acabara de ouvir. Uma associação se fez com a história contada por Áquila, ainda em Hedhen. Seria possível que aquela mulher fosse...

— Você é Priska. — Ela falou, como se fosse uma afirmação que não poderia ser negada.

A mulher olhou para ela, atordoada. À menção daquele nome, lembranças foram lutando para vir à tona e ela piscou várias vezes, em plena confusão.

— Como você...

— Eu venho de Hedhen. – Deborah apressou-se em dizer. – Venho da sua terra. Consegue se lembrar dela?

A mulher piscou e lentamente abaixou a mão que segurava a lança. Sim! De alguma forma, ela lembrava. Em seu rosto havia mais confusão do que hostilidade, agora.

— Quem é você? – Ela perguntou para Deborah.

— Eu sou Deborah, a criança que Hulda, a profetisa, levava com ela naquela noite em que surgiu na sua tribo. Sou a rainha de Hedhen. E aquela que está ali, ferida e precisando de você, é Jael, sua filha.

A mulher soltou a lança e pôs as mãos trêmulas sobre o rosto. As lembranças vinham em imagens repentinas. Sim, ela se lembrava daquela noite. Lembrava-se do calor da criança em seus braços. Lembrava-se da mulher aflita que fora pedir abrigo ao seu pai. Ela, então, aproximou-se de Jael, que tremia devido à febre, e pareceu estar vendo a si mesma em sua juventude. Ela teria se derramado em lágrimas ali mesmo se não tivesse visto o dardo cravado nas costas de sua filha. Sua filha! As palavras começaram a fazer sentido. Era Priska despertando em Kami. Rapidamente, ela virou-se e gritou ordens para os nativos. Eles soltaram Zoe e foram

cuidar do transporte de Jael. Eliah correu e começou a desamarrar as cordas que prendiam os braços da moça. Priska, então, virou-se para Deborah.

— Não sei o que pensar de suas palavras, mas não posso negar a visão de minha própria imagem. Há muitas perguntas a serem feitas e, agora, posso ver a verdade em seus olhos.

Ela estendeu a mão para Deborah.

— Venha! Eu preciso ouvir sua história. Suas palavras despertaram um turbilhão de lembranças em mim. Mas, antes disso, eu preciso salvar minha filha.

O vilarejo era pequeno e escondido numa clareira. Para alcançar a praia, tinham que escalar um pequeno morro. A vigilância que os nativos faziam do lugar parecia bem eficiente. As casas em volta da clareira eram construídas com troncos de árvores e palha de coqueiro. Levaram Jael para dentro da maior delas. A curandeira parou na porta e olhou para Deborah.

— Entre comigo – ela pediu.

Zoe e Eliah sentaram-se aos pés de um coqueiro, aguentando calados os olhares de desconfiança que eram lançados em sua direção.

— Seus amigos ficarão bem. — Disse Kami, diante da indecisão de Deborah. — Os nativos se acostumarão com sua presença e perceberão que não são nenhuma ameaça.

— Não era esse seu pensamento há alguns minutos atrás. — Lembrou Deborah.

— Eles ficarão bem. — Ela falou com firmeza. — Eu lhe dou minha palavra.

— Eu sei. — Disse Deborah, já passando para dentro.

Ficaram apenas as duas e o nativo que as ajudou na fuga, além de Jael, que jazia de bruços sobre a cama. Deborah agachou-se e pegou a mão da irmã na sua. Estava quente, como se houvesse fogo dentro dela.

— Pode salvá-la? — A voz de Deborah estava embargada.

— Eu vou salvá-la. — Não havia como duvidar daquele tom firme e autoritário.

Kami aproximou-se e tocou o dardo que estava cravado no meio das costas de Jael, entre os ombros. Ela fechou os olhos e parecia que estava tentando sentir alguma coisa. Após alguns segundos, ela os abriu e suspirou.

— O veneno está agindo com lentidão. Seja lá o que fez para pará-lo, você conseguiu retardar o efeito.

Deborah a olhou, intrigada. Kami sorriu.

— Você me disse que era a rainha de Hedhen. Quando eu fui presa, havia uma rainha no trono de Salema. Atalia. A Profecia pela qual eu lutava dizia que a Herdeira um dia sentaria no trono e tiraria aquela rainha usurpadora de lá. Eu tenho certeza de que você não é Atalia. E, se é verdade o que falou, você é a Herdeira e o poder da cura lhe acompanha.

— Vamos ter muito tempo para falar sobre mim. – Disse Deborah.

Kami virou-se para o nativo e lhe deu uma ordem. O homem desapareceu dentro de um segundo quarto e voltou com um vidrinho na mão. Ele o passou para a mulher. Kami o abriu e um cheiro perfumado encheu o ambiente.

— Isso é azeite de oliveiras? – Deborah perguntou.

— Do mais puro que existe. – Ela derramou uma gota sobre o dardo e o líquido foi descendo até chegar à pele nas costas de Jael. – As oliveiras, aqui em Nod, são árvores poderosas. A cura é uma de suas propriedades mais louváveis. O azeite é a única substância capaz de inutilizar um veneno como este.

Deborah observou o líquido que, em vez de se espalhar, era sugado para dentro do corpo de Jael.

— E quanto ao dardo? Não vai retirá-lo?

— Não é o dardo que está lhe causando mal. Ele foi impregnado pelo veneno de fogo, através de magia oculta. Apenas o poder do azeite é capaz de inverter a situação. O dardo deve ser lavado por ele e purificado, a fim de que o poder curador tome o lugar do poder da morte.

Deborah começava a compreender.

— E como saberemos que está agindo?

— Olhe para ela. – Pediu Kami. – O seu corpo queima por dentro e por fora, numa agonia atroz que ela não pode demonstrar. – Havia um tom de revolta na voz da mulher. – Mas ela logo estará normal novamente. Então saberemos que deu tudo certo.

Ela pôs a mão sobre o ombro de Deborah.

— Sei que não é agradável olhar para esse dardo. No entanto, é ele que deve fazer o papel de instrumento para a cura. Não convém retirá-lo agora.

Ela seguiu Kami para o outro quarto. Um pequeno quadrado com uma mesa e cheio de prateleiras com vidros contendo substâncias de todo o tipo. Pós, pedras, folhas, sementes, líquidos. Um arsenal de uma curandeira. Ela indicou um banco perto da mesa e Deborah sentou.

— Podemos conversar agora. – Ela disse.

Deborah não sabia bem o que dizer, pois sentia a cabeça confusa e preocupada, além de um enorme cansaço físico, consequência de suas tentativas para manter Jael viva.

— Não sei se vou conseguir responder suas perguntas com coerência. – Ela falou.

— Eu não pretendo interrogá-la. Eu só queria lembrar daquilo que você começou a acordar em minha mente. Eu me lembro de estar com minha filha nos braços e da visita inesperada de uma profetisa, amiga de meu pai. Hulda. Ela trazia uma criança com ela. Ambas fugiam da rainha porque aquela criança era a Herdeira. Foi então que eu percebi o tesouro que eu tinha em meus braços. O pequeno sinal da estrela dizia tudo sobre ela. Vocês estavam destinadas a crescer juntas e mudar o mundo. Conseguiram?

— Hedhen mudou. Hoje é uma terra abençoada, regida pela luz, exatamente como a Profecia predisse que seria. Por que acha que continua jovem em seu aspecto?

Kami sorriu.

— Não tão jovem, mas entendo o que quer dizer. Eu deveria ter pelo menos vinte anos a mais do que aparento.

Deborah concordou.

— Essa é a bênção da longevidade. Todos que participam do sangue de Hedhen estão debaixo dela.

— Mesmo estando tão longe, como eu?

— O sangue de Gades ainda corre em suas veias, e correrá enquanto viver. Você é uma filha de Hedhen.

Aquilo fez brotar lágrimas nos olhos da mulher.

— Conte-me tudo, antes que desmaie de cansaço. Eu quero saber de tudo o que perdi.

Quando Deborah terminou de contar sua história, que não foi nada pequena, pois englobava do dia em que ela e Jael foram levadas por Hulda até aquele momento presente, ela estava quase desmaiando de sono diante do rosto perplexo de Kami. Apesar disso, ela nada ocultara da mãe de Jael. A mulher levantou-se e caminhou até uma janela aberta. Deborah tombou para frente, caindo metade do corpo sobre a mesa, tomada por um sono profundo. Kami suspirou e saiu do quarto para ver Jael, sua corajosa filha.

Ela ajoelhou-se e observou que a pele de Jael estava menos quente e sua respiração menos pesada. O azeite começava a fazer

seu efeito. Kami passou a mão sobre o rosto da filha e lágrimas caíram de seus olhos.

— O Pai a trouxe de volta para mim, minha pequena estrela. Ele me deu a oportunidade de lhe dar a vida pela segunda vez. Mas quem sou eu diante daquilo em que você se tornou? Eu terei algo a lhe ensinar ou será o contrário? Não importa. O fato é que você precisa de mim e eu cuidarei de você. Como uma mãe cuida de uma filha, pois é isso o que somos.

Ela levantou-se e chamou o nativo, para que o homem a ajudasse a acomodar melhor a rainha que dormia sobre uma mesa. A rainha que se sacrificara pelo seu povo, para que a luz reinasse novamente. A rainha que lhe contara a história mais fascinante que já ouvira na vida.

Capítulo 15

Espelho

Theo olhava com preocupação a floresta se fechar diante deles. As árvores, altas e imponentes, pareciam enroscar de forma proposital seus galhos nas árvores da margem oposta, fazendo

assim uma cobertura que ocultava parcialmente a luz do sol, esfriava o clima e parecia fechá-los em um túnel sem fim. Áquila parou ao lado dele.

— A floresta mudou. – Comentou o sacerdote. – Que lugar é esse?

— Estamos entrando em um território selvagem. – Disse Theo.

— Eu não sabia que existia um território selvagem na Floresta de Incenso.

Theo sorriu.

— Isso é porque o caminho dos sacerdotes sempre seguiu por terra a trilha que eles mesmos criaram. Estou certo?

— É verdade. Nunca nos aventuramos por um caminho diferente. Muito menos pelo rio.

— O rio corta o meio da floresta – explicou Theo. – Aqui, muitas tribos de caçadores ainda vivem isoladas e em selvageria. Algumas tribos sacrificam pessoas, outras as comem.

Áquila sentiu um arrepio diante daquela notícia.

— E por que não saímos do rio e pegamos a trilha, antes de alcançar esse lugar?

— Porque a trilha dos sacerdotes está sendo bem vigiada pelos espiões de Abadom. Essa é a melhor rota a seguir.

Áquila não deu muito crédito às palavras de Theo. Ele olhava para as margens e podia sentir olhos a espreita enquanto passavam. Que o Pai os protegesse naquele caminho.

Theo não era o único a observar, com cautela, o caminho. Hagai e Hadassa, experientes rastreadores, já haviam percebido a ameaça e caminhavam pela balsa, atentos, como dois vigias com olhos de águia. Quando a primeira flecha veio, o fogo a acompanhou, e a confusão também. Elas continuaram, mas nenhuma procurou atingir alguém. Elas possuíam um objetivo. Incendiar a balsa e obrigá-los a seguir por terra. As tentativas de apagar o fogo eram inúteis, pois isso os poria no caminho de mais flechas. A solução encontrada foi pular na água com aquilo que pudessem carregar e nadar para a margem. Zacarias ajudou Hulda, pois a profetisa tentava não perder o colar que trazia ao pescoço, vendo-o ser levado pelas águas do rio. Por isso, ela deixou que o rapaz praticamente a arrastasse para a margem, como se fosse um saco inútil. Quando todos estavam em terra seca, ficaram vendo, impotentes, a balsa em chamas deslizar rio abaixo.

— Acho que teremos que abrir nossa própria trilha agora – disse Theo.

— Seria preferível enfrentar os espiões de Abadom – resmungou Áquila.

— Do que está falando? – Hulda não perdia uma só palavra.

— Theo me contou, antes do ataque, que estávamos atravessando um território selvagem.

Davi deu um passo à frente.

— Ponham uma venda em meus olhos e eu guiarei vocês pelo caminho mais seguro – disse o rapaz.

— E por que seus olhos devem ser vendados? – Theo estava confuso.

— Porque o meu dom funciona melhor assim. Eu posso ver através das árvores e enxergar aquilo que se esconde.

Como ninguém se manifestou, ele mesmo rasgou um pedaço de pano da sua capa e atou os próprios olhos. Sua mão procurou a de Eva.

— Fique perto de mim – ele falou.

Ela olhou em volta e viu os rostos indecisos. Algo dentro dela tomou forma. Uma coragem adormecida, talvez.

— Hagai e Hadassa, caminhem na nossa frente, mas não muito. Apenas o suficiente para ler os sinais no caminho – ela falou.
– Rute, Rebecca e Zacarias, nos deem cobertura na retaguarda. Dessa forma, nós seguiremos em frente.

Ninguém contestou a decisão da princesa de Hedhen. Foi assim que eles penetraram na floresta fechada, guiados pela visão intuitiva de Davi.

Quando Deborah acordou, estava deitada em uma cama de palha. Ao seu lado, Zoe dormia tranquilamente e, deitado em um canto mais afastado, estava Eliah. Ela percebeu que estava em outra casa, diferente da casa da curandeira. Ela sentia-se melhor e levantou-se apressada, dirigindo-se para a porta. O dia estava indo embora mais uma vez. Ela devia ter dormido o dia todo, cansada como estava. A casa de Kami ficava ao lado daquela onde se encontravam. E foi para lá que ela caminhou.

A porta estava aberta e Kami a recebeu com um sorriso.

— Entre. Estava aguardando que viesse a qualquer hora.

Deborah entrou e olhou para a cama. Jael estava deitada de costas e dormia calmamente, como se desfrutasse um descanso merecido.

— Você retirou o dardo – ela constatou. – Isso quer dizer que o azeite funcionou.

— É verdade. Você logo perceberá que não há sequer nenhuma marca de perfuração. A cura foi completa. Ela só precisa descansar, assim como você.

Kami entrou no quarto onde guardava seus vidros. Deborah ajoelhou-se e sorriu com alívio ao ver a face da irmã com uma aparência saudável novamente. Quando Kami voltou, entregou a Deborah o dardo.

— Não o deixe para trás. Há vestígios de sangue nele, e era isso o que a feiticeira buscava.

— Não era o sangue de Jael que ela queria. Era o meu.

— Mais um motivo para não o deixar para trás. De qualquer forma, aí há vestígios do sangue de uma Luminar. O que as feiticeiras e os magos de Abadom não dariam por isso! Essa terra respira uma magia ruim, mal-direcionada.

— Não há como tirar esses vestígios?

Kami suspirou.

— Apenas o mergulho em uma das chamas sagradas de Anatolya poderia fazer isso. Até lá, mantenha-o em seu poder.

Deborah observou o dardo antes de guardá-lo. Em seguida, ela ergueu-se e fitou Kami com seriedade.

— Ontem eu lhe contei uma longa história e não lhe oculte nada, embora o sono e o cansaço me fizessem tropeçar nas palavras. Agora é a sua vez. Eu gostaria de saber como chegou aqui.

— Estou aguardando que Jael acorde para lhes contar minha história. Sei que também será uma história longa. Eu só peço um pouco de paciência de sua parte.

Deborah considerou aquilo.

— Esperarei, então – ela olhou para Jael mais uma vez e sorriu. – Sua filha é muito especial, Kami. Por muito tempo, ela foi minha única família naquela terra. Passamos juntas por desafios, dificuldades e aflições. Mas também compartilhamos a felicidade em muitas ocasiões. A sua presença nessa ilha só me faz pensar que o Pai ainda nos protege e guia os nossos passos como antes.

— Por que está me dizendo isso?

— Porque hoje eu sinto a voz do Pai me chamando, e faz tempo que eu não a ouço. Devo me ausentar por algum tempo. Horas ou dias, não sei dizer. Apenas devo atender o chamado.

Kami não sabia o que dizer. Deborah pôs a mão em seu ombro e sorriu.

— Você ainda teme as mudanças?

— Acho que não devo temê-las. A mudança trouxe vocês até aqui. Trouxe-me uma nova chance.

— Algo vai mudar nesse mundo, Kami. Mas eu preciso de orientação.

A mulher soltou um suspiro.

— Vá para o interior da ilha. Existe uma trilha que sai de minha casa até esse refúgio particular. Apenas eu o conheço, pois é o meu lugar secreto. Ensinarei a você como encontrá-lo.

Deborah agradeceu as indicações de Kami e sumiu pela trilha.

Davi podia guiá-los com segurança, embora de vez em quando ele visse as sombras se aproximando. Havia armadilhas no caminho, mas estas foram encontradas e desativadas pelos dois rastreadores. Quando a noite chegou, eles se encontravam aos pés de uma colina.

— Nós deveríamos subir – disse Áquila. – Lá em cima teríamos como nos defender de um ataque surpresa.

— Não gosto da ideia – Davi falou. – Vejo uma névoa diante de mim, encobrindo o caminho dessa colina. Ela não é confiável.

— Vamos procurar um local onde a subida seja íngreme o suficiente, inclusive para alguém tentar descer – sugeriu Zacarias. – Acamparemos aos pés desse local e cuidaremos de proteger o perímetro. Não teriam como nos pegar de surpresa; pelo menos, não pelas costas.

Rute sorriu com orgulho.

— Parece um bom plano para mim – ela falou.

— É um bom plano – afirmou Hadassa. – Hagai e eu procuraremos o lugar ideal.

Deborah chegou ao “lugar secreto” de Kami e percebeu, logo de início, que não estava sozinha. O lugar era um lago de águas paradas, cercado de árvores. Em alguns trechos, formava-se uma pequena praia em suas margens. E foi em uma dessas pequenas praias que ela o viu. O capuz estava caído nas costas, revelando um cabelo que chegava ao ombro, cuja cor era tão branca que parecia brilhar à luz do luar. Ele virou-se enquanto ela se aproximava. Os olhos eram profundos como o céu estrelado, e deles emanavam uma luz sobrenatural. Ela parou e ajoelhou-se diante dele.

— Há muito tempo eu aguardava esse reencontro – ele falou, pondo a mão na cabeça dela.

— Eu achei que havia perdido a capacidade de ouvi-lo e, principalmente, de vê-lo.

O Ancião sorriu.

— Esse foi um caminho que você e Jael tinham que trilhar sem minha interferência, filha.

— Por quê? – Ela levantou-se quando ele a tomou pela mão.
– A perda de nossa luz não era o suficiente?

— Porque vocês tinham que voltar aos primeiros tempos, quando caminhavam pelos seus instintos, lembra? Os anos com a luz as tornaram muito dependentes dela. Era importante fazer com que vocês aprendessem a voltar a caminhar.

— Isso era necessário?

— Sim.

Ele virou-se de frente para ela e Deborah sentiu dificuldades para permanecer firme diante do olhar poderoso.

— Lembra-se da palmeira? Das palavras que saíam de sua boca e tocavam os corações? Da chama que você acendia em cada peito, plantando nos homens e nas mulheres a vontade e a coragem para lutar? É preciso que faça isso novamente.

— Mas... — ela hesitou antes de concluir o pensamento. — Eu pensava que a semente deveria ser jogada pelas Árvores. A nós caberia apenas a função de instruir nossos filhos. De repente, descobrimos que a Profecia também fala de nós e que nos aguarda um caminho a seguir.

O Ancião ergueu a mão e ela se calou.

— As condições em que vocês se encontram agora não são diferentes daquela ocasião. A luz dos Luminares ainda não habitava em vocês, mas, mesmo assim, havia força, instinto, sabedoria. Esse povo precisa ter a chama em seu peito acesa, Deborah. Assim como as Chamas Sagradas estão voltando a brilhar, é preciso fazer o mesmo nos corações adormecidos desse povo.

— Eu farei isso — ela falou, mais firme do que pretendia. — Eu sei que posso fazer. Mas por que não disse antes? Por que esperar tanto tempo e nos deixar no silêncio?

— Como eu disse... vocês precisavam sentir-se humanas novamente, sem depender da vida dos Luminares. Precisavam encontrar a força que já nasceu com vocês.

Ele sorriu satisfeito.

— A Mulher de Lapidote está de volta. Com suas palavras de fogo, os testemunhos das Árvores e a intervenção da Sacerdotisa,

Nod começará a ser livre da maldição que paira sobre ela. Eu preciso que você seja novamente a Herdeira para este povo. Mas não se preocupe. Nem todo o final precisa ser igual.

Ela assentiu aliviada.

— É bom saber disso.

— Agora volte. Sua irmã precisa de você. Ela talvez não compreenda o que está se passando, e isso poderia confundir sua mente de uma forma desnecessária. A Guardiã também deve renascer.

— Nos veremos de novo?

— Em breve.

— Responda-me só mais uma coisa – ela pediu. – E quanto à Zoe?

Ele suspirou.

— A pequena Zoe precisa de vocês para chegar ao seu destino. Não a deixe para trás. Não foi por acaso que seus caminhos se cruzaram.

Ele estendeu a mão, indicando o caminho para ela. Deborah havia caminhado menos de oito passos, quando se voltou. O Ancião havia sumido, mas isso não era nenhuma surpresa para ela.

Jael acordou com a mente confusa. Ela não sabia se passara por algum tipo de pesadelo, mas a sensação era a de ter mergulhado em um rio de fogo e voltado à superfície sentindo o frescor do ar. Sua boca estava seca e seus olhos ardiam. Não reconheceu o lugar em que estava, mas, pelas lamparinas, ela podia dizer que era noite. Ainda era noite ou ela havia dormido mais do que imaginava? Afinal, era noite quando deixaram aquela prisão miserável. Era noite quando sua mente se apagou. E agora, era noite novamente. Sua garganta estava ressequida e ela teve que tossir num impulso involuntário. O som chamou a atenção de alguém. Era Zoe. A moça aproximou-se da cama com um sorriso aliviado.

— Vou pegar água para você – ela disse. – A curandeira disse que precisaria, assim que acordasse.

Quando Zoe voltou com a água, Jael a bebeu com sofreguidão. O líquido agradavelmente frio escorreu por sua garganta, trazendo o alívio que ela tanto ansiava. Suspirando e lambendo os beiços, ela devolveu o copo de barro para Zoe.

— Onde estamos? – Ela perguntou com a voz rouca. – O que aconteceu comigo? E onde está Deborah?

Zoe teve que empurrá-la gentilmente de volta para cama, a fim de que se acalmasse.

— Uma pergunta de cada vez. Mas tem que me prometer que ouvirá as respostas aí onde está.

— Estou tão mal assim? – Jael perguntou franzindo o cenho.

Zoe sorriu.

— Já estive bem pior, acredite. Eu apenas tenho ordens para lhe manter na cama e pretendo cumpri-las.

— Ordens? De quem? Deborah? Aliás, você ainda não me disse onde ela está.

Zoe deu de ombros e sentou-se em um banco ao lado da cama.

— Ela disse que tinha que ficar sozinha um tempo, mas voltaria logo. Falou algo sobre “receber orientação”.

Jael deitou-se e refletiu sobre aquilo. O Ancião.

— Ela o ouviu... – ela murmurou.

Zoe gostaria que Deborah estivesse ali, pois não sabia o que fazer ou o que dizer a Jael, caso ela perguntasse pela curandeira. A história que Deborah lhe contara tinha o peso de um milagre.

— Gostaria de ver a curandeira – Jael disse de repente.

— O quê? – Zoe teve um sobressalto.

— A curandeira, Zoe. Eu gostaria de agradecer a ela e saber o que, exatamente, aconteceu comigo.

Zoe levantou-se.

— Prometa-me que não vai tentar sair da cama enquanto eu vou atrás dela.

Jael sorriu.

— Eu prometo.

Zoe encontrou Kami conversando com alguns nativos. Ela falava no dialeto da ilha e o que dizia parecia trazer preocupação para aqueles que a ouviam. Ela aguardou que a curandeira concluísse seu discurso para só então aproximar-se dela. Kami sorriu quando a viu. Quando não estava irada, parecia uma boa pessoa. Foi esse o pensamento de Zoe naquele momento.

— Eles estavam preocupados – ela explicou. – Em todos esses anos que estou com eles, é a primeira vez que quebro minhas próprias regras.

— Explicou a eles o motivo? – Perguntou Zoe.

— Tentei, mas, ultimamente, não tenho sido tão confiante e segura. Não tenho certeza se entenderam ou não.

— Do que eles têm tanto medo?

— Esse povo vivia oprimido e com medo de tudo. Eles viram seus familiares serem escravizados e levados para Parthenos para nunca mais voltar. Quando eu os encontrei, ensinei-os a se defender e a criar um refúgio, procurando um local onde pudessem ter uma vida normal.

— Então, essa ilha não é a terra de origem deles?

— Não. Nós a encontramos por acaso, durante uma tempestade. Estávamos pescando e os ventos nos empurraram para cá. Desde então, tem sido um lar seguro.

— Eles aprenderam a depender de você – afirmou Zoe.

Kami refletiu sobre aquilo com um pouco de perturbação.

— Depender de mim? Pode ser. Talvez eu lhes tenha feito um grande mal na tentativa de ajudá-los.

Zoe sorriu compreensiva.

— Esse é um problema no qual você terá que pensar depois.

Jael acordou e quer vê-la.

Kami piscou nervosa.

— Ver-me? Por que ela quereria me ver? Você...

— Eu não disse nada a ela. Mas ela sabe que uma curandeira lhe salvou a vida e quer agradecê-la. Olhe, conheço Jael há pouco

tempo, mas o suficiente para saber que ela não vai ficar esperando naquela cama enquanto você decide.

Kami suspirou.

— Eu não sei o que dizer a ela, Zoe. Eu não sei o que dizer para minha filha.

— Diga a verdade. Ela se agradará disso.

Kami sorriu para Zoe e se dirigiu para casa. Foi com alívio que ela viu Deborah voltando de seu isolamento. Ela poderia, enfim, compartilhar os temores do seu coração. Deborah a ouviu e compreendeu a atitude de Kami.

— Eu falarei com ela – disse Deborah. – Mas você deve se preparar para esse encontro. É um momento que deve ser vivido apenas por vocês duas.

Deborah entrou na casa e viu Jael sentada na cama. Aquilo alegrou seu coração. Ela sorriu e correu para abraçar a irmã.

— Você me deu um grande susto! – Ela falou. – Tem que parar de fazer isso.

— Eu prometo não fazer mais isso.

Deborah sorriu.

— Não prometa nada, Jael. Isso é algo que você nunca conseguirá cumprir.

— Zoe me falou que você quis ficar sozinha. O que aconteceu?

— Por que acha que aconteceu algo?

— Você nunca se isola por nada.

Deborah suspirou.

— Tem razão. Eu estive com o Ancião.

Jael poderia ter se alegrado com aquela notícia, mas, depois de tudo o que passaram para chegar até ali com vida, ela não sabia realmente o que pensar.

— Por que agora, Deborah? Por que somente agora ele vem até você? Não poderia ter feito isso antes?

Deborah pôs a mão em seu braço e Jael parou de falar.

— Ele teve seus motivos, e não convém a nós questioná-lo – Ela respirou fundo. – Eu devo lhe contar tudo o que ele me falou, mas não agora. Existe outra coisa que precisa ser dita, Jael.

Jael franziu o cenho.

— O que poderia ser mais importante do que uma mensagem do Ancião?

— Você lembra alguma coisa, depois que o dardo a atingiu?

— A última coisa que lembro é de ter visto o rosto de Eliah...
foi ele que nos salvou?

— Posso dizer que estamos vivas graças à intervenção dele.

— E onde estamos agora?

Deborah fez uma pausa antes de responder.

— Ele e o outro nativo que nos ajudou, nos guiaram até essa ilha, escondida em meio a rochedos marinhos. Aqui havia uma curandeira que, graças aos seus conhecimentos, salvou você.

— Eu soube disso. Onde ela está? Pedi a Zoe para chamá-la, pois queria agradecê-la.

— Ela está lá fora, criando coragem para falar com você.

Jael sorriu confusa

— Por que ela precisaria de coragem para falar comigo?

Deborah pegou nas mãos da irmã e a fitou diretamente nos olhos.

— O nome desta curandeira é Kami.

Jael piscou por um momento, atordoada. Quando a realidade se abateu sobre ela, tudo o que queria era se levantar dali e correr para fora. Ela jamais esquecerá aquele nome, desde que Áquila lhes contara a história. Deborah a impediu de levantar-se.

— Acalme-se! Ela vai entrar.

— Ela sabe? – Jael perguntou num sussurro.

— Sim, ela sabe.

Jael levou as mãos à cabeça num gesto de perplexidade.

— Minha mãe, Deborah! Minha mãe está lá fora, esperando para falar comigo? Isso é mesmo verdade? Acho que ainda estou delirando.

Deborah sorriu ternamente ao ver as lágrimas escorrerem do rosto de Jael. Ela enxugou uma com o dedo.

— Eu vou mandá-la entrar.

Jael levantou-se quando Kami entrou. Por um momento que pareceu longo demais, as duas ficaram a se olhar, como se fitassem o espelho do tempo. Para Kami, olhar para Jael era reviver a si própria quando jovem, até o mesmo brilho nos olhos cor de mel. Para Jael, Kami bem que poderia ser ela mesma, caso a bênção da longevidade não tivesse sido derramada sobre Hedhen. Uma Jael mais madura, com mais rugas e, talvez, mais sabedoria. As palavras não saíam, pois havia tantas coisas a serem ditas de ambas as partes, que ficava difícil organizarem tudo de forma verbal.

Foi Kami, a princípio tímida, que deu o primeiro passo vacilante. Foi ela também que, instintivamente, fez aquele gesto natural que qualquer mãe faria ao reencontrar a filha amada. Ela abriu os braços, ainda meio indecisa sobre qual seria a resposta a eles. Jael não precisou de mais nada, nenhum sinal, para saber o que tinha que fazer. O seu coração a impelia a isso. Ela atirou-se nos braços de sua mãe e chorou.

Capítulo 16

A Trilha da Estrela

Quando Nathan, Barak e Héber chegaram à encruzilhada, os cavalos já estavam lá, aguardando seus donos. Entre eles, Bruma e Solaris mantinham-se quietos e sóbrios, como se compreendessem a situação. Barak sorriu e afagou Alvorada. O corcel branco relinchou feliz. Noa aproximou-se dele.

— Como foi? – Ela perguntou com apreensão na voz.

Ele suspirou.

— Conseguimos evitar o pior.

Ela olhou para Héber, que permanecia calado e com a expressão fechada. Ele montou em Dançarino e evitou qualquer aproximação. Antes disso, ele havia passado um tempo acariciando o pelo dourado de Solaris. O cavalo manteve-se quieto, como se partilhasse a mesma dor que ele.

— Ele teve uma experiência diferente – explicou Barak. – Vai precisar de um tempo.

Noa compreendia.

— Eu pedi a Apolo que nos falasse de Philos antes de continuarmos – ela falou. – Não quero ser surpreendida com poucas informações, como aconteceu em Laos. Acredito que em cada santuário encontraremos um enigma diferente para decifrar.

— Você tem razão em tomar essas precauções. Uma das Chamas Sagradas está queimando, e isso deve ter sido sentido pelos magos de Abadom. Podemos esperar surpresas extras no caminho de agora em diante. Nossa rota não é mais um segredo.

Ela virou-se para voltar ao grupo, mas Barak a deteve com a mão em seu braço.

— Qual é o problema? – Ele perguntou. – Posso sentir que algo a perturba.

Ela sorriu sem jeito.

— Nunca gostei de ser o centro das atenções, Barak. Tomar as decisões quando tenho dois reis em meu grupo me deixa constrangida.

— Está sendo uma boa líder, Noa. Você é uma mulher sábia, e é importante para a salvação dessa terra. Não nos veja como reis, mas como amigos. Alegro-me por estar aqui ao seu lado, ajudando-a a caminhar, assim como fez comigo.

Noa sorriu agradecida e se afastou.

Sarah acendeu a fogueira. Era certo que passariam o restante da noite ali e só partiriam aos primeiros sinais do alvorecer. Eunice e Joakim juntaram alguns gravetos, pois o vento era forte e o fogo teimava em querer se apagar. A amazona pôs algumas folhas de chá de viagem em uma panela de água fervente e se afastou dali para observar o caminho que teriam pela frente. Héber aproximou-se dela.

— Volte e junte-se ao grupo – ele falou. – Eu fico vigiando.

Ela balançou categórica a cabeça.

— Você é um rei, Héber. Deve estar presente na reunião que vai acontecer.

Ele sorriu amargamente.

— A minha mente não vai estar presente, Eunice. Tudo o que eu quero é ficar sozinho para pensar. Seja lá o que decidirem, eu apoiarei, pois acredito em Barak e acredito em Noa.

Ela considerou o pedido, ainda hesitante.

— Vá e tome o meu lugar – ele insistiu. – Você é comandante de um exército, e sua visão estratégica não deve ser ignorada. Talvez você venha a ser mais útil lá do que eu.

— Está bem, eu irei – ela falou, ainda com relutância.

Quando Eunice se afastou, Héber percebeu que não estava sozinho. Ele virou-se rapidamente e viu o Ancião ali, sentado, vigiando o caminho.

— Sente-se ao meu lado, rei de Hazorah – a voz dele tinha uma autoridade natural.

Héber obedeceu.

— Não me pergunte nada, filho, apenas escute. A sua intervenção foi bem-sucedida. Sua esposa não cruzou nenhuma ponte.

Héber fechou os olhos e respirou com alívio.

— Você deve compreender que, como um dos portadores do sinal de luz, você está sujeito a experiências mais profundas, e deve aprender a lidar com elas. A força de suas palavras a ajudou a

permanecer nesse mundo. Mas, como um Luminar, Héber, você não pode negligenciar sua própria missão, e aquilo que esperam de você.

O Ancião virou-se para ele e sorriu, pondo a mão em seu ombro.

— A hora do reencontro está próxima. Tenha paciência. E saiba que eu continuo aqui, velando por vocês. Por todos vocês. Inclusive por aquelas Pequenas Árvores.

— Obrigado por suas palavras, senhor... – Héber murmurou emocionado.

— Agora volte para lá, filho. Tome seu lugar naquela reunião, pois sua opinião é importante para eles. Não se preocupe com a vigilância. Eu estou aqui. Estarei sempre aqui.

Héber não retrucou, apenas obedeceu.

Eunice quis levantar-se ao ver que Héber se aproximava, mas ele ergueu a mão fazendo um gesto para que ela continuasse sentada.

— Está tudo bem, Eunice. Eu vim tomar o meu lugar nessa reunião, mas não negligenciei a vigília. O Ancião me enviou. Ele disse que era importante eu estar aqui. Ele disse que eu não devia me preocupar, pois ele está velando por nós. Não ousei questioná-lo

ou ir contra sua palavra. Ele também disse que Jael não cruzou a ponte.

Barak sorriu.

— Você traz boas notícias. Se ele está nos protegendo, então estou tranquilo. Sente-se, meu amigo.

Apolo, ao ver que todos se haviam acomodado em volta do fogo, começou sua explanação.

— Philos era, dentre os santuários, o mais virtuoso. De lá saíam os sacerdotes mais fortes e mais sábios, porque sua Chama Sagrada era mais alta que as outras, podendo ser vista até mesmo à distância. Infelizmente, aconteceu a infiltração. Juntamente com os peregrinos, vieram homens que almejavam o poder, e a fama da Chama de Philos já corria de boca em boca. Eles, fazendo-se de fiéis, tinham inveja do poder dos sacerdotes daquela cidade. O que eles fizeram? Criaram uma sociedade secreta que se reunia na clandestinidade. Era conhecida como a Assembleia da Escuridão. Ninguém conhecia seus membros. Foi assim que, na época da invasão dos santuários, eles abriram o caminho para os magos de Abadom. Philos foi invadida e tomada pelas forças de Helladan.

— Então, dessa vez não vamos enfrentar nenhum fantasma ou espectro? – Perguntou Eunice.

— Não, filha – Apolo suspirou com o olhar fixo no fogo. – Teremos que enfrentar mentirosos e traidores.

— Philos continua habitada? – Noa parecia surpreendida.

— Sim – Apolo sorriu. – Ela não se tornou uma cidade-fantasma como Laos. Há vida em Philos, mas a porta da muralha que cerca o santuário permanece fechada – ele respirou fundo e completou. – E selada. Dizem que, mesmo conseguindo abri-la, deve-se passar por algumas armadilhas, sutilmente deixadas lá para dificultar o acesso ao santuário.

— O fato é que não poderemos confiar em ninguém – Maalá refletiu, jogando um graveto no fogo.

— Essa é a principal questão aqui – Apolo falou. – Lidar com as mentiras e falsidades. Apenas o discernimento da Sacerdotisa e dos Luminares será capaz de reconhecer uma mentira disfarçada pelas forças ocultas.

Noa pensou por um momento, antes de tomar a palavra.

— Se Philos é uma cidade normal, vamos entrar lá como pessoas normais.

Ela olhou em volta.

— Nada de grupos. Devemos esconder nossas armas e nos organizar de forma que ninguém perceba nossa presença. Uma vez lá dentro, observaremos e aguardaremos o momento certo para agir.

— Não devemos esquecer uma coisa – lembrou Sangar. – O inimigo já conhece a nossa rota. Philos deve estar sendo preparada para a nossa chegada.

Apolo balançou a cabeça.

— Estamos um pouco à frente de nossos inimigos. Chegaremos a Philos com mais rapidez do que qualquer grupo enviado por Abadom.

— Nesse caso, se preparem para partir ao surgir da última estrela da noite, antes do alvorecer – falou Barak. – O tempo está do nosso lado e devemos aproveitar essa vantagem.

Aquela noite não foi fácil no interior da Floresta do Incenso. Eles encontraram um abrigo muito superficial, que não oferecia a segurança que necessitavam. Apenas suas costas estavam protegidas pela base de um monte rochoso, mas o monte também lhes servia de barreira caso tivessem que empreender uma fuga. Eva olhava preocupada para Davi, que tremia encolhido de

encontro à rocha. Ele havia sentido as vibrações dos inimigos que se posicionavam em volta deles, e aquele acúmulo de sensações começou a afetá-lo, de forma que Eva se viu obrigada a retirar o pano que lhe vendava os olhos. Mesmo assim, ele permaneceu de olhos fechados e teve que ser sacudido. Apenas quando o apelo desesperado de Eva lhe chegou aos ouvidos, ele conseguiu abri-los. Agora ele tremia numa reação normal, enquanto sua mente voltava à normalidade.

Hadassa, Hagai, Rute e Zacarias plantaram-se à frente do grupo, atentos a qualquer movimento na noite. Zoar e Rebecca tentavam, à sua maneira, empurrar um pouco de chá de viagem para Davi, a fim de que o rapaz encontrasse mais força em seu corpo. Sentados em volta do fogo, Theo, Áquila e Hulda também se mantinham alerta. A profetisa tinha esperanças de que a luz da esfera se manifestasse novamente, caso necessitassem.

A noite passou e o dia surgiu. O grupo continuava inteiro e disposto. Davi havia voltado ao normal e bebia seu chá, quando Eva sentou-se ao seu lado.

— Como se sente? – Ela perguntou.

— Sou eu novamente – ele sorriu, tentando aliviar o coração dela.

— Eu posso ver isso – ela passou a mão pela face do rapaz. – Mas o que lhe aconteceu?

Ele suspirou.

— Eu nunca senti nada como aquilo antes, Eva. Eles pareciam saber que eu podia senti-los, e passaram a me atacar com visões. Elas vinham como setas... E eu já não sabia mais nem reconhecer a floresta.

— Que visões, Davi? O que eles te obrigaram a ver?

Ele olhou para ela com muita seriedade.

— Eram visões do mundo sem nós.

Ele baixou a cabeça.

— Eram imagens horríveis de um futuro possível. Do futuro que eles almejam.

Ela entendeu e respirou fundo.

— Então, somos o alvo deles. Eles sabem que estamos aqui, e o que nós somos.

Eva levantou-se.

— Não quero vê-lo fechar os olhos novamente. Fique atento para enfrentarmos isso, juntos. Se nos querem, não vão nos pegar

com facilidade.

Ele sorriu.

— Eu não pretendo facilitar nada.

Ela devolveu o sorriso e se afastou. Tinham que encontrar uma maneira de voltar para o rio e seguir pela sua margem. A água poderia lhes propiciar mais proteção do que a floresta.

Theo e Hagai iam à frente, abrindo uma trilha em direção ao rio. O silêncio que os seguia através das altas copas das árvores era opressor.

— Eu gostaria de ouvir alguma coisa – resmungou Rute. – Qualquer som seria melhor do que esse silêncio.

Ela trazia o arco pronto nas mãos. Ao seu lado, Eva tentava sentir as árvores à sua volta. Era como se elas vibrassem, tentando avisá-los do perigo. Davi, já totalmente recuperado, seguia atento na retaguarda, junto com Zacarias. De repente, começou. O som veio em gritos estridentes que cortavam o ar junto com flechas. Rebeca jogou Hulda no chão, a fim de evitar que fosse atingida. Ela, no entanto, não conseguiu fazer nada para impedir que Zoar caísse ao lado dela com uma flecha atravessada no ombro.

— Zoar! – Ela gritou.

— Eu estou bem – ele arfou. – Proteja Hulda...

Quando as flechas e os gritos pararam, Theo conseguiu ouvir o som de água corrente.

— O rio está próximo! – Ele gritou.

Zacarias e Rebeca apoiaram Zoar e o ajudaram a caminhar. Tudo o que eles queriam era chegar rápido ao fim daquela trilha estreita. Davi olhava para os lados, arco na mão, exatamente como Eva. Hagai, que ia à frente, parou ao chegar numa ribanceira. Esta não era muito alta, mas eles teriam que descer com cuidado por causa das pedras soltas que poderiam ocasionar uma queda grave. Ele e Theo ajudaram Zoar a descer na frente, enquanto os outros os seguiam quase em fila. Hulda olhava para trás, preocupada pelo fato de Davi e Eva se encontrarem na retaguarda. Suas preocupações, infelizmente, não eram vãs.

Hadassa e Rute também não estavam gostando da situação. Elas insistiram para que ambos passassem na frente, pois era a função delas protegê-los e não o contrário. Davi, porém, foi irredutível, assim como Eva. Os dois podiam sentir a aproximação do perigo que, no caso, seria fatal para seus amigos. Davi não precisava ter os olhos fechados para saber disso, e Eva o compreendia, porque seus corações batiam como se fossem um só.

— O que está acontecendo? – Perguntou Hadassa. – Por que vocês insistem em ficar para trás?

— Mesmo sabendo que não vamos deixar – completou Rute.

Davi e Eva se entreolharam. O perigo estava próximo.

— Talvez tenha chegado a nossa hora de proteger vocês – disse Davi.

— Desculpe-me por isso, Rute – falou Eva.

Rute mal teve tempo de perguntar sobre o que ela estava falando, quando Eva a empurrou para cima de Hadassa. As duas escorregaram nas pedras soltas e rolaram alguns metros para baixo, enquanto Davi e Eva se viravam em direção da floresta com os arcos apontados para o que estava se aproximando.

Por entre as árvores surgiram vários homens com o corpo completamente pintado com uma tinta verde da cor das folhas da floresta. Estavam vestidos com tangas que lhes cobriam as pernas até os joelhos, e não eram muito altos. O que assustava, porém, eram os arcos que carregavam. Estes eram maiores do que eles e tinham que ser apoiados no chão para serem usados. Entretanto, eles observaram que havia mais homens em cima das árvores com zarabatanas já encostadas nos lábios, prontas para serem disparadas.

— Eles são muitos, Davi – ela murmurou.

Ele respirou fundo e, vagorosamente, depôs o arco no chão. Eva o imitou. Ambos ergueram as mãos e aguardaram, na expectativa da reação que viria. Para sua surpresa, um homem surgiu por detrás das árvores. Ele havia se mantido oculto até aquele momento. Não estava pintado de verde e nem usava tangas. Este homem estava completamente vestido de vermelho, inclusive seu rosto, que estava coberto, e segurava pela corrente um grande animal raivoso, que os jovens não saberiam dizer se era um lobo ou um felino. A sua presença parecia ter o dom de enfurecer as pessoas. Davi e Eva já viram roupas como aquelas antes. Os magos que enfrentaram no Monte da Lei se vestiam igual.

— Eu sou Pyrrós – ele bradou. – O Juiz Vermelho. Por minha vontade, vocês estariam mortos agora. No entanto, Lord Abadom deseja conhecê-los de perto. Sua morte deverá ser adiada até chegarmos a Tibreya, capital de Helladan. A Cidade Sagrada.

Davi deu um passo à frente.

— Você já nos tem nas mãos. Deixe nossos amigos em paz.

Pyrrós soltou uma gargalhada.

— E deixar a diversão passar? Que desperdício! – Ele ergueu a mão e os selvagens que estavam com as zarabatanas saltaram

das árvores, prontos para correr atrás do restante do grupo.

Eva abaixou-se numa rapidez estonteante e voltou a pegar o arco, atirando três flechas seguidas sem errar nenhum alvo. A sua rapidez deixou Pyrrós aturdido. Davi derrubou um dos homens com uma adaga e outros dois com o arco. Os selvagens hesitaram em continuar.

— O seu senhor nos quer vivos, não quer? — Gritou Eva. — Mande-os retornar ou morreremos aqui.

Pyrrós soltou o Farejador que segurava, e o animal correu em direção a Davi. O rapaz o abateu com uma flecha rápida no meio dos olhos. Aquilo fez o Mago Vermelho gritar de raiva. Os selvagens, porém, recuaram.

Davi sentiu que os amigos estavam seguros, por isso voltou a baixar o arco. Eva percebeu o olhar dele e suspirou. No entanto, em vez de colocar o arco no chão, ela o pendurou nas costas, após dar uma leve sacudida. Pyrrós ergueu a mão mais uma vez e quatro homens se aproximaram deles com cordas. Suas mãos foram amarradas na frente do corpo e eles foram puxados para dentro da floresta. Ninguém ousou tocar no arco de Eva, mas o de Davi ficou para trás, ignorado até mesmo pelo Mago Vermelho.

Hadassa e Rute, após se recuperarem da queda, ficaram embaixo aguardando o desenrolar da cena. Quando todos sumiram para dentro da floresta, elas voltaram a subir. Rute pegou o arco de Davi no chão e olhou em volta.

— O arco de Eva não está aqui.

Hadassa sorriu.

— Poucas pessoas sabem que existe um segredo naquele arco, Rute.

— Do que você está falando?

— Ele foi feito por Jael. O toque da Luminar da Estrela é capaz de deixar seu brilho em qualquer coisa, até mesmo em um simples objeto.

Hadassa apontou para o chão e Rute viu um brilho incomum sobre o solo. Era um pó prateado. Pó de Estrela. Ela abaixou-se e tocou-o com a ponta dos dedos, depois ergueu a cabeça com um olhar maravilhado.

— Eva sabe disso?

— É claro que sabe! Eu só descobri porque sou uma rastreadora.

Rute olhou para a floresta.

— Isso quer dizer que nós podemos segui-los.

— Precisamos voltar e avisar aos outros – disse Hadassa. – A pista não vai desaparecer.

— Não sabemos o que pretendem fazer com eles, Hadassa! O tempo talvez não esteja do nosso lado.

Hadassa sentiu-se dividida. Voltar e alcançar o grupo levaria um tempo precioso. Seguir em frente, apenas elas duas, seria imprudência. Imprudente ou não, ela concordou com a lógica de Rute.

— Muito bem, então nós vamos! Hagai poderá seguir essa pista, mas é melhor deixar o arco de Davi onde estava. Isso chamará a atenção do meu marido.

Rute soltou o arco próximo ao início da trilha de pó prateado.

— Vamos – Hadassa seguiu na frente.

Capítulo 17

A União dos Sinais

Os homens verdes os arrastaram por trilhas fechadas, túneis que pareciam ter sido abertos à força através das rochas, pontes frágeis que pendiam sobre abismos e estreitos desfiladeiros.

Quando a aldeia surgiu diante deles, Davi parou bruscamente, tomado pelo susto. Na enorme clareira onde as casas deveriam estar localizadas, só havia buracos no chão. Um monte deles. As cordas foram retiradas de suas mãos. O rapaz foi empurrado para frente, obrigado a andar até a borda de um dos poços. Eva foi levada para outra abertura. Antes que ela pudesse resistir, o seu arco foi tomado e ela foi empurrada para dentro.

— Eva! – Gritou Davi.

Os dois homens que o seguravam tiveram um considerável trabalho para jogá-lo, enquanto ele esperneava e tentava se soltar. Quando ele caiu, percebeu que a profundidade do poço não era tão grande. Ele olhou em volta e viu diante de si uma grade de ferro. Lá em cima, a boca do poço foi fechada com uma tampa de madeira. A escuridão só não foi total porque do lado de fora da grade havia uma passagem e tochas a iluminavam. Aquela era uma cidade subterrânea e os buracos eram as entradas. Ele agarrou-se a grade.

— Eva! – Ele chamou. – Você pode me ouvir?

— Sim – a voz dela veio do outro lado da passagem. – Estou numa espécie de cela. E você?

— Acho que estamos no calabouço deles.

— Pegaram o meu arco – ela lamentou.

— Nós o recuperaremos – a voz dele denotava uma segurança quase irreal – De qualquer forma, ele foi útil até aqui.

Davi manteve os olhos bem abertos a fim de se acostumar com a escuridão da cela. A luz das tochas chegava muito mal até ele. Vagarosamente, ele foi caminhando, circulando o espaço de sua prisão. Foi quando ele notou uma protuberância no solo e se abaixou. Quando ele percebeu no que estava tocando, correu até a grade.

— Eva!

— Ainda estou aqui – ela respondeu com a voz desanimada.

— Esse local não era uma clareira. Ele fazia parte da floresta.

— E o que tem isso, Davi? É ótimo saber que nossos captores também matam árvores...

Ele ignorou o humor negro de Eva, pois estava eufórico demais.

— Preste atenção, Eva. As árvores foram cortadas, mas suas raízes eram profundas. Há raízes no solo desses buracos.

Ela demorou um pouco para responder e, quando o fez, o seu tom de voz estava mais animado.

— Há raízes aqui também, Davi. Mas não estão apenas no solo. As paredes também estão cheias delas.

— Você acha que podemos manipular a seiva? – Ele perguntou.

— Eu não sei...

Ela ia dizer algo mais, mas calou-se ao ouvir o som de passos. O reflexo de uma tocha se aproximava. A figura do Mago Vermelho surgiu diante deles. O homem segurava a tocha nas mãos e estava sozinho. Os seus olhos eram cruéis e exalavam um brilho vermelho. Através da luz da tocha, Davi conseguiu ver Eva na outra cela, do outro lado do corredor.

— Eu vim apenas anunciar que vocês serão poupados de uma longa viagem – a voz de Pyrrós lembrava o grunhido de um animal raivoso. – Recebi uma mensagem de meu mestre. Ele não deseja nada mais, além de sua morte. Uma morte, segundo ele, que não deixe dúvidas. Portanto, esta noite os nativos dessa floresta terão a oportunidade de realizar um ritual há muito tempo esquecido. De vocês, Pequenas Árvores, nem mesmo as raízes sobrarão, depois que o fogo transformar seus corpos em cinzas. A mágica acontecerá ao pôr do sol.

Ele virou-se e saiu, deixando para trás o som gutural de uma gargalhada.

Hadassa e Rute, agachadas fora da clareira, observavam a movimentação dos nativos verdes. Eles estavam amontoando galhos e folhas secas sobre um buraco no chão, enquanto duas estacas eram fincadas de cada lado. Uma nova estaca foi encaixada horizontalmente ligando as duas verticais.

— O que você acha? – Sussurrou Rute.

— Eu diria que estão preparando uma grande fogueira.

— E pelo tamanho do espeto, parece que vão assar algo bem grande – completou Rute.

As duas se olharam apavoradas.

— Vamos precisar de ajuda, Hadassa. Não podemos fazer isso, sozinhas.

— Vamos ter que confiar em nós, Rute. Se Hagai encontrou o arco de Davi e a trilha de pó prateado, eles não tardarão a chegar. Mas se voltarmos agora, poderá ser tarde demais para salvar Eva e Davi.

Rute não conseguia ver uma saída.

— A clareira é muito aberta. Não há como nos aproximarmos dos buracos para procurarmos por eles.

— Vamos ter que contornar e tomar uma posição em algum lugar mais alto. Acho que com meus punhais e seu arco vamos

poder causar alguns estragos, antes que a fogueira seja acesa.

Rute concordou e seguiu Hadassa tentando ser tão silenciosa quanto ela. Não era uma tarefa difícil para alguém que fora treinada na Ordem Branca.

Eva, apesar da animação de Davi, sentia-se inquieta com aquelas raízes subindo pelas paredes. Somando todas as explicações que ouvira da boca do Ancião, de Áquila e de seu bisavô Simeão, a respeito da conexão deles com as árvores, ela sabia que seu dom estava ligado às raízes e à própria seiva que corria na árvore, enquanto o dom de Davi o ligava mais diretamente ao azeite e ao orvalho, aos frutos e sementes e folhas. Por esse motivo, ela sentia-se oprimida. Aquelas raízes exalavam algo ruim. Por que apenas a cela na qual a colocaram dispunha de raízes como aquelas? Eva encostou-se à grade, sem perder de vista a parede de sua prisão. Lá em cima, o som de tambores encheu o ar.

Na cela em frente, Davi pesava em sua mente as palavras de Pyrrós. O que ele quis dizer com “a mágica acontecerá ao pôr do sol”? Ali embaixo, naquela escuridão, era impossível ter alguma

noção de tempo. Foi por isso que os pelos de seu braço se arrepiaram ao ouvir os tambores. Algo havia começado.

— Eva? – Ele chamou.

— O que vai acontecer, Davi? Sua visão não lhe diz nada? – A voz dela estava trêmula.

— Alguma coisa nesse povo bloqueia a minha visão. Talvez seja a presença do Mago Vermelho.

— Eu não preciso ter seu dom para pressentir que algo ruim vai acontecer.

Davi agarrou-se às grades. Ele queria estar com Eva, afastar o medo dela para longe, protegê-la.

— Escute... podemos tentar algo com as raízes – ele não podia pensar em outra coisa.

— Eu acho que não vai dar – a voz de Eva soou abafada, como um sussurro.

— Por que não, Eva? É a única coisa que temos à mão...

— Davi, as raízes nas paredes... elas estão se mexendo...

Eva percebeu que as raízes pareciam responder ao ritmo agitado dos tambores. Uma raiz fina se despreendeu da parede de rocha que a prendia e deslizou pelo chão como uma cobra, indo na

sua direção. Eva afastou-se o mais que pôde. Outras raízes começaram a imitar a primeira. Ela, em um ato instintivo, estendeu a mão para tentar provocar um escudo, como fizera uma vez com um dos magos da velha Babilos. Para sua surpresa, as raízes pareceram inchar enquanto sugavam a luz verde do escudo para dentro de si. Eva cambaleou e caiu de quatro, atordoada.

— Eva! – Davi gritou da outra cela. – O que está acontecendo?

Uma raiz veio por trás e enrolou-se na cintura dela, puxando-a de encontro à parede. De repente, ela se viu imobilizada, com raízes prendendo suas pernas e braços. Encolhida contra a parede, sem conseguir se mexer, ela sentiu a seiva que corria em suas veias sendo sugada pelas raízes.

— Eva! – Davi gritou novamente.

— Estou presa... – ela tentou falar o mais alto que pôde. – As raízes estão sugando a minha seiva!

Davi respirou fundo, tentando compreender aquela informação. O Mago Vermelho uniu sua magia com os selvagens e lançaram um ataque forte demais para que eles, sozinhos, pudessem vencer. Eles precisavam de ajuda.

— Eva, fale com sua mãe! – Ele gritou. – Concentre-se e fale com ela. Diga-lhe que minha mãe precisa falar comigo.

Eva sentia-se sonolenta e fraca, mas uniu todas as forças que lhe restavam para fazer o que ele pedia. Ela fechou os olhos e tentou esquecer o aperto das raízes.

O dia da partida estava próximo. Todas as tardes, Deborah saía para caminhar pela praia e ver o pôr-do-sol. Ela precisava assumir novamente seu papel de Mulher de Lapidote e começar a insuflar coragem em cada povo que se encontrava oprimido. E isso teria que começar ali, antes da partida. De onde estava parada, ela podia ver Jael e Priska sentadas na areia, conversando. Desde o reencontro, elas não haviam se separado mais. Os assuntos não se esgotavam e elas pareciam incrivelmente felizes, mesmo naqueles tempos difíceis. Deborah sorriu. Sentia-se feliz pela irmã, mas logo teriam que voltar a realidade. Ela abaixou-se para pegar uma concha e a levou ao ouvido. O que ouviu, entretanto, não foi o som do mar.

— “Mãe...” – era a voz de Eva, e parecia fraca, distante.

— Eva? – Deborah perguntou aflita, soltando a concha. – O que aconteceu com você?

— “Eu e Davi... presos. Estou fraca... minha tia... precisa falar com Davi... rápido, mãe...” – as palavras de Eva saíam entrecortadas.

Deborah, com o coração apertado pela aflição, saiu correndo em direção à Jael e Priska.

Quando Jael viu a irmã correndo como louca em sua direção, levantou-se num salto, o coração aos pulos. Deborah parou diante dela, ofegante. Jael a segurou pelos braços, a fim de pará-la antes que caísse.

— O que foi? O que aconteceu?

— Precisa falar com Davi, Jael! Rápido!

Jael nunca vira Deborah tão assustada e aflita, nem mesmo quando a deixou nas portas de Shilloh, pouco antes de sua prisão. Sem perguntar mais nada, ela fechou os olhos e se concentrou.

— Davi?

— “Mãe, graças ao Pai! Estamos presos em uma floresta. Fomos capturados por uma tribo de selvagens. Eles estão sendo comandados pelo Mago Vermelho. Eva está numa cela cheia de raízes que estão sugando a seiva dela... eu não sei o que fazer! ” –

O rapaz, em poucas palavras, havia feito Jael compreender o problema.

— Fique comigo, Davi – ela pediu, tentando manter a calma.

Jael olhou para Deborah e lhe contou a situação, da mesma forma resumida.

— O que vamos fazer? – Deborah estava para perder o controle. – O que podemos fazer quanto a isso, Jael?

— Não pode me usar como ponte para unir sua mente a de Davi, como fez com Eva, para ajudá-lo com os gigantes?

Deborah caiu de joelhos, impotente.

— Tínhamos nossa luz em Hedhen. Não tenho como fazer isso sem ela.

Priska, que já conhecia toda a história pela boca de Jael, pôs a mão no ombro da filha.

— A luz de vocês não está com Hulda, a Portadora? Ela não está próxima aos seus filhos? Tentem alcançar a luz, assim como ela alcançou vocês quando se manifestou pela primeira vez em Nod.

Jael olhou para Deborah e se ajoelhou diante dela. Elas estavam dispostas a tentar. Deborah pôs as duas mãos sobre os

ombros de Jael, que fez o mesmo. Elas encostaram suas cabeças uma na outra e fecharam os olhos.

— Davi, ainda está comigo? – Jael perguntou.

— “Estou aqui, mãe”.

— Ajude-nos a chegar até Hulda. Precisamos da sua força, filho.

Davi compreendeu o que elas fariam. Ajoelhando-se em sua cela, ele fechou os olhos, tentando unir o sinal das Árvores com a Luz.

Hulda terminou de enfaixar o ombro ferido de Zoar. O rapaz estava pálido de dor, mas não queria parecer fraco diante de Rebeca, que segurava sua mão. De repente, a luz da esfera começou a brilhar. Hulda deu um pulo para trás e levou a mão ao saquinho pendurado em seu pescoço. Estava quente. A luz estava se manifestando e lhe direcionando. Ela olhou em volta.

— Preciso voltar para a floresta – ela falou.

— O que está acontecendo? – Rebeca levantou-se.

— Eu sinto a luz tentando dirigir meus passos.

Rebeca pegou sua espada que estava no chão.

— O que você está fazendo? – Zoar perguntou, segurando a mão dela.

— Eu vou com Hulda. Se correremos, poderemos alcançar Hagai e Zacarias.

O grupo havia encontrado um local seguro próximo ao rio. Enquanto Hulda e Áquila cuidavam de Zoar, Hagai e Zacarias haviam retornado para procurar os outros. Rebeca, sentindo a preocupação no olhar do rapaz, inclinou-se e lhe deu um beijo suave nos lábios.

— Sou uma guerreira, Zoar. Hulda vai precisar de mim. Foi para isso que eu vim, lembra?

Ele apertou a mão dela.

— Não deixe de voltar – ele pediu.

Ela sorriu e seguiu atrás da profetisa.

Hadassa e Rute observavam de uma distância segura o ritual daqueles selvagens. A fogueira estava acesa e homens em transe dançavam sobre as brasas, enquanto os tambores se agitavam cada vez mais em um ritmo hipnótico. Um novo grupo surgiu executando uma dança guerreira com lanças pontiagudas. De vez

em quando eles paravam e apontavam para um dos buracos que serviam de prisão, dando gritos que mais pareciam rugidos.

— Não estou gostando disso – murmurou Hadassa. – Precisamos nos mover.

— No que está pensando?

Hadassa apontou para um cercado de palha. Havia muitos cavalos ali. Apesar da floresta, muitas trilhas permitiam a viagem por cavalos.

— Precisamos causar um alvoroço nessa festa, Rute. Algo me diz que, quando aqueles tambores pararem, aquelas lanças encontrarão seus alvos dentro daqueles buracos.

— Eu achei que estavam preparando a fogueira para eles – Rute falou.

— E estão. No entanto, eles não precisam estar vivos para queimar. Algumas tribos selvagens não ligam muito para isso. Ou talvez queiram espetá-los antes.

Hadassa apontou para uma depressão perto de onde se encontravam. Ela retirou algo da bolsa do cinto. Eram pedras de fogo.

— Faça uma pequena fogueira e atire flechas de fogo no meio daquela festa. Há muita palha acumulada ali.

— E o que você vai fazer?

— Eu vou cuidar dos cavalos. Não suporto ver animais presos em cercados de palha. E você?

Rute sorriu e observou o quanto Hadassa conseguia se mover em silêncio.

Descendo pela depressão, ela começou uma pequena fogueira, de maneira que não soltasse muita fumaça. Enquanto fazia isso, uma sombra caiu sobre ela. Um selvagem as havia visto, mas parecia estar sozinho. Ele agarrou-se a ela, apertando sua garganta com os braços musculosos. Rute dava-lhe cotoveladas nas costelas, mas estas o acertavam sem muita força. Ela esperneava, sentindo o ar faltar. Sua mão tateou em volta e encontrou uma pedra redonda. A pancada seca na testa do selvagem foi o sinal de que ela o havia atingido. Ele afrouxou o abraço, e ela conseguiu virar o suficiente para acertar a cotovelada no estômago do atacante. Ele engasgou e se encolheu. Rute levantou-se e acertou-lhe um chute no queixo que o deixou inconsciente. Ofegando, ela não perdeu tempo e preparou uma flecha. Aquele selvagem não acordaria tão cedo.

A noite já havia caído quando Hadassa chegou ao cercado de animais. Ele era vigiado por dois homens pintados de verde. Eles pareciam entediados e concentrados na festa que se desenrolava. Com certeza, gostariam de estar participando, em vez de estar ali, vigiando cavalos. Ela não queria alvoroço, por isso tinha que ser rápida e silenciosa. Ela passou despercebida pelos dois vigias e escorregou para dentro do cercado. Hadassa sabia fazer os sons que acalmavam os cavalos. Eles ficavam dóceis e tranquilos, enquanto ela passava em direção à porta do cercado. Com um punhal, ela cortou a corda que prendia a porta e a abriu.

Os vigias estavam atentos à festa. Ela percebeu que os tambores haviam parado e que o grupo de lança em punho aproximava-se de um dos buracos. Não havia muito tempo a perder. Com um grito fino, que lembrava um pássaro, ela pôs os animais em alvoroço e eles iniciaram uma fuga desordenada.

Surpreendidos pelo estouro dos cavalos, até mesmo os guerreiros dançarinos interromperam sua corrida. Rute começou a atirar flechas de fogo sobre as coberturas de palha montadas em volta da área dos tambores. O alvoroço foi completo. Escondendo-se atrás de um cavalo, Hadassa conseguiu alcançar uma choça de palha e entrou. Não havia ninguém ali dentro, mas ela sorriu ao ver

o que estava guardado ali. O arco branco de Eva. Ela o pegou enquanto observava o local. Havia mais armas ali. A rastreadora pegou um bastão sólido e saiu para o meio da confusão. Ela e Rute não estavam mais sozinhas. Ela pôde ver Hagai e Zacarias desferindo golpes nos selvagens que não sabiam para onde correr. O marido havia lido os sinais com precisão, como ela achou que faria. Os selvagens achavam que a aldeia estava cercada, e corriam por entre os cavalos, olhando em direção à floresta, como se aguardassem algo terrível.

Os guerreiros de lança, porém, não estavam assustados. Eles formavam a elite daquela tribo. Mantendo uma atitude fria e controlada, eles tinham suas ordens e estavam dispostos a cumpri-las. Unidos e resolutos, eles caminharam, desviando-se de cavalos e flechas, em direção ao buraco onde se encontrava uma das vítimas do sacrifício, pois a outra já deveria estar morta pela magia do mago vermelho.

A luz inundou a aldeia quando Hulda surgiu de dentro da floresta. Rebeca, ao ver a confusão e a luta, passou pela profetisa e foi unir-se aos companheiros. Hulda trazia na mão erguida, uma esfera de luz. Pyrrós, do alto de uma colina, de onde assistia tudo,

ficou em pé ao perceber o que significava aquela luz. Como aquilo era possível?

Hulda olhava em volta, sentindo a esfera mostrar-lhe a direção. Ela atentou para os dois buracos, entre tantos outros, que se encontravam no centro da aldeia. Um grupo de guerreiros armados com lanças se posicionava em volta de um deles. Quem estivesse lá embaixo, seria inevitavelmente traspassado pelas lanças, Hulda pensou. Erguendo os braços, ela segurou a esfera acima da cabeça. A luz ficou mais intensa, cegando todos que ali se encontravam. Os guerreiros deixaram cair suas armas e rolaram no chão, cegos de dor. A luz invadiu cada espaço, descendo pelos buracos e derrotando tudo aquilo que era mal. Uma luz purificadora.

As raízes secaram quando foram expostas a ela. Eva abriu os olhos, sentindo a seiva fluir de volta para seu corpo, revivendo-o. Fracas, como galhos secos, as raízes se partiram, libertando seus braços e pernas. Ela olhou para cima e sorriu. A luz não cegava seus olhos. Levantando-se meio cambaleante, ela viu que a porta estava aberta. Passando por ela, Eva alcançou a cela de Davi, cuja porta também estava aberta. O rapaz estava ajoelhado, de olhos fechados, e ela achou melhor não interromper, mas sim juntar-se a ele, unindo seus corações. Foi assim que, com a força gerada pelos

sinais das Duas Árvores e da Luz, a esfera ganhou mais força e poder. Ainda não havia acabado.

Pyrrós tinha que fazer algo. Puxando sua grande espada com as duas mãos, ele se encaminhou para a mulher com a esfera. Ambas deveriam ser destruídas o quanto antes. Sua magia o tornava imune à intensidade da luz, mas não ao seu poder. Ele podia sentir cada ponto de seu corpo reagir, forçando-o para longe. Mas sua ira, sua fúria, era grande o suficiente para impeli-lo até o fim. Atravessando a aldeia, ele foi avançando passo a passo em direção à Hulda.

A Portadora da Luz não ignorava a aproximação do inimigo. Ela continuava imóvel, aguardando. A perfeita manifestação da esfera ainda não havia chegado ao seu ápice. Ela estava se encaminhando para isso. O Mago Vermelho avançava sem impedimentos, o braço já pronto para ser erguido, na intenção de liberar o golpe final. Nesse momento, ele parou surpreso. Hulda olhou para ele e gritou com todas as forças. Suas mãos em chamas liberaram o poder maior que se encontrava na esfera. Foi como uma explosão, acompanhada por um vento forte.

Pyrrós largou a espada quando seu corpo rodopiou, sendo arrastado contra sua vontade e indo parar sobre as brasas acesas onde, há pouco tempo, eram pisadas por selvagens em transe. As bordas do seu manto vermelho foram um chamariz para o fogo. As chamas o envolveram como se o quisessem tragar. Gritando e se debatendo, o Mago Vermelho, Senhor da Ira, não podia acreditar em seu destino. Logo, seus gritos cessaram, e nada mais restava para ser visto, além de cinzas.

A luz retrocedeu e um silêncio tomou conta do lugar. Os selvagens estavam, na sua maioria, mortos. Os que não morreram, fugiram floresta adentro, apavorados demais para voltar a lutar. Hulda abaixou as mãos e deixou que a esfera fosse lentamente diminuindo de tamanho.

Hadassa correu para o buraco e olhou para baixo. A tampa de madeira jazia ao lado. Eva estava sentada com Davi deitado em seu colo.

— Vocês estão bem? — Ela perguntou.

— Sim, estamos bem — ela respondeu. — Dê-nos apenas um tempo para recuperar as forças.

Eva acariciou os cabelos do rapaz. Ele dormia tranquilo, apenas isso. Ela ainda estava forte porque tinha recebido sua força

de volta e havia se reunido a ele já no final da luta. Mas ela também sabia que a luta não fora apenas deles. Algo incrível havia acontecido naquele lugar.

— “Davi? ” – Ela ouviu uma voz chamar e piscou confusa.

— Tia Jael? Eu ouço você!

— “Eva? Como...”

— Eu não sei como, mas eu ouço você! Onde está minha mãe?

— “Estivemos ajudando vocês e ela acabou dormindo de exaustão. Você está bem? E onde está meu filho? ”.

— Dormindo no meu colo. Ele parece cansado, apenas isso. Quanto ao resto, estamos bem. Acho que tudo acabou agora.

— “Eles reagiram de forma igual por causa de seus dons. A percepção profética lhes torna mais sensíveis. Fico feliz em saber que tudo terminou bem”.

— Tia, nós unimos os nossos sinais e acho que isso quebrou uma nova barreira.

— “Teremos tempo de falar sobre isso, mas agora eu me sinto cansada e temo não conseguir ficar de pé”.

— Descanse agora, tia, e tranquilize minha mãe. Eu sei o quanto ela ficou aflita por mim.

Capítulo 18

A Chama de Lapidote

Priska observava as duas mulheres que dormiam tranquilamente. Nada em suas feições atestava para o que haviam acabado de suportar. Elas fizeram um esforço maior do que suas condições permitiam. Foi uma batalha que envolveu mente e espírito, passando despercebida para qualquer outra pessoa. Deborah foi a primeira a cair. Seu corpo desmoronou como se toda a energia contida nele houvesse sido retirada. Jael ainda conseguiu permanecer firme o suficiente para buscar notícias sobre o filho, seu neto. O jovem corajoso que lutou com gigantes. Em seguida, ela também desabou. Os nativos ajudaram a carregá-las para dentro. Como em sua cabana havia apenas uma cama, ela pediu a Zoe que fosse à frente e preparasse outro leito. No momento, ela velava, aguardando ansiosa que uma delas despertasse e lhe explicasse o que havia acontecido.

Deborah, assim como foi a primeira a cair, também foi a primeira a acordar. A rainha sentou-se na cama, ofegante e

desorientada. Ela trazia no rosto o medo pelo resultado da batalha que ela não chegara a ver. Priska aproximou-se e pegou-lhe a mão.

— Acalme-se – ela falou com a voz tranquila. – Tudo foi bem. Sua filha está salva.

Jael se comunicava em voz alta com Eva antes de cair. Por isso Priska tinha conhecimento do fato, embora desconhecesse os detalhes.

— Eu nunca senti tanto medo... – Deborah balbuciou. – Eu me vi impotente, enquanto testemunhava minha filha morrer. E dessa vez... não era uma ilusão.

Priska a abraçou.

— Não precisa ser forte o tempo todo, Deborah. Você tem o coração grande demais para não sucumbir ao medo e a tristeza. Isso já faz parte da sua força.

Deborah sorriu agradecida e passou as mãos pelo rosto. Olhou para Jael e viu que a irmã dormia tranquila.

— O que Davi disse a ela? O que ele falou sobre Eva?

Priska, antes de responder, pegou uma jarra de barro contendo água fresca e despejou um pouco numa pequena vasilha, estendendo-a para Deborah.

— Eu não compreendo muito bem esse tipo de comunicação que vocês têm, mas... eu a ouvi falar em voz alta, não com meu neto, mas com sua filha.

Deborah quase engasgou com a água.

— Como?

— Acho que vai ter que esperar que ela acorde.

Quando acordou, Jael chamou Deborah para uma caminhada e lhe contou sobre sua conversa com Eva. As duas resolveram se isolar no “local secreto” de Priska e tentar falar com os filhos. Como Eva suspeitara antes, as barreiras que existiam foram abaixo quando os poderes dos sinais se uniram numa única causa. Os quatro conversaram durante um longo tempo. Elas agora sabiam que seus filhos estavam atravessando a Floresta do Incenso, aproveitando os cavalos da tribo que os aprisionara. O fato mais surpreendente, porém, foi saber que o poder da luz, através de Hulda, havia se manifestado de tal forma que destruiu toda a magia usada naquele local e, em particular, nas raízes que sugavam a vida de Eva. O próprio Mago Vermelho, Pyrrós, o Senhor da Ira, estava morto, derrotado pela luz. Aquilo foi um alívio para seus corações.

Um Juiz a menos. Quando voltaram para a aldeia, Jael percebeu que Deborah assumira uma atitude reflexiva.

— O nosso tempo aqui se esgotou, Jael – ela falou.

— Tem razão. Devemos seguir o caminho que nos foi mostrado.

Deborah parou e olhou para ela.

— Sim, devemos ir para Anatolya, mas antes há algo que eu preciso fazer.

Jael a observou com atenção, percebendo um detalhe novo.

— Existe um brilho em seus olhos ou é o reflexo da lua?

A irmã sorriu.

— Vá na frente, minha irmã. Reúna o povo da aldeia e peça que me aguardem ao nascer do sol. Prepare um banco para mim embaixo de uma árvore, não precisa ser uma palmeira. A Chama de Lapidote arde em meu coração.

Ela pôs a mão sobre o ombro de Jael.

— Dessa vez, quando a Herdeira se manifestar, a Guardiã estará ao seu lado.

— Nesse caso, deixe-me ir – Jael sentiu a responsabilidade. – Não me detenha mais.

O povo da aldeia, ao receber a convocação, passou o restante daquela noite batendo os tambores, atraindo as aldeias de ilhas vizinhas. Em pouco tempo, uma pequena multidão se concentrava diante de uma colina não muito alta. Lá em cima, havia uma palmeira solitária e um banco havia sido arrastado até ali por Eliah e mais dois nativos. Jael, Priska e Zoe, aguardavam ao lado da árvore. Quando os primeiros raios do sol subiram no horizonte, Jael retirou o shofar de Héber e o tocou. O som reverberou por toda a ilha, vibrando no ar, fazendo eco nos ouvidos e o sangue circular mais rápido, acelerando os batimentos cardíacos. Deborah surgiu, vindo do outro lado da colina. Ela manteve-se em pé, cabelos ao vento, passeando os olhos pela multidão.

— Eu venho de uma terra distante – ela começou. – Uma terra que, em seu passado, não era diferente dessa. Havia mortes, opressão, perseguição, escravismo e sacrifícios humanos. Mas isso foi vencido. Vencido não por pessoas especiais, mas por pessoas simples como vocês, cuja única arma era a coragem em seus corações. Eu os guiei para que conseguissem encontrar essa coragem para lutar, e é isso que eu me proponho a fazer aqui. Estou errada em afirmar que todos me entendem?

Lá embaixo, todos, inclusive os nativos que viviam em outras ilhas e falavam outros dialetos, assentiram com as cabeças em confirmação.

— Parthenos é uma ilha, rodeada por muitas outras ilhas menores, que possuem muitas aldeias como as de vocês. Aldeias que vêm sendo oprimidas e saqueadas porque perderam a fé e o desejo de lutar! – Ela deu um passo à frente, ficando em um nível mais baixo. – Eu venho plantar em suas almas a semente da coragem, que não vem de mim, mas do Pai-Criador. Essa semente deverá ser replantada por vocês nos lugares que não estão aqui representados. O tempo do medo acabou! Nod está em guerra! Eu quero trazer a paz para esse mundo, mas vocês precisam querer isso também.

Houve um murmúrio na multidão e brados de guerra, trechos de antigas canções começaram a ser entoadas.

— Não temam Parthenos – ela fez uma pausa dramática. – Tomem-na! Formem um exército de homens e mulheres, cujo desejo e fé em um futuro de paz estejam enraizados em seus corações – Ela apontou para Priska. – Por muito tempo, vocês têm vivido à sombra dessa mulher. Ela, como a guerreira que sempre foi, lhes ensinou a lutar e lhes passou a compreensão da honra e do

sacrifício. Chegou a hora de caminharem sozinhos. Há líderes entre vocês. Líderes valorosos. Convoquem as ilhas, enviem embaixadores, pintem-se para a guerra! É hora de lutar.

O povo, novamente, saudou em brados de guerra.

— Muitas guerras surgirão, e o nosso caminho nos leva para o leste – ela apontou para si e para as três mulheres, que permaneciam em pé ao lado da árvore. – Precisamos buscar a vitória e começar a despertar de nossa letargia. Vocês são guerreiros! Tragam para fora o que por tanto tempo esconderam por medo. Quem está comigo?

A multidão foi unânime em apoiá-la. Priska e Zoe mantinham suas bocas abertas, extasiadas diante da veemência daquelas palavras. Jael, em seu íntimo, sorria orgulhosa. Foi assim que a mudança começou em Hedhen. Era assim que começaria em Nod.

— Reúnam seus líderes e que eles venham até mim – ela caminhou até o banco e sentou-se. – Teremos esse dia aberto para criar estratégias. Quando os assuntos da guerra estiverem deliberados, eu ouvirei o povo.

Priska olhou para Jael, extasiada.

— Juro que se não fosse partir com vocês, tomaria minha posição entre os líderes. O poder das palavras de Deborah queima

em nossas consciências como uma chama.

Jael sorriu.

— A Chama de Lapidote nunca se apagou, mãe. Lá em Hedhen, ela continua a arder e enviar sua força para que os desígnios da Profecia sejam fielmente cumpridos.

Priska uniu-se ao grupo de líderes que se sentou aos pés de Deborah, no alto da colina. Afinal, ela havia sido a líder desse povo e soube conquistar seu respeito. Jael ficou com a tarefa de organizar o povo em grupos que possuíssem o mesmo tipo de questionamento. Para isso, ela contou com a ajuda de Zoe. Aos poucos, elas conseguiam manter a ordem. Grupos, separados por tribos de ilhas diferentes, resolveram eleger porta-vozes que falassem por eles, expondo suas dúvidas e problemas. Logo, cada grupo possuía um encarregado para zelar por eles. Jael respirou fundo e olhou para cima. A reunião com os líderes ainda demoraria, por isso ela resolveu preparar tudo para a breve partida. Zoe a alcançou antes que chegasse à casa de Priska, onde estavam suas coisas.

— Jael, eu posso falar com você?

— É claro, Zoe. Mas, enquanto nós conversamos, você não quer me ajudar a arrumar nossas coisas?

Zoe hesitou.

— Algum problema? – Perguntou Jael.

— Eu não vou seguir com vocês.

Jael nada falou, se limitando a parar e escutar.

— Eu me propus a levar vocês até Parthenos, para conseguir as respostas que procuravam. Agora que já sabem para onde ir, eu devo voltar para o meu povo e protegê-los como puder.

— Zoe, não tome nenhuma decisão, antes de falar com Deborah. Ela olha para você e vê algo mais que eu não consigo compreender – Jael riu. – Não quero dizer que você não é especial, mas é que a visão de Deborah vai muito além da minha visão, você entende?

— Sim – Zoe baixou a cabeça. – Na verdade, ela me disse coisas que eu mesma não entendo. E, para ser sincera, eu não sei se gostaria de saber.

Jael a encarou com seriedade.

— Apenas prometa que vai esperar. Caso contrário, eu mesma buscarei você e a trarei de volta.

Zoe teve que sorrir.

— Disso eu não duvido – ela voltou o olhar para o alto da colina e suspirou. – Esperarei.

Jael relaxou.

— Ainda pode me ajudar?

— Claro – Zoe olhou para trás. – Eliah nos chamará, caso precisem de alguma coisa.

Na Floresta de Lubnan, eles seguiam em frente, agora a cavalo. Os animais, que ficaram confusos e desorientados com o ataque à aldeia, após serem recuperados, foram facilmente amansados. Theo encabeçava o cortejo em seu papel de guia. Zoar, ainda sofrendo pelo ferimento da flecha, tentava manter-se firme em sua montaria. A floresta agora se mostrava tranquila e incrivelmente bela, com suas árvores antigas e perfumadas, pequenos riachos e uma vida selvagem animada.

Davi olhou para Eva, que cavalgava ao seu lado. A moça seguia calada e pensativa. Ele sabia que sua vida quase fora tragada pelas raízes e aquilo a abalara sensivelmente. Mas ela soube contornar isso, ao descobrir que a barreira da comunicação mental entre eles e suas mães, havia sido rompida.

— Por que está tão calada? O que a perturba?

Ela sorriu.

— Não estou perturbada com nada, Davi. Estou apenas começando a sentir a floresta de uma forma que nunca senti antes. Estamos cavalgando desde muito cedo e até as gotas de orvalho pareciam brilhar para mim. Não acredito que tenhamos mais nenhum problema até chegarmos ao sopé das montanhas.

Ela virou-se para ele.

— O que diz sua visão profética?

— Não sinto nenhum perigo à frente. Derrotamos um inimigo muito poderoso, e acho que vai demorar um pouco até que soframos outro ataque igual. Quanto à floresta, ainda estou conectado a conversa que tivemos com nossas mães, e a tudo o que passamos. Mas prometo ficar mais atento.

Após um momento de silêncio, ele voltou a falar.

— Você ainda teme a serpente?

Ela suspirou.

— Sim. Mas não vou ocupar minha mente com isso, enquanto não souber exatamente do que se trata.

— A experiência parece ter endurecido você – ele comentou.

Eva olhou surpresa para ele.

— O que você queria? Que eu permanecesse assustada, pulando de medo a cada farfalhar no mato?

— Não, claro que não! – Ele apressou-se a dizer. – É que você sempre soube analisar as coisas com mais profundidade do que eu, desde criança. Acho que a visão profética deveria ser seu dom, não o meu.

— Isso não tem nada a ver com dom, Davi. Eu só acho que não convém seguir esse caminho com medo no coração. Pelo menos, não com aquele medo que te paralisa. Um pouco de temor pelo desconhecido é saudável, pois te faz lutar pela vida.

Ele se calou, ponderando as palavras dela. Em seguida, voltou a falar, expressando uma dúvida que lhe tomava os pensamentos desde que ela lhe contara o ocorrido com as raízes.

— Você disse que as raízes se arrastavam no chão como cobras. Não acha que poderia ter sido esse o desafio pintado naquela parede? As raízes não poderiam ter sido representadas por uma serpente?

Ela refletiu por um momento, e então balançou a cabeça.

— Não. As pinturas retratavam claramente sua luta com o gigante. Não havia simbolismo envolvido. Estava tudo ali, como aconteceu. Pelo menos, foi isso o que você me disse.

Ela olhou para ele. Davi concordou com a cabeça.

— Em algum lugar dessa terra, Davi, existe uma serpente literal me esperando e ela não tem a forma de uma raiz, mas é maior que uma árvore. Ela não virá em forma diferente do que é, e eu quero saber como enfrentá-la.

Ele sorriu e estirou o braço, pegando na mão dela.

— Somos árvores maduras, agora – ele falou.

— Sim, nós somos.

Já era noite quando Deborah desceu a colina. Jael a aguardava no caminho para a aldeia e se surpreendeu por não ver nenhum sinal de cansaço no rosto da irmã.

— Preparei nossas coisas para a viagem, mas acho que devemos esperar o amanhecer – ela falou.

Deborah sorriu.

— Acha que preciso descansar uma noite, Jael? É isso que está pensando, não é?

— Para falar a verdade... sim, eu acho, apesar do seu rosto não aparentar isso.

— Descansarei, mas antes eu preciso falar com Zoe.

Jael franziu o cenho. Deborah percebeu sua confusão.

— O que foi?

— Faz tanto tempo que agimos pela luz, que eu acabo me esquecendo de como éramos sem ela.

— Eu sugiro que se lembre disso, Guardiã. Nod precisa de nós.

Jael sorriu e apontou para a praia.

— Zoe está lá.

Deborah seguiu na direção indicada e Jael foi unir-se à Priska e Eliah, a fim de decidirem a rota que deveriam seguir até Anatolya.

Zoe olhava para o mar com suas águas escuras, quase negras, refletindo o céu enluarado. Ela pensava em seu povo, escondido e oprimido naquela caverna. Uma parte dela queria voltar para protegê-los, mas outra parte a impelia para a frente, ela não sabia bem o motivo.

— Zoe.

Ela virou-se e deparou com Deborah. A rainha de Hedhen parecia irradiar uma energia que contagiava quem estivesse perto.

— Jael lhe contou...

— Ela não precisou me contar – Deborah falou categórica. – O seu caminho é conosco, para Anatolya. Não posso deixá-la para

trás.

— Deborah, o meu povo...

— O seu povo ficará bem, Zoe – havia tanta certeza na voz dela, que Zoe não soube como replicar. – O seu destino não está em Helladan, acredite.

A moça deu um suspiro impaciente.

— Por que estaria em Anatolya, então? Eu não entendo! Nunca tive nenhuma ligação com aquela terra... por que é tão importante que eu vá?

— Às vezes, o nosso caminho só se torna visível quando encontramos a estrada certa para ele.

— Quando você afirma que meu povo ficará bem... fala isso com base em quê?

Deborah sorriu.

— Você aprenderá a confiar em mim, Zoe. O seu povo não é mais visado pelos homens de Abadom. Ele está concentrando todas as suas forças sobre nós e sobre as Árvores da Profecia. Além disso, logo o ocaso de Parthenos chegará e a ilha-prisão deixará de existir. Se voltar, você atrairá o perigo para seu povo.

— Por que eu atrairia o perigo?

— Não quer descobrir? Venha conosco e terá a chance de conhecer a si mesma.

Zoe suspirou resignada. O olhar de Deborah penetrava fundo e ela imaginou como seria aquela mulher com todo o seu poder de luz.

— Acredito em você.

— Eu sei. Prepare-se para partir cedo amanhã. Não quero que o sol nasça nos encontrando ainda paradas. Jael colocou na cabeça que eu tenho que descansar e sei que não vou conseguir fazê-la mudar de ideia.

Leukós, assim como Mélas e Thánatos, embora separados, foram capazes de sentir o rompimento da magia em seus corpos. A presença poderosa de Pyrrós havia desaparecido. O Mago Branco apressou-se a se recolher na cabine do navio. A costa ocidental de Anatolya já estava à vista. Ele planejava aportar em Héfer, principal cidade portuária, e planejar o próximo passo a ser dado para impedir o contínuo acender das chamas. Para isso, ele deveria encontrar-se com o astrólogo de Abadom, Drakan. O homem havia se revelado um verdadeiro inútil para cumprir, sozinho, a tarefa que lhe fora conferida. Mas, nesse momento, perturbado pelas últimas

sensações que o acometeram, ele isolou-se para buscar, através da meditação, uma comunicação com seus irmãos magos. A meditação era uma técnica particular que apenas os Juízes possuíam. Ela lhes foi ensinada pelo próprio Abadom. Avaliando o que havia sentido, ele não tinha dúvidas de que os outros estariam agindo da mesma forma que ele.

— “O poder de Pyrrós apagou-se” – falou a voz arrastada de Mélas.

— “Para onde Lord Abadom o havia enviado? ” – Perguntou Leukós.

— “Ele havia sido enviado para rastrear o movimento das Árvores da Profecia, no meio da Floresta de Lubnan” – quem respondeu foi Thánatos – “Foi lá que a presença dele se apagou”.

— “Thánatos, você pode sentir o que aconteceu? ” – Leukós sabia que o poder da morte era uma especialidade daquele mago.

Houve uma hesitação antes de ele responder.

— “Pyrrós ultrapassou os limites do sono, ao ponto de não poder ser despertado novamente”.

— “Está morto! ” – Berrou Mélas.

Leukós, para falar a verdade, lamentava apenas o fato de que, sem o Mago Vermelho, os Juízes ficavam mais fracos. A

presença de Pyrrós, para ele, sempre foi irritante, principalmente com as tentativas de acalmar a ira desenfreada que contagiava a todos.

— “Muito bem – ele falou com uma voz fria e profunda. – Precisamos nos organizar, então”.

— “O que faremos? ” – Perguntou Thánatos.

Leukós analisou as possibilidades em sua mente. Ele deveria ser friamente metuculoso em seus planos dali em diante.

— “Eu me encontrarei com Drakan em pouco tempo e, juntos, nós rastrearemos os passos da Sacerdotisa, antes que ela alcance o terceiro santuário; Mélas, você vai para Parthenos. Algo aconteceu lá depois da minha partida e pode ter algo a ver com as nossas rainhas perdidas. Eu sei o quanto você deseja reencontrá-las; Thánatos, nós deveremos atingir as Árvores de outra forma. Cruze o portal e volte para Hedhen. Você sabe o que deve ser feito. Além disso, as defesas da terra abençoada estão negligenciadas. Eles não esperam nenhum tipo de ameaça tão cedo”.

Quando a meditação terminou, Leukós levantou-se e saiu para o convés. Ereto e orgulhoso em suas roupas brancas. Com um sorriso de satisfação, ele viu as costas de Anatolya se aproximando.

A Sacerdotisa teria uma boa surpresa em seu caminho. Ele não falharia como seu irmão vermelho.

Capítulo 19

O Santuário de Philos

Noa e Sangar, de cima dos cavalos, observavam a pequena cidade de Philos. Eles estavam no alto de um desfiladeiro rochoso, e a cidade encontrava-se escondida parcialmente em um vale cercado por montanhas, cortada por um estreito braço de rio.

— Essa terra é surpreendente – falou Sangar. – Como é que tanta maldade pode ser acobertada por tanta beleza?

— A maldade de Nod pode não ser visivelmente notada, mas ela está no ar. Eu a sinto até nos ossos. A maldição envolve essa terra como um manto. A beleza é como uma capa a obstruir a visão das pessoas. Um engano.

Sangar tomou-lhe a mão e viu que estava gelada.

— Teme o que vamos encontrar lá embaixo?

Ela balançou a cabeça melancólica.

— Eu não estava pensando nisso.

Sangar franziu o cenho.

— E onde estariam seus pensamentos?

Noa sorriu.

— Em duas cabecinhas ruivas, com vozes estridentes e risadas gostosas, folhas emaranhadas nos cabelos e um cheiro de água de rio em seus corpos.

Sangar sorriu com lágrimas nos olhos.

— Eles estão bem. Nossos filhos estão bem, Noa. Estão seguros.

— Mas estão longe, e isso dói em meu peito.

Nesse momento, Nathan aproximou-se dos dois. Sangar reprimiu uma risada ao ver a pequena figura do sacerdote empoleirado em um garboso cavalo, aonde suas pernas mal chegavam aos estribos. Mais cedo, Héber havia se oferecido para encurtar a correia dos estribos, mas o orgulhoso Nathan o ignorara.

— Apolo disse que Philos é uma cidade comum, composta de pessoas de vida simples. O perigo está naquilo que não vemos. Não enfrentaremos espectros dessa vez, para a felicidade de Eunice, mas nossos inimigos estão lá, infiltrados. Eles tentarão nos impedir de chegar até o santuário.

Noa observou o vale entre as montanhas.

— Apolo nos contou que a chama de Philos podia ser vista à distância, e falou de uma muralha que envolvia o santuário. Eu só vejo a cidade e as montanhas em volta. Onde está o santuário?

Nathan respirou fundo.

— Acredito que esteja em algum lugar dessas montanhas à nossa frente, talvez dentro delas.

— Acha que a “muralha” pode ser uma das montanhas? – Perguntou Sangar.

— E por que não? Já não conhecemos lugares sagrados escondidos em montanhas antes?

Sangar e Noa sorriram.

— Nathan está certo – falou Noa. – Além disso, uma chama azul ardendo no alto de uma montanha poderia ser vista de muito longe.

— Vamos voltar e nos preparar para entrar na cidade – Nathan deu um toque de encorajamento no braço da Sacerdotisa.

Noa olhou para ele e seus olhos se iluminaram.

— O que foi? – Perguntou Nathan.

— Entrar na cidade talvez não seja a melhor opção – ela voltou a olhar para as montanhas. – O santuário não está dentro de Philos. É para as montanhas que devemos ir.

Nathan e Sangar trocaram um olhar duvidoso.

— Eu achei que você tivesse que passar por algum tipo de prova na cidade – disse Sangar. – Uma espécie de “jogo da verdade”.

— Esse teste eu terei que passar – ela concordou. – Mas não tenho certeza se isso se dará dentro da cidade. O meu compromisso é com o santuário, e eu não vejo motivos para atravessar Philos quando temos as montanhas diante de nós.

— Vamos voltar e refletir sobre isso – murmurou Nathan. – Apolo talvez tenha algo a dizer.

Apolo considerou a ideia de Noa, mas não escondeu sua hesitação.

— Eu achei que sua ideia original era entrar na cidade – ele falou coçando a barba.

— Eu ainda não havia visto a geografia do local – ela respondeu.

Héber arqueou as sobrancelhas.

— Geografia? Do que está falando, Noa?

— O santuário está acima da cidade, Héber, e não dentro dela, como em Laos. A muralha é formada pelas próprias

montanhas que cercam a cidade.

— Essa sua decisão tem algo a ver com seu dom sacerdotal?

— Nathan estava curioso. — Sente algo?

Noa sorriu e balançou a cabeça negativamente.

— A visão de Maalá e Eunice não seria diferente da minha, Nathan. Não estou usando nenhum dom para lhes dar essa ideia, mas a minha experiência em batalha.

O pequeno sacerdote parecia confuso.

— O que Noa quer dizer, Nathan, é que não convém invadir o território do inimigo se podemos ir ao nosso objetivo por outro caminho — completou Maalá.

Noa concordou e agradeceu a amiga com um olhar.

— Só um tolo entraria na cova do lobo sem necessidade — resmungou Eunice.

— Não estou entendendo... — Apolo gaguejou. — Isso é apenas estratégia militar?

Noa deu de ombros.

— Também tenho experiência com montanhas, sacerdote — Ela franziu o cenho ao olhar para ele. — Será que só confia em mim como sacerdotisa?

— Eu não a conheci fazendo outra coisa...

Barak pousou a mão sobre o ombro de Apolo.

— Eu posso falar por Noa, Apolo. Pode confiar em sua estratégia. Ela não fala sem conhecimento.

Apolo sorriu.

— Bem, então é melhor comermos algo e partirmos logo, pois o caminho pelas montanhas é tortuoso e difícil. E, além do mais, ainda temos que descobrir a porta do santuário.

Noa apontou para o oeste, em oposição ao lado em que estavam.

— Acho que a encontraremos ali. As montanhas mais altas estão concentradas no mesmo lugar e, segundo a história que Apolo nos contou, a chama podia ser vista de longe.

Todos concordaram com Noa. Philos não estava, a princípio, parecendo um desafio. No entanto, o perigo daquele santuário estava na dissimulação. E isso o tornava oculto e inesperado.

Descer e contornar a cidade, evitando serem vistos ou notados, foi uma ação que custou quase um dia inteiro, pois as passagens eram íngremes e qualquer passo em falso dos cavalos os levariam para baixo. Em alguns trechos, eles tiveram que apear e conduzir os animais, puxando-os pelas rédeas. Quando, finalmente,

atingiram o sopé das montanhas circundantes, já era noite alta e todos estavam exaustos. Sarah apressou-se a acender uma fogueira e preparar chá de viagem para repor as energias. As paredes montanhosas que pairavam sobre eles realmente lembravam uma muralha natural.

Durante a madrugada, enquanto dormiam, pois, até mesmo Joakim, que havia ficado de guarda, parecia ter caído em um sono profundo, uma brisa soprou sobre eles. Noa abriu os olhos e sentou, piscando confusa. Ela apurou os ouvidos e pareceu-lhe ouvir sons que vinham com a brisa. Era música! A Sacerdotisa levantou-se e olhou em volta. Ela tentou acordar os amigos, mas aquele sono não era natural. Com um suspiro, ela decidiu enfrentar o que tivesse pela frente. Colocando a espada pendurada na cintura, ela cobriu-se com o manto cor de vinho e puxou o capuz. Em silêncio e com passos decididos, ela montou em Tempestade e seguiu a música que vinha com a brisa.

Noa seguiu pela encosta da muralha montanhosa e, a cada passo que o cavalo dava, o som ia ficando mais claro. De repente, tudo parou. A brisa, que até poucos segundos a obrigava a segurar o capuz, sumira, assim como o som. Ela olhou para trás e constatou

o que já suspeitava. Estava longe demais dos amigos para gritar por eles. Aquele teste, ela teria que enfrentar sozinha. Uma luz estranha chamou sua atenção, originando-se de um ponto na muralha. Tentando conter a ansiedade, ela cavalgou em sua direção. Havia uma brecha naquele muro sólido. Uma pequena abertura. Degraus forjados na pedra formavam um caminho que adentrava a montanha, direto para cima. Ela desmontou e, no mesmo instante, virou-se com a espada na mão ao ouvir o som de passos atrás de si. Diante dela estava três homens, tão baixos quanto Nathan. Eles usavam longas túnicas com capuz, o que lhe dificultava ver-lhes o rosto.

— Abaixei sua espada, Sacerdotisa – disse o homem do meio.

— Não vai precisar dela contra nós.

— Quem são vocês? – Ela não baixou a espada, e não o faria tão cedo.

— Somos o que sobrou dos guardiões do santuário.

Noa analisou as três figuras estáticas, paradas na sua frente.

— O que são vocês?... Quero dizer... São humanos, espectros ou o quê?

Um dos homens riu e ela achou que a risada soava como a de uma pessoa velha.

— Somos tão humanos quanto você, minha jovem – ele respondeu com a voz trêmula pela idade.

— Eu não pensei em encontrar guardiões aqui, mas inimigos – ela tentou explicar.

— A Assembleia das Trevas não existe mais – falou o terceiro, cuja voz era mais delicada, embora soasse firme. Noa julgou que fosse uma mulher. – O inimigo que você procura está esperando por você.

Noa franziu o cenho.

— E onde está ele? Você acabou de dizer que a Assembleia das Trevas não existe mais.

— Quando o santuário caiu, eles não conseguiram romper o selo e abrir a porta – explicou o homem do meio. – O fato é que, assim como não conseguiram entrar, resolveram que outros também não deveriam conseguir. Dessa forma, criaram armadilhas no caminho. Armadilhas espirituais que apenas uma sacerdotisa nata seria capaz de reconhecer.

Finalmente, Noa abaixou a espada.

— Você deve deixar sua espada conosco – disse a mulher.

— O quê? Mas eu não...

— O teste só terá validade se você o enfrentar apenas com os instintos que nasceram com você – falou o mais velho. – Isso não inclui essa armadura invisível que a protege. Também terá que deixá-la.

Noa olhou de um para o outro, visivelmente perturbada.

— Não conheço e nem confio em vocês o suficiente para fazer isso. Sinto muito.

A um só tempo, os três a rodearam de mãos dadas e cada um fez menção de uma palavra cantada numa língua que Noa não conhecia. De repente, ela sentiu-se nua, como se algo tivesse sido retirado dela. Sentindo-se tonta, ela caiu de joelhos, soltando a espada e respirando agitadoamente, como alguém que acaba de recuperar o fôlego. Os três guardiões se afastaram, dando-lhe espaço.

— O que vocês fizeram? – Noa perguntou.

— Sua armadura foi retida por nós, mas lhe será devolvida quando voltar – disse a mulher.

— Como vocês puderam fazer isso? Que tipo de poder é esse?

— Um poder que nos foi outorgado pela Sacerdotisa de Philos – disse o velho. – Ela ainda estava viva quando a encontramos aos pés da escadaria. Ela disse que o caminho do santuário só poderia ser trilhado novamente por uma verdadeira sacerdotisa, mas a magia contida nas armadilhas usaria o poder do sacerdócio contra ela mesma. Portanto, você só poderá fazer uso de seus instintos, caso contrário, acabará lutando contra si própria.

— E foi ela que lhes deu o poder para me desarmar?

— Não teríamos tal poder por nós mesmos.

Após um suspiro relutante, ela pegou a espada e a entregou para o guardião mais próximo. Em seguida, retirou o manto e o capuz, e deixou-os pender no chão.

— Se eu devo enfrentar esse caminho sem armas sacerdotais, então é como Noa que eu vou.

Um dos guardiões pegou em sua mão e ela olhou para baixo. Era a mulher.

— Você vai voltar – a pequena mulher afirmou. – Guardaremos tudo o que lhe pertence.

Noa sorriu de volta, mas, por dentro, a advertência clamava em seu coração.

— Sei que vocês esperam por isso há muito tempo – ela disse. – Não vou decepcioná-los. Não decepcionarei os guardiões que deram suas vidas por este lugar.

Ela iniciou a subida sem olhar para trás. Um vento soprava, vindo de cima e entoando gemidos ao passar por fendas estreitas. Não estava totalmente escuro, pois a lua cheia espalhava sua luz branca pela noite. Os degraus eram feitos de pedra bruta, lavrada na própria montanha. O caminho era estreito, portanto, ela pode apoiar-se na parede rochosa enquanto subia. O vento não diminuía e tornava-se mais frio a cada nível alcançado. Noa teve que apertar o casaco de tecido grosso que usava em volta do corpo e apertar os olhos, para evitar os pequenos grãos de gelo que pareciam acompanhar a ventania. Involuntariamente, ela começou a bater os dentes. O frio intenso era uma boa maneira de deixar seus instintos mais lentos. E teria conseguido, se Noa não houvesse nascido e crescido em um ambiente gelado, enfrentando climas montanhosos com nevascas.

Ela parou ao avistar uma pequena plataforma cinco degraus acima. Algo lhe dizia que o primeiro teste estava se aproximando. No meio da plataforma, havia uma coluna arredondada de meio metro. Noa subiu e aproximou-se. Ela tocou com a mão a superfície lisa e empoeirada do pequeno monumento. Havia uma inscrição. As letras brilhavam com os raios da lua, como se fossem feitas de prata. Aquela língua, a princípio, lhe pareceu completamente desconhecida. Noa apoiou-se com as duas mãos sobre a coluna, encarando aquelas palavras misteriosas e tentando fazer seus instintos funcionarem apesar do frio. Ela era uma sacerdotisa que nascera com os dons, e o dom de conhecer qualquer língua fazia parte dela. Foi assimilando isso que ela viu as letras tornarem-se legíveis diante de seus olhos. De repente, um texto claro brilhou para ela. Ela o leu, repetindo as palavras em voz alta.

"A sabedoria consiste em seguir o seu lado forte, evitando a escuridão que pode lhe tragar para o abismo sem fim, e firmar seus pés sobre uma base sólida que a guiará pelo caminho da verdade".

Noa suspirou e sentou-se encolhida, tremendo de frio encostada a coluna. Ela precisava pensar. Aquelas palavras

encerravam seu destino dali para frente, por isso não convinha ter pressa. A única coisa que parecia certa para ela era o fato de que o texto fora feito para uma sacerdotisa ler. Não foram os inimigos que plantaram aqueles testes no caminho, como os guardiões haviam dito. Eles haviam mentido! E, caso sua intuição estivesse certa, ela não poderia voltar agora, mesmo que quisesse. Só lhe restava uma alternativa. Ela fechou os olhos e se concentrou. Seria uma tentativa dolorosa, mas ela tinha que fazer.

Maalá despertou como se alguém houvesse gritado em seus ouvidos. Ela olhou em volta, atordoada, e tudo o que viu foi um acampamento adormecido. Tudo poderia estar bem se não fosse o fato de Joakim, que deveria estar de guarda, se encontrar adormecido com a espada largada no chão, e do local onde deveria estar Noa se encontrar vazio. Ela levantou-se de um salto.

— Acordem! — A voz dela foi alta e firme. — Vocês precisam acordar!

Ela correu até Barak e sacudiu o corpo do rei. Fez o mesmo com todos, até que começaram a se mexer.

— O que aconteceu? — Joakim gemeu. — Minha cabeça está latejando... eu dormi no meu posto?

— Não acho que tenha sido culpa sua, Joakim – disse Maalá.

– Todos nós fomos acometidos por algum tipo de sono sobrenatural.

Sangar ergueu-se e olhou em volta.

— Onde está Noa?

— Ela não está aqui – disse Maalá. – Ela já havia sumido quando acordei.

Sangar olhou para a mulher com uma expressão apavorada.

Maalá ergueu as duas mãos.

— Antes que você se desespere, Sangar, eu tenho que dizer algo.

Barak aproximou-se e encarou Maalá.

— Seja lá o que tem para nos dizer, devemos ouvir com atenção – ele falou. – Você foi a única a despertar. Por quê?

— Eu julgo ter ouvido algo. Não foi um som audível, mas soou alto em minha cabeça. Alto o suficiente para me fazer acordar.

— E o que você acha que foi esse som, filha? – Apolo perguntou atônito.

— Eu e Noa costumávamos fazer esse tipo de exercício mental na Ordem, durante os treinamentos. Era uma maneira de darmos um sinal discreto de líder para líder. A ligação de nossos capacetes invisíveis nos proporcionava isso.

— Então, você acha que... – Sangar estava esperançoso.

— Eu acredito, de todo o coração, que foi ela quem me acordou, enviando-me um sinal e, mais do que isso, me estimulando para aquela direção – ela apontou para a muralha de rocha.

Héber pôs a mão no cabo da espada.

— Nesse caso não há o que questionar. Vamos todos! Noa pode estar em perigo.

Em pouco tempo, estavam todos nos cavalos, seguindo Maalá pelo sopé da muralha rochosa.

Noa gemeu e pôs a mão na cabeça. Sem a armadura espiritual, o envio daquele sinal através da mente exigiu um esforço que ela teve de extrair do próprio dom, coisa que nunca havia tentado antes. Mas ela era a Sacerdotisa e isso fazia parte dela, querendo ou não. A dor na cabeça foi diminuindo aos poucos e ela se pôs a pensar no enigma. Uma sentença não lhe saía da mente. *“A sabedoria consiste em seguir seu lado forte”*. Que lado forte? Se, como ela pensava, aquele teste fora criado pela própria sacerdotisa de Philos, então esse “lado forte” deveria estar se referindo a uma sacerdotisa. O “lado forte” de uma sacerdotisa, independente de ela

ser destra ou canhota, era o lado direito. Era a mão direita que sustinha o poder da cura; a espada espiritual era uma extensão de seu braço direito; foi da mão direita que surgiu a chama azul de Laos.

Com uma nova disposição, ela levantou-se e encarou o portal de pedras na sua frente, que indicava uma nova etapa do caminho. A escada ali era mais larga e ela se pôs a caminhar pelo lado direito, com as costas quase grudadas à parede da montanha. Ela podia ver, de vez em quando, perceptíveis rachaduras no meio da escadaria. Ajoelhando-se devagar, ela pegou uma pequena pedra e a jogou no centro de um dos degraus, que se encontrava um pouco mais atrás. O resultado foi o esperado, mas, ainda assim, a surpreendeu. O pequeno peso da pedra foi o suficiente para abrir um buraco na escadaria, revelando a escuridão do abismo lá embaixo. Com um suspiro, ela continuou sua caminhada cuidadosa. O vento, que ali era mais forte, açoitava seu rosto dificultando a visão. Ela quase chorou de alívio ao ver uma nova plataforma surgir, indicando o final daquela etapa.

Priska possuía uma balsa de toras cujo tamanho era ideal para viagens longas. Nessa balsa, ela costumava visitar as outras

ilhas e fazer seu próprio comércio interno. Eliah seguia sendo o responsável pelo leme, tentando manter a embarcação sobre a corrente marítima. Não havia necessidade de vela, pois a corrente era forte o suficiente para levar a balsa até as terras de Anatolya, contanto que não se afastasse dela. Priska e Deborah dormiam tranquilamente, embaladas pelo balanço do mar. Jael polia suas flechas e procurava afiar as que pareciam cegas, enquanto Zoe postava-se de pé, braços cruzados, olhando as terras que se aproximavam. Apenas uma sombra na escuridão da noite, mas cuja massa sólida podia ser notada com facilidade.

— Deborah tinha razão – ela falou.

— Sobre o quê? – Jael perguntou sem erguer a cabeça.

— Há algo para mim ali, embora eu não saiba o que, exatamente.

Jael sorriu.

— Bem-vinda ao mundo da Profecia.

— Zoe a olhou com curiosidade.

— Era assim com você também?

Jael soltou a flecha que polia com um suspiro, e olhou para cima.

— Por que não senta e me conta o que está sentindo?

Zoe obedeceu.

— Vai acontecer algo essa noite. O meu coração bate como se eu estivesse me aproximando de uma coisa muito importante. É quase como se eu não estivesse aqui completamente.

— Como se uma parte de você, uma parte que você ainda não conhece, estivesse lá na frente, naquela massa escura de terra que chamam de Anatolya? – Perguntou Jael.

Os olhos de Zoe se iluminaram.

— É exatamente isso!

— Isso se chama interseção, Zoe. Alguém precisa de você, mas você está distante.

— E... o que eu posso fazer?

Jael podia sentir a aflição por trás das palavras da moça.

— Esqueça que eu estou aqui. Esqueça que há mais pessoas nessa balsa. Fique confortável e feche os olhos. Concentre-se naquela terra lá adiante e deixe-se levar pela vontade do Pai. Ele a guiará. Mas esteja pronta para enfrentar obstáculos em seu caminho. Eu ficarei observando.

— Você já fez isso antes?

Jael sorriu.

— Sim, eu já fiz.

Zoe agradeceu com um pouco de nervosismo e fez o que Jael sugeriu.

Noa alcançou a plataforma e viu, consternada, o novo problema que tinha diante de si. Três caminhos se abriam para ela. Um para a esquerda; um para a direita; um para frente. Ela olhou em volta. Nenhuma inscrição. Então, tudo estava vinculado aquele primeiro texto. O final dele dizia "*uma base sólida que a guiará pelo caminho da verdade*". O mais lógico seria seguir em frente, mas seus instintos diziam outra coisa. Ela estava sobre uma base sólida e deveria permanecer nela. Foi assim que ela continuou pelo caminho da direita. Não havia mais rachaduras e a escadaria voltara a ser firme novamente.

Enquanto subia, Noa observou que os testes tinham a ver com os três níveis de dons que ela possuía. O primeiro envolveu a leitura e interpretação de uma língua desconhecida. Agora, ela precisou usar a mente e o discernimento para escolher o caminho certo. O que ela teria pela frente, já que o terceiro nível dos dons envolvia as coisas do espírito? Se houvessem armadilhas, elas teriam sido colocadas nas passagens erradas que ficaram para trás.

O caminho voltara a ficar estreito novamente e, agora, era um pouco mais íngreme. Ela subiu até sentir as pernas cansadas e a respiração difícil. Quando chegou a uma curva do caminho, ela viu ao longe, não uma plataforma, mas uma abertura na montanha, do tamanho de uma enorme caverna. E o caminho seguia para dentro dela. Respirando fundo, Noa forçou-se a caminhar mais rápido. Quando chegou a entrada da caverna, ela caiu de exaustão e deixou-se ficar ali por um instante, a fim de se recuperar. Virando o rosto, ela conseguia ver a porta encravada na parede da caverna, que não era muito funda. Uma porta tão grande e ornamentada quanto a de Laos. Uma fumaça verde subia do chão e cobria o caminho até ela. Ela não gostou daquela fumaça. Um último teste?

— Levante-se – disse uma voz atrás dela. – Você está quase lá.

Ela sentou-se assustada, olhando para trás. O Ancião sorria para ela. Ele estava encostado a uma rocha e mantinha os olhos fixos na direção da porta.

— O Senhor? – Ela levantou-se.

— Você chegou até aqui. Agora, deve enfrentar a mais difícil das provas. Ela vai tentar destruir seu espírito, sua vontade, sua fé. Mas somente você é capaz de sair vitoriosa.

— Essa é a verdadeira prova, não é? As outras poderiam ser facilmente descobertas por alguém mais astuto.

— Acha mesmo? Será que qualquer um seria capaz de ler aquela inscrição? A escolha do caminho não teve muitos segredos, admito. Mesmo assim, muitos escolheram o caminho errado. Mas, para chegar até aquela porta lá na frente, Noa, deve ser alguém muito especial. Alguém como você. Agora vá! Saiba que não está sozinha.

Noa assentiu obedientemente e caminhou para a caverna. O caminho não era longo, mas trazia algo opressivo e oculto naquela fumaça verde. Respirando fundo, ela entrou.

A princípio, ela não percebeu nada, além de um frio que lhe subia pelas pernas. A fumaça chegava até sua cintura e parecia gelada como a morte. Aos poucos, enquanto andava, foi sendo encoberta até estar totalmente envolta pela névoa. Ela parou ao sentir o coração bater de forma descompassada. Havia mais alguém à sua volta. Ela podia ouvir sussurros, cochichos.

— Quem está aí? – Ela perguntou sem muita segurança na voz.

“Não reconhece minha voz, Noa? ”

Noa parou e levou a mão ao coração.

— Pai?

“Por que me deixou morrer naquela montanha gelada? Você conhecia a Profecia. Estudava-a escondida. Por que me abandonou para morrer? ”

— Eu não fiz isso! Como eu poderia saber?

“Você era a minha garotinha. Eu confiei tanto em você. Por que me traiu? ”

A voz trazia um tom tão lamentoso que Noa prostrou-se de joelhos com as mãos nos ouvidos. Mas as vozes estavam dentro dela.

“Mãe, você foi embora e nos deixou. Por que fez isso? ” – Era a voz de Caio.

“Por que tirou papai de nós? ” – Cloé choramingou.

“Você preferiu o poder do sacerdócio e nos abandonou” – falaram os dois juntos.

“Parece que sua vida é abandonar as pessoas que ama” – era a voz do pai novamente.

Noa fechou os olhos com força. Mas as vozes continuavam, como chuva caindo sobre ela. Eram vozes acusadoras. Ela tentou levantar, mas a fumaça estava tão espessa que ela não sabia ao

certo para onde ir. O frio agora lhe envolvia o corpo inteiro e ela começou a tremer.

— Parem! Parem de me acusar! – Ela suplicou.

“Confesse sua culpa, assassina! ” Agora era a voz de Dathan, o mercenário que ela havia matado quando ele tentara usurpar a liderança de Sangar.

“Confesse e tudo terminará” – a voz continuou.

Noa estava a ponto de ceder quando sentiu que não estava só. Uma presença nova encheu o lugar e as vozes começaram a gritar e gemer.

— “Caminhe para frente e não pare! ” – Era uma voz de mulher. – “Eu os segurarei aqui”.

Noa hesitou.

— Quem é você?

— “Olhe, não há tempo para isso agora. Você tem uma missão que deve cumprir, e eu estou aqui para ajudá-la. Agora vá!”.

Sacudindo a cabeça, Noa correu o mais rápido que pode até sair da névoa. Ela tropeçou e caiu aos pés da porta do santuário. Ao levantar-se e olhar para trás, ela viu que no meio da névoa havia um brilho que destoava de todo o resto. Esse brilho foi ficando mais

fraco até que sumiu junto com a névoa. Agora só restava a entrada normal da caverna. Ofegante e virando-se para a porta, ela simplesmente a tocou e esta se abriu. Lá dentro só havia um grande salão cheio de colunas ladeando um corredor central. Ao fundo, encontrava-se o altar onde a chama deveria estar queimando. No teto, acima do altar, havia uma abertura circular. Noa hesitou.

— Está errado – ela murmurou. – Eu não passei no teste. As vozes venceriam. Não sou digna de acender a chama.

Em resposta, ela sentiu o formigamento em sua mão direita. Erguendo-a com a palma para cima, ela viu a pequena chama bruxuleante de um tom azulado. Sentindo a esperança renascer, ela caminhou decidida pelo corredor, mas teve os pés enlaçados por algum tipo de fio e caiu de bruços, fechando a palma da mão e protegendo a tocha. Ao virar-se, ela viu os guardiões. Os três postavam-se junto à porta e um deles segurava uma estranha arma que soltava fios. Ele começou a arrastá-la de volta com uma força desproporcional ao seu diminuto tamanho. Os outros dois a aguardavam com lanças em cada lado do corredor.

— Obrigado por abrir o santuário para nós – disse o homem que a puxava. – Agora, Lord Abadom nos recompensará por termos

impedido a Sacerdotisa.

Noa tentava se agarrar a qualquer coisa que lhe servisse de apoio, mas não havia nada além de colunas, e estas estavam fora de seu alcance. O velho e a mulher estavam prontos para dar o golpe final e acabar com sua vida quando, de repente, o homem parou de puxar. Ele cambaleou e caiu para frente com uma flecha prateada nas costas. Sarah! A mulher deu um grito de raiva e atirou a lança, mas Noa virou-se a tempo e ela bateu no chão ao seu lado. Nathan abateu o velho, enquanto Eunice pegava a mulher. Sangar cortou os fios que prendiam as pernas dela e a ajudou a levantar. Os dois se abraçaram.

— Você está bem? – Ele perguntou aflito.

— Graças a vocês, que chegaram a tempo – ela arfou.

— Agradeça à Maalá – ele respondeu.

O formigamento na mão aumentou e ela a abriu, liberando a chama.

— Cumpra sua missão, meu amor – disse Sangar.

Noa sorriu e correu para o altar. A chama azul pulou de sua mão e encontrou o seu lugar. Diferente da outra chama, ela se expandiu para cima, ficando com uma parte a queimar para além

da abertura do teto. A Chama de Philos fora acesa e agora sua luz poderia ser vista por todos.

Jael há muito esquecera as flechas e pusera-se a observar Zoe, enquanto esta parecia realmente ter sido “puxada” para outro lugar. A moça parecia dormir com a cabeça apoiada nos joelhos flexionados, mas Jael sabia o que era a interseção, e preferiu apenas ficar por perto, caso Zoe precisasse de sua ajuda. De repente, a ex-vigilante ergueu a cabeça tomada de assombro. Era como se houvesse sido acordada de um pesadelo.

— Zoe, tudo bem? – Jael foi até ela.

— O que foi isso, Jael? Eu dormi? – Zoe falava de maneira ofegante e agitada.

— Fique calma e me conte o que viu – a voz de Jael era firme, mas tranquilizadora.

Zoe respirou fundo e bebeu um gole de água do odre que Jael lhe ofereceu.

— Havia uma névoa verde, muito espessa, e vozes...

— Vozes? Falavam com você?

— Não. Elas se dirigiam a outra pessoa... uma mulher. Usavam palavras acusadoras, mas, no íntimo, eu sabia que

mentiam. Sabia também que era aquela mulher que eu tinha de ajudar. Ela precisava fazer algo, concluir algo importante... para ela e...

— E? – Jael perguntou, após a indecisão de Zoe.

— Pode parecer loucura, mas a missão dela parecia ser importante para mim, também.

Jael sorriu.

— Você viu essa mulher, Zoe? Pode descrevê-la para mim?

Zoe forçou a mente a voltar ao que ela julgava ter sido um sonho.

— Ela tinha os cabelos longos e castanhos, quase avermelhados. Não vi seus olhos, pois ela estava ajoelhada e de cabeça baixa. Mas eu vi as sombras à sua volta, tentando enganá-la, usando vozes de outras pessoas. Foi aí que eu saltei para o lado dela e me vi com uma espada na mão. A espada brilhava, e isso afastou aquelas sombras. Eu falei com ela e lhe mandei correr. Não precisei lutar, mas a luz que emanava da espada foi suficiente para fazer as sombras sumirem. Então, eu acordei. Isso foi um sonho, não foi...?

Jael pousou a mão no ombro dela, enquanto falava.

— Zoe, você não teve um sonho. Você lutou no mundo espiritual para proteger outra pessoa que precisava de sua ajuda. Eu sei quem é a mulher que você viu, e sei qual é a missão dela. E agora sei por que Deborah insistiu para que viesse conosco.

— Então, me explique... por favor.

— A mulher que você viu é Noa, a Sacerdotisa de Nod. Aquela que vem acendendo as chamas dos santuários.

— E o que eu tenho a ver com ela? – Zoe perguntou, espantada.

— Isso eu não sei. Mas, como você mesma disse, a missão dela era importante para você também. Tudo o que sei é que precisamos encontrar um sacerdote que lhe dê as respostas que precisa. Mas creia que você esteve no mundo espiritual em um momento real, e lutou com uma espada também espiritual. Se hoje uma chama tiver sido acesa, foi graças à sua interseção.

— Mas como eu, uma simples vigilante, poderia interceder por uma sacerdotisa? Isso não faz sentido, Jael.

— A não ser que o sacerdócio também corra no seu sangue. Por muito tempo, Noa foi apenas uma guia de montanhas.

Para aquela afirmação, Zoe não teve argumentos.

Abadom, o Grande, observou impassível a segunda chama se extinguir no alto da colina. Mais uma vitória da sacerdotisa. Dois santuários perdidos significavam uma diminuição de seu poder. E isso era inadmissível. Ele, um deus entre os homens, detinha o poder total e não o perderia. Não era hora para soltar berros de ira e fazer tremer seu palácio, mas era hora de pensar com fria calma. A Sacerdotisa era mais forte do que supunha, e mais esperta também. A Chama de Philos, entre todas, guardava um verdadeiro teste de poder. Mas como ela conseguira chegar até o final do caminho sozinha? Ou ela não estaria sozinha?

Noa parou diante da porta do santuário e olhou o espaço, agora livre de qualquer névoa. Sangar chegou por trás e a abraçou.

— Você conseguiu mais uma vitória.

— Eu não estava sozinha, Sangar – ela comentou. – Eu não teria conseguido sem a ajuda dela.

— Dela? De quem você está falando?

— Alguém surgiu e batalhou contra as vozes que me acusavam. Não vi seu semblante, mas pude sentir sua presença e ouvir sua voz.

— Acha que foi uma interseção?

Noa suspirou.

— Não consigo pensar em outra coisa. Naquele momento, eu tenho certeza de que estávamos entre os dois mundos.

— Deborah? Jael?

— Não – Noa foi categórica. – Eu reconheceria a voz delas.

Ela ficou em silêncio.

— Ora, vamos lá, Noa! O que exatamente você está pensando?

— Sangar, esses testes foram criados por uma sacerdotisa, para serem vencidos por outra sacerdotisa. Nem mesmo a interseção anularia esse fato. Eu acredito que não sou a única, como todos pensam.

Nathan e Barak aproximaram-se deles bem a tempo de ouvir a história.

— Do que está falando, Noa? – Nathan perguntou. – Outra sacerdotisa?

— Acha que pode ser possível, Nathan? – Perguntou Sangar.

— Esse não é um assunto que domino, mas acho que é possível sim. A presença de Noa e o nível de poder concentrado dentro dela, podem ter despertado os dons de outra sacerdotisa.

Dons que se encontravam adormecidos porque as chamas estavam todas apagadas.

Noa sorriu e Barak a imitou.

— Parece mais aliviada com essa notícia – ele falou.

— E estou – ela confirmou. – Hoje, no último teste... foi um fardo muito pesado, Barak. Não venci por mim mesma. Por um momento, achei que não era digna de acender a chama.

— Mas acendeu – Nathan se interpôs.

— Sim, eu acendi.

Ela olhou para trás, observando os três corpos dos falsos guardiões serem arrastados para fora do santuário. Joakim, Eunice e Sarah encarregaram-se do trabalho.

— Como vocês chegaram até aqui? – Ela perguntou.

— Maalá recebeu sua mensagem – Sangar explicou.

— Eu não tinha a certeza de que daria certo. Mas e quanto às armadilhas? Como passaram por elas?

Barak deu de ombros.

— A inscrição não foi lida por nenhum de nós, mas as rachaduras na escadaria pareciam brilhar indicando o lado direito como o mais seguro. Também havia rachaduras em dois dos três

caminhos a seguir, menos no da direita. Você praticamente deixou a trilha aberta para nós.

— E para eles – ela indicou os três corpos com o cenho franzido. – Enganaram-me no início e chegaram até a me tomar a armadura espiritual, mas eu percebi o engodo logo no primeiro teste, após ler a inscrição. Foi por isso que busquei Maalá. Foi doloroso chegar até a mente dela sem o elmo da armadura. Não sou uma Luminar.

— Eles lhe tomaram a armadura? – Nathan estava perplexo.

— Sim. Mas não se preocupe com isso, Nathan. Eu já a sinto de volta. Senti-a retornar no momento em que acendi a chama.

O pequeno sacerdote esfregou as mãos uma na outra, preocupado.

— A magia de Nod me surpreende. Há níveis que sinto serem impossíveis de compreender.

Capítulo 20

A Queda de Parthenos

As ilhas uniram-se pela primeira vez em prol de um objetivo comum. A liberdade. Priska havia semeado entre eles o anseio pela

sobrevivência, ensinando-os a buscar na terra os meios necessários para viver. Mas era uma vida escondida, dominada pelo medo. Agora tudo havia mudado. Eles podiam fazer mais, se trocassem o medo em seus corações pela vontade de ser livres da opressão. Depois que a balsa partiu, levando o velho Eliah e as quatro mulheres guerreiras, os chefes das tribos isolaram-se em uma reunião cujo resultado foi a convocação de todos os homens e mulheres capacitados para lutar. Um ritual milenar de antecipação à guerra voltou a ser realizado. Os tambores soaram durante dois dias inteiros até silenciarem por completo, indicando o prenúncio de algo importante.

Quando o dia raiou, da torre de vigia principal em Parthenos, pôde-se avistar as inumeráveis embarcações que se aproximavam com leveza de sua costa acidentada. Cada barco trazia um mínimo de trinta guerreiros, todos com os rostos pintados e vestidos para a guerra, fortemente armados e perigosamente decididos.

O alarme soou naquela prisão que se orgulhava de suas muralhas, símbolo da sua segurança. Soldados foram convocados para assumir suas posições sobre os muros, negligenciando a vigilância dos prisioneiros. Estes, organizados em facções lideradas por Ficol e outros rebeldes, desestabilizaram a ordem interna da

prisão. Os portões foram abertos, os guerreiros chegaram à praia e invadiram a prisão. Rebeldes e guerreiros lutaram juntos, quebrando correntes e dominando o inimigo que, apavorado, não sabia para onde correr. As sacerdotisas de Parthenos fugiram em grupos pequenos por passagens que apenas elas conheciam. Entre elas estava Oolibama. De seu lugar secreto, lamentando ao lado de outras sacerdotisas e magos sobreviventes, ela assistiu à queda de Parthenos.

Leukós não precisava de mensagem alguma para saber que outra chama sagrada havia sido acesa. Ele, como mago, sentia isso na pele. A diminuição de seu poder. Drakan o observava com olhos atentos e ansiosos, desapontado por não estar mais no controle da situação. O mago branco caminhava de um lado para o outro, cabeça baixa e mãos entrelaçadas nas costas. A vista do Palácio de Héfer, que ficava de frente para o mar, era deslumbrante, mas a beleza não era algo que pudesse seduzir um Juiz. Ele aguardava notícias de Mélas. O mago negro já devia ter chegado à ilha-prisão. A guerra estava sendo travada sem exércitos, e eles estavam perdendo forças. Isso tinha que mudar. De algum lugar deveria vir a vitória.

Quando Mélas aportou em Parthenos, ficou estarrecido. Os muros de pedra jaziam em ruínas. Ele vira a fumaça de longe, lembrando-se da insinuação de Leukós. O mago branco achava que algo havia acontecido na ilha-prisão e estava certo. Enquanto subiam o promontório, os magos guerreiros que o acompanhavam tentavam sentir alguém vivo no meio daqueles corpos. Entretanto, o esforço parecia penoso, já que uma parcela de poder lhes foi novamente tirada. Rangendo os dentes, Mélas praguejou contra o poder de Hedhen que ousou invadir seu mundo.

Já dentro dos muros arruinados, ele dividiu seus homens em uma busca frenética, enquanto ele mesmo concentrava-se em passear e observar os estragos. Era quase impossível imaginar que aquela fora a prisão inatingível de Parthenos, o orgulho de Lord Abadom. Ele ouviu o som de passos leves ao se aproximar do portão que levava às pedreiras e virou-se. Um grupo de meia dúzia de mulheres parou diante dele. Elas estavam sem os véus que cobriam seus rostos, num gesto de submissão total a ele. Uma delas avançou para ele e ajoelhou-se quase a seus pés. As outras imitaram seu gesto um pouco mais atrás.

— Sacerdotisas de Parthenos – ele falou entre os dentes. – Como sobreviveram a esse massacre, enquanto soldados e magos jazem mortos por todos os lados?

— Estávamos na câmara interna quando aconteceu, meu senhor. Realizávamos um pequeno ritual de experiência com alguns prisioneiros. Ouvimos o barulho e achamos por bem buscar um refúgio. Afinal, alguém precisaria estar vivo para contar o que aconteceu.

Mélas suspirou. Aquela mulher era inteligente e lhe podia ser útil. A técnica que aquelas feiticeiras possuíam ser-lhe-ia muito necessária, principalmente agora, que o poder dos magos havia sido abalado.

— Como se chama?

— Oolibama, meu senhor.

— Você é a líder de sua ordem ou existe outra?

Houve uma pequena hesitação antes da resposta.

— Nossa líder foi morta, assim como todas as outras. Somos as únicas sobreviventes e posso dizer que sim, sou a atual líder, na falta de outra mais experiente.

Mélas deu uma nova olhada em torno.

— Conte-me o que aconteceu, Oolibama.

A mulher ergueu-se e recolocou o véu sobre o rosto.

— O povo das ilhas veio durante a noite, e quando o sol surgiu, os barcos já estavam praticamente na praia. A invasão não pôde ser evitada por sinais de alerta. Não houve tempo. Aproveitando-se da confusão, grupos rebeldes, que continuavam a conspirar dentro da prisão, engendraram uma revolta interna que acabou por desestabilizar as forças de segurança de Parthenos. O ataque de ambos os lados foi intenso, organizado e feroz.

— Depois de tanto tempo, o que acha que os motivou a isso?

— Aquelas mulheres – ela falou em um tom contido.

Mélas deu um passo à frente.

— Que mulheres?

— As três guerreiras que entraram em nossos muros, disfarçadas como nós. Elas buscavam algo e tiveram contato com um desses grupos rebeldes. Na fuga, foram ajudadas por nativos das ilhas.

— Como eram essas mulheres?

— Elas eram diferentes. Uma força estranha e poderosa caminhava com elas. Eu tentei conseguir essa força para mim, mas não pude. Tudo o que sei, é que Parthenos caiu após sua passagem.

Mélas ficou em silêncio, pensando. Deborah e Jael estiveram ali. Mas havia outra, uma terceira mulher. Quem poderia ser? Aquela caçada estava ficando interessante.

— Você tem razão, mulher. Aquelas guerreiras precisam ser detidas. Como saberemos onde estão agora? Nas ilhas, talvez? Nesse caso, será preciso um verdadeiro exército para chegar até elas.

— Eu sei para onde foram as guerreiras, mago negro – o tom orgulhoso da mulher o fez virar-se. – Interrogamos um sobrevivente que, por sinal, fazia parte do grupo rebelde. Ele não conseguiu fugir com os outros. O destino delas é Anatolya. Elas estão em busca da nova Sacerdotisa.

— Anatolya? Se aquelas mulheres unirem suas forças com as da Sacerdotisa, aí sim teremos problemas.

— Queremos juntar-nos a vocês, meu senhor – disse Oolibama. – Tenho negócios inacabados com uma delas.

Mélas soltou uma risada.

— Eu também os tenho, pode acreditar. Venham conosco, Oolibama. O meu navio é rápido e sei exatamente em que ponto elas aportarão, pois não há muitas escolhas nas costas de Anatolya. Deveremos ir à frente e preparar as boas-vindas.

O caminho para Anatolya, feito em uma balsa de toras, só poderia ser possível mediante várias paradas nas pequenas ilhas que surgiam no caminho. Essas ilhas, segundo Priska, eram verdadeiros oásis do oceano, que indicavam o caminho, evitando que se perdessem no deserto de água. Deborah dormiu por dois dias inteiros, independente do balanço da balsa. O cansaço físico que a acometera parecia acompanhado de um desgaste mental. Jael tentava não se preocupar, considerando que nada do que acontecia com Deborah era por acaso.

Elas ouviram os sons dos tambores por muitas léguas, pois estes se espalhavam pelas ilhas. Era o som da convocação. Naquela noite, elas aportaram no que parecia mais um banco de areia do que uma ilha. Não havia vegetação, mas a areia era seca e plana, perfeita para descansar os corpos cansados do balanço do mar. Elas arrastaram a balsa para a areia e deixaram Deborah dormindo sobre os cobertores.

Deborah acordou sobressaltada. A balsa havia parado e estavam em terra firme. Por quanto tempo dormira? Por quanto tempo estivera envolvida pelas visões do passado? Elas vinham

como sonhos contínuos, fazendo-a lembrar momentos de dor e desespero. Coisas que pareciam ter pertencido à outra vida. Ela levantou-se e lavou o rosto com a água do mar. Depois se aproximou do pequeno grupo sem ser notada.

— Se houvesse um monte nesse lugar, não duvido que fosse possível ver a fumaça de Parthenos subindo em direção ao céu – Priska falou com um suspiro.

A mãe de Jael encontrava-se de pé na beira da água, molhando os pés descalços.

— Seria uma grande visão – murmurou Zoe. – Ver aquela prisão cair é um sinal claro de que os tempos estão mudando.

Priska sorriu para ela. Zoe estava tentando manter o fogo aceso, enquanto Jael buscava protegê-lo do vento, usando os remos e alguns mantos como cobertura. Elas haviam estocado palha e gravetos em uma sacola, o suficiente para terem com o que fazer uma fogueira naquela trilha marinha.

— Você deve ter muitos motivos para se alegrar – Priska comentou.

— É como uma redenção para mim – ela respondeu diante do olhar surpreso de todos.

— Pode explicar melhor? – Pediu Jael.

Zoe ergueu-se e limpou as mãos na roupa.

— Enquanto eu era Vigilante e tentava ajudar as pessoas que eu conhecia, muitas outras eram presas com minha ajuda. Dessa forma, eu acumulava culpas, mesmo querendo fazer o contrário.

— Você não podia salvar a todos, Zoe – falou Deborah, chamando a atenção para si.

Zoe não respondeu, mas Deborah podia sentir o conflito em seu coração.

— Uma vez, eu tive a oportunidade de assistir um espetáculo grotesco – a voz de Deborah soou um pouco hesitante e isso chamou a atenção de Zoe. – Pessoas estavam sendo sacrificadas de várias maneiras, e o povo assistia e se alegrava com isso. Eu não queria estar ali, mas precisava estar. Os gritos, o sangue, o cheiro da morte... Era muito angustiante. Foi quando eu soube que o último sacrifício teria crianças como vítimas. O sangue me subiu à cabeça e eu não medi as consequências. Eu sabia, naquela hora, que qualquer deslize me poria em risco, mas eu não podia deixar que crianças morressem ali, mesmo não conseguindo salvar os outros. Eu consegui salvá-las, mas nunca esqueci os gritos daqueles

que morreram... daqueles que não consegui salvar... E nunca esqueci o cheiro da morte...

A voz dela vacilou e Jael entendeu que ela estava recordando seu próprio sacrifício, pois quando cega não podia ver nada, apenas ouvir e sentir. Na verdade, Jael havia observado bem mais do que isso. Desde que partiram, Deborah assumira uma atitude reflexiva e silenciosa, mesmo antes de ter caído naquele sono profundo. Jael se perguntava o que estaria acontecendo.

— Não se culpe por aqueles que você perdeu, Zoe – Deborah falou com um suspiro. – Você os recompensou com aqueles que você salvou.

Zoe sorriu agradecida. Priska aproximou-se de Deborah e tocou-lhe o coração.

— Ainda há coisas aqui dentro que precisam ser colocadas para fora, não é verdade?

Deborah baixou a cabeça.

— Posso viver com elas – foi uma resposta evasiva.

“Você insistiu para que eu me libertasse do passado” – era a voz de Jael. – “Achei que tivesse feito o mesmo”.

“Acho que ficou mais forte quando perdemos nossa luz” – Deborah respondeu em pensamento. – “Às vezes, as lembranças

surgem, só isso”.

“Deborah, precisamos conversar sobre isso. Sei o quanto é difícil fazê-las ir embora”.

“Não me lembro de você ter compartilhado suas lembranças comigo. Por que eu deveria fazê-lo? ”.

Jael sorriu e balançou a cabeça.

“Não vai escapar dessa maneira. Que tal darmos uma volta até o outro lado dessa ilha? ”.

Antes que Deborah respondesse, Jael se levantou.

— Venha, minha irmã – ela falou em tom casual. – Vamos dar uma volta e conversar um pouco.

Deborah suspirou e a seguiu. Talvez Jael tivesse razão. Era hora de encarar seus antigos pesadelos. Limpar de vez o coração.

A lua estava clara e seu reflexo pairava sobre o mar. Elas sentaram-se sobre a areia. Deborah cruzou as pernas e manteve uma postura ereta. Jael pôs a mão em seu ombro.

— Por que não relaxa? Sou eu que estou aqui.

— Jael, eu não sei se consigo voltar ao passado. Mas tenho tido sonhos desde que assumi falar ao povo e julgar suas causas...

— Sonhos?

Deborah assentiu e respirou fundo antes de continuar.

— Sobre o que aconteceu comigo... minha morte.

— Eu conheço o sentimento, Deborah. Você não precisa voltar ao passado, porque ele está dentro de você. Mas, me diga a verdade. O que trouxe essas lembranças de volta?

— Aconteceu, como eu disse antes, desde que falei ao povo. Foi como se, ao retomar o título e a missão da Herdeira, eu também retomasse essas lembranças. Antes, eu as tinha como algo muito distante, quase imperceptível. Mas não agora. Sinto como se tudo tivesse acontecido ontem. Não entendo por que o Pai as levantou novamente.

Jael refletiu nas palavras da irmã.

— Você recebeu a luz logo após tudo acontecer. Não teve tempo de viver com essas lembranças, como eu tive. A minha luz teve que ser dividida com Héber e, por esse motivo, as lembranças ficaram em mim por mais tempo. Havia um desequilíbrio. Mas você nunca teve a oportunidade de encará-las sem estar com o poder da luz. Não acha que deve fazer isso agora?

Deborah olhou para ela como se, pela primeira vez, não tivesse certeza do que fazer.

— Foram todas as visões liberadas pela Profecia Selada que impeliram você a continuar. Talvez você tenha que enfrentar essas lembranças de frente, para ter certeza de que vale a pena lutar por Nod. O seu sacrifício foi para essa terra também.

— O que eu faço?

— Conte-me o que aconteceu, desde a hora em que a deixei no jardim. Compartilhe suas lembranças comigo, minha irmã. Eu entenderei sua dor.

Deborah abriu o coração e enfrentou seus fantasmas. Falou da solidão e do medo que sentiu em Shilloh, da violência do ataque de Atalia e da investida das amazonas sob as ordens de Kyara, além da sensação de impotência que se seguiu quando foi acorrentada com o ferro de Hazorah. Ela se lembrava de cada golpe sofrido naquela noite, do espancamento sem fim e da dor atroz em suas costelas quebradas.

— Você não sabe o quanto eu desejei abrir aquele portão e sair correndo, Jael – Deborah enxugou uma lágrima. – As visões que a Profecia me deu eram apenas imagens, mas aquilo era real.

— Se eu soubesse que seria assim, eu teria ficado e lutado por você.

— Você não podia, e sabe disso. Era o meu momento. Você já tinha seu próprio inferno para enfrentar.

Com um suspiro, ela continuou o relato. Disse que a solidão em Shilloh não podia ser comparada ao que se seguiu após ter sido desprovida de sua visão. A cegueira lhe fora imposta, obrigando-a a enfrentar tudo na mais completa escuridão. O encontro com Atalia e suas palavras enigmáticas lhe mostraram o quanto impotente estava. Não tinha mais discernimento. Não era mais ela mesma. Estava com medo. Estava insegura. O pior momento de todos foi o contato com o ferro negro em brasa. O ferro extraído diretamente da pedra do céu teve o poder de penetrar fundo em seu corpo, ao ponto de ela sentir a ferida na alma. Perder a essência de Luminar foi como ter uma parte de si arrancada fora. Uma mutilação espiritual.

— Eu senti o rompimento – disse Jael. – Eu estava com você naquele momento, lembra?

— Eu gostaria que não estivesse. Não é algo que se queira dividir com ninguém.

Finalmente, Deborah falou da humilhação ao passar pelo corredor de amazonas. Sua cegueira apenas acentuava sua audição, e ela podia ouvir os gritos eufóricos do povo no anfiteatro,

as gargalhadas, os insultos das amazonas. O medo que ela tinha a cada passo que dava. Qualquer queda era uma agonia, pois suas costelas estavam tão machucadas que lhe dificultavam a respiração. Parecia haver um par de facas dentro dela, espetando-a a cada movimento.

— Eu cheguei a ficar aliviada ao sentir o frio da pedra quando fui deitada sobre o altar – ela confessou num sussurro, o olhar fixo à frente.

Jael nada falou, pois sabia que a irmã estava em outro lugar. Um lugar que ela devia enfrentar para seguir em frente. E Deborah continuou falando, com o olhar perdido no reflexo da lua. A exaustão era tanta, que ela permitiu-se descansar enquanto prendiam seus pulsos nas argolas de ferro. Ela não recorda das palavras que Atalia usou, mas lembrava das pisadas do sacerdote e de uma mão forçando a sua a abrir.

— A dor de sentir uma parte de seu corpo cortada fora é indescritível, Jael. Ela se propaga pelo corpo, como se desse um sinal de alerta a todos os órgãos.

Ela relatou, com a voz arrastada, como a dor a envolveu por completo até que tudo estivesse acabado. Uma vontade de morrer e deixar tudo para trás foi seu último pensamento.

Quando Deborah acabou de falar, chorava aos soluços, como uma criança. Jael deixou que deitasse em seu colo.

— Você conseguiu, afinal, minha irmã. Finalmente, você conseguiu.

Do outro lado, Eliah observava em silêncio a silhueta das duas guerreiras.

— A rainha finalmente chorou – ele comentou.

— O que quer dizer, Eliah? – Zoe perguntou.

— Ela tem um coração nobre e corajoso, mas cobra muito de si mesma. Às vezes, as lágrimas ajudam a expulsar aquilo que nos faz mal.

Deborah parou de chorar, mas permaneceu deitada com a cabeça no colo de Jael.

— Por que as lembranças vieram agora? Eu me sinto confusa e não consigo entender, Jael. Reviver esses momentos é doloroso demais...

— O Pai está preparando você novamente para uma missão de despertamento. A Herdeira está de volta, e a Guardiã também. Não podemos seguir em frente sem vencermos nossos fantasmas,

pois estamos numa terra de magos que conhecem muitos segredos. Você agora sabe o que passou para trazer paz a esse mundo. Isso vai lhe dar um ânimo novo.

— As lembranças foram muito dolorosas – insistiu Deborah.

— Eu sei o quanto doem. Fizeram-me companhia por muito tempo, lembra?

Deborah sentou-se.

— Elas não lhe afetam mais? Você está sem o poder da luz, exatamente como eu.

— Antes de ter esse poder, eu já havia conseguido despejar meus medos nos ouvidos de Nathan. Conte-lhe tudo o que havia se passado comigo e me senti melhor depois. Livrar-se deles não exige nada sobrenatural. É verdade que temi voltar a Babilos, mas, na ocasião, havia um desequilíbrio em minha luz. Quando tudo se ajeitou, as lembranças se foram até virar um borrão. Não se sente melhor agora?

— Meu coração está pesando menos – Deborah sorriu para a irmã. – É melhor conviver com lembranças que já aconteceram do que viver com a ansiedade de quando vão chegar.

— Obrigada por confiar em mim. Eu sempre quis saber o que havia acontecido no jardim, depois que a deixei. E também não

entendia aquele rompimento repentino que me fez pensar que já estava morta. Diante do que passou, envergonho-me de minha própria fraqueza.

Deborah franziu o cenho, confusa com a declaração de Jael.

— Não tente diminuir o que aconteceu com você – ela falou.

– Eu estava em sua mente e pude sentir todo o terror que você sentia. Não foi um caminho fácil para nenhuma de nós.

— Pode me dizer por que estamos tendo essa conversa, afinal? – Jael não queria que o foco da conversa se voltasse para ela.

Deborah respirou fundo.

— Acredito que o Pai restaurou nossos títulos por uma boa razão. A diferença é que as experiências passadas precisam servir para o nosso fortalecimento. Ele me poupou disso até hoje, mas agora eu entendo. Eu precisarei delas vivas em minha mente.

Jael voltou os olhos para o mar e ficou em silêncio. Deborah a observou com olhos ternos.

— Obrigada por me ouvir, minha irmã. O que seria de Deborah sem Jael?

Jael sorriu e deixou-se abraçar pela irmã.

Drakan estava aborrecido. Desde que Lord Abadom lhe confiara a missão de impedir a Sacerdotisa, ele só havia falhado. Essa falha ocasionou a chegada do mago branco, ser que lhe dava arrepios. Em Héfer, a guarda nos portos foi redobrada, assim como os alistamentos de urgência. A recompensa oferecida a quem entrasse no exército excitava os homens que não tinham um trabalho fixo. Quando a segurança de Héfer estava garantida, eles partiram em um navio para a cidade de Myrne. Esta era a segunda maior cidade portuária e convinha que os mesmos cuidados fossem repetidos ali.

O palácio principal consistia de uma enorme torre cuja escada circular interna dava acesso a todos os dez níveis. Leukós mandara-lhe uma mensagem para encontrá-lo no terraço da torre. Drakan agora subia a escada tentando adivinhar as intenções do mago branco. O astrólogo temia pela sua própria segurança, já que ele mesmo julgava-se um fracassado.

Quando ele chegou ao terraço da torre, encontrou Leukós esperando por ele com sua roupa branca esvoaçando ao vento. Os braços cruzados no peito e as pernas rigidamente abertas, como se estivessem sustentando o peso do corpo contra o poder da ventania.

— Aproxime-se, Drakan. E não se preocupe. Eu não pretendo empurrá-lo. Você ainda pode ser de muita utilidade.

Drakan obedeceu, mas não tão rápido, e se preocupou em manter uma distância segura do mago. Não foi à toa que ele conseguiu a confiança de Lord Abadom, evitando ser exterminado como os outros astrólogos. Leukós deu de ombros e continuou a olhar em direção ao mar.

— Você não foi o único a ter falhado, Drakan. Eu também falhei, pois não consegui evitar que a segunda chama fosse acesa. Nossa inimiga é astuta. O caminho que escolheu nos põe em desvantagem, já que é mais fácil, para ela, alcançar os santuários mais distantes, do que para nós, presos deste lado das montanhas.

O mago branco referia-se a uma cadeia de montanhas rochosas e íngremes que cortava o caminho a partir do terceiro santuário. O Santuário de Berga.

— Podemos enviar mensageiros para o lado de lá das montanhas e requerer a ajuda de mercenários enquanto nossas tropas chegam – falou Drakan.

Leukós não conteve uma risada.

— Mercenários? Contra a Sacerdotisa? Muito engraçado. Não, astrólogo. Eu já vi aquela mulher em ação, e sei que apenas uma

força de magos é capaz de sujeitá-la.

— Em que está pensando?

— É hora de dividirmos as tarefas. Eu ficarei aqui e concentrarei a maior força armada possível. Um exército que conterà qualquer ataque ou invasão às cidades portuárias. Héfer e Myrne não cairão. Quanto a você, vá para Berga e convoque os Sínodos.

— Os Sínodos? O que são?

— Magos mercenários. Não foi essa sua ideia inicial? Mercenários comuns jamais venceriam uma sacerdotisa, mas os magos do Sínodo são diferentes. São antigos mestres da Ordem Negra, que resolveram se isolar como monges, a fim de aprender mais técnicas ocultas que unem a luta com a magia. Você nada conseguirá sem a ajuda deles.

Leukós suspirou e olhou para trás.

— A Sacerdotisa não pode chegar a Berga, Drakan. Ela não pode atravessar as montanhas, entendeu? É a sua chance de provar seu valor.

— Ela não passará por nós, meu senhor.

Leukós fez um aceno com a cabeça e Drakan deu meia volta. O astrólogo sentiu-se renascer novamente com a nova

responsabilidade. Mais uma chance para provar seu valor? Ele não a deixaria passar.

Noa sentou-se ao lado de Nathan. Eles haviam retornado ao acampamento e muitos se ocupavam de preparar as coisas para partirem o quanto antes. Apolo não acreditava que a Assembleia das Trevas havia sido reduzida, a ponto de só restarem àqueles três. Não, ele acreditava que a tenebrosa organização ainda estivesse nos arredores e desejava sair o quanto antes daquele lugar. Noa, porém, tinha outras preocupações. Sua resposta, ela achava que apenas Nathan poderia lhe dar. O pequeno sacerdote sorriu-lhe e afastou-se para que ela se apoiasse melhor sobre a rocha na qual estavam sentados.

— Fez um bom trabalho, Noa. Não deve ter sido fácil seguir sozinha seus instintos.

— Eu não tive muita escolha, Nathan. Tentei acordar vocês, mas não pude. Mas não procurei você para falar sobre meus instintos. Existe um fato que me assustou bastante nessa história toda.

Nathan ergueu as sobrancelhas e aguardou que ela falasse.

— Como eles conseguiram tirar a armadura de mim, Nathan? Eu sempre achei que ela fosse algo gerado pela fé e pela força do espírito. Como eles conseguiram invadir algo tão pessoal? Você estudou a armadura, deve saber de alguma coisa...

— Gostaria de dizer que sim, Noa, mas estaria mentindo. Aparentemente, a armadura também foi bastante estudada por aqui. Estamos numa terra em que os estudos ocultos da magia são ministrados como numa escola. Isso é diferente de Hedhen, onde esse conhecimento se restringia ao estudo da Pedra do Céu e do Ferro Negro.

Noa apoiou a cabeça entre as mãos. Ela parecia cansada e desconsolada.

— Eu preciso de respostas. Como eu poderei me sentir segura, sabendo que qualquer um pode me desarmar?

— Como você disse, a armadura é gerada pela fé e pela força espiritual. De alguma forma, eles conseguiram atingir você em algum desses pontos. Isso a tornou vulnerável. É a única explicação que encontro.

Noa ficou de pé.

— Bem, isso não ajuda muito. A experiência me deixou mais insegura do que eu já estava. Acho que me tornei um alvo fácil.

— Continue pensando assim e será derrotada – a voz de Nathan foi de repreensão.

Noa ficou calada.

— Pare e pense em tudo novamente. Seus passos, seus sentimentos. O que você acha que deu essa abertura? Noa, você usa sua armadura como ninguém. Nem mesmo Deborah apropriou-se dela assim. O seu controle sobre suas armas espirituais é tão intenso, que elas parecem ter nascido com você!

Nathan aproximou-se dela e pegou-lhe a mão.

— Descubra qual foi seu ponto fraco. Mas nunca perca a fé, nem no Pai e nem em si mesma.

— Eles disseram que o poder de retirar minha armadura vinha da Sacerdotisa de Philos – ela lembrou.

Nathan pensou um pouco.

— Bem, isso muda um pouco as coisas. Eu poderia colocar e retirar a armadura de alguém, visando à segurança dessa pessoa... como fiz com Deborah, para lhe salvar a vida. Essa técnica jamais funcionaria, caso eu desejasse usá-la para o mal.

— Nesse caso, eles me fizeram acreditar que fazia parte da minha missão. Eles agiram como se estivessem fazendo-me um

bem, ao dizer que com a armadura eu não conseguiria trilhar o caminho.

— Eles utilizaram a intenção certa – Nathan sorriu. – Devem ter sido infiltrados no santuário a fim de aprender essa técnica com a própria sacerdotisa. Usaram o bem para lhe causar um mal.

— Nesse caso, o meu discernimento falhou.

Nathan suspirou impaciente.

— Noa, Noa! Não cobre tanto de si. O discernimento pode falhar de acordo com a situação. Você não falhou em discernir o caminho certo e ultrapassar as armadilhas. Pare de procurar defeitos em você!

O sacerdote a puxou para perto de si e a forçou a sentar-se novamente.

— Filha, lembre-se de que a provação que lhe aguardava nesse santuário era o confronto com a verdade. Se você não tivesse passado no teste, a chama não estaria acesa agora. E tenha em mente algo muito importante. Ninguém poderá retirar sua armadura à força uma segunda vez.

— Como pode estar tão certo disso?

— Porque eu confio em seu discernimento, talvez mais do que você mesma.

Nathan levantou-se e depositou um beijo no alto da cabeça de Noa, antes de sair. A Sacerdotisa permaneceu ainda um tempo sozinha, ruminando os próprios temores e tentando buscar força e coragem para enfrentar os próximos desafios.

Capítulo 21

Conflito na Floresta

Em uma clareira cortada por um riacho, no meio da Floresta do Incenso, um grupo cansado tentava recuperar as forças perdidas na última batalha. O caminho que seguia por dentro da floresta, aberto especialmente para a passagem de cavalos, facilitou bastante à continuação da viagem. Dias haviam se passado desde o acontecido, mas ainda permaneciam sequelas em alguns. Zoar sofria com o ferimento ocasionado pela flecha, e Theo temia que a ferida estivesse envenenada. Eva sentia-se enfraquecida em seu poder curador após o ataque das raízes e a liberação do poder, na luta contra a magia de Pyrrós. Era como se a seiva voltasse a fluir por seu corpo em doses pequenas. Ela quis usar seu dom para curar o ferimento de Zoar, mas o próprio rapaz não permitiu, temendo

que isso fosse fatal para ela. Hagai tomou para si essa tarefa. A cura de Zoar era sua prioridade, e ele buscava na natureza à sua volta aquilo que poderia salvar o jovem sacerdote.

Eva caminhou até Rebeca. A guerreira loura não deixava de montar guarda ao lado do rapaz, atenta a qualquer suspiro ou gemido. Ela levantou-se ao ver Eva e percebeu a angústia no olhar da princesa de Hedhen.

— Como ele está? – Eva perguntou.

— Estável, segundo Hagai. E você, Eva? Pelo que vejo em seus olhos, não tem dormido e nem descansado.

— Como posso descansar com Zoar nesse estado, Rebeca? Por favor, me deixe tentar...

Rebeca pôs a mão no cabo da espada e ficou entre ela e Zoar.

— Eu não posso fazer isso, e você sabe disso.

— É por minha causa que tem montado guarda ao lado dele?

— Eva sentia-se confusa. – Por acaso, eu virei alguma ameaça?

— Você é um dos motivos, Eva, mas não é o único. Quero estar perto, caso ele precise de mim. Quanto a você, sua vida é preciosa. Se quiser mesmo ajudá-lo, permita-se descansar e deixar que a força flua para você novamente. Não podemos perder você,

minha amiga. Sei que pode parecer duro, mas sua vida é mais preciosa do que a dele – Rebeca falou com lágrimas contidas.

Eva sentiu uma mão tocar seu ombro. Era Hulda.

— Rebeca está certa, filha. Não se preocupe com Zoar. Hagai está conseguindo um bom resultado com sua mistura de ervas. Ele é tão talentoso quanto sua mãe. A cura poderá demorar um pouco, mas ela virá.

Eva olhou para Zoar. O rapaz dormia respirando profundamente, mas ela sentia o formigamento natural na ponta dos dedos. O poder latente pronto para curar. O que ele tinha não seria sarado apenas com ervas. Mas como fazer os outros entenderem? Diante da obstinação de Rebeca, ela respirou profundamente e saiu em direção ao riacho sem dar uma palavra.

— Confia nela? – Perguntou Rebeca.

Hulda balançou a cabeça com o olhar grave e preocupado.

— O suficiente para pedir a você que mantenha seu posto.

Rebeca sorriu.

— Foi o que pensei.

Hulda analisou o rosto da moça.

— Se bem que isso não é nenhum sacrifício para você, embora esteja sendo bastante difícil.

Rebeca nada respondeu, enquanto voltava silenciosa para o lado do rapaz.

Hadassa chegou a cavalo e procurou Hagai, encontrando-o na beira do rio, sentado e cabisbaixo. Ela desceu do cavalo e pegou a bolsa cheia de ervas que estava pendurada na sela.

— Foi difícil, mas encontrei o que você me pediu – ela estendeu a bolsa para ele.

— Sente-se, Hadassa – ele pediu sem levantar a cabeça.

— O que aconteceu? Foi Zoar? Ele...

— Não, ele permanece estável, mas...

Hadassa atirou a bolsa para o lado e sentou-se.

— Então, o que está afligindo você?

— As ervas não estão operando da maneira que eu esperava. Na verdade, é a força de vontade dele que o mantém estável. Ele quer viver, Hadassa. A cura dele talvez esteja nas mãos de Eva, e não nas ervas.

Hadassa respirou fundo.

— O que acha que aconteceria se ela tentasse curá-lo?

— Eu acredito que apenas um pouco da seiva curadora seria o suficiente, mas Davi, Áquila e Hulda jamais o permitiriam.

— Mas, se é como diz, Zoar poderia ser salvo sem que Eva gastasse toda sua força. Por que não tentar?

— O medo de perder uma *Árvore da Profecia* é maior. O próprio Zoar concorda com isso.

Hadassa pôs a mão no braço do marido.

— Vamos falar com Hulda, explicar a situação.

— Acha que não tentei?

— Onde está Eva?

Hagai olhou para ela.

— O que vai fazer?

— Confie em mim. Onde ela está?

Hagai apontou para o outro lado do riacho.

— Eu a vi entrar por entre aquelas árvores, há pouco mais de uma hora.

Hadassa levantou-se e apontou para a bolsa.

— Continue usando suas ervas.

— O que vai fazer?

Hadassa não respondeu, pois já atravessava correndo as águas rasas que fluíam por entre as pedras.

Zoar estava frio. Sua mão gelada estava pousada nas mãos de Rebeca. A moça tinha os olhos úmidos, pois não conseguia mais conter as lágrimas. Davi observava de longe, os punhos cerrados em frustração. Ele sabia, pela sua percepção profética, que o mal no corpo do jovem sacerdote era provocado por magia. As flechas foram envenenadas tendo por trás os encantamentos de Pyrrós, o Mago Vermelho. As ervas podiam amenizar a dor, conter a febre, mas tudo isso era passageiro. Hagai sabia disso. Davi também percebera a angústia em seu rosto, por se sentir impotente. Apenas uma coisa poderia salvá-lo. A seiva curadora de Eva. Entretanto, o ataque das raízes a enfraqueceram a ponto de ainda não ter recuperado todo o seu poder curador. Durante a viagem, ao tentar curar uma dor de cabeça de Theo, ela praticamente desfaleceu nos braços de Davi. Usar seus dons para sarar o veneno que corria pelo corpo de Zoar poderia ser fatal, embora ela garantisse que se sentia mais forte. Perder Eva era um risco que eles não podiam correr. Ele, particularmente, nem ousava sequer pensar nisso. Mas Davi sofria com o quadro que observava agora. A dor da perda no rosto de Rebeca dilacerava seu coração.

— Rebeca.

A moça ergueu a cabeça e viu Rute e Zacarias.

— Vá dormir um pouco – ordenou Rute. – Você mal está comendo, também. Eu e Zacarias ficaremos aqui.

— Eu não quero deixá-lo, Rute. Quero que ele sinta a minha presença.

Rute ajoelhou-se e forçou Rebeca a encará-la.

— Minha amiga, isso está sendo muito difícil para você. Se não quer sair, não vamos forçá-la, mas ficaremos aqui. Talvez a situação exija algo que você não consiga fazer.

Rebeca passou a mão no rosto, enxugando os olhos.

— Acha mesmo que eu permitiria que Eva se aproximasse de Zoar?

— Você o ama, Rebeca. A tentação seria forte demais.

Zacarias ouvia calado o diálogo, imaginando se Rute seria capaz de uma atitude como aquela, caso algo lhe acontecesse. Ela, na maioria das vezes, parecia tão indiferente. O rapaz suspirou e olhou para o outro lado, enquanto se afastava alguns passos. Não era hora para sonhos. Rute pareceu perceber e se colocou ao lado dele, segurando sua mão.

— O que foi? – Ela perguntou.

— Nada – ele respondeu sem se virar. – É só que... é difícil aceitar isso.

Rute apertou a mão dele.

— Eu já lhe falei o quanto me alegra estarmos nisso juntos?

Ele virou-se espantado e ela sorriu.

— Não tivemos muito tempo para isso, mas sei que precisamos conversar sobre nós.

— Sobre nós? – Havia um brilho de esperança no olhar dele.

— Então, existe um “nós”?

— Sempre existiu, Zac. Desculpe não o ter feito perceber isso antes.

Ele sorriu e ambos tomaram posição de vigilância junto a Rebeca.

Davi levantou-se ao ouvir passos atrás de si, vindos da floresta. Ele virou-se e viu Eva surgir ao lado de Hadassa. Ele sabia, pelos olhares decididos, o que ambas planejavam e se colocou na frente.

— Não vou deixá-la fazer isso – ele falou, olhando diretamente para Eva.

— Você sabe que eu tenho que fazer isso, Davi – ela mostrou-lhe as mãos, que emanavam uma luz verde pulsante. – Não me impeça.

— O seu dom não está completo, Eva – ele implorou. – Olhe como pulsa.

— Eu tenho o suficiente para salvar a vida de Zoar! Uma pequena quantidade será o suficiente.

— E quanto à sua vida? – Davi queria acreditar nela.

— Eu ainda a terei quando acabar.

Ela fez menção de passar por ele, mas Davi a segurou pelo braço. Eva o encarou com firmeza.

— Davi, eu sei o quanto a minha vida é importante. Acha mesmo que eu faria isso, se não tivesse a certeza de que sairia viva? Dá para você confiar um pouquinho em mim? Não consegue sentir a verdade em meu coração?

Davi olhou para Hadassa. O olhar da rastreadora revelava a confiança que ele não tinha. Ela aprendera a confiar em Eva, assim como confiava em Deborah, e sabia que a sabedoria repousava sobre ambas.

— Davi, a vida de Zoar não vai durar muito. Deixe-me fazer isso, por favor – Eva implorou com firmeza.

Com um suspiro, ele a soltou.

— Eu confiarei em você, Eva. E que o Pai nos ajude.

Ela sorriu e os três seguiram em direção ao jovem sacerdote agonizante. Ao chegarem perto, uma barreira se formara. Rute, Zacarias, Rebeca, Hulda e Áquila. Theo assistia de longe, enquanto Hagai tomava posição ao lado da esposa.

— O que pensam que estão fazendo? — Áquila vociferou. — Estão pondo a Profecia em risco!

Eva buscou o olhar da profetisa.

— Quantas vezes, Hulda, você foi levada a ceder diante das certezas de minha mãe? Quantas vezes você teve que escolher?

— Muitas vezes, Eva. Mas você não é sua mãe. O discernimento profético não está com você. Não confunda o desejo de ajudar um amigo com outra coisa. Precisa ser sensata!

— Mas o discernimento de que fala está comigo — atestou Davi. — Confie nas Árvores.

Hulda hesitou diante da firmeza dos dois príncipes e, com um suspiro e um gesto, obrigou os outros a abrir caminho para Eva passar. Áquila a olhou desconcertado.

— O que está fazendo? Vai mesmo permitir isso?

Hulda viu a determinação no olhar de Eva.

— Sim, eu vou.

Eva passou e rapidamente se colocou de joelhos ao lado de Zoar. Ela sentia o poder vibrando dentro de si. Sua mão direita foi direcionada para a mente do rapaz, pousando em sua testa. A outra passeava pelo corpo dele sem chegar a tocá-lo, sondando, curando. Eva fechou os olhos e concentrou-se. Quando o problema foi achado, a seiva começou seu trabalho, fluindo das mãos de Eva para o corpo de Zoar. A moça encolheu-se com um gemido enquanto manifestava seu poder e sentia o mal sendo expulso. Davi correu para ela, aflito.

— Eva! – Ele chamou.

— Eu estou bem, Davi... – ela ofegou. - Só mais um pouco...

Bastou um pequeno fluxo perdido de seiva para que Eva desfalecesse nos braços de Davi.

— Eva! – Ele afagou o rosto inconsciente e pálido da moça.

— Pelo Grande Pai, o que você fez a ela, Davi? – Áquila explodiu numa fúria incontida.

— Ela vai se recuperar logo, sacerdote – garantiu Hadassa. – Está fraca, mas vai se recuperar.

Hagai ajoelhou-se ao lado de Zoar e o examinou com as mãos, sorrindo para Rebeca.

— Ele respira melhor e sua temperatura está voltando ao normal – ele falou. – A seiva fará seu trabalho daqui para frente.

Áquila olhou zangado para Hadassa. O rosto pálido de Eva e seu estado de prostração lhe causaram tal angústia, que ele buscou desesperadamente um escape da culpa que o corroía por dentro. O medo de perder uma das Árvores tornou-se algo real em seu coração, como se aquilo fosse um fato concretizado. Sentia crescer dentro de si uma fúria que não conseguia conter.

— Você a convenceu a fazer isso! – Ele acusou, apontando um dedo trêmulo para a moça. – Eu vi quando entrou na floresta correndo atrás dela. O que fez?

Hadassa foi pega de surpresa.

— Sacerdote, a seiva estava se manifestando em suas mãos quando a encontrei! Ela não poderia contê-la, mesmo que quisesse. Se ela não a controlasse agora, para curar, o dom se tornaria maior do que ela.

Áquila balançou a cabeça com incredulidade, tentando expulsar algo de si.

— De onde você poderia saber de tudo isso? Não passa de uma rastreadora.

— Apenas uma rastreadora? – Rute manifestou-se em defesa da amiga. – Hadassa é fiel aos Tronos e já viu coisas que o senhor nunca sonhou em ver, sacerdote! Ela testemunhou a posse do Cetro de Luz pelas mãos do Rei!

Hadassa passou à frente de Rute. Ela enfrentaria por si mesma as acusações do sacerdote.

— Respondendo sua pergunta, Áquila, ela me contou. Por isso estava na floresta. Para ficar longe.

— E você a foi buscar! Como uma fiel amiga – ele ironizou.

Hulda percebeu que Áquila tentava conter sua frustração e medo, e talvez algo mais, despejando-os injustamente sobre Hadassa. Ela pousou a mão no braço do sacerdote.

— Áquila, Eva ficará bem... Zoar ficará bem... não há necessidade de...

— Não! Enquanto Eva não se pôr de pé, a rastreadora estará embaixo de suspeita, e será levada a julgamento em Arath! Falo como um dos sacerdotes líderes da montanha, e o proclamo diante de testemunhas! – Ele falou em alta voz.

Todos olharam para Áquila, estarecidos. O sacerdote estava vermelho de fúria. Hagai se ergueu para defender a esposa, mas

Hadassa lhe fez um pequeno gesto com a mão, dizendo-lhe para não fazer nada.

— Faça como achar melhor, sacerdote – ela respondeu no tom mais calmo que conseguiu encontrar, apesar de estar assustada.

Ele olhou para Zacarias e Rute.

— Amarrem-na e vigiem-na! Está na inteira responsabilidade de vocês!

O rapaz e a moça se entreolharam sem saber o que fazer. Áquila falava a sério?

— Desculpe-nos, senhor, mas nenhum de nós fará isso – balbuciou Rute.

— Eu não vou fugir daqui, sacerdote – Hadassa deu um passo para trás. - Não precisam me amarrar. Dou minha palavra...

Áquila estava irredutível. Irreconhecível.

— Você não é digna de confiança... – ele virou-se novamente. – Sou a autoridade sacerdotal aqui! Façam o que eu disse!

Ninguém se mexeu. Áquila buscou com os olhos o único que poderia lhe ser fiel naquele momento.

— Theo! Adiante-se!

Hadassa olhou para trás e viu o homem aproximar-se com passos firmes e uma corda na mão. Ela tentou sair do seu caminho, mas ele foi mais rápido e a derrubou no chão, puxando-lhe os braços para trás e atando seus pulsos.

— Ninguém vai me amarrar! Eu não fiz nada! – Ela gritou, tentando se soltar.

Hulda puxou o braço de Áquila. O sacerdote olhou para ela como se não a conhecesse.

— O que você está fazendo, Áquila? – Ela gritou. - Não nos reconhece mais?

— Áquila, solte Hadassa! – Davi falou com autoridade. – Eva vai ficar bem. Não há motivos para isso!

Por um momento, Áquila piscou e sacudiu a cabeça em completa confusão. Ele olhou em volta e pode distinguir Hagai sendo contido por Zacarias e Rebeca, desesperado pelo que estava acontecendo com a esposa. No chão, Hadassa havia parado de lutar e uma expressão indecifrável lhe tomava todo o semblante. Seria raiva? Vergonha? Theo olhava para ele com perturbação, mas ainda assim mostrava-se fiel. Ele evitava encarar Hulda e Davi. O que havia feito? Por que havia se descontrolado tanto? No entanto, ele o havia feito e não podia voltar atrás.

— Eu não posso desfazer o que fiz... – ele murmurou de uma forma quase inaudível. – Preciso ficar sozinho.

Ele afastou-se quase correndo, deixando todos entregues a total confusão. Davi virou-se para o guia. Ele estava de pé, segurando um pedaço da corda que pendia solta. Hadassa continuava no chão.

— Theo, solte-a – pediu Davi.

— Eu gostaria de fazer isso, senhor, mas não posso desobedecer ao sacerdote. Embora não compreenda seus motivos, prometi-lhe ser fiel e é isso o que sou. Um servo de Arath.

Ele ergueu Hadassa por um braço e ela deixou-se levar sem luta. A cabeça baixa escondia seus olhos, mas Hulda tinha certeza de que havia lágrimas neles.

Davi deitou Eva em um lugar macio e sentou-se ao seu lado. Hulda aproximou-se.

— Como ela está? – A pergunta estava carregada de ansiedade.

— Apenas dormindo – ele respondeu tranquilo. – Só vai precisar de mais um tempo para repor o que perdeu. Acho que

Áquila pode ficar mais tranquilo agora e revogar a ordem ridícula que deu.

Hulda observou o sacerdote sentado em volta da fogueira, cabisbaixo, com os olhos fixos na panela cheia de sopa, sem a ver na realidade. Seu pensamento parecia estar em outro lugar. Ele havia retornado ao cair da tarde e nada havia falado até aquele momento.

— Falarei com ele – a profetisa soltou um suspiro.

Hulda sentou-se ao lado de Áquila, e o sacerdote nem sequer pareceu notar sua presença.

— Eva está bem, Áquila – ela falou suavemente. – Tire essa preocupação do rosto e alegre-se. No final, Zoar vai viver e as Árvores continuam fortes.

Ele balançou a cabeça.

— Você não entende a loucura que eu fiz – ele murmurou.

Hulda franziu o cenho.

— De que loucura está falando?

Áquila suspirou e passou as mãos no rosto.

— Lembra-se da palavra de autoridade dos Tronos? Nós temos algo parecido aqui em Nod. Não é um dom sobrenatural, mas faz parte de uma lei muito antiga e respeitada. É uma prerrogativa

dos sacerdotes de Arath, ou os Altos-Sacerdotes, como somos conhecidos. Essa palavra de autoridade só requer uma coisa para ser legalizada. Testemunhas. Hoje, no auge do desespero, dominado pelo medo de falhar, eu usei essa prerrogativa. Por alguma razão, não consegui me dominar.

Ele olhou fixamente para Hulda.

— Com esse ato, eu selei o destino daquela moça corajosa, que nada mais fez além de querer ajudar.

— O que está dizendo? Não vai soltar Hadassa?

— Eu posso soltá-la, pois sei que não vai fugir. Mas não posso evitar que seja julgada quando chegarmos às montanhas. É a nossa lei.

Hulda pôs a mão à boca, estarecida demais para pronunciar um som.

— Eu fui covarde, pois não suportei a ideia de me sentir culpado ao ver minha missão falhar. Algo incontrollável cresceu dentro de mim. Infelizmente, ela me deu motivos para que eu pudesse transferir essa culpa. Sabe o que aconteceu, então? A culpa não foi embora. Ela está aqui – ele apontou para o próprio peito. – Se algo acontecer, eu sei que jamais me perdoarei.

— Eu preciso contar a ela – sussurrou Hulda. – O que fará, se ela quiser fugir?

Áquila sorriu tristemente.

— Ela não fará isso, mas, se o fizer, será bom que não encontre nenhum sacerdote em seu caminho de volta. O caso terá que ser relatado quando chegarmos a Arath, e ela se tornará uma fugitiva da lei.

Hulda levantou-se.

— Ela precisa mesmo saber.

Hadassa havia sido amarrada a uma árvore que ficava próxima a margem do rio. Ela mantinha um silêncio obstinado desde o ocorrido e recusava-se a conversar com qualquer um, até mesmo Hagai.

Hagai levantou-se ao ver Hulda se aproximar. Ele havia levado sopa para Hadassa, mas a esposa não manifestou a vontade de comer.

— Hagai, será que eu posso ficar a sós com sua mulher? – Ela pediu com um sorriso. – E deixe essa tigela aí. Talvez eu consiga fazê-la comer.

O rapaz saiu após depositar um beijo carinhoso no rosto da mulher que amava. Hulda sentou-se.

— Eva ficará bem – ela falou. – Vocês agiram da forma certa. As duas.

Hadassa apertou os olhos e uma lágrima escorreu muito discretamente.

— Fico realmente feliz em saber disso – ela respondeu com um leve sorriso. – Pelo menos, nada foi em vão.

— O que se passa com você? Não acha que ficará presa nessa árvore para sempre, não é? Ou será que há algo mais que queira me dizer? Sem querer lembrar-lhe que sou uma profetisa, ouse dizer que posso sentir sua perturbação, filha.

Hadassa fitou as águas do rio.

— A experiência me trouxe algumas lembranças do passado. Más lembranças. Um passado em que eu era olhada com desconfiança por todos. Um passado onde, por duas vezes, fui arrastada contra a vontade, com as mãos presas por cordas. Uma vez de minha própria casa, e outra pela Ordem Branca, que me acusava de ser uma espiã. Uma vez Noa me acusou de ser dissimulada... achei que essas lembranças haviam morrido com a antiga ordem do mundo, mas descobri que continuam vivas. Até

quando minha lealdade continuará a ser provada, Hulda? O que eu preciso fazer?

— Essas lembranças fazem parte de sua história, filha. Não podem simplesmente desaparecer. Mas são apenas lembranças. Ninguém que a conheça realmente pode contestar sua lealdade. Hoje aconteceu algo estranho que ainda não compreendemos, mas não foi culpa sua.

Hulda ficou em silêncio e Hadassa percebeu que algo importante seria dito.

— Fale, Hulda. Por que mandou Hagai sair? O que queria me dizer? Há algo mais, não é?

Hulda suspirou e contou em detalhes tudo o que Áquila lhe havia dito. Quando terminou, nenhuma das duas falou por um tempo.

— O que vai escolher? – Hulda perguntou de repente.

— Escolher? – Hadassa perguntou surpresa.

— Sim! Há uma opção para você, Hadassa. Poderá voltar para o navio e para a segurança de Hedhen. Sei que a floresta não será um empecilho para você, que consegue rastrear um caminho até mesmo no deserto.

A moça a olhou com firmeza.

— Não, Hulda. Não existe outra opção para mim, além de seguir em frente.

Hulda sorriu intimamente.

— Mesmo sabendo o que lhe pode acontecer?

— Não me importa o que vou ter que enfrentar. Quando eu fui ferida na última batalha, Eva e Noa ajudaram em minha cura, mas o meu corpo estava tão destruído que levou muito tempo para que eu voltasse a ser eu mesma de novo. Mesmo assim, ainda de cama, sem ter noção da realidade à minha volta, eu fui escolhida por Eva. Ela acreditou que eu poderia segui-la. Ela depositou sua confiança em mim. Eu não vou deixá-la agora.

Hulda admirou o espírito forte daquela guerreira que gostava de se manter à margem dos grandes acontecimentos. Estava diante de uma mulher de caráter e força inigualáveis. Era como se conhecesse Hadassa pela primeira vez.

Após uma pausa, Hadassa voltou a falar.

— Eu só lhe peço uma coisa. Não conte a ninguém o que vai acontecer em Arath. Não quero que isso mude o propósito de ninguém. Muitos aqui prefeririam ver-me voltar do que seguir em frente.

Hulda sorriu e pegou uma pequena adaga.

— Será um segredo nosso. Agora, fique quieta enquanto eu corto essa corda. Já ficou apreciando a vista do rio por muito tempo, rastreadora. E devo dizer que cordas não combinam com você.

Eva abriu os olhos e sentou-se assustada. Davi estava ao seu lado. Era noite e o fogo ardia na fogueira. Ela viu Zoar sentado ao lado de Rebeca. O rapaz bebia um dos chás preparados por Hagai. Estava abatido, mas viveria. Ela sorriu para Davi. Ele acariciou-lhe o rosto.

— Você estava certa – ele falou.

Ela voltou a deitar com um suspiro.

— Como se sente?

— Vou melhorar depois que comer alguma coisa. Havia um mal contido no veneno da flecha. Eu pude senti-lo quando saiu.

Davi franziu o cenho.

— Um mal? De que tipo?

— Acho que um pouco da essência do mago vermelho foi usada na mistura.

— Ira?

Eva deu de ombros.

— É possível. Não consegui identificá-lo, e também não pude neutralizá-lo a tempo. Minhas forças se esgotaram antes que o fizesse. Mas isso não importa agora. Todos parecem bem.

Davi ficou em silêncio e isso chamou a atenção de Eva.

— O que foi? Todos estão bem, não é?

Ele, então, contou-lhe todo o estranho episódio daquele dia. Eva sentou-se novamente, ignorando a tontura gerada pela fraqueza.

— Áquila estava vulnerável naquela hora – ela murmurou. – A ira o dominou e confundiu seus pensamentos. Como ele está agora? E onde está Hadassa?

— Ele parece ter voltado ao normal, mas se mantém calado. Acho que não entende o que se passou consigo mesmo. Hadassa está por aí com Hagai. Sua prisão não durou muito tempo. Hulda a libertou.

Eva sorriu aliviada.

— Isso me tranquiliza.

Ele olhou para ela e admirou-lhe os traços a luz do fogo.

— Você foi incrível, hoje. Por causa da sua perseverança, Zoar está vivo.

— Sim, mas precisaremos esclarecer as coisas. Eles devem entender o que aconteceu para que a harmonia seja restaurada entre nós.

— Você se alimentará primeiro, depois faremos essa reunião

— Davi ordenou.

— Que seja — ela respondeu com um sorriso que fez o coração dele palpitar.

Em volta da fogueira, com todos reunidos, Eva relatou o que havia sentido ao curar Zoar. A magia dos Juízes era grande demais e agia de formas inesperadas. O poder de Pyrrós havia sido derramado sobre o veneno das flechas, mas de que modo isso havia sido feito, ninguém poderia saber. O fato é que o medo e a insegurança de Áquila o tornaram vulnerável para receber aquele mal.

— Isso quer dizer que esse mal ainda está em mim? — Ele perguntou com a voz trêmula.

— Eu não creio nisso, Áquila — Eva o fitou com seriedade. - Você parece tê-lo usado bem.

Ele abaixou a cabeça.

— Fui um fraco e um tolo – ele sussurrou. – Não aprendi a depositar a minha confiança em vocês, as Duas Oliveiras. Por causa disso, fui um instrumento nas mãos do inimigo, mesmo depois deste ter sido morto. Agora, como posso reparar o meu erro? Ele é irreparável...

Hadassa e Hulda trocaram um olhar tenso. Áquila, em seu lamento, poderia falar demais.

— Que tal começando por me pedir desculpas, sacerdote – Hadassa falou num tom descontraído. – Eu o perdorei e esqueceremos isso tudo.

Ele olhou para ela surpreso. Em seguida, lembrou-se do pedido de Hulda para que nada fosse dito.

— Sim, Hadassa. Eu devo implorar seu perdão. Sinto-me oprimido pelo que fiz.

— Eu o perdoo agora, Áquila – ela falou com sinceridade. – E agora, você também precisa se perdoar. Não foi culpa sua.

Ele sorriu agradecido e voltou a baixar a cabeça.

— Acho que agora poderemos continuar nossa jornada – suspirou Davi. – Os picos de Arath estão cada vez mais próximos e não pressinto perigos nessa floresta. Creio que podemos esperar um caminho sem surpresas.

— Nesse caso, vamos dormir e deixar esse lugar nos primeiros raios de sol – falou Hulda com um bocejo. – Esse dia foi muito longo e agitado para os meus velhos ossos.

O comentário arrancou risos descontraídos. Se havia algo que Hulda não aparentava era ter “velhos ossos”.

Capítulo 22

O Som do Shofar

Anatolya não era uma terra uniforme. O seu tamanho englobava geograficamente desertos, estepes, montanhas e florestas. A costa na qual desembarcaram era rica em vegetação. O ambiente foi favorável a Eliah e Zoe, já que formava uma pequena floresta até chegar a um grupo de montanhas não muito altas. Foi fácil para Eliah apurar os ouvidos e definir o som agradável de um riacho. Lá chegando, abasteceram os odres com água fresca e aproveitaram para tirar o calor de seus corpos. Se havia algo que irritava Jael, era a areia da praia que grudava em sua roupa, o sol ardente que fazia seus olhos lacrimejarem e o sabor de água salgada.

— Como conseguiu se habituar tanto tempo em uma ilha? – Ela perguntou à Priska, enquanto ambas tomavam banho no riacho. – O clima de Gades e das estepes quenitas nunca lhe fizeram falta?

Priska deu de ombros enquanto mergulhava.

— Que escolha eu podia fazer? Os caminhos do Pai me levaram para aquela ilha, e ela se tornou, de certa forma, o meu lar até a chegada de vocês. Fazia tanto tempo, e minha memória andava tão perdida que acho que acabei esquecendo.

Jael sorriu.

— Não, você não esqueceu. Mas foi menos doloroso assim, não foi? Fingir que não existiam, a não ser em sonhos.

Priska suspirou.

— É verdade, minha filha. No entanto, vocês trouxeram de volta as cachoeiras de Gades e os campos quenitas com suas tendas coloridas à minha memória. Por isso, eu devo concordar com você em relação à areia, o sol ardente e à água salgada.

Jael sorriu, pois mal podia acreditar que estava ali, tomando banho de rio ao lado da mãe que julgava morta. Deborah surgiu na margem. Ela já havia tomado banho e acabara de acender o fogo.

— Zoe foi caçar alguma coisa para o jantar – ela anunciou. – Eu e Eliah vamos procurar algumas ervas para o chá. Meu

suprimento acabou.

Priska acenou em concordância e voltou-se para a filha com um suspiro.

— Acho que isso significa o fim do nosso banho. Alguém precisa cuidar para que o fogo não se apague.

Deborah seguia Eliah. O homem tinha um conhecimento profundo das plantas, algumas delas desconhecidas para Deborah. Ele a ensinou a encontrar raízes comestíveis que nasciam próximas ao rio. Eles caminhavam de forma despreocupada, seguindo o leito que levava cada vez mais para dentro da floresta. Eliah apanhou uma raiz arroxeadada e a levou ao nariz, em seguida a passou para Deborah.

— Cheire.

Ela sentiu o cheiro adocicado.

— Essas raízes tornam um cozido muito saboroso – ele explicou.

— Imagino que sim – ela a colocou em sua bolsa. – Tenho certeza que isso vai tornar o nosso primeiro jantar em Anatolya muito especial.

Ele apontou para a base de uma montanha muito próxima de onde estavam. Deborah olhou para trás. Não se dera conta do quanto haviam se distanciado. De repente, um receio começou a tomar forma em sua mente. Ela segurou com firmeza o braço do homem, que já se apressava para colher uma planta rara.

— Precisamos voltar agora, Eliah – ela falou. – Viemos muito longe.

— Não se preocupe – ele apontou para o rio. – Seguiremos o rio de volta.

Ela olhava em volta, sentindo a opressão tomar forma, sem saber exatamente de onde vinha, mas parecendo estar por todo o lado.

— Não é o caminho que me preocupa – ela murmurou.

De repente, um coelho saltou de um arbusto e cruzou o caminho de ambos. Eliah riu alto.

— Seria essa sua ameaça? – Ele brincou. – Espere aqui enquanto caço mais um petisco para o jantar.

Ela não conseguiu segurá-lo. Eliah era rápido e logo havia sumido em meio aos arbustos.

— Eliah! – Ela gritou por ele, receando entrar em um local que a levaria para mais longe do rio.

Ele não respondeu e Deborah acabou por decidir o que fazer. Deixou a bolsa com as ervas sobre o chão e pegou a espada. Felizmente, aprendera a não andar sem ela em Nod. Ela tentou um contato mental com Jael, mas, como já receava, havia algum tipo de força impedindo que isso ocorresse. Decidida, ela se lançou para dentro da floresta em busca de Eliah.

Priska observava Jael andar de um lado para o outro, inquieta e impaciente.

— Acalme-se – ela falou. – Essa mata possui uma grande riqueza vegetal. Eles devem estar bem ocupados, colhendo plantas raras.

— Deborah não ficaria tanto tempo sem dar notícias. Ela nunca foi muito boa em se localizar dentro de uma floresta.

Priska não pode deixar de rir.

— Estamos falando da mesma pessoa?

— Infelizmente, sim – Jael suspirou. – Eu sou a caçadora, não ela.

— Jael, ela está com Eliah – Priska tentava confortar a filha.

De repente, Zoe surgiu correndo, como se estivesse sendo perseguida por um bando de Farejadores. Exausta, ela caiu de

joelhos ao lado da fogueira.

— Aconteceu alguma coisa... – ela estava ofegante. – Onde está Deborah? E Eliah? – Ela perguntou, olhando em volta.

Jael aproximou-se e tomou-a pelos ombros. — O que você viu?

— Foi muito indistinto – ela tentou explicar. – Parecia uma sombra negra pairando sobre eles. Uma energia muito forte e sinistra... estava em toda parte.

— Você teve uma visão profética, Zoe. Seus dons estão se manifestando.

Priska olhava para as duas sem entender.

— Por que agora? Isso nunca aconteceu antes! Nunca tive visões, Jael.

— Em Hedhen, algo aconteceu para manifestar os dons adormecidos de Noa – explicou Jael. – Temo que esteja acontecendo o mesmo com você.

— E o que despertou esses dons? – A pergunta veio de Priska.

Jael olhou para a mãe e esta detectou um lampejo de medo nos olhos cor de mel.

— A presença dos Juízes – a resposta soou trêmula.

Deborah encontrou Eliah, mas não do jeito que esperava. O homem estava estirado no chão aos pés da montanha, e havia sangue em seu cabelo cinzento. Ela correu para ele e ajoelhou-se ao seu lado.

— Eliah! – Ela chamou, mas não obteve respostas.

O movimento em seu peito, porém, indicava que estava vivo e isso lhe deixou aliviada. Mas aquela pancada na cabeça havia sido provocada por alguém. Nesse momento, ela ouviu passos e virou-se com a espada pronta. A espada, entretanto, caiu de sua mão no momento em que uma mão forte e gelada fechou-se em seu pescoço. Através do manto negro, ela podia encarar o olhar de Mélas. O mago negro a empurrou até a parede de pedra enquanto ela tentava soltar-lhe a mão. Era tarde. Ele havia começado a liberar seu poder e Deborah sentiu-se enfraquecer. Ele soltou um riso escarnekedor.

— Nos encontramos de novo, rainha de Hedhen. Onde está sua voz agora? Ah, lembrei! Estamos em minha terra e não na sua – a voz dele era arrastada e monótona.

Ela começou a ficar sem fôlego e a visão se turvou. Ele a soltou, deixando-a cair no chão, buscando o ar. A simples presença

dele era suficiente para fazê-la ficar desorientada. Tudo parecia ocorrer de uma forma muito lenta a sua volta. A voz do mago chegava através de murmúrios desconexos. O mundo rodava e a cabeça latejava dolorosamente.

— Por mim, eu cumpriria minhas ordens aqui mesmo – ele falou acima dela. – Mas preciso de você para atrair a outra rainha. Enquanto ela não chega, tenho uma amiga que vai se alegrar em vê-la.

No meio da montanha havia um espaço plano. Era um lugar que servia de torre de vigia para os viajantes. Podia-se enxergar a floresta e o mar de um lado e, do outro, uma planície rochosa. Foi naquele local que Mélas espalhou os magos da Ordem Negra, devidamente escondidos entre as fissuras da montanha, enquanto as feiticeiras de Parthenos preparavam um estranho ritual. Oolibama havia criado uma poção cuja finalidade era sugar a essência de Deborah. Para isso, ela deveria fazê-la beber a poção, a fim de que esta se misturasse ao sangue e pudesse ser extraído com um pequeno dardo. Mélas assistia a tudo com uma divertida curiosidade. Aquelas mulheres aprenderam muito em Parthenos. Deborah estava sentada, presa contra uma rocha que parecia uma

lápide. Correntes cercavam todo o seu tórax, mantendo os braços presos junto ao corpo e envolvendo a rocha. Sua cabeça pendia para frente, mas ela permanecia consciente.

— Isso vai demorar? – Perguntou Mélas.

— Não, meu senhor – a voz de Oolibama soava excitada. – Na verdade, já está tudo pronto.

Ela aproximou-se de Deborah com outra feiticeira ao seu lado. A mulher ergueu a cabeça da rainha, enquanto Oolibama despejava o líquido viscoso por sua garganta. Deborah debateu-se e tentou cuspir, mas Oolibama tapou seu nariz, obrigando-a a abrir a boca para que a poção fosse absorvida na sua totalidade.

— Boa menina – elogiou a feiticeira. – Em breve, você me fará uma mulher muito poderosa.

Apesar de ter sido coagida a beber, Deborah sentiu algo diferente. Oolibama deve ter utilizado na poção alguma substância estimulante, pois esta começou a neutralizar o torpor causado pelo poder de Mélas, tornando-a mais consciente. As imagens e os sons começaram a fazer sentido para ela. Deborah respirou fundo. Precisava aproveitar esse momento de vantagem. Ela podia estar sem sua luz, mas não precisava dela para usar a armadura espiritual. Só precisava se concentrar um pouco. Muito dano já lhe

fora feito. Ela não podia permitir que continuasse. Tudo o que precisava era proteger sua mente. Uma única peça da armadura serviria. Esforçando-se para ultrapassar o poder de Mélas sem que ele o sentisse, ela colocou o elmo, invisível aos olhos. Com isso, a dor de cabeça se foi e as imagens tornaram-se totalmente nítidas para ela. Esse seria seu trunfo.

Elas seguiram o rio, rota mais provável de Deborah e Eliah. Jael ia à frente com o arco em punho. De vez em quando, ela parava e olhava para Zoe, buscando alguma orientação. Priska fechava o cortejo, empunhando um bastão de madeira que ela manipulava com maestria. Perto da base da montanha, antes da última curva do rio, Zoe segurou o braço de Jael.

— Convém ter cautela a partir daqui — Zoe sussurrou. — Esse lugar estava na minha visão.

Jael assentiu e prosseguiu como uma caçadora que não pretende deixar a caça escapar. Zoe preparou o escorpião. Ainda não se sentia uma sacerdotisa, e nem sabia se era realmente uma, portanto, a velha arma lhe caíria muito bem no momento. Jael abaixou-se e observou os rastros que levavam para dentro da floresta. Com um olhar, ela pediu para que a seguissem. Logo mais

à frente elas pararam. O corpo de Eliah estava atravessado no caminho. Imóvel. As três o cercaram. Priska pôs a mão sobre o peito dele.

— Ele vive – ela sussurrou. – Mas há sangue em sua cabeça.

Jael olhou para Zoe com seriedade.

— Cure-o.

— Jael, eu não sei como fazer isso...

— Zoe, você consegue. Eu sei que consegue.

Ela levantou-se e olhou em volta. Seus olhos detiveram-se na espada prateada que jazia no chão. Sem hesitar, ela a tomou nas mãos e viu a trilha que levava ao alto da montanha.

— Jael, o que você vai fazer? – Priska perguntou.

— Minha irmã precisa de mim.

— Filha, não pode ir lá sozinha!

Zoe olhou para Priska.

— Vá com ela – pediu a Vigilante. – Eu cuidarei de Eliah.

Mãe e filha trocaram um olhar. O mesmo fogo que havia nos olhos de Jael brilhava com intensidade nos olhos de Priska. A mistura do sangue gadita com o quenita estava para entrar em ebulição. Jael via diante de si a guerreira que desafiou um conselho, sobreviveu à prisão de Haros e salvou a vida dos nativos

de uma ilha perdida. Elas entrelaçaram os dedos em um sinal de aliança.

— Lute ao meu lado, minha mãe – Jael falou.

— Não imagina o quanto estou ansiosa por isso.

Elas se foram montanha acima, única rota possível, enquanto Zoe tentava acreditar em si mesma e colocava as mãos por sobre o ferimento de Eliah.

O local estava vazio quando elas chegaram. Havia apenas Deborah, acorrentada a uma laje de pedra, com a cabeça pendente como se estivesse inconsciente. Jael preparou o arco e olhou em volta, tentando ver onde os inimigos estavam. No entanto, ela não tinha a intuição de Deborah. Tudo o que podia intuir era que haviam lhe atraído para uma armadilha.

— “Jael” – Deborah falou em pensamento. – “Não demonstre que pode me ouvir. Eles pensam que eu estou sob o efeito do poder de Mélas. O mago negro espalhou seus homens pelas fissuras da montanha, mas deve tomar cuidado com as feiticeiras de Parthenos. Elas também estão aqui”.

Jael não gostou de saber que estava para enfrentar Mélas novamente, mas agradeceu ao Pai pelas instruções de Deborah. As

fissuras eram visíveis e de fácil alcance.

— Mãe, eu vou agir – ela sussurrou. – Você deve proteger Deborah.

Jael encaminhou-se para o centro daquela área plana, enquanto Priska, cautelosamente, chegava mais perto da rainha de Hedhen. De repente, a arqueira mirou uma das fissuras e atirou. Um grito estrangulado foi seguido do cair de um corpo. Ela não deteve as outras flechas, atirando o mais rápido que podia e procurando se desviar das que vinham contra ela. Com o rabo de olho ela viu Priska abater com o bastão as feiticeiras que se lançavam em sua direção. Todos os magos das fissuras foram abatidos, e agora os que estavam no chão, escondidos, surgiam num ataque direto. Jael largou o arco e puxou a espada de Deborah. O brilho prata da lâmina dançava em suas mãos, diminuindo o número de magos.

Priska sabia que tinha que defender Deborah, principalmente dos dardos que estavam sendo lançados contra ela. Um deles cravou-se na ponta do bastão. Priska o retirou e ele encontrou outro destino no corpo da mulher que o havia atirado. Uma das feiticeiras aproximou-se o suficiente e agachou-se com outro dardo na mão, pronta para inseri-lo em Deborah. O que ela não esperava era que

a rainha estivesse desperta. Deborah acertou um chute em seu nariz, fazendo-a cair para trás, dura como uma pedra. Outro dardo. Ela desviou o pescoço e este acabou batendo na laje e caindo.

Mélas viu que seus homens estavam perdendo. Era hora de intervir. Surgindo por detrás de uma pedra, ele ergueu as duas mãos, liberando seu poder. Jael e Priska sentiram o efeito. A Guardiã sentiu a espada ser arremessada para longe de suas mãos, enquanto os magos lançavam-se sobre ela. Priska queria ajudar, mas sentia-se tonta a ponto de ter que se ajoelhar. O bastão jazia no chão e uma sombra pesada se aproximava. Oolibama e o último dardo em sua mão.

Deborah, por causa do elmo, era a única imune ao poder de Mélas. O problema era que ela se encontrava fortemente acorrentada a uma pedra. Então, ela lembrou. Ou melhor, ela sentiu. Foi como uma revelação divina. Aquela era a hora e aquele era o lugar para isso acontecer. Só esperava que a mensagem chegasse até Jael.

— “Jael, toque o shofar! ”.

Jael, mesmo em meio ao torpor, se esquivando como podia dos magos que queriam imobilizá-la, conseguiu ouvir a mensagem. O shofar de Héber. Ela conseguiu livrar um dos braços. Os magos a

cercaram, tentando amarrá-la, mas ela era só instinto. Mesmo tonta e sob o poder do mago negro, a sua reação era sobreviver. Debatia-se o quanto lhe era possível. O braço desceu até a cintura e agarrou o objeto precioso. Antes que eles a empurrassem para o chão, ela o levou a boca e soprou. Era o som de alguém que precisava de ajuda. O vento levou o som claro pelo ar da planície, que se espalhou em todas as direções.

Solaris relinchou na planície. Bruma o imitou. De repente, os dois cavalos começaram a ficar inquietos e jogavam as cabeças para cima, como se aguardassem algo no ar. O grupo fazia a refeição em volta da fogueira. Estavam a caminho do Santuário de Sardos e pararam para descansar. Héber levantou-se ao notar a inquietação de Solaris. Barak, à semelhança dos cavalos, olhou para cima e aguardou. Foi então que o som chegou até eles. Sarah e Joakim o reconheceram de imediato e ficaram em pé. O coração de Héber disparou. Barak levantou-se e correu para os cavalos, soltando os dois corcéis. Imediatamente, eles dispararam pela planície em direção a um aglomerado de montanhas baixas, não muito longe de onde estavam. Palavras não eram necessárias. Sem

exceção, todos montaram e se lançaram numa corrida em perseguição aos dois cavalos.

Ignorando o que podia significar aquele som, Oolibama passou por Priska, que se encontrava caída e sem forças para lutar. Nas mãos, ela trazia um grande dardo e um sorriso no rosto. Deborah tentou acertá-la com as pernas, mas a mulher foi mais ágil e desviou-se.

— Eu não vou desistir. Você me fará muito poderosa.

De repente, Deborah sentiu as correntes cederem e seus braços, finalmente, livres. Oolibama avançou com um grito, mas ela conseguiu aparar o golpe, agarrando a mão que segurava o dardo. A feiticeira arregalou os olhos e teve um espasmo, caindo lentamente ao lado de Priska. Deborah olhou e viu Zoe com uma zarabatana na boca. Ela usou o dardo que ferira Jael e que fora purificado com o óleo da oliveira. Ela o havia achado dentro da bolsa que Deborah abandonara junto a Eliah. O efeito foi fatal em Oolibama. Virando-se, Deborah viu Eliah com as correntes na mão. Ele a havia soltado.

No centro, Jael fora subjugada e os magos começavam a enlaçá-la com cordas. Zoe virou-se e viu o mago negro com os

braços erguidos. Ela acreditou na fé que Jael depositou nela e estendeu o braço. Uma barreira de ar fez com que o poder do mago retornasse para ele. Mélas cambaleou surpreso e apoiou-se numa pedra. Olhou em volta e viu Deborah de pé, encarando-o com olhar feroz. Jael reagira e voltara a lutar, agora com força e agilidade. Golpeando com os pés os magos mais próximos, ela conseguiu espaço para tentar se erguer novamente.

Zoe permanecia com o braço estendido e Mélas a fitava com assombro. Esquecendo tudo ao seu redor, ele concentrou todo o seu poder sobre ela. A moça cambaleou, mas manteve-se de pé. Ela sabia que não podia contê-lo por muito tempo. Nesse momento, ele foi abalado por uma nova força que o oprimiu a ponto de levá-lo ao chão. Zoe ergueu os olhos e viu, chegando da direção da planície, uma mulher de cabelos castanhos avermelhados, trajando uma túnica rústica cor de vinho. Assim como ela, mantinha o braço estendido em direção ao mago negro.

Os magos da Ordem Negra foram atirados para o lado, alguém estava livrando Jael de seu ataque. Ela, atordoada pela luta e já livre das cordas, segurou a mão de quem a ajudara. Sua respiração ficou paralisada e uma alegria indefinida apoderou-se dela. Quem segurava sua mão era Héber! Seu querido Héber. Ela

lançou-se nos braços dele e ambos se beijaram com paixão, enquanto Sangar, Nathan, Sarah, Maalá, Joakim e Eunice terminavam a batalha.

Deborah o viu surgir como o sol. Ela não corria mais perigo, por isso conseguiu caminhar em sua direção. Olhos nos olhos, eles sentiram a vida renascer. Ela tinha que tocá-lo, saber que era real. Mélas estava ali, Leukós também podia estar. E Barak talvez fosse apenas uma ilusão. Estendendo a mão, ela tocou-lhe o rosto. Ele chorava.

— “Minha pomba que está nas fendas da rocha, nos esconderijos, nas encostas dos montes, mostre-me seu rosto, deixe-me ouvir sua voz; pois a sua voz é suave e o seu rosto é lindo” – ele recitou o antigo verso, o mesmo que havia declamado em seu casamento.

— É mesmo você – ela confirmou para si mesma.

Em resposta, ele a tomou nos braços com um beijo e Deborah, depois de muito tempo, sentiu-se novamente em casa.

Mélas havia ficado tão debilitado após ter sido obrigado a provar de seu próprio poder, que não foi difícil acorrentá-lo à rocha.

Sangar e Eliah fizeram o trabalho com imenso prazer. O senhor de Quedes havia simpatizado com o homenzinho selvagem, por este se parecer muito com Hagai em seus tempos de aventura.

— Acha mesmo prudente deixá-lo vivo? – Apolo perguntou a Nathan, enquanto ambos observavam o mago negro ser preso.

— Deixemos que ele sofra seu próprio veneno. Mélas é um mago que causa muitos males com seu poder. Eu temo que, ao matá-lo, acabemos por acionar algum tipo de maldição – ele virou-se, sorrindo para o amigo. – E eu não gostaria de estragar a felicidade desse momento.

Apolo sorriu e deu de ombros. Ele não havia participado da luta, pois ficara embaixo com os cavalos.

— Tem razão, sacerdote. Além disso, acho que ele vai demorar bastante para se recuperar e conseguir alguma ajuda. A vantagem está conosco.

Nathan suspirou.

— É melhor irmos andando, de qualquer forma. Será mais prudente estarmos bem longe daqui quando ele acordar.

Os cavalos cruzavam a planície na direção em que esta se transformava num planalto. Ali poderiam encontrar um local seguro

para passar a noite. Um local em que um fogo aceso não pudesse ser notado à distância. Após o feliz reencontro, todos concordaram que a prioridade era sair dali o mais rápido possível. Os abraços e as histórias poderiam ser compartilhados depois. Isso, porém, não evitava os olhares cheios de significado que os casais de Luminares trocavam entre si.

Jael levava Priska em sua garupa, e Deborah levava Zoe. Solaris e Bruma eram os cavalos mais descansados do grupo, e o peso extra não parecia estar fazendo diferença. Eliah seguia na garupa de Sangar. O homem era tão miúdo e magro que o peso também não parecia afetar o cavalo.

Zoe sentia-se meio atordoada. Ela havia desabado após a luta com Mélas, e só se lembrava de ter sido amparada por Noa. A mulher a obrigou a engolir um líquido amargo e oleoso que a envolveu com uma nova energia. Elas não trocaram palavras por causa do tempo corrido, mas sabiam que teriam que fazer isso logo.

Sarah seguia na frente e de vez em quando parava e perscrutava o horizonte. Ela podia ver o que os outros não viam, e logo soube para onde deveria guiar todo mundo. Um vale estendia-se entre dois planaltos e possuía em seu meio um pequeno lago.

Sarah ergueu a mão, indicando que haviam chegado num lugar seguro. Era quase noite e o cansaço dominava a todos.

Aquele reencontro gerou uma nova esperança. Deborah e Jael estavam de volta, e traziam com elas Priska e Zoe. A primeira representava a luta inicial contra o sistema de trevas que reinava em Hedhen, um pilar da resistência; a segunda, uma verdadeira sacerdotisa de Nod, cujos poderes ainda se encontravam em evolução, mas que já provara sua força por duas vezes. Era impossível descrever o clima de euforia e coragem que inundou o coração de cada um.

Nathan tinha “suas meninas” de volta, e chorava como um pai emotivo no calor do reencontro; Joakim sentia seu sangue quenita voltar a circular nas veias com ardor, ao ver sua rainha de volta; Sarah exultava, pois se sentia meio gadita e meio quenita por afinidade, e a volta de Jael e Priska representava a força unida desses dois povos; Maalá, como da primeira vez que vira Deborah, ajoelhou-se e chorou de alegria pela volta da rainha e amiga; Eunice respirou fundo e, contendo a emoção, depositou sua espada nos pés de Deborah, reiterando dessa forma sua fidelidade para com os Tronos; Sangar e Noa não foram tão formais, correndo e abraçando as amigas, enquanto seus corações transbordavam de

alegria; Barak e Héber não saíam de perto das esposas, e aguardaram com paciência que cada um manifestasse sua felicidade até que, finalmente, eles puderam saciar o anseio de seus corações. Suas rainhas estavam de volta. Os Luminares estavam juntos novamente. O sol, a lua e as estrelas passariam a brilhar com mais intensidade nos céus de Nod.

SEGUNDA PARTE

Capítulo 23

Tempestade em Hedhen

Tamar chegou a Shiloh antes do nascer do sol. Como os portões do santuário eram mantidos constantemente abertos para os peregrinos, ela não fez alarde de sua presença, descendo do cavalo e entrando sem fazer barulho. A chama sagrada ardia na coluna central. Ela sentou-se no banco e manteve-se ali, de cabeça baixa. O seu coração estava aflito pelo sonho que havia tido. Um sonho que mais parecia uma visão. Uma ameaça negra que surgia no horizonte acima do mar. Hedhen tinha paz. Uma paz real e sólida, mas que ainda podia ser ameaçada pelas forças atuantes do mal, que se mantinham vivas em Nod.

Ela precisava de orientação, mas também precisava de coragem e fé. A responsabilidade que pairava sobre ela não era pequena. Enquanto orava para o Pai-Criador, diante da chama sagrada, ela não percebeu a chegada do sol e nem o cantar do galo. Apenas o toque suave de uma mão em seu ombro foi capaz de despertá-la. A princípio, ela julgou que poderia ser Simeão ou Ana, mas quem estava sentado ao lado dela era um homem de barba branca e capuz cobrindo os olhos. Ele sorriu e aquele sorriso lhe trouxe paz e tranquilidade.

— Eu sou o Ancião – ele falou.

Tamar, sem palavras, apenas abaixou a cabeça em reverência.

— Eu sei o que se passa em seu coração, Rainha de Aroer.

— Então, não preciso dizer o que me perturba?

— O que a perturba é não saber o que o sonho que teve significa. Mas eu lhe direi. Está na hora de pensar nas defesas de Hedhen. A terra de Nod foi abalada. As Árvores, a Sacerdotisa e as Luzes estão conseguindo abrir seu caminho e enfraquecer o inimigo. Por esse motivo, ele volta-se para cá. Acha que pode encontrar aqui a chave para destruir as forças do bem.

Tamar sentiu um nó na garganta e suas mãos tremeram levemente.

— O que está se aproximando? Em meu sonho, eu vi uma nuvem negra, mas não enxerguei o que se escondia dentro dela. Será um exército?

Ele suspirou.

— Não. Ainda não é um exército. Mas o que se aproxima pode causar um grande mal. Esteja preparada e confie naqueles que estão ao seu lado.

Ela queria perguntar mais, no entanto, sentia que ele já lhe havia dito o necessário.

— Erga a cabeça, rainha Tamar! O Cetro de Luz não se apagará. Não foi à toa que o Rei depositou sua confiança em você – ele levantou-se. – Agora, você deve voltar ao palácio. Não convém afligir os corações alheios sem necessidade. É cedo para isso.

Ela sorriu e levantou-se. Sabia que ele falava de Simeão e Ana. O Ancião a acompanhou até a entrada.

— Volte e, sem causar murmurações, procure reunir-se com seus sacerdotes e comandantes e lhes exponha o que se passa em seu coração. Deve confiar neles, assim como confiam em você. Apesar de jovem, eles a aceitaram como líder. Honre isso.

— Eu honrarei.

Na estrada, um barulho lhes chamou a atenção. Um grupo de peregrinos se aproximava com mulas carregadas para uma viagem. Vinham para Shiloh orar por proteção.

— É hora de ir – disse o Ancião. – Não vai querer que espalhem a notícia de que viram a “rainha dourada” na porta do santuário.

Ela riu enquanto montava seu cavalo. Era um animal de porte esguio e pelo castanho claro, quase alaranjado, com uma mecha branca na testa, cuja forma lembrava um raio. O nome dele era Guardião, pois parecia estar sempre alerta quando parado. Ela

ganhara o apelido de “rainha dourada” pelo fato de usar roupas amarelas e armadura dourada, a cor típica de Aroer, e também por sentar provisoriamente no trono da Cidade Dourada. Ela voltou-se para o Ancião e este lhe deu a mão num gesto de despedida. Ela pôs Guardião para correr e passou pelos peregrinos antes que esses tivessem tempo de ver quem era.

A sala de reuniões abaixo da torre não era usada há muito tempo. As únicas reuniões que se faziam eram aquelas nas quais os sacerdotes vinham fazer seus relatórios, ou aquelas que visavam a preparação da cidade para a Festa de Celebração que, a pedido de Barak, deveria continuar a ocorrer, apesar da ausência dos Tronos. Eram reuniões simples e sem caráter de urgência. Naquela manhã, porém, Tamar usou o poço das visões para se comunicar com o Templo e convocar os sacerdotes e a Ordem. Quando ela entrou no pátio, ao voltar de Shilloh, encontrou Febe, a capitã das amazonas, e a convocou também. Faltava apenas avisar Itai e Jafé. Ela caminhou até a varanda da torre e assobiou. Um pássaro gritou e pousou diante dela. Era o falcão que Itai lhe havia dado. Ela sorriu e afagou o pássaro, enquanto colocava cuidadosamente um pequeno bilhete preso em sua perna.

— Agora vá, meu amigo. Leve essa mensagem.

Como se entendesse a ordem, o pássaro voou em direção ao vale que abrigava os Queneus e os Midanitas que haviam decidido guardar a Cidade Dourada.

Antes que a manhã terminasse, todos estavam reunidos. Tamar expôs o sonho que teve e o encontro com o Ancião. Quando ela terminou de falar, ninguém ousou se pronunciar. A tensão era visível.

— Eu nunca me preocupei muito com sonhos – Salum quebrou o silêncio. – Uma vez, eu resolvi ignorar os temores de Deborah, quando ela me procurou dizendo que sua filha tinha sonhos estranhos. Mais tarde, eu percebi que aqueles sonhos tinham um propósito e que, por ignorá-los, uma tragédia esteve perto de acontecer. Não vou ignorar seu sonho, Majestade.

— Um sonho que faz a rainha sair sozinha na escuridão a fim de procurar a orientação de Shilloh, não pode ter sido um sonho qualquer – concordou Itai.

Otoniel pôs a mão no queixo.

— Já pensou no que fazer? Ou deseja que a decisão seja tomada em conjunto?

Tamar o olhou surpresa. Ela já sabia que Otoniel era um homem difícil, mas ainda assim não esperava uma atitude tão impassível.

— Quando resolvi sentar provisoriamente nesse trono, como regente, eu o fiz porque sabia que teria vocês ao meu lado – ela tentou responder com humildade. – Respondendo sua pergunta, eu tenho meus pensamentos, mas prefiro somá-los com os de vocês. Caso contrário, não estariam aqui.

Otoniel sorriu satisfeito.

— Vejo que é uma jovem prudente, e isso é bom. Compartilhe seus pensamentos conosco e, na qualidade de seus conselheiros, nós a ajudaremos.

Tamar suspirou.

— A ameaça vem pelo mar, e isso nos leva a considerar o portal. Nossas defesas devem ser acionadas, mas não de modo que possam causar furor. Não sei o que a nuvem de meu sonho encobria, mas o Ancião me garantiu que não é nenhum exército. No entanto, se trata de uma força que deve ser detida.

Ela olhou para Jafé e Febe.

— Vocês lideraram, segundo eu soube, uma grande patrulha de proteção no Litoral, anos atrás. O que acham das forças de

Jopim?

— Isso foi há muito tempo, Majestade – explicou Jafé. – Nós tivemos a oportunidade de vistoriar as forças de Jopim quando as comitivas embarcaram para Nod. Devo dizer que o Litoral está provido de uma força sólida. Eles, inclusive, mantêm um contato permanente com os outros portos.

— Então, em sua opinião, eles estão preparados para prover uma defesa inicial?

Jafé piscou confuso.

— Defesa com relação a quê? Eles são homens de ação, não possuem uma visão espiritual muito aberta. Se a ameaça for algo que eles não compreendem, passará facilmente por suas praias.

Tamar virou-se para Febe.

— Concorda com ele, Febe?

— Perfeitamente, Majestade. Eu não duvidaria da eficácia deles, se um exército real estivesse para chegar.

A rainha ficou em silêncio, observando o anel de regente em seu dedo. O objeto lhe fora passado por Barak quando ela chegou de Aroer a fim de se instalar na Cidade Dourada. Por um momento, ela pode sentir os olhares sobre si, em expectativa. Levantando os olhos, ela os cravou na mulher de branco à sua frente.

— Tirza, a Ordem terá que se encarregar dessa defesa.

— Estava pensando a mesma coisa, Majestade.

— Do que vai precisar?

— A presença de um sacerdote como apoio é o suficiente.

— Você está ciente de que é uma demanda que não deve chamar a atenção, não está?

Tirza sorriu.

— É exatamente por isso que o sacerdote é necessário. Não poderemos usar os uniformes brancos da Ordem, apenas a armadura espiritual. E para ela ser eficaz, nós precisaremos do suporte de um sacerdote.

— Vocês o terão.

Tamar procurou Miriam, a profetisa, e sorriu.

— Eu gostaria que se comunicasse com a Ilha dos Profetas, Miriam.

— Você quer prover algum tipo de alerta, antes que a ameaça chegue à praia?

Tamar levantou-se.

— Sempre soubemos que Nod atacaria pelo mar. Ainda não é um ataque de guerra, mas eu não pretendo facilitar. Eu quero tomar conhecimento de qualquer coisa estranha que passe por nossas

águas. A Cidade Dourada e Hazorah devem ser protegidas. Um alerta nos dará tempo para organizar isso.

Jafé ficou de pé.

— Peço permissão para ir até Hazorah falar com Naor.

— Eu lhe darei a permissão, Jafé. O Norte precisa de você.

Ela, então, encontrou os olhos escuros do rapaz que fazia seu coração acelerar. Doía-lhe a ordem que daria, mas era necessária.

— Itai, eu quero que vá com Jafé. O Norte está muito desprotegido e eu confiaria mais no desempenho de dois capitães valorosos como vocês.

Ele sorriu e baixou a cabeça.

— Midanitas e Queneus partilham do mesmo destino. Somos irmãos. Se não houvesse ordenado, eu lhe pediria para ir.

Tamar olhou em volta.

— A força das Amazonas e os guerreiros de Aroer poderão prover a proteção da Cidade Dourada. Por enquanto, acho que essas medidas serão o suficiente, já que não sabemos exatamente o que vamos enfrentar.

Todos se ergueram e saíram da sala. Tamar fez um sinal para que Febe aguardasse.

— Eu preciso que você providencie uma vigilância discreta no Santuário de Shiloh. Deve ser muito sutil, por causa de Ana. Ela é profetisa, e o Ancião me pediu para não afligir o coração dos guardiões do santuário.

— Confie em mim, Majestade. Farei o que puder para parecer invisível, apesar do meu tamanho.

Tamar ficou sozinha e começou a pensar no irmão. Os conselhos de Zoar lhe faziam muita falta, mas ela não estava desprovida da companhia de pessoas sábias. Aquela reunião lhe dera a certeza disso.

Tamar foi a última a deixar a sala de reuniões. Ela atravessou a antessala circular e entrou por outra porta. Era a sala onde ficava o Cetro de Luz. Ela respirou aliviada ao ver que sua luz ainda brilhava com intensidade.

— Você tomou decisões acertadas – Tamar virou-se e viu Miriam parada na porta. – Sabíamos que a ameaça do perigo poderia chegar um dia. Foi por isso que Barak preocupou-se tanto em manter alguém de confiança no trono. Alguém que pudesse pensar com ponderação.

— Sei que agi certo, mas, ao mesmo tempo, eu temo que a ameaça se concentre apenas em um lugar. No final, acabei espalhando meus homens.

Miriam aproximou-se.

— Não, Tamar. Os Queneus também estão vulneráveis. Quem pode garantir que a reconquista do Norte não seja um dos objetivos do inimigo? Os Juízes passaram muito tempo entre nós e estão cientes de nossa história.

Miriam pegou a rainha pela mão e a puxou para fora da sala com gentileza.

— Eu me prontifiquei a ser sua conselheira e, pelo que já percebi até aqui, você tem ouvidos abertos.

Tamar sorriu.

— Não se preocupe quanto a isso, Miriam. A teimosia não faz parte da minha personalidade. Seus conselhos são valiosos e eu não ousaria rejeitá-los.

— Então, receba de bom grado aquele que eu lhe darei agora. Vá lá para fora, dê uma volta pelo jardim, sinta o vento no rosto e o calor do sol. Você já fez sua parte. Não convém torturar a si mesma com algo que ainda não aconteceu.

Tamar abraçou Miriam em agradecimento e obedeceu ao conselho. Lá fora, no jardim, ela realmente conseguiu desanuviar a mente e confiar suas decisões ao Pai-Criador, afinal de contas, ela não era uma rainha inexperiente, apesar de jovem. Aroer era uma cidade antiga e lendária e ela conseguiu fazer com que o corpo de conselheiros tradicionalistas a aceitasse como soberana. Ela precisava, antes de tudo, confiar também em si mesma. Um grito estridente chamou sua atenção. Ela virou-se próxima a fonte da água e viu Itai de pé. Ele olhava para ela com um falcão empoleirado no antebraço. O rapaz aproximou-se dela com os olhos negros fixos e preocupados. Ela sorriu-lhe e a expressão tensa do príncipe de Midani suavizou-se. Ele fez uma leve inclinação com a cabeça ao se aproximar dela.

— Jafé quer reunir quenitas e midanitas ainda hoje. Temo que a partida para o Norte seja repentina, por isso, vim despedir-me.

Ela suspirou e esticou a mão para acariciar o pássaro.

— Temos tempo para um passeio pelo jardim? – Ela perguntou.

Itai sorriu, apesar da surpresa.

— Adoraria acompanhá-la, Majestade.

— Então, deixe seu pássaro voar e me ofereça o braço como um cavaleiro, Itai.

Ele levantou o braço sem tirar os olhos dela, e o pássaro voou feliz por se ver livre.

Sim, ainda havia tempo para passeios em jardins. A Cidade Dourada ainda se encontrava segura e em paz, embora nuvens negras começassem a se acumular no horizonte.

Os navios atravessaram o portal durante a noite. Eram cinco grandes navios de velas negras. Na embarcação do centro, Thánatos observava a noite sobre o mar de Hedhen e pensava em como ter sucesso na tarefa que lhe foi conferida. Lentamente, enquanto afastava-se da neblina que envolvia a passagem, o navio central, que também era o maior de todos, parou. O mago apoiou as mãos sobre a murada, vendo os dois navios laterais seguirem à risca as ordens de Leukós, partindo em direção ao norte. Ele ficaria ali e aguardaria o momento certo. Não convinha ter pressa. Dois navios não eram o suficiente para iniciar uma guerra, mas quanto aos três que ficariam ali, a história era bem diferente. Nos três conveses, aguardando as ordens de seu mestre, estavam os magos da Ordem Negra.

Naquela noite, a Ordem Branca também havia partido. O seu destino, porém, não era o Norte. Elas cavalgavam em direção ao litoral, para o porto de Jopim. No meio do caminho, Tirza parou seu cavalo e olhou em volta, com inquietação. Milca parou ao seu lado.

— O que foi?

— Você não sente nada, Milca? – Tirza sussurrou como se alguém indesejado pudesse ouvir.

— Sentir o quê?

— O ar. Algo tornou a noite mais escura.

Milca apertou as rédeas do cavalo.

— Tirza, você é nossa líder agora. Sua visão com a armadura fica mais apurada porque a autoridade repousa sobre você. O que exatamente está sentindo?

Tirza encarou a amiga.

— Eu sinto que não é para Jopim que devemos ir.

Milca refletiu indecisa.

— São as ordens da rainha...

— Eu sei, e não ousaria ir contra elas.

Milca olhou para trás e viu, ao longe, a carruagem que levava o sacerdote Salum. Ele estava provendo a Ordem com o dom

de usar a armadura invisível como um exército. Isso só podia ser feito com a presença de um alto-sacerdote.

— Talvez Salum possa nos ajudar a tomar uma decisão. — Milca sugeriu.

— Fique aqui e assuma a liderança — Tirza falou. — Eu falarei com ele.

Hogla havia descido do cavalo quando a tropa parou. Ela cavalgava ao lado da carruagem de Salum, fazendo-lhe a guarda, embora soubesse que há muito tempo as estradas haviam sido limpas de salteadores. Ela viu o cavalo de Tirza se aproximar e franziu o cenho. Quando a amiga desceu, ela pegou-lhe as rédeas do cavalo.

— Aconteceu alguma coisa? — A pergunta tinha um tom de urgência.

— Espero que não, Hogla. Preciso falar com Salum. Ele está acordado?

Hogla não evitou um sorriso.

— Salum? Acordado? Vá em frente. Talvez tenha sorte.

Tirza deu um suspiro e passou apressada por Hogla em direção à porta da carruagem. Não foi preciso chegar até o veículo, pois de lá saiu um sacerdote apavorado. Ele tremia e parecia ter

visto o fantasma de Jabim voltando das sombras. Tirza agarrou-lhe os braços e o sacudiu, pois Salum parecia querer sair correndo na direção da noite.

— Sacerdote! Acalme-se! Está entre amigos! O que aconteceu?

Salum piscou atordoado e relaxou ao focalizar o rosto de Tirza.

— O portal foi rompido esta noite. – A voz dele era trêmula.

Tirza sabia que ele tinha razão, pois fora isso que sentira.

— Eu sei. Também senti. Não podemos ir para Jopim. Não é esse o destino deles.

Salum balançou a cabeça.

— Não, filha, nós vamos voltar!

— Mas...

— Midani e os Queneus poderão se defender. A ameaça verdadeira paira sobre a Cidade Dourada. Precisamos voltar.

Salum, naquele momento de revelação, não podia perceber a verdade por trás de suas palavras. Ele não era só um alto-sacerdote, era também o líder da Ordem Branca do Templo e estava presente quando o Luminar do Sol tomou posse do Cetro de Luz. Ele podia sentir a ameaça. Todas as decisões tomadas até ali,

que fizeram com que todos pensassem estar fazendo o certo, contribuíram apenas para deixar a Cidade Dourada livre da proteção sacerdotal. Felizmente, ainda havia muita luz emanada do Cetro, e isso disponibilizava uma intuição maior naqueles naturalmente dotados pelo dom. Seja lá o que estivesse a caminho, não encontraria os muros da Cidade Dourada desprotegidos.

O tempo passou e, realmente, não houve nenhum ataque frontal a Jopim. Ninguém percebeu os navios que passaram por sua costa em direção ao velho farol, pois estes estavam encobertos dos olhos comuns por uma nuvem que mais parecia um nevoeiro espesso, mas nada sobrenatural. Foi assim que Thánatos e os três navios que ele comandava conseguiram chegar com tranquilidade no cemitério de navios. E ali permaneceram, envoltos pela nuvem.

A chegada dos outros dois navios nas costas do Norte, onde hoje ficavam as ruínas da prisão de Haros, não foi tão discreta assim. Os invasores fizeram questão de avisar que estavam chegando, incendiando as pequenas aldeias litorâneas e marchando na direção de Hazorah. Não formavam um exército grande, se pudessem ser vistos como um exército comum. Só que não era um

exército comum. Era um exército de magos que respondiam diretamente aos Juízes de Nod. A Ordem Negra.

Da muralha do palácio, Naor, o regente de Hazorah, podia ver a fumaça de longe. Ele havia assumido, a pedido de Héber, aquele cargo. Esse fato contribuiu para que o homem tímido, de atitudes tranquilas, amadurecesse diante da invasão à sua terra. Ele tinha sobre si a confiança dos Luminares da Estrela. Não os decepcionaria. Lá embaixo, Jafé e Itai organizaram as tropas de forma que formassem uma muralha humana na fronteira de Hazorah, a fim de defender a cidade.

Enquanto marchavam à frente de uma tropa compacta, mistura de queneus e midanitas, Jafé pensava no que estava acontecendo e se perguntava o porquê daquilo. Era certo que eles deveriam estar ali para defender a Fortaleza do Norte, mas o inimigo, embora atacando com magos, encontrava-se em um número bem reduzido. Itai observou o olhar preocupado do amigo. O falcão estava pousado em seu ombro.

— O que o perturba, meu amigo?

— Eu temo que essa batalha sem sentido seja somente uma distração, Itai.

— Distração ou não, Hazorah não deve ficar sem proteção.

Jafé balançou a cabeça.

— Não, é claro que não pode.

Itai soltou o pássaro.

— Para onde o mandou? – Jafé seguiu o voo da ave com o olhar.

— Para o sul. Ele conhece o caminho do palácio dourado.

Jafé sorriu.

— É claro que conhece.

Itai também sorriu e baixou a cabeça.

— Ele levará a mensagem e a rainha estará preparada.

Longe dali, em Nod, um rei acordou sobressaltado porque, do outro lado do portal, em Hedhen, a luz do Cetro começou a pulsar. E o Cetro de Luz fazia parte de sua essência, estava ligado de forma direta ao seu sinal. Ao seu lado, sua rainha também acordou de repente, assustada pela atitude do marido.

— Barak, o que foi? – Ela sussurrou, para não acordar os outros que dormiam em volta.

— A Cidade Dourada... acho que vai acontecer algo. Eu sinto isso.

Deborah agora estava completamente desperta.

— Podemos interceder?

— Estamos do outro lado do portal. Não sei se conseguiríamos.

Deborah levantou-se.

— Aonde vai? – Ele perguntou.

— Todos os Luminares estão aqui. Temos também dois sacerdotes e duas sacerdotisas. Se nossa cidade corre perigo, eu gostaria de tentar a única opção que temos.

Foi assim que eles formaram um círculo de interseção, prontos para atravessar espiritualmente o portal e lutar da maneira que fosse possível.

Tamar estava preparada, antes mesmo que o falcão de Itai pousasse em sua janela. Ela começou a se preparar a partir do momento em que viu o grupo da Ordem Branca retornar. Salum e Tirza compartilharam com ela aquilo que eles achavam ser mais do que meras sensações. Além disso, a luz do Cetro pulsava com uma intensidade impressionante. Era como se reagisse a uma ameaça ainda distante. O toque de recolher fora colocado em prática e o povo, ainda que assustado, obedeceu ao comando e sumiu para dentro de suas casas. A Cidade Dourada estava em silêncio. As

estradas estavam cercadas e bem vigiadas. A rainha, porém, não estava certa sobre o propósito de tal ataque. Ela observava a estrada que levava ao Litoral, através da janela da torre. Entretanto, à luz da lua, ela percebeu outro caminho. De forma quase sobrenatural, os raios do luar pareciam incidir sobre aquele novo caminho, como se quisessem guiá-la. O coração de Tamar disparou. Era o caminho que levava ao Santuário de Shiloh! Ela não tinha tempo a perder. Correu até o poço das visões e o tocou sem hesitar, buscando a sala do Templo. O rosto de Salum surgiu na água escura.

— “Minha rainha, o que aconteceu? O ataque começou? ”.

— Shiloh é o alvo, Salum – ela falou com uma voz tão firme que não deixava lugar para dúvidas. – Estão tentando manter nossas forças ocupadas com a eminência de um ataque que talvez nem venha a acontecer.

Salum respirou fundo e ela percebeu que ele falava com alguém.

— “Tirza e Milca acabaram de sair daqui. Elas avisarão Ana e Simeão”.

— Não adianta apenas avisá-los, sacerdote! As oliveiras estão lá! O santuário não pode ser invadido.

— “Tamar, a Ordem Branca precisa conter o ataque dos magos – ele explicou. – Não podemos dispensá-la da linha de frente”.

— Muito bem, eu irei para Shilloh! A linha de frente está bem servida. A Cidade Dourada não será abalada.

Ela cortou a ligação antes que Salum pudesse argumentar. As águas ainda estavam parando de se agitar quando ela saiu em disparada para a escada. Hogla e Miriam a encontraram no pátio. Tamar mostrava uma expressão decidida, e a armadura dourada lhe dava um aspecto tão belicoso, que as duas mulheres pararam sem reação ao vê-la.

— Hogla, pegue os cavalos! Você e Miriam virão comigo.

— Vai juntar-se à linha de frente, Majestade? – Perguntou Hogla.

— Não, Hogla. O nosso caminho é outro, e receio que não poderemos dispor de muita ajuda.

A um sinal de Miriam, Hogla saiu correndo para pegar os cavalos. Como profetisa, ela pode ler nos olhos da rainha qual era a verdadeira ameaça. Shilloh.

O portão do santuário foi arrancado de seu lugar e saiu quase voando, caindo na estrada, do lado de fora de Shilloh, como se uma força invisível o houvesse puxado. Simeão ergueu-se assustado. Ele plantava uma nova muda naquele momento sob o olhar curioso e inocente de duas crianças de cabelos vermelhos. Em alerta, antes que algo entrasse pelo portão, o homem sussurrou.

— Vão para dentro, crianças. Procurem Ana e busquem um lugar seguro. O jardim é grande. Vão!

Caio hesitou. O garotinho não queria deixar o velho Simeão sozinho, mas não teve opção ao ver-se puxado pela irmã, Cloé. Ana já os aguardava na porta, pois ela havia sentido a ameaça, antes mesmo que o portão fosse arrancado.

— Venham, meus queridos – ela os agarrou com os braços abertos. – Vocês se lembram daquela árvore velha, em cujo tronco gostam de se esconder?

As crianças assentiram assustadas e nervosas.

— Pois corram para lá e não saiam até que ouçam alguma voz que lhes dê segurança.

A menina apertava forte o braço de Ana.

— A senhora não vem conosco? – Sua vozinha era trêmula.

— Não posso deixar Simeão sozinho, Cloé. Mas estaremos bem, se vocês estiverem.

Ana olhou de forma suplicante para Caio. O menino compreendeu e dessa vez foi ele quem agarrou o braço da irmã.

— Vamos, Cloé. Vamos correr para nossa árvore e esperar.

Ana ficou observando as crianças sumirem no meio das árvores do jardim. Desde que os pais partiram para Nod, os gêmeos preferiram permanecer no santuário. Em Shilloh, havia conforto e paz para eles. Abinoão, seu avô, não se opôs, pois também se preocupava com aqueles jovens corações.

De longe, queneus e midanitas observavam impassíveis as barreiras de magos por trás do escudo de Nod, que brilhava, visível para eles, com uma estranha luz alaranjada. Um número pequeno e atrevido de invasores confrontando as tropas tribais agrupadas ali. Os dois líderes, Jafé e Itai, estavam postados em seus cavalos, observando tudo do alto de uma colina.

— O que eles pretendem? — Itai balançou a cabeça, completamente confuso. — Não avançam e nem atacam. Confiam tanto assim em sua magia? Que tipo de ofensiva é essa? Querem nos atrasar, utilizando novamente uma distração?

O olhar de Jafé estava fixo no horizonte, de onde se podia ver a fumaça subindo, indicando a agonia das pequenas aldeias de pescadores atacadas no caminho do inimigo. Ele suspirou, porque seus olhos gáditas podiam ver muito longe, e o quadro diante de si não era nada bonito.

— Não é uma ofensiva e nem uma distração – ele respondeu após algum tempo. – É um ataque organizado com um propósito bem definido.

Itai olhou para ele.

— O que quer dizer?

Jafé apontou na direção da fumaça que Itai teve dificuldades de ver.

— Ali, naquela direção, não existem apenas aldeias de pescadores. Antigamente era ali que ficava a fortaleza-prisão de Haros.

— O lugar onde o exército de Jabim era treinado? O quartel-general do temível Sísera?

— Isso mesmo. Segundo o que escutei de minha irmã, Jabim parece que mantinha por lá uma biblioteca de livros raros sobre magia oculta. A tal biblioteca parece estar em algum tipo de câmara escondida.

Aquilo irritou Itai.

— E o que você acha que eles querem? Livros?

— Algo que seja relevante para Nod. São livros de magia e Nod é uma terra de magia, não é?

O cavalo do príncipe de Midani agitou-se sentindo a impaciência do dono.

— E quanto a esse maldito escudo? Você é um gadita. Não pode atravessá-lo?

Jafé teve que rir.

— A magia para levantar esse escudo requer a união de muitos magos, meu amigo! Um grupo de gaditas poderia atravessá-lo com certeza, mas não um único homem.

Nesse momento, eles escutaram o som de uma trombeta cruzar o ar. Jafé quase salta do cavalo ao escutá-la exatamente naquele momento. Como em resposta aos anseios dos dois capitães, Gades surgiu cavalgando em sua direção.

— Acho que você não está mais sozinho – comentou Itai com um sorriso.

Meia centena de arqueiros gaditas avançava ao seu encontro. Na frente deles cavalgava uma moça de longos cabelos

loiros e brilhantes olhos cinzentos. Ela também tinha um sorriso debochado no rosto jovial.

— Eu sabia que um dia você precisaria de mim, Jafé – ela falou alegremente, enquanto cumprimentava Itai com uma leve inclinação de cabeça.

— Esther! O seu lugar não é no Conselho? O que faz aqui? – Jafé parecia um pouco nervoso diante da guerreira.

— Eu consegui convencer o meu avô de que Gades necessitava de um exército, mesmo que Hedhen esteja desfrutando tempos de paz. O mais difícil foi convencê-lo a me dar o comando.

Jafé sorriu e balançou a cabeça.

— Seth está ficando muito flexível.

O olhar de Esther passou pela cena abaixo da colina e ela analisou tudo com seriedade.

— Escudo de Nod? – Ela perguntou.

— Acha que podemos atravessá-lo? – Jafé apontou para o grupo de gaditas que aguardavam um pouco mais acima.

Esther sorriu com os olhos brilhando de expectativa. Ela encarnava bem o espírito das antigas guerreiras de Gades.

— Em um piscar de olhos – ela poderia ter usado esse tom de voz diante de uma fatia de bolo.

Lá embaixo, os magos se agitaram ao ver o grupo recém-chegado se aproximar com passos decididos. Eles perceberam o quanto seria difícil manter o escudo, pois sabiam exatamente que grupo era aquele. A existência de um povo "imune a magia", vivendo naquela terra, já era de seu conhecimento, pois Thánatos lhes orientara sobre isso. Eles só não esperavam que fossem tão belicosos e ousados, já que aparentemente haviam escolhido a reclusão. Diante do avanço, alguns magos vacilaram, inseguros e confusos. Mas as ordens recebidas foram claras. Eles deviam manter o escudo a todo o custo, a fim de que seus companheiros tivessem sucesso na missão que lhes fora conferida. O que eles não podiam adivinhar, embora fossem magos, era que haviam sido escolhidos para dar cabo de uma missão suicida. Não haveria nenhum sinal. Não haveria nenhum aviso. Pois nenhum deles voltaria para Nod.

Nas montanhas do litoral, nas ruínas de Haros, uma cova fora achada seguindo instruções específicas. Os Juízes ficaram bastante tempo com o rei-feiticeiro Jabim, e por isso sabiam daquela informação valiosa. A cova estava fechada com uma pedra

redonda e encimada com o selo do rei-feiticeiro. Retirada através da magia de levitação, a pedra foi erguida e atirada ao lado, partindo-se com a queda. Uma escada descia para uma câmara escura e de formato quadrangular, em cujas paredes encontravam-se estantes de pedra, cada uma delas ostentando vários rolos de pergaminhos. Eram muitos! Bem mais do que imaginaram. Não havia tempo para procurar aquele rolo especial a que vieram buscar, portanto, a única solução encontrada foi embarcar todos os livros no navio. Afinal, todos eram sobre magia oculta, e isso deveria agradar os Juízes.

Um pouco distante dali, a barreira foi rompida e o escudo quebrado. Os magos, surpresos, caíram com facilidade, atingidos pelas flechas de Gades antes mesmo que pudessem lançar algum sortilégio. Sem olhar para trás, os cavaleiros avançaram em direção ao litoral. Jafé cavalgava na frente, com uma velocidade alucinada. Ele queria deter o navio que via se afastar para o alto-mar, mas a distância real era bem maior do que aquela vista pelos seus olhos. Quando, por fim, eles chegaram às ruínas, o rapaz saltou do cavalo. Ele caminhou ao redor, os olhos vasculhando cada recanto daquele monte de paredes quebradas.

— O que ele está fazendo? – Esther perguntou a Itai, ainda em cima do cavalo.

— Jafé possui suas próprias teorias – o príncipe de Midani murmurou de forma enigmática.

Jafé sumiu por trás de uma parede e Esther, intrigada, desceu do cavalo. Itai a imitou.

— Aqui! Encontrei! – Gritou Jafé por detrás da parede.

Itai e Esther correram em sua direção e depararam com a câmara aberta. Jafé já descia na frente, convencido de que não havia mais ninguém ali. Lá embaixo, eles encontraram as estantes vazias, mas alguns rolos espalhavam-se pelo chão, esquecidos na pressa de embarcar tudo com rapidez. O olhar de Jafé era desolador.

— Que lugar é esse? – Esther caminhava passando a mão pelas estantes vazias.

— Esta era a biblioteca proibida de Jabim, o rei-feiticeiro – Jafé respondeu, abaixando-se e examinando os rolos no chão.

Itai permaneceu em pé e os olhava com curiosidade. A câmara estava completamente escura, mas os gaditas agiam como se as trevas não os afetassem. Era como ter chamas nos olhos, ele pensou.

— Biblioteca? E onde estão os livros? – Ela perguntou.

— Eles, aparentemente, tiveram tempo de levar tudo – Itai murmurou, cerrando os dentes. Ele se sentia frustrado. Eles haviam falhado.

Jafé levantou-se e chutou o pergaminho aos seus pés para longe.

— Seria muita sorte se eles tivessem deixado algo importante para trás... – Esther apontou para os rolos no chão.

— São apenas fórmulas para curar feridas durante uma batalha, algo sobre a história de Babilos e uma lista de materiais com propriedades mágicas.

Esther abaixou-se e apanhou os rolos.

— O que está fazendo? – Jafé perguntou.

— A história de Babilos pode ser útil, se for lida por um sacerdote das Cavernas do Sal – ela respondeu.

Itai deu um passo à frente.

— Falhamos aqui, mas ainda temos tempo de unir nossas forças para ajudar a Cidade Dourada.

— Tem razão – disse Jafé.

— Espero que não estejam pensando em me deixar para trás – falou Esther.

Sem mais demora, os três abandonaram a câmara vazia e prosseguiram para o sul.

Ana correu para o lado de Simeão a tempo de assistir à entrada triunfal de um juiz-mago de porte arrogante e aspecto cadavérico. A roupa, que geralmente cobria o rosto, desta vez o deixara à mostra. Era uma face magra e duas olheiras roxas e profundas eram ostentadas naquele rosto doentio. Ele parecia um morto que havia voltado à vida com a mesma alegria de um morto. Atrás dele, uma dezena de magos com roupas negras tomaram posições no santuário. Simeão, com um gesto protetor, tomou a frente da esposa. Thánatos parou diante do guardião de Shilloh. Em seus olhos sem vida não havia o esboço de nenhum pensamento observável. Era impossível dizer o que se passava na mente daquele ser.

— As árvores – a voz dele era monótona, assim como seus movimentos. – Onde estão?

Simeão sentiu a mão de Ana apertar seu braço. O velho robusto esforçou-se para manter o silêncio. Thánatos, com um suspiro de enfado, olhou em volta e começou a caminhar lentamente pelo jardim, ignorando os dois guardiões. Suas mãos

levemente erguidas com as palmas para baixo. Ele parou quando seus olhos pousaram sobre as oliveiras gêmeas que estavam por trás de um cercado. Dessa vez, o juiz sombrio esboçou uma reação que bem poderia ser tomada como um sorriso. Ele caminhou a passos firmes e confiantes, pronto para tocar em ambos os troncos e liberar seu poder de morte. Suas mãos, estiradas para frente, porém, tocaram algo que ele não esperava. O escudo colocado ali por Nathan ainda se mantinha forte e inabalável. O contato provocou queimaduras nas mãos de Thánatos, fazendo-o gritar de raiva e dor. Erguendo o olhar das mãos queimadas e fitando as árvores com os olhos arregalados, ele vociferou:

— Retire o escudo, velho!

— Não sou um sacerdote – a resposta de Simeão foi calma. – Não fui eu quem o criei, portanto, não me cabe tirá-lo.

Thánatos virou-se para ele, incrédulo, pesando o que era verdade nas palavras do homem. Ele ergueu-se, pronto a fazer mais questionamentos, quando parou subitamente ao ouvir gritos do lado de fora. De repente, cavalos adentraram o santuário. Um bando de mulheres, zelosas e ousadas, investia contra seus magos, que mal tinham tempo de abrir a boca para lançar suas magias. Uma delas trazia uma armadura dourada e o que parecia ser uma

coroa na cabeça. As outras se vestiam de branco e outra, mais velha, usava um manto e um capuz cinza. Um outro grupo juntou-se a elas, cujas armaduras eram negras e brilhantes, liderados por uma mulher alta e encorpada. Eram as amazonas de Febe. Lutavam como homens em pleno campo de batalha. Thánatos via, sem esboçar reação, seus magos caírem um a um. Quando aquela que parecia ser uma rainha virou-se para ele com a espada em punho, ele avançou na direção do velho guardião, pronto para o tocar. Ana, prevendo o que ele faria, tomou-lhe à frente e o toque foi sobre ela. Um toque que começou a liberar o poder do sono eterno. O poder da morte.

— Ana! — Simeão gritou.

Thánatos segurou a mulher pelo pescoço, liberando o poder e olhando nos olhos da rainha que se aproximava. Tamar investiu contra ele com um grito, soltando toda a fúria que estava sentindo, mas teve que parar a fim de segurar o corpo frágil de Ana, que caía em seus braços, jogado pelo mago que começava a correr para a escuridão do jardim. Febe, Milca e Hogla lançaram-se atrás dele numa caçada desesperada. Tamar olhava para o rosto pálido de Ana, cuja pele começava a ficar fria, e para o rosto aflito de Simeão, que chorava copiosamente sobre o corpo da esposa e

companheira. A rainha de Aroer gritou de angústia. Sentia-se derrotada de todas as maneiras. Falhara em proteger a Cidade Dourada e permitira a morte de uma mulher inocente. Sua angústia pesava ainda mais pelo peso da responsabilidade. Miriam e Tirza observavam com pesar. Sem conseguir acreditar no que estava acontecendo. De repente, a profetisa fechou os olhos e agarrou o braço da capitã da Ordem. Tirza olhou-a espantada.

— Você é uma sacerdotisa-guerreira da Ordem Branca – a voz de Miriam era neutra e não parecia pertencer a ela mesma. – Vá rápido até as árvores e colha a seiva que escorre. A seiva curadora.

Tirza não questionou a ordem, apenas agiu. E agiu com rapidez. Pegando uma pequena cuia de barro dentro da casa, ela correu para as árvores e, como estava ligada ao sacerdócio pela Ordem Branca, ela pode ultrapassar o limite do escudo de Nathan e colher a seiva verde que escorria por um dos troncos. Ao voltar com a cuia cheia, ela olhou para Miriam. A profetisa apontou para Ana.

— Faça-a beber. Ainda há tempo.

Ajoelhando-se ao lado da velha guardiã, Tirza despejou o líquido verde em sua boca entreaberta. Segundos angustiantes se passaram, até que o peito de Ana começou a se mover novamente.

Simeão não sabia se ria ou se chorava ao abraçar a esposa. Tamar enxugou as lágrimas e levantou-se, cambaleando para trás. O peso, de repente, pareceu ficar mais leve. Do jardim, dois vultos voltaram correndo. Febe, Milca e Hogla estavam sozinhas.

— Ele sumiu – disse Milca. – Como um fantasma.

— E quanto às crianças? – Perguntou a voz rouca da recém-acordada Ana.

— Crianças? – Hogla perguntou confusa. – O jardim estava vazio.

Simeão ergueu a cabeça e olhou para a rainha.

— Caio e Cloé, os filhos de Noa e Sangar, estavam conosco e foram se esconder no jardim – ele falou aos trambolhões.

Tamar compreendeu e compartilhou de seu medo.

— Febe, fique e faça uma busca detalhada pelo jardim e arredores, nem que leve a noite toda. Use as amazonas que precisar. Nós voltaremos para o palácio e mobilizaremos uma busca pelo mago em cada canto dessa terra.

— Assim será feito, Majestade! – Febe disse, saindo para cumprir a ordem.

No caminho de volta, Tamar teve a nítida sensação de que o peso em seus ombros voltou a aumentar.

Eles se foram de forma tão repentina como chegaram. Era incrível pensar que tão poucos magos pudessem causar tantos transtornos. O fato é que Thánatos aproveitou-se do elemento surpresa e chegou à Hedhen quando aquela terra desfrutava de total paz e segurança. O seu povo não aguardava um ataque de Nod, principalmente um ataque relâmpago como foi aquele. Muita força foi requisitada para lutar em um confronto sem batalhas. As mobilizações dos magos, tanto no Norte quanto no Sul, serviram apenas de fachada para seus reais objetivos, cujos alvos eram certos. Após a partida dos navios e, apesar de não haver nenhuma baixa do lado hedheniano, o clima era de expectativa. Os invasores foram expertos o suficiente para conseguir parte do que foram buscar.

Jafé relatou à rainha o assalto à biblioteca proibida de Jabim, em Haros, e de como eles conseguiram se apropriar de todos os rolos de magia enquanto um escudo de Nod lhes barrava a passagem. Milca e Hogla solicitaram a ajuda de Febe e das amazonas para caçar o mago sombrio, mas elas não conseguiram encontrar nem o mago e nem as crianças. A sensação de

impotência era grande. A jovem rainha de Aroer e atual regente da Cidade Dourada, mal tinha ânimo de erguer a cabeça diante das notícias. Apesar de ninguém se lhe opuser ou tecer críticas mordazes, ela se autoflagelava. Foi nesse estado de espírito que ela subiu para a torre escura e sentou-se na borda do poço das visões, olhando as colinas que se estendiam para o deserto do sul. Queria ficar só, pois somente assim ela poderia ter a liberdade de extravasar o que estava sentindo.

— Erga a cabeça, Rainha Dourada! – A voz do Ancião soou por detrás dela, fazendo-a levantar-se, mas sem se virar.

— Não sei se poderei erguê-la novamente, meu Senhor. Eu falhei, e minha falha pode ter consequências terríveis para nossos amigos em Nod... E também para nós, num futuro próximo.

— Você julga a si mesma com muita severidade. – A voz dele soou com mais suavidade. – É por isso que não foi dada ao homem a capacidade de julgar a si mesmo.

Ela voltou a sentar, pois sentia as pernas fraquejarem.

— Pois me diga, então, Senhor, se existe algo bom que eu tenha feito nesse dia?

— Se não fosse sua intuição e intervenção, as árvores não estariam em pé agora, lá em Shilloh. Aquele escudo não se

manteria firme diante de um mago poderoso de Nod. Ele só precisava de tempo para quebrá-lo. Um tempo que você não lhe concedeu.

Ela respirou fundo, analisando as palavras ditas pelo Ancião.

— Davi e Eva continuam vivos graças a você, Tamar.

— E quanto às crianças? E os rolos de magia?

— A maior parte dos livros que levaram só servirá para fazer o navio ficar mais pesado. No entanto, é verdade que entre aqueles livros está um que pode ser muito perigoso em mãos erradas. Mas o jovem gadita encontrou um rolo que pode ajudar, se for estudado da forma correta. Quanto às crianças, você deve entender que algumas coisas ultrapassam sua capacidade de intervir. Elas farão parte de algo maior, bem maior. E aquilo que no momento pode parecer uma derrota, na verdade, está seguindo o curso que lhe foi determinado.

Dessa vez, Tamar virou-se para o Ancião. Ele estava postado em uma das janelas, encoberto parcialmente pelas sombras da noite.

— A sua vitória foi garantir que as Árvores continuem vivas aqui e lá. A mobilização que comandou lhe serviu para mostrar que é uma boa estrategista e dona de uma boa intuição. Agora, já sabe

como se preparar para algo maior que, com certeza, chegará, e que pode contar com pessoas leais e competentes ao seu lado.

Ele aproximou-se dela e tocou-lhe a cabeça. Tamar fechou os olhos e sentiu como se um bálsamo fosse derramado sobre ela, tirando-lhe o peso da culpa e a vergonha da derrota.

— Não pense que esteve sozinha. Tudo o que aconteceu aqui foi sentido em Nod. Houve interseção sim, e foi ela que garantiu que as árvores não sofressem danos maiores, pois Thánatos é o juiz que traz o poder da morte. Foi essa interseção que lhe mostrou o caminho do santuário. Agora você deve ir, Majestade. Mostre firmeza e comece a agir, pois o trabalho está apenas começando.

Em alto mar, Thánatos observava as últimas imagens da terra de Hedhen, antes de alcançarem o portal. Ele sorria por dentro, embora não manifestasse isso por fora. Lá embaixo, dormindo e vivendo um alegre mundo de sonhos inspirados por ele, o Senhor do Sono, estavam as duas crianças encontradas por ele durante a fuga pelo jardim. O seu grande trunfo. As pequenas crias da Sacerdotisa. Como ele soube quem elas eram? Um mago como ele não pode ser enganado. No sangue da menina corre o mesmo sangue da mãe, e o chamado sacerdotal é facilmente descoberto

por um Juiz da Ordem Negra. Leukós ficará satisfeito. Lord Abadom exultará de prazer. E ele, Thánatos, seria finalmente elevado a uma categoria mais alta. Ele ainda pensava sobre isso quando Hedhen sumiu no horizonte. Era hora de retornar para Nod.

Capítulo 24

O Homem do Pântano

(De Volta à Nod)

O Santuário de Sardos era diferente dos outros, não no sentido estrutural, mas em tudo que o envolvia. Em Laos, eles encontraram um santuário abandonado e enterrado sob a terra, mas os espectros, ainda que fossem semelhantes a fantasmas, não pertenciam a pessoas mortas. Philos ficava na encosta de uma montanha, mas a cidade em suas proximidades era um lugar ativo e vivo. No entanto, tudo em Sardos parecia realmente morto. Noa apertou as rédeas de Tempestade e trocou um olhar inquieto com Zoe, que seguia na garupa de Deborah. Durante o caminho, elas tiveram tempo de se conhecer e conversar a respeito dos dons. Noa percebeu que, apesar de estar aprendendo a ser uma sacerdotisa,

precisava instruir Zoe, pois a moça nunca em sua vida tivera qualquer contato com assuntos sacerdotais. Não houve preparo. Era como ser jogada no meio do mar sem saber nadar. Ela temia passar o medo e a insegurança que oprimia seu peito diante daquele cenário sem vida.

Os cavalos não manifestavam o menor desejo de prosseguir. À frente deles, envolvido por uma neblina malcheirosa, oriunda de fendas e poças que se espalhavam a perder de vista sobre o solo, árvores secas e quebradas jaziam no caminho em uma quantidade tal que lembrava uma floresta macabra. No meio de tudo isso se encontrava um imenso lago de águas sujas e borbulhantes e, em seu centro, uma pequena ilha. A neblina dificultava-lhes a visão e, portanto, era difícil enxergar o que havia lá.

— Apolo – Barak quebrou o silêncio. – Você nos falou de todos os santuários anteriores e nos preparou para eles, mas até agora não nos deu nenhuma informação sobre Sardos. Não acha que chegou a hora?

Todos os olhares pareceram se virar para o sacerdote.

— Desculpe-me, meu rei, se eu mantive o meu silêncio a esse respeito. O fato é que há muito tempo esse santuário caiu no esquecimento e todos aqueles que buscaram aproximar-se dele não

chegaram a voltar. Não sei o que aconteceu aqui, que tipo de batalha houve, ou que tipo de armadilhas e obstáculos pode haver ainda. Estou cego, assim como vocês.

— Esse lugar está morto – Deborah falou com o olhar fixo na frente.

— Morto? – Noa olhou para ela.

A rainha balançou a cabeça sem tirar os olhos da paisagem.

— Não há vida aqui. O silêncio da morte encobre tudo.

— Como pode saber... – Apolo começou a questionar.

— Esse silêncio me é familiar, sacerdote – Ela olhou para ele.

- Por um curto espaço de tempo, eu o experimentei.

Apolo abaixou a cabeça, constrangido.

— Há uma construção no meio daquela ilha – apontou Sarah.

– Posso ver seus contornos através da neblina.

— Pensei que seu olhar não atravessasse a névoa – Eunice comentou ao lembrar do incidente na entrada do portal.

— Essa névoa não é tão espessa quanto aquela. – Sarah explicou. – Apesar de parecer irreal, ela deixa claro o que está do outro lado. É como se quisesses que entrássemos lá.

Noa confirmou as palavras de Sarah e respirou fundo.

— É aqui. Estamos diante da estrada que nos levará ao Santuário de Sardos. Não há dúvidas quanto a isso.

O cavalo de Héber relinchou inquieto e ele o acalmou com um afago.

— Um santuário escondido em um pântano morto – ele murmurou. – Isso não soa nada agradável.

Jael observava os gases que subiam pelas fendas e uma lembrança passou-lhe pela mente. Uma lembrança que a tornou cautelosa quanto ao caminho a seguir.

— Sacerdote, diga-me... A magia antiga tem origem na terra de Ariel, não é verdade? No tempo em que as terras eram unidas.

Apolo olhou espantado para Jael.

— Sim, com certeza.

— O que está pensando, Jael? – A pergunta veio de Nathan.

Ela pegou o arco, enquanto falava.

— Já vi seres estranhos serem invocados do chão como sombras. Fumaça também saía do chão quando isso aconteceu. Não estou dizendo que vai acontecer agora, mas, se vamos penetrar nessa estrada, é melhor estarmos preparados.

As armas surgiram em cada mão, e os olhos tornaram-se mais atentos. O que Jael não podia esperar era que a neblina

escondesse mais do que apenas sombras.

Noa aceitou a proteção que seus amigos se propunham a lhe dar, mas ela sabia que ninguém mais, além dela mesma, deveria tomar à frente daquele caminho. Que nova prova aquele santuário lhe traria? Ela tentava buscar o discernimento, mas a ansiedade atrapalhava. Aquela ansiedade, porém, parecia advir de outra coisa. Ela vinha crescendo aos poucos, como se algo que ela não compreendesse estivesse lhe oprimindo o coração. A imagem dos filhos não lhe saía da cabeça. Ela ia e vinha por repetidas vezes, impedindo-a de pensar. Ela começou a repetir para si mesma que eles estavam bem, mas desde que Deborah os chamou para interceder por Hedhen, essa certeza não estava mais tão sólida. Ela olhou para trás e seus olhos encontraram os de Zoe. A moça estava assustada, mas fazia seu papel, e Noa agradecia ao Pai por tê-la enviado. Dessa vez, ela não estaria sozinha.

Deborah aproximou seu cavalo de Jael. O grupo estava a ponto de entrar na estrada que conduzia para o interior do pântano.

— Você por acaso está pensando o que eu acho que está pensando?

Jael a olhou com o cenho franzido.

— Qual é o problema, minha irmã? Não consegue saber?

Deborah suspirou.

— Sim, eu consigo. O fato é que acho impossível ser verdade o que se passa no seu pensamento. Ela morreu de fato, Jael. Você a matou.

Jael balançou a cabeça.

— Eu atirei nela sim. Mas não foi um corpo que caiu no chão. Até hoje, eu não sei dizer o que era aquilo. Você consegue? Estava lá comigo. Você a viu também.

— Eu posso saber de quem vocês estão falando? – A pergunta veio de Priska, que estava na garupa de Jael.

— Estamos falando da Sacerdotisa-chefe de Salema, mãe. A bruxa que ajudava Atalia em seus encantamentos.

Priska pousou firme a mão sobre o ombro da filha.

— Aquela mulher... você a matou?

Jael olhou para Deborah antes de responder.

— Eu pensava que sim, mas agora não tenho tanta certeza.

— Jael, o fato de essa fumaça lembrar do momento em que ela estava invocando àquelas sombras, não quer dizer que apenas ela fosse capaz de fazer isso – replicou Deborah.

— Desculpe-me, Majestade, mas Jael pode estar certa – Zoe falou da garupa de Deborah.

— O que a faz pensar assim? – Deborah questionou.

— Desde que os dois grupos se reuniram, Nathan e Apolo têm ensinado tudo a mim e a Noa, a respeito de sacerdotes e sacerdotisas. Apolo nos contou sobre uma mulher que passou a servir Abadom após a queda dos santuários. Tirando os Juízes, ela é a força mais poderosa com a qual ele conta. Isso porque ela é capaz de invocar espíritos de sombras.

— E quem é essa mulher? – Perguntou Deborah.

— Ele a chamou de Jezabel.

Deborah e Jael trocaram um olhar preocupado. Se fosse verdade, além de tudo que já haviam enfrentado antes, teriam que ficar novamente de frente com aquela que, por tanto tempo, havia sido a mente maquiavélica por trás de Atalia. Sua iniciadora nos mistérios ocultos.

O grupo instigou os cavalos para a frente, pois, apesar dos maus pressentimentos e intuições, era o único caminho a seguir. Era a única estrada que poderiam tomar. Jael, sempre cautelosa, insistiu para que Noa e Zoe não seguissem na frente, mas que deixassem aos outros a tarefa de abrir o caminho. Os Luminares,

num consenso silencioso, tomaram para si essa tarefa. Zoe teve que passar para a garupa de Noa, para sua própria proteção.

A estrada seguia para dentro do pântano. Na medida em que avançavam, a indesejada névoa verde ficava mais forte e agourenta, fechando-se ao redor do grupo ao ponto de ficar difícil a visualização do caminho. Sarah, atendendo ao pedido de Jael, tomou seu lugar na frente, ajudando a decifrar as formas da estrada com seu olhar treinado. De repente, alguns metros à frente, ela parou e ergueu a mão. Um vulto é distinguido em meio a névoa, parado na estrada. O grupo parou e aguardou. Não podiam dizer se era um vulto humano ou apenas uma sombra.

— Desejo falar com a Sacerdotisa! – Gritou uma voz masculina e potente, muito humana.

Noa empertigou-se, mas Jael lhe lançou um rápido olhar.

— Quem é você? – Perguntou Jael. – Apresente-se!

— Eu só falarei com a Sacerdotisa – respondeu a voz, no mesmo tom.

Noa avançou o cavalo, apesar dos protestos de Sangar e do olhar reprovador de Jael, quando ela parou ao seu lado.

— Eu estou aqui! – Ela alçou a voz – Fale!

A sombra enfim se moveu, como se reconhecesse a voz da Sacerdotisa, e caminhou com passos firmes até onde estava parado o grupo. Era um homem, não um ser de sombra. Um homem cujo aspecto lembrava muito Eliah, só que mais alto e robusto. Talvez aquele terrível pântano tivesse habitantes. Ele parou diante do cavalo de Noa, ignorando todos os demais.

— Sardos representa sua morte, Sacerdotisa – sua voz soava como a de um profeta e Deborah reconheceu isso. – Prossiga nesse caminho e sele seu destino.

Noa não se abalou, pelo menos não de forma que alguém pudesse perceber. Mas Zoe, que estava na sua garupa, percebeu

— Até agora, apesar dos obstáculos, os caminhos de cada santuário se abriram para mim. Por que seria diferente com este?

O homem abaixou a cabeça e olhou para o chão.

— Porque houve traição em Sardos.

— Em Laos também houve traição – rebateu Noa.

O homem deu mais um passo para a frente, com o olhar perturbado.

— É diferente – ele falou.

— Em quê? O que torna a traição de Sardos diferente?

Um vento frio soprou antes que ele desse a resposta, com os olhos fixos em Noa.

— O Santuário de Sardos foi traído pela própria sacerdotisa que o devia proteger. Ela abriu as portas para o inimigo e se vendeu a ele.

A revelação deixou Noa sem voz. Ela, até agora, havia conhecido a história de sacerdotisas que foram mártires de suas causas, que lutaram pelo bem até o fim. Nunca lhe passou pela mente que uma sacerdotisa pudesse trair o santuário. Apolo adiantou-se, tão perturbado quanto ela.

— Mas que história absurda é essa, homem do pântano? Isso é impossível! A sacerdotisa de Sardos desapareceu dessa terra, exatamente como as outras. Foi morta da mesma maneira vil e covarde

O homem riu sem nenhum tom de diversão.

— O nome dela! O cargo dela! Isso sumiu dessa terra, sacerdote, admito. Mas não seu lado negro, vendido por vontade própria e consciente para Lord Abadom. Ou será que se esqueceu de Jezabel?

Apolo ficou com a tez subitamente pálida e suas mãos tremiam segurando as rédeas do cavalo.

— Jezabel... – ele sussurrou.

— Não acha muita coincidência a feiticeira Jezabel ter surgido para guerrear contra a sacerdotisa de Tyro logo após a destruição de Sardos? – Instigou o homem.

— Está nos dizendo que Jezabel e a sacerdotisa de Sardos são a mesma pessoa? – Apolo encontrou novamente a voz.

Noa saltou do cavalo e aproximou-se do homem. Ele a olhou com respeito e reverência.

— Eu não conheço a história de Nod, mas lembro de você ter dito que o santuário havia sido destruído. Isso não é verdade. Eu sinto a força latente que o envolve. Ainda há vida nele. Apesar dos esforços, o inimigo não conseguiu destruir o altar.

O homem do pântano vacilou surpreso. Noa havia acertado o alvo. Ela percebeu isso e foi em frente.

— Responda-me apenas uma coisa: por que essa feiticeira, ao “destruir” o santuário, não converteu seu poder? Ela tinha acesso ao altar. Ela poderia, com facilidade, combater a força dos outros santuários a partir daqui. O que a fez deixar esse lugar sob um feitiço de morte?

O homem deu um passo para trás, hesitante. Via-se que não queria responder.

— E então? – Falou Deborah do alto de Bruma. – Por que não responde à Sacerdotisa?

Ele ergueu vagarosamente a cabeça, encarando com dificuldade a Rainha de Hedhen.

— O santuário voltou-se contra ela – ele respondeu com um fio de voz.

Zoe, que havia se aproximado, piscou aturdida.

— Mas como pode ser isso?

Ele a olhou com interesse e surpresa, como se reconhecesse nela algo especial.

— O poder do santuário a expulsou – continuou o homem com a voz mais firme. – O encantamento em volta dele não foi colocado pela sacerdotisa, mas nasceu do próprio santuário. Os poderes de Sardos estão vivos! Existe um escudo intransponível e, por trás dele, a morte.

Zoe olhou para Noa com os olhos arregalados.

— Isso é possível?

— Não tenho respostas para isso, Zoe – Noa falou com sinceridade.

O homem voltou a olhá-la com ansiedade.

— Entende por que não pode prosseguir? O santuário a impedirá de passar. Você é a Sacerdotisa, e ele a vê como inimiga.

Noa balançou a cabeça, convicta.

— Não! O altar me reconhecerá.

— Se chegar até ele... – o homem falou pausadamente.

Zoe se colocou ao lado de Noa.

— Ela não está sozinha.

Dessa vez o homem a avaliou com mais profundidade e se surpreendeu com o que viu.

— Você também é uma sacerdotisa! Embora seus dons ainda estejam evoluindo, eu posso senti-los.

Ele encarou Noa com aflição.

— Mas com você é diferente. Seus dons estão completos e são imensamente fortes. O santuário reagirá!

Jael suspirou com impaciência.

— Mas, afinal, quem é você? De onde vem tanto conhecimento sobre o santuário? E como consegue reconhecer os dons de Noa e Zoe?

O homem suspirou com um misto de melancolia e tristeza.

— Eu era um guardião do santuário. Jurei solenemente protegê-lo e vi, sem poder fazer nada, todos os meus irmãos de

juramento desistirem. Fui o único que ficou.

O homem do pântano chamava-se Uzá. Após ele ter revelado tudo o que sabia, o grupo resolveu entrar em conselho antes de se arriscar no interior do pântano. Eles discutiam, sentados em volta de uma fogueira.

— Apolo, você não tinha nenhum conhecimento disso? —
Questionou Barak.

O sacerdote ainda estava trêmulo com as últimas revelações.

— Jezabel é uma feiticeira poderosa, mas eu jamais a associaria à sacerdotisa de Sardos. Entenda uma coisa, meu rei, as sacerdotisas sempre foram exemplos de justiça e sabedoria entre nós. Seria bem mais fácil acreditar em sua morte do que em sua queda moral.

Deborah jogou um galho seco sobre o fogo.

— O fato, pelo que entendi, é que o próprio santuário se levantará para impedir a entrada de Noa ou Zoe — ela falou. — Ele tem a sacerdotisa como uma inimiga e não aceitará sua presença. Diante disso, o que faremos?

Ela olhou para Noa. A amiga tinha um olhar cansado, e Deborah lembrou-se de quando era ela que se encontrava naquela

posição, ainda insegura dos próprios passos. Sim, ela entendia o que Noa estava passando.

— Você disse que o altar a reconheceria – Ela tinha que trazer Noa de volta, não a deixar fraquejar. – O que quis dizer com isso?

Noa piscou com o reflexo do fogo e olhou para a rainha.

— Apenas uma verdadeira sacerdotisa pode gerar a chama do altar. Jezabel perdeu esse título quando profanou a si mesma, e jamais poderá voltar a ter esse poder. Mas eu posso. Quando a chama azul se manifestar, o santuário me reconhecerá como uma verdadeira sacerdotisa, através do altar.

— Isso é o que você acha? – A pergunta de Jael foi feita de forma prática e direta.

Noa levantou-se.

— Estou usando o meu dom de discernimento, Jael. Aqui, perto do santuário, é quase impossível não o usar. Existe vida no altar, apesar de tudo em volta parecer morto. Eu a sinto.

Héber abriu os braços e olhou em volta.

— Nesse caso, o que faremos?

Nathan prestou atenção no homem do pântano, que agora se mantinha calado.

— Uzá, pode me responder a uma dúvida? – O tom do sacerdote foi polido.

O homem ergueu a cabeça com o cenho franzido.

— Se a resposta que deseja estiver ao meu alcance, eu ficarei feliz em ajudar.

Nathan sorriu.

— O que aconteceria se outra pessoa, que não fosse uma sacerdotisa, tentasse entrar e passar pela névoa?

— A defesa do santuário se erguerá de qualquer forma, para impedir sua violação.

Apolo se manifestou.

— Não pode ser! Deve haver um diferencial! Noa não pode ir sozinha!

— Apolo está certo – falou Jael. – O que está escondendo de nós, Uzá?

Deborah, que agora havia assumido novamente o título de “Herdeira”, apesar de não estar com o poder da luz dentro dela, teve alguns dons restaurados. Um deles era a visão que Ihe permitia sondar os pensamentos. Ela levantou-se e parou diante de Uzá. O homem virou o rosto sem conseguir Ihe sustentar o olhar.

— Olhe para mim, Uzá – o pedido dela foi feito com suavidade e firmeza ao mesmo tempo.

Ele não teve como negar. Seus olhos fixaram-se nos olhos negros de Deborah e ele teve vontade de se libertar do medo, pois não havia nada mais ali, além de conforto e paz. Ela, após alguns segundos de silêncio, suspirou e voltou-se para os outros. Uzá, vendo-se livre, queria retornar para aquele olhar.

— O caminho não está aberto para nós, mas apenas para sacerdotisas – ela falou.

— Existe algum tipo de escudo? – Perguntou Barak.

— Nada que Noa não possa quebrar – respondeu Deborah buscando o olhar da amiga.

— Se eu os levar comigo, estarei expondo suas vidas – disse Noa, vendo a determinação nos olhos de Deborah.

— Se “você” levá-los? Pretende me deixar de fora? – Questionou Zoe.

Noa voltou-se para a moça e tentou sorrir.

— Zoe, se algo me acontecer, é importante que outra sacerdotisa permaneça viva.

Zoe argumentaria contra, mas sentiu o peso da mão de Priska em seu ombro.

— Zoe, eu receio que Noa esteja com a razão. Sua vida é tão preciosa quanto a dela.

— Além disso, Noa não estará sozinha – completou Deborah com um sorriso.

— Não mesmo! – Sangar posicionou-se ao lado da esposa, segurando-lhe firmemente a mão.

Os quatro Luminares, Sangar e Sarah acompanhariam Noa, apesar de seus protestos. Eles ultrapassariam o escudo de névoa enquanto os outros aguardariam do lado de fora. Era notório que um grande poder aguardava ali dentro, e seria necessário um grande poder para confrontá-lo.

Capítulo 25

O Santuário de Sardos

Noa não teve dificuldades em quebrar o escudo, dando passagem aos outros. Era quase como se o santuário quisesse que ela entrasse. Um desafio. A névoa verde ainda permanecia, escondendo parcialmente o chão enquanto caminhavam. O solo,

longe de ser firme, era úmido e pegajoso. Além disso, um gás malcheiroso deixava o ar pesado e sufocante. Se não fosse a névoa verde, seriam as características de um pântano comum.

— Pelo Grande Pai! – Exclamou Jael. – Consegue ver alguma coisa, Sarah?

A gadita seguia na frente, como uma guia.

— Não há estrada lá na frente, apenas muita água – ela falou. – Não espere que a situação melhore.

— Nenhuma trilha? – Héber perguntou esperançoso.

— A trilha existe, Héber, mas como eu disse, não é exatamente uma estrada. Não tem como fugir desse caminho, vamos ter que molhar os pés.

Mal Sarah fechou a boca, seus pés afundaram e eles passaram a caminhar com água até os joelhos. A névoa, naquele ponto, foi abrindo, tornando-se menos densa e dando-lhes alguma visão. Diante deles estava a ilha vista por Sarah, ainda do outro lado do escudo, e em seu centro encontrava-se uma estrutura de pedras quadradas com uma escadaria na frente. Ao lado da porta, árvores secas e mortas emaranhavam seus galhos espinhosos na frente dela, como numa tentativa de impedir que fosse aberta. Noa parou diante da visão.

— Lá está ele... – ela sussurrou. – Sardos.

Sangar olhou em volta a procura de algo. Não lhe agradavam as águas que formavam um lago escuro e parado em volta daquela ilha. De repente, ele alegrou-se ao encontrar o que procurava.

— Aquilo não é uma ponte?

Uma corda estendia-se de uma árvore à margem do caminho onde se encontravam até outra árvore posicionada na ilha. Ambas mortas e secas como tudo ali. Não havia insetos, as águas eram paradas, e nem o vento se fazia presente. A água agora já batia quase na cintura dos homens.

— Bela ponte! – Bufou Héber.

— É o melhor que podemos ter, eu acho – falou Barak com um sorriso resignado.

Enquanto eles caminhavam até a corda, um sutil movimento nas águas chamou a atenção de Deborah. Ela puxou a espada e seu gesto chamou a atenção dos outros. O movimento aumentou e a água, agora, agitava-se por todos os lados. Sangar agarrou o braço da esposa e ajudou-a a chegar até a ponte. Noa não opôs resistência e o seguiu. Ela alcançou a corda e, vendo que estava firme, alçou os pés para cima procurando ficar o máximo possível longe da água. Segurando a corda, ela percebeu que a “ponte” se

inclinava em seu percurso até a ilha em um nível muito mais baixo, pois a ilha parecia estar posicionada em um declive. Na realidade, o lago, a ilha e o santuário estavam no centro de uma depressão.

Sarah deu um pulo para trás quando diante dela emergiu uma sombra com forma humana. Jael, atrás dela, já estava pronta.

— Abaixese, Sarah!

A gadita abaixou-se a tempo de ouvir a flecha zunir sobre sua cabeça e transformar aquela sombra em um monte de poeira. As sombras se multiplicavam, tentando passar por eles. Elas tinham um alvo: Noa. As espadas dançavam e flechas riscavam o ar espalhando poeira negra em todas as direções. No entanto, as sombras continuavam a surgir, não importava quantas fossem abatidas. A presença delas gerava um sentimento de pânico, embora elas se desfizessem com facilidade. Se alguém ficasse cercado por duas ou três, poderia ficar paralisado de medo.

— Jael, lembra-se de Salema? – Gritou Deborah no meio de uma luta. – Deve haver uma fonte que as esteja gerando.

Sim, Jael lembrava. Aquela batalha ainda estava viva em sua memória, e desde que vira aquela névoa verde as lembranças só fizeram aumentar. Em resposta, ela mergulhou na água escura. O pouco da essência de luz que havia retornado para ela permitiu-lhe

ver através da escuridão. Héber se colocou ao seu lado, com os olhos faiscando uma luz prateada. Ele apontou para um local entre duas rochas. Parecia um buraco ou a entrada de uma pequena caverna. As sombras pareciam estar saindo por ele. Ambos nadaram em sua direção sem serem perturbados. As sombras pareciam não se importar com sua proximidade. Como soldados treinados, elas subiam para a superfície com um único propósito: alcançar a sacerdotisa.

A fenda por onde as sombras saíam era ladeada por duas rochas não muito firmes. Héber posicionou-se atrás de uma e Jael atrás da outra. Não demorou muito para que eles conseguissem derrubá-las e tapar a fenda.

Lá em cima, Noa pôde perceber que, apesar do esforço dos amigos, muitas sombras conseguiram passar e caminhavam ameaçadoras em sua direção. Ela fez a única coisa que poderia livrá-la daquele apuro, pois ali, suspensa naquela corda, ela não poderia se defender. Rapidamente, mas com muito esforço, ela soltou uma das mãos e conseguiu retirar o cinto de sua túnica, passando-o por sobre a corda, quando duas sombras estavam a centímetros dela. Ela soltou as pernas e o peso do seu corpo serviu

de impulso para que o cinto deslizesse pela corda até a ilha. Durante o trajeto, outras sombras se ergueram de dentro do lago, mas bastava que Noa as chutasse para que virassem poeira. A ilha se aproximava rapidamente e Noa teve que soltar o cinto antes de se chocar com os galhos secos da outra árvore. Ela caiu de lado sobre o chão arenoso e firme. Ficou ali deitada, respirando agitadamente, agradecendo ao Pai por estar viva. Mas quando ela virou a cabeça para olhar o local da batalha, percebeu o erro que cometera. Outro escudo envolvia a ilha. Tão transparente que ela só agora o estava distinguindo. Seus amigos não poderiam passar sem sua ajuda. Ela estava sozinha, ameaçada pelas forças atuantes do mal que se mantinham vivas em Nod e a mercê da fúria vingativa de um santuário. O santuário que queria matá-la.

O santuário estava localizado em um promontório, cujos degraus da escadaria foram lapidados diretamente da rocha bruta. Parecia tudo muito fácil. De lá, ela podia ver o reflexo da porta de bronze. Mas sua atenção estava nas árvores, secas e mortas, que ladeavam o caminho da escadaria. Ela podia jurar que vira galhos e cipós se moverem, apesar de não haver vento.

Vagarosamente, com medo de despertar algum poder desconhecido, Noa ergueu-se com a mão posta no cabo da espada,

pronta para tirá-la da bainha. Ao movimento dela, os galhos secos pareceram reagir, e então ela teve a certeza de que não estava vendo coisas. Uma raiz elevou-se aos seus pés de forma abrupta, jogando-a com violência sobre o primeiro degrau. Dos dois lados, cipós surgiram e enlaçaram seus braços, mantendo-os abertos, obrigando-a a soltar a espada e ficar de pé. Com uma força que ela jamais pensou existir, aqueles meros cipós jogaram-na ainda mais para cima, e ela caiu no meio da escadaria, onde havia uma plataforma quadrangular. Por toda sua volta, fechando sua visão, estavam raízes, galhos, e cipós que balançavam como serpentes vivas. Ela levantou-se, olhando em volta. O seu caminho fora barrado para frente e para trás. Caíra numa armadilha e estava sozinha.

— Não fui eu que traí o santuário! – Ela argumentou numa tentativa desesperada. – Eu vim para restaurar o altar!

Em resposta, um cipó enlaçou-se em sua perna e a puxou, fazendo-a cair sobre um leito de raízes firmes e duras. O choque a deixou sem fôlego. Para completar seu suplício, outro cipó enrolou-se em seu pescoço. Ela esperneou tentando livrá-lo com as mãos, enquanto sua visão começava a ficar turva. Tateando com uma das mãos, ela alcançou um pequeno punhal, dado por Sangar, que

pendia numa bainha às suas costas. Com um movimento rápido, ela cortou a raiz que lhe sufocava, e caiu para o lado, arfando e tossindo. Era preciso fazer algo rápido, antes que ela morresse e não houvesse mais jeito. Só havia uma coisa a fazer.

Zoe estava encolhida diante da fogueira. O capuz cobria seu rosto para esconder o aborrecimento por ter sido deixada para trás. À sua volta, o silêncio do grupo chegava a ser irritante. Eunice não tirava os olhos dela, mesmo enquanto afiava a lâmina da espada. Maalá caminhava de forma tranquila pelo perímetro, fazendo a guarda com Joakim, e Eliah lançava olhares desconfiados na direção de Uzá. O único som de vozes humanas partia dos cochichos dos sacerdotes e de Priska, que se mantinham isolados, ignorando-a por completo. No meio de toda a frustração, ela sentiu. Foi uma sensação familiar, semelhante a que teve na balsa, quando intercedeu por Noa pela primeira vez. A mensagem era clara. A Sacerdotisa precisava de ajuda.

Zoe tentou parecer normal, mas ela tinha que fazer algo para atravessar o portal, e rápido! Então ela tentou se lembrar da descrição e dos ensinamentos sobre os dons que uma sacerdotisa poderia possuir, e um deles lhe veio à mente. Um que fazia parte

dos dons do espírito e que poderia ser tentado pela proximidade com o santuário. Era muito ousado, mas ela seria capaz? Isolando a mente e se concentrando no próprio corpo, ela começou a ser tomada por uma sensação estranha que a envolvia lentamente como um fino lençol. De súbito, Eunice deu um pulo, soltando a espada.

— Onde está Zoe? — Ela perguntou olhando em volta. — Eu só virei o rosto por um segundo!

Todos se ergueram em alerta, procurando em volta, sem saber que ela permanecia exatamente no mesmo lugar. Ela conseguira! Conseguiu criar um escudo de invisibilidade. Talvez, como ela pensou, a proximidade do santuário estivesse fortalecendo seus dons. Aproveitando-se do elemento surpresa, ela levantou-se silenciosamente e correu em direção a barreira de névoa que envolvia o pântano. Com um último olhar para os amigos, que continuavam a procurá-la com aflição, ela atravessou para dentro do pântano, rompendo o escudo que o envolvia.

O esforço mental fez Noa perder um pouco a orientação. Ela buscava desesperadamente um espaço vazio entre as árvores por onde pudesse passar e alcançar o ar livre. Não lhe importava se o

caminho a levasse para cima ou para baixo, o fato era que se permanecesse ali, morreria. Ela enxergou o que parecia ser uma brecha entre dois troncos secos e finos. Tateando de quatro pés, ela forçou sua passagem, mas foi barrada por uma raiz que surgiu do chão, fazendo a pedra da escadaria rachar. Arrastando-se para trás, olhando para os lados, ela só via o próprio fim. Uma árvore diferente das outras pairou sobre ela. Era fina e cheia de galhos espinhosos. Um dos galhos se ergueu e sua sombra a cobriu. Instintivamente, Noa ergueu o braço esquerdo por instinto. O braço do escudo! A armadura! Era sua única chance. Foi o tempo de ver o galho cair sobre ela e ser barrado por aquela força invisível. O peso, porém, era enorme. Ele caiu novamente sobre ela. Noa se encolheu. O santuário venceria, pois ela não se sentia forte o suficiente para manter o escudo por mais tempo. Ela o sentiu desvanecer enquanto o galho caía sobre ela novamente. O escudo ainda permaneceu tempo o suficiente para amenizar o golpe, mas não para impedir que a força do galho lhe quebrasse o braço. Noa gritou com a dor que explodiu, tomando conta de cada sentido dela. Ela ainda chegou a ver o reflexo de um homem com cabelos vermelhos saltando para o interior daquela armadilha, partindo o galho com uma espada. Depois, ela não viu mais nada.

Noa foi levada para longe da escadaria e do círculo de árvores-zumbis. Barak e Héber a colocaram no chão com cuidado. Eles a haviam puxado, enquanto Sangar extravasava sua raiva cortando galhos e cipós, abrindo o caminho para eles. Deborah ajoelhou-se ao lado da amiga e examinou seu lado esquerdo. O braço não havia sido somente quebrado, mas grossos espinhos haviam penetrado na carne, ocasionando uma significativa perda de sangue. Sangar aproximou-se e caiu de joelhos ao lado da esposa, temendo ao ver seu rosto pálido. Ele olhou para Deborah com uma pergunta no olhar.

— Nós temos que tirá-la daqui – as palavras da rainha foram ditas com firmeza, sem hesitação. – Quanto mais tempo ela passar no meio desse feitiço de morte que envolve o local, mais rápido sua vida será sugada.

— Não pode curá-la? – Sangar tinha os olhos marejados de lágrimas.

— Aqui não, Sangar. Mas, ainda que Eva estivesse entre nós com a seiva curadora, isso levaria certo tempo. Esse encanto vem do próprio santuário.

Jael pôs a mão no ombro da irmã.

— A chama precisa ser acesa, Deborah – ela falou com suavidade. – Olhe a mão dela.

A mão direita de Noa estava com a palma virada para cima, e dela começava a fluir uma luz azul.

— Não foi somente para ajudá-los a atravessar o escudo que ela me chamou aqui – Disse Zoe, passando por Jael e ajoelhando-se ao lado de Deborah. – Ela mesma disse que se algo lhe acontecesse, eu deveria ser uma esperança para vocês.

— Os seus dons ainda não estão prontos – lembrou-lhe Barak.

— E como saber quando eles estarão prontos, meu rei? – Rebateu a moça. – Noa não vai acordar para fazer isso. Esse é o motivo de eu estar aqui.

Em resposta, Noa gemeu e abriu os olhos. Ela ouviu as palavras de Zoe, mas elas não estavam corretas. Cabia a ela tomar à frente, apesar da onda de dor que a entorpecia.

— Você está aqui por outro motivo... – ela falou num sussurro, chamando a atenção de todos. – Como sacerdotisa, é a única pessoa capaz de me levar pela porta do santuário... Ele não permitirá que outra pessoa o faça...

Sangar olhou suplicante para Deborah. Ele sabia que o tempo de exposição poderia matar Noa. A rainha queria intervir, mas sentia a lógica da amiga. Zoe ainda não estava pronta para receber a chama em sua mão. Pelo menos, não a chama daquele santuário que fora vítima da traição de uma sacerdotisa e que precisava ser purificado por outra. Era Noa quem deveria ir.

— Nós podemos limpar o caminho para vocês – foi tudo o que ela disse, olhando firme para Sangar. – Sangar, ajude Zoe a levar Noa até a porta do santuário.

Sangar e Zoe entreolharam-se, indecisos.

— Se não me levarem logo, juro que irei sozinha... – Noa falou, cerrando os dentes decidida, entre uma e outra onda de dor.

Sangar a pegou nos braços e olhou para Zoe.

— Vá em frente! Eu sigo você.

Zoe concordou e obedeceu sem questionar.

Barak, Deborah e Héber abriam caminho com as espadas, arrancando galhos e cipós. Aqueles que suas espadas não abatiam eram traspassados pelas flechas de Jael e Sarah. No meio deles, saltando sobre as raízes que tentavam impedir seu avanço, desviando-se de galhos e cipós sobreviventes, Zoe conseguiu

chegar ao topo da escadaria e se posicionar diante da porta de bronze. Ela aguardou a chegada de Sangar. A chama ardia com intensidade na mão de Noa, e quando ela a estendeu para a frente, as árvores, cujos galhos se entrelaçavam na frente da porta, pareceram reconhecer aquela que se aproximava e abriram passagem. Zoe, até ali, agia movida por uma força interior que a impulsionava a seguir em frente. Ela tocou na porta com a mão esquerda e esta se abriu. A moça hesitou diante da grandiosidade de sua missão. Jael parou ao lado dela. Eles já haviam aberto o caminho e começavam a se unir a eles. Ela compreendia o que Zoe estava sentindo.

— O caminho abriu-se para você. Não tenha medo de segui-lo. Essa chama será acesa por duas sacerdotisas.

Zoe assentiu para ela, agradecida pelas palavras de encorajamento. Lembrando-se de que a vida de Noa dependia da quebra daquele encantamento de morte, ela entrou, arrastando a sacerdotisa consigo.

Lá dentro, a escuridão era completa. Zoe só conseguia distinguir a forma quadrada de um altar no centro da enorme sala, e Noa, apoiada em seus ombros, nada dizia, mas sua agonia podia ser sentida a cada respiração. Enquanto elas avançavam, Noa

mantinha a mão aberta por sobre os ombros de Zoe. A chama aumentou de tamanho. Elas pararam diante do altar. Zoe pegou-lhe o braço, tirando-o de seus ombros e ajudando Noa a estirá-lo para frente. O fogo azul pareceu criar vida e saltar da mão de Noa para o meio daquela laje de pedra. Foi então que tudo se iluminou e Zoe pode ver as paredes primorosamente decoradas com cenas da floresta e o brilho do piso de mármore negro. Uma energia nova subiu pelo seu corpo e ela, afinal, reconheceu a si própria. Enquanto isso, Noa desabava para o chão, tendo sua missão cumprida.

O som que se ouviu foi como o de um vidro quebrando. Deborah olhou em volta. Ela havia descido para a beira do lago a fim de ver como retornariam. O ar estava límpido e a névoa verde se desvanecia como fumaça. Ela avançou até a margem do lago com o braço esticado à frente do corpo. O escudo se fora. Quebrara-se. Vagarosamente, outra transformação ocorria. As árvores secas, que pareciam mortas, começaram a vicejar. Folhas verdes e tenras surgiam onde antes só existiam galhos espinhosos. Os troncos cinzentos assumiram um tom acastanhado ou marrom, de acordo com o tipo de árvore. O pântano transformava-se em um

belo bosque, e o som de pássaros e insetos começava a atestar o retorno da vida em Sardos.

— Deborah – chamou Sangar do meio da escadaria.

Ele apontou para frente.

— Olhe, temos uma ponte agora – disse Sangar.

Deborah olhou e sorriu. Um caminho de pedra estendia-se da ilha até o outro lado, como se sempre estivesse estado ali. Uma trilha seguia por ele e entrava no bosque.

— Não foi apenas a vida que voltou a este lugar, Sangar. O nosso caminho também foi aberto – ela disse.

Três! Três colinas tiveram suas chamas apagadas. O olhar de Abadom era sombrio. A Sacerdotisa conseguira passar pelos três piores santuários. Sardos deveria ter dado um basta na história toda, já que o próprio santuário se tornou inimigo da sacerdotisa. Jezabel garantiu-lhe que tudo estaria resolvido e que aquela chama jamais se apagaria. Mas apagou-se! Nenhuma explosão de raiva ou fúria resolveria o problema. Seus inimigos tripudiavam dele em sua própria terra e ganhavam terreno, chegando cada vez mais perto de seus objetivos. Foi-lhe dito que o povo de Tibreya estava inquieto.

Já haviam percebido as colinas apagadas e murmuravam entre si, questionando qual era a razão de tudo aquilo.

Era muito difícil Abadom sair de seus aposentos, mas, dessa vez, ele foi obrigado a isso, pois precisava saber como agir para não perder outra batalha. Ele precisava de uma vitória! Ele entrou pela passagem secreta de seu quarto e subiu com dificuldade um lance de escadas em espiral até chegar a um aposento escuro e cheio de mesas, algumas estavam cheias de papéis velhos e amarelados, outras estavam ocupadas com vidros contendo líquidos e pó colorido. Ele franziu o nariz ao sentir o cheiro adocicado das poções. A sala possuía uma única janela, tão estreita que não era visível do lado de fora. Uma mulher olhava através dela. O seu olhar abrangia as colinas e ela sabia qual fora a chama que se extinguiu. Era uma mulher muito velha, tão velha quanto o tempo podia ser, pensou Abadom.

— Ela passou por Sardos – ele comentou.

— Eu sei – sibilou ela, sem se dignar a olhar para ele.

— O que faremos agora? O meu reino perde poder, meus magos ficam mais fracos, e meus antigos inimigos recuperam suas forças.

— Deixe-a avançar, meu Lord – ela falou num som sussurrante.

— Avançar?

Abadom, o grande, devia tudo o que conquistara até ali à inteligência maquiavélica daquela mulher. Por isso, o grande “deus” do povo de Tibreya agia como um mago iniciante diante da grande Jezabel. Uma mulher que conhecera os poderes mais antigos do mundo unido de Ariel, que soubera manipular amigos e inimigos como Ihe convinha, que aprendera o caminho entre os mundos após sua divisão. Ela era a verdadeira deusa daquela terra e ele reconhecia isso.

— Para que correr atrás, se sabemos para onde ela vai? Nem que isso ocasione a perda de mais uma chama, deixe-a vir até nós. Eu saberei como recebê-la.

— Ela é mais poderosa do que pensávamos – argumentou ele.

— Conheço sua fraqueza.

— Como poderia conhecer?

Jezabel olhou para ele e sorriu friamente. Abadom, para ela, era mais um boneco a ser manipulado, como suas sombras eram e como Atalia foi um dia. Ela conhecia a história da Ordem Branca e

sabia de onde vinha a Sacerdotisa. Um dia, elas frequentaram o mesmo templo, mas Noa era criança demais para lembrar. Uma menina ainda traumatizada com a morte do pai, tomada pela culpa. Ignorante quanto à própria força. Ela tentou arrastá-la para o seu lado, torná-la uma discípula, mas o coração de Noa só tinha lugar para a luz. A menina que dera as costas para a Sacerdotisa-chefe de Salema e correu para o seio da Ordem Branca renegada.

— Eu a conheço mais do que você imagina. Só que ela não sabe disso.

Priska ouviu o estalar do osso e soube que o braço havia sido recolocado no local certo. Os espinhos já haviam sido retirados e o sangue fora limpo e estancado. Enquanto a curandeira procedia com os primeiros socorros em Noa, Deborah mantinha as mãos sobre a cabeça da amiga, impondo-lhe um sono profundo onde a dor não poderia alcançá-la. Apesar dos ferimentos, a cor havia retornado à face da Sacerdotisa. Priska começou a enfaixar o braço de forma que ficasse totalmente preso ao corpo. Quando ela acabou, ergueu os olhos para Deborah e sorriu.

— Ela se recuperará logo, não se preocupe. Não há nada aqui, neste corpo, que meus remédios não possam curar.

Deborah retirou as mãos da cabeça de Noa, temendo que esta pudesse acordar de repente.

— Confia muito em seus remédios.

Priska deu de ombros.

— Tenho que confiar. Não possuo poderes como os seus.

A mulher pegou uma tigela cheia até pela metade com um líquido alaranjado e o mexeu com uma colher de pau. Em seguida, pegou um pouco do líquido na colher e o levou até a boca de Noa. Nada foi derramado. Era como se o líquido soubesse exatamente para onde deveria ir.

— Isso mandará a dor embora por um bom tempo – Priska falou, enquanto olhava para a rainha com curiosidade. – Pode retirar a mão e descansar um pouco também.

Deborah sorriu agradecida, percebendo que ainda segurava a cabeça de Noa. Priska era uma curandeira experiente e Noa estaria bem assistida dali para frente. Uzá os havia conduzido para um abrigo rústico que ele criara no meio do pântano, que agora se tornara um verdejante bosque. Era um abrigo pequeno feito de plantas, galhos e madeira apodrecida, mas, no momento, era o melhor conforto que poderiam oferecer ao corpo machucado da Sacerdotisa.

Deborah saiu cambaleante para o espaço aberto. Já era noite, mas todos ainda aguardavam despertos e preocupados. Ela sorriu para Sangar e afastou-se para o lado.

— Entre e fique com sua esposa, Sangar. Ela vai gostar de vê-lo ao seu lado quando acordar.

— Como ela... — ele balbuciou com medo de fazer a pergunta.

— Já vi Noa combater coisas maiores do que um braço quebrado. Não se preocupe, ela está reagindo bem, pois o encanto de morte foi desfeito. O corpo de Noa tem, inclusive, o poder de curar a si mesmo, pois já foi tocado pela seiva de minha filha.

Sangar pareceu renascer com a notícia e seus olhos brilharam enquanto atravessava a porta da pequena habitação. Barak, então, envolveu a esposa com os braços, obrigando-a gentilmente a sentar perto do fogo. Ela aceitou, com um sorriso cansado, a tigela de sopa que ele lhe ofereceu.

— Parece tão doente quanto Noa — ele murmurou preocupado.

— Isso acontece toda vez que necessito usar um poder de cura mais profundo. Logo estarei bem.

Eles trocaram um olhar terno e cheio de significados. Barak sorriu e pousou a mão sobre a face de sua rainha.

— Nunca deixarei que saia de perto de mim novamente.

— Não deixe – ela sussurrou.

Os outros haviam se afastado, aliviados pelas palavras dela. Héber e Jael deitaram-se ao lado do fogo. Barak sorriu e arrumou um canto para eles. Deborah não queria pensar mais em nada, além de um merecido descanso nos braços de seu amado. A vida fora restaurada aquele lugar e o perigo, por enquanto, encontrava-se longe dali.

Nathan observava da porta do santuário aberto, espiando com atenção seu interior. A luz da chama azul envolvia a silhueta de Zoe. A moça havia retornado para lá, antes mesmo de saber notícias de Noa. Nathan a seguiu até ali, e agora aguardava. O pequeno sacerdote sorriu e meneou a cabeça. Parece que a missão de sua vida consistia em preparar heroínas com dons especiais.

Zoe permaneceu ali, de frente para o altar, por quase a metade da noite. Quando ela saiu, assustou-se ao ver o sacerdote sentado no degrau do santuário. Ele suspirou ao ouvir os passos dela. Zoe sentou-se ao seu lado antes que levantasse.

— O altar me atraiu – ela explicou um pouco hesitante. – Sei que parece loucura, mas...

Ele pôs a mão no braço dela.

— Por que seria loucura? Você ajudou a acender a chama de um altar sagrado e não reconhece a própria importância?

— Noa é a Sacerdotisa. Isso é um fato. O poder do santuário não deve mais ser dividido como antes.

— Bem, e onde isso a deixa? Qual é seu lugar nessa história? Meio insegura, ela deu de ombros.

— Na verdade, eu não sei.

Nathan a olhou com atenção.

— Não subestime seus dons, Zoe. Você fez algo de incrível poder. Algo que eu nunca vi uma pessoa fazer. Você tornou-se invisível aos nossos olhos. Em seguida, você, de certa forma, levou a chama que acendeu o santuário. Pois foi isso o que fez, levando Noa até lá. E agora, eu lhe pergunto uma coisa, sacerdotisa, o que o altar lhe falou?

Zoe olhou surpresa para ele.

— Não me olhe assim! Sei como essas coisas funcionam. Eu as estudei durante grande parte de minha vida. A voz do altar de Sardos a fez voltar aqui, não foi? O que ele queria?

Zoe, por fim, pareceu render-se aquela nova situação. Com um suspiro que pareceu vir do interior de sua alma, ela encarou Nathan com os olhos verdes e brilhantes.

— Pode me fazer um favor, meu amigo sacerdote? O altar exige a presença das Gêmeas Noturnas. Pode chamá-las?

Nathan sorriu e ergueu-se com prontidão.

— Assim o farei, jovem sacerdotisa.

Com uma pequena mesura, ele desceu a escada de pedra, deixando Zoe sozinha a meditar.

Deborah e Jael encontraram Zoe dentro do santuário. Ela estava ao lado do altar e de frente para a porta. Era noite clara, e uma lua cheia brilhava no céu, deixando reflexos prateados sobre as águas do lago, agora purificadas. Elas hesitaram na porta. Eram Luminares, não sacerdotisas, e estavam perante um lugar antigo e sagrado. E se havia uma coisa que Deborah e Jael aprenderam a respeitar em suas andanças, foi o poder contido nos lugares antigos. Zoe ergueu os braços fazendo sinal para que elas entrassem.

O fogo azul ardia com intensidade, lançando sombras estranhas. Jael não ousou se aproximar muito. Deborah, ao seu

lado, não fitava o fogo, mas tinha os olhos fixos em Zoe.

— O que o altar quer de nós?

— Não adiantará nada usar palavras, Majestade. Vocês terão que ver. Por isso estão aqui.

Zoe aproximou-se do fogo e estendeu o braço, para surpresa das Luminares. Jael quis impedir, mas Deborah ergueu o braço, barrando-lhe a passagem. O braço de Zoe permaneceu intacto, sem nenhuma queimadura.

— Vocês devem tocar o fogo para ver o que o altar quer lhes mostrar – Zoe sorriu diante dos rostos surpresos. – Não tenham medo. O fogo azul é frio. Não vai queimar vocês.

Deborah e Jael trocaram um olhar rápido antes de se aproximarem do altar. Não havia calor, e aquilo lhes deu um novo ânimo para prosseguir. Elas estenderam as mãos para dentro da chama azul e o que aconteceu em seguida foi algo inesperado. Era como se elas houvessem sido sugadas para o meio daquela chama. Ambas se encontravam no meio de um pequeno círculo, enquanto o fogo azul ardia ao seu redor. Não era possível ver Zoe, e nem mesmo as paredes do santuário. De repente, no meio das chamas dançantes, imagens foram se formando.

Deborah viu claramente os muros de uma grande cidade. No meio dela, à vista de todos, encontrava-se uma estrutura que parecia feita de ouro. Sua porta estava firmemente lacrada e vigiada por fora. Sua visão mudou para o interior da terra, onde um grupo de homens, nobres e sábios no aspecto, jaziam imóveis em meio à escuridão. Deborah virou-se para observá-los, mas tudo o que viu foi um grande salão circular cheio de celas com grades e o cheiro de morte espalhado no ar. Gritos e gemidos a fizeram tapar os ouvidos. Mas em meio aquilo tudo, ela ouviu uma voz clara e profunda.

— “O caminho da Sacerdotisa é o seu caminho. A libertação que aconteceu pelas mãos da Herdeira deverá se repetir. Um povo que está encerrado no esquecimento e na escuridão precisa ouvir sua voz. Você os atrairá para a luz e a força renascerá diante do Grande Altar”.

Jael não viu o que Deborah viu, porque a visão que a acometeu foi diferente. Havia um campo, sombras e um rosto enrugado e malévolo de mulher, do qual ela lembrava muito bem. No campo, havia um grande exército cujas roupas lembravam-lhe as roupas quentitas, mas a cor era diferente. Eles pareciam esperar por ela. Mas, para chegar até eles, ela tinha que passar pelas

sombras. A terra aos seus pés cedeu e ela caiu em meio a muros de pedra que se abriam e fechavam como um labirinto. Em meio a confusão e ao desespero, ela ouviu a voz. Era clara e límpida.

— “Um povo adormecido deve acordar. O som do shofar deve ecoar em seus ouvidos. A Filha da Estrela deve unir o Exército de Areia e prepará-lo para a grande e decisiva batalha que ocorrerá entre as sete colinas. A Estrela servirá de guia para um povo que julga estar cego, mas, antes, ela deverá trilhar o caminho da Herdeira, pois as luzes noturnas devem brilhar na escuridão”.

O fogo, de uma forma assustadora, pareceu envolvê-las e passar por elas, concentrando-se novamente em cima do altar. Deborah deu dois passos cambaleantes para trás. Jael estava paralisada, em choque.

— O que ele lhes mostrou? – Zoe perguntou, preocupada diante da reação de suas amigas.

— Foi confuso e, ao mesmo tempo, claro – balbuciou Deborah.

— Sim, foi muito claro – disse Jael.

As irmãs se encararam, compreendendo a visão.

— Nossos caminhos se separarão mais uma vez, mas não agora – disse Jael.

Deborah nada podia fazer além de concordar.

O grupo reuniu-se em volta da fogueira para ouvir o relato da boca das Luminares. Zoe pediu licença, pois não lhe cabia tomar decisões naquela reunião. Além disso, ela sentia-se exausta e Sangar lhe cedeu o lugar ao lado de Noa, já que ele deveria participar das decisões que seriam tomadas. Quando a história terminou de ser contada, um silêncio pesou sobre o grupo.

— Acredito que o que deve ser feito está bastante claro para todos – falou Nathan quebrando o silêncio.

— O Ancião nos enviou para cá – disse Deborah. – Ele falou que nós devíamos seguir o caminho da Sacerdotisa, e agora eu sei o motivo. O altar nos deu a revelação do mistério que nos acompanha desde que caímos nessa terra.

— É verdade – completou Jael. – Agora nós sabemos que caminho trilhar.

Nathan olhou atentamente para elas.

— Seus caminhos se separarão novamente. Isso não lhes perturba?

Elas se encararam por alguns instantes e se compreenderam, como sempre fizeram, mesmo sem comunicação mental.

— A ignorância nos perturba, Nathan – disse Jael. – Mas esta foi retirada de nós, e agora podemos enxergar.

— E diante de tantas revelações, o que vai ser feito agora? – Perguntou Apolo.

— Quando o momento da separação chegar, nós saberemos – disse Deborah. – Até lá, continuaremos juntas, seguindo o caminho da Sacerdotisa.

— Sim, não precisamos decidir nada agora, mas é bom saber que estaremos preparadas quando o tempo chegar – completou Jael.

Ela tomou o shofar de Heber nas mãos e sorriu para o marido.

— Esse som deverá fazer diferença em Nod também. Por isso eu não o perdi.

Capítulo 26

As Montanhas de Arath

As Montanhas de Arath assomavam majestosas no horizonte. A viagem fora segura até ali e o grupo parecia descansado e

tranquilo, mas, intimamente, seus corações gritavam de ansiedade. O que seria revelado ali? Que verdades surgiriam? Hulda aproximou-se dos dois jovens que observavam o contorno das montanhas. Davi e Eva subiram a um pequeno monte e ficaram ali, parados e reflexivos.

— Suas mães também ficaram assustadas quando chegaram às Cavernas do Sal. Mas foi lá que elas encontraram as respostas que procuravam.

Eva observou o rosto da profetisa.

— Você também ficou assustada, como está agora?

Hulda sorriu.

— Não, Eva. Eu sabia o que esperar das Cavernas e daqueles sacerdotes, mas não sei nada sobre este lugar. E isso me assusta.

— Suas palavras não trazem muito consolo, Hulda – falou Davi. – Principalmente porque o meu coração não está tão leve quanto devia. Algo vai acontecer nesse lugar, além das revelações que esperamos.

Por um momento, Hulda não soube o que dizer. A intuição de Davi fazia parte do seu dom, e isso era realmente perturbador.

— Acho que vamos ter que esperar para ver – Eva murmurou.

Lá embaixo, Hadassa preparava uma sopa com o olhar distraído. Seus pensamentos também estavam naquelas montanhas lá na frente. Ela evitava olhar para elas e ficar pensando no seu destino incerto. De vez em quando seu olhar encontrava-se com o do sacerdote, mas Áquila desviava os olhos, constrangido e irrequieto.

Ela ergueu-se ao ver Hagai surgir com um maço de folhas na mão. Ele as estendeu para ela.

— São ervas aromáticas – ele explicou. – É para a sopa.

Ela sorriu e cheirou o maço, jogando uma parte na panela.

— Pelo menos teremos uma refeição saborosa hoje. Acho que já atravessamos o trecho ruim da floresta, e por isso suas maravilhas começam a se abrir para nós.

— Sim, é verdade – ele comentou ao sentar. – Você está bem?

Ela respirou profundamente e o encarou.

— Ansiosa, nervosa, um pouco como todo mundo. Acho que aquelas montanhas assustam um pouco. Elas parecem tão imponentes! Bem maiores que as de Hedhen, até mesmo do que a Montanha Branca.

Ele sorriu descontraído.

— A natureza nunca assustou você antes – Hagai comentou, apreciando o cheiro da sopa.

— Isso foi antes de cruzar o mar, meu querido – ela gracejou.
– Além disso, não são as montanhas que me assustam, mas o que vamos encontrar lá.

— Todos acham que serão respostas.

Hadassa conhecia o marido muito bem e percebia que, se não mudasse logo o foco do assunto, ele acabaria descobrindo o que não devia.

— Que sejam respostas que nos orientem, então.

Nesse momento, Theo chegou. Ele vinha acompanhado por Zacarias e Rute. Os três foram na frente, inspecionar a trilha que levava à montanha.

— Está tudo limpo – Theo falou. – Não há nada que impeça a nossa passagem até Arath.

— Teremos que escalar a montanha ou a trilha nos levará direto ao refúgio dos sacerdotes? – A pergunta foi feita por Davi, que vinha descendo o monte na hora em que Theo falou.

— Como você mesmo disse, é um refúgio – falou o guia. – A trilha só leva até onde um viajante comum consegue chegar. De lá

até o mosteiro, apenas um sacerdote de Arath pode ir. Nem mesmo eu saberia encontrar o caminho.

Davi procurou Áquila com os olhos e o encontrou parado diante do rio. Parecia concentrado e Davi compreendeu o que se passava. Devia haver algum tipo de ligação mental entre os sacerdotes de Arath, algo que não existia em Hedhen. Talvez porque aquela ordem sacerdotal de Nod remontasse aos tempos antigos, tendo conseguido manter a pureza que tinham no início. Áquila estava buscando seus irmãos da Ordem de Arath e cabia a eles aguardar.

A noite foi tranquila no acampamento. Um sono pesado tomou conta de seus corpos cansados, como se aquilo fosse uma preparação para o que ainda aconteceria. Não houve a necessidade de fazer vigilância, pois Áquila havia garantido que a segurança já estava sendo feita pelo poder dos sacerdotes. Esse poder antigo e ancestral apenas aumentou com o acender das chamas de três dos santuários sagrados.

Pela manhã, eles iniciaram o caminho pela trilha em direção à montanha. Áquila, dessa vez, havia tomado a liderança. Era um caminho sem muitos obstáculos, mas que se tornava difícil devido a

subida íngreme. Quando finalmente alcançaram uma curva, o sacerdote parou e virou-se para o guia. Haviam chegado ao limite imposto ao viajante comum.

— Devo voltar e fazer o meu caminho de volta – falou Theo com resignação na voz.

— Não, meu amigo, dessa vez você seguirá ao meu lado – Áquila pôs a mão no ombro do homem. – Tem permissão para passar, pois provou sua fidelidade.

Theo era um homem rude, não sujeito a se entregar às emoções, mas não conseguiu evitar que os olhos lacrimejassem. Áquila sorriu e, em vez de seguir em frente, ele virou-se para a parede rochosa. Um toque no local certo fez surgir uma abertura atrás de uma pedra solta. Era grande o suficiente para pessoas e cavalos passarem. Dessa forma, em silêncio, eles foram penetrando no interior da montanha em direção ao refúgio da Ordem de Arath.

Ainda no túnel escuro, eles pararam para descansar e tomar uns goles de chá de viagem, a fim de repor as forças perdidas com a subida. A viagem prosseguiu até a noite, quando saíram por uma abertura cuja única proteção era um imenso arbusto. A luz da lua iluminava um vale cercado pelas mais altas montanhas que eles já viram. Hadassa apertou a mão do marido.

— São realmente maiores do que as montanhas do Norte, aquelas que cercam a Montanha Branca – ela sussurrou. – A antiguidade desse lugar deve ser surpreendente.

— Agora eu começo a compreender seu comportamento – ele falou.

O vale estava inundado pela luz do luar, o que permitia ter alguma visibilidade.

— Não vejo nenhuma estrutura – questionou Hulda. – Onde se encontra o refúgio de sua ordem, Áquila?

— Você acha, realmente, minha querida Hulda, que encontraria uma estrutura solidamente construída no meio do vale? Não é à toa que Arath sobrevive até hoje. Sigam-me, amigos! Há luar suficiente para encontrarmos o caminho.

Áquila não desceu ao vale, mas foi seguindo uma trilha estreita que circulava a parede das montanhas em volta até chegar em uma fenda natural.

— Sacerdote, se esta for uma entrada, acho difícil passar com os cavalos – comentou Zacarias.

Áquila apenas sorriu, enquanto se esgueirava pela fenda e sumia na escuridão. De repente, a pedra pareceu deslizar para o lado lentamente, aumentando a abertura. Rute olhou para Zacarias.

— Nunca forme pensamentos precipitados diante de um sacerdote – ela aconselhou com um sorriso maroto.

O grupo, então, deu os primeiros passos para o interior de um lugar impressionante. Um lugar onde segredos ancestrais seriam revelados, assim como o destino de alguns.

O mundo além da fenda da montanha era bem diferente do que eles tinham imaginado. A arquitetura era impressionante e monumental. Uma coisa era certa. Ali estava concentrado o indiscutível traço de uma arte muito antiga. O interior da montanha não fora apenas cavado, mas lapidado de uma forma que apenas as paredes, cujas rochas eram mais duras, preservaram a aparência de uma caverna. O chão era de um mármore negro e brilhante e abria-se num corredor em cuja largura, com certeza, caberia uma carruagem grande e ainda sobraria espaço. Ao final do corredor, iniciava-se uma escadaria que levava para cima e abria caminho para a esquerda. Algumas partes da parede encontravam-se lapidadas e cheias de inscrições. Zoar, de vez em quando, parava extasiado, tentando ler o que havia escrito. O silêncio só era cortado pela respiração e pelos passos de cada um. O mármore negro dava a ilusão de estarem sobre um piso espelhado, e as

paredes em volta também eram escuras e brilhavam como se estivessem molhadas. Rute chegou a tocar na superfície áspera e se espantou ao ver que não havia umidade. Ao final da escadaria havia uma porta dupla de quase três metros de altura. A porta era de bronze, sem nenhuma gravura. Do teto pendia um sino de prata cujo cordão Áquila puxou, fazendo-o soar e reverberar como um eco.

— Agora devemos aguardar – ele falou.

Somente quando pararam ali, ele pode avaliar o rosto de cada um e sorriu com a surpresa contida em cada olhar.

— O que vocês esperavam encontrar aqui? Um bando de velhos sacerdotes oprimidos, escondendo-se em cavernas?

Hulda olhava para tudo com os olhos muito abertos.

— Para ser sincera, era exatamente isso que eu esperava encontrar, não uma fortaleza como essa. Áquila, esse lugar é inatingível! Agora entendo o motivo de sua Ordem ter sobrevivido por tanto tempo.

Ele ia responder quando as portas começaram a ser abertas. Dois sacerdotes de vestes claras fizeram uma reverência para o grupo passar. Um corredor mais estreito estendia-se de forma quase plana, iluminado por tochas nas paredes. Ali o ar era frio e

Eva sentiu os pelos dos braços se arrepiarem. O corredor terminava numa abertura sem portas, por onde a brisa da noite entrava. Do lado de fora, eles puderam vislumbrar, ao luar, uma incrível construção. Um pátio circular, cercado por colunas de mármore, formava um verdadeiro santuário, de onde se podia avistar um vale escuro que se estendia por milhas entre as altas montanhas que o circundavam. Um segundo vale escondido. Um prolongamento do primeiro, visto de um ângulo diferente. O pátio não possuía ornamentos, mas brilhava ao luar. O mármore ali, do lado de fora, era branco. Eles viram que uma estreita trilha seguia até a parede das montanhas, e lá se transformava em degraus. Degraus que seguiam os contornos da montanha até uma grande estrutura escavada diretamente na rocha bruta.

— Aquilo é um palácio? — Hulda perguntou admirada

— Estou em casa. É o nosso refúgio. — Sussurrou Áquila, maravilhado.

Ele virou-se para o grupo e viu que estavam encantados com o local.

— Fiquem aqui, meus amigos. Eu devo seguir em frente e falar com meus irmãos a sós.

Davi deu um passo à frente.

— Por que isso agora, Áquila? Qual é a razão de não podermos seguir com você?

— Todos esses anos, escondidos nessas montanhas, levaram-nos a assumir atitudes desconfiadas. Eu devo ir e contar tudo, antes que vocês subam.

Ele pôs a mão sobre o ombro do rapaz e sorriu.

— Confie em mim, Davi. Eu sei o que tenho que fazer.

Hulda buscou os olhos de Hadassa, mas a moça evitou seu olhar. Elas conheciam parte do que Áquila trataria com os outros membros de sua ordem.

— Devo retornar antes do amanhecer. Fiquem aqui e descansem. O ar de Arath ainda é um ar puro.

Ele foi em frente, subindo os degraus e sumindo nas curvas da montanha.

Eva sentou-se e ficou observando o mar escuro lá embaixo. Não era um vale, e sim um mar de altas árvores que formavam uma floresta fechada, enorme e misteriosa. Davi sentou ao seu lado com o olhar fixo na floresta.

— Não esperava encontrar uma floresta dentro das montanhas – ele falou.

— É aqui, Davi – ela sussurrou. – Eu sinto que há algo lá embaixo.

Ele a olhou preocupado.

— Pode ser que sim, pode ser que não. E se houver, pode não ter nada a ver conosco.

Ela sorriu.

— Aqui, nesse lugar, todas as coisas têm a ver conosco.

Ele passou o braço sobre o ombro dela e a puxou para si. Queria ampará-la. Queria protegê-la. No fundo, ele também havia sentido. Era algo poderoso e antigo, como uma força ou uma presença. Algo que parecia manchar a beleza daquele lugar.

— Por que não falamos com elas? – Ele perguntou. – Faz tempo que não nos comunicamos, e acho que é o momento perfeito para ouvir suas palavras.

— Sim, você está certo. Eu gostaria de ouvir seus conselhos nessa hora.

O sol já lançava um tom colorido no céu quando Áquila retornou, acompanhado de um grupo de cinco sacerdotes. Os viajantes, que sucumbiram ao cansaço, começavam a despertar. Quando Áquila chegou ao pátio de colunas, todos já estavam

completamente atentos. O semblante do sacerdote estava carregado. A ruga no meio da testa deixava transparecer isso. Ele se dirigiu à Hadassa, e a moça logo soube que chegara o momento.

— Hadassa, você deve acompanhar esses irmãos da Ordem – a voz dele era firme, mas suave.

Ela observou os homens e percebeu que eram jovens. A princípio, ela estranhou que houvessem sacerdotes jovens numa ordem de sobreviventes dos tempos antigos, mas nada falou. Ela dera sua palavra de que se submeteria à lei de Arath. Foi essa a sua escolha.

— Eu os acompanharei – ela respondeu.

Hagai deu um passo à frente. O olhar confuso ia da esposa para o sacerdote.

— Para onde ela tem que ir? Do que estão falando?

Hulda pôs a mão sobre o braço do rapaz.

— Áquila, na ocasião da cura de Zoar, pronunciou uma sentença contra Hadassa. Pelas leis de Arath, a palavra de um sacerdote-mestre é irrevogável.

Hagai olhou para a esposa, perplexo.

— Por que escondeu isso de mim?

— Foi uma escolha difícil, Hagai – ela falou sem tirar os olhos do dele. – Áquila me deu a opção de voltar, mas eu jamais faria isso. Eva confiou em mim, mesmo quando eu jazia numa cama quase morta. Eu vim disposta a aceitar o julgamento dos sacerdotes de Arath. Nada falei porque sabia qual seria sua reação.

Eva avançou, ficando de frente para Áquila. O sacerdote vacilou por um momento. Aquela menina havia crescido e o enfrentava com o mesmo olhar que sua mãe, a Rainha de Hedhen, possuía.

— Julgamento? Ela vai ser julgada pelo erro que você cometeu?

— Eva... – ele começou.

— Não foi para isso que viemos para Arath!

— Eu não sou a Lei! – Ele suspirou. – Está acima de mim.

Eva retrucaria, mas sentiu a mão de Davi em seu ombro.

— Não é hora de brigarmos entre nós. Resta-nos esperar um julgamento justo. Pode garantir isso, Áquila?

— Sim, isso eu posso fazer – murmurou o sacerdote.

Zacarias e Zoar tiveram que conter Hagai enquanto ele via Hadassa partir por uma trilha que ainda não tinham visto e que levava mais para baixo. Áquila respirou fundo. Ele amava aquelas

peessoas com as quais havia aprendido a conviver durante tantos anos, mas ali, nas Montanhas de Arath, ele era um sacerdote-mestre e precisava se submeter às leis que regiam a Ordem. Foi esforçando-se para manter a firmeza que ele conseguiu enfrentar o olhar acusador de Hagai e Eva.

— Ela ficará bem. Agora, nós temos que ir. As Vozes de Arath aguardam para vê-los. Sigam-me, meus amigos.

Ele reiniciou a subida e, embora hesitante, o grupo o seguiu de perto.

Arath era um lugar grandioso, antigo, mas faltava-lhe algo, pensava Davi, enquanto caminhavam pela trilha seguindo o sacerdote. E ele sabia exatamente o que era. Faltava a paz e a segurança de um lugar protegido pelo mal. As Cavernas do Sal e o Santuário de Shiloh, mesmo nos tempos obscuros, nunca deixaram de emanar essa paz. Uma paz que ele não sentia ali, embora a antiguidade e beleza do lugar fossem de tirar o fôlego. Com a luz do dia chegando, ele podia ver a floresta escura lá embaixo. Muito abaixo de onde estavam. A altura não parecia ser tão grande durante a noite.

Mais na frente, Hulda caminhava ao lado de Áquila, estranhando o silêncio do sacerdote, que deveria estar eufórico ao voltar para casa depois de anos de ausência.

— O que o perturba, Áquila?

Ele tentou sorrir, mas sem muito êxito.

— O que a faz pensar que estou perturbado?

Hulda o olhou com atenção e franziu o cenho.

— Quem tenta enganar uma profetisa é um tolo, meu amigo. Além do mais, se você notar a expressão de Davi, verá que ele também sente que há algo errado. O rapaz possui o dom, você sabe disso.

Áquila suspirou resignado, e Hulda observou como os ombros do sacerdote estavam caídos.

— Sim, Hulda, eu estou perturbado. Ontem, eu esperava encontrar abraços calorosos e o brilho da esperança no olhar de meus irmãos.

— E não foi isso o que encontrou?

Ele a encarou e ela viu incerteza naquele olhar. Isso fez com que ela segurasse o saquinho em seu pescoço, como a buscar força na luz que carregava.

— Não, Hulda. O que eu encontrei foi hostilidade e desconfiança. Um novo conselho foi formado enquanto estive fora. E esse novo conselho, pelo que pude perceber, tem suas próprias interpretações da Profecia.

Hulda olhou para ele entre confusa e apavorada.

— E, mesmo assim, deixou que levassem Hadassa...

Ele ergueu as mãos.

— Eu não pude evitar! Mas eles me deram sua palavra de que tratariam o caso com justiça. Eu acredito que ainda existe honra em Arath. Eles cumprirão sua palavra.

Aquilo não foi o suficiente para aquietar o coração de Hulda. Águila percebeu o quanto ela havia ficado abalada e tomou-lhe a mão na sua, tentando passar-lhe uma tranquilidade que não possuía no momento.

Ao chegarem diante da grande porta dupla de bronze, encravada na rocha da montanha, eles aguardaram. A porta abriu-se para dentro, como se obedecesse a uma ordem. Eles entraram em um grande salão. O mármore negro e brilhante estava em toda parte. Revestindo o chão, as paredes e as colunas em volta. Nas paredes laterais, escadarias levavam para níveis mais altos. No

centro, uma chama ardia sobre um pilar redondo do mesmo mármore negro. Devia ser aquela a chama que fora acesa, marcando o início da jornada de Áquila. O salão estava vazio, e somente seus passos e respiração quebravam o silêncio naquele amplo espaço. A porta subitamente fechou-se com um estrondo às suas costas, fazendo-os pular de susto.

Davi e Eva, instintivamente, puxaram suas armas e foram seguidos pelo resto do grupo, com exceção dos sacerdotes.

— O que está acontecendo? – Gritou Áquila, andando para a frente e se dirigindo ao vazio. – Por que tudo isso?

— Este lugar sempre esteve protegido do mal – falou uma voz, cujo som ecoava pelas paredes e tornava impossível saber de onde vinha. – Isso só foi possível porque até agora conseguimos manter o caminho de Arath bem escondido. Não espere que aceitemos estranhos de braços abertos, sem ter certeza de quem são.

Áquila bateu no próprio peito.

— A minha presença aqui não é prova suficiente?

— Você nos trouxe um caso de delito, ocorrido dentro de um grupo que deveria ser perfeito! Quem nos garante que não haverá outros?

Áquila não teve resposta para aquilo. A culpa fora dele, e agora todos pagariam por sua insanidade momentânea.

— Não se culpe pelo passado, sacerdote – falou Davi, como se lesse o coração de Áquila. – Foi o poder da Ira do Juiz Vermelho que lhe fez agir daquela forma. Não foi você, e poderia ter sido com qualquer um de nós.

Eva percebeu que a atitude do grupo, ao puxar as armas, só complicaria tudo e faria com que a hostilidade fosse maior.

— Amigos, vamos abaixar as armas – Ela pediu – Se eles querem analisar nossas intenções, não é assim que provaremos algo.

Ela soltou o arco branco no chão. Davi hesitou por alguns segundos, até decidir que ela tinha razão. Os outros, que também estavam relutantes, acompanharam Davi. Hagai, por muito pouco, não conseguiu obedecer a ordem. Seus pensamentos estavam com a esposa. Como ela poderia esperar justiça, se as próprias Árvores Sagradas estavam sendo tratadas daquela forma? O olhar incisivo de Davi o levou a soltar os punhais no chão. Ele sentiu a mão de Zoar em seu ombro.

— Lembre-se, meu amigo, que a vida de sua mulher pode estar dependendo da forma como nos comportarmos aqui.

— Eu sei disso, Zoar – Hagai murmurou.

Nesse momento, da parede dos fundos surgiu um numeroso grupo de sacerdotes armados. Deveria ter pelo menos uma dezena deles. Áquila parecia atônito. Quando ele partiu, só havia ali sacerdotes idosos e em um número bem reduzido. Até mesmo Theo parecia confuso com aquilo. O caçador-guia permanecia calado, portando-se como um observador passivo, apesar de ter, assim como os outros, puxado a espada por instinto.

Eles não haviam percebido que, nos fundos, havia outra escadaria, mas esta levava para os níveis mais baixos.

— Os que depuseram suas armas, sigam estes homens e provem que sua rendição é verdadeira – disse novamente a voz.

Davi e Eva se entreolharam, e foi com uma expressão preocupada para Hulda que eles começaram a caminhar em direção ao grupo de sacerdotes que aguardava. O restante os seguiu e Hulda fez menção de ir atrás.

— A profetisa e o jovem sacerdote ficam! – A ordem naquela voz era imperativa. – Há muito que ser discutido entre nós.

E foi com um aperto no peito que ela viu aqueles jovens guerreiros sumirem escadaria abaixo, adentrando nas entranhas da

montanha.

Lá embaixo, a trilha levava para um labirinto de cavernas frias e desconfortáveis. Um pequeno córrego descia pelas paredes e cruzava o que havia sido rudemente talhado como um corredor principal. Nas laterais abriam-se cavernas grandes e pequenas e caminhos que se confundiam na escuridão.

Era nesse lugar que estava Hadassa. Dentro de uma dessas cavernas laterais, encolhendo-se para se proteger do frio. O vento penetrava pela abertura principal e se espalhava por cada espaço que encontrava, tornando impossível até mesmo acender tochas para clarear o ambiente. Não havia nem portas e nem guardas. A ponte que atravessara para chegar ali era removível, e foi retirada após sua passagem. Dessa forma, não havia como fugir, a não ser que explorasse o labirinto de cavernas, correndo o risco de se perder na escuridão. Isso, nem com toda a sua habilidade, Hadassa ousava fazer.

Entretanto, era exatamente por ser uma rastreadora que ela se tornara uma pessoa prevenida. Ela retirou do bolso da túnica duas pedrinhas negras de fazer fogo. Seus tesouros, ela pensou. Enfrentando o vento, ela fez uma exploração pelas cavernas

próximas enquanto ainda havia luz do dia e conseguiu encontrar uma pequena abertura que deveria servir como depósito, pois havia palha e restos de madeira espalhados pelo chão. Ela juntou alguns e buscou uma caverna mais protegida da ação do vento. Seus dentes batiam uns nos outros enquanto ela andava. No final do corredor havia uma curva e, logo no início, uma pequena caverna. Ela colocou a madeira e a palha que havia juntado em um canto e acendeu rapidamente o fogo, suspirando aliviada ao sentir o calor agradável.

— É difícil ver luz por aqui – disse uma voz arrastada.

Ela ergueu-se com o susto e encarou a figura de um homem muito velho que a fitava da entrada da caverna.

— Não se assuste, criança – ele falou, erguendo uma mão trêmula. – Não tenho forças para fazer mal a uma mosca.

Ela entendeu que aquele homem devia ser um dos “hóspedes” das cavernas, como ela. Quantos mais haveria?

— Venha para perto do fogo, senhor – ela falou gentilmente.
– Está muito frio.

Ele sorriu agradecido e arrastou os pés para dentro do recinto. Sentou-se com dificuldade e encostou-se na parede.

— Está aqui há muito tempo? – Ela perguntou em um tom baixo, já com medo da resposta. Não queria ser esquecida ali.

— Apesar da minha idade e aparência transparecerem isso, eu fui jogado aqui recentemente.

Ela o observou melhor. Havia uma aura de nobreza em seus olhos e atitudes.

— Arrisco-me a dizer que parece ter sido alguém importante.

Ele riu.

— Sim, isso parece ter ficado realmente no passado. Tem razão, eu era um dos anciões da Ordem de Arath. E agora, estou caminhando para ser o último.

Hadassa franziu o cenho.

— O que quer dizer?

— Há dois anos, nossa montanha foi invadida por sacerdotes errantes. Eles eram jovens em relação a nós e foram entrando com humildade. Queriam aprender conosco. Nós acreditamos e lhes ensinamos tudo sobre a história de nosso mundo e sobre a Profecia.

— Eles não eram o que diziam ser?

— Eles só queriam o conhecimento. Não trabalham para Abadom, trabalham para si mesmos. Querem fundar uma nova Ordem de Arath.

— E quanto aos outros anciões? O que aconteceu com eles?

— Dois morreram tentando resistir... os outros estão muito mal. Esse ar frio é ruim para os pulmões... não resistirão muito.

Hadassa sentiu o pesar nas palavras do velho.

— Eles estão aqui? Pode me levar até eles?

— Por que uma jovem como você gostaria de ver um bando de velhos doentes e moribundos? Não há esperança para nós.

— A cura veio para Arath, senhor. As Árvores estão aqui. Precisa de esperança, para que possa repartí-la com eles.

O homem a olhou com espanto. Hadassa levantou-se decidida. Ela ainda tinha no cinto a bolsa de ervas. Hagai a ensinara a não se desfazer dela, e ainda lhe ensinou o uso de algumas. Era útil para uma rastreadora. O homem levantou-se e fez um sinal para que ela o seguisse.

— A propósito, o meu nome é Malakias.

— Onde estão os anciões da Ordem de Arath? Eu exijo vê-los.

Áquila esbravejou com indignação, sua voz reverberando no espaço vazio.

— Esteve fora por muito tempo, sacerdote. – A voz parecia sair de todas as direções. – O antigo conselho não existe mais. O tempo os levou. A todos eles.

— Estão mortos? Não acredito nisso! Ainda sinto a ligação. E quem são vocês? Por que não se mostram?

Houve um momento de silêncio.

— Você nos trouxe um caso para ser julgado. Já temos a sentença.

Hulda deu um passo para frente.

— Não podem julgar sem a presença do réu! E muito menos sem o conhecimento de causa.

— Ao anoitecer, ela será colocada no Vale Escuro. Se chegar a escadaria de pedra do outro lado, será poupada.

Hulda olhou para Áquila.

— O que existe nesse Vale Escuro?

— Não faço a menor ideia...

— O mal chegou a Arath, sacerdote – Zoar sussurrou. – E parece que trouxeram algo mais para dentro.

Áquila fez uma última tentativa.

— As Árvores da Profecia...

— Não existe Profecia! Não existem Árvores! – Era mais de uma voz falando agora.

O pronunciamento pegou Áquila de surpresa. Algo muito estranho estava acontecendo ali.

Capítulo 27

Neustã

Lá embaixo, nas celas para as quais foram levados, dois grupos separados pensavam no que fazer para sair dali. Davi, Zacarias, Hagai e Theo foram jogados em uma cela; Eva, Rute e Rebeca em outra. As portas eram sólidas, mas eram de madeira e não de ferro.

Na cela dos homens, Hagai acercou-se da porta com um objeto metálico na mão. Davi aproximou-se.

— O que é isso?

— Um dos broches de metal que prendiam o manto do sacerdote que nos trouxe para cá.

— Como você...

Hagai olhou para o príncipe enquanto enfiava o objeto no buraco da fechadura.

— Eu tive um passado obscuro, lembra? Pirata e mercenário. Aprendi muitos truques nessa vida.

Davi sorriu e o deixou trabalhar. Um “clic” soou pela cela escura. Hagai sorriu.

— Está aberta!

Eles abriram a porta devagar. Não havia guardas no corredor largo. Só havia celas em um lado da parede, enquanto a outra sustentava tochas que iluminavam o local.

Davi forçou seu pensamento.

— “Eva, nos dê algum sinal para que saibamos em que cela vocês estão. Conseguimos sair”.

Como resposta, eles ouviram as batidas que vinham da cela que ficava no centro do corredor. Hagai correu na frente e usou o mesmo truque para romper a fechadura. A porta foi aberta e as guerreiras saltaram para fora, piscando os olhos diante da luz das chamas.

— Bom, eu não sei o que aconteceu aqui, mas me cheira a traição – disse Davi.

— Estamos sem nossas armas – lamentou-se Rute.

— Teremos que improvisar sem elas, senhorita – falou Theo.

Eles começaram a caminhar em direção às escadas que levavam para cima, quando uma brisa os alcançou enquanto cruzavam um corredor lateral. Hagai parou e olhou para o lado.

— A corrente de ar indica uma passagem para fora – ele falou.

Davi sabia o que ele estava pensando. Antes que qualquer coisa fosse decidida, eles ouviram o som de passos descendo a escada.

— Acho melhor seguirmos a brisa – disse Eva. – Talvez lá fora exista um abrigo melhor para pensarmos no que fazer.

Rebeca olhou para trás e sombras se projetaram na parede.

— Não vai dar tempo – ela disse. – É melhor nos escondermos enquanto eles passam.

— Rebeca está certa – Davi apontou para uma falha na parede. – Ali tem uma abertura. Podemos nos esconder na escuridão.

A abertura era apertada, mas ficava junto a uma pequena curva. Uma nova cela estava sendo construída ali. Eles se espremeram dentro dela e tentaram ficar encobertos pela escuridão. O grupo de guardas-sacerdotes passou apressado na

direção de onde vinha a brisa. Em silêncio, eles seguiram atrás, na esperança de alcançar uma saída.

Áquila, Hulda e Zoar foram levados para uma plataforma que parecia flutuar acima das copas das árvores. De lá, eles podiam ter uma vista panorâmica de todo o vale. Acima deles, em uma sacada, estava um grupo de sete sacerdotes encapuzados. Eles se postaram como juízes, a espera de um acontecimento especial. Áquila franziu o cenho ao olhar para cima.

— São eles? – Hulda perguntou, acompanhando seu olhar.

— Sim... O novo Conselho de Arath.

Zoar empertigou-se e olhou para baixo, apoiando-se no parapeito de pedra, os olhos arregalados. Ele apontou algo com a mão trêmula.

— Algo se mexeu lá embaixo. Eu vi uma coisa grande passar...

Na caverna-prisão, Hadassa e Malakias conseguiram levar os outros sacerdotes para a caverna do fogo. Lá, ela usou um prato velho de metal que encontrou abandonado, e colocou a água do pequeno riacho que cortava a caverna para ferver. O calor pareceu

ajudar na letargia dos doentes. Ela rapidamente jogou algumas sementes na água e esta mudou de cor, ficando avermelhada. Malakias observava com curiosidade.

— Você foi enviada em nosso auxílio – murmurou um dos doentes. – O Pai nos ouviu finalmente.

Ela sorriu, mas nada respondeu. Um rangido chegou com o vento. Estavam abaixando a ponte. Ela olhou para Malakias e passou-lhe a bolsa de ervas.

— Eles não podem saber dessa caverna. Vou voltar para onde me deixaram. Se me levarem daqui, alimente-os com esse chá. Quando ele acabar, faça mais. Seus amigos não vão morrer aqui, se cuidar bem deles.

Quando os guardas entraram, ela já se encontrava na mesma caverna que a haviam deixado, sentada e encolhida de frio. Dois dos homens se adiantaram e a ergueram pelos braços. Hadassa olhou interrogativamente para o líder.

— A sentença foi pronunciada – ele falou sem emoção.

— Não houve julgamento – ela argumentou.

— Isso não importa mais.

— Importa para mim! – Ela tentou se soltar, mas os guardas eram fortes.

Lá fora havia outros aguardando. Era inútil tentar fugir. Eles a levaram para fora e atravessaram a ponte. Uma nova trilha se abria para baixo, cada vez mais perto das árvores. Ela deixou-se levar, aguardando o momento em que aqueles braços parariam de segurá-la. A trilha parou na beira de um penhasco, muito próximo às árvores da floresta. Foi então que ela viu o que a aguardava e forçou as pernas a pararem, mas foi empurrada para frente. Balançando no abismo havia uma gaiola rústica, feita de madeira. Ela lutou com as mãos dos guardas, tentando se livrar enquanto eles a forçavam para dentro da gaiola.

— Por que quem me condenou não está aqui? – Ela falou com raiva e desespero.

Não houve respostas. Ela foi empurrada para dentro, impedida de sair pela ponta de uma lança afiada que um dos guardas trazia consigo. Não havia porta. A gaiola começou a se afastar do penhasco através da corda que a sustentava. Hadassa olhou para o líder.

— O que vai acontecer comigo? Pode me dizer apenas isso?

Ele apontou para o outro lado da floresta, onde se sobressaia outro paredão de pedra, uma continuação da montanha.

— Naquele lado há uma escadaria. Alcance-a com vida e será perdoada. Quando a gaiola tocar o solo, corra! Apenas corra.

Foi tudo o que ele disse antes de dar meia volta e sair. A gaiola começou a descer.

Eles assistiram toda a cena, escondidos atrás de alguns arbustos na trilha. Haviam seguido os guardas até onde foi possível. Eva quis sair do esconderijo quando viu a gaiola sendo abaixada. Hagai precisou ser contido por Davi e Zacarias.

— O que vão fazer com ela? — Ele perguntou em desespero.

Nenhum deles tinha a resposta. Foi quando ela viu. Eva foi a única a perceber o movimento entre a vegetação lá embaixo. Uma forma alongada e sinuosa como uma serpente, mas era grande demais para ser uma... então, ela se lembrou do desenho na caverna. A floresta, as árvores, o sonho. Era ali o local. Ali o seu destino aguardava por ela. Ela olhou para o lado. Ninguém havia percebido. Se ela contasse, não a deixariam ir. Por sorte, não havia ninguém guardando a sua lateral. Enquanto tentavam conter Hagai, ela aproveitou para se evadir em silêncio.

— Onde está Eva? – Rute perguntou ao se voltar.

Davi virou-se no mesmo instante, olhando, procurando. Eva havia sumido e um medo súbito subiu ao seu peito.

— Ela foi tentar salvar Hadassa – ele falou convicto.

— Por que ela se arriscaria a ir só? – Hagai falou ofegante.

Davi olhou para baixo e também viu. Para o seu olhar aguçado, ela era bem visível, serpenteando em torno das árvores. Ele engoliu em seco, o coração palpitando.

— Ela teve seus motivos – ele murmurou, sem saber ao certo o que fazer.

Enquanto Eva descia correndo, seguindo uma trilha ainda não totalmente aberta, tentando chegar ao solo antes da gaiola, ela lembrou-se de que Davi precisou da ajuda de sua mãe para derrotar o gigante. Ela poderia fazer aquilo sozinha ou precisaria de ajuda? Enquanto corria, ela dirigiu seu pensamento para a mãe.

Deborah estava escovando o pelo de Bruma quando ouviu a voz de Eva. Uma dor aguda na cabeça a fez soltar a escova com um gemido involuntário.

— Eva? – Ela ofegou.

— “Mãe, precisa me escutar...” – e Eva contou-lhe tudo.

Deborah teve que se recostar a uma árvore, pois a cada palavra de Eva, sua cabeça latejava.

— Eva... Não pode fazer isso sem ajuda...

— “Vocês nos ajudaram na floresta, não podem fazer nada agora?”.

— Filha, eu mal consigo falar... minha cabeça dói muito! Algo parece estar interferindo em nossa comunicação.

Eva parou de correr.

— “É por minha causa? Pelo fato de eu estar falando com você?”.

— Sinto uma força pressionando minha mente...

Eva olhou para cima e entendeu. Nem Deborah e nem Jael poderiam ajudá-la dessa vez.

— “É por causa do santuário de Arath. Aqui, eu e Davi somos fortes, pois a chama da Profecia arde aqui. Vocês estão fracas pela falta da luz. Não poderiam me ajudar, mesmo que se unissem. Nossa força esmagaria a mente de vocês”.

— Temos que tentar... não pode ir sozinha.

— “Eu tenho que ir, mãe. Esse é o lugar do meu sonho. É aqui que eu vou enfrentar o meu destino”.

Deborah precisava chegar até Jael, mas a dor era muito forte e lhe dava náuseas. Ao tentar se erguer ela caiu no chão. As veias da têmpora pulsavam, mas ela conseguiu analisar as palavras da filha e encontrar uma solução.

— Eva, a chama da Profecia... invoque-a em ajuda... O poder da luz está nela... vocês são as Árvores... A Profecia... Hulda... – Deborah desmaiou.

— Mãe? – Ela chamou, mas não teve resposta.

A gaiola continuava descendo e ela precisava se apressar. Como ela faria aquilo? Como invocaria o poder da chama?

A gaiola chegou ao chão. Hadassa podia ver a trilha que levava até o paredão da montanha no lado oposto ao que ela estava. Ela cruzava por dentro da floresta escura. Ali embaixo estava frio e úmido, e um cheiro pútrido tomava conta do ambiente. No silêncio, ela ouviu o farfalhar de folhas e o som de galhos quebrando. O som vinha do seu lado direito. Ela não sabia o que era, mas tinha certeza de uma coisa. Era algo grande. Ela só

esperava que não fosse rápido. Ela respirou profundamente e saiu da gaiola. Sem armas, pegou um pedaço de galho quebrado para ter algo com o que se defender. Contou mentalmente até cinco e partiu em disparada na direção da trilha.

A floresta era escura e fechada, e o pânico a impedia de pensar e de “ler” os sinais do caminho. Ela havia conseguido sair da clareira e alcançar a trilha, mas o que quer que fosse o seu perseguidor, ele se aproximava com grande velocidade, quebrando galhos atrás de si. Hadassa tropeçou em um emaranhado de raízes e soltou o galho que levava, resmungando uma imprecisão involuntária. O chiado a paralisou. Ela já ouviu aquele som antes, muitas vezes. Mas não vindo por cima de sua cabeça. Geralmente, o seu autor ficava no chão, olhando para cima. Seria aquilo que estava pensando? Se fosse, qualquer movimento brusco poderia significar sua morte. Ela conseguiu alcançar uma pedra e atirá-la para o lado, chamando a atenção da criatura. Foi o tempo de ela olhar para trás e ver, com verdadeiro horror, a manifestação de um pesadelo.

Era uma serpente! Pelo menos, parecia com uma, se não fossem as patas! O pescoço comprido ultrapassava facilmente o tamanho de algumas árvores e a pele grossa reluzia como o bronze.

Ela procurava, com a cabeça, identificar o local onde a pedra caiu. Isso deu a Hadassa o tempo de virar-se e ficar de pé. O movimento, como esperado, chamou a atenção da serpente, que encarou a moça com dois olhos vermelhos e soltou uma língua bifurcada. Hadassa saltou para trás, pois havia uma gosma que fluía daquela língua. Um pouco dela caiu no chão, fazendo a areia chiar e ferver. Veneno! Dessa vez, a rastreadora não viu saída. O seu fim havia chegado. Ela só lamentava ter de enfrentar uma morte que não lhe traria honra alguma e que não operaria nenhuma mudança na missão de seus amigos. Mas ela ainda estava viva e lutaria até o fim.

A serpente ergueu o pescoço, pronta para um novo bote, talvez o derradeiro. Hadassa calculou uma nova rota de fuga e, na hora em que o monstro abaixou a cabeça, lançando a língua venenosa para fora, ela mergulhou em sua direção, rolando por entre as patas dianteiras da serpente, longe de seu ataque. O animal ergueu-se em busca da presa, mas Hadassa ganhou tempo e se lançou para um grupo de árvores cujos troncos estavam tão próximos que dificultaria a passagem da serpente. Ela correu por entre eles, ouvindo o arrastar da serpente logo atrás, aproximando-se com dificuldade. Ela não parou, não podia parar. Fora da trilha

ficava difícil de encontrar a direção certa. Ela alcançou um barranco e escorregou por ele. Um rio passava por ali e parecia raso. Mas era tarde. A serpente havia encontrado uma abertura entre as árvores e, nesse momento, ultrapassando o barranco, postou-se à sua frente, encurralando-a na margem do rio, impedindo sua passagem. Dessa vez seria difícil fugir.

No santuário vazio, a chama começou a queimar com mais ardor. Sem que ninguém estivesse ali para observar, ela começou a mudar de cor. O fogo tornou-se verde e suas chamas pareciam alcançar o teto. Era o poder da Profecia. A própria decisão de Eva, como uma das Árvores, fora suficiente para manifestar aquela reação.

Eva seguia o barulho desde que alcançara a clareira. Ela viu o rastro deixado pela serpente por entre as árvores e parou por um momento. Ela não podia fazer aquilo sozinha. A força dela estava naquela terra, e ali ardia a chama da Profecia. Subitamente, ela sentiu as mãos formigarem. Estavam verdes! Parada diante de uma árvore enorme, ela abaixou-se e tocou a raiz que saltava para fora. A seiva da árvore fluíu para dentro dela. Uma seiva mais forte. Seus

olhos brilharam, tornando a cor azul em um verde luminoso. Ela viu muitas coisas, inclusive aquelas que parecia ter esquecido. O sonho! A imagem na caverna! A lança! E havia algo mais, mas ela não se importou. Olhando em volta, viu o que precisava ver. No seu arrastar, a serpente quebrou algumas árvores, deixando no chão uma trilha de galhos e troncos despedaçados. Um deles tinha o tamanho exato e a ponta... Eva sorriu ao ver a ponta. Esta formava uma perfeita meia lua, com suas duas protuberâncias para fora, como um garfo bem afiado.

— De uma forma ou de outra, você está comigo, mãe – ela murmurou, pegando a lança.

Hadassa encolheu-se na parede do barranco. A serpente se colocara de um jeito que impedia sua passagem até o rio. A rastreadora colocou os braços em uma atitude defensiva, aguardando o golpe final. Quando a serpente ergueu a cabeça acima dela, algo foi lançado no ar, cravando-se no seu pescoço. Com a língua para fora, o monstro balançava a cabeça de um lado para o outro com desespero. A gosma pingava a esmo.

— Hadassa, vá para a água! – Eva gritou de cima do barranco.

Obedecendo por puro reflexo, ela atirou-se nas águas do rio, que não eram muito profundas.

— A água lhe protegerá do veneno – Eva continuava gritando. – Vá por baixo e alcance a outra margem. Lá, a trilha continua. Precisa alcançar o outro lado.

— Não vou te deixar sozinha! – Ela gritou, desviando-se da serpente agonizante.

— A serpente é minha missão, não sua! Precisa ir. A sua princesa está ordenando.

Hadassa não teve como argumentar. Bufando de frustração, ela se viu no rio, nadando para a outra margem.

Eva observou com alívio enquanto Hadassa nadava para a segurança. A serpente agitava-se, sacudindo o corpo, tentando se livrar da lança. A língua, descontrolada, soltava seu veneno em volta. Um pingo daquela gosma atingiu Eva na perna, fazendo-a perder o equilíbrio e rolar pelo barranco. Ela chegou lá embaixo, tentando alcançar a água para neutralizar o veneno. Ela conseguiu e aquilo aliviou a dor, pois o veneno queimava sua pele como ferro em brasa. A serpente, enfim, conseguiu livrar-se da lança que caiu na outra margem. Ela estava mais lenta e perdia muito sangue,

mas ainda era forte e letal. Eva arrastou-se para o outro lado. Ela sabia que o veneno ainda estava ali, mas ela não tinha tempo para curar a si própria. Ela alcançou a outra margem e recuperou a lança, virando-se para a serpente que se arrastava cambaleante atrás dela. Eva respirou profundamente, encarando sua inimiga. Seus olhos fixaram-se em um ponto do corpo do monstro. Seu coração. Ele parecia brilhar para ela. Quando a serpente alcançou a outra margem e lançou-se sobre ela, Eva não retrocedeu, apenas deixou que ela viesse e, com o peso do próprio corpo, se lançasse sobre a lança. Esta entrou profundamente, ocasionando convulsões na serpente. Esta ia cair sobre ela e esmagá-la, mas braços a puxaram na hora. Hadassa!

O pesado corpo sem vida da serpente caiu sobre a lança. Hadassa olhava para Eva, preocupada.

— Sua perna!

A mão de Eva ainda estava brilhando, mas a moça parecia estar perdendo os sentidos. Hadassa pegou-lhe a própria mão e levou-a à perna.

— Libere sua seiva, Eva!

Eva ouviu e se concentrou naquele momento. A seiva nela era forte e não precisou de muito esforço para limpar o veneno. Ela

respirou aliviada quando a dor e o torpor sumiram. Hadassa olhava para ela com um misto de admiração e respeito.

— Você me desobedeceu... — Eva a repreendeu.

— Desculpe, mas a Palavra de Autoridade só pertence a seus pais.

Eva teve que rir.

— Sorte minha.

Hadassa sorriu e a ajudou a ficar de pé. Eva se aprumou.

— Estou bem, agora. Precisa alcançar o paredão de rocha e subir a escada.

— E quanto a você?

Eva olhou para o corpo da serpente.

— Ainda tenho que fazer uma coisa.

Capítulo 28

O Conselho de Arath

Hadassa subiu a escadaria e lá no topo encontrou um sacerdote que quase desmaia de susto ao vê-la chegar. Perto dele estava pendurada uma grande buzina.

— Toque! – Ela falou.

— Você... A serpente... Neustã... – ele balbuciou.

— Neustã? Era esse o nome do seu bichinho? Bom, está na hora de tocar uma marcha fúnebre para ela.

Ele não fez menção de se mexer. Parecia em pânico. Hadassa avançou e pegou a buzina na mão e a levou à boca. Ela tocou. Era o toque usado em Hedhen, anunciando o início da Festa de Celebração. Seus amigos o reconheceriam. Quando ela terminou, olhou firme para o homem assustado.

— Como eu volto para as cavernas?

Ele apontou, com uma mão trêmula, uma passagem estreita pelo paredão. Hadassa sorriu.

— Pense bem onde está sua lealdade, pois as coisas vão mudar um pouco por aqui.

Hagai soltou um suspiro aliviado ao ouvir o som da buzina. Apenas um habitante de Hedhen conheceria aquele toque. Davi fechou os olhos, agachado em direção à floresta lá embaixo. Ele estava assim desde que Eva se fora. Através do seu dom, ele viu tudo! Ele também sentiu o fluxo de poder que veio de dentro do santuário. Eva não entrou naquela luta sozinha. E agora ele a via

novamente. Dessa vez trazia algo consigo. A prova de sua vitória. Ele sorriu antes de abrir os olhos. Os olhares ansiosos estavam voltados para ele.

— Eva está a caminho – ele falou. – Foi Hadassa quem tocou a buzina.

— Sim! Lá está ela! – Exclamou Theo, apontando para a floresta.

Eva estava suja e exausta, mas trazia nas mãos dois objetos que a destacavam como filha de Deborah e Barak. Em uma mão estava uma lança quebrada, e na outra uma horrenda cabeça de serpente gigante, cuja língua venenosa pendia solta e sem vida. Eva ergueu o braço da lança e foi ovacionada pelos amigos.

A buzina também foi ouvida pelo Conselho. Quando Áquila olhou para cima, viu que os misteriosos homens haviam voltado para dentro. As coisas não ocorreram da forma que esperavam. Ele tomou a mão de Hulda e a puxou de volta para dentro, ignorando os guardas. Zoar os seguiu com a mesma confiança. Lá dentro, para a surpresa de todos eles, a chama erguia-se quase até o teto e queimava em um tom esverdeado. Por trás dela, posicionavam-se, agora visíveis, os sete conselheiros.

— Vão negar o que aconteceu? – Perguntou Áquila. – A própria chama age como testemunha a nosso favor.

Antes que eles pudessem responder, Eva e Davi irromperam pela porta. Ela, ainda com a lança na mão, passando pela chama, jogou a cabeça decepada da serpente aos pés do Conselho.

— Neustã está morta. Se vocês são conselheiros fiéis à Profecia, saberão que isso prova que as Árvores Sagradas de Nod estão aqui. Está escrito em seus arquivos mais antigos, guardado com zelo pela Ordem de Melkes.

Os sete, simultaneamente, deram um passo para trás, pasmos diante da visão daquela cabeça monstruosa.

— Isso não prova nada – falou um deles.

Nesse momento, um novo grupo surgiu da abertura que levava para as prisões.

— A prova foi aceita pelo verdadeiro Conselho de Arath! – Quem falou foi Hadassa, que vinha à frente do grupo. Atrás dela, cinco idosos esfarrapados arrastavam-se dolorosamente, uns ajudando aos outros. Mas um deles caminhava dignamente ao lado dela.

— Malakias! – Áquila exclamou, reconhecendo o velho.

— Sim, meu filho – ele falou. – Esses impostores destituíram o verdadeiro Conselho e tentaram destruir a força de Arath. Mas, com as Árvores veio à esperança, e o Pai nos enviou esta jovem para nos ajudar a ficar vivos para este momento. E aqui, diante do altar, que se faça a justiça!

Em resposta ao apelo do velho sacerdote, a chama voltou a ficar alaranjada e começou a cuspir fogo na direção dos impostores. Cinco deles foram atingidos e caíram, gritando e rolando pelo chão, até seus corpos se desfazerem em cinzas e não restar mais nada. Dois conseguiram fugir por uma das aberturas. Águila virou-se para os guardas atônitos.

— Se vocês obedecem ao Conselho verdadeiro, cumpram a justiça naqueles que fugiram.

Os guardas não esperaram uma segunda ordem.

O restante do grupo já havia entrado e se posicionado em silêncio perto da porta. As coisas agora pareciam estar no caminho certo. A chama, como se houvesse cumprido sua tarefa, voltou a queimar como um fogo normal. Hulda abraçou Davi e Eva, olhando preocupada para a moça.

— Eu estou bem, Hulda – ela largou o pedaço da lança no chão.

Áquila sorriu para os jovens príncipes como um pai orgulhoso, em seguida foi encontrar-se com Malakias. Os dois homens se abraçaram longamente. Ele contou para Áquila como Hadassa os havia encontrado, e também como ela os havia mantido vivos.

— Essa moça não merece nenhuma punição, mas uma honrosa recompensa – disse Malakias.

Hadassa sorriu sem graça. Ela buscou Hagai pela sala e o encontrou já caminhando para ela com os braços abertos. Tudo parecia bem agora.

Depois de um dia de descanso, o grupo teve suas armas de volta e puderam relaxar em novas acomodações. Eva contou para Davi sobre sua tentativa de se comunicar com Deborah. Ela queria tentar novamente, mas tinha medo de causar mais dor à sua mãe. Davi, cuja mente funcionava como a da tia, teve um discernimento do que poderiam fazer. Eles pediram a Hulda para tocar a esfera de luz, pois esta poderia fortalecer a mente de Deborah e Jael durante a comunicação. Deu certo, e eles puderam tranquilizar os pais,

contando tudo sobre o que acontecera em Arath. Deborah lhes disse que havia ficado inconsciente até aquele momento, e que fora encontrada por Barak. Mas a esfera, realmente, lhes passava uma força capaz de suportar o poder de Nod. Agora só restava aguardar os próximos passos.

E naquela noite eles se encontraram oficialmente com o verdadeiro Conselho de Arath. Dos integrantes, apenas Malakias e mais dois sacerdotes tiveram condições de participar da reunião. Os outros, mais velhos, foram mantidos na enfermaria para se recuperar. No salão principal, diante da Chama Sagrada, foi posta uma grande mesa redonda, onde todos se sentaram para discutir o futuro. Áquila contou-lhes o que havia acontecido desde sua chegada em Hedhen até sua volta. Os sacerdotes ouviam com pasmo os relatos sobre as batalhas enfrentadas por eles. Malakias não conteve um olhar de admiração para Davi, ao saber de sua luta vitoriosa contra o gigante.

— Eu não vou precisar lhe provar nada, senhor? — A pergunta do rapaz foi feita com cautela.

Malakias sorriu.

— Vejo a verdade em seus olhos, menino. Vejo também a coragem em seu coração. A Chama testemunha a seu favor. Um

verdadeiro sacerdote de Arath não precisa de provas.

— Aquelas imagens nas cavernas, que vimos antes de entrar na floresta... – Davi comentou.

Malakias olhou interrogativamente para Áquila. O sacerdote contou-lhe como descobriram a caverna e os desenhos. A menção à Ordem de Melkes, o velho conselheiro sorriu.

— A Ordem de Melkes foi a mais antiga de nosso mundo – ele olhou em volta. – Falo do meu mundo e do de vocês, embora já houvesse a divisão. Eles não queriam que nada da Profecia se perdesse. Acredito que esses desenhos não estejam apenas naquela caverna que encontraram. É possível que tenham sido espalhados em abrigos por toda Nod.

— Seria possível achá-los em Hedhen também? – A pergunta foi de Eva.

Malakias pensou antes de responder.

— A Ordem era antiga e o segredo do portal era conhecido por eles. Acredito que tenham alcançado Hedhen também.

Ficaram em silêncio por um tempo, até que ele foi quebrado por Zoar.

— A Ordem de Melkes foi extinta? – A pergunta deixou Malakias perturbado.

— Não se sabe ao certo, jovem sacerdote. Eles apenas desapareceram.

Hulda olhou para Zoar com atenção.

— O que lhe perturba, Zoar?

— Tanto conhecimento... se eles apenas sumiram, resta saber se foi pela própria vontade, para manter o que sabiam em segurança.

Zoar encarou Malakias.

— Existe algum local mais inóspito e escondido do que esse?

— Arath é uma grande formação de montanhas, filho. Há lugares aqui que são inatingíveis. Montanhas que praticamente tocam o céu.

Rebeca, que conhecia o amor de Zoar pela descoberta, olhou-o preocupada.

— O que está pensando? Acha que a Ordem de Melkes ainda existe?

Ele a olhou com um sorriso.

— Se ela ainda existir, pense nas respostas que poderíamos encontrar! O conhecimento ancestral. As respostas para tudo.

Malakias sorriu e balançou a cabeça.

— Sim, isso é um fato, rapaz. Mas existe algo mais urgente a ser dito, antes que alguém resolva ir caçar enigmas antigos.

Zoar sorriu sem graça e conteve os próprios pensamentos. Malakias olhou para Hulda e apontou para a esfera.

— A sua chegada aqui também era esperada, Portadora da Luz.

Instintivamente, Hulda levou a mão até a pequena esfera em seu pescoço.

— Apesar da falta de hospitalidade ao chegarem, tudo acabou bem. A jovem *Árvore* cumpriu sua prova ao matar Neustã, a serpente gigante trazida pelos falsos sacerdotes e, com isso, a Chama testemunhou a favor de vocês. Agora, resta direcioná-los a partir daqui. Com as *Árvores* presentes no santuário, a Luz agora deve ser restaurada ao seu lugar.

Davi e Eva ficaram tensos, enquanto Hulda apertou a pequena esfera com mais firmeza.

— Como isso deverá ser feito? – Ela perguntou.

Malakias suspirou.

— Em uma das altas montanhas que rodeiam o nosso vale, existe uma cujo altar em seu topo está vazio. Nos dias antigos, a luz que brilhava em seu cume agia como um farol para todos os

povos. Ela apagou-se no dia em que a terra se dividiu, e no tempo em que a memória foi banida. Quando ela voltar ao seu lugar, será um sinal de que Nod estará pronta para lutar contra as forças que lhe oprimem.

— Mas a luz... ela não deveria voltar para Deborah e Jael? —
A voz de Hulda estava trêmula.

— E voltará — Malakias foi taxativo. — Entenda uma coisa, Portadora, a Luz não pode ser contida numa esfera. É exatamente pela presença das duas Luminares, fontes dessa luz, que ela poderá encher novamente o receptáculo do altar e voltar a brilhar com toda a força. Deborah e Jael não apenas terão sua luz de volta, mas terão o poder de mantê-la brilhando para todos.

Ele voltou o seu rosto para os dois jovens.

— É para isso que as Árvores estão aqui. Não foi apenas para Eva matar a serpente que vocês vieram. É aqui, no meio dessas montanhas, que a Profecia de Nod começará a ser cumprida. Como isso se dará? Quando as duas forças se tornarem uma. As Árvores de Nod e as Luzes de Hedhen se unirão e despertarão a esperança do futuro.

Davi respirou fundo.

— Então, isso quer dizer que nós as veremos novamente, em breve?

— Sim, é um fato. Elas precisam estar aqui para a união acontecer.

— Como? Quando? – Perguntou Eva.

Malakias olhou preocupado para Hulda e Áquila.

— Existe um prazo. Isso só poderá ser feito na última lua cheia do ano. Quando a lua surgir, as Árvores e a Portadora deverão ir para o Santuário da Luz. Deborah e Jael, se ainda não estiverem aqui, deverão encontrá-los lá, antes da última lua cheia.

Rute, que ouvia tudo calada, assim como os outros, não se conteve.

— Elas estão em Anatolya! Como chegarão a tempo, se estão ajudando Noa?

Malakias respirou fundo.

— Elas precisarão encontrar uma maneira. Quando Hulda pisar no caminho que leva ao santuário, a luz da esfera ficará cada vez mais forte, na medida em que se aproximar do altar. Ela sugará toda a luz que lhe pertence, antes que esta volte para suas mães.

Davi levantou-se com brusquidão.

— Isso não pode acontecer! Sem a luz, elas morrerão!

— Eu achei que elas poderiam viver sem a luz, aqui em Nod
— comentou Rebeca.

— Sim, enquanto a memória do povo não era despertada — explicou Áquila. - Mas a união trará tudo de volta. Forças e fraquezas. No momento, elas são apenas Deborah e Jael, mas quando a maldição do esquecimento cair por terra, a verdadeira natureza delas se tornará mais forte. De alguma forma, elas deverão dar um jeito de estar aqui antes da última lua.

Hulda suspirou, sem querer pensar no pior.

— Elas conseguirão.

Hadassa ergueu a mão. Malakias sorriu para a moça com simpatia e ternura, dando permissão para que falasse.

— Eu tenho uma pergunta, e acho que não haverá nenhuma oportunidade melhor para ela ser respondida.

— Pode falar o que está em seu coração, filha — disse Malakias. — Arath deve a você mais do que uma pergunta respondida.

— É só uma curiosidade, senhor. Por que o que acontece em Nod afeta tanto os Luminares? Elas não estão separadas apenas pela distância? Pode a memória de um povo ser suficiente para dar ou tirar o poder dos Tronos?

Malakias riu.

— São muitas perguntas! Mas a resposta é apenas uma. O portal separou Nod de Hedhen de uma maneira diferente. Por mais que se tente, é impossível uma terra alcançar a outra pelo mar. Elas não estão mais na mesma dimensão de espaço. O portal é a única passagem. Dessa forma, é como se existissem em universos diferentes. Quem encontra o portal por acidente, transpõe uma dimensão e não uma distância geográfica. Enquanto assim for, a realidade de uma não vai ser a realidade da outra, e um simples fenômeno pode mudar tudo.

Hadassa olhou para Hagai e suspirou.

— Complicado demais para uma rastreadora entender – ela murmurou.

— Na verdade, a sua resposta vem responder muitas perguntas, Malakias – falou Hulda. – Agora eu começo a entender.

Malakias parecia cansado.

— Essa é a grande vantagem de Nod. Abadom não vai querer perder isso. Mas as coisas estão mudando. As chamas de Anatolya estão começando a arder e o poder dos sacerdotes está retornando aos poucos. A mensagem foi passada e povos estão se erguendo na luta contra o mal. Apenas uma coisa é necessária para trazer a

realidade de Hedhen para cá. A união das duas Profecias, simbolizadas pelas luzes de Hedhen e pelas Árvores de Nod. Quando isso acontecer, haverá um equilíbrio de forças e uma compreensão da realidade. Hedhen invadirá Nod e sua luz estará pronta para ser derramada sobre nós, cumprindo o que está escrito.

Capítulo 29

O Santuário de Tyro

A recuperação de Noa foi, apesar dos cuidados de Priska, extremamente dolorosa. Ela passou dias em estado delirante e falava coisas desconexas. Chamava os nomes dos filhos constantemente e raras vezes abria os olhos. Enquanto isso, Zoe aproveitava as lições dos sacerdotes para tentar aprimorar seus dons. Depois de três dias, Noa acordou e pediu comida. Ela começou a se alimentar e a se fortalecer, mas evitava falar das visões que tivera em seu delírio. Estas, ela guardou para si, porque antes precisava compreendê-las. Quando finalmente se levantou e conseguiu sua lucidez de volta, ela pôde ouvir o relato do que havia acontecido em Sardos e comemorar mais essa vitória. Era hora de ir em frente para mais um desafio: Tyro.

Noa ergueu o braço esquerdo, na tentativa de aparar o golpe de Maalá. Este, mesmo sendo desferido em um nível de treinamento, teve o poder de fazê-la cambalear para trás, tropeçar, e ir de encontro ao chão. Noa esfregou o braço com uma expressão dolorosa e desapontada. Maalá aproximou-se dela e sentou ao seu lado. Não era possível ver as armas em suas mãos, pois treinavam com suas armaduras invisíveis.

— Ainda não consigo manter o escudo – lamentou-se Noa.

— Tem que ter paciência, Noa. Seu braço ainda não está totalmente recuperado. Faz pouco tempo que tirou as ataduras. É natural que não consiga usar o escudo agora.

Noa balançou a cabeça.

— Não é esse o problema, minha amiga. Quando tento usá-lo, vejo a imagem daquela árvore caindo sobre mim e lembro-me do peso que quase me esmagou. Essa lembrança me faz fraquejar. Achei que havia chegado minha hora.

— Eu não ousou imaginar o terror que você passou naquele santuário. Aquelas árvores...

— Não tem nada a ver com as árvores. Elas estavam apenas servindo como instrumentos para realizar a vingança do

santuário. É aquele poder mortífero que eu não consigo esquecer. E isso me faz pensar em Tyro. Será que terei que enfrentar o mesmo ódio?

Maalá a olhou com atenção. Elas haviam sido companheiras de armas na Ordem Branca durante muito tempo. Maalá lembrava-se muito bem de como Noa era jovem quando entrou para a Ordem, e de como ela corria para ouvir seus conselhos de guerreira mais experiente. Mas seus conselhos não poderiam alcançar a Sacerdotisa. Dessa vez sua amiga precisaria de uma ajuda maior.

— Talvez fosse melhor você conversar com Deborah.

Noa sorriu.

— Não há necessidade. Não é de conselhos que preciso agora, mas apenas de alguém que me escute. E você sempre fez isso muito bem.

Maalá sentiu-se enrubescer.

— Então, fale.

— Existe uma espécie de ligação profunda entre uma sacerdotisa e seu santuário. É como se o santuário fosse um ser pensante. Eu sinto sua aprovação, assim como a sua rejeição. Foi assim com todos eles. Até mesmo com Sardos e todo o seu ódio

vingativo. Mas quando dirijo meus pensamentos para Tyro, sinto um tipo de bloqueio. Algo que me faz pensar que a partir daqui tudo será diferente. Não sei o que esperar, mas sei que não posso mais ficar aqui. Temos que continuar a jornada e eu terei que enfrentar o que me espera. Em um ponto você está certa, Maalá. Eu terei que falar com Deborah. Ela já trilhou esse caminho da incerteza antes e foi vitoriosa.

— Então faça isso, Noa. Aproveite a presença de nossa rainha e sirva-se de sua sabedoria. Mas, assim como confiei em Deborah como nossa líder naquela primeira batalha, confio em você como sacerdotisa. Se existe uma barreira, ela está lá para ser derrubada por você. Somente você pode fazer isso.

Maalá levantou-se e estendeu a mão para Noa. A Sacerdotisa aceitou a ajuda e lançou um olhar agradecido para a amiga. Suas palavras ajudaram a dissipar um pouco da insegurança que a corroía. Muitos dependiam dela, acreditando que era capaz. Enquanto houvesse quem acreditasse nela, haveria também forças para seguir em frente.

Eles iniciaram a jornada tendo o tempo como um inimigo. Cada momento perdido poderia ser fatal, pois sua rota, àquela

altura, já era conhecida por Abadom e seus partidários. Depois da experiência de Sardos, e de saber da traição de uma sacerdotisa, Apolo não tinha certeza do que Tyro reservava. Ele suspirou, retraindo-se em pensamentos, julgando que talvez fosse chegada a hora de a Sacerdotisa tomar o controle.

A viagem dessa vez foi tranquila. Nada de cidades fantasmas, montanhas ou pântanos, mas sim uma estrada em boas condições que cruzava uma planície verdejante com algumas colinas espalhadas pelo caminho. Era um ambiente vivo em contraste com o pântano morto do santuário anterior.

Algo estranho e diferente começou a acontecer, na medida em que se aproximavam do santuário. A presença de pessoas! Camponeses, pessoas simples, trabalhadoras. Era possível vê-los caminhando pela estrada com suas carroças, como se aquela região fosse agradavelmente habitada e livre de qualquer maldição. O que os fez questionar se estariam no caminho certo.

— Depois de enfrentarmos pântanos mortos, montanhas inacessíveis e uma cidade subterrânea habitada por espectros, isso sim me parece irreal – comentou Nathan.

— Não vamos abaixar a guarda, Nathan. Cada santuário reserva sua própria surpresa – disse Apolo.

Um camponês ia à frente, caminhando com um cajado na mão e um saco nas costas. Héber o interpelou.

— Ei, você!

O homem parou e largou o saco, enquanto o cavaleiro se aproximava.

— Somos viajantes e não conhecemos bem a região. Para onde você vai? Existe lá algum lugar para abrigar viajantes cansados?

O homem avaliou o grupo, mas sem nenhum sinal de temor nos olhos, apenas curiosidade.

— Estou indo para Tyro, meu senhor. Venderei minhas sementes, pois hoje é dia de feira.

— Tyro? A cidade do santuário? – Heber perguntou, como um viajante curioso e interessado.

— Sim! – Havia empolgação na voz do homem. – Nosso santuário é mesmo famoso. Ele pode ser visto no centro da cidade, mas está lacrado. Ninguém pode entrar, nem mesmo nossa sacerdotisa.

— Existe uma sacerdotisa? – A pergunta de Heber soou como uma exclamação.

— Sim, existe. Ela nos ensinou a conviver em harmonia com o santuário. A antiga sacerdotisa tentou destruir o altar, mas Jezabel veio em nosso socorro e lutou contra ela. Mas era tarde para abrir suas portas, que permanecem trancadas. A sacerdotisa tem nos ensinado tudo desde então.

Heber agradeceu e voltou para perto do grupo, relatando as palavras do camponês.

— Jezabel? – Apolo sussurrou o nome com temor. – A verdadeira traidora se passa por salvadora desse povo?

— Não podemos lutar contra pessoas inocentes – Deborah falou.

— Devem estar sob algum tipo de magia – falou Heber. – Havia adoração nos olhos daquele camponês.

— O problema permanece – Jael entrou no debate. – Conscientes ou não, ela vai usá-los contra nós. O que faremos se isso acontecer? Não posso usar o meu arco contra pessoas honestas e trabalhadoras. Acredito que nenhum de nós faria isso.

— Onde está Noa? – Barak havia se virado para perguntar a opinião da Sacerdotisa, mas ela não se encontrava entre eles.

— Ela se afastou enquanto vocês conversavam – Disse Zoe. – Vamos dar-lhe um tempo, está bem? Sardos foi uma

experiência traumática e Tyro está se aproximando. Ela tem muito em que pensar.

Deborah sorriu, aprovando a cumplicidade de Zoe. Mas não lhe agradava que Noa ficasse distante deles, principalmente com outra sacerdotisa por perto. É uma sacerdotisa que se vendeu para as trevas.

— Vamos acampar aqui – gritou Barak para o grupo. – Sem estratégia não tem como continuarmos. Seria imprudência. Aguardaremos a volta de Noa.

E eles acamparam.

Já era noite quando Noa decidiu voltar. Tyro a estava deixando intrigada com seu ar pacífico. Ela passara o dia no cume de uma colina com vistas para a cidade. De lá, ela viu como aquele era o oposto dos outros santuários, especificamente do último. Enquanto em Sardos havia morte por todos os lados, em Tyro vicejava a vida. O santuário era o monumento central de uma cidade viva e dinâmica. Sua forma imponente podia ser vista de longe. Ele estava emoldurado em uma grande plataforma circular, cujo acesso se dava por uma escadaria de sete degraus. Rodeado por colunas de mármore branco, enfeitadas com heras, ele era o

ponto de onde partiam todas as ruas da cidade. A única coisa que lembrava seu verdadeiro sentido eram suas portas solidamente cerradas.

Ela ficou ali até o anoitecer, tentando sentir o que fazer. O altar estava vivo e a chama parecia arder em seu peito, pronta para ser liberada. Mas seria assim tão fácil? Ou toda aquela vida feliz e próspera escondia algum segredo obscuro? Espectros, névoa e árvores a fizeram recear a face do inimigo. Ele possuía muitas.

Era hora de voltar. Ela havia se revestido da armadura invisível, pois a cautela era algo que ela deveria manter. Seu braço, ainda machucado, não a deixava usar o escudo para se proteger de modo satisfatório, mas, pelo menos, seu corpo e sua mente não estariam expostos a ataques espirituais. Na metade da descida, uma sombra a esperava. Ela, instintivamente, sentiu o aço da espada em sua mão. Era uma figura encurvada, escura e fria. Estava na sua frente, parada, em atitude de espera.

— Esperei muito por esse encontro, Noa. Abaixei sua espada, pois não estou aqui para medir forças.

— Quem é você?

— Eu sou a Sacerdotisa de Tyro.

— Não, você não é.

A figura soltou uma risada baixa.

— E quem sou eu? Diga-me.

— A sacerdotisa que traiu o Santuário de Sardos e matou a verdadeira Sacerdotisa de Tyro. O santuário a rejeita, por isso ele ainda está selado. E você, condenada a viver do lado de fora.

A risada parou. Noa percebeu que suas palavras tiveram algum efeito sobre a mulher.

— E você imagina o que é viver com essa rejeição? O Altar é a nossa essência. Sem ele não temos alma.

— Por que vendeu a sua? Qual foi seu preço?

Um suspiro partiu da estranha figura que, às vezes, parecia tão familiar para Noa.

— O poder de um Altar é inebriante. Você sabe disso, pois já o experimentou. Mas nunca foi suficiente para mim. Eu necessitava de muito mais poder.

— Poder? Tudo se resume nisso, então?

— Existe algo mais saboroso na vida?

Ela soltou uma risada arrastada e desagradável. Noa não tinha o desejo de prolongar aquele momento.

— O que você quer?

— Siga-me.

— Por que eu seguiria você?

A mulher virou-se e ergueu uma mão em direção a Noa. Ela deu um passo para trás, pronta para se defender contra qualquer tipo de ataque, entretanto, o ataque da sacerdotisa foi puramente mental, atravessando com facilidade o elmo invisível da armadura. Como se houvesse sido transportada para dentro de um pesadelo, Noa viu-se em um lugar escuro; diante dela havia duas camas de

pedra com duas crianças deitadas sobre elas. Crianças que se destacavam pelo tom vermelho de seus cabelos. Quando ela reconheceu os filhos, tentou dar um passo adiante para chegar até eles, mas foi inútil. Seus pés estavam grudados ao chão. Surgindo das sombras, no meio das duas camas, o mago cinzento estendeu os braços e tocou nas testas das crianças adormecidas. Uma névoa subiu e fez a imagem desaparecer. Quando Noa percebeu, estava de volta, com a sacerdotisa na sua frente. Ela tremia, apavorada com a visão, lembrando-se da noite em que Deborah os acordara para interceder por Hedhen. Algo tinha acontecido naquele dia. Eles tinham pegado seus filhos. De repente, suas pernas cederam e ela caiu de joelhos no chão.

— Isso o que eu acabei de lhe mostrar não é uma ilusão.

Noa respirou fundo, tentando pensar com a razão, trazendo de volta a estrategista que sempre fora.

— O que você fez? Onde eles estão?

A mulher ergueu a mão.

— Apenas siga-me, sacerdotisa, e tudo se esclarecerá.

A figura entrou por um caminho entre as árvores. Noa, para seu desespero, estava nas mãos daquela mulher. Por mais que tentasse, a mãe acabava sendo mais forte que a sacerdotisa dentro

dela. Com seu pensamento dirigido para o Pai-Criador, ela levantou-se e seguiu a mulher.

A mulher a aguardava numa clareira iluminada pela lua. Na medida em que Noa se aproximava, a forma da sacerdotisa de Sardos ficava mais clara. Ao chegar mais perto, ela parou com um arquejo, pois se sentia incrédula diante da visão que estava na sua frente. Sem o capuz, a face da mulher lhe era bem mais do que familiar. Ela estava diante da Sacerdotisa-Chefe de Atalia! Uma feiticeira enigmática, cujo nome nunca fora pronunciado em Hedhen.

— Você?

— Jezabel. Esse é o meu nome.

— Você morreu... eu vi seu corpo ser atirado no fogo.

— Aquilo não era um corpo real. Era apenas um invólucro sem importância. É verdade que me foi útil durante muito tempo.

Noa agora sabia quem era sua inimiga. Sabia também o quanto era ardilosa e manipuladora. Não poderia pensar em ninguém pior.

— O que você quer de mim?

Jezabel lançou-lhe um olhar penetrante.

— O que eu sempre quis: você.

Noa franziu a sobancelha sem compreender.

— Lembra-se de quando você chegou à Ordem Branca, ainda criança? Naquele tempo, os bondosos reis ainda eram vivos, e a Ordem formava o exército principal do palácio. Atalia era uma jovem discípula minha. Eu fiz de tudo para torná-la minha discípula também, Noa.

— Por quê? Como eu poderia significar algo para você?

— Uma sacerdotisa reconhece outra, minha criança.

Noa sentiu o sangue ferver.

— Não me chame assim! Eu jamais seria e nem serei sua discípula!

— Você estava destinada a algo grande – Jezabel ignorou a reação de Noa. – Eu a queria comigo para treiná-la. Em suas mãos, tudo o que aprendi teria um poder muito maior. Mas, agora... – Jezabel suspirou. – Sua filha carrega seu dom, você sabia?

Noa não queria dar crédito aquelas palavras; elas soavam terríveis demais.

— Eu a moldarei de uma maneira que não consegui fazer com você. Ela será a discípula que você não foi.

Sem pensar, Noa ergueu o braço sentindo a solidez do cabo de sua espada espiritual e atacou. Jezabel ergueu uma mão e foi como se uma parede tivesse surgido entre elas. Noa chocou-se, cambaleando com o impacto imprevisto.

— Onde eles estão? – Ela perguntou por entre os dentes.

— Estão dormindo, sonhando. Seus sonhos não são dolorosos. Não ainda. Mas podem ficar, caso eu decida colocar um toque de terror em suas mentes inocentes.

Noa sentia-se derrotada. Ela bateu com os punhos cerrados na parede invisível que se interpunha entre ela e aquela mulher. As lágrimas escorriam.

— Já percebi que me tem nas mãos. O que você quer, afinal? Jezabel soltou uma gargalhada.

— Vejo que agora estamos nos entendendo! Preste atenção, Sacerdotisa. Quero apenas duas coisas. É justo, não é? Duas crianças, dois favores.

Noa aguardou.

— Amanhã, o caminho para o Santuário de Tyro estará aberto para você. Quero que entre, quebre o selo e acenda a chama.

Noa a olhou sem compreender.

— Quer que eu acenda a chama que vai enfraquecer o poder do seu mestre?

Houve uma nova gargalhada.

— Meu mestre? Eu não tenho nenhum mestre além de mim mesma. Quero que você abra o santuário para mim. Preciso me apoderar do poder do Altar novamente. E, para que isso aconteça, ele deverá estar aceso.

Noa nada falou, mas sabia quais as consequências daquele ato. Jezabel deveria saber também, ou seu ego não deixava? Noa estava conseguindo enxergar um ponto fraco naquela mulher?

— E qual seria a outra coisa?

— Quero sua rendição no Santuário de Berga. Você se entregará a nós em troca de seus filhos.

Noa sorriu com ironia.

— Por que não estou surpresa com esse pedido?

Jezabel a avaliou com interesse. Noa estava demonstrando ter um espírito mais forte do que ela pensava.

— Estarei lá, mas lutarei contra isso. Você deve saber disso, não é?

— Sim, eu sei que lutará, Noa, mas não vencerá. Não pode.

Jezabel, então, ergueu o capuz.

— Menti quanto ao número de favores. Há mais uma coisa.

— O que mais você poderia desejar? Não é suficiente?

— O povo desta cidade acha que o mal reside no santuário, pois ele matou a antiga sacerdotisa. Para eles, eu sou uma heroína, uma salvadora. Por causa disso, você deverá abrir o santuário antes do amanhecer. Há um toque de recolher imposto por mim e obedecido fielmente por cada um deles. Não seria bom que eles a vissem abrindo aquelas portas. Mas esse não é o pedido, apenas um aviso.

Noa suspirou.

— Então, ainda há um pedido?

— Esta noite, traga as rainhas de Hedhen com você.

Noa a enfrentou com o olhar decidido.

— Não vou entregá-las a você.

— Você pode simplesmente contar-lhes a verdade. Elas virão.

— Por que acha isso?

Jezabel meneou a cabeça, sorrindo.

— Assuntos inacabados. E não tente trazer mais alguém com você. Eu ainda tenho discernimento suficiente para saber quando estou sendo enganada. E isso pode não ser bom para seus filhos.

Noa percebeu que uma neblina começava a se formar em volta da figura de Jezabel. De repente, ela havia sumido. Noa estendeu o braço e não se chocou com nenhuma barreira. Tudo voltara ao normal, menos o seu coração. Sem saber ao certo o que fazer, ela correu de volta ao acampamento.

Foi com um incrível autocontrole que Noa conseguiu manter-se serena na sua volta ao acampamento. Todos acharam que sua tensão era devida a expectativa do desconhecido. O último santuário havia sido uma experiência traumatizante, afinal. Todos, ou quase todos, acharam isso. Noa não precisou dar nenhum aviso. Deborah e Jael pareciam estar conectadas à sua mente. Bastou uma troca de olhar entre elas para que houvesse um entendimento. Quando todos dormiram, as três se reuniram em volta da fogueira. Noa não precisou chamá-las e agradeceu por isso. Ela não podia compartilhar com Sangar, pois o marido, ao saber das crianças, com certeza agiria sem pensar. E ela precisava de um Sangar racional em Berga. Aquilo lhe fazia sentir culpa, mas não havia outro jeito. Naquela noite, teria que agir sozinha.

— Fale conosco, Noa — pediu Deborah. — Eu ouço o seu coração gritar.

Noa, então, nada omitiu. Revelou em voz baixa tudo aquilo que vivenciara no encontro com Jezabel. A volta da velha sacerdotisa de Atalia não parecia ter sido uma surpresa para elas. Jael fitou as chamas da fogueira como se estivesse vendo imagens do passado ganhando vida entre elas.

— Eu senti isso quando chegamos ao pântano e também quando enfrentamos as sombras. Mas, no íntimo, não achei que seria possível. Eu buscava outra explicação.

Deborah também tinha suas lembranças. Como esquecer o último rosto que ela viu ao ficar cega, antes do seu sacrifício? Noa tomou a palavra.

— Jezabel sempre foi a mente por trás de Atalia. Uma mente que podia criar corpos artificiais e sobreviver para além deles. Uma mulher ardilosa, cuja ambição e inteligência podem ser maiores do que supomos.

Noa estendeu as mãos para esquentá-las junto ao fogo. Estavam frias e trêmulas.

— Minha atitude deveria ser ousada. As coisas que ela me pediu são inadmissíveis. Não posso simplesmente abaixar minha cabeça e concedê-las, porque seria como dar-lhe a vitória de uma

só vez. Abrir o santuário para que ela se aproprie do poder do Altar; entregar vocês e me entregar. Não posso fazer isso.

Deborah sabia que Noa estava no limite. Ela entendia a amiga mais do que qualquer um ali. A sacerdotisa recolheu as mãos e as pôs sobre o rosto.

— Desculpem-me, mas não sei como resolver isso sozinha... meus filhos... – ela não pôde mais continuar. Era um peso muito grande a carregar.

Jael pôs o braço em volta de seus ombros.

— Essa decisão também é nossa, Noa. Não pode tomá-la por nós.

— Jael está certa – confirmou Deborah. – E você sabe qual o caminho que escolheremos. Jezabel também sabe e por isso lhe mandou nos dar o recado.

Noa ergueu a cabeça e encarou as duas amigas com os olhos vermelhos pelo choro silencioso.

— Esse era o meu receio, Deborah. Se eu consentir nisso, estarei agindo pior do que Jezabel, pondo em risco tudo pelo que lutamos.

Deborah sorriu.

— Acredito em você, e acho que não teria nos dito se não tivesse uma esperança guardada. Não acha que já é hora de compartilhá-la conosco?

Noa suspirou. Aquela era sua rainha.

— Não sei bem se posso chamar de esperança...

— Fale – Deborah pediu.

— Ela disse que minha filha tem o dom. Salvá-la está além do fato de ser minha filha, mas de dar uma chance para os santuários serem preservados, caso me aconteça algo. Está além do ato de uma mãe desesperada. Isso me motiva a ir em frente, sem sentir que estou agindo por motivos egoístas. E existe outra coisa, com relação ao Altar. Uma coisa que Jezabel parece desconhecer. A ligação do Altar com o coração da sacerdotisa.

E Noa lhes expôs o que intentava fazer.

Passava das três da manhã quando os três cavalos cruzaram os limites da cidade sem muros. O silêncio em volta era opressivo, como se escondesse algo. Jael conhecia aquela sensação e isso lhe fazia gelar os ossos. As sombras de Jezabel tinham essa vantagem, a de gerar um pânico crescente, caso chegassem muito perto. Ela, por precaução, trazia o arco na mão. Deborah, do outro lado,

perscrutava o caminho com os olhos brilhantes e atentos. Não tinha a espada nas mãos, mas estava pronta para pegá-la, caso houvesse necessidade. Noa seguia no meio, com o capuz quase a lhe cobrir o rosto, sentindo a força que a proximidade com o santuário lhe dava. Tudo o que ela pedia ao Pai era que estivesse certa em suas suposições.

Quando chegaram ao centro da cidade, diante do santuário, Noa retirou o capuz e desceu do cavalo. No alto da escadaria, Jezabel aguardava. A velha sacerdotisa parecia surpresa e admirada ao mesmo tempo. Seus olhos estudavam as guerreiras montadas com atenção, por debaixo do capuz. Ambas tinham os olhos orgulhosos sobre ela. Mas tudo o que Jezabel queria era quebrar aquele orgulho.

— Não achei que cumpriria sua palavra, Noa.

— Você tem meus filhos... – Noa avançou até o primeiro degrau.

Jezabel tinha uma fraqueza. Ela sentia-se demasiadamente confortável com momentos de vitória. Enquanto sentisse que estava ganhando, manteria sua guarda aberta pelo excesso de confiança em si mesma. E aquilo a impedia de enxergar as falhas em seu plano perfeito. Sorrindo vitoriosa, ela encarou as duas Luminares. A

única vez em que havia encontrado a Rainha de Hedhen foi numa cela das prisões de Salema, quando lhe jogou aos olhos o pó que a deixou cega. Agora ela estava ali, montada em seu cavalo, e trazia em si o porte autoritário e majestoso de uma rainha. Atalia jamais chegou a ter um porte igual. Apenas Cirene, em seus dias de glória, poderia se igualar a ela. Jael, ao seu lado, não era menos imperiosa. A diferença estava no fogo do olhar. Havia uma fúria contida, um fogo ardente e zeloso que ela controlava com muito custo. Voltando-se para Noa, ela falou.

— Faça o seu trabalho, sacerdotisa. Abra o santuário e libere o seu poder para mim, enquanto eu “converso” com as guerreiras de Hedhen.

Noa olhou para as amigas. Ambas tinham o mesmo olhar decidido e o mesmo brilho. Era como se nunca houvessem perdido sua luz.

— Vá – disse Jael.

Deborah assentiu em concordância.

Eram momentos tensos. Noa subiu os degraus e passou por Jezabel, indo direto para a porta de bronze. Uma porta polida e perfeitamente sólida. Uma porta que vibrava com sua aproximação. Ela se deteve. Isolando-se do próprio medo, ela confiou nas amigas

e concentrou-se no que tinha que fazer. A porta possuía três trancas. Ela pôs a mão sobre a primeira e algo estalou.

Jael olhou para Jezabel. A mulher havia descido e ficado diante delas, toda coberta por um manto negro, assemelhando-se às suas sombras. Ela perguntou-se se aquele não seria um corpo falso também.

— O que tem para nós, feiticeira? Mais sombras? — Ela perguntou.

Jezabel sorriu. A Guardiã era corajosa, isso ela não podia negar. Chamá-la de feiticeira não era correto. Ela era uma sacerdotisa. Pertencia aos santuários, e não admitia ser comparada com uma feiticeira qualquer. Mas admirava o atrevimento daquela mulher.

— Sombras? Sombras são inúteis. Preparei algo diferente para vocês. Algo que acharão difícil até mesmo de lutar. É um poder muito maior e que pode conter seu desejo de vencer. A inocência.

Deborah olhou para Jael com o cenho franzido, tentando entender. De repente, tochas acenderam-se ao redor delas. Jezabel retirou o capuz e fez uma cara apavorada, correndo para os degraus

da escadaria, sentando-se e protegendo-se com o braço trêmulo. Após um alto gemido angustiado, ela gritou.

— Ajudem-me! Elas querem abrir o santuário e despertar o mal. Não posso detê-las sozinha!

Uma corda enlaçou Deborah e a derrubou no chão, assustando Bruma, que começou a dar coices. Ela tentou ficar de pé e se livrar da corda, mas uma multidão jogou-se sobre ela, empurrando-a para baixo, enlaçando o seu corpo com novas cordas. Ela nada podia enxergar nada, além de pés. Tiraram-lhe as espadas e a ergueram do chão. Ela buscou Jael e Noa, mas o tumulto era grande. De repente, a cidade não estava mais vazia. Na verdade, ela nunca esteve. Foi uma armadilha bem ardilosa. Jezabel sabia que elas jamais lutariam contra pessoas inocentes.

Braços agarraram Jael antes que ela pudesse reagir, tirando-a do cavalo e desarmando-a. Jael debateu-se e lutou contra os braços que a prendiam, mas parou de reagir quando percebeu contra quem lutava. A feiticeira havia acertado daquela vez. Usara um golpe baixo e conseguiu surpreendê-las.

De repente, a praça estava cheia de gente. Eram cidadãos da cidade. Homens, velhos, mulheres, crianças. Pessoas inocentes, presas por um encantamento terrível de engano. Jael fez a única

coisa que era capaz de fazer naquela situação. Desferiu pontapés com as pernas livres, até que estas foram imobilizadas também. Seu corpo foi levado para o lado da praça, onde havia um conjunto de colunas. Deborah já estava lá, amarrada e de joelhos.

Noa viu o que acontecia lá embaixo. Ela já havia destrancado a segunda fechadura, mas hesitou em continuar. Deborah e Jael não poderiam reagir contra pessoas inocentes, mas o que ela poderia fazer? Deborah, enquanto lutava para se soltar dos braços que a seguravam, viu uma flecha ser atirada em direção ao santuário.

— Noa, cuidado! — Ela avisou, gritando com todas as forças.

Noa ouviu e virou-se com o braço do escudo estendido para frente, em puro reflexo. Felizmente, seu braço ainda tinha força suficiente para desviar uma flecha.

— Abra logo o santuário! — Jael gritou enquanto era arrastada para o meio da praça.

Abrir o santuário? Elas queriam que Noa abrisse o santuário? Jezabel ficou confusa. O que poderia haver naquele gesto que poderia se benéfico para elas? O que estariam escondendo? Ela olhou para cima e encarou Noa. Esta correu e pôs a mão sobre a última tranca, abrindo-a de imediato. O estalo que se seguiu

paralisou a todos. Jezabel pressentiu algo ruim e correu escadaria acima. Antes, porém, ela voltou-se para o povo em fúria.

— Elas devem queimar! – Ela gritou, apontando para as duas prisioneiras.

Deborah e Jael foram arrastadas e amarradas, cada uma em uma das colunas que rodeavam a praça. Começaram a jogar lenha aos seus pés, passado o choque inicial. Noa viu que não podia esperar mais. Jezabel começou a subir os degraus numa corrida contra o tempo. Noa sabia o que tinha que fazer. Ela entrou no santuário, já sentindo a mão esquentar. Ela precisava alcançar o Altar antes que Jezabel alcançasse a porta, por isso avançou correndo.

Lá fora, a multidão começava a molhar a madeira com um líquido inflamável, gritando insultos e palavras iradas. Quando um homem surgiu com uma tocha nas mãos, Jael engoliu com dificuldade.

— Deborah, isso está ficando sem controle! – Ela gritou.

Deborah olhou em direção ao santuário. Jezabel chegara ao último degrau.

— Vamos, Noa, você consegue – ela sussurrou.

O interior do santuário era circular e não havia nada entre Noa e o Altar em seu centro. A chama azul, que se formara na mão de Noa, enquanto ela corria, saltou de sua mão e tomou seu lugar, fazendo o Altar de Tyro acender e queimar com toda a força dos dias antigos, antes de Jezabel alcançar a porta. Noa caiu de joelhos, apoiada no Altar, exausta pela corrida. Quando Jezabel tentou entrar, uma força a impediu. Ela olhou incrédula para Noa, que já se levantara e vinha em sua direção.

— O que você fez? – Jezabel rosou de puro ódio.

— Não fui eu, mas você. Você traiu o santuário a que pertencia. Assassinou uma sacerdotisa. Esse tempo todo lhe fez esquecer da ligação entre o Altar e a sacerdotisa? É por isso que ele não a deixa passar. O Altar não a reconhece mais, Jezabel. Você jamais terá seu antigo poder de volta. Se você tivesse entrado comigo, estaria morta agora. Mas preciso que esteja viva, pois meus filhos estão com você.

A mulher a olhou com fúria.

— Matarei seus filhos pessoalmente!

— Não, você não fará isso. Se fizer, não terá um prêmio para Abadom. O segundo acordo é inegociável. Eu me entregarei em

Berga. Nada mudou. E você ainda precisa de Abadom, já que não conseguiu o poder do Altar. E não venha dizer que estou errada.

Os olhos de Jezabel estreitaram-se.

— acredite-me, Noa, o prêmio não será para Abadom, mas para mim.

Noa respirou fundo e balançou a cabeça.

— Que seja.

A multidão começou a se acalmar. Era como se um véu tivesse sido retirado de seus olhos. O santuário fora aberto e eles podiam ver a chama sagrada ardendo dentro dele com seu reflexo azul. A mulher que havia matado a sacerdotisa de Tyro estava parada na porta. De dentro do santuário, saiu outra mulher. O seu aspecto era nobre e transmitia paz. Era como se a antiga sacerdotisa tivesse retornado do mundo dos mortos. Lentamente, eles foram se aproximando. As tochas que estavam destinadas a acender as fogueiras foram abandonadas no chão, longe da madeira.

As cordas que prendiam Deborah e Jael foram soltas, e elas libertadas. O homem que as soltou tinha um olhar confuso e envergonhado, assim como todos que passavam por elas.

— Por que fizemos isso?

Ele passou por elas sem compreender. Jael sorriu.

— Você tinha razão, Deborah. A chama acabou com o encanto.

Deborah lhe piscou um olho. Elas haviam combinado tudo mais cedo. A única coisa para a qual não se prepararam foi ter que enfrentar o próprio povo da cidade.

— Foi assim em Sardos, não foi?

Jael deu de ombros.

— Poderia ter sido diferente aqui.

Deborah soltou uma risada.

— Tivemos sorte, então, minha irmã. De novo.

Jezabel, ao ver a ameaça nos olhos da multidão, cobriu-se com o capuz.

— Nos veremos em Berga – ela sussurrou como uma serpente o faria.

Noa nada disse quando a mulher saiu apressada do santuário, contornando-o e sumindo na escuridão. Diante dela, uma multidão confusa e admirada começava a se aglomerar. Ela esqueceu o futuro e agradeceu o presente. Sorrindo, se apresentou.

Barak, Héber e Sangar haviam ficado no limite estipulado por Noa. Um limite que ela sabia estar fora do alcance de Jezabel, mas perto o suficiente para ouvirem o shofar, caso algo desse errado. Barak e Héber tiveram trabalho para conter Sangar, principalmente depois que ele soube dos filhos. Solaris e Bruma, que fugiram com a confusão, chegaram até eles, indicando que havia problemas. Quando entraram na cidade, porém, encontraram o santuário aberto e Noa falando para um povo livre e feliz. Deborah e Jael juntaram-se a eles. Quando retornaram para o acampamento, todos aguardavam ansiosos. Zoe ficara aborrecida por não ter ido, mas reconhecia que Noa estava certa ao querer evitar que Jezabel tivesse conhecimento de sua existência. Apolo regozijava-se com uma nova força, ocasionada pela chama do santuário. Eles desfizeram acampamento e voltaram para a cidade, onde o povo fez questão de saudá-los em uma grande festa. Noa e Sangar, entretanto, apesar da vitória, tinham seus corações angustiados. Caio e Cloé, seus pequenos e queridos filhos estavam nas mãos dos magos. Sangar abraçou a esposa enquanto ambos olhavam a comemoração na praça, do alto da escadaria do santuário.

— Nós vamos resgatá-los, Noa. Vamos pensar em algo.

— Prometa-me que fará isso, Sangar. Prometa que trará nossos filhos de volta, e que fará disso sua prioridade.

— Eu prometo – ele a apertou mais forte. – Mas não esqueça que você também é minha prioridade, e se houver uma chance de mantê-la comigo, não duvide que eu a aproveitarei.

Noa sorriu.

— Sei que vai tentar encontrar essa chance até o fim.

Em Tibreya, uma quarta chama fora apagada. Isso gerou uma quebra nas funções corriqueiras dos magos. O enfraquecimento de sua magia era evidente, e fora sentido por todos. Abadom não podia esperar mais. Era hora de apelar para seus poderes divinos. Poderes? Sim, ele os possuía. Estavam muito bem guardados, pois não fora preciso usá-los até então. Não que fossem divinos de fato, mas Jabim de Hedhen não era o único a conhecer o poder do Rio de Fogo. Ao despertá-los, não haveria mais como voltar. Entretanto, era sua única chance de vencer a Profecia, caso os magos perdessem sua magia. Estava decidido a fazer isso, quando recebeu uma mensagem de Jezabel. Então, a decisão seria tomada em Berga. O limite entre os mundos. Ainda havia uma chance, então. Ele aguardaria.

Capítulo 30

A Missão da Portadora

Em Arath, Hulda despertou com uma estranha luz em seu quarto. Um agradável e perceptível calor a fez observar que a luz vinha da pequena pérola em seu pescoço. Na meditação em que a observava, notou que ela crescia em tamanho e brilho, obrigando-a a retirá-la do pescoço e colocá-la sobre a cama. A pérola cresceu até tornar-se a esfera original de luz, brilhando com toda a sua intensidade. Hulda olhava como que pasmada com tudo aquilo. Por que estava acontecendo? Que fato acabara de ocorrer para levar a esfera a se manifestar daquela forma plena? Sem perder tempo, Hulda correu até a porta e pediu a um mensageiro que chamasse os sacerdotes com urgência, pois, se havia algo que não combinava com o gênio de Hulda, era a paciência. Pelo menos, não enquanto estava dormindo em um lugar antigo cheio de magia e de sábios que poderiam dar as respostas que ela necessitava no momento. Por que esperar?

Quando Áquila, Malakias e Zoar chegaram, a visão da esfera em cima da cama dispensava explicações.

– Como foi isso? – Áquila perguntou entre confuso e perplexo.

– Foi de repente – explicou Hulda. – Não houve aviso, nenhuma visão ou sensação. Ela apenas... começou a brilhar!

Zoar aproximou-se maravilhado.

– Todas as vezes em que a esfera começou a brilhar, foi em resposta a algo – refletiu o jovem sacerdote. – Primeiro na aldeia, quando Davi e Eva começaram a falar sobre a Profecia, ela se manifestou como se marcasse um evento especial. E foi assim em todas as vezes.

– Sim, Zoar, seu raciocínio está certo. Eu tenho certeza de que isso indica algo importante, mas o quê? – Hulda não tirava os olhos da esfera. Ela sentia um formigamento nos dedos, o poder da “Portadora”. – Seja lá o que for, tem algo a ver com a minha missão.

Áquila aproximou-se e ficou ao lado dela.

– Ontem, eu senti renovar em mim uma nova carga de energia – ele falou e o velho Malakias concordou com ele. – Tenho todas as razões para acreditar que a Chama de Tyro foi acesa,

embora as Árvores ainda não tenham recebido nenhuma mensagem de suas mães.

— A comunicação entre eles tem sido difícil – Hulda falou com pesar. – Elas não suportam o poder desse local.

— Sim, mas... - Áquila ia falar, mas parou, como se lembrasse de algo.

— O que foi, Áquila? – Hulda perguntou em expectativa.

— A impossibilidade de Deborah e Jael se comunicarem com os filhos pode não estar ligada ao poder de Arath, mas ao próprio poder da luz que começa a deixá-las!

Hulda o encarou de olhos arregalados.

— Deixá-las? O que você quer dizer com “deixá-las”?

Áquila, agora a máscara da preocupação, olhou suplicante para o velho Malakias, que concordou em explicar.

— Se Tyro foi restaurado, e isso é quase uma certeza para nós, o próximo santuário é Berga. Esse santuário tem uma importância singular em nossa história. Por muito tempo, ele serviu de torre de vigia, marcando a fronteira de Anatolya. O lugar está localizado no centro de uma cadeia de montanhas que separa a região em duas partes: o “mundo habitado” e o “ermo”. E por ficar no centro de tudo, possuía uma grande energia.

– E o que seria essa energia? – Perguntou Zoar, que era apaixonado por histórias dos tempos antigos. Elas tinham o poder de despertar seus instintos.

– Uma energia utilizada pela Sacerdotisa para se manter em contato com toda a terra de Nod – quem respondeu foi Áquila.

Hulda caminhou pelo quarto.

– Como o Poço das Visões? – Ela perguntou, ignorando a cara de surpresa do velho Malakias.

– Não exatamente. Na verdade, ali existia um portal aberto que servia como um atalho ligando os locais antigos. A Chama de Berga o mantinha ativo.

– Outro portal? Isso parece ser comum por aqui – Comentou Zoar.

– Hedhen também possui seus portais, Zoar, mas acho que os principais se concentraram nessa parte do mundo – concluiu Hulda.

Zoar balançou a cabeça preocupado.

– Sim, mas o que isso tudo tem a ver com a esfera?

Houve uma troca de olhares entre os sacerdotes mais velhos, antes que uma resposta fosse dada. Áquila resolveu ser o primeiro a falar.

– Hulda, eu acredito que a prova de Eva pode ter desencadeado a liberação do poder da luz, através do despertar da Chama. É chegada a hora da Profecia se unir em suas duas partes. Falo das Árvores e da Luz. A partir desse evento, começará de fato a luta pela restauração de Ariel.

Malakias concluiu a explicação.

– Do outro lado da floresta, no alto da trilha que a jovem rastreadora alcançou e tocou a buzina, tem um caminho que leva ao cume da mais alta montanha desse vale escondido. Nós a chamamos de Agiri, que quer dizer “pesado”, por sua aparência sólida. Lá, em seu topo, existe um altar de pedras, e na sua base há uma inscrição que diz “Altar da Reunião”. Todos nós, sacerdotes de Arath, acreditamos que é o local onde a Profecia se fará real para nós e nos dará a força para lutar por Ariel.

Hulda olhou novamente para a esfera.

– Isso quer dizer que ela só parará de brilhar quando a levarmos para o Altar?

– Existe um prazo, minha amiga – Áquila tinha a voz grave.
– A esfera deve ser levada ao seu lugar antes que duas luas se passem, a contar de hoje. E a cada dia que passar, ela absorverá toda a luz que lhe pertence, antes de manifestar o seu poder total.

Deborah e Jael devem estar lá na hora, caso contrário, a luz retornará para a esfera e se desfará.

– Áquila, isso não pode acontecer! Elas não sobreviverão sem a luz, principalmente agora, que o encanto do esquecimento foi retirado da maioria do povo de Nod. E como elas chegarão aqui a tempo?

– Pelo portal! – Disse Zoar. – Elas devem atravessá-lo quando Noa acender a Chama de Berga.

– Elas precisam saber disso, então – Hulda murmurou, sentindo-se desorientada.

– Irei agora e chamarei Davi e Eva – Falou Zoar. – De um jeito ou de outro, eles devem tentar falar com elas.

Pela primeira vez, eles puderam aproveitar a estadia dentro de uma cidade sem correr o perigo de serem atacados ou reconhecidos. Com a quebra do encanto de Jezabel, a verdade veio à tona e aquelas pessoas que antes pareciam ter rostos felizes e despreocupados, de repente viram-se como sobreviventes que foram usados unicamente como fantoches. Suas vidas só serviam para aparentar um ambiente feliz onde ele não existia. Noa passou o dia recebendo as pessoas no santuário, ouvindo suas histórias.

Eram histórias que envolviam aldeias massacradas, sequestros, exílio. Alguns tiveram suas mentes transformadas em Parthenos. Agora, com a mente livre, eles choravam pelo que haviam perdido. Pelos entes queridos que morreram. Aquela cidade, na verdade, lhes era estranha. Ela não era habitada há anos, até Jezabel transformá-la em seu palco particular. Noa, então, convocou o grupo que se destacou como a liderança remanescente. Era necessário deixá-los preparados para uma futura batalha, e para isso eles tinham que conhecer a história que haviam perdido. Ao final do relato, eles decidiram que ficariam em Tyro, como guardiões daquele santuário. E que se preparariam para quando viesse o chamado da Sacerdotisa.

Noa ficou satisfeita com o resultado. Já era noite quando os líderes saíram, ela sorriu ao ver Deborah aguardando para lhe falar.

— Como soube?

— Que você me chamaria? — A rainha sorriu. — Isso realmente importa?

Noa suspirou e soltou uma risada descontraída.

— Para falar a verdade, não.

Deborah olhou para a chama azul que queimava atrás de Noa.

— Quem quer realmente falar comigo? Noa ou a Sacerdotisa?

— Uma amiga fiel – foi a resposta simples e sincera.

— Nesse caso, vamos andar por aí. O ar noturno me faz bem.

Elas desceram os degraus e cruzaram a praça, indo em direção ao caminho que levava ao ponto mais alto da cidade, uma espécie de mirante sobre uma colina artificial. Não havia escadas, apenas uma rampa com uma leve inclinação para cima, de forma que a subida não era tão penosa. Durante o trajeto, Noa contou como foi o encontro com os líderes e a história de como eles chegaram ali. Deborah ouvia com atenção e não evitou o nojo que sentiu ao saber que parte daquelas pessoas foram vítimas de Parthenos. Elas alcançaram o topo. O céu estrelado parecia se encontrar com a terra, pois não se via o horizonte, apenas a escuridão da noite. Uma grande e bela lua cheia brilhava sobre elas. Deborah fechou os olhos, absorvendo aquele contato que lhe dava tanto prazer. Noa sentou-se no único banco que havia ali. Era uma plataforma circular, ladeada por um pequeno muro. Ela sabia que durante o dia era possível ver os campos e estradas dos arredores. Mas, naquele momento, a presença da lua lhe bastava.

Deborah abriu os olhos, sorriu e sentou-se ao lado dela.

— Fale o que se passa no seu coração, minha amiga.

Noa cruzou as mãos nervosamente sobre o colo.

— Uma vez você se sacrificou pelo seu povo, por isso acredito que vai entender. Não há como eu fugir de Berga. Não há plano possível que impeça esse momento. Sangar está reunido com Barak e Héber, tentando encontrar uma maneira de burlar os planos de Jezabel, mas não podem.

— O que lhe dá essa certeza?

— Porque é somente desse jeito que eu posso entrar em Myrne.

Deborah ponderou aquelas palavras. Ela e Jael estavam para fazer a mesma coisa em Parthenos, pois achavam ser a única maneira de se entrar em uma prisão. Como prisioneiras. Felizmente, Zoe surgiu e trouxe com ela um plano alternativo. Mas Noa não tinha um plano alternativo.

— O Altar me deu a visão de Berga. Ele fica encravado no topo de uma colina rochosa, acessível apenas através das muralhas de uma fortaleza. Ali funciona um mosteiro de magos eremitas da Ordem Negra. Mais treinados e perigosos do que os magos comuns da ordem. São conhecidos como Sínodos. Eu pensei em um plano para salvar meus filhos, mas não a mim. Eu não posso ser

resgatada, Deborah. Eu tenho que ir até Myrne. Abadom me quer. Jezabel me quer. Não é chegada minha hora de morrer.

Deborah abaixou a cabeça.

— Certas coisas são piores que a morte, Noa.

— Eu suportarei – Noa falou com um nó na garganta.

— O que a faz pensar que eles a levarão para lá?

— Myrne é o porto mais próximo. Mesmo que queiram levar-me para Heladan, terão que me colocar em um navio. Porém, se eu conseguir acender a chama de Myrne, poderei convocar os poderes dos santuários cujos altares já foram acesos e a conquista de Héfer será efetivada. É tudo que eu preciso fazer para ganharmos essa primeira fase da guerra.

Deborah balançou a cabeça, achando que Noa poderia estar se precipitando.

— Noa, você tem alternativa. Você tem a nós. Os Luminares estão com você.

Noa sorriu e pôs a mão sobre a da amiga.

— É estranho saber dos acontecimentos primeiro do que você, mas o altar me mostrou outras coisas também.

Deborah a encarou.

— Sobre nós?

— Chegou a hora de recuperar as luzes noturnas, Deborah. Você vai precisar dela em Myrne. A esfera vai requerer voltar para o seu lugar de origem e, quando isso acontecer, você e Jael devem estar ao lado dela. Caso contrário, ficarão sem sua luz para sempre. E quando todas as chamas forem acesas, o encanto que envolve esse mundo cairá. Vocês precisarão da luz para viver.

Deborah levantou-se.

— Isso quer dizer que nós devemos deixar você entregue ao perigo e não fazer nada?

— Em Berga existe um portal que levará vocês até o Altar de Luz, em Arath. Ele funcionará quando a chama for acesa. É necessário que você e Jael me deixem, para que possam tomar o caminho do portal.

Deborah apoiou-se no muro. Ela estava dividida. Não podia nem pensar na possibilidade de ver Noa se entregar para Jezabel.

— Pensei que seria uma conversa de amigas, mas você fala como a Sacerdotisa, e não me deixa escolha quanto aos passos que devo seguir.

— Está enganada, Deborah. Esse recado, eu poderia dar na frente de todos, não faria diferença. Mas a verdade é que eu estou com medo. Como podemos saber que nossas atitudes são certas?

Quando olho em volta, não vejo outro caminho que me leve a um local diferente. É simplesmente algo que eu tenho que fazer.

Ela levantou-se e parou frente à rainha.

— O que você faria?

Deborah a encarou com os olhos úmidos, frustrada pela impotência.

— Se não houvesse outro jeito, eu daria minha vida novamente para que esse mundo mudasse. Mas, se houvesse uma mínima chance de sucesso, eu lutaria até o fim.

Noa sorriu.

— Eu precisava ouvir isso.

— Então, você tem um plano? Mas, diga-me, como pretende burlar os magos e chegar até o altar? Você estará sozinha!

— Não dessa vez.

— Zoe? – Deborah perguntou franzindo o cenho.

— O altar a aceitou uma vez, reconhecendo-a como uma sacerdotisa. Ela é capaz.

Deborah assentiu.

— Conte-me em detalhes o que pretende fazer. Sei que você não se entregaria sem um plano já formado. O que tem em mente?

E Noa contou.

Naquela mesma noite, em Arath, a esfera começou a pulsar. Ela não havia mais retornado para o tamanho de uma pérola, por isso Hulda a manteve sobre uma mesa em seu quarto. A profetisa, que lia um livro sobre a história de Nod, ergueu a cabeça ao perceber a luz. Ela levantou-se e caminhou até a mesa, tocando a esfera. Por uma fração de segundos, ela teve uma visão. Uma clareira, e no centro haviam quatro pedras-monumento de mármore branco; no chão, entre elas, um altar do mesmo material, circular, cuja reentrância fora forjada para receber a esfera. Aquele era o Altar de Luz. Na sua visão, Hulda viu a neblina formada por nuvens que alcançavam o pico daquela montanha. Quando as imagens sumiram, ela retirou a mão trêmula e correu até a janela. Em cima, no céu estrelado, brilhava a primeira lua cheia. A contagem havia começado.

Capítulo 31

O Santuário de Berga

É claro que Noa contara tudo, não apenas para Deborah, mas para o grupo todo. Não havia como contestar o plano que criara. Sangar tentou, mas o olhar decidido dela e suas palavras foram decisivas para que ele aceitasse o que ela propunha. Na ocasião, Noa olhara para ele e dissera:

— Sangar, eu estou colocando em suas mãos a segurança de nossos filhos. Vou fazer minha parte, confiando que você fará a sua. Quando viemos nessa viagem, já sabíamos o que esperar, então, não tente me impedir com seu instinto protetor.

Sangar, apesar da frustração, teve que se render à lógica da esposa. Jael também tivera dificuldades em aceitar, pois não era do seu feitio abandonar uma companheira em batalha, e ela sentia que era isso o que estava para fazer. Deborah precisou da ajuda de Nathan para convencer a irmã. Mas, quando a lua cheia surgiu no céu, seus corpos começaram a sentir o chamado da luz e Jael teve que se render aos fatos. Berga marcaria a separação de seus caminhos. E Noa estaria por conta própria.

Durante a viagem, Zoe aproveitou o máximo os ensinamentos de Noa e os conselhos dos sacerdotes. Ela conseguia manipular o escudo da invisibilidade, único dom que Noa não

conseguia dominar. Segundo Apolo, isso poderia vir do fato de Zoe, como uma sacerdotisa autêntica, também ter desenvolvido um dom que era apenas dela. Exatamente como Noa conseguia se conectar aos sacerdotes como um só corpo, assim como fizera na batalha do Vale da Ferradura. Ela fora treinada como estrategista na Ordem Branca, e isso lhe fez desenvolver um comando natural, o que a fazia ser reconhecida como A Sacerdotisa, e não como mais uma sacerdotisa. Zoe fora treinada como Vigilante, aprendendo a se camuflar na caça aos inimigos. Essa arte, ela desenvolveu em uma magia particular que a cada dia dominava mais. Noa também lhe ensinou a batalhar com a armadura invisível. Era estranho para quem assistia a luta, mas, para elas, a solidez das armas era notória. Zoe admirava-se por sentir o cabo da espada com tanta clareza, e logo estava dominando mais esse dom.

O Santuário de Berga estava localizado no alto de uma verdadeira muralha formada de montanhas. Não eram muito altas, mas se estendiam de norte a sul, até se perder de vista em ambos os lados. A passagem entre elas era através de vales estreitos que mais pareciam desfiladeiros. Naquela paisagem de planícies, o santuário surgia como algo grandioso. E era. Afinal, Berga era o

limite entre os dois mundos de Anatolya: o mundo que estava vivo e latente, no ocidente; e o mundo que jazia no esquecimento e nas trevas, para os lados do oriente. Aos pés da montanha, onde se empoleirava o santuário, estava uma sólida muralha de pedras grandes e negras, totalmente construída pelo homem. Era o reduto dos magos eremitas, conhecidos como Sínodos. Em cima da muralha, perscrutando o horizonte, Jezabel aguardava. Aquele era o fim da linha para a Sacerdotisa. Naquele ponto, os caminhos dos adversários se encontravam. Até ali, o caminho para os santuários abandonados e amaldiçoados estava aberto; e Noa os encontrou, enfrentando cada prova com a coragem e força de uma verdadeira Sacerdotisa. Mas agora esse caminho estava fechado para ela. Berga não estava abandonado. Era ali que tudo terminaria. Ela viu, pelo canto do olho, a figura alta do mago cinzento se aproximar.

— Por que está aqui em cima? — Ela perguntou friamente.

— Os pequenos estão dormindo e se divertindo em seus sonhos — a voz de Thánatos era sarcástica. — Não vão querer acordar tão cedo.

Jezabel suspirou.

— O grande defeito dos Juizes é o seu excesso de confiança.

— Esse defeito não é somente nosso.

Jezabel o olhou com a face deformada pela ira.

— Atenha-se ao seu trabalho e não me provoque, mago. Volte e prepare tudo. Está chegando a hora. Nossos inimigos não tardarão.

Com uma leve reverência, Thánatos a deixou. No caminho de volta, ele observou que Drakan havia disposto os Sínodos em posições estratégicas. Eles estavam por toda parte; mas um local parecia abandonado. Um local negligenciado. A estrutura de pedras onde ficava o antigo portal. Ele pensou um pouco e depois deu de ombros, continuando o seu caminho. Aquele portal só voltaria a funcionar com a chama do santuário acesa. E aquele seria um feito impossível. Sorrindo, ele desceu as escadas.

Eva não conseguia dormir. Estava apreensiva demais para isso. Ela ergueu a cabeça e viu a silhueta de Hulda sentada próxima à fogueira. Davi, Àquila, Hadassa e Zoar dormiam tranquilamente. Os outros ficaram no mosteiro, aguardando enquanto eles seguiam a trilha que levava para o lugar mais alto de Arath: o Altar de Luz. Estavam viajando desde que a primeira lua-cheia havia despontado no céu. A cada dia a esfera parecia adquirir mais luz. Ela sentou-se e olhou para cima. Mais um dia de caminhada e chegariam lá. A

altitude era um problema, mas Hadassa conhecia uma raiz que ao ser cheirada renovava o oxigênio. Noa havia lhe ensinado e foi um feliz acaso ter encontrado a mesma raiz em Nod, naquelas montanhas. Por insistência dela, cada um deles trazia uma raiz na bolsa de viagem. Hagai ficou para trás. Ele ajudaria a seguir o rastro do falso sacerdote que havia fugido. Theo, Joakim, Rute e Rebeca também participavam da caçada.

Hulda ergueu a cabeça ao ver Eva se aproximar e sorriu.

— Não vou recriminá-la por estar acordada.

— Hulda, o que vai acontecer se elas não conseguirem?

Hulda levantou-se e obrigou Eva a olhar para ela.

— Elas conseguirão!

— Eu estou com medo...

Hulda a abraçou.

— Eva, aquelas meninas sempre me surpreenderam. Amanhã será um dia de reencontros.

Eva enxugou uma lágrima e sorriu.

— Você já passou por mais situações do que eu. Deve estar certa.

— A esfera está afetando vocês também, não é?

Eva balançou a cabeça.

— Eu apenas sinto que preciso dessa luz, como uma árvore precisa do sol.

Hulda pôs a mão em seu ombro.

— Os sinais estarão unidos e completos amanhã, eu sinto isso. E, caso ainda se lembre, sou uma profetisa.

Eva sorriu.

— Obrigada, Hulda, mas não vou voltar a dormir.

— Então sente-se comigo e vamos aguardar o amanhecer juntas.

E assim elas fizeram.

O amanhecer não foi fácil para Deborah e Jael. A proximidade com o portal e com o último dia da lua cheia estava causando reações em seus corpos. Não havia luz para explodir para fora, mas o pouco que tinham teimava em sair, deixando-lhes uma sensação de vazio e morte.

— Sinto como se fosse desmaiar a cada passo – susurrou Jael ao levantar-se e ser apoiada por Nathan.

Deborah, com a ajuda de Barak, conseguiu levantar. Ela olhou para o marido com preocupação.

— Não temos muito tempo.

Priska surgiu com dois canecos de chá de viagem e passou-os para as Luminares.

— Bebam! Fiz mais forte do que o usual, com algumas ervas a mais que Eliah me indicou. Deve restaurar um pouco a energia de vocês.

Elas beberam e o efeito foi imediato. Elas sentiram as pernas mais firmes e os pensamentos mais claros. Sarah entregou um odre para cada uma.

— Aqui tem uma reserva para cada uma. Espero que resolva...

Jael sorriu.

— É o melhor que podemos ter, Sarah.

— Onde está Noa? – Perguntou Deborah.

— Estou aqui – Noa disse, abrindo caminho entre o grupo. – Vocês precisam ir agora.

Priska deu um passo à frente.

— Eu irei com eles – ela confrontou a Sacerdotisa. – Não pretendo deixar minha filha novamente.

Noa sorriu e pôs a mão sobre o ombro da mulher.

— Eu não a imaginava tomando outro caminho.

Noa olhou em volta.

— Mais alguém deseja ir?

Maalá adiantou-se.

— Acredito que Barak, Héber e Priska poderão levá-las em segurança, Noa. Mas você precisará de nós.

Nathan sorriu para a Sacerdotisa.

— Nós ficaremos, filha. Não estará sozinha.

Noa sentiu os olhos umedecerem, mas controlou-se e se virou para os Tronos.

— Venham comigo. Eu vou mostrar onde fica o caminho para o portal.

— Você sabe onde fica? – Héber pareceu surpreso.

— Depois de quatro santuários acesos, os lugares começam a parecer familiares para mim, Héber. É como se eu houvesse vivido uma parte de minha história aqui.

Ela estendeu a mão para Sangar e foram ambos na frente para indicar o caminho.

Eles ainda se encontravam protegidos pela floresta, mas o seu limite já podia ser visto também, assim como a forma da muralha ao pé da montanha que abrigava o Santuário de Berga. Noa seguia evitando olhar em sua direção. Desceram por uma trilha

estreita e chegaram ao que parecia ser uma pequena caverna. Noa parou.

— Lá dentro, no fundo da caverna, existe uma grade. Como esse é o caminho para o portal que está diretamente ligado ao Altar de Luz, não serão impedidos de passar. Faz parte do que são.

Jael não tinha palavras, não era boa em despedidas. Ela apenas abraçou a amiga com força.

— Posso viver mil anos, mas nunca vou entender – ela disse.

Deborah, antes de abraçar Noa, pôs a mão sobre sua cabeça.

— É uma mulher corajosa e honrada, Noa. Não poderemos estar com você agora, mas resgataremos nossa luz e voltaremos mais fortes. Pode acreditar nisso.

Noa deixou que as lágrimas escorressem e abraçou Deborah. Antes que Barak e Héber se despedissem, ela se recompôs.

— Não! Chega de despedidas. Vão! Nos veremos em breve.

Barak sorriu e inclinou a cabeça em um gesto de respeito, entrando na caverna e puxando Deborah pela mão. Héber olhou para ela e pôs as duas mãos sobre seus ombros, encarando-a com os olhos faiscantes.

— Acenda a chama e acabe com eles! Pena eu não estar aqui para ver suas caras de surpresa.

Noa sorriu.

— Não vou desapontá-lo, Héber.

Quando eles sumiram dentro da caverna, Sangar a abraçou.

— Eles estão no caminho deles, precisamos preparar o nosso. Sente-se pronta?

Ela virou-se para ele.

— Você sabe qual vai ser o final mais provável, não é?

Ele suspirou.

— Sim, eu sei. E vou lutar para que seja aquele no qual os heróis vencem.

Ela depositou um beijo em seus lábios.

— Os heróis vencerão, seja lá qual for o final.

— Você me fez acreditar nisso, por isso concordei.

Dessa vez eles se beijaram com ardor.

— Precisamos ir – ela sussurrou.

Barak e Héber apoiavam as esposas enquanto Priska seguia na frente com uma tocha acesa nas mãos, seguindo o caminho que levava até o final da caverna. Quando chegaram ao final, ela estendeu o braço e o fogo iluminou um portão de ferro que se abria para o exterior. Ela tentou abrí-lo.

— Parece que está fechado há séculos – ela resmungou.

— Deve estar mesmo – Deborah deixou-se escorregar de encontro a parede, exausta.

Héber olhou para Jael com preocupação. Ela tentava firmar-se o máximo possível nas pernas, apesar da fraqueza.

— Vocês podem abrir – Priska falou. – Foi o que Noa disse.

Barak suspirou e adiantou-se. Um clique foi ouvido e a grade enferrujada pelo tempo cedeu. Ele sorriu aliviado e olhou para Priska.

— Talvez elas precisem de mais chá – ele falou.

Priska abriu o odre e fez com que Deborah e Jael bebessem o suficiente para sentirem força nas pernas novamente.

— Não podemos arriscar mais do que isso – Priska falou. – O efeito passa rápido e ainda há um caminho longo a percorrer.

Elas assentiram e seguiram em frente.

Zoe estava ao lado de Noa e Sangar. Elas estavam na orla da floresta, no início do caminho que levava à muralha. De lá, eles podiam avistar a figura de Jezabel, meio encurvada ao lado de uma figura mais alta, um dos magos. Entre eles, duas pequenas

silhuetas que fizeram o coração de Noa e Sangar bater mais rápido. Zoe tocou o braço da amiga.

— Calma – ela falou. – Vá devagar e confie no seu plano.

Noa olhou para o alto da muralha. Em ambos os lados havia homens armados, os Sínodos.

— Eles devem estar muito confiantes – Sangar murmurou, seguindo o olhar dela.

— Eles precisam estar – respondeu Noa. – É nisso que estou apostando.

Noa olhou para o lado e sorriu. Ela sabia que os inimigos estavam vendo o mesmo que ela. Nada. Zoe estava envolta pelo escudo de invisibilidade, técnica que vinha treinando e aperfeiçoando desde que passaram pelo Santuário de Sardos. Ali, ela fora tocada pelo Altar e Noa sabia que a ligação de Zoe com Sardos não era por acaso. Cada santuário escolhia uma sacerdotisa, e Sardos escolheu Zoe. Aquilo aumentou sua magia na medida em que foi sendo treinada.

— Vamos – Noa falou num sussurro.

Para os olhos de Jezabel, e para sua satisfação, Noa estava cumprindo a promessa. Se houvesse alguém por perto, a fim de tentar qualquer ato de resgate, os Sínodos os veriam e dariam o

alerta. Ela vinha acompanhada unicamente do guerreiro ruivo, pai de seus filhos. Quando chegaram a poucos passos da muralha, a ex-sacerdotisa gritou:

— Espere!

Eles pararam.

— Agora você vem sozinha, Noa – Jezabel falou.

— Não antes que libere meus filhos. Estou cumprindo minha palavra, como pode ver. Mostre que vai cumprir a sua.

Jezabel tocou nas costas de Caio e o garotinho começou a caminhar em direção aos pais. Noa franziu o cenho.

— Os dois!

— Eu libero a garota quando você vier até mim.

Ela olhou para Sangar. O marido apertou sua mão. Ele se controlava de uma maneira que nunca pensou que conseguiria. Ela virou-se e começou a caminhar. Zoe caminhou ao seu lado. Jezabel liberou a pequena Cloé com relutância. A menina tinha potencial, mas sua mãe valia mais naquele momento. Ao passar por Caio, Noa parou e abraçou o filho. Era um garotinho corajoso e segurava o choro.

— Está tudo bem, meu filho – ela falou. – Vá para o seu pai.

Ele correu para os braços de Sangar. Ao alcançar Cloé, a menina pegou as mãos dela com olhos suplicantes.

— Não vá, mamãe! Vamos correr para o papai! Temos tempo.

Noa beijou-lhe a cabeça ruiva com lágrimas nos olhos. Ela sabia que as flechas dos Sínodos estavam apontadas para elas.

— Você precisa ir, Cloé. Eu ficarei bem.

Ela aguardou que a filha chegasse até Sangar e que este os puxasse para a segurança da floresta. Poucos passos a separavam dos inimigos. Ela parou diante de Jezabel, mas Zoe passou sem que ninguém notasse e, sem obstáculos, dirigiu-se à escadaria que levava ao Santuário de Berga.

Jezabel sorriu triunfante e bateu palmas. Um grupo de magos da Ordem Negra surgiu com um estranho caixão de metal.

— O que é isso? – Noa perguntou.

— Um lugar feito exclusivamente para você, Sacerdotisa.

— Eu não vou entrar ali.

Jezabel riu alto.

— Ah, então vai resistir, não é? Menina má.

— O seu maior defeito, Jezabel, é o seu excesso de confiança.

Noa olhou para os magos e sussurrou uma palavra específica para cada um. A palavra que despertava suas fraquezas. Imediatamente eles soltaram a caixa e caíram no chão, gemendo e gritando de pavor. Ela havia usado o mesmo dom na batalha do Vale da Profecia, em Hedhen. O mago cinzento adiantou-se com as mãos estendidas para tocá-la com sua magia de sono, mas ela pulou para longe do seu toque.

— O que você acha que vai conseguir com isso? — Jezabel gritou enfurecida.

Noa ergueu a mão e flechas foram atiradas sobre a muralha, derrubando muitos homens. Os que não foram atingidos, caíram vítimas de golpes que eles não conseguiam ver. Isso porque o grupo fora “revestido” pelo poder de Zoe e, usando um antigo subterfúgio do inimigo, estavam invisíveis. Em cima da muralha, Eunice, Sarah, Maalá e Joakim lutavam como nunca. Nathan e Apolo usavam escudos de proteção sobre Noa, impedindo que o mago cinzento a tocasse. Jezabel começou a sussurrar palavras também, fazendo surgir seres de sombra por toda a parte.

O caminho até o portal foi cansativo. Quando lá chegaram, Jael desabou no chão, completamente desacordada. Priska

ajoelhou-se ao lado dela e derramou mais alguns goles de chá em sua boca. Ela piscou e gemeu. Priska olhou para Deborah.

— Beba! – Ela ordenou.

Deborah obedeceu. Barak a havia sentado encostada a uma das colunas que envolviam o portal. Héber ergueu-se e observou em volta.

— Eles precisam ser rápidos – ele falou.

Deborah pôs a mão no braço de Barak. Ele olhou para ela, estranhando o olhar parado.

— Barak, eu não vejo nada...

— Como... – ele tentou falar, mas a voz saiu embargada pelo medo.

Priska aproximou-se e passou a mão na frente do rosto de Deborah. O olhar parado que não se manifestou disse tudo.

— Por que isso está acontecendo? – A curandeira perguntou.

— Era assim que eu estava antes de receber a luz – falou Deborah num sussurro.

Héber arregalou os olhos e ajoelhou-se ao lado de Jael, sacudindo-lhe os ombros.

— Jael! Você ainda está comigo? – Ele parecia apavorado.

— Pare de me sacudir, Héber... eu ainda estou aqui.

De repente, Deborah piscou aliviada.

— Voltou! A visão voltou.

Barak sorriu.

— Ainda não é permanente – ela disse.

O rei ergueu-se e olhou ansioso para o santuário. O plano estaria dando certo?

Zoe alcançou o topo da escadaria, ficando frente a frente com o santuário. Era uma estrutura imponente e intimidadora. Ela olhou para trás e viu a batalha que se desenrolava lá embaixo. Muita coisa dependia dela naquele momento. O Santuário de Sardos a aceitara, mas Berga a aceitaria? Noa achava que sim. No entanto, não houve resposta e nem comichão na mão direita. Ela já sentira aquilo antes. Insegurança. Mas não havia tempo para isso. Com autoridade, ela estendeu a mão em direção à pesada porta de bronze. Não havia trincos, ferrolhos e nem fechaduras. Era hora de requerer o seu próprio título.

— Em nome do Santuário de Sardos e da chama que arde em seu Altar, eu peço que se abra para mim. Sou a nova sacerdotisa do santuário que foi traído e tenho autoridade para acender essa

chama. O Altar de Berga sempre esteve aberto para todas as sacerdotisas. Eis-me aqui para reclamar esse direito.

Em resposta, a porta começou a se abrir e, após um súbito formigamento, uma chama azul formou-se em sua mão.

Lá embaixo, Jezabel sentiu o que estava acontecendo. Olhando para cima, ela viu a porta aberta do santuário e uma chama azul que parecia flutuar no nada. Aturdida, ela buscou o olhar de Noa. Por um momento, todos haviam parado de lutar, em expectativa pelo que aconteceria.

— Como você... — ela balbuciou, apontando para Noa. — O seu poder não pode ser tão grande!

Noa nada disse, mas observou o olhar de medo em seus adversários. O Mago Cinzento chegou a dar um passo para trás.

Sangar também chegou naquele momento. Ele havia deixado os filhos aos cuidados de Eliah e voltara para ajudar na batalha. Todos os olhos estavam voltados para o santuário.

Zoe avançou pelo espaço aberto até o Altar. Este estava em um lugar elevado, sobre uma plataforma. Sete degraus levavam até ele. Ela subiu e, com reverência, estendeu a mão.

— Obrigada por me aceitar.

A chama foi sugada para o Altar e seu brilho azulado foi deslumbrante.

Com a chama acesa, o Mago Cinzento sentiu o seu poder diminuir e, dando meia volta, abandonou a batalha. Os magos da Ordem Negra jaziam desmaiados no chão. Drakan, de cima da muralha, gritou para Jezabel.

— Perdemos! Ordene a retirada, senhora!

Jezabel olhou para Noa com os olhos ardentes de puro ódio.

— Não sei o que você fez e nem como fez, mas não baterei em retirada sem levá-la comigo – ela falou entre dentes.

Erguendo as mãos, os seres de sombra se multiplicaram e cercaram Noa. Os amigos viram e a foram ajudar. Sangar e Sarah, que ainda estava invisível e disparando flechas, abateram todas as que puderam, mas Noa foi sendo encurralada para dentro da linha da muralha. Seus golpes faziam dez sombras sumirem e logo mais dez subiam da terra.

— Sarah, atire em Jezabel! – Gritou Sangar.

Sarah obedeceu, mas Jezabel não era tola. Ela estava protegida com algum tipo de escudo. Noa começou a sentir o peso

da opressão que as sombras exerciam sobre ela. Começou a se defender, além de atacar. Elas a estavam empurrando em uma direção. A caixa de metal que ficara no chão, abandonada pelos magos.

Sangar viu que Jezabel não era uma mulher para ser subestimada. Ela tinha suas próprias armas e um poder maligno que não tinha explicação. Ele tentou abrir caminho e chegar até Noa. Ele sabia que os amigos lutavam ao seu lado, apesar de não estarem visíveis para ele. Noa havia alertado para o possível desfecho daquela missão, mas eles combinaram de lutar para que fosse diferente. Era uma barreira de sombras difícil de atravessar.

Noa estava perdendo a batalha. O cansaço já tomava conta dela. Olhando para trás, ela viu que a caixa de metal estava muito próxima, mas as sombras faziam pressão, empurrando-a de encontro ao que poderia ser sua prisão. Jezabel fez um movimento com as mãos e o corpo de Noa foi lançado para trás, fazendo-a tropeçar e cair dentro da caixa. Imediatamente, como se tivessem vida, correntes envolveram seu corpo, mantendo-a firme e acomodada no receptáculo. Jezabel fez um movimento contrário e as sombras mudaram de direção, afastando o grupo para longe da muralha.

— A chama pode ter sido acesa, mas acabou. Noa pertence a mim, agora. Tolos!

Com um gesto simples, ela ergueu um escudo de poder na entrada da muralha. Os homens de Drakan ergueram a caixa e sumiram para dentro das ruínas. Sangar deu um brado de fúria, mas foi contido por Joakim e Sarah, que o puxaram para longe. Eles tinham que seguir agora a outra etapa do plano. Noa havia previsto aquele final e dois planos foram traçados. Infelizmente, o resultado não foi o que seus corações almejavam.

Hulda, Eva e Davi estavam ao redor do Altar de Luz. A esfera nas mãos de Hulda parecia ter vida, ansiando para tomar o seu lugar no meio do círculo de pedras. Eles haviam chegado ao amanhecer e, após deixarem os outros em um nível mais baixo, os três subiram e se posicionaram. Apesar de sentir o apelo da esfera, Hulda sabia que tinha de esperar. O portal seria aberto, ela colocava toda a sua fé nisso. As jovens Árvores não conseguiam esconder a angústia da espera.

Quando a chama iluminou o Altar, formou-se um portal de luz ligando duas colunas. Era uma luz azulada e pulsante. Barak passou o braço de Deborah sobre o seu pescoço e a ergueu. Héber pegou Jael nos braços.

— Você ainda está comigo? – Ele perguntou apreensivo.

— Sim... ainda estou aqui.

Priska ajudou Barak com Deborah.

— Vamos logo! – Ela disse.

Héber passou na frente, sumindo dentro da luz azul. Barak respirou fundo.

— Esse portal nós atravessaremos juntos, minha rainha.

E foram engolidos pela luz.

Do outro lado, o portal foi ativado na extremidade do círculo de pedras. Davi quase sai de sua posição, mas Hulda pediu que esperasse. Quase de imediato, surgiu Héber com Jael nos braços. O coração de Davi ficou apertado de medo. O que havia com sua mãe? Em seguida, Barak e outra mulher, muito parecida com Jael, surgiram apoiando a rainha desfalecida.

— Mãe! – Eva gritou.

Héber depositou Jael sobre um dos locais marcados em volta do círculo. Quando Barak e Priska soltaram Deborah em seu lugar, o rei olhou para a profetisa.

— É com você, Portadora! Rápido!

Ela correu e colocou a esfera pulsante sobre o seu lugar, no centro do círculo.

— Luz, volte para o lugar ao qual pertence. Eu cumpri minha missão e desfaço o mal que Jabim causou.

Após dizer isso, ela se afastou com o coração aos pulos. Davi e Eva sentiam a energia fluir de seus corpos. A energia das Árvores, da seiva, da vida. Essa energia parecia sair de seus corpos em uma névoa perfumada de tom esverdeado, pairando sobre as Luminares e envolvendo a esfera, que começou a pulsar com intensidade. Primeiro foi a luz prateada. Como uma explosão, ela se espalhou em forma de faíscas e, unindo-se em um redemoinho de luz, foi sugada pelo corpo de Jael. A Guardiã sorveu o ar, abrindo os olhos faiscantes, absorvendo o poder e, com ele, a vida.

Depois foi a vez da luz lunar. Era pulsante e poderosa. A cada pulsação era como se o topo da montanha estivesse explodindo. De repente, a luz saltou para fora, envolvendo e tomando todo o círculo, obrigando os outros a fecharem os olhos. E aquela luz foi

sendo lentamente absorvida pelo corpo de Deborah. A rainha, que se encontrava de joelhos e com a cabeça baixa, ergueu os braços para recebê-la. Os olhos brilhantes como a lua mais cheia.

Sem a luz, a esfera foi diminuindo de tamanho até se tornar uma pedra comum e se fundir com o altar. Jael e Deborah ergueram-se com toda a majestade que possuíam naquele momento. Davi e Eva, sem se conter, correram para seus braços. Suas mães, que haviam sumido em um portal, voltaram para eles através de outro. As duas profecias acabavam de se unir.

Em Helladan, na capital Tibreya, Abadom observou novamente impassível o apagar de mais uma chama. As vozes que murmuravam na cidade subiam até ele. O povo começava a se perguntar o que aquilo significava. Ele fora um dos primeiros sacerdotes, assistira o reino e a glória dos Primeiros Tronos, viu a Pedra Negra cair do céu e sentiu o seu poder inebriante. A traição foi um ato racional. Ela surgiu de forma doce para ele. Poder! Ele o almejava e o conseguiu, mas queria mais. Queria a outra terra, Hedhen. Queria sentar no trono dourado. Queria mais uma vez apagar a luz dos Tronos e vê-los sucumbir. Mas o seu reino estava sobre ataque, ameaçado, e ele se sentia acuado. Como um homem-

deus poderia se sentir assim? Não podia mais esperar. Virando-se, ele desceu as escadarias do palácio. No porto, um navio o esperava. Ele tomaria para si o poder da divindade. Ainda tinha uma carta na manga, que nem a bruxa Jezabel conhecia. Eles teriam uma surpresa.

Capítulo 32

Destinos

Zoe assistiu a tudo com a respiração suspensa. Apesar de tudo, ainda conseguiram pegar Noa! Ela estava na parte de dentro da muralha. Era, portanto, a única pessoa que poderia ajudar a Sacerdotisa. Mas manter aquele escudo de invisibilidade por tanto tempo estava tomando sua energia. Ela se concentrou para retirar o escudo que estava sobre o grupo. Isso a daria mais tempo para encontrar um local seguro e se recompor, pois algo lhe dizia que ficar invisível era sua melhor opção.

Após ter erguido a barreira na entrada da muralha, Jezabel ordenou a Drakan e seus homens que fossem verificar o santuário. Zoe os viu chegando e se posicionou em um local afastado da porta. Drakan observou o interior do santuário, mas nem ele e nem

seus homens tiveram a coragem de entrar naquele local antigo e sagrado. Depois de observar bem o interior e caminhar pelo perímetro sem achar ninguém, eles voltaram. O escudo de Zoe vacilou e ela voltou a entrar, cambaleando e apoiando-se nos degraus que levavam ao Altar. Ela buscou ficar por trás dele e descansar à sua sombra. Era o local mais seguro para ficar no momento e o mais apropriado para repor a energia que perdeu.

A caixa de metal fora colocada em cima de uma mesa numa das salas internas daquela antiga fortaleza. Noa desistiu de tentar se libertar, porque quanto mais se mexia, mais as correntes apertavam. Jezabel aproximou-se dela.

— Quem acendeu a chama, Noa? — Ela perguntou. — Você é poderosa, mas não ao ponto de acender uma chama sagrada à distância. Você teve ajuda e eu quero saber quem foi. Há outra sacerdotisa?

Noa não respondeu e Jezabel pôs a mão em sua cabeça. Não demorou muito e afastou a mão com uma imprecisão.

— Maldito elmo espiritual! Não pense que seus pensamentos estão fora de meu alcance! Aqui você pode ser forte, mas para

onde vai essa sua defesa não adiantará. Você brincou comigo duas vezes. Fez-me de tola! Vou lembrar disso.

Ela fez um sinal com a cabeça e Thánatos se aproximou.

— Toque-a!

O Mago Cinzento não se moveu.

— Será inútil tentar e você sabe disso. Felizmente, sacerdotisas não são imunes a correntes e acredito que ela estará bem guardada durante a viagem. Não gastarei o meu poder tolamente. Com mais uma chama acesa, os poderes dos magos sofrem uma diminuição. Deixe-me em paz!

Ele disse essas palavras e deu meia-volta, deixando Jezabel engolir a própria raiva. Ela olhou para Noa com apreensão. Aquela caixa de metal era uma armadilha para sacerdotisas. A própria Jezabel ajudou a forjá-la com um mineral que impedia a passagem da energia proveniente do Santuário. Noa estava exausta por causa da luta com as sombras e acabou rendendo-se ao cansaço, sem a necessidade do poder de Thánatos. Menos mal, Jezabel pensou.

— Vamos para Myrne! – Disse Jezabel para os homens que aguardavam suas ordens. – Leukós nos aguarda lá.

Na orla da floresta, Sangar abraçava os filhos que ficaram seguros com Eliah. Ele tinha os olhos vermelhos. Chorara de alívio por vê-los bem e de frustração por ter perdido Noa. É certo que ela havia pensado naquele desfecho e que o plano seguiria em frente, mesmo sem ela, mas o que todos esperavam era que o final fosse outro. Aquele em que eles conseguiriam libertar os filhos, lutar, acender a chama e sair ilesos, deixando os inimigos confusos. Nathan pôs a mão sobre o ombro do homem. Sangar ergueu a cabeça.

— Precisamos ir. Tomar o caminho que Noa nos indicou.

— Sim, nós precisamos, Nathan. Serei forte por ela e por eles
— ele sorriu para os filhos.

Nathan sorriu compreensivo.

— A liderança é sua agora, Senhor da Floresta de Quedes.

Sangar levantou-se e olhou em volta. Todo o grupo olhava para ele em expectativa. Joakim, Apolo, Eliah, Maalá, Sarah, Eunice, Nathan e...

— Mas onde está Zoe?

Zoe, da esplanada em volta do Santuário, podia ver a movimentação lá embaixo. Havia um rio que cortava o cinturão de

montanhas e corria para o oeste, na direção das cidades costeiras. Na direção de Myrne. Ela podia distinguir a forma alongada de um navio. Era para lá que um grupo de encapuçados estava levando a caixa de metal onde puseram Noa. Ela olhou para além da muralha e viu a floresta, onde seus amigos a esperavam. Olhou novamente para o rio e sentiu a dúvida lhe corroer.

— O que eu faço?

Ela correu para dentro, ajoelhou-se diante da chama azul e pôs as duas mãos na base do altar.

— O que eu faço, Grande Pai?

A dúvida se dissipou e um pensamento claro tomou sua mente. Ela respirou fundo e sorriu.

— Obrigada – ela sussurrou.

Quando o navio zarpou, já na calada da noite, ninguém viu e nem percebeu uma passageira inesperada entrar atrás do último homem. Ela vinha encoberta por um escudo de invisibilidade que se tornara mais forte com a proximidade do Altar de Berga. Zoe posicionou-se na sala, junto daqueles que guardavam Noa. Ela aguardaria, porque o plano deveria seguir o seu curso. A Sacerdotisa deveria entrar em Myrne. Mas não entraria sozinha.

Deborah e Jael sentiam-se completas novamente. Estavam ali, descendo a montanha tendo ao lado os maridos, os filhos, suas mães e a Luz. Após se desmanchar em lágrimas, Hulda fez-lhes o interrogatório habitual, o que fez com que Jael contasse todos os seus passos, desde que pularam no portal em Hedhen até aquele momento, sob a luz acolhedora de uma fogueira. Hadassa, feliz por vê-las de volta, aumentou o interrogatório com suas perguntas entusiasmadas, o que fez Eva rir da curiosidade natural da amiga. Agora, na viagem de volta para o Mosteiro, a profetisa voltara sua atenção para Priska. As duas “mães” conversavam sobre o passado e se mantinham alguns passos à frente. Hadassa e os sacerdotes seguiam atrás.

— E agora, mãe? — Perguntou Eva. — O que nos reserva o futuro?

Deborah suspirou.

— Temos que voltar — foi a resposta imediata.

Eva olhou para ela sem entender.

— Voltar? Para onde?

— Nós devemos ajudar Noa. Recebi uma visão no Altar de Sardos. O meu caminho está ligado ao que vai acontecer em Myrne.

— Vocês vão nos deixar de novo? – Davi perguntou olhando para Jael.

— Não, meu Davi – ela sorriu e passou a mão pelo rosto do rapaz. — Dessa vez nós iremos juntos. Luz e Árvores.

— É em Anatolya que vai acontecer a batalha que definirá o destino de Nod – falou Heber por trás deles.

Barak concordou.

— Sim, com a conquista dos santuários muita coisa mudará e o destino de todos nós ficará claro, pois os sacerdotes lembrarão do que foi apagado de suas memórias.

— Então, já cumprimos nosso tempo aqui? – Eva parecia apreensiva.

— É o que veremos na reunião desta noite, Eva – explicou Áquila. — Vamos ter paciência e aguardar.

Jael balançou a cabeça inconformada.

— O que me aflige é não saber como tudo terminou.

Barak apertou a mão de Deborah ao ver o seu olhar distante e seus lábios apertados. O silêncio dela era uma confirmação para ele. Ela sabia como havia terminado.

Rute e Rebeca aguardavam na porta do Mosteiro. A guerreira ruiva caminhava de um lado para o outro, impaciente e irritada. Elas, ao saberem da eminente chegada dos Luminares, deixaram a caçada com os outros e voltaram para recepcionar o grupo.

— Os sacerdotes sentinelas disseram que eles estavam no caminho – ela resmungou.

Rebeca sorriu.

— Se você não se acalmar, não conseguirá vê-los chegar.

Rute a olhou com uma ruga na testa e Rebeca apontou o dedo para a trilha que subia a montanha. Rute os viu chegar e não se conteve. Ela correu para cima e Rebeca a acompanhou. Quando elas pararam diante do grupo, Rebeca fez uma reverência frente aos reis e rainhas, mas Rute pareceu indecisa diante de Deborah. Seus olhos estavam marejados. A rainha sorriu e abriu os braços. Elas se abraçaram e Deborah pôde sentir o choro de alívio de Rute.

— Você sempre será minha pequena Rute – ela murmurou.

— Você sempre volta... nunca me decepcionou quanto a isso.

Eles seguiram para dentro do Mosteiro onde se daria a reunião.

Na reunião, apenas os Luminares, os sacerdotes, Davi, Eva, Hulda e Priska estavam presentes. Primeiro Malakias ordenou que servissem uma refeição simples, mas satisfatória.

— Então, vocês partirão? — Malakias não pareceu melancólico, mas conformado.

— Devemos, senhor — falou Deborah. — É chegado o momento de lutar pelo seu mundo.

O velho sacerdote sorriu.

— Nod aguarda por isso há muito tempo. O portal ficará aberto enquanto a chama arder no santuário, o que será para sempre, espero. Vocês deverão retornar por ele.

— Você virá conosco, Áquila? — Hulda perguntou com expectativa.

Ele sorriu.

— Ainda sou tutor das Árvores. Ninguém me destituiu do cargo. Se me aceitarem, acompanharei vocês com muita honra.

Eva sorriu para ele.

— É nosso amigo, Áquila, mais do que apenas um tutor. Ficaremos felizes se nos acompanhar.

Malakias assumiu um ar sério e dirigiu-se à Deborah.

— Essa pressa em voltar tem algo a ver com a visão que você teve no Santuário de Sardos?

Ela olhou para ele, surpreendida. Ele sorriu.

— Calma, não sou profeta! Áquila me contou sobre a visão.

— Sim, é verdade – ela confirmou. – Eu devo ir para Myrne, segundo a visão, e operar um ato de livramento usando o poder da luz.

Ele ponderou naquela resposta.

— E você sabe o que pode ser esse ato?

— Acredito que pessoas devem ser libertas, mas não sei quem são elas.

— Acho que posso ajudar.

O velho sacerdote olhou em volta e suspirou.

— Em Myrne, logo no início do reinado de Abadom, um sistema de masmorras foi construído nos subterrâneos da cidade. È um lugar escuro e fácil de se perder, pois seus corredores formam uma espécie de labirinto. Dizem que foi lá, em um recinto secreto, que Abadom mandou prender os sacerdotes-guerreiros da Ordem Branca de Nod. Uma força militar sacerdotal, formada apenas por homens, encarregados de guardar os santuários de Héfer e Myrne.

Remanescentes da antiga Ordem de Melkes, detentores de conhecimentos antigos e grande poder.

— Em Hedhen nós temos uma Ordem Branca – falou Jael. – No início, era composta apenas por mulheres.

Malakias sorriu tristemente.

— Essa é mais uma consequência da força que separou nossos mundos. A Ordem Branca foi dividida ao meio. Homens de um lado e mulheres do outro.

— Então é essa força que deve ser liberada? – Barak perguntou.

— Se vocês conseguirem libertar a força da Ordem Branca de Nod, Myrne será facilmente tomada pelo lado de dentro, pois são sacerdotes muito poderosos e zelosos pela luz. A Ordem Negra sempre os temeu.

— E como se entra nas masmorras? – Heber queria ir logo ao ponto.

Malakias ficou capisbaixo de repente.

— A entrada foi selada. Apenas o poder da luz lunar poderá revelar onde fica.

— Então é por isso que tia Deborah deve ir para lá! – Falou Davi.

— Sim, meu filho, parece que a luz retornou para nós em boa hora! — Jael resmungou.

Deborah olhou para a irmã.

— Noa tinha um plano, independente de como tudo terminasse, Jael. Entrar em Myrne. Seja lá como for, ela estará na cidade. E nós teremos que achar os sacerdotes-guerreiros, a fim de que o caminho dela para o Santuário de Myrne seja aberto.

Naquela noite, na floresta, Sangar estava deitado ao lado dos filhos que dormiam um sono inquieto, assim como ele. A cada vez que fechava os olhos, a imagem de Noa surgia e uma dor profunda no peito o fazia engasgar. Não podia demonstrar fraqueza diante dos filhos e nem do grupo que agora liderava. Ele levantou-se para molhar o rosto no riacho que passava por ali, quando ouviu vozes perto dos cavalos. Eram Eunice e Sarah. A amazona estava selando seu cavalo, ignorando o que Sarah dizia.

— Como pretende enfrentar uma cidade cheia de magos, você que teme a magia? É loucura, Eunice!

Eunice virou-se bruscamente para a gadita.

— Não é do meu feitio abandonar companheiras, Sarah! Zoe teve um ato muito nobre, eu não tenho dúvidas disso, mas ela agiu

por impulso. Estamos aqui com uma missão: proteger a Sacerdotisa. E, caso ainda não tenha percebido, Zoe também é uma sacerdotisa! As duas estão indo para a toca dos lobos. Zoe pode até ter um plano para libertar Noa, mas, dentro de Myrne, quem sabe o que pode acontecer? Não vou deixar que as duas caiam nas mãos daquela bruxa!

Ela saltou para o cavalo e Sarah segurou seu pulso.

— Espere! Você está certa. Mas não podemos sair assim, sem dar um aviso.

Eunice ergueu as sobrancelhas.

— Não “podemos”?

Sarah sorriu.

— Vou com você – ela deu de ombros. – Mas acho que já sabia disso.

Sangar aproximou-se e as duas ficaram estáticas, surpresas demais para falar.

— Eu também seguiria vocês, se pudesse – uma lágrima desceu pela face do homem. – Mas dizem que o papel de um líder exige sacrifícios. Percebo isso agora. Sacrifico minha vontade e meu coração ficando aqui, mas não vou impedi-las. Jamais faria isso. Estivemos juntos em batalhas e sei o valor que vocês possuem.

Façam o que puderem por elas, mas, se não as encontrar, não se arrisquem sem motivo e voltem. Prometam-me isso e lhes darei permissão para ir.

Sarah aproximou-se e pôs a mão no ombro de Sangar.

— Confie em nós, Sangar. Já estou acostumada a fazer resgates.

Ele sorriu.

— Nós as acharemos e as manteremos seguras até vocês chegarem – falou Eunice.

Ele agradeceu e deu meia-volta, sumindo na escuridão da floresta.

— Pegue seu cavalo, Sarah – pediu Eunice. – O tempo está passando.

Sarah foi rápida e logo as duas estavam galopando como o vento, movidas pela fé inabalável de que faziam o que era certo.

Capítulo 33

As Serpentes-Aladas

“Ela estava em um barco, no meio de uma tempestade. A escuridão era palpável, de tão densa, o vento soprava forte, dificultando os sentidos. Não era possível definir a linha divisória entre o céu e o mar. Mas, na escuridão das águas, ela viu algo brilhar. Duas luzes vermelhas que aos poucos subiam, aproximando-se da superfície. De repente, ela percebeu que o barco estava cercado dessas luzes e agarrou-se ao mastro, lutando para não cair. O barco começou a balançar violentamente e ela se viu atirada ao mar, afundando nas águas escuras. O seu corpo afundou até tocar o leito marinho e, diante dela, surgiu uma imensa floresta. Ela não estava mais no mar. De dentro da folhagem escura, as luzes vermelhas que pareciam olhos a observavam. Um medo irracional a tomou e, de repente, uma grande serpente com três cabeças hediondas surge na sua frente, lançando veneno através de suas línguas bifurcadas”.

Hadassa acordou com um grito abafado. Ela estava só no quarto, pois Hagai ainda não havia retornado. Era a terceira vez que tinha aquele sonho estranho. Na verdade, era um pesadelo. E que pesadelo! Hadassa era uma mulher corajosa, mas tinha um ponto fraco que nem o marido conhecia. Ela tinha pavor a serpentes. Quando criança, vira uma serpente do deserto atacar um

homem e o matar. Enfrentara a serpente marinha quando acompanhou Barak em sua jornada na busca do Cetro de Luz. Mas nada foi comparado ao medo que sentiu ao ser perseguida por Neustã.

Ela levantou-se e foi até a mesinha que ficava ao lado da janela, pôs as mãos na bacia com água e lavou o rosto. O dia estava amanhecendo, com o céu ficando lilás. Ela achava que não conseguiria mais dormir, por isso resolveu aguardar o nascer do sol do lado de fora. Precisava de ar.

Malakias encontrou Hadassa sentada em um banco de pedra, olhando em direção á floresta que se estendia lá embaixo. Ela parecia perdida em pensamentos reflexivos. Ele parou ao lado dela e sentou-se.

— Acordou cedo – ele disse. – O que a preocupa?

— Estava pensando no quanto aquela floresta lá embaixo me apavorou.

— E agora?

Ela sorriu.

— Ainda não sei se teria coragem de entrar nela sozinha, não depois do que houve.

Malakias ficou sério.

— A serpente foi morta. Do que tem medo?

— Da sua existência, acho. Fico me perguntando de onde poderia ter vindo. Se não existem outras soltas por aí.

Malakias sorriu dessa vez.

— Entendo o seu medo. E se eu lhe dissesse que sei de onde ela veio?

Hadassa olhou para ele, espantada.

— Sabe?

— Mas, antes que eu fale, você precisa entender algo, menina. Neustã foi treinada para ser feroz. Ela tinha um objetivo sinistro.

— Como pode saber?

— Porque suas asas foram arrancadas.

Aquilo deixou Hadassa sem fala por um momento.

— Asas... o senhor disse "asas"?

Instintivamente, ela olhou para cima e ele riu.

— Não, não deve ter medo. Pelo menos, não das que possuem asas. Elas são uma espécie em extinção e se escondem em meio aos vales ocultos dessas montanhas. Habitam cavernas e possuem hábitos noturnos. Mas são dóceis, fiéis a quem pertencem.

Eram muito úteis nas batalhas de antigamente, servindo-nos de montaria. Mas, se lhes arrancar as asas, elas enlouquecem. Foi o que aconteceu com Neustã.

— Desculpe, mas é difícil imaginá-las dóceis. Aliás, é difícil apenas imaginá-las.

— Tentarei explicar. As que possuem asas permanecem exatamente como foram criadas pelo Grande-Pai, incontaminadas pelo Mal.

Ele apontou em direção às montanhas que seguiam do outro lado da floresta.

— É lá que elas vivem. Aguardam sua hora, como todos nós. Hadassa franziu o cenho.

— Por que está me contando tudo isso?

Ele riu.

— Porque talvez você precise acordá-las para o momento decisivo.

Agora foi Hadassa que não conteve o riso.

— Seria uma cena difícil de imaginar.

Malakias apontou o dedo para baixo. Hadassa seguiu o olhar e viu, parado na entrada da floresta, um homem cujo capuz cobria-

lhe o rosto. Ele parecia esperar. Pela descrição, ela sabia de quem se tratava e engoliu em seco.

— O que o Ancião poderia querer de mim?

— Desça e descubra.

Ela seguiu o Ancião floresta adentro. Ele nada falou, apenas entrou na floresta e ela entendeu o que ele queria. Mas, no caminho, ela ia se perguntando qual a relação dela com as tais serpentes voadoras, além do fato de uma delas, enlouquecida pela perda das asas, ter tentado devorá-la. Não seria um assunto para Eva resolver? Ela parou ao ver o Ancião à sua espera na margem do riacho onde se deu a luta contra Neustã. Hadassa fez uma reverência meio desajeitada e o Ancião sorriu por baixo do capuz.

— Essa prova era de Eva, assim estava escrito na parede de uma caverna – ele falou.

— E Eva cumpriu essa prova, Senhor. – A voz dela saiu baixa e tímida.

— Sim, ela cumpriu, não há dúvidas. Mas, e quanto a você?

Ela ergueu a cabeça e o encarou.

— Eu?

— Como explicar sua presença aqui, no momento daquela luta?

Ela hesitou apenas por um instante.

— Eu não sei... Mas penso que talvez o Senhor saiba, se é que significou alguma coisa.

— Hadassa, algumas pessoas nasceram para cumprir certos destinos e trilhar um caminho cheio de desafios e dificuldades; já outras, nasceram para ajudar a limpar esse caminho, tornando-o mais leve e seguro. Não pense que sua presença não foi importante. Você e Eva tiveram contato com uma serpente do mundo antigo, enlouquecida e mutilada, mas única em sua origem. Eva deve continuar o seu caminho agora, mas chegará um momento em que os poderes antigos serão requeridos para a batalha. Você esteve frente a frente com uma serpente em fúria e sobreviveu. Isso será sentido pelo grupo e você será respeitada.

Ela engoliu em seco.

— Que grupo, Senhor?

— Lidere seus amigos nessa jornada e desperte as Serpentes Aladas. Estou dando a você um destino a ser cumprido, mas você tem a opção de recusar.

Os olhos dela brilharam. Ela sabia que, aceitando a missão, estaria se comprometendo a enfrentar seus medos mais profundos. Um dia, Deborah falou que ela tinha um papel importante a desempenhar em toda essa história. Estaria ela se referindo àquele momento? Tudo apontava que sim. Ela havia sobrevivido a ferimentos mortais na última batalha em Hedhen e fora convocada para aquela jornada ainda quando se encontrava em recuperação. Com um suspiro profundo, ela encarou o Ancião, decidida.

— Por que recusaria? Nunca voltei atrás em nenhum dos desafios com os quais me deparei. Se o Senhor me impõe essa escolha, dou-lhe minha resposta: Eu irei.

Ele sorriu.

— Então, sente-se comigo e vamos conversar.

Hagai, Theo, Zararias e o grupo que os seguia na caçada, não tiveram êxito. Os falsos sacerdotes pareciam estar bastante familiarizados com as trilhas entre as montanhas e acabaram por sumir sem deixar rastros que eles pudessem observar. Eles não puderam cumprimentar os Luminares, por estes estarem trancados em conselho com os anciões, decidindo os passos futuros. Hadassa aproveitou para chamar o grupo para uma reunião à parte, em um

dos terraços do mosteiro com vista para a floresta. Ela explicou aos amigos atentos e curiosos todas as palavras do Ancião. Zoar ficou fascinado com a história.

— Eu ouvia histórias com serpentes aladas quando era menino – ele falou. – Os sacerdotes de Aroer costumavam contar muitas lendas do mundo antigo. Pelo menos, eram lendas para mim, mas, depois do que vimos aqui, não há como negar que sejam reais.

— E o que vamos fazer quando encontrarmos essas serpentes? – Perguntou Rute.

— Nada, Rute – disse Hadassa. – Não faremos nada. Segundo o Ancião, elas se aproximarão por conta própria. Não sei o que vai acontecer nesse encontro.

— Então, elas podem querer nos devorar? – Zacarias arriscou. Hagai respirou fundo e deu um pequeno tapa na cabeça do rapaz.

— Se fossem nos devorar, o Ancião não nos mandaria para lá. Ele olhou para a esposa.

— Apesar de nunca ter me contado, sei que tem medo de cobras e admiro sua coragem por decidir ir. E, pelo fato de vê-la

enfrentar o seu medo mais oculto de peito aberto, eu me disponho a ficar do seu lado, como sempre estive e sempre estarei.

Ela sorriu e deu-lhe a mão, puxando-o para perto de si.

— E vocês? — Ela perguntou para o grupo. — Virão conosco?

Zoar olhou para Rebeca e deu um passo à frente.

— Eu irei.

Ela se surpreendeu com a ousadia do sacerdote, que respondeu num levantar de ombros.

— Não vamos acompanhar os Luminares, pelo que sei. O que mais temos para fazer aqui?

Todos concordaram, inclusive Theo, que se ofereceu para servir de guia através das montanhas.

— Muito bem, amigos. — Disse Hadassa. — Iremos quando os Luminares partirem. Estejam prontos.

O dia da partida não demorou a chegar. O grupo de Hadassa partiu um dia antes dos Luminares e com a bênção dos Tronos de Luz, o que lhes deu mais confiança para enfrentar o que estivesse no caminho. Quando chegou o dia de voltarem para o portal e atravessá-lo novamente para Anatolya, cada um deles recebeu o poder que emanava da chama sagrada. No caminho, os Luminares

e as Árvores iam na frente, seguidos por Hulda, Áquila e Priska. Quando estavam próximos do portal, Davi segurou a mão de Jael.

– E quando chegarmos lá? Vamos nos separar de novo?

Ela sorriu para o filho.

– Não, meu filho. Dessa vez a Luz e as Árvores precisam estar juntas.

– Hulda, Áquila e Priska voltarão para encontrar o grupo de Sangar e inteirá-los dos planos – concluiu Heber.

– Como sabem que haverá um grupo? – Davi tinha a praticidade de Jael e isso o levava a considerar as coisas de forma mais concreta.

– Confio em Noa – respondeu Jael. – Ela sabia o que estava fazendo e era esse o combinado, independente de como tudo terminasse. Só que, para Noa, sempre terminava com ela em Myrne.

Davi suspirou.

– Está bem, então. Pelo menos, estaremos juntos.

Mais atrás, Eva também fazia seus questionamentos.

– Mãe, eu achei que nossos passos seriam revelados em Arath, mas continuo andando às cegas. Vamos ajudar Noa, mas e depois?

Deborah não precisava pensar muito para responder.

— Um dia, eu e sua tia estávamos cheias de perguntas e dúvidas, assim como você e Davi. Chegamos às Cavernas do Sal achando que teríamos todas as respostas, mas apenas parte da nossa jornada foi revelada, porque havia uma parte da Profecia que estava encoberta. Ao ajudar Noa a acender as chamas dos santuários, estaremos despertando a memória esquecida dos sacerdotes de Nod, aquela que vai revelar a missão das Árvores.

Deborah a encarou.

— Essa descoberta, para mim, foi terrível, mas isso não quer dizer que vai se repetir.

— Eu acredito que estamos prontos para enfrentar essa revelação, mãe. Mesmo que seja difícil.

Deborah sorriu.

— As provas pelas quais tem passado forjaram seu espírito. Sua seiva está mais forte hoje. No entanto, preocupo-me com Davi. Ele não tem deixado o dom fluir com liberdade, e isso está deixando-o confuso e com o discernimento lento. Isso não é bom.

— Acho que foi por causa da experiência que passamos na Floresta de Lubnam. Ele nos guiou por caminhos seguros usando o

seu dom, mas o inimigo conseguiu confundir sua mente a ponto de fazê-lo parar para se recompor.

— Falarei com ele assim que tivermos chance de descansar.

— Só mais uma coisa, mãe. Como sabe que Noa está em Myrne? Eles podem ter conseguido libertar as crianças sem ela ter sido capturada. Talvez, nesse momento, ela esteja junto com Sangar.

Deborah sorriu de maneira resignada e deu um suspiro profundo antes de responder à filha.

— Eu apenas sei, Eva. A visão veio a mim no momento em que aconteceu.

Barak seguia atrás, dando instruções para os três que voltariam para se encontrar com Sangar.

— Deixem claro para Sangar que vocês deverão aguardar nas portas de Myrne, pois elas serão abertas. Esse será o sinal de que está tudo bem.

— Eu não poderia entrar com vocês, meu Rei? – Perguntou Áquila.

— Não, Áquila. Sei que está ansioso pelo despertar dos sacerdotes-guerreiros, mas isso será feito com a união das duas

profecias: a Luz e as Árvores. Você também será necessário do lado de fora.

Áquila concordou resignado. Quando chegaram, o portal ainda brilhava intensamente, revelando o poder do Santuário de Berga. Barak, Deborah e Eva foram primeiro. Heber, Jael e Davi seguiram logo depois. Por último, Áquila, Hulda e Priska. Estava tudo preparado. Os caminhos da Profecia não poderiam ser mais claros. Em Myrne se operariam feitos grandiosos.

Capítulo 34

Perseguição nas ruas de Myrne

Zoe, tendo sido uma vigilante por muito tempo, sabia controlar o próprio sono e se manter alerta quando era preciso. Como agora. Ela observou, pacientemente, o movimento de troca de guardas, o ir e vir dos magos, mas Jezabel manteve-se reclusa em algum lugar, não aparecendo em nenhum momento. Ela não saberia dizer se aquilo era um bom sinal. Ao anoitecer, uma buzina foi tocada e o movimento aumentou. Ela caminhou até a porta que deixaram aberta e viu a aproximação dos muros da cidade. E que

muros! O canal por onde navegavam cortava a muralha através de uma pesada grade de ferro e cruzava uma grande praça, antes de adentrar a escuridão de um palácio feito de pesadas pedras cinzentas. Ela tinha que agir antes que o navio entrasse no palácio. Mas uma coisa estranha estava acontecendo. Ela sentia o escudo de invisibilidade enfraquecer. A força que sentia em Berga sumiu e foi substituída por um vazio de dons. Foi quando ela olhou em direção à outra extremidade da praça que ela compreendeu tudo. Um escudo alaranjado, parecendo uma cortina transparente, envolvia uma grande construção cuja forma ela não conseguia definir, pois o escudo a deixava obscurecida. Ela soube, em seu íntimo, tratar-se do Santuário de Myrne. E aquele escudo estava impedindo que o poder do Altar as alcançasse. Se era assim, teria que agir de imediato. Ela e Noa teriam que escapar dali o quanto antes.

Quando ela voltou para dentro da sala, já estava completamente visível e teria que agir como uma Vigilante daquele momento em diante. Foi pensando nisso que ela puxou o escorpião que sempre levava consigo e atingiu os dois homens que faziam a guarda de Noa naquele momento, deixando a eles pouco tempo para perceber o que estava acontecendo. As correntes que

prendiam Noa funcionavam através de um mecanismo estranho, embutido naquela caixa de metal. Procurando, ela achou uma pequena alavanca na parte traseira e a puxou. As correntes foram recolhidas. Sempre olhando para a porta, ela aproximou-se de Noa e a sacudiu.

— Noa, fale comigo! Acorde!

O sono de Noa era causado pelo cansaço da luta com as sombras e não por encantamentos de magos. Ela piscou e abriu os olhos com um misto de confusão e surpresa.

— Você... – ela começou a dizer.

— Falaremos sobre isso depois. Você pode levantar?

Noa fez que sim e, com a ajuda de Zoe, saiu da caixa de metal.

— Onde estamos?

— Myrne.

Noa a olhou assustada.

— Por que está aqui? Não podíamos estar nós duas aqui!

Zoe respirou fundo e apontou para a porta.

— Você pode me passar um sermão depois, prometo que vou ouvir, mas agora temos que sair desse navio e a água é nossa única rota de fuga.

Noa assentiu.

— Muito bem, o que tem em mente?

Zoe sorriu sem graça.

— Nada muito complicado, apenas dar um mergulho bem longo. Sente-se bem para nadar?

— Sinto que algo está suprimindo meus dons, mas não preciso deles para nadar.

— Ótimo, vamos então!

Noa abaixou-se e pegou uma espada curta de um dos homens que foram abatidos. Ela seguiu Zoe até a porta. Do lado de fora, havia mais dois guardas, aguardando para ajudar no transporte da Sacerdotisa. Zoe podia ver a sombra do palácio se aproximando. Elas tinham que pular antes de alcançá-lo. As duas trocaram um olhar decidido. Zoe apontou e atingiu um dos homens nas costas. Ele caiu na água sem dar um grito. O outro virou-se, mas Noa calou-o com um golpe de espada. Passando por cima dele, elas saltaram para a água gelada. Nadando por baixo, elas seguiram em direção oposta à do barco, prendendo o fôlego até chegar nas colunas de sustentação de uma ponte, onde puderam se esconder atrás.

— Logo descobrirão o que aconteceu – Zoe falou batendo os dentes.

— Precisamos sair da água antes que isso aconteça e fiquemos encurraladas aqui.

De cada lado da ponte havia uma escada. A do lado esquerdo levava diretamente para um pátio coberto, enquanto a da direita levava para o espaço aberto da praça.

— Vamos por ali! – Noa assumiu a liderança.

Zoe a seguiu sem tirar os olhos do navio, cujo interior ainda parecia calmo. A troca de guarda deveria acontecer com os guardas abatidos por último. Talvez elas tivessem a sorte da fuga ser descoberta apenas quando o barco estivesse no interior do palácio. Subiram rapidamente a escada, ambas tremendo por causa da água gelada e do frio que fazia fora dela. Lá em cima não havia ninguém. Era noite e, pelo silêncio, a cidade deveria obedecer a algum toque de recolher. Elas se encolheram no canto mais escuro.

— Precisamos de roupas secas – Falou Zoe com os dentes batendo.

— Pensaremos nisso depois. Logo essa praça estará cheia de guardas à nossa procura.

— No que está pensando?

Noa não respondeu. Ela estava olhando para além da praça, para o escudo alaranjado que circundava uma grande construção.

— Aquilo é o que eu estou pensando?

— Sim. O Santuário de Myrne. Encoberto pelo escudo de Leukós. Por isso não estamos sentindo nossos dons. O escudo suprime-os e evita que o poder do Altar chegue até nós.

Noa fechou os olhos com um suspiro cansado.

— Tão perto...

— Entende agora porque estou aqui? Eu não poderia deixá-la. Você estava confiando na força que receberia do Altar, mas eles pensaram nisso também.

Noa assentiu em silêncio e se ergueu.

— Vamos sair daqui. Precisamos atravessar a praça e adentrar nas ruas da cidade. Lá estaremos mais seguras do que nesse lugar.

Zoe levantou-se e ficou ao seu lado.

— Não se preocupe, vamos conseguir. Éramos espertas antes de nos tornarmos sacerdotisas, não é mesmo?

Noa teve que sorrir.

— Sim, éramos.

Ela abraçou Zoe, comovida.

— Obrigada por ter vindo.

Então elas correram pela praça silenciosa, escondendo-se dos raios da lua, pelos cantos mais escuros, até chegar a um arco cuja inscrição dizia: Rua do Mercado. Perderam-se por ela no momento em que soava um toque de alerta vindo da direção do palácio. A fuga fora descoberta.

Ao ultrapassar o portal de volta para Anatolya, o grupo desceu pela trilha que levava à floresta. Estava escuro, pois o luar estava meio encoberto pelas nuvens e uma névoa fria, mas natural, envolvia o lugar. Hulda estremeceu e cobriu-se com o manto.

— Acabamos de deixar as montanhas, mas lá não estava tão frio!

Áquila sorriu.

— O frio de Anatolya é proverbial. Não é uma terra de muitas montanhas, por isso está suscetível às mudanças climáticas. Permite-me?

Ele retirou o próprio manto e o passou sobre os ombros de Hulda.

— E você? — Ela perguntou.

– As roupas dos sacerdotes são feitas para se adaptar a qualquer clima. O que estou usando é o suficiente para me proteger, não se preocupe.

Hulda sorriu sem graça e aceitou o agrado do sacerdote. Eva e Davi disfarçaram um sorriso, mas Jael estava pronta para fazer um comentário quando Deborah a conteve com um olhar. Priska também parecia à vontade naquele clima e olhava em direção à saída da floresta.

– O que faremos agora?

– Devemos seguir caminhos diferentes daqui para frente – respondeu Barak.

Priska encarou a filha com uma pontada de medo no olhar.

– Será por pouco tempo, mãe – Jael falou. – Chegou a hora de cada um cumprir sua parte, para que tudo dê certo no final.

Ela apertou a mão de Jael.

– Não quero mais perdê-la de vista, então esteja lá quando eu chegar.

Jael sorriu.

– Estarei.

Davi fechou os olhos e respirou fundo, apontando para o norte da floresta.

— O grupo de Sangar seguiu para aquele lado. É para lá que vocês devem ir.

Hulda abraçou “suas meninas” e manteve o olhar firme.

— Brilhe em Myrne com toda a intensidade e acorde aqueles sacerdotes-guerreiros, porque precisaremos deles!

Deborah assentiu.

— Brilharei, mãe! Agora vão, porque o grupo de Sangar pode se distanciar demais. Ele deve estar com pressa de alcançar Noa, e parar para descansar pode não fazer parte de seus planos.

Áquila, Hulda e Priska seguiram por dentro da floresta, sumindo na neblina.

— Não temos cavalos – lembrou Heber.

Barak caminhou até a orla da floresta, seguido pelos outros, e apontou para o campo aberto.

— Tem certeza disso, meu amigo?

Heber riu alto ao ver um grupo de quatro cavalos pastando calmamente, como se apenas aguardassem seus donos.

— Eles não teriam saído daqui, mesmo que Sangar tentasse levá-los – Barak explicou. – Esses cavalos estão ligados a nós por laços que ultrapassam o que é humano.

— Não tenho a menor dúvida disso! – Heber respondeu.

Montados, eles partiram em direção a Myrne. Davi ia na garupa de Heber e Eva seguia com Deborah. Ultrapassando a muralha de Berga, cujas ruínas agora pareciam abandonadas, eles seguiram a margem do rio, passando pela sombra do santuário, cuja chama ardia em seu interior, lançando o seu reflexo azulado como um chamado silencioso para todos aqueles que o escutassem.

Antes que os Luminares chegassem, porém, duas figuras aproximavam-se das muralhas de Myrne. Sarah e Eunice não pararam para descansar mais do que duas vezes, apenas para dar fôlego aos cavalos. Agora estavam diante das altas muralhas da cidade portuária que abrigava um dos maiores santuários, e se perguntavam como atravessariam seus portões. O rio entrava na cidade através de um canal, mas uma grade de ferro estava fechando a passagem. Os ouvidos de Sarah perceberam que a cidade não estava silenciosa.

— Ouço sons de uma cidade agitada.

— Essa agitação não seria o barulho dos mercadores? Já está perto do amanhecer... — Eunice observou.

— Não – Sarah foi categórica. – As palavras que ouço ditam ordens.

— Acha que foram descobertas?

Sarah sorriu.

— Isso é um bom sinal. Se estão procurando por elas, é porque o plano de Zoe deu certo, agora cabe a nós tirá-las dessa encrenca.

Eunice suspirou e observou a muralha. Sua estrutura não era lisa e tinha muitas falhas, pois as pedras estavam gastas. Era uma muralha altiva, mas muito antiga.

— Você é boa em escalar, Sarah?

Sarah acompanhou o olhar da amazona e deu de ombros.

— Com corda ou sem corda?

Eunice riu.

— Existe algo que um gadita não saiba fazer?

— Deve existir, mas ainda não descobri meu limite. Vamos!

Jezabel não costumava perder o controle, mas estava a ponto de o fazer, pois era a segunda vez que Noa escapava de suas mãos. Por duas vezes fora ludibriada e por causa disso duas chamas foram acesas sem que ela se beneficiasse desse fato. Tivera a

menina, filha da Sacerdotisa e aspirante a grandes dons, praticamente arrancada de suas mãos, quando seu plano original era manter mãe e filha em cativeiro. Noa só não escapara porque o segredo dos seres de sombra ainda era algo conhecido apenas por Jezabel, apenas ela sabia que, além de causar pânico, em grupo eles se tornam mais fortes porque “bebem” a energia de seus inimigos. Foi por isso que Noa foi vencida pela exaustão. Um golpe de sorte que lhe dera alguma alegria. Mas agora, ao olhar para a caixa de metal vazia e para os guardas derrotados no chão, ela não conteve um grito de raiva que estremeceu até mesmo os magos da Ordem Negra que seguiam Thánatos.

— Drakan! – Ela gritou.

O homem apresentou-se de imediato.

— Ela não deve estar longe, e nem a pessoa que a ajudou. Quero ambas aqui! Envie o Sínodo pelas ruas de Myrne. Faça-os usarem os Farejadores, se necessário, mas não se apresente a mim de mãos vazias. Entendeu?

Drakkan havia entendido e muito bem. Por um momento, parou indeciso. Ele era um astrólogo e não um chefe de guarda! Talvez em vez de usar os Farejadores, ele pudesse fazer algo diferente. Astrólogos tinham um pouco de magia e isso poderia ser

útil. Ele, dessa vez, confiaria no próprio instinto e mostraria o que era capaz de fazer. Para não desprezar por completo as ordens de Jezabel, ele enviou um grupo como foi ordenado, depois, entrou em sua cabine e retirou do meio de suas coisas um livro velho de capa vermelha e lacrado com um cadeado. Abriu-o e começou a recitar pausadamente as palavras repetitivas de um encantamento. Era um encantamento de visão, onde ele poderia “invadir” a mente de qualquer pessoa na cidade e ver através de seus olhos.

A Rua do Mercado não dormia. Enquanto se aventuravam entre barracas já montadas e mercadorias sendo organizadas, Noa e Zoe procuravam passar despercebidas, mas era difícil, em qualquer parte de Nod, mulheres com armas serem ignoradas. No entanto, elas não tinham muita escolha. A sorte era que os mercadores pareciam estar mais preocupados com seus próprios negócios do que com elas, e muitos até abriam caminho para que passassem. De repente, um menino barra o seu caminho. Era um rapazote, e ele tinha um olhar estranho e penetrante que parecia não pertencer a ele. Do outro lado da rua, havia uma agitação e podiam-se ouvir grunhidos que arrepiaram os pelos da nuca de Zoe.

Ela conhecia aquele som. Farejadores! Estavam sendo caçadas pelas ruas de Myrne.

— Noa, precisamos sair daqui – ela falou.

Noa encarou o menino.

— Deixe-nos passar – ela pediu.

Em resposta, ele abriu os braços e gritou:

— Elas estão aqui!

O menino não tinha consciência do que estava fazendo, porque o encanto de Drakan o havia atingido e seus olhos eram os olhos do astrólogo de Abadom naquele momento.

Assustados com o grito e alertados, os mercadores abriram passagem para os perseguidores. O som das feras se aproximava. Mas nem todos pareciam querer colaborar com as autoridades de Myrne. Um homem grande e robusto ficou na frente do garoto e apontou para um beco estreito à sua direita.

— Corram por ali, mas cuidado para não se perder e acabar em um beco sem saída. É a única forma de sair dessa rua sem fim.

Noa agradeceu com um sorriso, agarrou a mão de Zoe e ambas correram na direção indicada. O menino tentou enxergar o caminho, mas o homem, que era seu pai, pegou-o pelas orelhas e o

obrigou a entrar em casa. Drakan perdeu o contato visual e precisava conseguir outra fonte.

As ruas eram estreitas e se abriam para vários becos. Um labirinto úmido e desordenado. Atrás delas, o som dos Farejadores reverberava como um eco. Zoe batia os dentes, não sabia se de frio ou de medo. Noa tentava raciocinar, mas estava desorientada naquele lugar. Algumas janelas se abriam e logo fechavam quando viam que era uma perseguição. Um Farejador pulou sobre Noa ao passarem por uma intersecção de ruas. Ela foi jogada contra uma parede, mas Zoe tinha sua arma pronta para disparar e o Farejador caiu com um lamento. Não havia outros, o que queria dizer que eles estavam espalhados. Noa levantou-se, em choque com o susto, olhando o horrendo animal.

— Tudo bem? – Perguntou Zoe.

— Estou bem... acho.

Outros grunhidos se aproximaram. Elas correram pela rua mais próxima e aconteceu exatamente o que temiam. Não tinha saída.

— Ah, droga! – Resmungou Zoe.

Noa puxou a espada que havia conseguido ao pular do barco. Zoe virou-se e apontou o escorpião. Sua munição de flechas estava

acabando.

— Eles não podem conseguir, Noa.

— Não vão!

Sua certeza vacilou ao ver o grupo de três enormes Farejadores correndo em sua direção. Zoe atirou e acertou no primeiro, mas não teria tempo de recarregar. Noa acertou o animal da frente com a espada, mas apenas o feriu superficialmente, irritando-o ainda mais. Os dois animais ficaram em posição de ataque, prontos para saltar sobre elas, quando uma flecha que veio de cima acertou um deles no meio dos olhos, fazendo-o cair em seguida. Antes que pudessem entender o que estava acontecendo, outra flecha acertou o segundo animal de forma certa e mortal. Elas ainda se encontravam grudadas à parede, ofegantes e de olhos arregalados, quando uma corda desceu até elas, batendo no ombro de Noa e fazendo-a olhar para cima. Eunice sorria para elas e, ao seu lado, Sarah segurava o arco gadita nas mãos, olhando alerta para o caminho.

Elas seguiram pelos telhados. Sarah ia na frente, dizendo quando parar e quando continuar. Era fácil passar de um telhado a outro, pois havia muitos becos na Rua dos Mercadores. Quando o

som dos Farejadores começou a ficar distante, elas pararam para descansar em um terraço amplo. Noa e Zoe batiam os dentes de frio, agora que passara o perigo imediato. Eunice levantou-se.

— Aonde vai? – Perguntou Sarah.

— Fique com elas, eu volto logo.

A amazona caminhou até o que lhe pareceu ser uma abertura no terraço. Ela deitou-se e encostou o ouvido na madeira que servia de alçapão. Não ouviu o menor ruído. Lá embaixo parecia reinar o silêncio. Ela percebeu que aquele local poderia pertencer a uma hospedaria ou outro tipo de comércio, pois tinha uma altura considerável para uma simples casa. Sem muito esforço, ela ergueu um pouco o alçapão e viu que o recinto para o qual se abria era um lugar de armazenagem. Ali havia uma grande quantidade de sacos, baús e cestos, todos empilhados em volta das paredes. Ela arriscou abrir mais um pouco e saltou para dentro da forma mais silenciosa possível. Caminhou com cautela até uma escada. Era de madeira e descia reto para um espaço vazio onde estavam estacionadas algumas carroças desatreladas. Ela respirou fundo ao constatar que estavam em um tipo de armazém e que, naquele momento, estavam sós ali.

Sarah, ao ver Eunice voltar e chamá-las com um gesto no braço, ajudou as amigas a se erguerem e foram todas para o abrigo. Lá dentro era quente e confortável.

— Está tudo bem. — Disse Eunice. — É um armazém. Não tem mais ninguém aqui.

Sarah olhou para as duas sacerdotisas com preocupação.

— Vocês precisam de roupas secas. O que tem naqueles baús, Eunice?

A amazona abriu um deles e sorriu ao ver o seu conteúdo.

— São cortes de peles prontos para serem vendidos.

Ela retirou dois e os jogou para Noa e Zoe. Elas se cobriram e um calor gostoso começou a tomar conta delas. Noa respirou aliviada e fechou os olhos.

— Quando caí naquela caixa, achei que a esperança estava perdida, mas agora eu posso enxergá-la de novo. Obrigada, minhas amigas...

— Nós também não sabíamos o que pensar, mas Zoe tomou a decisão por todos — disse Sarah.

— Sim, ela nos deu um motivo para tentar o impossível — Eunice sorriu para Zoe.

— Não sei se mereço tantos elogios. Olhem no que estamos metidas!

Noa suspirou.

— Não diga isso! Estamos onde tínhamos que estar. Não posso sair de Myrne sem entrar naquele santuário.

Eunice concordou.

— Noa, você está certa, mas como pretende fazer isso? Viu o escudo que o envolve?

— Esperando, Eunice.

— Esperando o quê?

Noa sorriu.

— A Luz não vai demorar a chegar. Enquanto isso não acontece, precisamos continuar nas trevas.

Foi então que elas lembraram do portal e dos Luminares.

Página 35

O Despertar dos Sacerdotes Guerreiros

Jezabel, da janela do palácio de Myrne, observava as ruas movimentadas da cidade lá embaixo. Com o rosto coberto,

protegendo-se do vento, ela se perguntava onde havia errado? Pecara, talvez, por excesso de vaidade. Esse sempre fora o seu maior defeito. Achar que era a melhor, a mais inteligente, a mais ardilosa. Noa sumira como uma nuvem que se desfaz. Não deixara sinal. O astrólogo bem que tentara um ardil que poderia ter dado certo, mas estava sozinho e cheio de limitações. Não, ela não poderia mais subestimar a maior sacerdotisa que havia surgido, porque Noa parecia ter um poder sobre-humano. A não ser que houvesse mais alguém, mas como poderia? Ela tentava buscar uma resposta, mas não conseguia. Odiava ficar desorientada, sem direção. Lá embaixo, ela viu os magos reais Thánatos e Leukós, com seus mantos esvoaçantes, partirem na frente de uma nova busca. O Mago Branco estava fraco, não era mais o mesmo. Com o acender de cinco das sete chamas, ele havia perdido parte de seu poder e ainda estava se esforçando para manter o escudo que envolvia o Santuário. Ela sorriu apesar de tudo. Aquela seria uma armadilha infalível. O escudo só poderia ser quebrado com o toque da Sacerdotisa. E quando isso acontecesse, Noa seria encontrada. Jezabel a conhecia e sabia que, mesmo com os dons bloqueados por causa do escudo, ela era uma exímia guerreira e estrategista de alto-nível. Seria uma caçada interessante.

A Rua dos Mercadores estava um caos naquela manhã. A visão de Drakan direcionou a todos para lá. A presença imponente dos magos reais intimidava as pessoas, que iam saindo da frente e abrindo caminho. Casas eram invadidas e revistadas, pessoas eram interrogadas e os Farejadores eram soltos pelas ruas.

Os portões de uma cidade como Myrne, que vivia de um comércio extenso, não poderiam viver fechados durante o dia, por isso a vigilância estava concentrada em não deixar ninguém entrar ou sair sem uma detalhada revista enquanto estes permanecessem abertos. Esse trabalho acabou por exigir muito dos guardas que, mesmo revegando, ainda eram poucos para controlar um fluxo tão grande de pessoas. Por esse motivo, já perto de fechar os portões, a vigilância começou a ficar mais negligente. Apenas aqueles que suscitavam algum tipo de interesse eram revistados, como mercadores, artistas, guerreiros, magos, pois estes pareciam propiciar bons disfarces aos olhos dos guardas. Os pobres camponeses e pedintes que abundavam as ruas de Myrne, mal eram notados. Foi assim que uma moça manca, arrastando um rapaz cego, cujos olhos estavam vendados por um pano encardido, passaram sem despertar sequer um olhar dos guardas.

Eva guiou Davi para longe dos portões, onde algumas árvores formavam uma sombra agradável. Ali, fingindo-se de cansada, ela sentou-se e Davi a imitou.

— Você interpretou muito bem o papel de manca – ele disse com um sorriso.

— Se eu entrasse de quatro pés, eles nem me notariam – ela comentou. – Camponeses miseráveis como nós não significam problemas.

— Odeio noções preconceituosas – ele suspirou.

Eva observava com atenção o movimento dos guardas no portão. Logo, os dois que ficavam nas duas torres desceriam para ajudar a fechá-los. Davi ficou em silêncio. Eva sabia que ele estava usando o seu dom de visão para fazer uma varredura nas ruas de Myrne. Esse poder era mais eficaz quando ele estava de olhos cobertos. Ela notou que muitos camponeses pobres estavam largados por todo o perímetro da praça. Alguns estavam doentes, ela podia sentir. Suas mãos formigavam pela seiva que teimava em se manifestar, mas ela previu isso e colocou luvas que cobriam totalmente as mãos, disfarçando a luz verde. O sol já ia se pôr e ela viu quando os guardas desceram, deixando as torres

momentaneamente vazias. Ela se concentrou mentalmente, sem perder o foco.

— “Tia Jael, o caminho está livre”.

Jael e Héber aproveitaram a falta de vigilância do alto e subiram com agilidade, ora escalando pelas plantas que envolviam a muralha naquele lado e ora se aproveitando das reentrâncias entre as pedras mais gastas. Lá em cima, cada um se posicionou em uma das torres que ladeavam a entrada principal.

Os pesados portões foram fechados. Os guardas aproveitaram para descansar um pouco e jogar conversa fora, antes de trocarem os turnos novamente. Quando os dois novos guardas subiram para assumir o posto de sentinelas, tiveram uma surpresa. Héber recebeu o vigilante de sua torre com um certo murro no nariz, assim que este passou pela porta. O rapaz mal teve tempo de ver quem o golpeará. Jael, por sua vez, aguardou que o guarda entrasse e o atacou pelas costas. Uma cotovelada na nuca e o guarda caiu em sono profundo. Ela e Héber já podiam assumir seus postos.

— “Irmã, os portões são nossos, agora é com vocês”.

Deborah olhou para Barak e fez um gesto afirmativo com a cabeça. Jael e Héber estavam em seus postos, como fora combinado entre eles. Do lado de fora, eles viram quando os portões foram fechados, mas aquilo não foi motivo de preocupação. Eles tinham outra ideia para entrar. Barak sorriu para a esposa de maneira encorajadora e foi até a margem do rio. O fluxo de barcos para dentro da cidade era constante, mesmo com o cair da noite. Não fazia uma hora que o último havia entrado e já vinha outro se aproximando.

— Esse é o que vai nos levar – disse Barak. – Está pronta para saltar?

— Estou – ela o encarou com um sorriso.

— O que foi?

— Estou feliz porque você está aqui.

Ele pegou a mão dela e a apertou com firmeza. Antes que o barco chegasse até eles, Barak segurou o rosto de Deborah e eles se beijaram rapidamente.

— Nós vamos conseguir – ele falou com convicção.

Quando o barco passou por eles, Barak deu o sinal e ambos pularam do barranco onde estavam, caindo sobre o teto da cabine

da embarcação. Foram silenciosos e ficaram ali, deitados de bruço, esticados e protegidos da noite pelas capas escuras que usavam.

Com Jael e Héber no lugar das sentinelas das torres acima da entrada da cidade, o barco passou sem problemas, o que não aconteceria com duas pessoas grudadas ao teto da cabine, se as sentinelas fossem outras. Após fazer o lento percurso que ia da entrada da cidade até a entrada do palácio, eles se prepararam para o momento que exigiria um maior cuidado. Antes de alcançar as sentinelas das torres do palácio, Deborah e Barak escorregaram para a lateral do barco e lá ficaram agachados, escondidos na sombra. Luzes de tochas varreram o local onde estiveram momentos antes, mas não alcançaram a lateral do barco. Quando entraram no palácio e o portão foi fechado, Deborah soltou a respiração.

— Vamos pular – ela sussurrou.

Eles passaram os corpos por cima da murada e caíram na água gelada sem fazer barulho.

— E agora? – Barak perguntou, vendo o barco se afastar e olhando em volta.

Os Luminares podiam enxergar com perfeição, mesmo nos ambientes mais escuros. Eles estavam dentro de uma grande

caverna que servia de base para o palácio. Uma praia servia de ancoradouro e era para lá que o barco se dirigia. Nela havia, como era de se esperar, uma severa vigilância. Antes dela, porém, entre o portão que fora fechado e a praia, havia uma abertura escura e quase imperceptível, cuja entrada tinha a nítida forma de um portal.

— Por ali — Deborah indicou com um sorriso.

Eles nadaram com cuidado para não chamar a atenção pelo movimento das águas. Barak alcançou a margem primeiro e ajudou Deborah a subir. Eles adentraram por um corredor estreito que fazia curvas, mas não se abria em bifurcações. Pararam ao chegar diante de uma porta negra. Barak a empurrou, mas esta não se mexeu. Ele olhou para a esposa.

— Essa situação me parece familiar. Não quer tentar?

Ela estendeu a mão e, com um leve empurrão, a porta se abriu, não emitindo sequer um ruído. Barak tinha razão. Aquele caminho era dela, era a sua luz que era requerida. Apenas ela poderia abrir aquela porta. Com um suspiro e uma troca de olhares, eles seguiram em frente.

De dentro do armazém vazio, elas podiam escutar o barulho que invadia as ruas e, acima dele, os grunhidos ocasionais dos Farejadores. Noa caminhava de um lado para o outro, impaciente. Suas roupas secaram e tanto ela como Zoe já podiam pensar com clareza. Quando o tempo foi passando e o barulho foi substituído pelo silencio total, elas resolveram pensar em um plano.

— Como vamos sair daqui? Não podemos voltar a pular pelos telhados com a luz do dia. Não é aconselhável. — Noa se questionava.

— E se pegássemos alguns mantos no mercado e nos misturássemos à multidão? Eu e Sarah poderíamos fazer isso. Nossos rostos não são tão conhecidos como o seu.

Zoe ergueu-se contra o plano de Eunice.

— Até aí o plano poderia dar certo, Eunice. Apropriar-se dos mantos parece fácil, mas não despistar os Farejadores. Eles estão sendo conduzidos pelo cheiro de Noa. Ela é a caça. No momento em que ela colocar os pés na rua, eles a encontrarão.

Sarah estava sentada, contando as flechas que ainda tinha.

— Não existe nenhuma possibilidade de você ficar invisível de novo, Zoe?

Ela meneou a cabeça desanimada.

— O escudo que foi colocado em volta do Santuário está impedindo que a força do Altar chegue até nós.

Eunice olhou para Noa.

— Mas e quanto a força dos outros Santuários? Vocês não a sentem mais?

— Acredito que a muralha também tenha sido selada, Eunice. Não podemos ver tão claramente, mas o selo está lá. Eles pensaram em fazer dessa cidade a minha prisão.

Sarah suspirou e fechou os olhos.

— Myrne pode ser uma grande cidade, mas isso aqui está ficando bem apertado.

Noa, pela primeira vez, desejou sentir os dons da Sacerdotisa fluindo em liberdade pelo seu corpo. Passara tanto tempo com eles, que agora sentia-se incompleta. Precisava pensar em algo antes que seu precário esconderijo fosse descoberto. Inconscientemente, ela levou a mão ao cordão com o selo da Ordem Branca, uma flecha cruzando um alvo com a imagem de uma chama no centro. Ela não percebeu que ele começou a emitir uma luz muito sutil.

Eva começou a ficar preocupada. Com o anoitecer, os guardas da cidade ocuparam a praça, expulsando todos os pobres e

pedintes que lá estavam. Isso amenizou a intensidade da luz verde em suas mãos. Grupos de magos também começaram a chegar, aglomerando-se para uma breve reunião antes de iniciarem novas buscas.

— Davi, eu acho que está na hora de sairmos daqui.

— Sim, voce está certa. Guie-me para a Rua do Mercado.

Ela percebeu que ele estava mais ansioso do que o normal.

— Por quê? Sente algo?

Ele mordeu o lábio inferior, se concentrando.

— Consigo ver o rastro de Noa como uma trilha de fogo.

Eva sorriu.

— Vamos, então. Mas tente não parecer tão confiante. Voce é cego, lembra?

Eles entraram na rua e Eva percebeu o quanto todos pareciam agitados, andando de um lado para o outro, discutindo entre si, reclamando das buscas que só serviam para atrapalhar as vendas, e ninguém pareceu se importar com eles. Davi a guiava pelo labirinto de ruas estreitas de uma forma que parecia ser ele que estava sendo ajudado por ela. Em um determinado momento, eles chegaram a um beco sem saída.

— E agora? Você nos trouxe para uma rua que não tem saída.

Ele aproximou-se da parede e ergueu a cabeça.

— Para cima. A trilha segue pela parede até o alto.

Eva suspirou e olhou em volta.

— Ajudaria se tivéssemos uma corda.

Davi colocou as duas mãos na parede e encostou sua testa na superfície fria. Ele via através das construções, seguindo a trilha de fogo até o seu destino final. Ele também podia ver a rua por trás daquele beco sem saída e sorriu satisfeito.

— Podemos dar a volta – ele falou retirando a venda dos olhos. – Existe uma passagem.

— O que está fazendo? Por que tirou seu disfarce?

— Não preciso mais dele, já sei como chegar lá. Venha! Agora, você me segue. – Ele falou agarrando a mão dela.

— Eu pensei que era isso que eu estava fazendo até agora – ela resmungou.

Davi encontrou um beco muito estreito que ligava duas ruas. Era um beco enlameado e com cheiro de peixe, o que fez Eva torcer o nariz. Quando chegaram ao outro lado, uma rua mais larga e completamente escura, abriu-se para eles. Mas, como chegaram a pensar de início, não estava deserta. Por toda parte havia gemidos e lamentos. A luz verde nas mãos de Eva tornou-se intensa, fazendo-a tomar um susto com o próprio dom. Davi olhou para ela.

— Esses gemidos... o que são?

Eva olhou em volta. Todos os pedintes e doentes que foram expulsos da praça e, não apenas eles, mas muitos outros, foram

parar naquele local isolado. Eram a escória da cidade. Eles se protegiam do frio em grupos, unidos em volta das paredes da rua. Eva podia ver seus vultos, sentir suas dores, seu desespero, sua angústia. Ela não aguentou e começou a chorar, um pranto silencioso e doloroso.

— Davi, eu preciso ficar – ela falou com a voz embargada.

— Eu sei. Faça o que precisa fazer. Eu encontrarei Noa e voltarei para pegar você.

Eva olhou para ele e sorriu. Davi a abraçou.

— Ajude-os, Eva.

Davi se foi. Ela caminhou até uma mulher que tremia acometida por calafrios e uma tosse insistente. Ela ergueu o olhar assustado ao ver a luz verde nas mãos de Eva.

— Quem é você?... – A mulher gaguejou, achando que Eva fosse uma feiticeira.

Eva sorriu e se abaixou.

— Acalme-se – ela falou com uma voz tranquila. – Eu trago a cura que você precisa.

E a seiva curadora iniciou o seu derramar, levando vida àqueles que foram abandonados para a morte.

Davi empurrou a porta do grande armazém e entrou. Lá dentro só havia o silêncio, mas ele sabia que o local não estava vazio. A trilha de fogo terminava ali.

— Noa? — Ele chamou com a voz firme.

Um barulho se fez ouvir do segundo pavimento. Uma silhueta surgiu por detrás das grades de madeira.

— Davi? — Era a voz de Noa.

O rapaz sorriu exultante.

— Sou eu, Sacerdotisa. A Luz entrou em Myrne, e as Árvores também.

Para o espanto de Davi, Noa não estava só. Sarah e Eunice estavam com ela, e havia também uma moça que ele não conhecia, mas que era tão jovem quanto ele e Eva. Noa sorriu e o abraçou.

— Como me achou?

— O seu rastro surgiu para mim como uma trilha de fogo. Acho que é por isso que o seu pendente está brilhando.

Noa olhou para o selo da Ordem e franziu o cenho.

— Eu não havia percebido...

Ele pegou a mão dela.

— Precisamos ir, Noa.

Eunice adiantou-se.

— Espere, é seguro lá fora? E onde está Eva?

Davi suspirou com impaciência.

— Sim, é seguro. Essa rua serve como abrigo de indigentes. Eva está lá fora, usando a seiva e curando os doentes.

Quando eles saíram do armazém, Eva já estava terminando o seu trabalho. As pessoas curadas aproximaram-se deles e olharam para Noa com curiosidade. Um velho se aproximou, apoiado em uma bengala.

— É verdade que você é a Sacerdotisa? Vai abrir o santuário e trazer de volta a bênção para esta cidade tomada pelos magos?

Noa olhou curiosa para Eva e a moça sorriu.

— As Árvores também vieram a Nod para testemunhar, lembra? – Ela perguntou a Noa.

A Sacerdotisa sorriu e abriu os braços.

— É verdade! E isso que aconteceu aqui hoje, é apenas o início dessa bênção.

E ali, Noa começou um discurso que tocou o coração de pessoas com a saúde renovada, assim como a esperança. Estes saíram pela cidade espalhando, na surdina, as boas novas.

— E agora? – Ela perguntou aos jovens.

— Precisamos aguardar o sinal de minha mãe – disse Eva. –
Você precisa estar diante do santuário quando acontecer.

— Quando acontecer o quê? – Noa sentia-se confusa.

— O despertar da Ordem Branca de Nod – Davi respondeu.

Instintivamente, com o choque, Noa levou a mão ao
pendente e entendeu o motivo de ele ter brilhado.

O novo caminho levou Barak e Deborah cada vez mais para
dentro da terra. O cheiro de umidade era intenso, assim como o
silêncio sepulcral. Da mesma forma que o caminho do início, aquele
tinha curvas, mas seguia uma única direção. Após uma última
curva, ele chegou ao fim, revelando uma caverna profunda e
circular abaixo deles. Eles podiam ver, no centro do recinto, algo
parecido com uma pedra de altar de sacrifício.

— Um altar? – A pergunta de Deborah soou como um
lamento.

— Calma, não acho que seja nenhum altar de sacrifícios –
disse Barak.

— Ainda assim, parece com um.

Ele entendia o dilema dela. Barak olhou em volta e viu o que
procurava. Um meio de descer.

— Tem uma escada ali! Vamos.

Deborah o seguiu, mas sentia uma inquietação crescente, como se estivessem sendo observados.

— Não estamos sozinhos – ela comentou num sussurro.

— Eu sei. Seria muito fácil se estivéssemos.

Eles desceram pelos degraus de pedra construídos rudemente em torno da parede. Aquele parecia ser o único acesso para a câmara. Desceram em silêncio, escutando o ambiente. Lá embaixo, o local era bem maior do que aparentava. Em volta do altar, em três níveis sucessivos, vistos somente por quem estivesse naquela posição, havia dezenas de pequenas celas sobrepostas umas as outras. Eles se aproximaram da que estava mais próxima. No meio, encontrava-se um bloco de gelo eterno na posição vertical e, dentro dele, o corpo de um homem. Aos seus pés e fora de seu alcance, as armas que lhe pertenciam. Uma espada dourada e uma adaga do mesmo tom. Com um rápido olhar, eles já podiam dizer que o mesmo acontecia em todas as celas.

— Toda a Ordem Branca de Nod foi congelada em um sono eterno – Deborah murmurou.

— Você pode derreter esse gelo, sabe disso – Barak sentia raiva pelos guerreiros encarcerados ali.

Ela pôs a mão no ombro dele e falou com suavidade.

— Eu posso, só preciso saber como. Venha comigo.

Eles caminharam até o altar. Ele era retangular e sua superfície era polida e brilhante. Na lateral, havia um desenho em relevo. Raios de luz saindo do altar e uma inscrição simples: A Luz Lunar deve derreter o gelo para a Ordem despertar”.

— Acho que vou ter que subir nesse altar – ela respirou fundo. – A mensagem está clara demais para ser questionada.

Barak olhou em volta, apreensivo. A sensação de que não estavam sozinhos ainda persistia.

— Faça isso, minha rainha – ele falou, fixando o olhar no dela. – Não estará sozinha. Ficarei por perto, escondido por entre as celas.

Ela sorriu, adquirindo mais confiança. Quando ele se afastou, ela deitou-se, tentando esquecer a sensação ruim que aquilo lhe causava. Fazia muito tempo que havia deitado em um altar e era uma experiência que não gostaria de repetir. Barak caminhava em volta, encostado à parede, com a espada na mão. Havia muitas frestas na parede e ele tentou usá-las como esconderijo. Deborah, ao deitar, sentiu que o poder da luz começava a se manifestar de dentro dela, como uma resposta ao que tinha que ser realizado. Ela

apenas relaxou e o deixou fluir livremente. Uma luz branca e brilhante envolvia seus olhos e uma aura pulsante já podia ser vista saindo de seu corpo.

— Nãaaaaaoooo! – Um grito desesperado soou da entrada acima deles. – A Luz não é bem-vinda a esse lugar!

Barak, ainda no esconderijo, buscava enxergar o autor do grito. No altar, uma fumaça negra começou a subir e envolver o corpo de Deborah, tentando suprimir o seu poder de luz. Era uma fumaça fria como a morte, que sufocava os sentidos e a mantinha presa no altar. Ela lutou contra o horror que a ameaçava com as lembranças do passado. Mas agora era diferente. Havia luz dentro dela. A Luz.

— Thánatos! – Ela conseguiu gritar, sabendo que Barak a escutaria.

O mago cinzento desceu as escadas com o manto esvoaçante. Ele havia visto quando eles pularam no barco e entraram no palácio. Foi fácil deduzir para onde estavam indo. Ele aproximou-se do altar, como se flutuasse, tendo uma espada em uma das mãos, enquanto a outra ele mantinha estendida, pronto a liberar o poder da morte. Foi quando ele sentiu um calor crescendo por trás e virou-se, aparando com a espada o golpe do Rei. Barak

concentrou seu poder na espada, cuja lâmina estava em chamas. Seus olhos, de azuis passaram para dourados. Era o sol em contenção. Thánatos sentiu o poder e cambaleou para trás, soltando a espada e estirando as duas mãos sobre a rainha. Uma fumaça surgiu bloqueando o caminho do rei. Barak prendeu a respiração. O mago soltou uma risada sinistra.

— Afaste-se dela! – Ele gritou em desespero.

— Sua rainha já escapou uma vez de permanecer no sono eterno, estou apenas fazendo cumprir o que deveria ter se mantido. Morra, Rainha de Hedhen!

Ele tocou com as duas mãos a cabeça de Deborah. Ela gritou, mas não foi um grito de dor, e sim de triunfo. Momentos antes do mago tocar em sua cabeça, a luz lunar explodiu para fora com toda a intensidade, queimando-o, cegando-o. Ele levou as mãos queimadas ao rosto, em agonia. Rodopiou, tropeçando no próprio manto e caindo sobre a espada de Barak. O Rei estava pronto para esse momento. A espada em chamas atravessou o corpo do Juiz que detinha o poder do sono da morte. Ele tremeu e gritou enquanto todo o seu corpo era envolvido pela luz da espada. Foi como uma explosão silenciosa.

Quando a luz dourada diminuiu, nada restava além do manto cinzento chamuscado. Barak ajoelhou-se e olhou em direção ao altar. Não podia ver nada por causa da intensidade da luz branca que envolvia tudo agora. Ela pulsava e seus raios penetravam por cada cela e cada brecha daquela caverna. Quando enfim diminuiu, Deborah jazia exausta no altar. Barak correu até ela e a abraçou enquanto ela sentava.

— O Juiz... — ela quis perguntar.

— Está morto — ele falou beijando-lhe os lábios.

Ela piscou enquanto o reflexo de luz em seu olhar se retraía e seus olhos voltavam ao normal. Barak ergueu-se e olhou em volta. Das celas, começaram a sair homens. Alguns pareciam confusos e fracos, mas outros pareciam já prontos para entrar em combate, como se já estivessem nessa posição ao serem congelados. Todos vestiam trajes brancos e alguns já tinham suas espadas na mão. Deborah, ao vê-los, se ergueu. Um deles se aproximou. Era jovem como Barak, de cabelos negros atados com um pequeno rabo-de-cavalo, e um cavanhaque curto que lhe dava um aspecto nobre. Seus olhos eram azuis e intensos.

— Sou Daniel, líder dos sacerdotes-guerreiros da Ordem Branca. Quem nos libertou?

Deborah deu um passo à frente. Daniel sorriu e ajoelhou-se diante dela, no que foi imitado por todos os outros.

— Então, chegou a hora da batalha, minha senhora? — Ele perguntou.

Deborah e Barak trocaram um olhar, antes de ela responder.

— Sim, Daniel. Vocês estão prontos?

— Sempre estivemos.

Ele se levantou, dando um brado e erguendo a espada dourada. Toda a Ordem Branca repetiu o gesto. Nesse momento, todos os selos da Ordem Branca brilharam, até mesmo os que ficaram além do portal, em Hedhen.

Capítulo 36

O Santuário de Myrne

Leukós encontrava-se na torre do palácio de Myrne se comunicando com Mélas. O Juiz Negro estava a caminho de Myrne, mas ainda demoraria a chegar. Ele trazia consigo um novo contingente da Ordem Negra. Eram magos de elite, recrutados para uma tarefa especial. Magos que habitavam as terras áridas que ficavam ao extremo leste de Anatolya, nas margens do Mar Escuro.

Mélas fora enviado para organizar esta força após se recuperar do seu fracasso em liquidar as rainhas de Hedhen, mas, pela distância, foi impossível chegar a tempo de retardar o inimigo. Eles não seguiam por terra, mas por mar, em navios leves que não tardariam a chegar.

Os juízes estavam no meio de uma conversa quando sentiram a ruptura. O elo que os unia fora enfraquecido mais uma vez e de uma forma drástica. Leukós cambaleou, apoiando-se na janela. Sentia que metade de seu poder havia sumido. Não! Ele não queria acreditar.

— “O que aconteceu? ” – Perguntou Mélas, tendo a mesma sensação.

— Thánatos se foi – Leukós não tinha dúvida das próprias palavras.

O Juiz Branco, exausto, observou a vista da janela que dava para o litoral. Todos puderam ouvir o grito de fúria que ele deu.

Jezabel entrou na torre atraída pelo grito e viu algo que a assustou. O Mestre das Ilusões estava encurvado, fraco, e já havia quebrado uma grande quantidade de vidros com poções, parte do seu arsenal de magia que estava estocado naquela torre.

— Mas o que aconteceu aqui? – Ela perguntou.

— Thánatos, meu irmão, se foi. — Ele balbuciou como se estivesse em transe.

— Como assim? Onde ele estava?

Leukós não tinha respostas para a feiticeira, por isso permaneceu no silêncio. De todos os magos, Thánatos era o que mais o apoiava e compreendia, cumprindo suas tarefas sem questionar e sempre lhe dando boas ideias. O mais perto que Leukós poderia chamar de amigo, se é que Magos Reais podiam ter amigos.

Jezabel viu outra coisa que a perturbou. De uma das janelas, ela podia avistar o Santuário. O escudo produzido por Leukós pulsava fracamente, oscilando e deixando brechas para algo entrar e sair.

— O escudo — ela sussurrou.

— Estou fraco, não posso mantê-lo por mais tempo...

Sem responder, ela saiu atrás de Drakan. Era imprescindível reforçar a guarda em volta do Santuário. Leukós a observou e se perguntou como uma mulher tão velha e carcomida pelo tempo podia ter tanta energia e maldade. Sim, pois era isso que a impulsionava. E, nesse momento, Leukós se perguntou quem era o verdadeiro senhor de Nod? Ou seria “senhora”?

As pessoas curadas por Eva eram bem conhecidas por todos na cidade, pois estavam a mendigar nas ruas e praças todos os dias. Muitos eram parentes marginalizados de cidadãos da cidade que, por ordem do rei de Myrne, um homem sem personalidade e servo fiel de Abadom, foram expulsos de suas casas por contraírem doenças.

As notícias sobre os santuários cujas chamas haviam sido acesas e sobre as maldições que vinham sendo quebradas chegaram a Myrne através de mercadores e marinheiros, e foram suficientes para que o povo começasse a questionar sobre quem seria a Sacerdotisa na verdade? Seria uma ameaça, como vinha sendo divulgado entre o povo, ou seria o sinal da chegada de dias melhores? Afinal, a abertura do Santuário de Myrne poderia significar o fim de toda a opressão e injustiça que reinavam ali. E agora era sabido que a Sacerdotisa estava dentro de seus muros, e um dos sinais da sua presença foi a cura integral de seus doentes, abandonados à própria sorte. Muitos deles já não tinham mais esperança. E era essa Sacerdotisa que estava sendo caçada pelas ruas da cidade para ser entregue ao opressor.

Foi nesse contexto que uma assembleia do povo aconteceu na Rua do Mercado, logo após as boas notícias terem se espalhado. Foi decidido por unanimidade que o próprio povo garantiria uma passagem segura para a Sacerdotisa, a fim de que ela pudesse entrar no santuário e acender a chama da esperança, acabando de vez com o reinado do opressor.

Noa e os que a seguiam receberam roupas novas como disfarce e puderam se aproximar da praça junto com a multidão, sem chamar a atenção. Noa podia ver o escudo que cercava o Santuário oscilar. Alguma coisa causou uma ruptura no poder do Mago Branco. Ela trocou um olhar com Davi. Ela sabia que Deborah fora despertar a Ordem Branca e que, nesse momento, se tudo tivesse dado certo, ela estaria a caminho com um reforço que lhe fortaleceria ainda mais.

— Vamos aguardar mais um pouco — Noa falou. — Saberei quando a hora chegar.

Lá embaixo, Daniel já havia organizado a Ordem e explicado o que estava acontecendo ali. Barak e Deborah haviam lhe contado tudo. Eles eram guardiões e conhecedores da Profecia, não precisavam de muitas palavras para entender a situação. Os

guerreiros estavam ansiosos para entrar na batalha, principalmente depois de saber que a Sacerdotisa havia sido a comandante da Ordem Branca de Hedhen, o braço feminino que lhes completava. Eles tinham um vínculo com ela e sabiam que precisaria dessa força e do poder que eles poderiam lhe dar. Enquanto conversavam e discutiam as estratégias, Barak observou a esposa. Eles estavam afastados, dando a Daniel toda a autoridade sobre o seu exército de sacerdotes-guerreiros.

— Como você está?

— Sinto-me bem. A luz explodiu antes que Thánatos me tocasse. Por pouco não fui atingida pelo poder dele.

Barak suspirou.

— Isso é um alívio – ele falou sorrindo. – Por um momento, cheguei a pensar...

Ela tocou em sua mão e a apertou com firmeza, encarando-o com os olhos negros e brilhantes.

— Eu também, mas nada aconteceu e estamos aqui. Juntos.

Ele passou a mão suavemente sobre a face dela.

— Juntos. – Repetiu.

Daniel aproximou-se.

— Estamos prontos para subir.

Barak franziu o cenho.

— Não será fácil voltar pela água sem chamar a atenção das sentinelas. Somos muitos agora.

Daniel sorriu confiante.

— Esse palácio já foi nosso reduto antes de ser tomado pelo inimigo. Conhecemos todos os caminhos secretos que levam para a superfície. Apenas sigam-me!

Impaciência. Este era o estado que definia Jael naquele momento. Ela acabara de receber notícias de Deborah e Davi quase simultaneamente. Tudo estava se encaminhando como devia e logo a rotina de Myrne mudaria bruscamente. Mas tudo parecia parado ali, na entrada da cidade. Ela perscrutava o horizonte com o olhar de Luminar, ultrapassando a escuridão que antecedia as primeiras horas do dia, mas nada via. Isso era frustrante. Não deveria haver uma pequena tropa marchando, liderada por Sangar?

Da outra torre, Héber olhou para ela com a mesma expressão preocupada. Logo chegaria o momento da segunda troca da guarda e não daria mais para manter os disfarces. Pois, se permanecessem lá em cima, chamariam a atenção e não seria muito fácil explicar os guardas desacordados aos seus pés.

Lá embaixo, o movimento começava a aumentar. De dentro do palácio saiu um grupo misto e bem armado, composto de guardas e magos da Ordem Negra. Dessa vez não havia os Farejadores. Eles não estavam ali para uma nova caçada, mas para tomar posição na praça. Esperavam algo acontecer.

— Eles sabem de algo... – ela murmurou.

Heber, da outra torre, olhava para o horizonte. Seus sentidos ficaram em alerta. Havia alguma coisa lá. A paisagem não parecia mais tão monótona. Uma massa crescente avançava aos poucos. Ele riu alto, chamando a atenção de Jael.

— Sangar trouxe um exército! – Ele falou apontando o horizonte.

Ela correu em direção à muralha e olhou. Sim! Sangar, aquele mercenário astuto e rei da floresta, havia conseguido uma força maior do que esperavam. Ela sorriu satisfeita.

— Héber, seu arco está afiado, meu querido? – Ela sorriu para ele com um brilho perigoso nos olhos. – Logo teremos que usá-los.

— Afiado e impaciente, assim como o seu. Não pretendo entregar meu posto com facilidade.

Eles prepararam os arcos e aguardaram para dar o sinal que, com certeza, não tardaria.

Sangar aguardava com apreensão. Confiava em Noa e apenas por isso havia consentido com o plano, cumprindo o seu papel, controlando-se para não bancar o herói e resgatar a mulher que ama. Ele já servia a Profecia tempo o suficiente para saber o que era certo fazer. Ele suspirou e olhou para trás, ainda com dificuldade para acreditar no que seus olhos viam. A presença inesperada de Àquila, Hulda e Priska lhe deu um novo ânimo. Eles chegaram no meio da noite sem ninguém esperar e com boas notícias. Isso era tudo o que Sangar precisava ouvir. Boas notícias. O sacerdote de Nod e a mãe de Jael eram verdadeiras lendas entre o povo mais simples que vivia no campo e no litoral. Eles conseguiram convencer o povo que morava nos arredores de Berga, da necessidade de conquistar os santuários. Isso não foi difícil, já que muitos ali também já sofreram a opressão de Parthenos, vendo seus parentes e amigos serem levados para não mais retornar daquela ilha. Após ouvir sobre a queda daquela prisão, eles puseram as mãos nas armas e se apresentaram para lutar. O povo de Tyro, que fora enganado por uma ilusão criada por Jezabel,

marchou um longo caminho, guiados por um velho de capuz que os levou até o acampamento de Sangar e sumiu logo depois. Eles aumentaram a força do contingente com mais cavalos e armas.

O treinamento foi rápido e eficaz. Joakim assumiu a liderança do corpo da guarda e ensinou ao grupo de camponeses a lutar como queneus. A energia do rapaz era contagiante e o zelo pelos Tronos o enchia de uma autoridade vibrante que passava confiança e coragem. Foi com justiça que Sangar ordenou que ele montasse ao seu lado, como seu braço direito naquela batalha. Priska, Hulda e Maalá se encarregaram do treinamento das mulheres, tímidas a princípio, pois não estavam acostumadas a pegar em armas, mas, ao verem aquelas guerreiras que mais pareciam lendas vivas saídas de histórias esquecidas, elas deixaram a timidez de lado e arrojaram-se às armas, incentivando outras mulheres a aderirem à luta.

Duas flechas de fogo foram atiradas e cruzaram-se no ar.

— Jael e Héber dominam os portões — disse Joakim, montado ao lado de Sangar. — Aquele é um sinal queneu.

Sangar suspirou.

— Então é só aguardar o outro sinal. Quero abraçar e beijar minha mulher antes do amanhecer.

Joakim sorriu.

— Não tenho dúvidas de que irá.

Elijah havia seguido o rio e, encontrando algumas cavernas dispostas pelas margens, desconhecidas e não utilizadas pelos cidadãos de Myrne, ele rapidamente encontrou uma adequada, limpou-a e acomodou em seu interior, além das crianças, os homens e mulheres mais idosos que seguiram o exército. Eles proveram os mais jovens de comida e remédios dispostos pela natureza, seguindo a rota como apoio daqueles que lutariam. Eles concordaram em ficar na segurança daquela caverna acolhedora e seca, levantando preces para a vitória de Sangar. Era com eles que Elijah deixaria o casal de gêmeos ruivos. As crianças ainda estavam assustadas pelo que haviam passado nas mãos dos magos e apenas choramingavam, pedindo pela presença dos pais. Elijah ajoelhou-se diante deles e colocou a mão sobre o ombro de cada um.

— Caio e Cloé, vocês são crianças corajosas e valorosas. Sei que conhecem a importância de se obedecer aos pais. – Eles assentiram. – Pois bem, fiquem aqui e descansem, porque quando eu voltar estarei com seus pais. Tenho a palavra de vocês?

Cloé assentiu com um ar sério demais para os seus cinco anos.

— Nós ficaremos esperando, tem nossa palavra.

Caio fungou num assentimento hesitante. Cloé segurou a mão dele.

— Falo por nós dois – ela completou.

Elijah sorriu e, após as últimas recomendações, ele partiu para se reunir ao exército.

Daniel guiou-os através de um túnel ascendente com a segurança de quem tinha despertado de um sono normal e não de um congelamento de anos! O caminho continuava ali, intacto e inalterável. Ele seguia na frente, Barak e Deborah o seguiam e a Ordem Branca marchava atrás de espadas em punho, já zelosos pela batalha.

Noa viu o grupo armado e misto que saiu do palácio e começava a se reunir para receber instruções de seus líderes e ficou preocupada. Observou o caminho que levava até a colina do santuário. A entrada era um arco formado por duas árvores na extremidade da praça, onde começava um parque arborizado. A

estrada era estreita e seguia subindo a pequena colina onde ficava o prédio dourado do santuário, envolvido pelo escudo laranja que oscilava com mais frequência. O caminho ainda estava livre, mas não ficaria assim por muito tempo.

— Eu tenho que ir – ela informou, decidida.

— Vou com você – disse Zoe, seguindo o olhar dela.

Ela ergueu a mão, para a surpresa da moça.

— Não, Zoe, esse altar deve ser aceso diretamente por mim.

Além disso, Jezabel está de olho e não quero que ela saiba sobre você. Já basta a desconfiança que ela já possui.

Sarah deu um passo à frente.

— Sábias palavras, mas isso não significa que você tenha que ir sozinha.

Noa encarou a amiga e sorriu ao ver que Eunice já havia avançado até a entrada de arco.

— O que está esperando, Sacerdotisa? – Falou a amazona.

Ela olhou em volta e suspirou resignada. Antes de responder, ela viu que Eva acabara de receber uma mensagem de sua mãe.

— Minha mãe disse que a Ordem Branca chegará a qualquer momento. Precisamos ir, Noa, enquanto o caminho está livre. Vá na frente e nós seguiremos na retaguarda.

- Que o Grande-Pai esteja com vocês – ela falou e se foi.
- Com você também, minha amiga – Zoe murmurou.

Jezabel, de sua posição no alto da torre, mantinha uma vigilância mental sobre a área do santuário. Ela sentiu a aproximação do perigo. Noa estava ali e seguia para o que poderia ser mais uma vitória. Ela enviou uma mensagem urgente para que a Ordem Negra se separasse do contingente militar e seguisse para o santuário. Ela sorriu apreensiva ao ver uma dezena de magos sair de formação e seguir suas ordens. Enquanto isso, mais guardas uniam-se aos que estavam na praça, aumentando a força bélica de Myrne.

Jael observou a movimentação das tropas com o cenho franzido. Héber chegou ao seu lado. Ela o olhou surpresa e virou-se para a outra torre da guarda.

— Todos os guardas foram convocados para lá, menos as sentinelas, que somos nós. – Ele apressou-se em dizer. – Com isso nos livramos do problema da troca da guarda, mas parece que temos um bem maior.

— Deborah e Barak estão vindo — ela falou. — É hora de darmos o sinal.

Eles foram até a muralha e ergueram os arcos na mesma hora. Ambos deixaram fluir o poder estelar, sentindo a luz correr por seus corpos e passar das mãos para os arcos, iluminando as flechas de tal forma que, ao serem disparadas, pareciam duas estrelas atiradas da terra para o céu.

Sangar prendeu a respiração e olhou para Joakim.

— Vamos, mas sem barulho. Não vamos bater na porta do inimigo, elas se abrirão para nós.

— Então, depois gritaremos — disse Joakim.

Sangar sorriu.

— Gritaremos.

Joakim olhou para trás e fez sinal para os guerreiros. Todos sabiam o que fazer. Iniciaram uma marcha silenciosa até os portões de Myrne.

Noa, na medida em que subia, podia ver o brilho pálido e oscilante do escudo de Leukós. Sua mão, de repente, começou a

arder. Era o chamado do Altar de Myrne. Lá embaixo, ela ouviu a voz de Sarah:

— Estão vindo! Preparem-se!

Noa apressou o passo. Ela sabia que os magos teriam problemas para passar de seus amigos, mas eles usavam magia e, apesar de ser a Sacerdotisa, ela ainda tinha muito o que aprender. Ela chegou e parou de frente para o santuário. A oscilação do escudo era constante, mas ela não se atrevia a tentar passar, pois um erro de cálculo poderia significar sua morte. Ela teria que aguardar.

Em meio às árvores, uma batalha acontecia. Os magos viram-se lutando contra forças inesperadas. As árvores pareciam criar vida e estender raízes e cipós para evitar sua passagem. Eva conseguia controlar isso através da seiva, imobilizando os magos, enquanto Davi os abatia com flechas que eles não viam chegar. Zoe ajudava com o escorpião, que não errava um alvo. E as flechas de Gades, atiradas por Sarah, riscavam a noite com um brilho prateado. Eunice conseguiu abater dois magos com sua espada, quando estes, em pânico, viraram-se para correr. Noa tinha razão, seria difícil passar por aquele caminho.

O chão ao redor da fonte que ficava no centro da praça tremeu, assustando as pessoas que se aglomeravam ali, curiosas pelo movimento das tropas do palácio. O chão abriu-se como por magia e revelou uma escada. A Ordem Branca irrompeu por ela, surgindo com as espadas em punho, despertando terror e espanto nos inimigos. O povo afastou-se, maravilhado com aqueles guerreiros de porte altivo e olhar severo.

Deborah e Barak, no meio deles, brilhavam de uma forma quase irreal, o poder latente e controlado. As pessoas olhavam e murmuravam. A Luz da Profecia foi lembrada por alguns e isso tornou-se o sinal que muitos esperavam. Logo, essa lembrança foi passada de boca em boca, assim como a notícia da Sacerdotisa. Não havia um único cidadão de Myrne que não ansiasse pelo retorno dos dias de glória, quando a chama brilhava no santuário.

Jael olhou para suas roupas e viu que o brilho estava nela e em Heber também. O exército de Sangar estava quase nos portões. Ela virou-se para o marido e sorriu.

— Vamos descer — ela falou.

Daniel, o líder da Ordem Branca, deu um passo à frente e ergueu a espada.

— Depois de um sono longo a que fomos impostos por magia, estamos de volta para tomar essa cidade e limpá-la do mal que vocês trouxeram! — Ele se dirigiu às forças de Myrne, em maior número e mais preparadas para a batalha.

Os soldados riram, porque a diferença numérica era grande e o exército branco estava claramente em desvantagem.

— Acordaram para morrer, então! — Gritou um dos comandantes de Myrne.

A Ordem Negra, que estava entre eles, sacou suas espadas escuras como a noite e prepararam-se para enfrentar seus antigos inimigos. Daniel não se abalou.

— Há mais uma coisa a fazer, antes das espadas se tocarem. Ordem Branca! Ativem os selos! — Ele ergueu a espada e foi imitado pelos outros. Cada um deles trazia um cordão pendurado no pescoço com o selo da Ordem Branca. E, nesse momento, cada um deles começou a brilhar.

Noa, enquanto via emocionada a Ordem Branca reunida na praça, sentiu o selo da Ordem brilhar em seu pescoço, dando-lhe

uma força a mais. O poder sacerdotal da Ordem, quando unido, era forte demais, pois concentrava muita energia. Ela viu o poder de Leukós oscilar mais uma vez e, munida de uma nova coragem, tocou no escudo. Este se apagou e sumiu. Ela estava livre para ir. O santuário a esperava. Agora, tudo que a separava dele era um último lance de degraus.

As forças de Myrne já se preparavam para atacar, confiantes em seu poder numérico e na magia da Ordem Negra, sem contar com os Sínodos, enviados por Drakan. Eles começaram a avançar, confiantes e intimidadores. Drakan, que se encontrava na retaguarda ditando ordens, sorria orgulhoso. Era o seu momento de glória. O sorriso em seu rosto murchou quando ele ouviu um som tomar todo o ambiente.

Sarah, que vinha saindo do meio das árvores, junto com os outros, sorriu com lágrimas nos olhos.

— O Shofar de Héber!

Quando Jael terminou de tocar o shofar, Héber abriu os portões e outro exército entrou na cidade aos brados, com Sangar liderando-os. Isso motivou até mesmo os homens do povo a lutar. De repente, a vantagem numérica havia trocado de lado. As duas

forças se bateram numa batalha já esperada. A Ordem Branca lutava contra a Ordem Negra sem sofrer baixas, como se um poder antigo os protegesse. Os Luminares avançavam para o palácio em busca de seus comandantes. Drakan, ao perceber isso, correu para dentro do palácio. O tamanho descomunal da praça de Myrne fez com que parecesse um campo de batalha, deixando as ruas e casas da cidade ilesas. Foi para lá que Hulda e Priska direcionaram os mais idosos, crianças e mulheres que não eram acostumadas a lutar. E a batalha continuava.

Jezabel olhava tudo aquilo sem poder acreditar. Até momentos atrás, a vantagem era deles! Até aquele shofar maldito tocar! Ela não podia admitir mais uma derrota. E onde estava Noa? Ela venceria novamente? Enquanto ela se torturava com esses pensamentos, Drakan surgiu na porta, ofegante.

— Senhora, venha! Há um navio esperando no porto. Leukós já está lá e a aguarda. Ele nos levará para Héfer, a fim de que possamos nos preparar para defender o último santuário.

— Defender? — Ela riu amarga. — Então estamos agindo na defensiva, agora?

Drakan suspirou.

— Myrne foi tomada, isso é um fato!

Ela apertou os dentes e sibilou.

— O Santuário...

— Nós já o perdemos também! O escudo foi rompido.

Com um grito de frustração, ela se deixou arrastar até o navio.

Enquanto a batalha prosseguia lá embaixo, Noa alcançou as portas de bronze do Santuário de Myrne. Estas se abriram para ela tão logo pisou no último degrau. Noa abriu a mão direita e a chama azul surgiu, brilhante e ardente. Ela entrou no recinto sagrado e parou estupefata. Aquele santuário exalava poder e autoridade. Ele não era escuro e sombrio como os outros, mas havia janelas redondas perto do teto que deixavam os primeiros raios do sol entrar. Já estava amanhecendo em Myrne. Ela notou que as paredes brilhavam como ouro. No centro estava o altar, ladeado por quatro colunas. Na parede dos fundos, de frente para a porta, havia um trono de marfim. Ela caminhou até o Altar e, estendendo a mão, liberou a chama. Nesse momento, algo estranho aconteceu. A chama azul cresceu ao ponto de quase tocar o teto. Noa, assustada, deu um passo para trás. De repente, uma faísca a atingiu no peito,

como se fosse uma pequena flecha atravessando seu corpo. Não houve dor, apenas um impacto inesperado e o fogo queimando seu peito, por dentro, de uma forma suportável. Ela cambaleou e outra faísca a atingiu no mesmo ponto. Ela caiu de joelhos sem fôlego. Seguiram-se mais quatro faíscas azuis, todas lhe atingiram da mesma forma e no mesmo local. Ao final, ela estava no chão, de costas, com os braços abertos, atordoada demais para pensar no que houve. Ela não sentia dor, apenas o calor, e todas as emoções que passaram por ela desde que acendera a chama de Laos se fizeram presentes. Era como se ela conseguisse sentir cada chama de cada santuário.

— O que está acontecendo comigo? — Ela sussurrou a pergunta.

Uma voz, que ela não esperava, lhe respondeu.

— Você está recebendo a autoridade sobre os santuários cujas chamas já estão acesas.

Ela virou a cabeça e viu o Ancião ao lado do Altar.

— Por quê?

— Porque agora você alcançou um dos santuários de maior autoridade. Noa, você é a única sacerdotisa que conseguiu acender todas as chamas de Anatolya sozinha.

— Não é verdade. Zoe acendeu a chama de Berga.

O Ancião sorriu.

— O Altar a aceitou porque você lhe deu permissão para entregar a chama. Apesar de Zoe ser uma sacerdotisa, ela precisa ser escolhida por um dos santuários. E isso já aconteceu, mas não em Berga. Philos a escolheu, mas quem acendeu a chama foi você.

— Não sabia que funcionava dessa forma... — ela tentou se levantar.

— No passado, as chamas foram acesas de forma sobrenatural, e os altares escolhiam as sacerdotisas que tinham o chamado. Quando as chamas foram apagadas, isso mudou. Era a vez de uma Sacerdotisa surgir e ter autoridade total sobre os altares que precisavam ser restaurados.

— E o que essa autoridade significa?

— Significa que você, agora, pode convocar as forças de Anatolya para a batalha contra Héfer, e isso inclui os guardiões dos santuários.

O Ancião estendeu a mão e a ajudou a levantar. Quando ela se ergueu, ele apontou para o trono de marfim.

— Ele é seu. Convoque o seu exército para lutar. Héfer só poderá ser conquistado pela união das chamas que já foram acesas.

Ela observou o trono e, quando se virou, o Ancião já não estava mais lá. Ela sorriu, pois sentia-se mais forte, mais confiante, mais segura. Caminhou até a porta e de lá pode ver a comemoração do povo na praça. A chama de Myrne estava acesa e eles haviam conquistado mais uma vitória.

Capítulo 37

Enfrentando os Medos

No navio, Leukós, Drakan e Jezabel observavam as costas de Myrne se distanciando. Da cidade, era possível ouvir os gritos de vitória, enquanto do santuário subia uma fumaça branco-azulada. A chama sagrada de Myrne estava acesa novamente. Leukós, pálido e fraco, apenas conseguia apoiar-se na murada do navio. Jezabel, coberta com um capuz negro, ocultava o rosto por pura vergonha e humilhação. Drakan, entre os dois, foi o único a ver as quatro figuras brilhantes que surgiram na porta do palácio que dava para o cais. Sim, eles realmente brilhavam!

— Quem são eles? — Ele apontou, curioso.

Jezabel ergueu a cabeça e olhou, suspendendo a respiração.

— Luminares. — O ódio estava contido em cada sílaba que ela pronunciara. — Ainda teremos um novo encontro, meus Tronos da Luz. Não acabou aqui...

Leukós também os viu, mas estava incapacitado de reagir como queria.

— Precisamos de reforços para defender Héfer — ele sussurrou. — O poder dos magos diminui a cada chama acesa. Se Héfer cair, nós cairemos com ela.

Jezabel aprumou-se, tomando uma atitude orgulhosa, apesar de não deixar cair o capuz.

— Isso pode afetar vocês, magos, mas não afeta a mim. Sou maior do que isso tudo. Sou mais do que qualquer um imagina. — A mulher falou de um modo enigmático. — Apesar de ter traído o santuário, já fui uma sacerdotisa. As chamas não me enfraquecem, mas me dão força ao seu modo. E vou usar isso a nosso favor, podem estar certos disso.

Drakan engoliu em seco. Ele não tinha certeza se queria saber dos segredos obscuros daquela mulher. Ela o assustava mais do que o próprio Abadom.

Do cais, Deborah, Barak, Jael e Heber ficaram vendo o navio partir, impotentes.

— Se os tivéssemos capturado, a guerra talvez terminasse aqui – Jael disse, jogando o arco no chão.

— Talvez, irmã – Deborah assentiu, igualmente frustrada. – Isso é algo que nunca saberemos.

A voz de Deborah estava contida. Era como se a mesma nuvem negra que cobria sua visão, antes da abertura da Profecia Selada, houvesse voltado, surgindo sempre que ela tentava pensar no futuro. Ela não gostava quando a visão lhe era barrada, pois os caminhos da Profecia eram sempre muito dolorosos.

— Mas a vitória está mais perto agora. – Disse Barak. – Os sacerdotes de Nod estão fortalecidos, o povo tem acordado e tomado posição ao nosso lado e, o que é mais importante, teremos tempo de nos organizar para a conquista de Héfer.

— Sim, parece bem fácil – disse Héber, pegando o arco que Jael jogara no chão.

Barak olhou para ele com a testa franzida.

— Você discorda?

— Eu realmente não consigo entender a magia de Nod tão bem quanto vocês. Apesar dos lugares mais sagrados estarem em

Hedhen, a magia desse lugar é bem mais antiga e há muita coisa que desconhecemos. Eles não vão abrir mão do maior santuário com facilidade. Não convém confiar demais na força de nossos braços. Sempre lutamos com a fé, e acho que essa arma será necessária novamente.

Deborah olhou fixamente para ele.

— Você falou sabiamente, Héber. É quando nos sentimos cegos e perdidos que a resposta chega até nós.

Ele a olhou intrigado.

— Minhas palavras disseram algo a você?

Ela sorriu e voltou a fitar o navio que se distanciava.

— Digamos que o caminho ficou menos escuro agora.

Jael suspirou.

— Não estou com a mente aberta no momento para discutir temas tão profundos. Acabamos de sair de uma batalha e lá dentro há muita coisa a ser feita.

Os quatro deram meia-volta e entraram novamente na cidade.

Hadassa parou no alto do desfiladeiro ao lado de Hagai. Eles observavam a forma espiralada que a trilha tomava no seu caminho

para alcançar o vale perdido lá embaixo. O lar das serpentes-aladas.

— Depois de tanta subida, parece que agora teremos que descer – resmungou Hagai.

— O caminho é um só, querido. Sinto dizer que não há atalhos.

Ele olhou para ela com a testa franzida.

— E desde quando você se tornou tão exímia conhecedora da geografia de Arath?

Ela sorriu. Esse era um dos motivos de amar o marido. Ele sabia como fazê-la sorrir, mesmo quando o pânico ameaçava dominá-la.

— Não é a geografia de Arath. É apenas o caminho que me foi designado pela Profecia. É estranho, eu sei. Parece tão claro para mim...

Hagai sentou-se. Naquele momento, todo o grupo estava descansando um pouco mais atrás, junto à parede da montanha e longe da altura vertiginosa.

— Explique – ele pediu.

Ela deu um suspiro, sentou-se ao lado dele e falou:

— Quando encontrei Deborah pela primeira vez, ela disse que eu tinha um papel a desempenhar nessa história. Você entende? Um papel que é só meu. Fiz muitas coisas desde aquele dia... De amazona tornei-me guerreira da Ordem Branca e, depois, rastreadora. Mas, apesar disso, eu sentia que aquele caminho do qual ela falou ainda não havia surgido. Hoje, eu posso vê-lo com clareza na minha frente, e é essa certeza que tem me guiado.

Hagai sorriu e lhe pegou na mão.

— Então, elas estão lá embaixo? As serpentes?

— Sim, estão – Hadassa hesitou. – E tem algo mais...

— O quê? – Havia apreensão na voz dele.

— Quando estivermos lá embaixo, eu deverei me apresentar a elas sozinha.

Hagai abriu a boca para protestar, mas ela apertou as mãos dele e o encarou fixamente nos olhos.

— Confie em mim – ela pediu.

— Apenas me diga por que você tem que fazer isso?

— As serpentes-aladas que vamos encontrar fazem parte de uma raça antiga e nobre que preza a coragem, a humildade e a sabedoria. É exatamente com essas características que eu devo me apresentar. Além disso, elas possuem regras, e essas dizem

respeito a tratar com humanos individualmente e não com grupos. Como líder, serei avaliada e, através de mim, o grupo poderá ser aceito ou não.

— Hadassa, uma delas quase matou você... – ele lembrou.

Hadassa estremeceu ao lembrar do medo que sentiu.

— Eu sei, mas ela estava enlouquecida porque Ihe arrancaram as asas, e isso a tornou selvagem. Ela agia por puro instinto animal.

Ele sorriu sem compreender.

— E você acha que elas são mais do que isso?

Hadassa olhou firme para ele.

— Elas são mais do que isso, Hagai.

Antes que ele pudesse argumentar, Theo aproximou-se.

— Precisamos continuar. No meio do caminho há um abrigo. Poderemos alcançá-lo antes do anoitecer e acampar sem problemas. Mas só se formos agora, antes daquela tempestade nos alcançar – ele apontou.

Eles viram, ao longe, a formação de nuvens pesadas e escuras. Seria terrível ter de enfrentá-las ali onde estavam, sem a menor proteção e totalmente expostos.

— Vamos logo, então – disse Hadassa ao levantar. – Não precisamos de mais atrasos.

Myrne fora tomada e havia muita sujeira para limpar. Com a ajuda do povo, os rastros da batalha foram sendo apagados da praça; felizmente, o conflito não chegou a atingir as ruas da cidade onde se deu toda a luta. Enquanto a limpeza acontecia do lado de fora, uma reunião era realizada dentro do palácio. Um banco fora posto em uma plataforma, onde os quatro Luminares se sentaram. Davi e Eva, como as Árvores da Profecia, posicionaram-se em pé, um em cada extremidade do banco. Noa, como a Sacerdotisa, sentava-se sozinha em um banco lateral. O assunto era um só: Myrne deveria se preparar para invadir Héfer, antes que a ofensiva do inimigo tivesse início.

— Aqui na cidade, atualmente, e tirando o exército oficial, contamos com uma força numerosa, mas pouco treinada – falou Joakim, dando um passo à frente. – Muitas pessoas do povo, na maioria homens, já manifestaram o desejo de lutar. Seria bom que as mulheres também recebessem um treinamento – ele falou olhando para Eunice.

— Isso pode ser feito, mas o nosso tempo é curto e as mulheres de Nod não foram educadas para a guerra. Mesmo assim, com a permissão dos Tronos, iniciarei um treinamento básico com as que estiverem dispostas a se alistar.

Deborah assentiu.

— Tem nossa permissão, Eunice. Faça isso. Estamos falando em invadir a maior cidade de Anatolya, que possui o maior porto. Precisamos de mais forças do que as que temos aqui.

Priska também se posicionou no centro.

— Então, vamos precisar de apoio pelo mar, Majestade. Posso conseguir isso.

— É um caminho longo, mãe – lembrou Jael.

Priska sorriu.

— Temos o portal de Berga. Ele, ao ser reativado, proporcionou uma entrada para cada lugar dessa terra. Mas tem que ser usado por alguém com experiência. Um sacerdote seria de muita ajuda para me guiar.

Apolo ficou ao lado dela.

— Eu irei com ela.

Barak sorriu

— Então, eu os libero para partir, assim como libero Joakim e Eunice para começarem os treinamentos. Não podemos esperar.

Héber percebeu o olhar aflito e preocupado de Jael.

— Eu e Jael acompanharemos Priska e Apolo até Berga. A presença de dois Luminares dará mais força ao portal.

Jael sorriu agradecida para ele. Priska também não se opôs.

— Ainda existe algo a ser feito – disse Noa, levantando-se e atraindo para si a atenção de todos.

— E o que seria? – Barak perguntou.

Noa caminhou até os degraus e desceu até ficar no centro do salão.

— Mesmo que consigamos fazer tudo isso com tempo, nossas forças ainda serão insuficientes contra Héfer, que deverá pedir reforços a Helladan.

— E o que propõe, Noa? – Deborah perguntou.

— Não sou eu que proponho, mas foi o Ancião que me direcionou quando acendi a chama de Myrne.

Houve um murmúrio agitado entre o povo.

— Passarei essa noite no santuário e começarei a convocar as forças guardiãs das chamas sagradas. Essa força trará o elemento sobrenatural que precisamos. Jezabel me preocupa mais

que Abadom, pois também conhece os segredos dos santuários, e a magia dela vem de uma fonte desconhecida para nós. Precisamos disso.

— Algo me diz que teremos mais ajuda do que esperamos – falou Eva.

— Sim – Davi fechou os olhos. – O céu trará um reforço especial.

Deborah levantou-se.

— Acho que não há mais a necessidade de falarmos sobre isso. Cada um já sabe o que fazer – Ela olhou para Noa e sorriu. – A noite ainda vai demorar a chegar, minha amiga. Aproveite para ser Noa.

A Sacerdotisa sorriu em agradecimento e virou-se para encontrar os olhos verdes de Sangar, ansiosos por ela. Ele estava ao lado de Hulda e segurava Caio pela mão, enquanto a profetisa tinha Cloé nos braços. Enquanto todos se dispersavam, ela ajoelhou-se e abriu os braços para receber os filhos, que correram para ela com lágrimas de alegria.

A tempestade foi rápida em alcançá-los. Por sorte, chegaram a tempo ao abrigo citado por Theo. Ali, no meio do desfiladeiro, as

sombras das montanhas somadas às nuvens de tempestade, escureciam o local de tal forma que parecia já ser noite. Além disso, ainda tinham que sobreviver ao frio intenso causado pelos ventos fortes. Rebeca e Rute usaram suas capas para criar uma proteção para o fogo. Cada uma delas trazia uma capa extra dentro de seus alforjes. Hagai conseguiu acender o fogo – não sem alguma dificuldade – e o grupo se encolheu rente à parede interna que adentrava à montanha e formava uma reentrância semelhante à entrada de uma caverna.

Sem nada para fazer, além de esperar, Hagai puxou sua gaita e começou a tocar uma das velhas canções de Hedhen. A tensão no grupo era perceptível, pois todos estavam ansiosos pelo que havia lá embaixo. Ao som da música, Rute apoiou a cabeça no ombro de Zacarias e dormiu, fazendo o rapaz sorrir satisfeito. Zoar alimentava o fogo com pedaços de tecido que ele havia trazido de Arath, pois eram bons para queimar. Rebeca, em um canto, observava Hadassa. Esta olhava para a tempestade que caía lá fora, com os braços cruzados e de pé. A amiga nunca estivera tão calada e pensativa quanto naquela jornada. Até o seu aspecto parecia ter amadurecido. Quanto a Theo, ele logo assumiu a tarefa de

sentinela e sentou-se na entrada com a espada descansando sobre os joelhos, vigilante.

Quando todos haviam dormido, Hadassa se ergueu em silêncio, pegando sua capa e seu punhal. Resistiu a tentação de dar um beijo na face adormecida de Hagai, pois sabia que ele tinha um sono leve. Lá fora, o vento uivava. Ela podia ver a sombra de Theo, que permanecia acordado e vigilante. Quando ela se aproximou, ele ergueu a cabeça e franziu as sobrancelhas.

— Vamos partir? Devo acordar os outros?

Ela ergueu a mão, impedindo-o.

— Não, Theo. Apenas prometa que os manterá aqui.

Ele ignorou a mão dela e levantou-se surpreso.

— Não pode ir lá embaixo sozinha!

— Posso sim, e é exatamente isso que vou fazer.

Ele avaliou a firmeza das palavras dela.

— Então, me permita ir junto.

Hadassa meneou a cabeça negativamente.

— Pode parecer loucura, Theo, mas eu devo ir sozinha. Cada um de nós nasceu com uma missão, um destino. E eu descobri qual é o meu.

Ele sacudiu a cabeça com incredulidade.

— Não compreendo sua Profecia.

Hadassa sorriu.

— Ela não é apenas minha, é sua também. E então, eu posso contar com a sua ajuda?

Ele ficou em silêncio, ponderando a questão.

— Está bem, mas se não voltar antes do nascer da lua, iremos atrás de você.

Ela suspirou e assentiu.

— É justo. Obrigada, meu amigo.

Hadassa cobriu-se com a capa e seguiu a trilha que se perdia no vale antigo lá embaixo.

Sangar acompanhou Noa até o santuário. Agora que podiam observar melhor a paisagem urbana, notaram que o caminho por meio das árvores formava um agradável parque. Eles caminhavam de mãos dadas, sem muita pressa de chegar. A tarde havia servido para matar parte das saudades, mas eles ansiavam por muito mais.

— E agora, o que vai acontecer? – Ele perguntou.

— Passarei a noite no santuário, sozinha. A convocação vai exigir muita concentração de minha parte, o que não será possível se eu estiver cercada por sacerdotes me olhando em expectativa.

— Não haverá riscos dessa vez?

Ela parou e o olhou com ternura.

— O risco agora está muitos passos adiante de nós, Sangar. Foi uma caminhada longa, mas de Laos até Myrne há segurança agora. Isso me lembra quando Hazorah caiu e o Norte foi conquistado. Foi como se o povo acordasse e percebesse que não havia mais opressão. É isso que está acontecendo em Anatolya. Não somos mais um grupo que deve andar às escondidas.

— Nesse caso, pernoitarei aqui, embaixo dessas árvores antigas e agradáveis.

Ela quis protestar, mas ele a calou com um beijo.

— Se você gastar muita energia com essa convocação e não puder caminhar pela manhã, devido ao cansaço, estarei aqui para levá-la nos braços. E lembre-se de uma coisa: você é teimosa, mas eu também sou.

Eles se beijaram com ardor. Sangar permitiu que Noa seguisse, sozinha, o resto do caminho. Apolo, Áquila e Nathan a aguardavam na porta, mesmo sabendo que não poderiam entrar. Zoe também queria acompanhá-la, mas Noa conseguiu convencê-la do contrário, ajudada pelas palavras do belo capitão da Ordem Branca, Daniel. No momento, eles falavam sobre a história

sacerdotal de Nod e caminhavam lado a lado nas muralhas do palácio. Zoe já havia feito muito até ali e ainda teria muito trabalho pela frente, merecia um descanso. Os três sacerdotes inclinaram a cabeça quando a viram chegar.

— Resolvemos ficar por aqui, caso precise de nós – explicou Nathan.

— Obrigada, Nathan – ela falou sincera. – Não sei o que seria da Sacerdotisa sem os seus fiéis sacerdotes.

Eles relaxaram ao ver que Noa estava tranquila e segura do que deveria ser feito. Ela passou por eles e adentrou no santuário. Logo em seguida, a porta se fechou às suas costas.

A trilha, ao chegar mais perto da floresta escura, ficou escorregadia por causa da água da chuva que caía sobre as pedras. Hadassa, diversas vezes, teve que se apoiar no paredão da montanha. Quando a copa das árvores se aproximou, o coração dela bateu mais rápido. Eram árvores altas e assustadoras, pois o seu tamanho deixava a floresta mais fechada. Na medida em que descia e as copas iam ficando acima de sua cabeça, ela constatou aquela verdade. Chegou ao solo e não teve certeza de que queria continuar. Na sua frente estendia-se uma floresta densa e escura,

na qual os troncos das árvores, de tão unidos, pregavam peças aos seus olhos. Ela pensou ter visto formas se movimentando, mas ali nada parecia natural e isso incluía a falta de sons.

— Pense, Hadassa – ela encorajou a si mesma. – Você é uma rastreadora ou não? Se uma trilha desce pela montanha, ela deve continuar em algum ponto.

Ela observou o solo da floresta. Um emaranhado de folhas e galhos não a deixava ver qualquer tipo de caminho, mas ela viu. Algo arrastou a vegetação do solo enquanto passava e um determinado trecho ficara exposto. Ela ajoelhou-se e afastou as folhas com a mão. Existia uma trilha! Ela ia adentrando a floresta e contornando as árvores. Hadassa seguiu em frente, tentando não pensar no que poderia ter arrastado as folhas e deixado a trilha exposta.

Um pouco mais na frente, ela escutou o som de água corrente e apressou o passo. As árvores tornaram-se mais espessadas e o solo mais limpo e arenoso. Na sua frente, um rio não muito largo surgiu. Mas não foi o rio que lhe chamou a atenção, e sim o que tinha na outra margem. Altas árvores, maiores que as que ficaram para trás, uniam-se por seus galhos tomando a forma de um portal com abertura para um grande corredor. Ela viu que a

água do rio era limpa e potável, mas não se atreveu a prová-la. Atravessou usando algumas pedras que ligavam uma margem à outra como uma ponte. Quando ela chegou diante do imenso portal, sentiu, mais do que ouviu, a respiração de algo grande.

— Disseram-me que as antigas serpentes-aladas eram seres sábios – ela falou, procurando demonstrar segurança. – Estou aqui porque preciso dessa sabedoria. Um dia, nossas espécies lutaram juntas para cuidar e manter esse mundo em paz. Peço humildemente que me deixe passar.

Ela aguardou com apreensão, quando escutou o sussurrar em seu ouvido ou foi em sua mente? Ela não saberia dizer.

“Você encontrou a trilha sozinha e deseja continuar. Venha e passe. Prove sua coragem”.

Ela entrou pelo corredor de árvores e prendeu a respiração. Sentia que a observavam de ambos os lados. O som de água corrente foi ficando mais alto, assim como o ar abafado e úmido deu lugar a uma brisa fresca. A sensação foi aumentando a medida em que avançava. O corredor chegou ao fim, revelando um vale largo que se estendia para frente. Um riacho corria por entre pedras e de cada lado havia paredões de rocha por onde desciam quedas d'água. Era uma paisagem deslumbrante. Hadassa prendeu a

respiração ao ver surgir, acima dos paredões, as formas de pelo menos uma dezena de serpentes-aladas. Cada uma com uma cor reluzente, como se captasse as cores e as refletisse de volta em jogos multicores. Uma delas, de cor alaranjada, abriu as esplêndidas asas e voou até ela. Hadassa surpreendeu-se ao ver bondade nos olhos daquele ser; era muito diferente do ódio que emanava de Neustã.

“Sou Zigana, rainha das serpentes-aladas, como seu povo costuma nos chamar”.

— Vocês são lindas! — Hadassa murmurou sem se conter.

“E você é sincera, por isso ouvirei”.

Hadassa fez uma leve inclinação de cabeça e manteve os olhos baixos.

— Eu venho até vocês porque a terra pode voltar a ser unida novamente e banhada com a luz dos Tronos.

“Os Tronos se foram. A esperança se foi. O que já foi grande no passado deve se preservar, escondido no seio da terra”.

— A Profecia se cumpriu e restaurou a luz. A terra escondida foi revelada e as Árvores atravessaram o portal.

Hadassa não fazia ideia de como sabia exatamente o que dizer, mas as palavras fluíam de forma natural enquanto seu

coração disparava no peito.

“As Árvores? Neustã está morta?”

Hadassa hesitou em dar essa resposta, mas o seu silêncio falou mais que palavras.

“Não tenha medo de contar a verdade, menina. Ela foi desvirtuada de sua natureza, não havia mais esperança. A única coisa que poderia libertá-la seria a morte pelas mãos daquela que traz a vida em seu sangue”.

Aquelas palavras lhe deram coragem.

— Sim, ela foi morta por Eva, uma das Árvores Sagradas.

Ao ouvir isso, Zigana esticou o comprido pescoço para cima e liberou um som agudo que parecia viajar nas correntes de ar. Logo, as outras serpentes vieram voando e ficaram em volta de Hadassa.

— Eu serei morta? – Ela perguntou.

“É o destino das serpentes-aladas encontrar a doadora da vida. Leve-nos até ela para que possa nos restaurar a dignidade”.

Hadassa sorriu aliviada.

— Eu levarei, mas será um longo caminho. A chama sagrada do último santuário está para ser acesa pela Sacerdotisa, mas existem muitos poderes que vão tentar impedir. Precisamos de vocês, por isso vim aqui. É com humildade que peço sua ajuda.

Por um momento, as serpentes deliberaram entre si até chegarem a um consenso.

“A notícia que trouxe prova a verdade em suas palavras. Por muito tempo ajudamos a proteger os santuários. Nossa queda começou quando eles foram invadidos e as sacerdotisas assassinadas. Se é para acender novamente a chama-mestra, nós iremos e lutaremos”.

Ela passou pelo Altar e foi em direção ao trono de marfim, onde sentou sem hesitar. Aquele santuário a fazia sentir em casa; ela fazia parte daquela magia. Era algo familiar. Ela ficou ali, observando o dançar das chamas azuis que subia para além da abertura do teto. De repente, as imagens vieram embaralhadas, para em seguida assumirem uma ordem bastante conhecida. Ela fechou os olhos e viu o subterrâneo que levava para uma estrutura imponente.

— Laos – ela sussurrou. – A Sacerdotisa convoca para a luta todos os seus guardiões. Venham para Myrne.

— Philos – as mesmas palavras seguiram para o santuário empoleirado no alto da montanha cheia de armadilhas.

— Sardos, o poder da traição foi quebrado, erga-se e venha – ela ordenou aos guardiões que viviam no antigo pântano, que agora tornara-se um belo bosque.

A cada convocação, ela sentia os olhos pesarem e o corpo tremer com o cansaço inevitável. Ela não percebia que, para cada santuário, uma chama azul saltava de seu peito direto para o altar, intensificando a chama.

— Tyro, o seu povo tomou posição, mas os guardiões permanecem escondidos e com medo. Eu os convoco. Venham!

— Berga, santuário do portal, cuja chama foi acesa com minha permissão, libere seus guardiões.

Feito isso, ela desabou na cadeira. Sentia as pernas tão cansadas que não conseguia se levantar. Mas aquilo acontecia porque não havia acabado. Ela abriu os olhos e ao olhar para o fogo azul, a história de cada santuário passou diante dela. Ela podia sentir a dor da traição, o pesar pela morte das sacerdotisas, o vazio do altar apagado, a solidão e o ódio que acompanharam sardos por tanto tempo. Quando acabou, ela estava fora do trono e deitada aos pés do altar. A fumaça azulada começou a envolver o ambiente com um aroma perfumado. Ela sentiu a mente leve e deixou-se envolver pela névoa que se formava. Então uma nova visão

ocorreu. Um santuário, mais imponente do que todos os que visitara, erguido em uma península, virado para o mar. Suas paredes brancas pareciam conter milhares de cristais que brilhavam à luz do sol. Na sua visão, as portas estavam abertas, mas ninguém podia entrar. As portas de Héfer não podiam ser fechadas porque ele era o santuário que pertencia ao povo. Ela sabia que estava tendo uma visão do passado. E que aquelas portas seriam abertas novamente, e quando isso acontecesse, ninguém seria proibido de pisar dentro dele. Ninguém. Ela ofegou ao ver a silhueta de uma mulher próxima ao altar de Héfer. Jezabel!

Noa abriu os olhos como se estivesse despertando de um sonho. Não havia mais fumaça e o silêncio reinava ali dentro. Do lado de fora, um galo cantou anunciando a chegada do sol. A convocação havia sido feita.

Capítulo 38

Concentração de Forças

Ele olhava a cidade embaixo com uma expressão fechada e enigmática. Ao seu lado, em um pedestal, ardia a chama solitária. A última que restava de um total de sete, que foram sendo apagadas

uma a uma, tornando sombrio o alto das respectivas colinas que rodeavam a cidade de Tibreya, capital de Helladan.

Lord Abadom desistiu de se desesperar ao ver o avanço da Sacerdotisa a cada chama apagada. Após Myrne ter caído, ele começou a reagir e saiu de sua câmara no palácio, tomando o caminho secreto que o conduzira até a chama mais importante. Héfer. A chama-mestra ainda continha poder suficiente, mesmo ardendo sozinha, e ele não queria abrir mão dela. Mas, para evitar que fosse apagada como as outras, ele teria que apelar para sua verdadeira natureza. A natureza que ele adotara na ocasião em que traíra os Tronos de Luz em seu primeiro reinado. Um ser espectral, cheio de ódio e malícia, conhecedor de segredos profundos, mestre dos magos negros. Aquela forma volumosa que era o seu corpo não queria dizer nada. Abadom não era apenas um rei obeso que alimentava a ideia de ser um deus, ele era um sacerdote desviado que roubara para si o poder que caíra do céu. Ele fora escolhido para reinar.

Em sua trajetória de vida, após a traição, ele buscou o conhecimento perdido da magia e tornou-se um mestre. Foi por isso que cogitou a ideia de formar uma aliança com o rei-feiticeiro de Hedhen, Jabim. Sugaria o que pudesse da mente engenhosa de seu

aliado e depois o descartaria. Isso acarretaria mais volume ao seu corpo, mas era o preço a pagar pelo acúmulo de conhecimentos ilícitos. Gordo no corpo, gordo na mente.

Quando Myrne se apagou, ele soube que sua melhor arma havia falhado. Jezabel. A mulher era tão antiga e ardilosa quanto ele. Eram titãs sobreviventes que lutavam pelo poder. Uma hora ele sabia que apenas um deles sobreviveria, mas, no momento, eram fortes juntos. E, juntos, eles teriam que reunir a magia necessária para manter Héfer em suas mãos, caso contrário, metade de seu reino estaria perdida e o caminho aberto para as Árvores Sagradas cumprirem o seu destino. Ele aguardava a chegada do navio que traria a sacerdotisa desviada, para que, enfim, eles começassem a tecer os rumos daquela guerra. Uma vida teria que sucumbir no Grande Altar, para que a invocação tivesse êxito. Ele deu um meio-sorriso ao pensar na vítima que, sem saber, caminhava para a morte.

Drakan levantou-se da cama naquela manhã com um mal pressentimento. Ele teve um sonho cheio de maus presságios, e isso não era bom para um astrólogo sonhar. Ele saiu da cabine para o ar livre. As costas de Tibreya já eram visíveis. Era estranho não

ver as sete chamas acesas sobre as colinas. No entanto, Héfer continuava ardendo com toda a sua força e ele sabia que Lord Abadom faria tudo para mantê-la assim. Drakan tinha planos para a guerra que começaria. Até ali, ele ainda não pudera provar e mostrar do que era capaz.

Quando o navio aportou, uma carruagem já os esperava para levá-los ao palácio. Ele, Jezabel e Leukós. Ninguém falava. A derrota estava estampada nos olhos de cada um. As ruas de Tibreya estavam silenciosas naquela manhã, o que fazia aumentar a sensação de desconforto que o silêncio trazia. Quando a carruagem passou da entrada que levaria ao palácio, eles trocaram olhares entre si, tentando imaginar para onde eram conduzidos. Quando começaram a subir pela estrada de pedras lavradas que levava à colina de Héfer, eles entenderam que Lord Abadom os esperava naquele local para uma reunião particular.

A carruagem parou e as três figuras desceram. Abadom estava ao lado da chama, de costas para eles. Seu grande volume não impedia seus movimentos de serem ágeis, por isso, ele mantinha a postura de um general guerreiro, perigoso e imprevisível. Do outro lado, meio escondido nas sombras do amanhecer, estava Mélas, o Mago Negro. Sua presença ali pareceu

fortalecer Leukós, que ficou mais ereto e atento. Jezabel pousou os olhos sobre uma grande mesa de pedra que ficava na base do pedestal onde a chama ardia.

— Por que estamos aqui, meu senhor? — Ela perguntou.

— Muitos erros já foram cometidos nessa guerra — A voz de Abadom era fria. — Essa chama foi o que me restou. A situação chegou a um ponto que rituais antigos são novamente requeridos. O sangue deve lavar o Grande Altar, isso nos dará tempo.

Ele virou-se e encarou a mulher.

— Você, mais do que ninguém, conhece o poder de um sacrifício de sangue.

Ela deu um meio-sorriso.

— Sim, isso trará tempo e poder para nós.

Abadom virou os olhos para o astrólogo.

— Drakan, quando eu o escolhi, foi porque acreditei em sua capacidade e sei que vai servir-me da maneira mais eficaz. Necessito de sua astúcia, conhecimento e magia.

O astrólogo, orgulhoso, fez uma reverência.

— Não vejo a hora de mostrar do que sou capaz, meu senhor.

— Você fará isso agora, meu bom astrólogo.

No canto, Mélas ergueu os braços e Drakon caiu de joelhos, tonto e enjoado. Dois guardas do palácio, que acompanharam a carruagem, levantaram-no sem dificuldades e o levaram até o altar. O homem queria lutar, mas seu corpo não obedecia. Ele apenas choramingava e pedia clemência com os lábios trêmulos. Correntes foram passadas sobre o seu corpo. Abadom entregou à Jezabel uma adaga de prata.

— Você sabe como retirar dele a essência que precisamos.

A mulher aproximou-se segurando firme na adaga, sentindo dentro de si um prazer sádico ao pronunciar as palavras certas para aquele ritual. Drakon fechou os olhos. Não queria encarar a morte inevitável. Leukós, ao lado do Altar, observava a chama ondular e mudar de cor de acordo com as palavras de Jezabel. De repente, ela ergueu a adaga com as duas mãos e desceu-a com força no peito do astrólogo. O homem se contorceu brevemente e morreu com um gemido rouco e angustiado. O poder de Mélas deixou-o incapaz até mesmo de gritar.

Abadom, sentindo uma energia nova vir sobre ele, soltou uma gargalhada e ergueu os braços sobre a cidade. Héfer não se apagaria com tanta facilidade. Jezabel, por sua vez, sentira o poder penetrar em seu corpo através da adaga. Aquilo lhe daria a

oportunidade que ela esperava há tanto tempo. Uma cobertura para os seus atos criminosos contra o Altar de Sardos. Héfer não barraria sua entrada, como Tyro o fizera.

— Preparem nossas forças! — O rei-deus gritou. — Vamos esmagar nossos inimigos como se fossem insetos! Para Héfer e para a vitória!

Três exércitos diferentes iniciaram a marcha em direção a Héfer. Saíram de Myrne naquela manhã, sob o comando de um dos generais da cidade. Todo o poder militar de Myrne, com a fuga de seus líderes leais a Abadom e com o acender da chama do santuário, acabaram por pedir perdão e mudar de lado. Não era uma força pequena, já que contava também com as tropas espalhadas pela região, em pequenas cidades, que se uniram a eles ao tomarem conhecimento da notícia. Na frente desse exército disciplinado e oficial, marchavam os Luminares. Por decisão unânime, eles decidiram não esconder seu poder de luz naquela guerra. Fazia parte da Profecia a chegada e o derramar daquela luz. Por isso, enquanto marchavam, os guerreiros seguiam abismados com as quatro figuras que pareciam sumir no meio de tanta luz.

Davi e Eva acompanhavam os pais, seguindo um pouco mais atrás e precedendo a tropa formada por oficiais e arqueiros de elite.

O segundo exército era formado por todos aqueles dispostos a lutar e que resolveram se unir ao grupo de Sangar e Joakim. Era um exército misto, com guerreiros e guerreiras que poderiam, na hora certa, tomar atitudes imprevisíveis, sem obedecer regras e disciplinas rígidas. Era uma força pronta para penetrar em esgotos, escalar muros, subir em árvores e nadar por baixo d'água se necessário. Eunice, Sarah e Maalá faziam parte desse grupo. A líder das amazonas, inclusive, havia trabalhado exaustivamente no treinamento das mulheres que se apresentaram dispostas a lutar. Zoe e Sarah a ajudaram no treinamento com o arco e com os escorpiões. Este exército estava se preparando para partir antes do cair da noite.

O terceiro exército marcharia no meio da noite, encoberto pela escuridão, a fim de confundir os olhos dos inimigos. Noa, Hulda, Zoe e os sacerdotes estariam à frente dele. Era um exército formado pelos guardiões dos santuários. De Laos, aqueles que foram transformados de espectros em homens novamente; de Philos, os verdadeiros guardiões do santuário, que viviam anonimamente pelas ruas da cidade, atenderam o chamado; de

Sardos, Uzá reencontrou os homens do pântano, antigos guardiões do santuário e liderou-os para atender ao chamado; de Tyro, os homens da cidade, guardiões enganados por Jezabel, assumiram sua posição ao lado de Noa; de Berga, pelo portal, Arath enviou jovens sacerdotes-guerreiros para serem os novos guardiões; de Myrne, guardando a Sacerdotisa, estava a Ordem Branca, sob a liderança de Daniel. Quando todos estivessem unidos, representando os seis santuários, eles marchariam para a conquista de Héfer.

E havia ainda uma quarta e uma quinta força. A quarta era formada pelos Povos das Ilhas, que seriam convocados por Priska e Apolo, e chegariam direto por mar, se tudo desse certo. A quinta força, segundo Davi dissera, chegaria pelo céu. E era para o céu que Noa olhava nesse momento. Estava limpo e as estrelas brilhavam, apesar do brilho intenso da lua. Ela sorriu ao ver o sinal da lua e da estrela quase se tocando. As gêmeas noturnas estavam ali em essência e, pela manhã, o sol nasceria com todo o seu esplendor. Mas o vento que soprava prenunciava algo mais. Um poder antigo que fora despertado. Noa sentia, mas não o compreendia.

A cidade de Héfer assentava-se em uma depressão. Para quem vinha por terra, era preciso atravessar uma trilha montanhosa até o mar. Era aí que a cidade surgia. Do alto, podia-se ver sua alta muralha em forma de meia-lua e, após ela, um labirinto de casas e ruas que pareciam não ter fim. Depois das casas, e de frente para o mar, um grande porto espalhava-se pela costa. No meio dele, adentrando pelo meio das águas, uma ponte estreita e firme levava até uma pequena ilha. Lá erguia-se, no centro de um jardim incrivelmente vasto e abundante, as paredes cinza-azuladas de uma estrutura circular com colunas em volta. Era o Santuário de Héfer. Do outro lado da ilha, outra ponte seguia até uma extensão de terra onde se erguiam dois outros edifícios: o quartel-general da Ordem Negra e a Casa da Forja, onde as armas eram preparadas. Resumindo, alcançar o santuário parecia ser uma tarefa impossível, pois seria necessário transpôr uma muralha bem vigiada e atravessar uma cidade, além de ter que passar por uma frota de navios de guerra ancorados no porto e ainda não chamar a atenção dos magos negros que mantinham o santuário sob vigilância constante. Noa observava do alto, de braços cruzados. Zoe parou ao seu lado.

— Já me falaram da grandeza de Héfer, mas não imaginei isso... — Comentou Zoe.

— Sinto-me em casa, Zoe — Noa murmurou. — Nunca vi esse lugar antes, nem mesmo em sonhos, mas sinto-me em casa.

— O Altar?

— Sim, posso sentir o chamado dele.

Zoe olhou para baixo e suspirou.

— Não vai ser fácil chegar lá.

Noa olhou para o céu.

— Mas chegarei, e ninguém ficará no caminho quando isso acontecer.

Antigamente, os santuários mantinham comunicação entre si, possibilitando a cada sacerdotisa a capacidade de discutir e conhecer os problemas existentes em Anatolya. Era um dever sacerdotal agir como uma mãe cuidando dos filhos ao tratar com o povo que vivia à sombra dos santuários.

As sacerdotisas eram vistas como mediadoras, embaixadoras, juízas, administradoras, líderes, conselheiras e oráculos. O povo necessitava delas e confiava na segurança que

proporcionavam, mantendo a paz e a ordem com justiça, pois a luz das chamas estava ligada à luz que vinha dos Tronos de Luz.

Essa união que existia entre eles era possível por causa do poder que emanava de Héfer, o Primeiro Santuário. A sacerdotisa escolhida por aquele altar era considerada a Sacerdotisa das Chamas de Anatolya. Ela estava ligada ao altar de cada santuário e era reconhecida por cada um deles como a Sacerdotisa-Mestra.

A relação entre uma sacerdotisa e o altar era quase orgânica. Era como se um cordão umbilical existisse de uma forma etérea e espiritual. Se esse cordão fosse cortado, a chama se apagaria, assim como a vida da sacerdotisa. Mas não era fácil cortar essa ligação. A Sacerdotisa de Héfer tinha um cordão de sete braços que a ligava a todos os altares. Por isso ela era chamada de Sacerdotisa, com "S" maiúsculo.

Nem mesmo a morte poderia desfazer essa ligação, pois, assim que outra Sacerdotisa surgisse, logo ao nascer, a ligação renascia com ela. Era como algo hereditário. Apenas uma coisa poderia destruir um elo tão forte. O veneno da maldade e da traição poderia fazer o Altar rejeitar a Sacerdotisa que escolhera, mas isso era algo praticamente impossível, pois o Altar era categórico e sondava o coração de suas escolhidas antes que essas

fossem chamadas. Isso assegurava que as chamas sempre voltariam a arder, mesmo que fossem apagadas, da mesma forma que ardiam no início.

No entanto, o impossível aconteceu. Não com o Primeiro Altar, mas o veneno corroeu o coração de uma sacerdotisa poderosa e, pela primeira vez, um altar rejeitou uma sacerdotisa. O que ela não faria para se aproximar da chama sagrada que lhe dava vida mais uma vez?

Lord Abadom também posicionara suas tropas, embora sua presença estivesse presa a Tibreya, pois lá estava a fonte de seu poder; ele enviou suas forças e traçou as estratégias. Após o sacrifício do astrólogo, a partida de uma grande força em direção a Héfer havia sido iniciada. Agora, já na cidade do Primeiro Santuário, eles se preparavam.

Mélas e Leukós estavam na sede da Ordem Negra, com vistas para o santuário, preparando um contingente de magos para criar uma barreira em volta da pequena ilha. De Helladan, foram enviados dois oficiais experientes. Trifão, um homem de quase dois metros, com músculos salientes, sem cabelos ou barba, apenas um tapa olho que lhe dava um aspecto assustador, era o comandante

dos navios; ele guardaria a entrada do porto, afim de evitar a passagem de barcos inimigos. Na defesa das muralhas estava Ário, um homem experiente, envolvido em uma armadura que lhe cobria quase todo o corpo, menos a cabeça. Seus cabelos eram longos e embebidos em óleo; seu rosto era coberto por uma tintura preta que não deixava perceber suas feições. Ele mais grunhia do que falava. Por trás da pintura, seus olhos observavam atentamente os arredores. Sim, Héfer estava preparada.

Nos porões da sede da Ordem Negra, em Héfer, estava acontecendo um ritual particular e estranho até mesmo para os magos daquela ordem. Esse ritual era feito apenas por mulheres. As Sacerdotisas de Parthenos. Elas estavam ali, naquela câmara pequena e escura, entoando cânticos mágicos, evocando os poderes antigos da escuridão, tudo isso para fortalecer uma única pessoa. Jezabel. A velha mulher estava ajoelhada no centro, recebendo o poder enviado pelas palavras dos cânticos. Tudo isso para adquirir aquilo que a faria derrotar o poder dos santuários e ceifar a vida da Sacerdotisa. Uma das mulheres aproximou-se dela com um fino dardo na mão. Ela o molhou em uma fonte de água escura que escorria pela parede. O líquido envolveu o dardo, tornando-o negro e com uma aparência cristalizada. A mulher

ajoelhou-se atrás de Jezabel e enfiou a ponta do dardo no meio de suas costas. A velha sacerdotisa tremeu e rangeu os dentes, mas aguentou calada enquanto o seu sangue, contaminado pelo veneno da maldade e da traição, penetrava no dardo de cristal, misturando-se com a essência daquela fonte que tinha sua origem no Rio de Fogo. Ao terminar, a sacerdotisa de Parthenos retirou o dardo, agora não totalmente negro, mas pincelado com o vermelho escuro do sangue de Jezabel. Erguendo-o para cima, ela entoou as palavras finais do ritual. Jezabel ergueu-se e a mulher lhe deu o dardo.

— Está feito.

— O que eu devo fazer agora?

A mulher sorriu com ironia por debaixo do véu que lhe cobria o rosto.

— O seu sangue está aí dentro. O que deseja fazer com ele?

Jezabel suspirou, apertando o dardo com a mão, sentindo o poder que fluía de dentro dele.

— O meu sangue é sujo. Existe nele o veneno de maldade e traição – ela falou num sussurro. – E ele sujará aquilo em que tocar.

A sacerdotisa de Parthenos inclinou a cabeça e virou as costas.

— Então, você sabe o que precisa fazer.

As sacerdotisas preparavam-se para deixar a câmara.

— Espere! — Pediu Jezabel. — Existe alguma maneira dessa magia ser quebrada?

A líder das sacerdotisas respondeu sem se virar.

— Sim, com a sua morte.

As mulheres saíram, deixando Jezabel com um sorriso no rosto. Sua vida era mantida por magia, e o segredo de sua fonte, apenas ela conhecia. Jezabel não poderia ser morta como qualquer pessoa, a rainha dos Queneus já havia tentado uma vez. Ela olhou o objeto precioso que tinha nas mãos. Sua obra final seria seu maior feito. Todas as derrotas, até aquele momento, nada significavam frente ao que estava por vir. Enquanto as sacerdotisas de Parthenos se afastavam, da câmara ecoou a risada triunfal de Jezabel. Uma risada que fez gelar aquele grupo sinistro.

Capítulo 39

Além da Muralha

A muralha da cidade era o primeiro obstáculo que se encontrava no caminho. Felizmente, Héfer era uma cidade

inicialmente construída como um centro sacerdotal e somente depois passou a exercer também a função comercial, por causa do porto bastante movimentado. Por esse motivo, não havia ali a estrutura de uma cidade-fortaleza. Era uma muralha alta, sólida e larga, mas não era dupla e nem rodeada por nenhum fosso, como era de se esperar de uma cidade bélica. Tinha o formato de uma meia-lua e seu lado ocidental era banhado pelo mar. Em toda a sua extensão, ela contava com três torres de vigia, sendo uma delas, a maior, acima do portão, bem no centro. Podia-se observar sobre ela, a movimentação de muitos soldados.

A primeira parte do plano teria lugar naquela noite. Consistia em tomar a muralha e abrir os portões para que o exército de Myrne, comandado pelos Luminares, invadisse a cidade e abrisse o caminho até o porto. Parecia simples quando posto em palavras, mas não era. Após uma semana de observação, Sangar e Joakim sabiam exatamente quais os pontos mais frágeis da muralha. O assalto ocorreria exatamente embaixo das torres laterais, menores e menos vigiadas. Joakim e Sarah lideravam o grupo que tomaria a torre ocidental; Sangar e Eunice ficaram com a torre oriental e um grupo misto de homens e mulheres. Cada grupo levava dez integrantes, contando com os líderes.

Joakim e Sarah chegaram com seu grupo no local escolhido. Eles usaram as armas que lançavam fios, conseguidas em abundância na armaria de Myrne. Os fios eram fortes e flexíveis e se enroscavam com facilidade em qualquer superfície adequada. A muralha possuía grades entre as ameias, o que facilitava a subida. Joakim deu ordens ao grupo, organizando quem ia na frente e quanto tempo o restante teria que esperar para subir. Sarah sorriu orgulhosa para ele.

— Por que está olhando para mim desse jeito? — Ele perguntou com seriedade.

— Desculpe, capitão, mas acho que nunca o vi antes. Estou surpresa, apenas isso.

Ele se preparou para subir, mas antes deu-lhe um beijo que causou surpresa no grupo.

— Você ainda terá muitas surpresas pela frente, gadita — ele sussurrou no ouvido dela.

Sarah estava feliz demais para se sentir constrangida.

Eles subiram com rapidez, surpreendendo alguns soldados dormindo em serviço e outros bebendo, sem se importar com a vigilância. O assalto foi rápido. Foi uma luta de números

equilibrados. Dez contra dez. O grupo que comandavam era disciplinado e ordeiro. Tudo foi feito sem muito barulho.

— E agora? — Sarah perguntou, após terminarem de amontoar os corpos dos guardas em um canto da torre.

— Temos que esperar o sinal de Sangar. — Joakim olhava preocupado para a torre central. — Aquela torre me deixa preocupado.

Ela concordou. A torre era tão fortificada quanto a muralha e se erguia mais alta que as outras.

— Sim, a mim também. Eles mantêm uma verdadeira tropa aqui em cima, e o que está lá dentro pode dar mais trabalho do que pensamos.

Do outro lado, na torre oriental, Sangar foi o primeiro a alcançar o alto da muralha. Mas, o elemento surpresa com o qual contavam, falhou. Os vigias estavam despertos e atentos após levar, naquela tarde, uma bronca cheia de ameaças do oficial assustador enviado de Helladan. O grupo, ao subir, fora surpreendido. Houve luta. Sangar tinha Eunice lutando ao seu lado e agradecia ao Pai por isso. A amazona sabia ser silenciosa em combate, além de letal e rápida nos ataques. Apesar de

surpreendido, o seu grupo estava agindo bem e punha em prática o treinamento que recebera em Myrne.

Sangar, em um momento de distração, enquanto olhava em volta para adquirir uma visão geral do combate, teve uma lança atirada contra ele. Ele desviou a tempo de evitar algo sério, mas não conseguiu evitar de ser ferido de raspão no braço. Ele caiu gritando e rolando em direção à parte da muralha que não tinha ameias e que servia para enviar e receber mercadorias. Com incrível agilidade, movido pelo ardor da batalha, ele conseguiu reagir e segurar-se na beirada com apenas um braço. Eunice, que estava a uma curta distância, viu tudo e sentiu o sangue gelar nas veias. Entre seus equipamentos de amazona, ela possuía um chicote que raramente usava e que ficava enrolado ao cinto da armadura. Naquele momento, ela percebeu o quanto ele poderia ser útil. Ela o tirou e virando-se, com um movimento do punho, ela enlaçou o pescoço do lanceiro que estava no alto da torre, e o puxou para baixo. A sua volta, o grupo já conseguia dominar os guardas. Ela aproveitou para correr até Sangar e segurar-lhe a mão, antes que caísse. Foi com esforço que ela conseguiu puxá-lo para cima. Ele caiu exausto sobre a muralha, ofegante. Seu braço direito sangrava copiosamente.

— É a segunda vez que salva minha vida, Eunice – ele balbuciou.

— Espero que não seja preciso cobrar essa dívida – ela falou enquanto arrancava um pedaço de tecido da própria túnica a fim de estancar o sangue dele.

Quando ela apertou firme, improvisando um torniquete, ele trincou os dentes e transpirou, mas manteve-se firme. Ela o olhou em expectativa e sorriu.

— É tão forte quanto sua esposa – ela falou.

— É bom saber que eu impressionei você. – Ele estendeu-lhe a mão. – Agora me ajude aqui. Precisamos dar o sinal a Joakim.

Ela balançou a cabeça negativamente.

— Nada de “precisamos”. Fique aí sentado, eu cuido disso.

E o sinal foi dado por um dos arqueiros do grupo. Uma flecha incandescente atirada para fora da muralha. Apenas quem estivesse olhando para baixo e para o lado de fora, poderia vê-la. E Sarah estava.

— Conseguiram – ela falou! – O sinal foi dado.

Ário, o gigante da muralha, também viu o sinal. Imediatamente, ele percebeu que havia sido pego de surpresa,

coisa que nunca havia acontecido a ele antes. Suas duas torres laterais haviam sido tomadas e ele agora só dispunha do contingente da torre central para defender a muralha e os portões. Dividindo os grupos, ele enviou seis homens para o lado ocidental enquanto liderou o outro para a torre oriental. Precisaria de todos os seus homens. Vendo isso, Maalá, de fora da muralha, deu sinal para que um terceiro grupo avançasse pelo centro e tomasse a torre central. Tudo isso foi feito de forma bem organizada e cronometrada. Ário lutava contra um homem ferido e uma mulher de armadura negra que pareciam invencíveis, pois seus ataques não surtiam efeito e nem a sua aparência os parecia assustar. Em um determinado momento, Ário teve suas pernas envoltas pelo chicote de Eunice, que o puxou fazendo-o cair de costas, com estrondo. Com sua visão periférica, ele viu a torre central ser invadida. Seus homens caíam ao seu lado e ele, pela primeira vez, enxergou a derrota em combate. Antes que o homem ferido avançasse sobre ele, a vergonha da derrota e o medo de enfrentar Abadom foram maiores que qualquer outra coisa. Ele virou o corpo e deixou-se cair do alto da muralha. Sua queda quase arrastou Eunice, que ainda segurava o chicote. Sangar, no entanto, apesar da surpresa, agarrou as

pernas da amazona, dando-lhe tempo de desembaraçar o chicote do próprio punho. Os dois ficaram ali, respirando com dificuldade.

— Só quero lembrar que não cobrei dívida nenhuma...— disse ela.

Sangar sorriu.

— Não precisa agradecer, Eunice.

Sarah subiu ao alto da torre central e atirou outra flecha de fogo. A muralha havia sido conquistada.

Joakim desceu com um grupo e abriu os portões. Ele retirou uma das tochas que ardiavam nas laterais da entrada e ergueu o braço, sinalizando que o caminho estava livre.

O caminho que levava até a porta da muralha não era um caminho aberto, ele passava por dentro de um vale profundo com altas montanhas se erguendo de cada lado. Era na saída daquele vale que o exército liderado pelos Luminares aguardava o sinal. Jael foi a primeira a ver.

— Está na hora – ela disse, olhando para a irmã.

Deborah suspirou e apertou as rédeas de Bruma.

— Sim, está na hora.

Barak aproximou o cavalo.

— Muito bem, quando passarmos pelos portões, bateremos de frente com o aglomerado militar. O acampamento interno forma simbolicamente uma segunda muralha.

— Uma muralha que nós teremos que derrubar – concluiu Héber.

— Nos dividiremos em dois grupos, então, para que o ataque inicial os surpreenda de cada lado – ponderou Deborah.

— Então, vamos logo! Estamos perdendo tempo aqui. – Falou Jael, impaciente.

— Está assim tão ávida por entrar em uma guerra, irmã? – Deborah perguntou com um toque de repreensão.

— Essa cidade tem muitas muralhas – Jael suspirou. – Uma real e muitas simbólicas. Quantas precisaremos derrubar até que isso acabe? Não estou ávida pela guerra, mas pelo fim dela.

Deborah sorriu, satisfeita com a resposta. Barak ergueu o braço e, quando o abaixou, os cavalos dispararam em direção aos portões.

Na retaguarda, esperando que o exército de elite invadissem a cidade, seguia um grupo menor, formado por jovens escolhidos de dentro do grupo que seguia Sangar. Davi e Eva os lideravam. Eles

deveriam descer pelos túneis da cidade e seguir até o porto enquanto a batalha acontecia lá em cima. A visão de Davi os guiaria sem que tivessem o perigo de se perder. Ele usava a venda sobre os olhos para enxergar o caminho com mais clareza através do seu dom e detectar alguma armadilha criada pelos magos. Eles tinham um objetivo claro: danificar a terceira muralha da cidade, composta pelos navios que guardavam a entrada do porto e o acesso para o santuário.

De cima de uma colina, Noa observava toda a movimentação. Seu coração quase parou no peito ao ver Sangar ser ferido e quase cair da muralha. Agora, ela via a batalha que acontecia dentro dos muros. Seu lado guerreiro queria que ela estivesse lá, combatendo da maneira que ela havia aprendido na Ordem Branca. Mas não era assim que ela deveria entrar. Todo esse esforço era para abrir o caminho para ela. Mas, mesmo sendo a Sacerdotisa, Noa preservara a visão estratégica da vida militar. Héfer era uma cidade estranha, situada em um local estranho. Era como se ela aguardasse ser invadida.

— Áquila me disse que Héfer era o santuário mais popular, é verdade? – Perguntou Hulda ao seu lado.

— Sim, é verdade. A Sacerdotisa de Héfer costumava receber o povo e aconselhá-lo, sem se importar com hierarquia social ou lugar de origem. Todos podiam entrar, ninguém era barrado.

— Ele também me falou que não havia porta – Hulda parecia inquieta.

— Isso é algo que vou descobrir quando chegar lá. Não posso afirmar que é verdade, pois, se for...

— Se for... – Hulda a estimulou a continuar o pensamento.

Noa sorriu e balançou a cabeça.

— Não é nada demais. Acho que estou sendo levada pela ansiedade.

Hulda sorriu e pôs a mão em seu ombro.

— Confie em si mesma. Eu sempre achei que você era capaz de coisas grandes.

Noa agradeceu com um sorriso e voltou a observar a batalha.

Tomado de surpresa, o exército de Héfer ofereceu uma luta fácil até os magos chegarem como reforços. Como se sentissem a presença da luz, os Luminares passaram a ser o seu alvo principal. Mas a escuridão, por mais densa que possa parecer, não é capaz de ocultar a luz por muito tempo. O brilho nos olhos de cada Luminar,

a luz que fluía de suas espadas, tudo isso os fazia fraquejar na tentativa de atacá-los. Muitos dos magos usavam bastões para lutar. Jael havia sido puxada do cavalo e caiu já com a espada em posição. Ela lutava e derrubava magos e soldados que atravessavam o seu caminho. Héber surgiu e estendeu a mão para que ela subisse na sua garupa.

— Onde está Solaris? – Ela perguntou.

— Não se preocupe, ele luta bem sozinho.

Ela o viu ao longe, empinando e relinchando enquanto pisoteava os inimigos que caíam em seu caminho. Do outro lado, Deborah e Barak foram cercados por um grupo de magos que tentava intimidá-los. Eles estavam conseguindo assustar os cavalos. Eles estavam inquietos e difíceis de controlar. Barak suspirou e resolveu saltar. Deborah o seguiu e ambos enfrentaram os magos de peito aberto. A luta corpo a corpo não era uma especialidade dos magos. O grupo se esgueirou por entre os soldados que ainda guerreavam e tomaram o caminho principal que levava ao porto. Deborah olhou para Barak com a testa franzida.

— Estão nos atraindo – ela falou com segurança. – Querem que os sigamos.

— Para nos enfrentar em um ambiente mais apropriado para eles?

— Talvez.

— O que mais poderia ser?

Deborah encarou o marido.

— Alguém querendo um ajuste de contas.

Barak compreendeu a suspeita dela.

— E o que faremos?

— Segui-los é cair numa armadilha certa. Não estou assim tão apressada para um ajuste final. Ainda temos trabalho por aqui.

Barak sorriu e ambos voltaram para os cavalos.

A batalha ainda durou até que o exército de Héfer percebeu que estava perdendo e uma parte bateu em retirada para o porto, enquanto a outra parte se rendeu. Jael, de volta ao seu cavalo, arrancou o shofar do cinto e o tocou. Aquele toque serviu para encorajar os guerreiros.

— Para o porto! – Ela gritou.

Mulher ou não, depois do toque do shofar ficou claro quem mandava. O exército avançou pelo caminho do porto, em

perseguição aos remanescentes que buscavam reforços com as tropas posicionadas nos navios de guerra.

Zoe, que estava ao lado de Noa, observou, atenta, o rumo que a batalha tomava.

— Uma parte do caminho foi aberta para você, Noa. Devemos seguir?

— Sim, chegou a hora.

Zoe olhou para Daniel e fez um aceno com a cabeça. O rapaz imediatamente posicionou todo o exército de guardiões. A marcha para Héfer e para o santuário havia começado.

Davi retirou a venda quando chegou à abertura que subia para o porto. Ele e Eva já haviam explicado o plano. Era simples. Esgueirar-se pela água até os navios ancorados e danificá-los o mais que pudessem. O grupo que os acompanhava era jovem e aventureiro, disposto a qualquer coisa para contribuir com aquele momento. Foi assim que eles se espalharam pelo porto como sombras silenciosas. Davi e Eva eram ótimos mergulhadores. A atração perigosa pelo mar, durante a infância, transformou-se em paixão pelo mergulho, depois de adultos. Eles seguiam com um

pequeno grupo em direção aos navios que estavam mais distantes do porto, montando guarda na saída para o mar. No porto, o grupo que ficou em terra começou a atirar flechas de fogo nas velas dos navios, começando vários incêndios ao mesmo tempo. Da água, eles podiam ouvir os gritos dos marinheiros.

— Agora é conosco – disse Davi com um sorriso. – São dois navios.

— Vamos nos dividir – Eva foi categórica. – Somos dez. Levo as quatro meninas comigo e você os rapazes.

Davi hesitou por um momento, mas depois assentiu.

— Certo, faremos assim. – Ele se dirigiu ao grupo todo. - Evitem confrontos diretos e procurem não ser vistos. Lá dentro, sigam para o porão e procurem o pó negro que estocam como combustível para os canhões. Minha mãe falou sobre ele. É só atizar fogo e sair de perto.

— Todos estão com suas pedras de fogo? – Perguntou Eva.

Todos fizeram que sim.

— Então, vamos! – Ela falou, demorando o olhar em Davi. – “Volte inteiro para mim”. – Ela completou em pensamento.

Ele sorriu.

— “Pode deixar, ainda temos uma Profecia a cumprir, lembra?”.

Ratos teriam feito mais barulho do que aqueles dois grupos disciplinados. Os homens dos navios estavam boquiabertos na amurada, observando o fogo que se alastrava no porto.

Davi e seu grupo passaram silenciosamente até o porão. Lá ele agiu como Jael lhe ensinara e traçou um caminho com o pó negro, o que lhes daria tempo de fugir antes da explosão. Depois que ele usou as pedras e acendeu o fogo, seguiu os quatro rapazes do seu grupo, pulando a amurada e caindo na água. A explosão foi estrondosa e violenta, abrindo um enorme buraco no casco do navio e fazendo a água entrar.

Eva e seu grupo pularam um pouco depois, mas o dano que elas causaram ao navio não poderia ter sido pior. Havia mais quantidade de pó negro e isso ocasionou uma explosão que acabou, além de abrir um buraco no casco, atingindo o convés e fazendo o leme saltar. Isso atirou destroços no mar. Eva mandou suas companheiras mergulharem fundo, para que elas pudessem se afastar do navio em segurança.

Davi aguardou com apreensão, mas sorriu aliviado ao ver Eva surgir com o seu grupo inteiro. O porto se havia transformado

em um inferno sobre as águas. Os marinheiros achavam que a situação não poderia piorar, quando viram a batalha atravessar a cidade e alcançar o porto em chamas. E algo mais inacreditável aconteceu. Pela abertura do canal que dava para o mar, surgiu uma dezena de canoas de guerra dos povos das ilhas, cada uma com vinte guerreiros bravos portando lanças e pinturas rituais. Na frente de uma das canoas estava Priska, também usando uma pintura de guerra e uma grande lança na mão. A batalha do porto havia começado.

Capítulo 40

O Santuário de Héfer

Deborah, do outro lado, com Barak, ouviu Jael tocar o shofar e incentivar o exército a perseguir o remanescente que fugia, mas algo lhe parecia muito errado.

— Eles não fugiriam tão fácil – ela comentou.

— Não é daquele lado que fica o quartel da Ordem Negra? –

Barak lembrou.

Deborah prendeu a respiração.

— É uma emboscada...

Ela tentou se comunicar com Jael, mas não conseguiu. Era típico dos magos erguerem barreiras e escudos para evitar os poderes do adversário. A área do porto deveria estar com alguma magia.

— Conheço Jael, ela está no ardor da batalha, não vai parar para pensar.

Barak percebeu o quanto Deborah estava aflita.

— Vamos alertar os homens que estão na retaguarda enquanto avançamos. Emboscada ou não, não vou deixá-los seguir sozinhos – Enquanto falava, Barak sentia o fogo nas veias, o calor querendo saltar para fora.

— Contenha-se, Barak, não estamos sozinhos. – Ela falou, olhando em direção à entrada da cidade.

Barak se virou e viu um novo exército avançar. Noa havia entrado na cidade acompanhada dos Guardiões dos Santuários, da Ordem Branca e dos sacerdotes. Ao lado dela estavam Hulda e Zoe.

— É desse exército que vamos precisar agora – ele murmurou.

Deborah e Barak voltaram a montar e seguiram o exército da Sacerdotisa para o porto.

Jael e Héber cavalgavam na frente e não pararam até alcançar a ponte que ligava o porto à ilha dos magos. Ela pressentiu a armadilha tarde demais. A ponte estava inteiramente tomada por uma fumaça escura, opressiva. Mas não era uma fumaça uniforme, e sim um ajuntamento de centenas de seres de sombra. Héber virou-se e ergueu o braço.

— Recuem! — Ele gritou para o exército que avançava.

Jael podia ver através da fumaça negra graças à luz estelar, e o que viu a deixou apavorada. Uma corrente de magos da Ordem Negra tomava toda a praia da ilha formando uma coluna humana densa e impenetrável. Atrás dos seres de sombra, avançando pela ponte, vinha uma tropa de magos-guerreiros. Eles passavam pela fumaça sem se alterar e avançavam com rapidez. Jael puxou a espada.

— Héber, um exército se aproxima.

Héber a olhou surpreendido.

— Não podemos enfrentar um exército de magos com esses homens, Jael.

Ela olhou para ele com um brilho nos olhos.

— Eles não, mas nós podemos.

Ele a viu levar novamente o shofar de Héber aos lábios e soprar. Era o toque de autoridade mesclado com o de guerra. Aquilo teve um efeito mágico sobre eles. Héber sentia-se multiplicado em dez, talvez mais. As sombras pararam de avançar, hesitantes. Quando os homens recuaram para a entrada do porto, Héber pegou a espada e ficou ao lado de Jael.

— Quer mesmo fazer isso? – Ele perguntou.

— Não vou recuar.

Com um berro, ela avançou. Héber a seguiu. Os cavalos ficaram inquietos e, diante do pânico gerado pelas sombras, Héber achou melhor soltá-los. No chão, Jael era mais perigosa que a cavalo. E, tomada pela fúria guerreira gerada pelo toque do shofar, ela lutava por dez. Héber também avançava e desferia golpes.

Quando o exército de Noa chegou ao porto, Deborah viu o que Jael estava fazendo. Ela pegou a espada e saltou do cavalo, assim como Barak, que já corria ao seu lado. Enquanto os Tronos levavam a luz para o meio das trevas, Noa ordenou ao exército que havia recuado que fossem socorrer aqueles que lutavam nos barcos. Daniel aguardava apenas que a fumaça negra fosse dissipada para ordenar o ataque dos Guardiões sob o comando da Ordem Branca.

Noa sabia que tinha que chegar ao santuário, mas este estava encoberto com um véu de escuridão. Zoe, ao lado de Noa, ergueu o Escorpião e atirou em direção à estrutura. A flecha sofreu um violento golpe e saiu rodopiando até cair na água.

— Não é um escudo comum – ela falou.

Noa fechou os olhos e tentou visualizar a estranha barreira. Ela podia fazer isso porque sentia o poder de Héfer. Havia uma abertura. Uma única abertura. A parte de cima estava vulnerável. Se aquele escudo era de Leukós, o mago branco estava fraco demais para conseguir criar um escudo total.

— Preciso entrar por cima – ela falou.

Hulda, que estava ao seu lado, sorriu. Mas quando viu o semblante compenetrado de Noa, se preocupou.

— Não está considerando isso, está? – A profetisa perguntou.

— Fala realmente a sério?

— Algo está vindo pelo céu...

A batalha nos barcos estava quase ganha. A ajuda do exército recém-chegado foi crucial. Mas, dentro de alguns navios, ainda estavam ocorrendo batalhas ferozes. Trifão e Priska lutavam em pé de igualdade. Ela havia adquirido uma habilidade tribal com

os povos das ilhas e lutava de uma forma escorregadia e com movimentos inesperados. Mas Trifão não estava disposto a perder aquele navio e sofrer a derrota nas mãos de uma mulher. Ele conseguiu atingi-la no quadril, fazendo-a voar pelo convés e bater na amurada. Como um touro, ele não esperou que ela se recuperasse e avançou. Ela não conseguia se mover e achou estar vendo o seu fim, pois seu quadril parecia estar quebrado. Mas o gigante caiu de joelhos a poucos metros de onde ela estava, com duas flechas cravadas em suas costas. A figura do neto surgiu por detrás dele, mas ela perdeu a consciência por causa da dor atroz. Davi correu até ela, Eva vinha atrás.

— Vovó! – Ele falou preocupado.

Eva imediatamente a tocou com as mãos, já tomadas pela luz verde. Davi a olhou com apreensão.

— Não há nada aqui que eu não possa consertar – ela falou confiante. – Vá ajudar os outros e nos deixe aqui.

Ele lhe deu um beijo no rosto e se foi.

Na ponte, as sombras foram sendo dissipadas por Jael e Héber, que abriam o caminho. Mas ambos já começavam a cansar e se apoiaram um nas costas do outro.

— Não adianta continuar, se não soubermos qual é a fonte deles – ele falou.

— A fonte deles é Jezabel. – Jael falou entre dentes. – Ela está por aqui.

As sombras avançavam, fechando o cerco em volta deles. Héber caiu de joelhos segurando o pescoço, como se algo o sufocasse. Jael virou-se para ajudá-lo, mas foi empurrada para a água. Ela só não caiu porque uma mão a segurou. Era Deborah. Barak arrastou Héber para longe do cerco e tomou o seu lugar enquanto ele se recuperava. A espada de Barak estava em chamas, assim como seus olhos. A espada de Deborah também pulsava com a luz lunar. Héber recuperara-se. Agora eram quatro. Eles se colocaram um ao lado do outro, formando uma barreira de luz. As sombras hesitavam em avançar, mas eram muitas, e os Luminares sabiam que sem destruir a fonte delas, acabariam sendo derrotados pelo cansaço. De repente, um grito tomou o ar. Era um som agudo, mágico. Surgindo por detrás das montanhas que circundavam a ilha dos magos, um grupo numeroso de grandes pássaros passou voando, deu a volta e retornou, agora mais baixo. Não eram pássaros. Eram grandes serpentes-aladas.

Hadassa voava em uma serpente-alada. Gitana batia as asas brilhantes e guiava o cortejo em direção à cidade de Héfer. Ao seu lado, em cima e abaixo, estavam as outras serpentes-aladas, cada uma montada por um de seus amigos. Quando eles surgiram sobre os céus da cidade, o campo de batalha ficou nítido para eles. Gitana soltou um grito agudo que fez suas escamas brilharem, assim como as de cada serpente-alada. Elas passaram voando em alta altitude para depois retornar em um vôo rasante. Rute e Rebeca dirigiram-se para os navios, quebrando os mastros daqueles que tentavam sair em direção ao mar e incendiando aqueles que permaneciam firmes na defesa do porto. Zacarias, Hagai e Zoar caíram sobre a corrente formada pelos magos, desestabilizando-os e tirando-os da formação. Muitos deles, apavorados, tentavam sair correndo e se esconder dentro do quartel. Lá dentro, as Sacerdotisas de Parthenos continuavam com sua magia feita na escuridão. Eram elas que estavam alimentando os seres de sombra. Théo pousou sobre o quartel e fez sua serpente expelir uma onda de fogo da boca que penetrou pela chaminé do edifício macabro. Houve uma explosão e as portas foram atiradas para longe. Hadassa pousou Gitana na entrada do porto, diante de uma Sacerdotisa surpresa demais para fechar a boca. A serpente fez uma reverência.

— “Sou Gitana, rainha das serpentes-aladas. Será uma honra lutar pela Sacerdotisa do Grande Altar. Eu e meu povo estamos à sua disposição”.

Noa olhou para Hadassa e sorriu maravilhada.

— Eu nunca esperei algo assim – ela balbuciou.

Hadassa sorriu.

— Eu sei, descobri que gosto de fazer entradas triunfais.

Noa virou-se para Gitana.

— Não tenho como agradecer sua ajuda, mas espero compensar isso quando tudo acabar.

Gitana pareceu satisfeita com a resposta. Noa olhou para Hadassa com uma ideia martelando na mente.

— Preciso chegar ao santuário, mas uma barreira foi erguida ao redor.

— “Sim, ao redor, mas não em cima. Eu posso ver a barreira”
– disse Gitana.

Hadassa estendeu a mão para Noa.

— Acredito que não vai recusar essa carona.

Noa, diante do olhar apavorado de Hulda e Zoe, agarrou a mão de Hadassa e subiu. No mesmo instante, sua mão direita formigou. Era o chamado do Altar.

— Voe, Gitana – ela falou. – Logo tudo estará acabado.

Gitana alçou vôo em direção ao santuário. Apesar de surpresa, Zoe ficou alerta. Se aquela barreira sumisse quando Noa passasse por ela, nada a impediria de assistir àquele momento.

Hulda, após se recuperar do choque, direcionou sua atenção para a ponte, onde os Luminares estavam prontos para enfrentar um exército de magos-guerreiros. Ela acordou do transe e convocou os outros sacerdotes para se unir a eles. Daniel, da Ordem Branca, também tivera a mesma ideia.

Em posição de ataque, com as espadas nas mãos, lado a lado, era assim que se encontravam os Luminares. Na sua frente havia uma parede negra de fumaça que apenas aumentava cada vez mais.

— Apenas uma coisa é capaz de derrotar as trevas – falou Barak.

— Sim, a luz não voltou para nós sem uma razão – completou Deborah.

— Ótimo! Já não aguento mais me segurar – os olhos de Héber faiscavam.

— A Luz de Hedhen começará a ser derramada em Nod... — disse Jael, lembrando das palavras de Áquila.

Em concordância, cada um deixou a luz fluir livremente, explodindo através de seus corpos. Amarela e quente como o sol; branca e fria como a lua; prateada e penetrante como as estrelas. As luzes se fundiram em uma e formaram uma barreira que agora avançava sobre as sombras. Estas, primeiro, hesitaram, depois se afastaram. A unidade começou a se desmontar e a nuvem negra foi, literalmente, diminuindo e diminuindo, na medida em que a luz avançava. Dentro do quartel dos magos, as sacerdotisas de Parthenos sentiram o abalo e sua concentração foi cortada. Algumas gritaram como se sentissem o poder da luz queimar os seus corpos.

Na ponte, a fumaça se esvaiu e revelou um exército de magos-guerreiros preparados, mas também atônitos. Eles não esperavam ficar expostos. Atrás dos Luminares, um exército sacerdotal preparava-se para atacar. Dessa vez, Jael tocou o shofar na hora certa. O toque de ataque animou o exército, que correu pela ponte com um único propósito: dar um fim à Ordem negra de Héfer e tomar o quartel. A batalha pela conquista de Héfer começou.

Eva e Priska, já curada, correram para o lado de Davi e olharam a ponte.

— Precisamos ajudar – Davi fez menção de saltar na água, mas Priska o segurou.

— Não! Você e Eva vão enfrentar grandes batalhas, mas não precisa ser agora. Conquistamos os barcos graças a vocês e agora precisamos ficar atentos ao santuário. Noa pode precisar de ajuda.

Davi suspirou e se conteve.

— Há um escudo ali – ele falou. – Como ela vai passar?

Eva sorriu e apontou para cima

— Acho que ela encontrou um jeito, olhe!

Gitana passou gritando por sobre suas cabeças e eles puderam ver Hadassa e Noa montadas em suas costas.

— Uau! – Foi tudo o que Davi conseguiu dizer.

Priska dava risadas e erguia o bastão para o ar, soltando gritos tribais.

Gitana sobrevoou o santuário e desceu suavemente em espiral até pousar diante dele. Noa saltou e, quando seus pés

tocaram o chão, o escudo que o envolvia desapareceu. Hadassa pulou ao seu lado.

— Não parece surpresa – ela comentou.

— Usaram algo parecido em Myrne. Um escudo que apenas eu poderia quebrar, algo que poderia parecer impossível.

— Sempre existe um meio...

Noa sorriu.

— Sim, ele sempre existe.

Elas olharam para a entrada do santuário. Não existiam portas. O Santuário de Héfer devia estar selado por uma força espiritual poderosa que mantinha a entrada, para os inimigos, fechada, embora não houvesse portões. Nenhum altar exerceu atração tão poderosa em Noa quanto aquele. Ela sentiu a mão formigar novamente e a abriu. A chama azul foi se formando sob o olhar pasmo e maravilhado de Hadassa e a compreensão reverente de Gitana.

— Eu devo ir – Noa falou.

— Aguardaremos aqui – disse Hadassa.

— Não há necessidade. Eu estarei bem. Vá e ajude os outros a libertar esta cidade. Ainda há muito o que fazer.

Hadassa concordou um pouco hesitante e voltou a montar em Gitana, que fez novamente uma reverência para a Sacerdotisa. Noa sorriu e entrou. Ao passar pelo pórtico, ela sentiu todo o poder daquele lugar, era uma sensação familiar e, ao mesmo tempo, era esmagadora, pois trazia em si o peso da responsabilidade. E foi com reverência que ela começou a caminhar pelo meio do que parecia um corredor de estátuas. De cada lado do corredor havia sete estátuas de mulheres, as sacerdotisas de cada santuário estavam ali representadas com as cabeças cobertas e a mão direita estendida com a palma para cima, como se a qualquer momento uma chama fosse surgir. No final do corredor estava o altar, ou melhor dizendo, o Grande Altar. Era de mármore branco e se encontrava em uma plataforma elevada. Para alcançá-lo, era preciso subir sete degraus. Noa acabara de passar pela terceira estátua quando sentiu que não estava s e parou.

— Eu sabia que aquele escudo não a deteria — disse uma voz conhecida. — Mas admito que sua entrada me surpreendeu. Achei que fosse ser um pouco mais trabalhosa.

Jezabel! Noa virou-se e encarou a mulher que estava trajada tal como uma das estátuas.

— Como pode ter entrado?

Jezabel abriu os braços abarcando o lugar por inteiro.

— Héfer é o santuário de todos. Suas portas nunca se fecham. Estava selado para nós aquilo que nos interessava destruir: o Altar. Mas você tirará o selo para mim hoje.

— Ele sentirá sua traição, o que lhe adiantará? Estará selado para você de qualquer forma.

Jezabel se aproximou. Suas mãos, agora, estavam cruzadas e escondidas pelo manto.

— Para mim e para você, minha criança.

Noa franziu o cenho, sem entender as palavras da feiticeira.

— Nós agora partilharemos o mesmo sangue, seremos uma unidade. Eu estarei em você e essa ligação nunca será desfeita.

— Mas do que você está falando?

Jezabel sorriu e retirou uma das mãos que estava escondida sob o manto. Dela brilhou um objeto pequeno, negro e pontiagudo. Um pedaço de cristal. Com uma velocidade surpreendente, como se flutuasse no ar, a velha feiticeira alcançou e abraçou Noa, enterrando a ponta do cristal em suas costas.

A batalha estava sendo ganha pelo exército da Luz. Era uma parte da Profecia que começava a se cumprir, a partir de Anatolya.

Enquanto os guardiões e a Ordem Branca lutavam com os magos que estavam resistindo, os quatro Luminares invadiram o quartel. A luz que estava sobre eles era suficiente para cegar e derrotar qualquer um que aparecesse na sua frente. Descendo ao porão, eles encontraram as Sacerdotisas de Parthenos. As mulheres pareciam petrificadas, como se estivessem presas ao próprio transe. Eles procuraram em volta, mas não encontraram nenhum dos Juízes em parte alguma. De repente, Deborah soltou a espada e levou a mão à cabeça.

— O que foi? – Perguntou Jael, olhando em volta.

— Noa... - Deborah sussurrou. – Algo está errado.

Elas se entreolharam.

— Vão para o santuário – disse Barak. – A situação aqui já está quase sob controle. Eu e Héber continuaremos procurando pelos Juízes.

Elas concordaram e foram correndo em direção ao santuário.

Noa gritou, tentando se livrar do abraço enquanto um líquido quente começava a se espalhar dolorosamente pelo interior de seu corpo, tomando suas veias.

— O meu sangue está se misturando ao seu. Meu sangue contaminado pela traição. Logo ele atingirá o ponto da chama e ela estará maculada, o Altar a rejeitará.

— Nãaaao! – gemeu Noa, sentindo o líquido subir pelas costas e alcançar o ombro direito, traçando um caminho até sua mão.

Jezabel a largou e ficou de pé, ofegante, apenas observando. Noa não conseguia levantar, mas sabia que precisava alcançar o Altar antes que o sangue de Jezabel contaminasse a chama. Foi com grande esforço que ela se ergueu. Aquele lugar, de alguma forma, a fortalecia. Ela encarou Jezabel. A feiticeira parecia incrédula por vê-la de pé.

— Não vou impedi-la de tentar – ela falou com um sorriso. – Pode até ser divertido.

Noa virou-se e começou a caminhar em direção ao Altar. O líquido passara pelo ombro e descia pelo braço, queimando e formigando. Noa apressou o passo e tropeçou, caindo próxima ao início da escadaria, desfalecida. Jezabel aproximou-se erguendo a mão.

— Você é uma mulher surpreendente, Noa. Não posso deixá-la se aproximar mais do que já o fez.

Ela retirou o cristal das costas de Noa e se preparou para enfiar a ponta contaminada direto sobre a mão da Sacerdotisa, quando sentiu algo arrebatá-lo de sua própria mão. Ela afastou-se atônita, olhando para os lados, buscando quem fizera aquilo. De repente, surgiu diante de si uma jovem loira, vestindo trajes de Vigilante. Ela tinha na mão o cristal que lhe fora arrebatado.

— Quem é você? – Jezabel perguntou.

— Eu sou a nova Sacerdotisa de Sardos e, como sua substituta, eu quebro agora a maldição que colocou nesse cristal.

Dizendo isso, Zoe colocou o cristal no chão e o pisou com força, quebrando-o e espalhando o sangue de Jezabel no chão. Em seguida, ela pegou uma faca e fez um corte na própria mão, deixando que seu sangue se misturasse ao de Jezabel. A feiticeira gritou. Noa abriu os olhos, sentindo-se forte novamente e correu para o Altar. Ela estendeu a mão e a chama azul foi reconhecida pelo Grande Altar. O fogo logo aumentou de tamanho e Noa sentiu que a maldição que lhe fora colocada não existia mais. Ensandecida pela raiva, Jezabel, literalmente, voou em direção à Noa, com as mãos erguidas para frente, numa clara intenção de estrangular e matar a Sacerdotisa diante do Altar. Mas algo a impediu. Uma flecha. Novamente. Do mesmo arco. Seu corpo contorceu-se e

secou, caindo no chão. Na entrada, Jael mantinha o arco apontado. Deborah, de espada na mão, aproximou-se do corpo, que mais parecia um boneco de palha, terra e madeira. Os olhos se abriram e encararam a Rainha de Hedhen. A boca esboçou um sorriso irônico.

— Tolas! Eu não posso morrer enquanto a fonte de minha vida estiver ativa na terra. Eu voltarei e terei minha vingança. E essa será a última vez que o arco de Jael me atinge. Quanto à Sacerdotisa de Sardos, ainda nos encontraremos de novo, pois ninguém substitui Jezabel! E quanto a você, Sacerdotisa, sua filha será minha, e nela eu confirmarei minha vingança sobre você. Mas você, Rainha de Hedhen, não verá isso, pois estará trilhando um caminho muito escuro e solitário, do qual talvez não volte.

Jezabel riu sadicamente. Deborah arrependeu-se por tê-la deixado falar tanto.

— Cale-se! – Erguendo a espada no ar, Deborah a cravou no que seria o coração da criatura.

O corpo de Jezabel virou pó. Elas se entreolharam, ainda chocadas com as ameaças.

— Será que um dia vamos entender o que aconteceu aqui? – Perguntou Jael.

— Eu espero que sim, Jael, para o bem de todas nós — Zoe balbuciou.

Lá fora, os gritos de vitória começaram a ser ouvidos. Jael e Zoe correram para a entrada. Deborah, ainda abalada, aproximou-se de Noa, que estava apoiada ao Altar, igualmente chocada pelas palavras de Jezabel.

— Não sei quanto tempo teremos até ela voltar, mas agora acabou — disse Deborah.

Noa ergueu a cabeça e sorriu para a amiga.

— Você me ensinou a apreciar o pôr do sol, minha amiga. Eu pretendo continuar fazendo isso. Vamos comemorar.

Abraçadas, elas caminharam para fora. Héfer fora conquistada e toda a Anatolya estava banhada pela Luz dos Tronos.

Capítulo 41

O Altar Revela o Futuro

Lord Abadom reuniu-se com Leukós e Mélas nos subterrâneos de seu palácio, em Tibreya. O lugar era uma caverna natural que continha, no centro, uma abertura circular por onde passava o Rio de Fogo. Em volta havia um grande trono negro e

quatro tronos menores que o ladeavam. O vapor subia e tornava o ar sufocante. Aquele era um lugar solene. Era ali que os grandes planos eram engendrados. A sala do conselho de Abadom. Os Juízes foram chamados e tomaram seus lugares. Dois tronos permaneceram vazios.

— Perdemos Anatolya – a voz de Abadom soava conformada.
– Mas isso não é tudo. Com as chamas acesas, a maldição do esquecimento se desfará e o povo começará a lembrar e falar da Profecia. Os sacerdotes de Nod sairão das tocas onde estão escondidos e recriarão suas escolas à sombra dos santuários. A fortaleza de Arath continuará inacessível para nós, principalmente agora que as serpentes-aladas estão livres para habitar livremente as montanhas e cuidarão de sua proteção.

— Anatolya perdida, Arath inacessível... O que nos resta? – Perguntou Mélas.

— Ainda temos uma vantagem – continuou Abadom. – Helladan ainda é minha! E há também as Terras Mortas e as Ilhas de Fogo. Esses lugares guardam segredos antigos e um grande poder a ser despertado.

Leukós conhecia histórias sobre aqueles lugares. Histórias que eram capazes de assustar até um Juiz deveriam guardar algo

muito valioso.

— E quanto às Árvores? O senhor não as teme? — Ele perguntou, guardando o primeiro pensamento para si.

Abadom coçou o queixo duplo e suas sobrancelhas se uniram, tornando sua expressão feroz.

— As jovens Árvores foram reconhecidas em seu caminho até agora. Mas a Profecia deve ser cumprida, e eu conheço a Profecia. Aqueles dois jovens virão até mim. É o destino deles me enfrentar. Mas isso não quer dizer que eu não possa apressar o resultado. — Ele riu de forma desagradável. — Só posso garantir que eles não terão um caminho fácil.

— E quanto à Jezabel? — Mélas questionou.

— Ela voltará — Abadom foi categórico. — Demorará um pouco, mas voltará, e mais forte do que antes.

Suas palavras ficaram no ar. Ele suspirou e levantou-se do trono.

— Agora vão! Reagrupem todos os magos da Ordem Negra e torne-os magos-guerreiros. Quero que essa força seja temida. Espalhem o terror e façam o povo de Helladan sentir que eu estou no controle. Quero que nossos inimigos sintam pressa para nos visitar. Arrumem substitutos para os dois tronos vazios. Apenas dois

Juízes me deixam sem opção. A partir de hoje, a palavra Anatolya está proibida de ser manifestada, seja por escrito, seja de forma oral. Substituam as chamas das sete colinas por altares de sacrifício. A cada mês, sete jovens que tenham a mesma idade das Árvores, deverão ser sacrificados. Vão!

Em Anatolya, Noa observava a cidade do alto do santuário. Héfer começava a parecer uma cidade normal, sem sinais da batalha que houve ali. Como aconteceu com Salema um dia. O mar estava de um azul profundo naquele começo de tarde e o movimento no porto estava tranquilo. Delegações de sacerdotes chegavam todos os dias em navios para escolherem a qual santuário pertenceriam. Apolo havia recebido seus irmãos da ilha com lágrimas nos olhos. Não teriam mais que se esconder. O palácio de Héfer jazia praticamente abandonado, já que o poder ali era exercido pelos magos. Mas, do santuário, ela podia ver o trabalho de restauração sendo feito. Os Tronos de Luz teriam um palácio para eles em cada cidade de Anatolya. Ela olhou para baixo em direção à praia e sorriu ao ver Sangar passear pela areia com Caio montado em seus ombros largos. Ele parecia não se importar com o machucado que recebera na batalha sobre a muralha. Estar

ali com o filho era uma dádiva. Ao seu lado, uma mãozinha buscou a sua. Ela olhou para a filha e sorriu, abaixando-se e pegando-a nos braços. O vento soprou sobre o cabelo de ambas, que possuíam o mesmo tom.

— Nós vamos morar aqui, mamãe?

— Você gosta daqui, querida?

Cloé balançou a cabeça afirmativamente.

— Mais do que da Floresta?

A menina fez um movimento negativo com a cabeça e riu, escondendo o rosto sobre o ombro da mãe.

— Eu também. — Noa respondeu. — A Floresta de Quedes é o nosso lar e vamos voltar para lá um dia, mas precisaremos ficar um tempo por aqui.

— Vai ser divertido. — Ela observou o irmão, que agora brincava com pai fazendo esculturas na areia.

Noa riu com a cena tão comum.

— Sim, isso poderá ser divertido algumas vezes.

Cloé segurou o rosto de Noa entre as mãos e a encarou com a expressão séria.

— Você precisa falar com o Altar, mamãe. Ele está chamando.

Noa havia sentido o chamado, mas Cloé se antecipou a ela. Aquele fato apenas lhe confirmou o óbvio. Sua filha tinha o sangue de uma sacerdotisa e, enquanto Jezabel vivesse, Cloé correria perigo. Noa traçou secretamente um objetivo pessoal. Descobrir a fonte vital de Jezabel e destruí-la. Somente assim ela poderia ser derrotada. Noa deu um beijo na bochecha da filha e sorriu.

— Desça e vá brincar com seu pai e com seu irmão. Irei até vocês depois que falar com o Altar.

Cloé abraçou a mãe.

— Te amo, mamãe.

— Também te amo, querida.

Cloé saiu correndo e desceu a escada que levava para a praia, indo em direção a Sangar e juntando-se à brincadeira. Ele olhou para cima e sorriu para Noa, que ainda os observava. Ela voltara a sorrir como antes e aquilo era a maior alegria que ele poderia ter, além de estar ali com os filhos. Ele soltou-lhe um beijo com a palma da mão, ela sorriu e fez um gesto de tê-lo recebido, depois entrou no santuário para cumprir mais uma vez o seu papel de Sacerdotisa.

Naquela noite, todos se reuniram no salão do santuário. Noa os havia convocado. Todos os líderes que participaram daquela luta. Não havia cadeiras e todos mantinham-se em pé, aguardando.

— Hoje, eu recebi uma mensagem do Altar – ela começou. – Era algo esperado. Afinal, esse foi apenas um passo conquistado, mas um passo que nos deu igualdade de forças para lutar contra nossos inimigos. Assim como aconteceu em Hedhen, quando o Norte foi conquistado e as pessoas tinham um lugar seguro para ir, aconteceu o mesmo com Nod. Anatolya agora é uma terra segura. Uma terra de sacerdotes e não de magos.

Ela olhou para o grupo formado pelos sacerdotes, que era bastante numeroso agora. Nathan, Áquila, Apolo e Zoar estavam entre eles.

— Enquanto os altares não fizerem a escolha de suas sacerdotisas, peço que tomem para si a administração de cada santuário. Não sei como vocês farão isso, mas sei que encontrarão um jeito.

Nathan deu uma piscadela para ela, tranquilizando-a. Noa sorriu com carinho. Mas depois sua expressão ficou séria.

— Jael, há uma tribo perdida nas Terras Mortas que precisa ouvir o som do Shofar de Héber e encontrar novamente o seu

caminho. Você já teve essa visão antes e agora ela é confirmada. O seu caminho, porém, vai estar repleto de perigos e armadilhas espirituais. Você terá que ser mais forte do que já tem sido, para enfrentar isso.

— O Exército de Areia – Jael murmurou, lembrando da visão. De repente, ela ergueu a cabeça e olhou para Zoe – Você deve vir comigo. Na minha visão, em Sardos, eu vi Jezabel.

Zoe a fitou em total confusão. A moça, então, virou-se para Noa, que concordou.

— Apenas a sacerdotisa de Sardos pode destruir a fonte vital da sacerdotisa anterior.

Zoe soltou uma exclamação.

— A fonte vital de Jezabel está no caminho de Jael?

— Não, Zoe, ela está no seu caminho. – Explicou Noa. – Essa parte da missão é sua.

Noa agora virou-se para Davi e Eva. Os dois haviam amadurecido de uma maneira rápida e plena. Já haviam mostrado serem capazes de enfrentar guerras e todos os outros tipos de obstáculos.

— As Árvores devem iniciar um caminho trilhado pela Profecia. Chegou a hora. Tibreya, a capital de Helladan, é o destino

de vocês. Desafiar o rei-deus em público é o que deverão fazer. Ele não permitirá isso e já mobilizou suas forças contra vocês.

Davi buscou a mão de Eva e eles sentiram a força um do outro. Noa olhou para Deborah e Barak.

— Deborah, eu sei o que você viu. Não pense que a visão se referia apenas a libertação da Ordem Branca. Há uma libertação maior a ser feita e isso vai implicar muita coragem de sua parte e muita luta interior. Você e Barak seguirão Davi e Eva por uma parte do caminho, mas chegará um momento em que você terá que trilhar um novo caminho... sozinha.

Barak prendeu a respiração e buscou a mão da esposa.

— Estou confirmando isso diante do Grande Altar – continuou Noa. – Ele vai dar a você a força que precisa. Venha!

Deborah subiu os degraus e se colocou ao lado do altar.

— Estenda a mão e toque o fogo – pediu Noa.

Ela respirou fundo e obedeceu. Foi rápido. Ela sentiu formar-se em seu interior uma nova armadura, dessa vez feita de luz.

— Ela lhe ajudará a controlar a luz quando chegar a hora.

Deborah a encarou intensamente, mas Noa meneou a cabeça.

— Eu não sei o que é, apenas dou a direção. Mas sei que vai conseguir porque sempre acreditei em você. — As palavras foram ditas para que apenas Deborah ouvisse.

Em seguida, Noa virou-se para o grupo formado pelos Luminares e pelas Árvores.

— A união das duas terras e a paz estabelecida pela luz só virá após o êxito de suas missões. Devem sobreviver a elas e, juntos, encontrar o Altar que está perdido, escondido por magia. O Altar de Ariel.

O último oráculo dado por Noa exauriu suas forças e Sangar amparou-a e a ajudou a sentar nos degraus.

— Isso é tudo o que eu tinha para dizer. Não precisam partir logo, ainda há tempo para fazer preparativos. E há muito mais a ser revelado, mas isso virá a seu tempo.

Quando todos saíram, ficaram apenas Noa e Sangar.

— Tenho uma mensagem para você também, Sangar, Senhor da Floresta.

Ele a fitou com apreensão.

— E o que poderia ser? — Havia medo na voz dele.

Ela sorriu e beijou seus lábios.

— Leve-me daqui e me ame.

Ele sorriu e beijou-lhe intensamente, pegando-lhe pela mão e descendo com ela para a praia enluarada.

Naquela noite, Hulda ofereceu-se para seguir com Deborah e Barak, ajudando a proteger as Árvores. Deborah a abraçou e a presença da profetisa foi aceita com alegria. Hulda havia recuperado o vigor de antes e estava pronta para mais uma jornada.

Priska, evidentemente, anunciou que seguiria Jael e sem discussões. Héber sorriu ao ver a esposa ficar sem argumentos diante da mãe. Ele teria pela frente uma tarefa difícil. Apaziguar duas guerreiras impulsivas e geniosas. Mas ele estava pronto.

Quanto aos outros, havia muito a ser feito e haveria trabalho para todos até que tudo se cumprisse. No céu de Héfer, iluminado pela lua, podia-se ver a silhueta das serpentes-aladas que voavam mantendo vigilância noite e dia. Hadassa e Gitana, assim como todo o grupo que montava naqueles maravilhosos seres, decidiram ficar em Anatolya e guardar os santuários, facilitando a vigilância e o transporte entre eles. Nesse momento, eles voavam livremente pelos céus, em uma parte de Nod que fora banhada pela luz.

Epílogo

O Livro de Haros

Em Hedhen, Tamar foi chamada no meio da noite para uma reunião com Salum e Otoniel. Eles estudavam os livros encontrados por Jafé, em Haros. Miriam a acompanhava pelo túnel que ligava o palácio ao templo. Antes, aquele local era cheio de celas com prisioneiros condenados à morte, mas foi totalmente transformado. As celas foram derrubadas e o corredor alargado. Nas paredes, agora claras, foram pintados quadros mostrando a história da restauração de Hedhen. Tochas pendiam do alto das paredes, iluminando o caminho. Miriam observou o rosto da jovem rainha. Tamar havia assumido grandes responsabilidades desde que sentara no trono de Aroer e levara a cidade-guardiã a tomar uma posição na guerra. E agora, como tutora do Cetro de Luz e regente da Cidade Dourada, aquela responsabilidade parece ter sido ampliada. A profetisa sorriu ao perceber que a jovem fazia jus ao apelido que o povo lhe dera. A Rainha Dourada. Nem mesmo para atender a um chamado no meio da noite, Tamar deixava de usar a armadura de ouro e a capa amarela. Miriam tinha certeza de uma

coisa: Tamar não seria surpreendida novamente por um ataque furtivo ou relâmpago. Ela sempre estava pronta.

Elas subiram a escada em espiral que levava às salas dos sacerdotes. Salum abriu a porta. Otoniel, que estava em pé diante da janela, virou-se e fez uma reverência.

— Obrigado por ter respondido tão prontamente ao chamado, Majestade – ele falou.

Tamar e Miriam sentaram-se ao redor da mesa.

— Quando um sacerdote chama no meio da noite, não é sábio ignorar o chamado – ela respondeu.

Miriam observou o livro aberto em cima da mesa e as várias folhas de anotações espalhadas em volta. A marca da cera das velas sobre a mesa indicava o tempo que os sacerdotes já estavam ali, concentrados naquele estudo.

— Vejo que andaram ocupados com os livros que foram recuperados de Haros.

Salum sentou-se diante de Miriam e a profetisa percebeu o seu olhar cansado.

— São livros raros, jamais vistos por nenhum de nós. – Ele olhou para a rainha. – Nem mesmo a biblioteca de Aroer teve a honra de lhes dar pouso.

Tamar franziu a testa. Aroer sempre se orgulhou da antiguidade de sua biblioteca.

— O que descobriram? — Ela inquiriu de forma direta, pois estava acostumada com o jeito tranquilo dos sacerdotes falarem sobre assuntos sérios. Seu irmão era um deles e já lhe tirou a paciência diversas vezes. — Por que esse chamado no meio da noite?

Otoniel empurrou o livro aberto para o centro da mesa.

— Este livro conta a história de Babilos. Nada além do que já conhecemos, mas há enxertos dentro dele, notas escritas com tinta invisível. É claro que não nos passou despercebido, pois, depois da restauração, a nossa intuição ficou mais apurada. Quebramos a magia da tinta e ela se tornou visível.

— E que história ela contava? — Tamar perguntou sem ter certeza de que queria ouvir a resposta.

Os sacerdotes se entreolharam.

— Conta a história de como Ariel foi dividida em duas terras e de como ela poderia ser unida novamente — Salum falou.

— Isso seria realmente possível? — Miriam questionou. — A união?

Salum balançou a cabeça concordando e explicou:

— Existe um Altar escondido. O Altar onde os Primeiros Tronos criaram o portal que separou Nod de Hedhen, destruindo, assim, a unidade de Ariel. Esse Altar foi escondido pelos próprios Tronos, para impedir que fosse destruído pelos sacerdotes corruptos e para garantir que um dia tudo pudesse voltar a ser como era antes. Esse Altar tem um nome. O Altar de Ariel.

Tamar recostou-se na cadeira com um suspiro.

— Essa informação seria valiosa para os que estão em Nod.

— Não duvido que eles já a conheçam – disse Otoniel. – Acredito que a ordem de Águila possui essa informação.

Miriam encarou os dois sacerdotes.

— Até agora, não entendi a urgência. Se é uma informação que os sacerdotes de Nod devem possuir, o que ainda não nos contaram?

— Uma informação que apenas nós possuímos – explicou Otoniel. – Algo que se refere a Hedhen e não a Nod. Mas também se trata de algo que liga os dois mundos. O Altar de Ariel só será encontrado quando a chave for ativada em seu lugar de origem.

As duas mulheres trocaram um olhar confuso.

— Que chave? – Tamar perguntou. – E como podemos saber qual é o seu lugar de origem?

Salum sorriu.

— Essa é a única parte fácil – ele falou. – Em Ariel, antes da separação, havia duas montanhas que, pela sua semelhança e proximidade, eram chamadas de Montanhas Gêmeas. O Altar foi construído em uma delas e a fonte de sua energia, na outra. Com a separação, uma das montanhas foi parar na terra de Nod. A chave é o Cetro de Luz, e seu lugar de origem é a Montanha Branca.

Miriam riu.

— Não pode ser isso. O Cetro não pode sair daqui sem o consentimento do Rei. E mais ainda, voltar para a Montanha Branca, de onde foi tirado pelo Rei no cumprimento da Profecia?

De repente, uma nova pessoa surge das sombras. O Ancião.

— Os Luminares não estão sujeitos à luz do Cetro, Miriam, mas o Cetro brilha através da luz dos Luminares. A rainha Tamar possui o direito sobre o Cetro, delegado a ela pelo Rei. Em suas mãos, ele estará fazendo o seu papel, não importa o quão longe esteja da Cidade Dourada.

Tamar levantou-se, assustada com aquelas palavras.

— Está dizendo que eu devo levá-lo, Senhor? De volta para a Montanha Branca?

O Ancião assentiu e um leve sorriso se formou em seus lábios.

— É o que deve fazer. A chave que dará abertura para que a união aconteça será girada em Hedhen. Mas o gelo eterno guarda segredos congelados em seu interior que serão despertados novamente e tentarão barrar o seu caminho.

Tamar aproximou-se dele.

— Por que eu? Eu reino em uma cidade que resolveu se isolar de todos! Em Aroer, eu luto diariamente com um conselho que não quer se livrar das tradições. Não sei se posso ser essa pessoa.

O Ancião pôs a mão em seu ombro. Tamar caiu de joelhos e manteve a cabeça baixa.

— Você é essa pessoa. Uma Rainha. Um Cetro. Uma Jornada. Uma Missão. Apenas as mãos de um rei ou de uma rainha ligados ao sol poderão carregar o Cetro de Luz até seu destino. Você vem de uma cidade cujas pedras capturam a luz do sol e a fazem brilhar. É você, Tamar. Que resposta vai dar?

Ainda de cabeça baixa, ela falou:

— Eu irei. Levarei o Cetro de volta à Montanha Branca e enfrentarei as forças que tentarem impedir isso. — Ela ergueu a

cabeça e levantou-se, olhando firme para o Ancião. – Aceito trilhar esse novo caminho.

Em uma sala de dentro do palácio, o Cetro de Luz começou a brilhar com mais intensidade. A chave que revelaria o Altar de Ariel.

FIM

Aguardem o Livro 4, que marcará o final da Saga Os Tronos da Luz:

O ALTAR DE ARIEL

